

Taylor Caldwell

A LUZ E AS TREVAS

O Cardeal Morria de Amor pela Jovem Rainha,
e Toda a França Sabia

Um Soberbo Romance de Paixão e Intriga pela Autora de
OS CAPITÃES E OS REIS



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Taylor Caldwell

A Luz e as Trevas

Tradução de Vera Neves Pedroso



1987
NOVA
CULTURAL

ALUZE AS TREVAS

Na corte de Luís XIII, Arsène de Richepin, jovem e belo aristocrata, é conhecido como um aventureiro frívolo e libertino. Seu irmão, Monsenhor de Richepin, secretário pessoal do todo-poderoso Cardeal Richelieu, pelo contrário, é respeitado por sua austeridade e por sua dedicação à fé. Eles representam dois mundos que se opõem, vidas que se enfrentam em antagonismo irreconciliável, paixões que jamais se encontram.

Outro romance inesquecível de Taylor Caldwell, a autora de *Doce Vitória*, no qual se entrelaçam os caminhos da História e os destinos de personagens magistralmente criados.

Título original:

The Arm and the Darkness

© Copyright 1943 by Charles Scribner's Sons, renovado em 1971 por Janet M. Reback.

© Copyright desta edição, Editora Nova Cultural Ltda., São Paulo, 1987.

Av. Brig. Faria Lima, 2000 — CEP 01452 — São Paulo, SP.

Publicado sob licença da Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A., Rio de Janeiro, e

Taylor Caldwell Prestie, através de The Roslyn Targ Literary Agency, Inc., Nova York.

Tradução publicada sob licença da Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A., Rio de Janeiro.

Capa: Three Lions

Este e-book:

Digitalização, correção, formatação: The flash

A PIERRE VAN PAASSEN, homem de boa vontade, cuja obra tem sido uma constante fonte de inspiração para mim.

“Apenas três coisas têm o poder de alcançar além deste mundo: o sol, com a sua luz, as trevas da noite e o comprido braço de Deus.”

— PROVÉRBIOS ORIENTAIS.

- **Nota da Autora**

Os acontecimentos e personagens deste livro não foram inventados. Aos críticos, reporto-me à evidência da História. Aos que acharem que há nele demasiada violência, recomendo que leiam sobre o massacre de São Bartolomeu e os atos cometidos, na Holanda, a mando do ultracatólico Felipe da Espanha. Aos que consideram os membros da Igreja Católica Romana uniformemente corruptos, sugiro a leitura das vidas de muitos sacerdotes heroicos, sem os quais a causa da civilização de há muito teria perecido. Os homens de boa vontade não estão confinados a um só credo ou a uma só raça, mas podem ser encontrados nos lugares menos esperados. A eles dedico, reverentemente, este livro.

● Capítulo I

A tempestade passara sobre Paris e fora seguida de um silêncio oco e sem ecos. Mas uma pátina úmida e lívida se formara sobre os telhados caóticos, que uma lua incerta, envolta em véus esfarrapados, cobria, a intervalos, de um prateado opaco. A neblina subia rapidamente do rio, transformando-se em nuvens pálidas sob a ação do luar, pairando como fumaça sobre a cidade. Aqui e ali, os telhados dos prédios mais altos lembravam os contornos de navios despedaçados, vogando ao luar, e as torres de Notre Dame, a uma distância enganadora, pareciam vastas sombras, suaves e irreais.

O nevoeiro avançava num silêncio sem remorsos, espalhando-se pelas ruas, inundando-as. Mas ainda não chegara àquela ruela, de casas velhas e malconservadas. Os andares superiores projetavam-se sobre as pedras prateadas do calçamento, e as janelas, estreitas e protegidas por gelosias, estavam às escuras. As sarjetas, imundas, gorgolejavam. A rua ora ficava nas trevas, ora era iluminada por um luar vago, dependendo de a lua se esconder atrás das nuvens ou pular para fora delas, como se estivesse sendo perseguida.

Não havia luz de qualquer espécie naquela ruela torta e estreita, pouco mais do que um beco, levando a outros becos ainda mais apertados. Mas, não; uma luzinha tremeluzia através de uma fresta na janela ao rés-do-chão. Era tão fraca, tão espectral, que só um olhar desesperado poderia descobri-la.

A cidade, à meia-noite, parecia morta, pelo menos vista daquela rua, onde não havia qualquer ruído, apenas uma quietude letárgica. De repente, essa quietude foi quebrada pelo eco distante de pés correndo, por um respirar ofegante e o barulho de passos apressados. A respiração transformou-se em soluços exaustos e agoniados. A lua voltou a aparecer, projetando o seu brilho pálido por toda a extensão da ruela. Um homem corria, tropeçava, olhava, como louco, em redor, dando a impressão de procurar refúgio ou abrigo.

Parecia desesperado, ofegante e descabelado. Na mão direita carregava uma espada desembainhada. A noite estava fria, demasiado fria para que ele andasse sem casaco. Tinha a camisa, branca, rasgada, e, na manga direita, via-se uma mancha escura e úmida, ao passo que da sua face direita escorria um filete de sangue. Á lama e a água tinham-lhe empapado o gibão e as botas. Seus longos cabelos estavam grudados na cabeça, como se tivessem sido mergulhados na água. Acabava de emergir do rio, no qual pulara para fugir aos seus perseguidores. Mas não conseguira escapar-lhes: a pequena distância, embora escondida por um ângulo da rua, podia ver a sombra avermelhada de uma tocha, assim como ouvir o barulho de pés correndo.

Era um homem jovem, tinha boa vista e, ao luar, via que o fim da rua não tinha saída e que, formando um ângulo reto com ela, havia um outro beco. Deu um pulo para a frente, tropeçou e estacou, tremendo. Não ia ter tempo de alcançar aquele beco. Seus perseguidores iriam vê-lo. Estava exausto. Não podia prosseguir.

Seu olhar, desvairado, bateu nas portas trancadas das casas miseráveis que ladeavam a ruela. Arrastou-se, trêmulo, para debaixo de uma sacada, procurando aliviar a dor, que parecia querer arrebentar-lhe o coração. Olhou para trás, para a esquina que acabava de dobrar. Acabaria morto ali mesmo, na rua. Não havia saída. Num abrir e fechar de olhos, os seus inimigos cairiam em cima dele.

Nisso, viu tremeluzir uma vela, perto de onde ele estava. Deu um pulo na direção da luz e olhou para dentro. Um velho estava sentado a uma mesa, numa sala nua e paupérrima. Uma única vela, enfiada numa garrafa de vinho, espalhava um pouco de luz junto do seu cotovelo direito, permitindo-lhe ler um livro de grandes dimensões. O jovem olhou por entre as frestas das gelosias. Sua emoção era tão intensa que, mesmo correndo perigo mortal, ficou impressionado com a maneira lenta e meditativa com que o ancião

virava as páginas e inclinava a cabeça.

Havia uma porta perto dele. O jovem empurrou-a com toda a força. A porta cedeu com um ranger doloroso. Ele não esperava que ela cedesse, e deu graças a Deus em voz alta. Viu-se num corredor escuro e úmido, que cheirava a poeira e a ratos. À direita, uma porta dava para a sala que ele vira da rua. A porta estava entreaberta. O desconhecido abriu-a, entrou e tornou a fechá-la, passando o ferrolho.

O velho, espantado, levantou os olhos e soergueu-se com uma expressão de alarme. Viu diante de si um jovem, o rosto e os lábios muito brancos, armado de uma espada e sangrando. Reparou nos seus olhos escuros e enlouquecidos, nas roupas pingando, e soltou um grito abafado.

Mas o desconhecido já estava olhando para a porta, disfarçada por cortinas, que comunicava com um quarto sem janelas e às escuras. Uma jovem, despertada pelo grito do velho, surgiu à porta, de camisola de dormir, as tranças castanho-claras caindo-lhe sobre os ombros. Agarrou uma das cortinas rasgadas, como que para se proteger, ao ver o estranho e feroz visitante que acabava de entrar.

Num momento ele avançara três ou quatro passos e se colocara atrás dela. Ergueu a pistola e encostou-a nas costas macias da moça. O velho ficou de pé, junto da mesa, como que hipnotizado. À moça não se mexeu nem virou, mas o seu rosto ficou imóvel e cinzento, e a mão agarrou com força a cortina.

O jovem falou por entre os dentes, em voz baixa mas em tom ameaçador:'

— Estou sendo perseguido. Vão ver a luz. Apague a vela!

Aguçou os ouvidos.

— Não, é demasiado tarde. Já entraram na rua. Já viram a vela. Vão desconfiar. Não demora que batam à porta. O senhor vai dizer-lhes que eu não entrei aqui. Se não me obedecer, a moça morre. Imediatamente.

O velho afundou lentamente na cadeira. A mão, enrugada e inchada, caiu pesadamente sobre o livro aberto. O pavor espalhou-se no seu rosto barbudo. Não podia ver o desconhecido, mas via os olhos arregalados da moça, fixos nos dele.

— Quem é o senhor? — perguntou, num sussurro.

O homem invisível não respondeu, mas não havia dúvida de que tinha ouvido. Da rua chegou um tumulto de vozes roufenhas e furiosas, e, através das gelosias, penetrou um vislumbre de luz vermelha. A jovem continuou sem falar ou sem se mexer, mas as juntas das mãos estavam brancas como cera.

Ouviu-se forçar a porta. Ela cedeu, e vários homens penetraram no corredor e bateram na porta trancada.

— Abram! Abram a porta, em nome de Sua Majestade e do Cardeal! — Abram a porta — disse o homem invisível, num murmúrio.

O velho conseguiu pôr-se de pé. Durante um momento, olhou para a moça, e seus lábios tremeram. Ela devolveu-lhe o olhar aflito. O ancião avançou para a porta e abriu-a. Dois mosqueteiros, envergando a farda de Monsieur le Cardinal, entraram com tal violência que o velho quase caiu para trás. Do lado de fora, no corredor, avistou os rostos grosseiros e vermelhos de outros mosqueteiros. Um deles segurava uma tocha. Todos empunhavam espadas desembainhadas.

— Que é isto? Que desejam, messieurs? — perguntou o velho, numa voz fraca.

Os homens ofegavam. Não responderam logo, mas olharam para a moça. Por fim, um deles falou:

— Não viram um homem? Ele não se refugiou aqui?

— Não há ninguém aqui, a não ser eu e a minha neta, messieurs.

Olhou para os corpos pesados, para os rostos brutais dos mosqueteiros, e um brilho estranho iluminou-lhe os olhos pálidos e afundados.

— Quem é o homem? — perguntou. — Algum ladrão? Um assassino?

Um dos mosqueteiros riu, selvagemmente.

— Pior, vovô. Um huguenote. Mais do que isso, está conspirando contra o Rei e o Cardeal. Jura que não o viu?

O velho respondeu, numa voz mais forte e controlada:

— Não, não o vi. Estava lendo para a minha neta e preparando-me para ir para a cama.

À luz da vela, os mosqueteiros olharam para ele com desconfiança.

— É estranho — disse um deles, evidentemente o chefe. —

Ele não teve tempo de alcançar o fim deste beco. Só pode se ter refugiado numa destas casas.

Alguém gritou, da rua:

— Sangue! Sangue, aqui na soleira!

O chefe olhou severamente para o velho.

— Há sangue na soleira da sua porta, vovô! O criminoso passou por aqui. Tem certeza de que não viu nem ouviu nada?

— Já disse — respondeu o velho, com serena energia. — Se duvidam da minha palavra, revistem a casa. São só três cômodos; não lhes vai levar muito tempo. Aquele ali é o quarto da minha neta. Mais adiante fica a cozinha, onde eu durmo. A seguir, há um corredor, que vai dar num beco que passa nos fundos da casa. Podem procurar à vontade.

Olhou para a jovem. Por um momento, as pálpebras brancas da moça descaíram-lhe sobre os olhos, mas ela não se mexeu. Viu como que uma convulsão perpassar-lhe a boca pálida, mas, com a simples força do seu olhar, compeliu-a ao silêncio e à imobilidade.

Os homens hesitaram. Um deles deu um passo à frente, mas logo estacou. Os olhos duros e ferozes dos homens do Cardeal examinaram o velho de alto a baixo. Mas ele encarou-os calmamente.

— Por que não revistam a casa? — repetiu.

Uma expressão de dúvida estampou-se no rosto dos mosqueteiros, e o chefe disse, impaciente:

— Estamos perdendo tempo. É evidente que ele não está aqui. Deve ter se escondido nalguma destas malditas casas.

Encaminhou-se para a porta, e os homens seguiram-no, olhando ameaçadoramente para o velho. O rosto da jovem empalideceu ainda mais, dando a impressão de que ela ia desmaiar. O velho estava de pé, com a luz da vela batendo-lhe no rosto, e nos lábios barbados. A porta fechou-se atrás dos homens do Cardeal. Lá fora, ouviram-se as altercações iradas deles, o ruído dos seus pés correndo. A luz vermelha da tocha bruxuleava por entre as gelosias. Ouviu-se a voz do chefe, berrando ordens:

— Armand, fique perto da casa e vigie, e você, Jean, também. Eu e os outros vamos revistar todas as casas da rua. Ele não pode ter ido longe, maldito seja!

Fez-se silêncio na sala miserável, cujas paredes caiadas estavam repugnantemente manchadas de umidade e velhice. A luz da vela tremulava. O velho voltou para a sua mesa, espreitou o pavio e curvou-se sobre o livro. Seus lábios mal se moveram num sussurro:

— Cécile, volte para a cama, minha filha.

A moça ficou à espera, os olhos fixos no avô.

— Sim, volte para a cama — murmurou o homem invisível.

— É melhor.

A moça recuou lentamente. Havia uma cama pobre no quarto às escuras. Deixou-se cair nela. A palha da enxerga estalou, sob o seu peso-pluma, e ela suspirou profundamente. O visitante permaneceu atrás das cortinas rasgadas.

O velho virou uma página do livro. Lia, realmente, e os seus lábios moviam-se silenciosamente, à medida que os seus olhos iam devorando as linhas impressas. De repente, como se tivesse esquecido o

forasteiro, começou a ler em voz alta, e o homem atrás da cortina percebeu que aquela era a sua maneira habitual de ler:

— “Livre é todo aquele que vive conforme deseja; que não pode ser violentado, cerceado ou compelido; cujos impulsos não são freados, cujos desejos atingem os seus objetivos, que não faz aquilo que deseja evitar. Quem, pois, quererá viver em erro? Ninguém. Quem quererá viver iludido, impelido a cair, injustiçado, desvairado, lamentando abjetamente a sua sorte? Ninguém. Portanto, nenhum homem mau vive conforme gostaria e, por conseguinte, não é livre.”

Havia uma grandeza tranquila e misteriosa naquelas palavras, ditas em voz baixa e melodiosa, que se sucediam como os compassos de uma música solene, entoada pela alma para si mesma, nas profundezas de uma paz radiante. O efeito era extraordinário. A sala vazia, fria e sombria, iluminada apenas pela luz daquela vela bruxuleante, que projetava enormes sombras sobre as paredes rachadas, impressionava pela quietude e majestade. Era impossível acreditar que a violência irrompera recentemente naquela sala. Uma imobilidade secular parecia tomar conta dela. E o homem por trás da cortina escutava, atento e espantado.

— Epitectus! — exclamou, por fim, num murmúrio alto.

E riu, incrédulo.

— Não há dúvida de que o senhor está familiarizado com os filósofos — disse o velho, sem erguer os olhos do livro. — Como não há dúvida de que, falando em voz alta, se ouve da rua.

Seus olhos não se desviaram da página que lia, e passou, lentamente, para outra.

— Além do mais, desconfio de que ainda estejam nos vigiando através das gelosias.

O desconhecido não respondeu. O velho debruçou-se ainda mais sobre o livro. Seu rosto tinha uma fina e singular nobreza, nos contornos e no nariz alto e estreito. Até mesmo a barba, grisalha e maltratada, lhe dava um aspecto clássico, aristocrático e melancólico. Era quase calvo; apenas uma fímbria de cabelo grisalho lhe contornava o crânio estreito e frágil. Suas roupas eram paupérrimas e cheias de remendos. Suas mãos eram tortas e calosas, mas com dedos compridos e delicados, que tremiam levemente. À medida que os seus olhos iam varando as páginas, a luz da vela revelava-lhes o azul pálido e a serena intensidade.

— Quem é o senhor? — murmurou o jovem.

O velho não respondeu logo. Terminou a página e passou para outra. Quando, por fim, respondeu, foi sem erguer os olhos:

— O meu nome não tem importância, mas, se faz questão de saber, é François Grandjean. Sou um dos encarregados da conservação do Palácio da Justiça. Também sou bretão.

Hesitou e perguntou, mal movendo os lábios:

— E o senhor? -

Após longa hesitação, veio a resposta, também murmurada:

— Meu nome é... Arsène.

O murmúrio estacou abruptamente.

— E, naturalmente, o senhor não é varredor. Nem sequer morador desta cidade.

Um sorriso cansado perpassou os olhos e os lábios do ancião.

Recostou-se, suspirou, passou a mão pelos olhos, bocejou, deixou pender a cabeça. Olhou, fatigado, para a vela, levantou-se e fechou o livro, com mãos trêmulas. A capa era de couro finíssimo, embora velha, e tinha a encimá-la uma coroa dourada, que a mão do velho tocou reverentemente. Tornou a bocejar, pegou na vela embutida no gargalo da garrafa e ergueu-a. Sentia ainda o olho agudo e redondo do mosqueteiro espiando através da gelosia.

Voltou-se de costas para a janela e sussurrou:

— Vou entrar no quarto da minha neta e, dali, para a cozinha. Pode me seguir.

Avançou, sem fazer barulho, na direção da cortina, sempre segurando a vela. Ouviu o desconhecido recuar. A luz da vela mal abria uma brecha na escuridão do quarto. O velho olhou apenas para a neta, deitada na humilde cama. Tinha puxado as cobertas rotas para o queixo, e os seus olhos azuis brilhavam silenciosamente. Neles não havia medo, apenas firmeza. Assim, deitada, via-se que era muito jovem. Devia ter pouco mais de quinze anos e possuía a mesma nobreza de feições do avô, o que lhe conferia uma grande beleza. O ancião inclinou-se sobre ela e beijou-lhe amorosamente a testa.

— Boa noite, minha filha — disse. — Deus lhe dê um sono tranquilo.

Dirigiu-se para os fundos do quarto, abriu a porta e deixou-a aberta. A luz da vela apagou-se. Tanto a sala quanto o quarto ficaram na mais completa escuridão.

Aos ouvidos do jovem chegavam a suave respiração irregular da moça e o som da chuva caindo.

— Obrigado, mademoiselle — murmurou. — Sinto ter sido forçado a assustá-la.

Esperou que ela dissesse algo, mas a moça permaneceu calada.

— Sinto profundamente — sussurrou ele.

Depois, esgueirou-se em silêncio para a porta dos fundos, abriu-a e saiu, fechando-a atrás de si.

● Capítulo II

Quando Arsène entrou na cozinha, viu o ancião ajoelhado na lareira, reavivando velhas brasas e acrescentando-lhes pequenos gravetos. Colocara a vela em cima de uma mesa nua e manchada, e a sua luz revelava a pobreza daquela cozinha sem janelas, com um teto oblíquo e inclinado, e paredes cujo reboco apresentava fendas. A umidade pingava do teto e escorria pelas paredes, em gotas, que refletiam a luz do fogo e da vela, reluzindo como se fossem minúsculas bolas de prata. A cozinha continha um armário de madeira, torto e cheio decanecas, jarros e pratos de madeira, uma mesa com a perna quebrada e um banco de pau. No chão, a um canto, junto da mesa, via-se uma enxerga de palha, coberta de trapos. O chão era de pedras irregulares, com as fendas cheias de umidade e sujeira.

Arsène parou um momento na soleira, encostado ao umbral, pois sentia-se fraco e exausto. Arquejava. Nas mãos, segurava ainda a espada e a pistola. O velho continuou a reavivar o fogo, como se estivesse sozinho e não visse o forasteiro apoiado à porta. Assim que o fogo começou a estalar na lareira de pedra recoberta de cinzas, colocou sobre ele uma vasilha de ferro, cheia d'água. Após um momento de hesitação, Arsène pousou a pistola e a espada em cima da mesa. A luz das chamas brilhava no cabo da espada, que era de ouro, todo trabalhado e incrustado de pedras preciosas. O jovem hesitou, suspirou, sentou-se no banco, apoiou o cotovelo na mesa e a cabeça na mão. O sangue ainda lhe umedecia a manga, e um filete descia-lhe da face, passando por entre os seus dedos brancos.

Fechou os olhos, voltou a abri-los e olhou com curiosidade para o velho.

— O senhor é valente — disse, numa voz fraca e forçada.

François Grandjean olhou por cima do ombro, ainda ajoelhado na lareira. Seus olhos de um azul pálido tinham um brilho inescrutável, como se achassem aquilo divertido.

— Não sou tão valente assim — disse ele, na sua voz calma. — Vi logo que o senhor não mataria Cécile, mesmo que eu o traísse. Nem sequer me mataria.

O jovem olhou para ele e riu abruptamente.

— Que conclusão singular! O que o fez pensar assim?

O velho levantou-se e esfregou as mãos para sacudir as cinzas.

— Já vivi muito e conheci muitos homens. O senhor não é um assassino.

O jovem ficou calado.

— Não obstante — continuou François —, o senhor já matou. Talvez várias vezes... não é assim?

Arsène continuou calado. Seus olhos escuros estudavam François, com um brilho duro, frio e altaneiro.

— Também eu — disse François, calmamente — já matei. Mas, como o senhor, só por necessidade e sempre com arrependimento.

Arsène não fez qualquer comentário. Apenas perguntou, curioso:

— Se acha que eu não teria matado a moça ou o senhor, por que me protegeu?

François mergulhou um dedo na vasilha de ferro, a fim de experimentar a temperatura da água. As chamas vermelhas do fogo e a chama amarela da vela misturavam-se na cozinha escura e fétida.

— Sou bretão — disse ele, por fim —, e desde épocas imemoriais os bretões são homens do mar. Quem ama o mar tem um coração cheio de mistérios e nunca é enganado.

Arsène meditou sobre essas estranhas palavras, que não pareciam responder à sua pergunta. Mas estava muito cansado e fechou novamente os olhos.

— Quem ama o mar não é vítima de mentirosos — acrescentou François.

Aproximou-se de Arsène e tocou-lhe na manga de seda branca, rasgada e manchada de sangue.

— Monsieur, se quiser tirar a roupa. ..

Arsène olhou com indiferença para o braço.

— Não é nada. Apenas um arranhão provocado por uma bala.

— Tentou levantar-se, mas deixou-se cair de novo sobre o banco.

— Preciso ir embora — disse, numa voz abafada. — Vão continuar a me procurar. A minha presença aqui é um perigo.

— Mais perigo será se o senhor sair — retrucou François. — Eles ainda estão lá fora, esses diabos a soldo de Richelieu. Vão pegá-lo e não terão piedade de quem o escondeu.

Sorriu.

— Eu nem sequer teria a desculpa da sua ameaça, pois me diriam que, em nome do Cardeal e de Nossa Senhora, deveria tê-lo traído à custa da própria vida.

O seu tom de voz traduzia ao mesmo tempo ironia e amargura. Arsène olhou para aquele rosto romano e sorridente, e o seu interesse aumentou.

— Quer dizer que o senhor acha a vida assim tão valiosa? — perguntou, varrendo a côzinha com o olhar.

— Acho-a menos temível do que a morte — replicou François.

O perigo que passara e o que agora sofria pareciam ter roubado a Arsène toda a coerência. O rosto do velho flutuava, como que solto no ar, diante dele. Comentou, infantilmente:

— É estranho encontrar um estudante de filosofia num lugar como este.

— Não é mais estranho do que vê-lo aqui — respondeu François, com um olhar significativo para a espada de cabo de ouro e pedrarias.

Desabotoou as abotoaduras de pedras da camisa com mãos suaves. Arsène resistiu um pouco, mas logo se resignou a que lhe tirasse a camisa. Toda a resistência parecia tê-lo abandonado. François reparou na brancura e maciez dos seus ombros e do seu tronco, não obstante ser todo ele forte e bem formado. A luz da vela iluminava-lhe o rosto. Parecia ter ao redor de vinte e seis anos, e as suas feições não podiam ser mais perfeitas. Os olhos eram grandes e escuros, mas duros, e à sua volta havia rugas de cinismo, astúcia e audácia. Apesar disso, a sua expressão era inteligente, viva e bem-humorada. Tinha uma bela testa, com fortes sobrelanceiras negras, e cabelos espessos e compridos, da mesma cor dos olhos. O seu nariz era longo e aquilino, com narinas bem abertas, e as maçãs do rosto eram largas. A boca, embora grande, não era mole nem demasiado sensível, embora as comissuras parecessem mais acostumadas a sorrir do que a exprimir reveses. Era o rosto de um grão-senhor, mas não o de um nobre decadente, pois nele não havia fraqueza, langor ou elegância afetada. A sua pele era limpa e bem tratada, mas não perfumada, e o lenço que ele tirou do gibão, para enxugar o suor da face, não tinha beiradas de renda, mas era do mais fino linho.

Fez uma careta, quando os dedos estranhamente suaves do velho lhe examinaram a ferida, mas não se queixou. Na sua atitude não havia falsa bravura, e sim indiferença. Não obstante, acompanhou os movimentos do ancião com atenção.

— Tem toda a razão — disse François. — A bala atingiu-o de raspão, embora profundamente. O senhor perdeu muito sangue. Mas os jovens substituem rapidamente o sangue perdido, assim como substituem os sonhos pela realidade.

Havia algo de incomum no seu tom de voz, um quê de amargura.

— Isso quer dizer que o senhor prefere os sonhos à realidade? — perguntou Arsène.

— Não existe realidade sem sonhos — murmurou François, distraidamente.

Mergulhou um pano em água quente e limpou a ferida. O jovem gemeu e retesou-se. O ferimento era

muito profundo e borbulhava de sangue. François puxou as extremidades da ferida e segurou-as com os dedos, ao mesmo tempo que, com a outra mão, apertava firmemente uma região vizinha ao ferimento. Sorriu para Arsène com os seus olhos muito azuis.

— Aprendi isto cuidando dós animais, na fazenda da minha mãe — disse ele. — Num abril e fechar de olhos o sangue vai coagular, e o ferimento parará dè sangrar.

Fez-se silêncio na cozinha. A luz do fogo e a luz da vela dançavam juntas; Os dedos do velho eram fortes e firmes. A dor diminuiu. Passaram-se alguns momentos. Arsène começou a sentir a carne insensível, sob a pressão dos dedos de François. A ferida foi aos poucos parando de gotejar.

— Os sonhos e o misticismo deveriam ficar para os padres e outros mentirosos — disse Arsène. — Não são para gente honesta.

— Pelo contrário — murmurou François, examinando a ferida.

— São só para gente honesta. Os mentirosos e os charlatães ser-vem-se deles para oprimir e manipular os indefesos e os ignorantes. Enquanto os homens honestos não se apossarem deles, não haverá justiça no mundo, nem fé e nem progresso intelectual. Sem os sonhos, a honestidade, a misericórdia, a indignação e a coragem permanecem impotentes.

Pegou numa tira de pano e amarrou-a fortemente acima da ferida. A seguir, lavou o sangue do rosto de Arsène com gestos tão delicados como se ele fosse uma mulher. Voltou a sorrir para o jovem, um sorriso um pouco triste.

— O corte, infelizmente, vai lhe deixar uma cicatriz na face

— disse ele. — Mas a sua amada não vai se importar. Aos olhos das mulheres, um homem sem cicatrizes peca por falta de virilidade.

Arsène tentou sorrir, mas a fraqueza invadiu-o novamente, fazendo-o arquejar. O ancião colocou uma vasilha menor no fogo, retirou do armário uma garrafa e um caneco de latão e colocou-os na mesa.

— Num momento ficará pronto um bom caldo quente. Entrementes, beba este vinho. Não é de boa safra, nem tem um buquê excelente, mas restitui as forças.

Encheu o caneco com o vinho acre e levou-o aos lábios de Arsène. O jovem bebeu, fez uma careta horrível e afastou o caneco.

— É horrível — disse, francamente.

François não ficou ofendido. Levou de novo o caneco à boca de Arsène, que bebeu de novo e de novo resmungou.

— Autêntico veneno — disse, limpando a boca com o lenço.

François levantou a garrafa e olhou-a com tristeza.

— O pior é que você diminuiu sensivelmente a minha razão.

— Sinto muito — retrucou Arsène, com ironia.

Mas logo sentiu o vinho correr-lhe pelo corpo e dar-lhe novas forças.

— Os pobres têm necessidade de força e de violência — observou François. — Principalmente nos dias que correm. Mas sempre precisaram delas. Vinho forte para os oprimidos, vinho requintado para os opressores. No fim, tudo tem o seu significado.

Apontou para a enxerga.

— Agora, depois que tiver tomado o caldo, deite-se ali. Amanhã trataremos de o ajudar a fugir.

— Isso é que não, meu amigo. Tenho de ir embora imediatamente.

François abanou a cabeça.

— Na qualidade de meu hóspede, o senhor me põe em perigo, mas mais me poria em perigo indo embora. Não conseguiria ir longe, depois de tudo o que passou esta noite. Ou eles o descobririam, ou o senhor acabaria caído nalguma sarjeta.

Mergulhou uma tigela na sopa quente e estendeu-a a Arsène. O jovem achou-a quase tão má quanto o vinho, mas tomou-a.

— Engraçado! — murmurou, olhando em volta. — Sempre espossei a causa dos desgraçados, mas apenas de um ponto de vista intelectual. Nunca soube que vocês viviam assim.

François deitou-lhe um olhar penetrante, mas não respondeu. Passado um momento, disse:

— Não existe realidade, nem sonho, sem conhecimento.

Arsène protestou, ao ser conduzido para a enxerga. A verdade era que achava a sarjeta melhor do que aquilo. Mas François obrigou-o a se deitar e jogou os trapos malcheirosos sobre as pernas dele.

— Descanse — disselhe. — Amanhã será outro dia.

— Mas onde é que o senhor vai dormir?

— Em frente da lareira. Já dormi em lugares muito piores.

Estendeu o corpo velho e emaciado sobre as pedras, diante do fogo. O jovem ficou a olhar para ele, do seu enxergão de palha. As feridas não mais o faziam sofrer. Sentia apenas um grande cansaço.

— Mas aposto que já dormiu em lugares melhores — murmurou.

François não respondeu. Virou-se para o fogo e fechou os olhos.

Arsène também fechou os olhos. Ouviu a chuva e o vento, pois a tempestade voltara a cair, lá fora. Mas não pôde dormir logo. Os acontecimentos daquela noite surgiram novamente diante dele. Não gostava de matar, embora não por repugnância ou escrúpulo, e sim porque matar era violar a dignidade humana. As caras dos dois homens a quem matara nessa noite pareciam penetrar-lhe por entre as pálpebras fechadas. Um deles era jovem, ardente e amigo de rir. Parecia muito dado a aventuras, e Arsène duvidava da sua adesão ao Cardeal. Suspirou. Enfiara a espada no flanco do rapaz e ele caíra, ainda sorrindo. Morrera apenas com um gemido de pena pelo término das aventuras. O outro, bem mais velho, era um fanático, cheio de ódio, e tentara matar Arsène, levado por uma espécie de compulsão mística. Arsène não se arrependia de o ter matado. Homens como aquele eram perigosos.

Ainda suspirando com dó do jovem, Arsène adormeceu, mergulhando num emaranhado de sonhos complicados. Ao amanhecer, os sonhos tinham se transformado em pesadelos, cheios de febre e de dor.

● Capítulo III

Um dos sonhos de Arsène não foi exatamente um sonho, e sim uma recordação, estranhamente misturada com um pesadelo.

Parecia-lhe que voltava a ser criança e que estava diante de uma enorme roseira, coberta de grandes rosas príncipe-negro. Devia ser muito pequeno, pois tinha apenas uma vaga consciência da intensidade do sol, da grama, dos arbustos, de um lago cheio de cisnes, de aleias bordejadas de rosas e grandes árvores. Havia também um muro velho e branco, a parede dos fundos da casa de seu pai. Mesmo agora, no sonho, ele sentia uma profunda tristeza e nostalgia. Sentia o silêncio, como não o sentira quando criança; via as compridas sombras azuladas das árvores e ouvia o doce cantar dos pássaros. Não sabia por que razão a roseira, com suas grandes flores vermelhas, o fascinava tanto. Não gostava daquela espécie de rosas, cujo tom vermelho-escuro e cujas pétalas espessas lhe repugnavam. Além do mais, não tinham perfume, e ele sempre gostara de perfumes.

Fazia muito calor, naquele jardim no campo, e o sol inundava tudo de uma luz branca e brilhante, queimando-lhe a cabeça e os ombros. Mas, por alguma razão, ele não voltava para a frescura purpúrea da casa. Vira sua jovem mãe chorar, essa manhã. Não suportava vê-la em lágrimas, de modo que fugira para ali, e ali ficara, embora a governanta o tivesse chamado várias vezes. Sentia-se invadido por um ódio inexplicável.

Ouviu o murmúrio de vozes e olhou por sobre o ombro. Atrás dele, à esquerda, havia um caminho ladeado de arbustos, e era dali que as vozes vinham. Uma delas pertencia a seu pai. A outra, estranha, pertencia a um desconhecido. Arsène sentiu aumentar a raiva e a aversão, ao pensar naquele homem forte e elegante, monsieur, o Arcebispo de Paris. Sua roupa preta, com babados brancos no pescoço e nos punhos, seu rosto redondo e vermelho, com um sorriso xaroposo e velhaco, e os pequenos e faiscantes olhos azuis — tudo lhe era repulsivo. O arcebispo acariciara-lhe os cabelos, não fazia nem uma hora, examinara-o atentamente e abanara a cabeça com um suspiro de tristeza.

— Ah, é triste, muito triste — murmurara, finalmente. — Mas não demasiado tarde, Monsieur le Marquis du Vaubon.

Pronunciara o título com unção.

— Espero que não — retrucara o pai de Arsène, com um sorriso furtivo no rosto moreno e vulpino.

Era um homem nervoso e muito magro, inquieto, caprichoso e desconfiado. Não olhava diretamente para Arsène, quando falava. Mas a verdade era que raramente olhava de frente para alguém, com aqueles seus olhos pretos e brilhantes. Seu nervosismo manifestava-se num quase constante fungar, num menear com a cabeça, no sorriso torto e sem significação, no jeito de esfregar a orelha direita com o indicador, no tremer de ombros e na maneira rápida e desconjuntada de andar. Vestia-se com uma elegância quase exagerada, mas suas pernas eram finas, seus joelhos curvos e seus punhos, ossudos. Havia nele um quê de febril, uma certa incoerência de atitude, que despertava suspeitas nos outros. Sua voz era estridente, e às vezes engasgava embaraçosamente. Suas feições eram compridas e insignificantes, com uma boca estreita e um queixo recuado. Suas atitudes eram imprevisíveis, histéricas e femininas, o que o tornava ao mesmo tempo temido e desprezado pela família e a criadagem. Quando ria, o seu riso tinha uma nota de histeria. Era, além disso, um riso inesperado e provocado pelas coisas mais inexplicáveis, que não causavam vontade de rir nos outros. Para cúmulo, ele era anormalmente desconfiado. Suspeitava de falsidade, hipocrisia, complôs e mesquinhas por parte de todos e, quando se tratava dos criados, de ladroeira e velhacaria. Suspeitava menos da jovem esposa do que dos demais, mas até ela, a pobre e linda criatura,

não ficava isenta das suas acusações.

Mesmo quando muito criança, Arsène se dava conta de que o pai vivia num clima crônico de ódio, terror e desconfiança de todos. Por causa disso, poucas pessoas o visitavam. A família vivia reclusa por trás das paredes brancas, Às vezes, Armand ia a Paris, secretamente, e sempre só. Sua mulher, Sabina, nunca o acompanhava, embora Arsène soubesse que ela nascera lá. Enquanto criança, Arsène não entendia o que provocava aquele medo constante em seu pai. Mais tarde, ficara sabendo que há pessoas que nascem assim, que vivem toda a vida como ratos, espiando, assustados, de dentro de um buraco. Desde o início rira do pai e o desprezara pelo terror sem motivos em que ele vivia. Detestava a sua elegância, os seus maneirismos, as suas explosões caprichosas e violentas, tão femininas na falta de lógica, o seu sentimentalismo doentio, nascido da autocomiseração e da auto-adoração. Mesmo quando era ainda pouco mais do que um bebê, Arsène percebera que o pai se considerava uma vítima da humanidade, um mártir, tanto da sua imaginária fragilidade física quanto das maldades e dos complôs dos outros. Para ele, todos os homens eram canalhas ou idiotas, e ele, Armand, tinha que estar eternamente em guarda para não ser traído. Arsène não se lembrava de o ter visto mostrar compaixão ou bondade para com uma única pessoa, exceto a esposa, e mesmo assim de mistura com demonstrações de desconfiança e exigências amorosas.

Não se deixando enganar pelo pai e nunca se furtando a mostrar a sua aversão infantil por ele, embora temperando-a com o respeito de toda a criança pela pessoa que lhe deu' a vida, Arsène era, não obstante, o favorito do pai. Talvez porque, na cor da pele, dos olhos e dos cabelos e numa certa veemência de atitudes, o garoto se parecesse com ele. Pelo filho mais novo, Louis, que era louro, de olhos azuis e nervosamente calado, como a mãe, sentia apenas indiferença e uma marcante irascibilidade. Na opinião de Armand, Louis não tinha espírito e ardor, atributos que julgava possuir em grande quantidade. Os acessos de gênio e violência de Arsène agradavam-lhe. Achava que o menino tinha um temperamento valoroso e aristocrático. Como muitos homens da sua estirpe, Armand era dado a ataques de afeto, quando menos nervoso. Louis e sua mãe, Sabina, fugiam deles com um misto de medo e timidez, mas Arsène, de temperamento menos sensível e possuidor, mesmo em criança, de um certo cinismo, suportava tranquilamente esses arroubos do pai. Isso encarecia-o ainda mais aos olhos de Armand, que demonstrava a sua gratidão pelo filho, mimando-o e dando-lhe belos presentes. Como decorrência da falta de disciplina, Arsène desenvolvera os seus defeitos naturais de egoísmo e sobranceria e, com eles, o seu crescente desprezo pelo pai. Se não possuísse também um estranho sentimento de justiça, uma boa dose de senso de humor, uma feroz independência e uma mente fria e lógica, ter-se-ia tornado insuportável, um desses jovens mimados e impossíveis, que fazem a vida intolerável para as pessoas menos prepotentes e mais sensíveis.

Tinha apenas uma vaga suspeita do significado da presença do Arcebispo de Paris, essa manhã, naquele lar hunguenote. Ainda na noite anterior, ouvira a mãe chorar, numa das suas raras ocasiões de revolta contra o marido.

— Não permito que esse monstro entre nesta casa, que foi do meu pai, do meu pai, que morreu em La Rochelle! Não permitirei que a sua memória seja difamada, que os seus ossos tremam na sepultura!

— A senhora parece esquecer-se, Madame, de que eu sou seu marido — retrucara Armand friamente, mas com aquela ameaçadora nota de histeria que nunca deixava de amedrontar a suave Sabina. — Esquece-se de que os homens têm razões que as mulheres não podem entender. "

— Entendo que sois ambicioso — replicava Sabina, as lágrimas correndo-lhe pelas faces.

Armand ficara um momento calado, fazendo-a pensar que ele nada diria, na sua indiferença por ela. Mas, de repente, ele explodira em gritos incoerentes, acompanhados de gestos violentos.

— Madame, alguma vez pensou até quando serei capaz de suportar viver na sua maldita Gasconha, no

meio dos seus camponeses?

Arsène lera terror nos olhos azuis da mãe. Ela levantara-se e levava a mão ao rosto, como se tomada de um medo horrível. Mas murmurara, numa voz incrédula:

— Seria capaz de sacrificar a memória de seu pai e do meu... desses dois homens que lutaram juntos e abdicaram, de tudo... pela ambição? Seria capaz de fazer um pacto com o demônio e adorá-lo?

Armand olhara em volta e umedecera os lábios trêmulos. Por um momento parecera envergonhado e hesitante. Mas depois falara num tom furioso, que Arsène sabia se originar parcialmente nele mesmo:

— A senhora fala como uma traidora idiota! Henrique de Navarra disse: “Paris vale uma missa!”. . . Por acaso serei menos do que esse grande rei?

Sabina olhara longamente para ele, alta, esbelta e bela, com os seus olhos azuis fuzilando.

— Nem por Paris, nem pela França trairia os nossos pais, e sim por você mesmo, pela sua ambição mesquinha, pelo seu orgulho, pelo seu desejo de favores e alegria e de regressar a uma corte corrupta, pela ânsia de merecer um sorriso desse demônio que é Richelieu. Há muito tempo que sei disso. Não posso dizer nada para dissuadi-lo, bem sei, mas pense na maldição dos mortos!

Erguera a mão branca e trêmula, como se para amaldiçoá-lo, e ficara ali, tremendo, mas sem medo, cheia de orgulho, ódio e desprezo. Entre os cachos dourados do seu cabelo, o rosto dela tremia com uma luz pálida.

Armand saíra da presença dela, furioso. O arcebispo viera, mas recusara delicadamente o convite de Armand para ocupar uma suíte no château. Tanto ele como o seu séquito tinham se instalado desconfortavelmente na pequena estalagem da aldeia, cujo proprietário, ele próprio um huguenote, ficara muito honrado e tratara de espanar as suas imagens e os seus crucifixos — que escondera no sótão —, colocando-os em lugares bem visíveis. Depois, desencavara velhos livros de orações, relíquias da sua juventude, e era visto persignando-se frequente e assiduamente, para espanto e satisfação da sua devota esposa.

— Só um imbecil — dizia ele, — usa a mesma roupa, qualquer que seja o tempo.

O corpulento e elegante arcebispo, que sempre levava em conta os preconceitos daqueles a quem pretendia seduzir, não se dirigira, na manhã seguinte, ao château na sua carruagem dourada, nem usara as suas vestimentas mais requintadas. Fora a pé até o château, percorrendo a estrada poeirenta e pedregosa em solitária humildade, embora, se alguém estivesse presente para observá-lo, teria visto o arcebispo parar de vez em quando para enxugar o suor da testa e praguejar. Aparentemente, ele era um abade humilde e reverente, que ia visitar algum pecador recalcitrante, movido de caridade cristã. O calor e a poeira daquela manhã de verão não ajudavam a melhorar o seu gênio, mas o seu sorriso era fixo e suave na cara rotunda, ao ver Armand du Richepin à sua espera junto ao portão, incapaz de esconder a sua excitação.

Tinham passeado pelo jardim, conversando em murmúrios.

— Pode ficar certo, meu caro marquês, de que Sua Eminência não leva em conta os pecados dos pais, ao pensar nos filhos — disse o arcebispo. — Falei-lhe do seu convite, embora ele tivesse perguntado, naturalmente, por que não tinha ido a Paris falar comigo. Se a tivesse solicitado, ter-lhe-ia concedido permissão.

Armand murmurou algo ininteligível. Estava embaraçadíssimo. O que aprendera na sua juventude, os conselhos do seu pai, ainda o influenciava, e ele sentia desconfiança e medo do seu visitante. Mas, acima disso, levado pela sua febril ambição, desejava agradar, mostrar-se conciliador. Sempre que sentia falhar em si a força de vontade, tinha apenas que olhar para a mansão branca e nua e para aqueles campos escaldantes, que tanto odiava. Que horrível lugar de exílio! Para um temperamento como o dele, capaz de só se sentir feliz no meio de pessoas que o aprovassem, que desejava ardentemente viver a excitação, a

alegria e as intrigas da corte e gozar da presença de muitas e encantadoras mulheres, a vida sossegada de um senhor da província era detestável, insuportável. Passara a infância e a adolescência em La Rochelle, e a lembrança da alegria e do movimento das ruas fazia-o consumir de saudades.

Embora muito criança, Arsène percebia vagamente essas coisas, pois possuía uma enorme intuição, baseada mais na astúcia do que na sensibilidade. Procurava ser indiferente, mostrar desprezo, mas, apesar disso, sentia-se excitado. Tinha alma de aventureiro, e a paz da vida rural já começava a aborrecê-lo, a torná-lo consciente de uma solidão que a presença do seu irmão, mais suave e tranquilo, nada fazia para aliviar. Sabia que, dentro de um momento, seu pai e o novo arcebispo o descobririam, ali à espera, e que o arcebispo de novo lhe passaria a mão pela cabeça e suspiraria, sorridente.

Agora, no sonho, ele também estava à espera. Só que, de repente, o sonho começou a ficar escuro, e o ar quente, a ficar frio. Uma sensação de terror tomou conta dele. Um horror se aproximava, pela aleia de arbustos. Não se podia mexer. A única coisa que conseguia fazer era tremer e procurar mover as pernas, paralisadas e pesadas com o pesadelo. O horror estava cada vez mais perto. » Ouviu o dobrar de um grande sino, lento e anunciador de morte. O dobrar de finados. Começou a soprar um vento, violento e terrivelmente frio. Soprava-lhe através do corpo, mas atiçava fogo dentro dele, em vez de frio. Tentou lutar contra o pesadelo, mas não podia mexer-se. Gritou. Ouviu o murmúrio de vozes, perto dele, e gritou alto. Foi então que despertou.

A primeira coisa de que teve consciência foi de uma dor imensa, envolvente e flamejante. Lembrou-se vagamente de que o seu grito fora rouco e doloroso. Sentia a garganta inchada, cheia de saliva, transpassada por lâminas de aço em brasa. Procurou mover o braço direito, mas não conseguiu levantá-lo. Diante dos seus olhos, flutuavam, alternadamente, a escuridão e centelhas de luz vermelha.

Tão intensos tinham sido a recordação e o pesadelo que ele esperava ver o rosto do pai e a cara do arcebispo. Mas, à luz bruxuleante da vela, viu apenas o rosto preocupado do velho François debruçado sobre ele, a sombra de um rosto pálido de mulher e as caras de dois desconhecidos, um deles velho e o outro jovem. A lembrança dos acontecimentos recentes ainda não, subira à superfície da sua consciência. Em meio à febre, tudo quanto podia era olhar desvairadamente, a respiração saindo-lhe, estentórea, da garganta torturada. Foi então que se lembrou vagamente de François Grandjean e da jovem Cécile. Olhou para eles, sem falar. Ainda estava deitado na enxerga de palha, a um canto da cozinha miserável, e sentia ora um frio de morte, ora um calor escaldante.

— Os ferimentos estão sarando — murmurou o velho desconhecido. — Você tratou-os muito bem, François.

— Obrigado, meu caro abade — retrucou François. — Mas a garganta é que me preocupa. Ele acordou antes do amanhecer, ontem, delirando de febre, sem saber onde estava. Pensei que fosse das feridas mas, quando lhe ouvi a voz, percebi que alguma doença tinha tomado conta dele. Foi ficando cada vez pior, e por isso o chamei, sabendo da sua capacidade.

Arsène ouviu essas palavras como se elas estivessem sendo ditas a uma tremenda distância, tal o eco que faziam nos seus ouvidos. Achavam que ele continuava delirando. Viu os dois velhos e o jovem afastarem-se. A jovem, nas suas pobres roupas, ajoelhou-se ao lado dele e aplicou-lhe na garganta um trapo com um unguento que ardia e cheirava mal. Arsène fez um esforço para se mexer, para falar, mas a sua voz lembrava a de um corvo ferido. Viu o rosto jovem da moça, cheio de compaixão e muito belo. Era ainda uma menina, mas compreendia o sofrimento, e a sua expressão era de quem amadureceu com a dor.

— Precisamos levantá-lo e carregá-lo para a câma de Cécile. Embora pobre, pelo menos é melhor do que esta enxerga — disse François. — Não pode ficar aqui, no chão frio, com esta febre. Acha que ele

pode morrer, abade?

O velho abade hesitou. Olhou com tristeza para o doente, e a ansiedade toldou-lhe o rosto.

— Isso, só Deus é quem pode dizer — murmurou ele. — Você disse que não sabia o nome dele, nem a sua condição?

— Não, não sei. Já lhe contei como ele chegou aqui. Mas é evidente que ele não é como nós. As suas roupas, a sua espada, a sua maneira de falar, tudo indica que ele é um cavalheiro, um aristocrata. Só me disse que se chamava Arsène, nada mais. É fácil entender a sua desconfiança, a sua reserva.

O velho abade suspirou.

— Já pensou no que lhes poderia acontecer, a você e a Cécile, se ele morresse aqui?

— Já, já pensei — replicou François calmamente. — Mas não sei a quem chamar, não conheço ninguém que possa identificá-lo. E, embora corramos perigo abrigando-o, permitindo-lhe morrer em segredo, temos que confiar em Deus. A guarda do Cardeal estava atrás dele. Deveríamos chamar o Capitão dos Mosqueteiros do Rei? É evidente que ele não é um mosqueteiro, não é um soldado. Estava fugindo. Como, então, confiar nos homens do rei? Tratariam melhor um gentil-homem huguenote, sem dúvida o que ele é? Nada sei a respeito dele.

— Pode ser um criminoso — disse o abade, hesitante.

François abanou a cabeça, mas retrucou:

— Mesmo assim, deveríamos jogar um moribundo na sarjeta? O sofrimento deve provocar a nossa compaixão, seja quem for o sofredor.

— Você dá-me lições, François — disse o abade, humildemente. — Mas eu estava pensando em você, meu amigo.

Os três homens, os dois velhos e o jovem, levantaram Arsène, fazendo-o gritar novamente de dor. Carregaram-no para o quarto de Cécile e deitaram-no na cama dela. Arsène sentiu que lhe tinham tirado a roupa, que vestia apenas uma camisa branca e grosseira e que tinha as pernas nuas. Decerto desmaiara de novo, porque, quando voltou a abrir os olhos, sentiu que lhe aplicavam panos embebidos em água quente na garganta inchada. A moça segurava um caldeirão de água quente, no qual o abade mergulhava os panos que depois punha sobre a garganta de Arsène.

— Espero que não seja nada contagioso — disse François, aos pés da cama.

— Vamos rezar para que não — replicou o abade, com um suspiro. — Já vi criancinhas morrerem assim, sufocadas. Mas ele é moço e forte.

Os pés gelados de Arsène não tardaram a sentir o contato de uma pedra quente. Ele tremia de arrepios, suava de calor. Os dedos dos pés procuraram, ansiosamente, o conforto da pedra. Tinham empilhado cobertores sujos e rasgados em cima dele.

— Ninguém deve desconfiar da presença dele na sua casa — disse o abade. — Conheço um médico, mas, neste caso, não podemos confiar em ninguém. Temos que nos contentar em fazer o que pudermos e em rezar por ele.

François segurava uma vela. Era de noite. A luz da vela tremulava sobre o teto descascado e as paredes gotejantes. O abade continuava a tratar dele. Arsène, vencido pela fraqueza e pela náusea, fechou os olhos, que doíam horripelmente. Parecia sentir apenas a garganta, e ela ameaçava fechar-se inexoravelmente. O ar que respirava lutava para chegar aos pulmões, lutava para sair deles. Ouvia o esforço que o seu coração fazia. Era como se tivesse um emaranhado de cordas na garganta e procurasse expulsá-las tossindo. Sentiu o gosto de sangue na boca.

Estou morrendo, pensou, com completa indiferença.

Sua mãe ficaria inconsolável. Ah, não, a bela Sabina morrera, havia dez anos, de sofrimento e

solidão. Seu pai, aquele hipócrita mentiroso e apavorado, choraria a sua morte? Ou sentiria alívio? Alívio por não ter mais que se esconder, que inventar falsidade, que aplacar, suplicar e prometer? Arsène sorriu para si mesmo, com um misto de desprezo e compaixão. Tinha sido um fardo para o pai, que apesar disso o adorava servilmente. Agora, a sua morte seria para ele uma libertação. Mas seria também um golpe. Ao pensar nisso, Arsène esqueceu o desprezo que sentia pelo pai e ficou triste. Nunca até então sentira tristeza pelo pai. Quanto ao irmão, Louis, não pensava nele.

De repente, viu que estava sozinho e que no quarto escuro se ouvia apenas um ruído raspante. Passaram-se minutos, antes que ele se desse conta de que era a sua própria respiração. A pedra continuava quente nos seus pés. A dor na garganta diminuía um pouco. Mergulhou num sono profundo.

● Capítulo IV

Acordou sentindo-se tão fraco que pensou, horrorizado, estar paralítico. Havia em seu corpo um entorpecimento, uma insensibilidade, que o aterrorizavam, antes mesmo de ter aberto os olhos. Tentou falar, mas saiu-lhe apenas um grunhido da garganta, da qual, contudo, a dor felizmente fora embora.

Sobre os seus olhos havia como que uma película leitosa, que persistiu mesmo depois de ele ter recuperado a consciência. Finalmente a película tornou-se menos espessa, afastou-se, e ele pôde ver claramente.

Continuava deitado na cama da jovem Cécile, no quarto miserável e sem janelas, com suas paredes rachadas e manchadas, e o seu chão de pedra. Mas, da sala da frente, vinha um fecho de luz brilhante e amarela, na qual flutuava uma poeira cintilante. As gelosias tinham sido removidas da janela, com os seus cantos de vidro em forma de diamante, e o sol penetrava por ela, atravessado por listras pretas e nítidas. O ar estava quente e muito parado. Arsène ouviu o pregão distante e estranho de uma peixeira, passando pela ruela, e o barulho das rodas de uma carroça sobre o empedrado da rua. A fraqueza era como um peso em cima dele, e de novo tentou falar, mas dos seus lábios saiu um murmúrio inaudível.

Ouviu alguém se mexer na cozinha escura, atrás do quarto, e a jovem Cécile entrou. Arsène viu-lhe o rosto pálido e calmo, e a cabeça, circundada por tranças de cabelo castanho-claro, meio escondidas por uma touca branca, orlada de babados. Reparou na tranquila nobreza da expressão da moça, triste e demasiado amadurecida para a sua idade. Era alta, e a sua esbeltez beirava a magreza. Mas movia-se com dignidade, e, quando sorria, os seus pequenos dentes pareciam muito brancos, entre os contornos róseos dos seus lábios macios. Vestia um corpete preto, que lhe delineava o busto alto e imaturo, e uma saia ampla e também preta, que subia um pouco à frente, deixando-lhe ver os pés, calçados em sapatos grosseiros. A sua maneira de vestir, a sua atitude reservada, o modo de andar sem fazer barulho, tudo fazia com que ele reconhecesse nela a marca da criada.

Cécile aproximou-se da cabeceira da cama e pousou a mão fresca na testa dele. Arsène sentiu-lhe a aspereza e as calosidades e estremeceu involuntariamente. A jovem olhou para ele, sem medo ou respeito, do fundo dos seus olhos azuis. Aquilo irritou-o, e ele perguntou, num murmúrio abrupto:

— Estive doente?

Ela não deu a perceber que tinha reparado no tom dele, ou na fria arrogância dos seus olhos. Sorriu de novo.

— Sim, monsieur. Muito doente. Há duas semanas que estou cuidando do senhor.

Ele ficou calado. Recordava-se agora, vagamente, das noites de pesadelo, dor e febre, cheias de sombras pretas e vermelhas e da presença constante daquela moça calada e expedita, cuidando dele. Fora a sua mão que lhe levara água fresca aos lábios. Fora o toque das suas mãos, suave e firme, que o aliviara; tinham sido as suas mãos fortes e jovens que haviam mudado o corpo dele, ardendo de dor, para um lugar mais fresco do lençol branco e grosseiro. Pensou nas noites sem dormir que ela devia ter passado, após ter trabalhado duro durante o dia; pensou nas coisas desagradáveis que ela devia ter feito para ele, no risco que ela tinha corrido. Não havia dúvidas de que ela era apenas uma criada, mas não o conhecia, e mesmo assim cuidara dele — um estranho, um fugitivo, cujo nome ela ignorava — com devoção. Por quê? Ah, decerto ela e o avô deviam ter visto que ele não era nenhum vagabundo, pela espada dele, pelos restos das suas ricas vestimentas, pela sua atitude e pela sua voz. Embora a febre só»o tivesse abandonado havia pouco, a sua mente continuava alerta.

Ela olhou para ele atentamente, e um pequeno raio de sol pousou-lhe na face e tingiu-lhe o cabelo de

dourado. De repente, ela parecia ler-lhe os pensamentos tão claramente como se ele os tivesse traduzido por palavras. Corou, mas o seu rosto permaneceu calmo. Devolveu-lhe sem hesitar a frieza do olhar dele, e os seus próprios olhos tornaram-se orgulhosos e algo duros.

Não obstante, respondeu:

— A febre passou. O abade disse que o senhor está convalescendo e só precisa de atenção. Farei o que puder pelo senhor, quando voltar à noite, do trabalho.

Foi até um banco de madeira, onde estavam os calções dele. Debaixo deles estavam a espada e a camisa branca e rasgada. Arsène viu as abotoaduras da camisa, o ouro e as pedras brilhando ao raio de sol que entrava pela janela. Cécile enfiou a mão no bolso dos calções e dele retirou uma bolsa de seda, de que Arsène já não se lembrava.

Aproximou-se de novo da cama, a bolsa na mão. Ele ficou espantado com a expressão do rosto dela, dura e tranquila, e com o brilho acerado dos seus olhos azuis. Cécile colocou-lhe a bolsa perto da mão.

— Monsieur — disse ela, calmamente —, meu avô deu-lhe tudo o que tinha, ou seja, quase nada; privou-se, por sua causa, da pouca comida que pode comprar, do pouco leite e do pouco vinho, do pão para fazer sopas. Comprou unguentos para as suas feridas e salva para ajudar a combater a febre. É um homem velho e fraco. E bom. Muitíssimo bom.

Por um momento, a dureza da sua expressão deu lugar a uma incontável tristeza. Mas logo foi substituída por um olhar que tinha muito de desprezo.

— O senhor veio para esta casa sem ser convidado e ameaçando. Recebemos o senhor, escondemo-lo, tratamo-lo, embora o senhor estivesse quase morto e com medo da própria sombra. Nunca deixamos de ter velas acesas à sua cabeceira, nunca o deixamos só, enquanto o senhor se debatia na minha cama e delirava, gritando. O que fizemos pelo senhor não foi na esperança de qualquer recompensa, apenas rezando para não sermos castigados por isso.

Fez uma pausa, olhou para ele de maneira direta e penetrante, e prosseguiu, com toda a calma, mas com crescente desprezo e impaciência:

— Não lhe devíamos nada. Discuti com o meu avô, mas ele tem um coração tão grande que se compadece até de um cão ferido, caído na sarjeta. E o senhor veio da sarjeta para esta casa, não foi, monsieur?

Arsène estava espantado com a insolência dela. Uma criada, a quem até a lei mal considerava um ser humano, uma criatura a quem não se permitia uma palavra impertinente, que podia ser presa e surrada por isso, ou mesmo por ousar erguer os olhos para um seu superior! Mas ela não só era insolente, como ousava olhá-lo nos olhos, sem medo e com desdém.

Apesar da sua fraqueza e da imprudência dela, Arsène não pôde deixar de sorrir. Mas Cécile não sorriu. Aproximou ainda mais a bolsa da mão dele.

— Há quinze coroas de ouro na sua bolsa, monsieur — disse ela. — Contei-as na noite em que o senhor chegou. Não tocamos em nada. Mas agora o senhor vai precisar de boa carne, de muito leite, de comidas finas, para se recuperar o mais rápido possível. Não podemos pagá-las. Cabe ao senhor escolher entre uma convalescença rápida ou uma cura lenta e dolorosa. Suplico-lhe que escolha da maneira mais sensata, para nos vermos, o mais depressa possível, livres do perigo da sua presença e do cansaço que resulta de cuidá-lo.

Arsène estava cada vez mais divertido e curioso. Seus dedos frios e trêmulos tentaram abrir a bolsa. De repente, parou, olhou para a jovem, que parecia esperar, as mãos cruzadas no peito, os olhos dardejando, severos.

— Meu avô não lhe pediria nada — disse ela, friamente. —

Ficaria chocado, se soubesse que eu lhe disse tudo isso. Mas o meu avô é como uma criança, que

precisa ser protegida, do senhor e dele mesmo. Entendeu, monsieur?

Abriu a bolsa e derramou as moedas de ouro sobre os dedos dele. Suas faces pálidas estavam agora coradas. Arsène riu, mas a sua risada mal passou de um murmúrio, tão fraca lhe saiu.

Sussurrou, com ironia:

— Mademoiselle, como a senhorita é boa! Não creia que sou ingrato. Reconheço na senhorita uma pessoa de grande bom senso. Fique com esse dinheiro e faça com ele o que quiser. Não lhe pedirei contas,

Se ele pensava que a desarmava, enganava-se. Ela pegou nas moedas, guardou-as e enfiou-as calmamente no bolso da sua saia. Depois, sacudiu o travesseiro, segurando-lhe a cabeça firmemente com a mão esquerda. Arsène sentiu toda a força e a juventude que havia nela. Cécile passou as mãos sob o corpo dele, sem qualquer mostra de embaraço, alisou o lençol e puxou as cobertas rasgadas para cima. Depois, foi à cozinha »e voltou com uma tigela de sopa. Sentou-se na beira da cama e levou-lhe a tigela aos lábios, segurando-lhe de novo a cabeça com o outro braço.

Arsène olhou para o rosto jovem e severo da moça, para os lábios rosados e firmes, e para os olhos azuis, tão belos e profundos, de expressão austera e contida.

Por um momento, não bebeu a sopa. Sorriu para ela e abanou a cabeça.

— Não, mademoiselle, não posso beber com um rosto como o seu tão próximo do meu. Parbleu! Um rosto desses faria qualquer homem ficar com febre.

Ela olhou para ele com exasperação e pressionou a tigela contra os lábios de Arsène.

— Monsieur — disse, severamente —, são quase seis horas. Estou muito atrasada. Beba, por favor, e poupe-me uma descompostura da patroa. É o mínimo que o senhor pode fazer por mim — acrescentou.

Ele bebeu, obedientemente, com docilidade exagerada. Por duas vezes se engasgou, pois ela fazia-o beber depressa demais, como se estivesse ansiosa por se ver livre dele. Não olhava para Arsène, e sim para o raio de sol, que aumentava sobre o chão de pedra.

A sopa era quente e rala, um caldo com sabor a carneiro e cebola. Arsène sentiu as forças lhe voltarem. Cécile pousou-lhe de novo e com impaciência a cabeça no travesseiro e levantou-se.

— Vou comprar-lhe bom vinho esta noite, melhor do que lhe demos até agora — disse ela, com ironia. — E também pão branco, manteiga e, talvez, um coelho, se houver no mercado.

Entrou de novo na cozinha e voltou com uma tigela vazia, algumas fatias de pão preto e um jarro de vinho, que despejou na tigela.

— Não é bem a comida a que o senhor está acostumado, mas vai ter que servir até que eu volte.

Pegou numa capa preta que havia aos pés da cama e colocou-a sobre os ombros. Arsène ergueu a mão com dificuldade.

— Posso perguntar-lhe — disse ele, na sua voz fraca — por que foi que fez tudo isto por mim, mademoiselle, quando é evidente que o fez contrariada?

Ela já estava na porta que separava os dois cômodos. Parou e olhou para ele, com uma cara que exprimia tristeza e desprezo ao mesmo tempo.

— Não precisa me agradecer, monsieur. Desprezo o que o senhor é e não lhe tenho estima. É ao meu avô que o senhor deve mostrar gratidão, pois eu lhe obedeço em tudo, embora ele seja igual a uma criança indefesa.

Dito isso, saiu, mas ainda ouviu o débil riso dele, como se ele achasse tudo aquilo muito divertido. O sangue subiu-lhe às faces, e ela murmurou algo, ao trancar a porta atrás de si.

Arsène devia ter dormido logo depois, porque, quando acordou, o quarto estava em total escuridão e a sala parecia inundada por uma luz cinzenta. Com os sentidos mais aguçados, ele podia agora distinguir o cheiro acre de poeira. O silêncio pressionava-lhe os ouvidos com melancólica insistência.

Mas ele estava mais consciente das forças que lhe voltavam e que lhe permitiam ensopar pedaços de pão no vinho amargo e comê-los. Horrível iguaria, mas Arsène ficou espantado com a sua voracidade. Aquela pobre gente dera-lhe do melhor que tinha: aquele quarto miserável, aquela magra comida.

Recostou-se no travesseiro mofado e pôs-se a pensar. Ocorreu-lhe, com surpresa infantil, que milhões de franceses viviam assim, milhões de criaturas anônimas, que nada sabiam das Tulherias e do Louvre, da Corte e dos teatros, dos salões de baile dos châteaux, de perfumes e de joias, de carruagens douradas e de grandes parques. Conheciam apenas ruelas malcheirosas, sujeira, fome, dor e doenças. Mas isso não devia ser novidade para ele! Não era tão estúpido assim.

Sim, eu sabia, pensou surpreso, mas ao mesmo tempo não sabia. Não sabia, porque nada disso me importava. Para mim, como para tantos outros, a França era a Corte, as intrigas dos cavaleiros, dos estadistas e dos jesuítas, propriedades e castelos, risadas em salões iluminados, guerras excitantes, galanteria, rendas e mulheres. Aqueles milhões de desgraçados, ignorantes e pisoteados, silenciosos e oprimidos, não eram a França. Não eram seres humanos. Viviam só para servir aos senhores e aos sacerdotes, a sem-vergonhas ricos e a mentirosos hipócritas. Não carregavam espadas, não faziam trapaças, não eram conhecedores de vinhos, não faziam complôs, não entendiam de modas, não conspiravam, não usavam rendas nem botas altas, não liam novelas obscenas nem compunham alegres epigramas. Em suma, existiam apenas como um mar escuro e imóvel, sobre o qual flutuavam os barcos de velas coloridas dos senhores. Um mar escuro e imóvel! Não, talvez um caos escuro e imóvel, à espera do primeiro relâmpago!

Mesmo sendo um huguenote, veemente, violento e desdenhoso, ele nunca pensara nas massas que formavam o povo francês. Como para todos os da sua classe, os da sua casta, o povo não existira. O povo que era a França.

O Cardeal Duque de Richelieu costumava frequentar a casa de seu pai depois que ele fora reintegrado na Corte, um bôtel nos Champs-Élysées. Arsène lembrava-se da sua cara sutil e satânica, dos olhos que pareciam ao mesmo tempo sobrenaturalmente ardentes e desumanamente frios. O homem fascinava-o, enchia-o de um ódio profundo mas sub-reptício, e ele vira com desprezo as demonstrações de servilismo do pai, os seus sorrisos nervosos e bajuladores. Ele, Arsène, limitara-se a sorrir e a ouvir, num silêncio cortês. Sabia que o Cardeal suspeitava dele, que não lhe tinha simpatia. Pior ainda, sabia que o tinha na conta de rapaz irresponsável, entregue às paixões próprias dos moços. Mas até que ponto o Cardeal sabia a respeito dele?

Tinha havido discussões, mas Arsène não conseguia recordar as frases elegantes e descuidosas que tinham sido ditas. Lembrava-se, porém, de uma coisa que o Cardeal dissera:

— Os homens não fazem as castas. A humanidade tende a mergulhar e a se erguer a certas camadas pela força de dotes inerentes, concedidos pela misteriosa vontade de Deus.

Arsène reconhecera, a contragosto, a agudeza daquela observação. Agora, deitado na cama de Cécile, sentia raiva da sua anterior ingenuidade. Espantava-o a sua imaturidade. Com uma única frase, o Cardeal dispusera de milhões de pessoas destituídas de luz e de esperança, ignorara o caos escuro e imóvel, fechara os ouvidos ao débil clamor do terremoto distante. (Só que ele ainda não sabia até que ponto aquela raiva tinha raízes no ódio e no medo que sentia do Cardeal.) Ficou abalado com aquelas revelações. O seu protestantismo fora apenas para ele, e para outros como ele, uma crença materialista, nascida não da indignação ou da compaixão, e sim do ódio das sutilezas, das superstições e do absurdo. No fundo, era uma expressão de revolta contra o pai e de horror às mentiras. Além do mais, tornara-se, para ele, uma doutrina exclusiva, que nada tinha a ver com religião ou dogmas, uma doutrina social, que interessava apenas a si mesmo e a outros da sua estirpe. Um modo de vida, adequado ao seu

temperamento. Uma forma de se libertar de um mundo de elegância e de intrigas doentias.

Agora, vagamente (levaria ainda muito tempo para se tornar clara e poderosa), ele via na sua crença uma liberação para todos os homens, uma liberação da escravidão e da opressão, do sofrimento e da exploração, da servidão, da fome e da crueldade. Era como que a emancipação de incontáveis multidões, curvadas sob o açoite dos poderosos, atormentadas e sem horizonte.

Pela primeira vez na sua vida, dentro de si se agitou um sentimento de compaixão universal, de raiva e indignação impessoais. Por temperamento, ele era astucioso, ora frio, ora violento, ora atirado, ora cauteloso, amando a aventura pela aventura, com um gosto pela aventura nascido da sua natureza vingativa. Recordou, com alguma humilhação, que, nas poucas vezes em que pensara no povo, fora com um desprezo e um ódio tão grandes como os do Cardeal e os dos jesuítas. O mesmo desprezo e o mesmo ódio dos príncipes alemães, ao abraçarem o protestantismo. Para eles, o protestantismo não se originara da indignação ante a miséria do povo, e sim de um temperamento avesso às restrições, à supervisão e à obediência, aos tributos impostos por Roma. Fora uma revolta pessoal, que nada tivera com um sentimento de compaixão pelos servos ou com a angústia calada do povo. Fora a revolta de simples e violentos temperamentos t, atônicos, desgostosos com as intrigas e as hipocrisias dos latinos, contra as quais a sua ingenuidade pueril não tinha defesas. A rebelião de crianças grandes, que odiavam a diplomacia francesa e italiana e que, incapazes de compreendê-la, só podiam temê-la e desconfiar dela.

A sua mente, aguçada pela recente febre e pela fraqueza do seu corpo usualmente forte, elevava-se como um vento capaz de levantar formas fogosas e apaixonadas. A sua inteligência não era do tipo filosófico ou meditativo. Fora sempre uma inteligência rápida e enérgica, viva e sensual, embora dura e calculista. Nunca fora dado à espiritualidade, à poesia, à intuição. Robusto e ativo, ele se deleitara na ação e no perigo. (Mas, embora ele não soubesse, no fundo havia uma ânsia de justiça, de lógica e de horror à falsidade.) Desprezara quase tudo, e no entanto a sua vida fora passada em meio a risadas e a paixões sensuais. Bom, embora arrogante, egoísta, embora cheio de capacidade de amar, egocêntrico mas dotado de um forte senso de humor, ambicioso mas, às vezes, extraordinariamente generoso e mão-aberta, sempre achara a vida colorida e excitante, cheia de amigos e companhias alegres. Entre os que se ligavam a ele em complôs perigosos, havia homens de olhos brilhantes, palavras nobres e espírito de sacrifício. Eram poucos, e ele tinha sentido apenas desdém e vontade de rir deles. Tinha a certeza de que, com mais uma volta da roda, eles teriam sido jesuítas entusiastas. Por natureza, Arsène desconfiava de todos os fanáticos, fossem eles bons ou maus.

Agora, sentia dentro dele a primeira vaga, ainda indecisa mas já gigantesca, de consciência, piedade e fúria impessoal. Mas eram apenas sombras; na qualidade de sombras, o sol brilhante da realidade poderia vir a dispersá-las. Sentia o coração bater rapidamente e a fraqueza aumentar, à medida que sentia o espírito mais forte, como se querendo separar-se do seu corpo emaciado.

Pensou em François Grandjean e em Cécile. Continuava muito ingênuo e, no seu novo entusiasmo, pensava, infantilmente, que todas as pessoas pobres eram como eles. A sua natureza era tão emocional que a estabilidade impessoal era, para ele, uma lição difícil de aprender. Orgulhara-se de um certo desligamento cínico, e teria ficado humilhado se descobrisse que, na realidade, não era capaz de tal desligamento.

Agora, a escuridão era muito grande. Ouviu o barulho de uma chave e logo um vulto pequeno e encurvado entrar no cômodo da frente. Os seus movimentos eram silenciosos e cautelosos. Ouviu esfregar a pederneira contra o aço, e a luz de uma vela se acendeu subitamente no escuro. Viu que o seu visitante era um sacerdote muito velho e muito pequeno, de costas encurvadas e pés arrastando. Lembrou-se vagamente de ter visto aquele padre quando estava febril e de ter ouvido a sua voz suave.

Vela em punho, o velho abade aproximou-se do quarto. À luz do castiçal improvisado, que ele segurava alto e timidamente, o seu rosto aparecia vividamente iluminado. Arsène viu nele tristeza e bondade, acanhamentos e puerilidade. Tinha olhos castanhos e afundados, um grande nariz romano, uma boca cansada e mansa, tudo compondo um rosto magro e pálido, que lembrava uma caveira. O seu cabelo ralo era branco-prateado, as suas roupas eram grosseiras e remendadas. No entanto, havia nele algo de heroico, um quê de firmeza e tranquilidade.

Mas Arsène olhou para ele com a crescente aversão que sentia por todos os padres, uma aversão que era quase física, como se motivada pela aproximação de uma criatura repelente. Esperou em silêncio, vendo o abade pousar a vela numa mesa que havia perto da cama. O velho aproximou-se da cama e curvou-se ansiosamente sobre o doente. Arsène devolveu-lhe o olhar, em que se liam frieza, desprezo e aversão.

O abade sorriu.

— Ah! — murmurou ele. — Estamos muito melhor. Estamos conscientes. Isto é ótimo.

Estendeu a mão para apalpar a testa do jovem, mas Arsène virou a cabeça para o lado, com uma careta. O abade ficou como que paralisado, a mão ainda estendida. Após um momento, deixou cair a mão, e o seu sorriso bondoso tornou-se um pouco fixo, como se estivesse espantado.

— Eu estou bem — disse Arsène, na sua voz fraca e rouca. (O velho padre matreiro, o urubu fedorento, farejando carniça!)

— Sim — retrucou o abade, suavemente —, o senhor já está bem, graças à devoção e às noites em claro dos seus amigos, e à misericórdia divina. Houve horas em que nada podíamos fazer, senão orar, orar por um homem cujo nome não conhecíamos e que parecia à beira da morte.

Fez uma pausa e sorriu, como se estivesse ligeiramente envergonhado.

— Receio, porém, ter me preocupado mais com o perigo que os meus amigos corriam do que com o senhor.

Arsène nada disse, mas os seus olhos brilhavam desdenhosamente, à luz da vela.

O abade sentou-se num banco e olhou ansiosamente para o jovem.

Arsène obrigou a voz a obedecer-lhe, e perguntou, friamente:

— Por que foi que o senhor veio?

O abade suspirou.

— Fiz uma promessa aos meus amigos de que, depois das vésperas, lhe faria companhia até que um deles voltasse.

— Não é necessário — disse Arsène, virando a cabeça para o outro lado.

O velho nada disse. De repente, Arsène sentiu sede. Como se adivinhasse, o abade levantou-se, foi até a cozinha e voltou com um copo de água, que levou aos lábios do doente. Arsène bebeu. Olhou por cima do copo e ficou espantado com a doçura que havia no sorriso compreensivo do outro. Todo o seu antagonismo, toda a sua aversão foram, involuntariamente, por água abaixo.

— Você precisa dormir, meu filho! — disse o abade.

E Arsène adormeceu.

● Capítulo V

Arsène sonhou que estava passeando alegremente a cavalo, nos jardins do Bois. A manhã estava cor-de-rosa, tudo à sua volta estava quieto, cristalino e ensolarado, e não havia ninguém, a não ser ele, ali. Via as sombras compridas das árvores, ouvia os doces murmúrios da passarada. Sentia a suave brisa da manhã no rosto, trazendo-lhe o perfume de milhares de flores, e pensou: Nunca me senti tão feliz. Mas não sabia dizer o que lhe causava tanta felicidade.

O seu cavalo trotava, alegremente, pelo caminho silencioso, que o sol manchava. Um galho roçou o seu chapéu emplumado. Tirou o chapéu e deixou o vento soprar-lhe os cabelos. Começou a cantar, cômico da sua juventude e da sua alegria de viver. O céu, através das árvores, formava quadrados e losangos turquesa. Que manhã tão fresca e tão pura! Tudo aquilo parecia um mundo apartado da Corte corrupta, com seu cheiro a pós e a perfumes fortes, com sua alegria forçada e seus olhares malévolos, com suas intrigas e sua elegância moribunda. Aquele era um mundo onde a vida imperava, e o mundo das posturas rígidas e das atitudes untuosas só existia à noite e na morte.

— Sou livre! — exclamou ele, em voz alta, e os pássaros e a brisa murmuraram, num eco: — Livre! Livre!

Mas, como se as palavras tivessem um poder mágico, um terrível encantamento, a luz desapareceu da terra, escureceu as árvores, e as flores, ofuscantes de cor, perderam todo o seu colorido e tornaram-se cinzentas. As fontes, que ele ouvira a distância gorgolejar e cantar, de repente assumiram o ronco ameaçador de cataratas. O vento passou a soprar frio como se viesse de mares gelados. O ar, um momento antes tão quente e oloroso, tornou-se gélido e com um cheiro como se proviesse de cidades incendiadas. Sentiu o chão tremer sob os seus pés; as árvores inclinaram-se, uivando, e as folhas, repentinamente murchas, caíram dos galhos e formaram rodamosinhos à volta dele. A poeira levantou-se e, transformada em fumaça cinza, sufocou-o. Tudo ao seu redor eram trovões, tremores de terra e desolação. Um medo terrível tomou conta do seu coração. Olhou em volta, apavorado, esperando ser destruído. Viu os ramos das árvores arrancados e despídos, como se fossem ossos, e a grama ondular furiosamente, tocada pela tempestade.

Olhou em torno, à espera de ver chegar os inimigos. Mas estava sozinho. E, ao se aperceber de que ninguém mais estava no meio de todo aquele horror de morte, destruição e ruína, sentiu-se ainda mais apavorado. O cavalo, debaixo dele, tremia, a cabeça encurvada.

Então, ouviu um murmúrio, que fazia parte do rodamosinho. Passaram-se alguns momentos, antes que ele percebesse que era o murmúrio de milhares de vozes roucas, subindo e descendo, gritando e berrando, ameaçadoras e dolorosas.

— Livres! — gritavam. — Livres! Livres!

Uma multidão de vozes, um mundo de gritos, subindo das entranhas da terra, atravessando os ramos retorcidos das árvores, descendo do céu, ecoando no espaço, soprando no vento e ressoando através das fontes e dos trovões. Não tardou que Arsène só ouvisse aquelas vozes, e o terror se apoderasse de todo o seu corpo.

Sentiu tudo tremer debaixo e à volta dele, como se o universo estremecesse nos seus alicerces e nas suas órbitas. O ar estava escurecendo; tornara-se asfixiante, como se a terra estivesse girando em meio à fumaça.

— Livres'! — gritaram as inúmeras vozes, e havia agora nelas um tom mortal, inexorável e assustador. Um universo de vozes espalhando-se implacavelmente pelo céu e pelo mundo. De repente, o céu tornou-se vermelho, como se refletisse a luz de centenas de cidades em chamas, e o rodamosinho

aumentou, com um terrível zumbido.

— O Juízo Final! — pensou Arsène e ficou à espera do fim. O céu, escarlate de chamas, clareou ameaçadoramente acima dele, em cima dele, em meio à escuridão abismal da noite.

— Livres! — berraram as vozes, triunfantes, e ele ouviu o estrondo de milhões de pés libertos, embora nada pudesse ver. Mas sentia no rosto o bafo de exércitos e multidões, arquejando, prenunciando destruição.

— É o fim — pensou Arsène.

Então, no exato momento em que pensou isso, não mais sentiu medo. Uma tremenda alegria cresceu dentro dele, de mistura com uma indignação exultante. Ergueu os braços para o ar.

— Livre! — gritou, juntando a sua voz às demais. Não era o fim, e sim o furioso prelúdio da manhã, a tempestade que pressagiava a calmaria, a ruína e o caos que antecedem a vida.

Acordou. Mesmo enquanto abria os olhos espantados, ouvia os últimos ecos das mil e uma vozes, elevando-se para o espaço, por entre as estrelas. Depois, fez-se silêncio, mas os seus tímpanos ainda ressoavam, e o silêncio era ainda mais intenso após a terrível gritaria.

O sonho era mais real do que o que ele viu, quando abriu os olhos. Estava agora muito escuro, e, à luz da vela, perto dele, sentava-se o velho abade, encurvado na sua cadeira, os lábios murchos movendo-se, os olhos fechados. O rosário rolava lentamente entre os seus dedos recurvos, e no seu rosto havia um ar de êxtase. Arsène olhou para ele. Não podia mais sentir desprezo pelo velho. De repente, o êxtase na expressão do velho cessou e os seus lábios pararam de mexer. O rosário escorregou para os seus joelhos ossudos e lá ficou, como se fossem lágrimas negras. O seu rosto adquiriu uma expressão de terrível sofrimento e exaustão. Suspirou profundamente e inclinou a cabeça. Uma a uma, as lágrimas brotaram de sob as pálpebras dos seus olhos fechados, e cada lágrima era uma gota de dor e sofrimento, brilhando pateticamente à luz da vela. Levou as mãos ao peito, convulsivamente, num gesto comovente, pois traduzia desespero e uma enorme tristeza.

Arsène ficou imóvel, na sua cama de palha. Ter deixado que o velho percebesse que o seu sofrimento fora visto por olhos estranhos teria sido imperdoável. Arsène sentiu-se movido por uma piedade até então desconhecida. Tinha a certeza, embora não soubesse explicar por quê, de que aquele sofrimento e aquelas lágrimas não se originavam de uma meditação fanática, de uma contemplação mística dos tormentos de Cristo. Não era coisa de padres, afastados dos homens, nem a expressão formal de um êxtase deliberadamente induzido. Eram as lágrimas de um velho, carregado de sofrimento, lágrimas terrenas, de dor, as lágrimas de todos os homens, amargas e isentas de misticismo, inconscientes de Deus.

Ele chora, pensou Arsène. Chora como homem, e não há fé, nem esperança, no seu choro. Era como se a realidade, para ele, se tivesse tornado mais exigente do que a superstição e lhe tivesse tornado impossível rezar, lhe tivesse afugentado toda a fé. O sentimento de piedade cresceu dentro de Arsène. Correu-lhe pelas veias, como o sangue corre dolorosamente pelos membros paralisados. Nunca sentira tal piedade, e a lembrança do sonho que tivera mesclou-se a esse novo sentimento.

Fechou os olhos. Virou o corpo enfraquecido na cama, de modo a fazê-la ranger. Suspirou, murmurou, imitando os movimentos e sons de uma pessoa despertando. Gemeu fracamente. Abriu de novo os olhos. O velho abade inclinava-se sobre ele com o seu sorriso doce, ansioso e solícito. Nas suas faces emaciadas brilhavam ainda as marcas das lágrimas do sofrimento. Sua mão, débil mas suave, pousou na testa de Arsène. O sorriso do velho era tão bondoso, tão calmo, ao ver que o doente não tinha febre, que Arsène duvidaria do que tinha visto, se não fossem os vestígios das lágrimas no rosto do abade.

— Estou bem — repetiu Arsène, devolvendo-lhe o sorriso.

— Sim — disse o abade. — E está na hora do seu caldo, meu filho.

Não disse aquilo untuosamente, à maneira dos padres, mas com amorosa sinceridade. Saiu do quarto, e Arsène viu-o agarrar-se à ombreira da porta, como que para apoiar-se. Regressou com uma tigela de sopa quente e uma colher. Sentou-se ao lado de Arsène e mergulhou a colher no caldo. Sorriu novamente, e Arsène sentiu-se comovido. Permitiu, docilmente, que o velho lhe desse de comer. Pouco a pouco, sentia voltarem-lhe as forças. O abade não falou, mas via-se que estava feliz com o apetite do jovem.

Arsène recostou-se nos travesseiros bolorentos, a vida voltando-lhe ao corpo.

— Por que o senhor, como todos aqui, me socorreu e me tratou, sendo eu um desconhecido saído da noite? — perguntou ele, numa voz cheia de desacostumada gratidão.

O velho abade ficou surpreso. Olhou para Arsène, incrédulo.

— Que pergunta estranha, meu filho! — disse ele. — Você estava ferido e perseguido. Estava doente. Que outra coisa poderíamos ter feito?

Arsène pensou nisso e frânziu a testa. Ah, mas vocês todos sabiam que eu não era nenhum pobre-diabo sem lar. Havia a minha espada e a minha pistola, as minhas roupas e o meu dinheiro. Tudo provas de riqueza. Se eu fosse um mendigo, talvez vocês não tivessem feito nenhuma dessas coisas por mim.

Olhou rapidamente para o abade. O rosto do velho, olhando para Arsène, tornara-se severo e digno. Não havia dúvida de que lera os pensamentos do rapaz.

— Não — disse ele, calmamente. — Não foi por desconfiarmos de que você não era como nós, e sim um grão-senhor. Além do mais, sabíamos que você corria perigo e que, ao abrigá-lo aqui, estávamos arriscando as nossas vidas. François contou-me que os mosqueteiros do Cardeal estavam atrás de você e que ele o escondeu.

Arsène ficou envergonhado, mas retrucou:

— E o senhor, um padre, não ficou preocupado com o fato de os homens de Sua Eminência estarem à minha procura, com espadas desembainhadas?

O velho abade suspirou e desviou o olhar. O ar de terrível sofrimento voltou-lhe ao rosto, mas ele nada disse. Por fim, sussurrou:

— Você estava fugindo e ferido, caçado e desesperado.

A vergonha de Arsène aumentou. Havia algum mistério em tudo aquilo, tinha a certeza disso, pela expressão de tristeza no olhar do ancião.

— Agradeço a todos do mais fundo do meu coração — disse ele, suavemente — E prometo que não esquecerei o bem que me fizeram.

O rosto do abade ficou de novo severo e digno.

— Não lhe pedimos nada, monsieur, a não ser que recupere a saúde rapidamente e saia desta casa. O senhor é um perigo constante para nós.

— Não temam — replicou Arsène, com um quê de desprezo. — Asseguro-lhe que, mesmo que os asseclas do Cardeal conhecessem a minha verdadeira identidade, não levantariam um dedo contra mim.

Mas não pôde deixar de pensar, cinicamente, se isso seria inteiramente verdade.

— Mesmo sabendo que o senhor é um huguenote? — perguntou o padre, olhando-o de frente.

— Ah então, vocês sabem. — Sorriu Arsène, olhando atentamente para o velho. — E nem isso o preocupa? O senhor não odeia o protestantismo, como todos os padres?

O abade levantou-se, pegou na tigela e na colher e levou-as para a cozinha. Voltou e sentou-se novamente no banco ao lado de Arsène. Olhou-o fixo e os seus olhos fundos brilharam à luz da vela.

— Nada que faz os homens pensar é mau — disse ele. — E uma' espada pode cortar fora a carne gangrenada. Uma fonte de água fria pode levar por água abaixo a corrupção.

Arsène ficou perplexo, pois não entendia sutilezas. As palavras do ancião irritavam-no, com a sua

ambiguidade. Ambiguidade que, ele sabia, era a própria essência do sacerdócio, o cantochão dos charlatães e dos mentirosos.

Disse, algo infantilmente:

— Sou seu inimigo confesso.

O velho encarou-o com genuína surpresa. Mas logo sorriu, como se para uma criança, com ar divertido.

— Nenhum homem é meu inimigo — retrucou —, a menos que eu o admita como tal.

— Isso é um sofisma místico — observou Arsène, com desdém.

— Não — disse o padre —, é uma verdade. Nenhum homem pode ferir outro, a menos que o outro admita que ele seja capaz de feri-lo. Não existe o mal se negarmos a sua existência; não há ameaça para a alma, a menos que a alma aceite a realidade do mal.

— E q senhor se recusa a acreditar que o mal existe? — perguntou Arsène, ao mesmo tempo divertido e desdenhoso.

Mais uma vez se envergonhou ao ver a súbita tristeza do velho. O abade desviou o olhar e fixou-o no espaço.

— Sou fraco, velho e pecador — murmurou ele. — Se eu tivesse verdadeira fé, saberia que o mal só existe na imaginação dos homens e nos corações corruptos dos inimigos de Deus. Deus não criou nada de mau; portanto, o bem é a única realidade. Como é, pois, possível crer na existência do mal?

O seu rosto iluminou-se, tornou-se subitamente extasiado, como se algum maravilhoso segredo lhe houvesse sido revelado por outra voz. Seu corpo emaciado pareceu crescer, como o de um prisioneiro quando se vê livre das grilhetas. Um misto de alegria e heroísmo surgiu nos seus olhos, brilhou como se fosse o reflexo do sol. Lançou sobre Arsène toda a radiância do seu rosto transfigurado.

— Meu filho — disse ele, numa voz trêmula —, você me fez uma coisa miraculosa!

Incapaz de sutilezas, Arsène ficou-espantado e olhou para o abade com desconfiança. Quereria engabelá-lo? Conhecia as artimanhas dos padres. Além do mais, sentia-se como um garoto ignorante, na presença de um homem de grande estatura. Isso não contribuiu para lhe restaurar o bom humor.

Depois, outro pensamento lhe ocorreu. Lembrou-se, vagamente, de que muitas vezes, durante o dia, outra pessoa tinha estado lá, um jovem como ele, trazendo-lhe tigelas de caldo e bacias, cuidando dele, lavando-lhe as feridas. Tinha uma leve recordação de um rosto fino e magro, de considerável beleza. Olhou para o abade. A luz sobrenatural abandonara-lhe o rosto, substituída por uma paz radiante.

— Havia outra pessoa aqui, às vezes — disse Arsène, irritado com o ar extasiado do abade. — Quem é?

O velho olhou para ele, estupidificado. De repente, o seu olhar tornou-se terno.

— É o meu sobrinho, um jovem de Toulouse — disse ele. — É estudante. Cuida da minha humilde casa, e eu lhe ensino o que sei. Também é poeta. — Hesitou, ficou triste. — A mãe dele, minha irmã, morreu de fome. Houve uma seca na terra deles, e o meu sobrinho veio morar comigo.

Olhou de novo para o vácuo e suspirou.

Arsène ficou a olhá-lo com interesse e desusada curiosidade. Aquele pobre velho recordava-lhe os curas miseráveis de aldeias também miseráveis, criaturas que ele não considerara como seres humanos. Ficou espantado de que, no passado, a humanidade lhe tivesse parecido, e a outros como ele, atributo exclusivo dos afortunados e dos cultos, dos nobres e dos aristocratas. Para além daquele círculo perfumado e sofisticado existira um vasto mundo de subcriaturas, passando fome, oprimidas e desprezadas, com quem apenas os padres se preocupavam. Agora, porém, ele via humanidade naqueles desgraçados, a marca da sua própria raça nas suas feições torturadas, uma capacidade igual à sua de viver, de sofrer e de ter alegria, refletida nos seus olhos.

Se isso é assim, pensou ele, alguma coisa deve estar muito errada. Havia algo que exigia vingança dos céus, a compaixão dos santos, a retribuição de todo o mundo. Da mesma forma que Genghis Kahn, os poderosos tinham estendido as suas toalhas-de banquete sobre os corpos moribundos dos indefesos, e festejado em voz alta por sobre os gemidos. Mas sem dúvida o dia da libertação se aproximava, e aí de quem ficasse no caminho do sangrento dilúvio. Ouviu de novo, como no sonho, os gritos de mil e uma vozes, o som de milhões de pés libertos. Quando esse dia viesse, não haveria piedade para com os opressores, para com os que sorriam nos castelos ducais, para com os bispos exploradores do povo, para com os tronos e os reis.

O abade viu os olhos do doente escurecerem e brilharem, e exclamou:

— Pronto, já o cansei! Você precisa repousar, meu filho.

Trouxe uma bacia com água fresca e lavou o rosto e as mãos escaldantes de Arsène, enxugando-os com um trapo limpo.

—• Estive pensando — disse Arsène, com um sorriso — e garanto-lhe, mon abbé, que isso não é coisa que eu costume fazer.

Mas o abade não sorriu. Ficou de pé, com a bacia na mão, e olhou para o jovem com uma expressão grave e estranha. Seus olhos castanhos estavam severos e brilhantes. Mas nada disse. Levou a bacia e o trapo para a cozinha, voltou, sentou-se no banco e ficou vendo a vela queimar, como se houvesse esquecido Arsène. Suas mãos enrugadas estavam de palmas para cima, sobre os joelhos, numa atitude de cansaço e desolação, os ombros estavam inclinados sob a roupa. Toda a sua atitude era de paciência, mas também de sofrimento.

— Qual o seu nome, mon abbé? — perguntou Arsène, após uma longa pausa, e numa voz desusadamente suave.

O velho estremeceu. Olhou para Arsène, espantado.

— Meu nome é André Mourion, monsieur — disse ele por fim, como se despertasse de um sonho. — E esta é a minha paróquia. Paróquia pobre, mas eu faço o que posso.

Suspirou profundamente, e o som que emitiu foi como um soluço.

— E a moça, Cécile — insistiu Arsène. — É uma empregada?

À menção do nome da jovem, o velho padre sorriu, como se tivesse visto um raio de sol.

— Sim, monsieur. Ou, melhor, ajuda as costureiras da casa de Madame de Tremblant, que tem quatro filhas e muito serviço de costura. Cécile me contou que uma delas, Mademoiselle Clarisse, está noiva e deve casar em breve.

Parou, surpreso, pois o rosto de Arsène enrubescera, ao ouvir falar naqueles nomes.

— Conhece a família? — perguntou o abade.

Arsène ficou ainda mais vermelho.

— Ligeiramente — murmurou. — Apenas ligeiramente.

Virou a cabeça para o lado, para fugir ao escrutínio do outro.

Estava muito confuso. Não pensara na linda e loura Clarisse desde a noite em que chegara àquela casa; não pensara em Clarisse, sua noiva. Reviu-a mentalmente, elegante e delicada, com um corpo esbelto e gracioso e um rosto malicioso, cheio de petulância e alegria. Viu os seus cachos louros e os seus brilhantes olhos azuis, suas mãos pequenas e brancas e os seus belos ombros acetinados. Ou-viu-lhe a voz cristalina, as risadas despreocupadas, e recordou-lhe os gestos caprichosos e imperiosos. Era a terceira filha de Madame de Tremblant, dama famosa pela devassidão, e a única possuidora de grande beleza, embora as outras filhas, pobres criaturas langorosas, também fossem bastante bonitas. Fora um triunfo, para Madame de Tremblant, contratar o noivado de Clarisse com o filho de Armand de Richepin, Marquês de Vaubon, reintegrado nas boas graças do Rei e da-Igreja.

Um pensamento embaraçoso tomou conta de Arsène. Voltou abruptamente a cabeça e olhou para o abade.

— Cécile sabe o nome do gentil-homem de quem Mademoiselle de Tremblant ficou noiva?

O abade abanou a cabeça.

— Não, acho que não.

Estava mais espantado do que nunca. Lembrou-se, então, de algo que fez com que o seu velho rosto se iluminasse.

— Cécile também está noiva — disse ele — do meu sobrinho, Henri Chalon. Madame de Tremblant prometeu empregá-lo como seu laçao. Cécile caiu nas boas graças de Madame e, ao saber do seu próximo casamento, ela tomou a si ajudar os pobres noivos. Cécile e Henri vão morar na residência de Madame de Tremblant, o que vai ser ótimo.

— Que ocupação para um poeta! — murmurou Arsène, com intenção de ridicularizar.

O abade olhou para ele com dignidade.

— François Villon não passava de um vagabundo — disse, em tom de censura.

Arsène pensou no rosto belo e nobre da jovem Cécile, no seu porte distinto e na sua voz suave. E pensou em Madame de Tremblant, uma autêntica bruxa velha, para quem nada era sagrado e tudo era mau. Ficou indignado e espantado consigo mesmo. Que coisa estranha. Ele sempre achara graça em Madame de Tremblant, a intrigante, a alegre e astuta confidente e grande amiga de Sua Majestade, a Rainha. Nenhuma festa da Corte seria completa sem a sua estridente e devassa supervisão, seus leques e suas atitudes, suas piadas ferinas e seus epigramas. Até mesmo as amantes do Rei tinham medo da sua língua, e o Cardeal, dizia-se, encarava-a com ar divertido e apreciador. Ela sabia de tudo, inclusive quando não devia falar. Incurrir na sua inimizade era o pesadelo de todos os cortesãos ambiciosos e de todas as damas corruptas. Corria, inclusive, o rumor de que ela era temida em Londres devido à sua influência, e de que muitos tesouros secretos tinham entrado em sua casa como presentes do embaixador britânico. O próprio Buckingham, quando não havia perigo em ir a Paris, costumava hospedar-se na casa dela.

Madame de Tremblant orgulhava-se abertamente da sua ambição, da sua natureza traiçoeira, do seu poder e da sua perversidade. Tendo ficado viúva logo após o nascimento da última filha, herdara do pai e do marido, o Conde de Tremblant, que também fora o favorito do Rei e da Igreja, uma enorme fortuna e grandes propriedades. Embora estivesse beirando os cinquenta, continuava bela, arrogante, libertina e sem escrúpulos, e as suas toaletes causavam inveja à própria Rainha. Mas mantinha as filhas enclausuradas como freiras, enquanto examinava, fria e astutamente, todos os jovens bons partidos da Corte. Muitos havia que dariam graças aos céus por desposar qualquer uma das moças, por motivos de dote e influência. As três mais velhas, entre as quais se contava Clarisse, já estavam noivas e os seus noivados refletiam a perspicácia e o gênio casamenteiro de Madame de Tremblant.

Arsène pensou em todas essas coisas e alheou-se completamente. Quando olhou para cima, viu que o abade o contemplava com ar preocupado, e deu-se conta de que estava de cara amarrada.

— Está sentindo dor? — perguntou o abade.

— Não — respondeu Arsène, impaciente.

Mas estava exausto. Era tão raro pensar que ficava cansado, da mesma forma que os músculos que não se usam muito ficam facilmente doloridos. Ao ver a preocupação espantada do abade, lembrou-se do pai, que muitas vezes o olhava assim, perturbado, à espera de uma explicação.

Os dois homens olharam um para o outro em silêncio, mas Arsène viu apenas o rosto fino e moreno do pai.

Durante toda a sua vida descuidada, sentira apenas aversão, desdém e tédio pelo pai. Mais dado ao ódio do que ao afeto, não odiara, contudo, Armand de Richepin, pois ninguém consegue odiar a quem nos

adora. Agora, lembrando-se do pai, sentia o velho desdém, a velha indiferença divertida, mas, ao mesmo tempo, uma nova piedade, um novo afeto, uma nova preocupação.

Agora Arsène sabia que o terror que o pai sentia era menor por si próprio do que pelo filho. Envergonhou-se da passada crueldade, lembrando-se menos das fraquezas, da avareza e da ambição paternas e mais do seu amor e devoção por ele. Atormentara o pobre homem, sem nenhum motivo, exceto o seu próprio egoísmo e a sua insensibilidade.

Examinou o abade, seus olhos escuros apertados e brilhantes. Poderia confiar naquele velho, que vestia a odiada batina, representativa de uma hierarquia que ele tanto detestava? A superstição não seria mais forte do que a piedade, e a escravidão de uma alma mais poderosa do que a compaixão humana?

— Posso confiar no senhor, mon abbé? — perguntou, abruptamente.

Surpreso, o abade só pôde olhar para ele, espantado. Depois, inclinou a cabeça, com uma espécie de orgulho humilde.

— Sou um velho pecador — murmurou tristemente André Mourion. — Más nunca, que eu saiba, traí, fosse quem fosse.

Arsène hesitava ainda, os olhos fixos no outro. Havia tantas dificuldades a considerar, mesmo ppndo de lado a possibilidade de ser traído pelo padre! Considerou-as. O abade ficou a olhar para ele, vendo a frieza e a suspeita estampadas no rosto do jovem, a dureza dos seus olhos escuros, o tremor impaciente da sua boca amarga. Durante as noites todas em que cuidara dele, sentira-se próximo daquela criatura, que tanto sofrera. Diante da morte, da dor e da compaixão, tinham sido dois homens apenas. Agora, o velho sacerdote sentia o afastamento, a frieza, a casta daquele desconhecido, via-lhe o olhar altaneiro e aristocrático, brutal e desdenhoso. Conhecia bem aquele olhar, deitado do alto de carruagens douradas, ao longo de estradas poeirentas ou ruas cheias de gente, um olhar que o consignava, e a todos os pobres, ao limbo, ao lugar dos sub-homens. E sentiu apenas o mesmo desespero e a mesma tristeza de sempre.

— Fique sabendo, velho — disse Arsène, numa voz que combinava com o olhar —, que, se você me trair, terá um destino pior do que a morte, mesmo que o diabo do Papa em pessoa interceda a seu favor.

Estacou, abruptamente, vendo o abade esboçar um sorriso, como se estivesse ouvindo as ameaças de uma criança mimada e insensível. Mas no seu sorriso havia tristeza e compreensão.

— Não precisa me ameaçar, monsieur — retrucou, com suavidade. — Não tenho medo de nenhum homem, e nada temo, a não ser a maldade, a depravação e a falta de coração dos homens.

Havia tanta sinceridade na sua voz que Arsène ficou envergonhado. Não obstante, perguntou, friamente:

— Quem pode confiar nos padres?

Arquejou um pouco, de cansaço, mas afastou a mão do abade, que procurava apalpar-lhe a testa para ver se ele tinha febre.

— Quero que me faça um favor, antes que os outros voltem. Trata-se de levar uns recados e é segredo. Vá até ao Hôtel du Vaubon, nos Champs-Élysées. Lá chegando, pergunte por um jovem laçao chamado Pierre Brissons. Peça para ele vir até o portão e diga-lhe que vejo da minha parte, e ele o levará até o meu... à presença de Monsieur le Marquis du Vaubon, a quem o senhor dirá: “Vim de parte de um certo Arsène de Richèpin. . .”

Fez uma pausa e fixou de novo os olhos penetrantes e arrogantes no rosto do abade, como que à espera da sua reação. O abade olhou para ele e recuou um ou dois passos. A boca abriu-se e uma expressão de incerteza e consternação tomou, por momentos, conta do rosto do velho. Mas não havia nele medo e nem temor. Olhou uma vez para a porta, como se por ela pudessem entrar inimigos. Umedeceu os lábios enrugados e fitou Arsène.

— Como pode ver — disse o jovem —, eu não preciso ter medo de ninguém, nem mesmo do seu

maldito Cardeal.

A sua voz era de alarde, mas ele não tinha a certeza do que dizia. O Cardeal, sinistro e sutil, onipotente e sempre alerta, sem dúvida sabia das atividades do filho do Marquês de Vaubon, como sabia de tudo. Talvez não houvesse um homem em Paris cuja morte ele mais desejasse, mas teria que ser uma morte obscura e anônima, por causa do grande amigo do Cardeal e de Sua Majestade, o Rei.

Além disso, Arsène, apesar das recentes revelações a que fora submetido, não podia facilmente libertar-se dos hábitos e das convicções de toda uma vida. Consequentemente, ficou aborrecido com a ausência de temor manifestada pelo abade e da falta de adulação por parte dele. Estava por demais acostumado à ideia de que a missão da Igreja era servir aos poderosos. Via, irritado, que a única preocupação do abade era pela situação dos seus pobres amigos, mais precária agora do que nunca.

— Ninguém vai sofrer — disse Arsène, com desdém. — Como poderiam vocês saber a minha identidade? O senhor dirá isso a Monsieur le Marquis, se ele perguntar por que razão não o informaram antes. — E acrescentou, com impaciência: — Não preciso lhe dizer que Monsieur le Marquis, o amigo íntimo do Cardeal, é meu pai.

— Eu sei — disse o abade, numa voz baixa e trêmula.

Fitou em Arsène uns olhos tristes e intensos, cuja cor castanha lembrava a sombra da água iluminada pelo sol, sob os salgueiros.

— O senhor não parece impressionado — comentou Arsène, com uma risada breve, e sentiu-se imediatamente envergonhado.

O abade nada disse, mas torceu convulsivamente as mãos.

— Não se demore a falar com o marquês — continuou Arsène. — Diga-lhe que é do meu interesse que nem ele saiba onde me escondo. Diga-lhe que lhe dei ordens para o senhor não falar nisso. Ele é um homem nervoso e impaciente, e o senhor não deve ficar intimidado com as suas maneiras. Diga-lhe também — acrescentou — que eu estou me recuperando e que, dentro de uma semana, voltarei para casa. Pode ser que ele desconfie: confia tanto nos padres quanto eu, e o senhor terá que convencê-lo de que é digno de confiança.

— Acha que ele vai acreditar em mim, monsieur?

— Sem dúvida. — Arsène olhou para a espada e apontou para ela. — Leve-a. Meu pai terá a certeza de que o senhor veio da minha parte. Peça-lhe também que me mande dinheiro. — Riu, divertido. — Mademoiselle Cécile carregou o meu dinheiro e estou tão pobre quanto um mendigo. . . uma situação muito estranha. Peça também ao marquês um embrulho com roupas, pois fui forçado a me desembaraçar do casaco e da capa, para poder atravessar a nado o Sena. — Pensou um pouco. — Diga a meu pai que fui levemente ferido, mas já estou bem. — Apalpou a cicatriz na face morena e olhou para o braço envolto em ataduras. — E que eu vou precisar ficar escondido uns dias mais. Não é necessário dizer-lhe que também estive doente.

Olhou para o abade com um pouco de espanto. Era a primeira vez que pensava na dor e na preocupação do pai. Até então, tivera-as na conta de bobagens, de emoções ridículas, nascidas do terror e do nervosismo crônico do marquês. Chegara mesmo a provocar medo nele, pelo simples prazer de lhe ver o rosto contorcido e os olhos apavorados, denunciadores de apreensão no rosto pálido e suarento do pai.

O abade pegou na espada, mas parecia não vê-la, embora girasse mecanicamente o cabo, fazendo a luz da vela refletir-se nele. Arsène seguia-lhe os movimentos com curiosidade. Em que estaria o velho pensando? A seguir, como se o tivesse esquecido, o abade saiu do quarto, com seus passos trôpegos.

Só depois de ele ter saído foi que Arsène, amaldiçoando a sua falta de visão, se apercebeu de como

pusera em perigo o seu benfeitor. Provavelmente, Armand não confiaria nele, levado pelo terror e pela covardia que lhe eram inerentes. Era bem possível que mandasse prender o padre. Não se podiam prever as reações histéricas do marquês. Podia acusar o abade de ter matado o filho, de ser um impostor, de ter tentado roubá-lo. Podia gritar denúncias e acusações, fazendo com que o abade fosse arrastado para uma prisão e lá morresse. Paris inteira bem podia ficar sabendo do acontecido com ele, Arsène, pois Armand não se notabilizava pela prudência e reticência. A única esperança era de que o abade o fosse encontrar em maré de rara calma e o pudesse convencer da situação em que o filho se encontrava. Porque havia outras pessoas, no Hôtel du Vaubon, que facilmente acreditariam e se apressariam em mandar recado ao seu diabólico patrão. Se assim fosse, seriam logo enviados assassinos para eliminar, caladamente, Arsène de Richepin e atirar-lhe o corpo deformado no Sena ou enterrá-lo numa sepultura anônima. Mesmo no caso de o abade conseguir fazer-se acreditar, podia ser seguido de volta à casa, se a conversa fosse ouvida por certas pessoas.

— Meu Deus! — murmurou Arsène. — Por que eu fui ter um homem imbecil e efeminado como pai?

A sua imaginação, aguçada pela recente doença, não tardou a povoar aquela pobre casa de inimigos, que entravam sem fazer barulho e sem serem vistos, e o matavam, ali, sozinho e indefeso naquela cama. A jovem ou seu avô podiam entrar no quarto e encontrá-lo afogando-se no próprio sangue ou, pior ainda, podiam voltar no meio da matança e ser assassinados, para nada poderem contar do que tinham visto.

Não deixava de ser estranho o fato de esse pensamento horrorizar mais o rapaz do que o da própria morte. Era horrível pensar que a única recompensa que ele podia dar aos seus benfeitores era uma morte rápida e impiedosa. Ficou alarmadíssimo e apoiou-se no cotovelo, sem sequer sentir o braço ferido. Não tinha nem mesmo a espada para se proteger, e ao velho e sua neta, isso se tivesse força para se levantar e usá-la. Começou a suar frio. Olhou em volta, como um animal desvairado, à procura de um lugar onde se esconder. Nesse momento, ouviu um barulhinho. Alguém estava entrando, pé ante pé.

À débil luz da vela, Arsène distinguiu o vulto de François Grandjean e, atrás dele, a silhueta esbelta de Cécile.

● Capítulo VI

Ao sair do trabalho, François Grandjean ia esperar a neta no portão do Hôtel de Tremblant. Apesar de estar velho e cansado, a sua presença representava mais segurança para a moça, obrigada a atravessar as ruas de Paris à noite. Cavalheiros galantes e perfumados, em cadeiras douradas, ou mascarados e envoltos em capas, formando grupos dispostos a tudo para se divertir, muitas vezes atacavam juvenzinhas que voltavam sozinhas para casa, aproveitando-se do escuro das ruas. O mínimo que elas podiam esperar era ser beijadas e apalpadas lascivamente. E a polícia, em vez de proteger as vítimas, fechava os olhos a tais proezas, a troco de algumas moedas que os libertinos lhe atiravam. Além disso, a polícia sabia que não adiantava interferir. Mais de um guarda fora parar na sarjeta, com a cabeça partida, por ser indiscreto. (Dizia-se que o próprio Rei, até passar a se interessar desmedidamente por questões culinárias, costumava também participar desses esportes noturnos.)

Quando voltavam juntos para casa, François vinha armado de um grosso cajado, e Cécile puxava o capuz para a frente, de modo a tapar a bonita cabeça, e imitava o andar de uma velha, à aproximação de perigo. Não se esquecia de que uma jovem criadinha, sua colega no palacete dos Tremblant, desaparecera misteriosamente à meia-noite, quando se dirigia à casa da mãe inválida.

Tinham passado pelo mercado, onde Cécile escolhera competentemente uma galinha bem gorda, verduras, uma garrafa de vinho decente, uma réstia de cebolas e um coelho. Espantado, François ficara não obstante calado, ao vê-la regatear, mas abrira a boca, incrédulo, ante a moeda de ouro que ela dera em pagamento. Passando por uma barraca de flores, Cécile comprara um buquezinho de violetas, que enfiara no decote do corpete. Ao saírem do mercado, ele não pudera mais se conter, e perguntou:

— Minha filha, de onde você tirou esse dinheiro?

— Da bolsa de Monsieur Arsène, com licença dele. Na verdade, peguei a bolsa toda — acrescentou a moça calmamente, do fundo do capuz. Parou à porta de uma pâtisserie e, enquanto François, a cabeça tonta, permanecia do lado de fora, comprou várias tortas, que colocou nas mãos do avô. De repente, Cécile largou a rir amargamente. — O cavalheiro insinuou que não gostava da nossa comida — disse ela.

— Você pediu-lhe dinheiro? — perguntou François, num tom de voz doloroso.

— Claro que sim. Já lhe disse. Ele é um poço de soberba. Precisamos ver-nos livres dele, e a boa comida apressará esse dia.

O rosto exausto de François corou e, ao passarem por uma sentinela que carregava uma tocha, Cécile viu que ele estava muito aborrecido.

— Vovô — disse ela, na sua voz jovem e gélida —, não podemos nos permitir pieguices bobas. Ele veio para nossa casa sem ser convidado. Tratamo-lo com caridade cristã, e ele quer pagar-nos com desprezo, como se fosse nosso dever cuidar de gente da sua casta. Não tem nem um pouco de gratidão. Dentro de um ou dois dias, vou exigir-lhe pagamento integral por tudo o que lhe fizemos.

O velho não podia ver o rosto da neta, mas sentia a firmeza do seu andar e ouvia a inflexível amargura do seu tom de voz.

— Não posso permitir isso — disse ele.

Ela apoiou-se no avô e riu, indulgentemente.

— Vovô, eu só tenho quinze anos, mas conheço o mundo. Nisso eu não posso lhe obedecer.

— Você é dura, ma petit — suspirou o ancião. Mas não pôde deixar de sorrir. — Você me disse — acrescentou — que o nosso inválido está muito melhor. Essa é uma ótima notícia. Ele tem sofrido muito.

— Mas não por nossa culpa, nem nós temos nada a ver com isso. Devia dar graças a Deus por não o termos entregue aos guardas do Cardeal ou expulso de casa. Não podemos esperar nada desses monstros,

nenhuma gratidão. Pelo menos, podemos exigir uma recompensa. Se bem que eu duvido de que ele se digne recompensar-nos.

Chegaram à casa miserável onde viviam. O abade não estava, mas Arsène apoiava-se num cotovelo e recebeu-os com excitação febril.

— Minha pistola! — exclamou com voz fraca. — Preciso dela imediatamente!

François correu para a cabeceira da cama, examinando, com olhos experientes e ar ansioso, o rosto abatido e vermelho do doente e os seus olhos inflamados. Mas Cécile, sem sequer lhe deitar um olhar, passou diretamente para a cozinha, com as compras.

— Minha pistola! — gritou Arsène, afastando para o lado a mão de François.

O ancião, espantado, ergueu a pistola do banco e, sem dizer palavra, entregou-a a Arsène. Lutando para sentar-se na cama, o jovem engatilhou a pistola. Mas logo a atirou para longe, com um gemido.

— Vazia! — exclamou.

Fitou febrilmente o velho.

— Claro! — disse François, suavemente. — Não usou a arma antes de se refugiar aqui?

Os lábios ressequidos de Arsène abriram-se para falar, mas logo ele se calou, deixando-se cair, ofegante, no travesseiro. François examinou-o preocupado, achando que Cécile fora muito otimista quanto à sua recuperação. Aquele homem estava era delirando, ao gritar pela pistola. Por outro lado, a ausência do abade era incompreensível. Era a primeira vez que lhes falhava.

Mas a primeira preocupação de François foi acalmar Arsène.

— Não há necessidade de armas nesta casa — garantiu-lhe.

Olhou para a mesa, sobre a qual se via um copo meio cheio de água. Ofereceu-o ao doente, mas Arsène sacudiu impacientemente a cabeça. Seus olhos fixaram-se em François com desvario. Era evidente que estava perdendo o controle de si mesmo.

— Fui um idiota — murmurou, por entre os dentes cerrados.

— Mandei aquele imbecil do abade fazer um recado pará mim. . .

— Fez uma pausa e depois explodiu, já sem controle algum: — Mandei-o falar com o meu pai, um idiota que mais parece uma mulher e que não vai lhe dar ouvidos! A qualquer momento, os assassinos entrarão por esta porta e nos destruirão a todos!

François ouviu aquilo entre espantado e temeroso. Arsène fixou os olhos nele.

— Tenho que dar um jeito de sair imediatamente desta casa, não só por mim, como por vocês também.

François encaminhou-se para a porta e trancou-a com ferrolho. Depois, voltou para junto da cama.

— Conte-me tudo — disse, calmamente.

Ouviu com atenção a história que Arsène lhe contou, numa voz furiosa e arquejante. Quando Arsène terminou, ele sentou-se no banco sem mostrar qualquer perturbação, e pôs-se a pensar.

— Será que você não me entendeu, velho? — perguntou Arsène, tomado de uma terrível impaciência. — Meu pai é Armand de Richepin, Marquês de Vaubon, e eu mandei. . .

— Já ouvi — atalhou François, com toda a calma. — Não precisa se excitar, Monsieur du Richepin. Pensou que me ia impressionar? Se pensou, garanto-lhe que se enganou.

— Vamos pensar com calma. O abade Mourion não é nenhum idiota, nem nenhuma criança. Já tratou com muitos homens. Confie na sua sabedoria, monsieur. É a única coisa que podemos fazer.

Cécile acendera o fogo na cozinha e pusera a galinha e o coelho numa grande caçarola. Voltou para o quarto, uma expressão fria no rosto jovem, uma atitude calma. Olhou para Arsène com desprezo.

— Esse é um que não confia em ninguém — disse ela. — Mas como culpá-lo, quando nos lembramos de que sempre julgamos os outros por aquilo que somos?

A luz da vela brilhou nos seus belos olhos azuis, nos seus cabelos castanho-claros e nã sua garganta branca. Ficou junto da porta, ereta e quieta. Arsène olhou para ela, furibundo.

— Vã embora, mocinha — disse ele.

Mas Cécile entrou no quarto e colocou a bolsa vazia de Arsène na cama, ao alcance da mão dele. Depois, voltou-se para o avô.

— Ouvi o que ele contou. Talvez os seus temores se justifiquem. Mas o senhor acha mesmo que o pobre abade seja discreto?

— Não tenho dúvida quanto a isso, minha filha — retrucou François, com um suspiro fundo.

Estava muito preocupado com a agitação e a atitude de Arsène.

— Descanse sossegado, monsieur. Não há nenhum perigo. Pelo menos não pior do que o que nós já passamos. O senhor ficará mais doente, se permitir que a sua imaginação se perca em improbabilidades.

A sua voz e a sua atitude eram tão calmas, tão suaves, que Arsène tranquilizou-se, apesar dos seus receios e de não ter ilusões quanto ao pai. Deixou que François lhe alisasse o travesseiro, lhe lavasse o rosto e as mãos, enquanto Cécile assistia, fria e distante.

— Como vamos poder suportar, se acontecer algo com o abade? — murmurou ela, deitando a Arsène um olhar duro.

— Temos que confiar na discrição dele — replicou François, olhando reprovadamente para a neta. — Sabemos como o abade é sensato. E podemos ter a certeza de que não há coerção de espécie alguma que o leve a nos trair.

Arsène ficou de novo alarmado, mas não por si mesmo.

— Nunca me perdoarei, se algo de mau lhe acontecer — disse ele, e as palavras soaram estranhas aos seus próprios ouvidos.

François olhou-o com bondade.

— Precisamos confiar no abade — repetiu ele.

Olharam um para o outro num silêncio súbito e comovido. A moça ficou impressionada, apesar da raiva, que sentia. Olhou para Arsène com certa brandura, trazendo ao rapaz a recordação de noites febris, em que tratara dele.

Arsène exclamou, impulsivamente:

— Mademoiselle, nunca lhe agradei a sua bondade e a sua caridade, mas juro, por tudo quanto é sagrado, que nunca as esquecerei.

— Sagrado para nós ou para o senhor? — perguntou ela, no mesmo tom frio, embora os seus olhos azuis brilhassem de maneira diferente. — Mas não tenha medo de que eu, pelo menos, me vã esquecer. Somos pobres e desgraçados. Está em seu poder aliviar, até certo ponto, a nossa situação.

Arsène sorriu, involuntariamente.

— Nenhum ouro pode pagar o que fez, mademoiselle — disse ele, num tom cerimonioso e, ao mesmo tempo, irônico.

— Mas pode ajudar muito — garantiu ela.

E riram os dois, embora François apertasse os lábios e abanasse a cabeça, ao ouvir as palavras da neta.

— Mil coroas — prosseguiu Cécile, olhando para Arsène com vontade de rir e calculismo — dariam para comprarmos uma bela fazendola. Ou serão mil coroas um preço demasiado alto a pagar pela sua vida?

François, levantou-se, protestando, mas Arsène respondeu, gravemente:

¹— Mil coroas não seriam demais, na minha opinião, mademoiselle.

— Isso — retrucou Cécile — é uma questão de opinião, monsieur.

E acrescentou, com um sorriso:

— Não é a minha opinião.

Voltou para a cozinha e, enquanto cozinhava o jantar, cantava, numa voz doce e cristalina. Arsène ficou a ouvi-la com prazer.

— É uma pena — disse François, com indulgência. — Não há suavidade nela. — Suspirou. — Encara a vida com os olhos bem abertos. Já eu, apesar de velho, não posso suportar certos aspectos da vida e tenho que procurar refúgio na filosofia, num sonho.

— E o senhor acha que um sonho, uma filosofia são proteção contra as feridas da vida? — perguntou Arsène.

Sentia-se agora calmo, e uma agradável sonolência se apoderava dele.

— São como drogas — admitiu François. — Há os que procuram refúgio no álcool, nos prazeres, nas guerras, no claustro, nas mulheres ou na aventura, quando a vida se torna intolerável. Todos temos que ter o nosso antídoto. A aventura, monsieur, era o seu.

Arsène franziu o sobrolho. Mesmo que fosse verdade, ele não podia admitir essa fraqueza. Recostou-se nos travesseiros e fitou em François os olhos escuros e veementes, reluzindo com renovada vitalidade à luz da vela.

— Sempre detestei a hipocrisia e as mentiras — disse ele. — Sempre odiei maquinações e fraudes. Se combatê-las é apenas uma aventura ou uma forma de fuga, então sou culpado.

— Mas por que foi que o senhor as combateu? — perguntou François calmamente, mas com um olhar penetrante. — Para libertar os oprimidos, aliviar os sofrimentos dos indefesos, libertar os que estão presos? Para abrir os portões das prisões, a fim de que todos os homens possam ver a luz?

Arsène ficou calado, mas o brilho do seu olhar aumentou, tornou-se ardente.

François abanou a cabeça.

— Não, não foi por isso.

— Sou huguenote — murmurou Arsène, embaraçado.

— Mas por que razão? — insistiu François.

Arsène ficou de novo excitado. Estendeu as mãos numa gestí-culação agitada.

— Porque odeio os padres, os que conspiram, os intriguistas, os mentirosos, os jesuítas. . . toda essa hierarquia do diabo.

— Trata-se, então, de um ódio pessoal, nascido de uma aversão pessoal — disse François, com tristeza. — Um ódio que não provém de uma indignação moral, de uma compaixão universal, da compreensão dos sofrimentos do povo.

Arsène calou-se. Lembrou-se do sonho que tivera, e a visão fez com que, embora olhasse para o velho, não o visse. François percebeu que algo de misterioso estava ocorrendo no coração do jovem aristocrata.

— Os maus homens — murmurou François — pervertem até mesmo as obras de Deus e dos Seus santos, pondo-os ao seu serviço. I Lsam a tocha de Deus para incendiar as casas do povo. Erguem a Cruz como se fosse um cajado, para lacerar e ferir os ombros dos desprotegidos. Ao lutar contra os destruidores da religião, muitas vezes acabamos destruindo a fé. Isso está errado. André Mourion é um padre, mas o senhor não poderia tachá-lo de mentiroso, de hipócrita, de canalha.

Acrescentou, após uma breve pausa:

— Ninguém sofre mais do que ele...

Levantou-se e, dirigindo-se a um armário que havia na parede oposta, dele tirou três volumes esfarrapados, que segurou nas mãos gastas, ao voltar para a cabeceira do doente.

— Aqui estão as palavras de Erasmo, de Huss, de Lutero. O senhor se diz hugenote, mas aposto que não leu nenhum destes livros.

Arsène olhou para os volumes com bom humor.

— É, nunca na minha vida li esses livros — admitiu.

Esticou a mão trêmula.

— Mas hei de lê-los, se o senhor me permitir.

E acrescentou, com voz de surpresa:

— Por acaso o senhor é hugenote, François Grandjean?

O velho ficou um momento em silêncio e depois disse:

— Não há nome que me designe, nem marca, nem sinal. As designações são escolhidas por homens inseguros, que precisam de uma palavra para cristalizar as suas vagas emoções, de uma luz fraca para guiar-lhes os passos incertos.

Sentou-se de novo no banco e disse:

— Roma já não é a Cidade da Fé, uma cidadela do misticismo. É uma organização política, e os seus padres são estadistas e políticos, ansiosos pelas glórias do poderio material e da subjugação de reis e governos, ambiciosos de poder para si mesmos. O Santo Império Romano, através da corrupção, da intriga e da avareza, transformou-se no Negro Império Romano, que procura escravizar todos os homens para ficar cada vez mais rico. Que é feito da fé que antes lhe dava verdade e radiância? Tornou-se uma espada implacável nas suas mãos.

E acrescentou:

— Enquanto a espada da ambição não for quebrada, nenhum homem, em nenhuma parte do mundo, estará a salvo, nenhum governo estará firme, e o sonho dos justos, um sonho de liberdade e esclarecimento, terá que ser sonhado nas celas das prisões e na solidão mais escura.

Suspirou profundamente.

— A Igreja de Deus transformou-se na Igreja de patifes e saltimbancos, de atores e malfeitores, de mentirosos e inimigos, de intriguistas perigosos. A sombra da mitra está ofuscando o sol de Cristo.

Arsène fechara os olhos cansados, mas as palavras de François pareciam escritas em fogo contra um fundo escuro.

— Mas não pense — disse François, severamente — que a Reforma vá trazer luz, liberdade e justiça para os homens, se se preocupar apenas com coisas materiais, pois a fé deve ser sempre a primeira necessidade da alma, e a cerimônia da fé, o primeiro deleite dos olhos.

Após um breve silêncio, acrescentou:

— Não pode haver uma real libertação do espírito, sem Deus. Na luta contra a Igreja, não podemos abandonar a fé.

As suas palavras morreram para os ouvidos de Arsène, e o jovem adormeceu — um sono profundo e repousante.

Devia ter dormido bastante tempo, pois a sua primeira impressão, ao acordar, foi de que se tinham passado horas. E a primeira coisa que viu foi o rosto do abade, curvado sobre ele, sorrindo docemente.

Um intenso alívio tomou conta do jovem, e ele soltou uma exclamação de júbilo.

— Shh! — disse o abade, pousando-lhe a mão na testa. — Está tudo bem.

— Falou com meu pai? — perguntou Arsène, tentando levantar-se.

— Não — respondeu o abade. — Disseram-me que ele não estava bem, que estava doente de preocupação pelo filho, Arsène de Richepin, que desaparecera misteriosamente.

Arsène ergueu o rosto para ele, mas logo desviou os olhos, como que envergonhado.

— Conte-me — murmurou. — Conte-me como foi.

Pensou no pai, sofrendo de uma terrível dor e ansiedade, temendo falar para não prejudicar ainda mais o filho. Sentiu como que uma ferida abrindo-se no seu coração.

— Falei com o jovem de quem me falou — disse o abade, na sua voz suave. — Ele me levou à presença do seu irmão, Louis de Richepin, que haviam chamado à cabeceira do seu pai. Monsenhor de Richepin mostrou-se muito amável e muito preocupado.

Arsène voltou-se para o abade e olhou para ele sem falar. Parecia-lhe estar vendo o irmão, com o seu rosto pálido, de asceta, os seus cabelos louros e os seus olhos severos e fanáticos. Não temia aquele fraterno inimigo, pois sabia do amor não retribuído que Louis tinha pelo pai. Mesmo assim, não conseguiu esconder a preocupação que sentia.

— Não confiou nele, mesmo como padre? — perguntou por fim. — Meu irmão é um dos amigos mais íntimos do Cardeal e foi ordenado por ele. É meu irmão, mas sob certos aspectos eu confiaria mais no próprio diabo.

— Ele não me fez perguntas perigosas — retrucou o abade, com um sorriso. — Nem ficou muito espantado, quando lhe contei a minha história, de que o senhor fora ferido e estava sendo cuidado por amigos. Ficou satisfeito com o que eu lhe disse, embora me olhasse de maneira estranha e fria, como se com desconfiança. Depois, disse: “Fico tranquilo de sabê-lo nas suas mãos, mon abbé. Cuide também da sua alma, e não só do seu corpo”.

Enfiou a mão no bolso, e dele tirou um crucifixo de ouro, que colocou na mão de Arsène.

— Pediu-me para lhe dizer que ele próprio abençoara este crucifixo e esperava que lhe servisse de luz para guiá-lo de volta à casa.

Arsène rompeu a rir de maneira tão violenta que forçou a garganta e teve um acesso de tosse. Jogou o crucifixo para o abade.

— Fique com ele, lembrança do seu jovem pai em Cristo! — exclamou.

O abade ergueu o belo crucifixo, engastado de joias, e olhou-o intensamente. Depois, colocou-o suavemente na mão de Arsène.

— Não é o crucifixo que está poluído — disse, com ar grave.

— Não lhe fará nenhum mal, monsieur, e pode lhe dar conforto. Aceite-o, com a minha bênção.

Arsène revirou o crucifixo nas mãos escaldantes e depois pousou-o descuidadamente na mesa-de-cabeceira.

— Com a sua bênção, mon abbé, talvez tenha algum poder

— disse ele, gentilmente. — Sem dúvida percebe que eu sou um motivo de preocupação para a minha família, não?

O abade fingiu não ouvir. Apontou para um post-manteau que havia sobre a mesa.

— Aí estão algumas roupas, conforme pediu. E também cem coroas de ouro.

— O meu querido irmão não lhe pediu detalhes sobre a minha condição?

O abade hesitou, lembrando-se do breve mas visível brilho de esperança que perpassara o olhar do jovem padre, quando ele lhe contara que Arsène tinha estado muito doente e quase morrera. Recordou, também, que o brilho desaparecera quando ele garantira a Louis de Richepin que o irmão se recuperaria, e os comentários severos que se haviam seguido tinham-no convencido de que o jovem padre não estava muito satisfeito com a notícia e que, de certa maneira, ele, o abade, seria responsável por qualquer coisa que acontecesse de desagradável. Mas disse:

— Conte-lhe até onde pude, com discrição, e ele ficou satisfeito.

— Não procurou detê-lo?

— Não — respondeu o abade, de novo hesitando. — Pareceu-me muito preocupado com a condição do pai.

Não acrescentou que Louis de Richepin se mostrara muito nervoso durante a conversa e não parara de olhar para a porta dos aposentos privados, como se temesse que alguém estivesse ouvindo atrás dela, e que fora ele, e não o abade, quem se mostrara apressado. Além disso, não tinha parecido muito desejoso de saber detalhes. Sempre que o abade se oferecera para dá-los, o jovem padre franzira a testa e, quando o abade insinuara as circunstâncias que haviam levado Arsène a procurar abrigo, Louis de Richepin erguera a mão num gesto peremptório e altaneiro.

— Só pelo fato de o meu irmão se envolver em aventuras amorosas e noturnas, não vejo por que a família precise ficar sabendo dos detalhes — dissera ele, com frieza, e levantara-se como que a dar por encerrada a audiência. — Arsène é imprudente e atirado. Tem que arcar com as consequências.

Mas Arsène, olhando atentamente para o abade, adivinhou o que tinha acontecido. Lembrou-se de que Louis ajudara a espalhar o boato de que o irmão era um vagabundo e um libertino, sempre atrás das esposas e das amantes de outros homens. Arsène bem sabia que esses boatos eram provocados pelo medo da verdade. A sua vida tornara-se bem mais alegre e agradável, graças a tais boatos, e mais de uma bela dama o perseguira com ardor, graças a essa reputação.

Pobre e mesquinho Louis, pensou Arsène, com desprezo indulgente. Como devia tremer, que dilema devia ser o da sua consciência, protegendo o irmão odiado por causa do pai! Arsène regozijou-se, ao pensar no conflito que o irmão devia estar tendo, entre o amor filial e o dever sacerdotal. Mas não se podia prever o dia desastroso em que o dever triunfaria.

— Tem certeza de que não foi seguido? — perguntou Arsène ao abade.

— Certeza absoluta — respondeu o ancião.

Ouviu-se bater suavemente à porta da rua, e o abade levantou-se para abri-la, pois François estava ocupado com Cécile, na cozinha, preparando o saboroso jantar comprado com o dinheiro de Arsène.

● Capítulo VII

O abade Mourion acolheu o recém-chegado com exclamações de prazer e levou-o até à cabeceira de Arsène.

— Este, monsieur — disse ele, sorrindo —, é outro dos seus -enfermeiros, meu sobrinho Henri.

Cansado da emoção, para ele nova, da gratidão, Arsène sorriu polidamente, enquanto o estranho lhe trazia uma reverência encabulada. Homem de extremos e veemências, Arsène decidiu imediatamente que não simpatizava com Henri Chalon. A orgulhosa dignidade de François, o suave heroísmo do abade, a independência e a gravidade da jovem Cécile, tudo isso estava ausente naquele rapaz. Suas maneiras eram afetadas, nervosas e quase servis.

Havia, além disso, algo, na palidez do seu rosto fino, que fazia Arsène se recordar do irmão, Louis. Henri era alto e magro, com ombros curvos e redondos e gestos fúteis e hesitantes. Suas roupas, embora pobres, tinham um leve ar janota. Um babado de renda barata adornava-lhe a gola e os pulsos finos, e ele usava botas que evidentemente lhe haviam sido dadas, mas que ele engraxara até ficarem brilhantes. O cabelo, escuro e comprido, enrolava-se sobre os ombros com graça artificial. Não obstante, ele tinha uma certa beleza, que Arsène recordava vagamente. Seus traços eram finos, até delicados, e havia um quê de aristocrático nas narinas sensíveis e no longo e estreito nariz. Seus olhos eram extraordinariamente grandes para um homem, suaves e profundos, como se fossem de veludo castanho. Tinha a boca pequena, fraca e bem-feita. Contudo, era a expressão dele o que irritava Arsène — demasiado ansiosa, demasiado tímida, demasiado conciliatória, mas denotando, de vez em quando, uma arrogância desconfiada. Segurava na mão um chapéu emplumado. Aquele, então, era o poeta, o noivo da jovem e severa Cécile, o aspirante à posição de lacaio em casa de Madame de Tremblant.

Arsène sentiu vontade de rir daquele candidato a gentil-homem. Não gostou da atitude dele para com o abade, que evidentemente o adorava. Eram visíveis a sua petulância e a sua arrogância, semelhantes às de uma mulher. Mas, para com Arsène, todo ele era deferência, se desfazia todo em atitudes gentis.

— Estimo, monsieur, que o senhor esteja se recuperando dos seus padecimentos — disse ele, numa voz alta e demasiado musical.

— Estou bem — retrucou Arsène, com uma secura que não pôde controlar. — Muito obrigado por tudo.

— Oh, não foi nada, absolutamente nada — disse Henri, com um gesto ansioso. Olhou desdenhosamente para o quarto miserável. — Nossa única pena foi não poder dar-lhe um quarto melhor. Se tivéssemos sabido da sua identidade. . .

— Sou Arsène de Richepin — disse Arsène e olhou para o abade, que por sua vez olhava para Henri com orgulho e adoração.

Sentiu raiva, como se o abade se tivesse degradado.

Henri fez nova reverência, os longos cabelos caindo-lhe quase até os joelhos, e uma espécie de floreado com o chapéu emplumado. Arsène mordeu o lábio.

— E eu, Monsieur de Richepin, sou Henri Chalon, às suas ordens. — Voltou-se, com ar imperioso, para o abade. — Tio, Monsieur de Richepin tem tudo o que deseja, para esta noite?

— Tem, sim, Henri. Não vai ser necessário você pernoitar mais aqui.

Uma das mãos enrugadas do abade tocou na manga do sobrinho.

Henri Chalon pareceu muito desapontado. Disse, em tom de quem pontifica:

— Não concordo, tio. Uma ou duas noites mais vão ser necessárias.

— Pelo contrário — disse Arsène. — Estou quase bom e não quero privá-lo de uma noite que seja de sono.

— Não será uma privação, monsieur — falou Henri, com nova reverência —, e sim um prazer fazer-lhe companhia.

Sentiu o delicioso aroma que vinha da cozinha e olhou interrogativamente para o abade.

— É, vamos ter um banquete, esta noite — disse o abade, alegremente.

O rosto pálido e fino de Henri Chalon iluminou-se como que em êxtase. Uma sensação de inquietação tomou conta de Arsène, e ele virou a cabeça e fechou os olhos. À medida que as forças lhe voltavam ao corpo, voltavam-lhe também o velho egocentrismo e o antigo orgulho. Suas negras sobrancelhas franziram-se sobre as pálpebras cerradas, e o seu perfil aquilino tornou-se mais agudo. Criado numa classe que considerava o povo como sendo menos do que vermes e mais impotente do que eles, não podia deixar de sentir desprezo por aquelas criaturas, que achavam alegria na simples antecipação de um jantar. Depois, sentiu desprezo por si mesmo, por ter descido a ponto de honrar aqueles vermes com o seu desdém.

Pensando que ele estava cochilando devido à fraqueza, o abade e seu sobrinho sentaram-se à luz da vela, perto da cama, e puseram-se a conversar em voz baixa. Arsène ouviu o que eles diziam, as sobrancelhas tremendo de impaciência. Esqueceu tudo, a recente gratidão, a nova compaixão que descobrira com François Grandjean e com o Abade Mourion. O velho e o rapaz falaram de coisas pueris: das pessoas que moravam em volta deles, do tempo e de outras coisas inconsequentes. A voz do abade era baixa e suave, a de Henri, pomposa e cheia de vaidade e amor-próprio. Se sabiam algo do mundo para além das suas fronteiras miseráveis, não parecia. De repente, Arsène, que desprezara as intrigas, os escândalos e os deboches dos nobres e da Corte, achou todas essas coisas importantes, divertidas e excitantes. Pôs-se a pensar em Clarisse, sua noiva, e sentiu por ela um desejo profundo, que nunca dantes experimentara.

Esqueceu o estranho sonho de libertação e fúria, e ficou consciente apenas da enxerga de palha, dos cheiros fétidos e poeirentos do quarto, do aroma enjoativo do coelho e da galinha cozinhando. Remexeu-se na cama e suspirou profundamente. Sentiu o abade levantar-se e inclinar-se sobre ele, e estremeceu.

— Está dormindo — disse o abade, em voz baixa. — É jovem. Ainda pode dormir.

Henri falou, num tom que demonstrava indulgência para com a ingenuidade do tio:

— E por que não haveria de dormir? Ele esteve muito doente, mas agora está se recuperando. Que coisa extraordinária! Eu já desesperava de que algo de bom me acontecesse, e eis que Monsieur de Richepin entra nesta casa de maneira tão estranha. Agora, é como se fosse uma luz nas trevas.

— Não entendo, Henri — disse o abade, voltando para o seu banquinho. — Que importância tem isso para nós?

Henri ficou um momento calado, mas logo disse, com um misto de impaciência e encabulamento:

— Sem dúvida ele vai mostrar-se grato. — Fez uma pausa e continuou, com um quê de raiva: — Só os poderosos podem favorecer as artes. Tenho as minhas esperanças. . .

O abade ficou um momento pensativo. Depois perguntou, num tom que denotava embaraço:

— Henri, decerto você não está pensando em incomodá-lo, está?

Parou abruptamente, como se a vergonha que sentia fosse demasiado forte para lhe permitir continuar.

Henri explodiu, com veemência efeminada:

— E por que não? Acha que eu posso me contentar para sempre com esta nossa vida miserável, com esta degradação de corpo e espírito? Tio, talvez o senhor esteja satisfeito; eu não estou. Preferia morrer a viver para sempre assim! Se acha que eu deva estar satisfeito, por que me ensinou tanta coisa? Por que me abriu os olhos? Por que me inspirou?

O abade interrompeu, com voz trêmula:

— Ensinei-lhe o que pude, Henri, para que você fosse sábio, tivesse compreensão e humildade diante de Deus. A glória da sabedoria está nela mesma. Ou a pessoa deve querer adquirir sabedoria para ser recompensada com as coisas deste mundo? — Calou-se um momento, e depois continuou, com profunda tristeza: — É suficiente, para um homem, conhecer Deus através do aprendizado da Sua glória, da Sua existência. Esse é o princípio, o fim e o propósito da sabedoria.

— Não compreendo! — exclamou Henri, com desprezo. — Só sei que não posso suportar mais esta vida. Preciso sair dela!

Via-se que aquele era um velho tema de discussão entre os dois, pois o abade limitou-se a suspirar e a calar. Após um longo silêncio, o abade disse:

— Se você tem que se preocupar com este mundo, preocupe-se com as suas misérias, com os seus sofrimentos. Dedique a sua vida a minorar a dor e o padecimento. Entoe os cânticos do povo, para que os surdos ouvidos do poder possam ser tocados e o duro coração da majestade possa comover-se. Cante a piedade, a justiça, a misericórdia. Os versos artificiais e maneirosos, feitos para agradar aos ouvidos decadentes dos ociosos e dos ricos, morrem como notas de flautim em meio a um furacão. — E acrescentou, com terrível solenidade: — Pois o furacão se aproxima e só uma voz forte e destemida se fará escutar acima dele.

Arsène, que tudo ouvia, sentiu-se, a contragosto, interessado. Estranhas palavras, naquele miserável tugúrio, em meio às sarjetas de Paris! Lembrou-se do sonho e sentiu uma misteriosa excitação. Quantas vezes como aquela, do abade, haveria em todo o mundo? Quantas estariam falando coisas estranhas e revolucionárias, em arrabaldes esquecidos das grandes cidades orgulhosas? Arsène teve a impressão de ouvir de novo o clamor de pés correndo através da tempestade, só que agora os passos saíam das sarjetas e eram as passadas de um exército.

Devia ter adormecido porque, quando de novo acordou, havia duas velas sobre a mesa e o som de risadas. Cécile colocara tigelas, pratos e colheres em cima da mesa, e havia uma grande terrina de galinha e coelho, temperada com molho de vinho e ervas. Havia também uma garrafa de vinho e um prato com pão branco. Arsène ouviu exclamações, misturadas com as risadas.

— Tabaco! — disse François. — Faz tanto tempo que eu não fumo um bom cachimbo! Minha filha, você não devia ter comprado tabaco para mim com o dinheiro de Monsieur de Richepin.

— Por que não? — retrucou Cécile friamente. — Também lhe comprei um novo cachimbo, vovô. O senhor não estava poupando para isso e não teve que gastar o dinheiro em unguentos para Monsieur de Richepin?

Estava de pé, perto da vela, e Arsène, ao acordar, viu-a só a ela. Parecia muito pálida, com um ar cansado, e até mesmo os lábios tinham perdido a cor rosada. Mas mantinha a cabeça erguida, e a luz formava sombras douradas nas suas tranças, enroladas em volta da pequena cabeça. A nobreza em que Arsène primeiro reparara emprestava um ar grave às suas belas feições, e os seus olhos azuis, embora olheirentos, eram grandes, profundos e aristocráticos. Seus seios, jovens e pontudos, assomavam sob o corpete negro, e ele reparou na força e na esbeltez dos seus ombros e braços, nos movimentos seguros e calmos dos seus dedos calejados e na flexibilidade dos seus pulsos. Tinha apenas quinze anos, mas já possuía uma severa maturidade, uma firmeza e — no rápido luzir dos seus olhos — uma peculiar intrepidez muito acima da sua pouca idade. O interesse de Arsène cresceu, como sempre acontecia quando ele via uma mulher bela ou fora do comum, e sentiu uma súbita compaixão por aquela menina.

Cécile, por sua vez, reparou no olhar dele e parou de cortar pão para fitá-lo. Tinha estado a sorrir, mas, quando os seus olhos encontraram os dele, o sorriso desapareceu, e as sobrancelhas castanho-claras da jovem se franziram.

— O senhor está acordado, monsieur? — perguntou ela, numa voz reservada e indiferente, apesar da doçura do timbre.

François deu a volta à mesa e sorriu para Arsène.

— Estávamos esperando que acordasse, monsieur, para podermos saborear juntos o jantar, comprado com o seu dinheiro — acrescentou, erguendo uma sobancelha.

— Comprado com o dinheiro que nós ganhamos, vovô — retrucou Cécile, voltando a cortar o pão.

— Agradeço-lhe o tabaco e as considerações que levaram a comprá-lo — disse François, gravemente.

Arsène riu. Seus dentes brilharam, brancos e jovens, à luz da vela. Seus olhos escuros riram também, e ele soergueu-se, apoiado no cotovelo. Com um murmúrio solícito e um olhar reprovador a Cécile, Henri Chalon levantou-se e arrumou os travesseiros bolorentos, atrás de Arsène, para que ele ficasse mais confortável. Cécile viu aquilo com uma expressão divertida nos olhos. Sentado no seu tamborete, o abade sorria docemente. De repente, Arsène lembrou-se dos camponeses que trabalhavam nas propriedades do pai e da população que enchia as ruas de Paris, e ficou pensando na sua simplicidade. Aqueles três, ali, naquele quarto miserável, eram tão camponeses ou tão população quanto ele próprio. Por alguma razão, que não se deu ao trabalho de examinar minuciosamente, seu estado de espírito melhorou, sua atitude tornou-se mais cortês, e encarou até o pobre do Henri Chalon com olhos generosos e compreensivos.

Olhou para François e disse, com falsa gravidade:

— Encarreguei mademoiselle, esta manhã, de comprar para o senhor o melhor tabaco e o mais fino cachimbo. Espero que os aceite como uma pequena expressão da minha gratidão.

François sorriu, os lábios de Cécile abriram-se involuntariamente num sorriso, e Henri Chalon ficou perplexo, olhando de um para o outro. Ao encarar o tio, ficou ainda mais confuso, pois o abade fitava Arsène com súbita consternação e tristeza. Arsène também reparou no olhar dele, tão grave e sensato, e de repente sentiu um rubor subir-lhe às faces. Para o diabo, o velho padrei Seria ele realmente capaz de ler os pensamentos das pessoas?

— Somos gente pobre e miserável — disse lentamente o abade. — Agradecemos os pequenos presentes e a condescendência daqueles que têm poder para nos oprimir.

François achou muito estranho aquele comentário; Cécile abanou a cabeça, os olhos faiscando, e Henri abriu a boca. Mas Arsène desviou o olhar, e o rubor cresceu nas suas faces, ao mesmo tempo em que espichava o lábio inferior com altanaria.

Henri recobrou o aprumo e inclinou-se para Arsène com uma revoltante mistura de servilismo, bajulação e desejo de conciliação.

— Sim, monsieur — disse ele, na sua voz fina, que parecia não ter ressonância. — Não pense que somos ingratos. . .

— Ingratos! — exclamou Cécile, indignada.

Segurava o facão de cortar pão na mão e parecia chocada.

— Monsieur é que não deve se mostrar ingrato, ele que tanto nos deve!

Arsène sorriu de novo. Inclinou a cabeça na direção de Cécile, mas olhou para Henri com um desdenhoso retorcer de lábios.

— Estou realmente em dívida com todos vocês — disse ele.

— E não creio que vá me esquecer. Mademoiselle tem toda a razão

— acrescentou. — É uma jovem com discernimento.

E atirou-lhe um olhar sorridente.

O rosto pálido e fino de Henri iluminou-se de súbita esperança. Olhou para os amigos com ar de júbilo. Mas Cécile, o sobrolho franzido, encheu o prato do noivo e passou-o para ele com certa irritação. Encheu os outros pratos, e Arsène reparou que os melhores pedaços eram para o abade e para o avô. Depois, deitando a

Arsène um olhar velado, hesitou e, a contragosto, tirou um pouco da carne mais branca dos pratos dos outros e colocou-a no dele. Arsène observava-a atentamente. Estava encantado com a beleza dela, e os seus olhos passearam pelo rosto e pelo corpo da jovem, sem esconder o prazer que sentiam.

Para sua surpresa, descobriu que Cécile era uma excelente cozinheira. Nem mesmo Anton, o precioso mestre-cuca de seu pai, seria capaz de obter um resultado melhor, com o mais fino vinho e as ervas mais exóticas. O vinho não era mau. O pão estava fresquinho. A comida parecia fazer-lhe voltar as forças, a saúde e a juventude. Teve uma sensação estranha, ao ver o apetite desmedido dos outros. Até o abade comeu copiosamente. François bebeu vários copos, e a gravidade da sua expressão cedeu. Sua cabeça já não era a cabeça de um velho cansado, e sim a de um senador romano. Só precisava de uma toga. A única pessoa que conservou alguma dignidade foi Cécile, que comia com cuidado, sorrindo de leve diante dos elogios dos outros. Henri, tranquilizado e corado, olhava-a com uma adoração que parecia surpreender a moça, pois ela deitou-lhe um olhar intrigado e vagamente afrontado.

Uma forte chuva de primavera começara a cair, na rua, batendo com estrépito no telhado e nas gelosias. A luz da vela bruxuleou, espevitou-se, lançou longas sombras sobre as paredes úmidas e rachadas. Mas havia calor, bondade, sorrisos e risadas ao redor daquela pobre mesa, cheia de comida, e Arsène esqueceu-se de que estava num tugúrio. Sentiu que estava no meio de amigos velhos, e o seu coração encheu-se de boa vontade para com eles e de gratidão pela sua companhia.

● Capítulo VIII

Arsène pensou que tinha dormido apenas um momento, pois ouviu ainda conversas, quando acordou. Mas, ao despertar completamente, viu que as duas grandes velas estavam quase consumidas e que a sua luz era agora fraca e amarela. Além disso todos os vestígios do jantar tinham desaparecido, e o tampo da mesa estava úmido de ter sido esfregado. Sombras compridas e finas subiam pelas paredes e pelo teto. A chuva continuava a cair lá fora, e as sarjetas gorgolejavam com a água que atraíam.

As vozes que ele ouvira ao acordar eram graves e abafadas. Arsène olhou por sob as pálpebras e viu que apenas o Abade Mourion e François Grandjean estavam no quarto e haviam se afastado, para não perturbar o doente. Suas cabeças estavam inclinadas, quase juntas. Eram apenas dois velhos, gastos e grisalhos, mas os seus rostos tinham a elevação da inteligência e a austeridade da sabedoria. O rosto do abade era terno e triste, ao passo que o de François, embora também triste, refletia uma severidade latente e uma serenidade ao mesmo tempo amarga e paciente. A luz das velas iluminava-lhes tenuemente as feições, ressaltando-lhes as maçãs do rosto na carne mirrada, penetrando-lhes as órbitas e realçando-lhes as testas enrugadas.

Houve uma pausa na conversa, que o abade quebrou com um suspiro.

—• Meu amigo, está ficando muito tarde. Asseguro-lhe, uma vez mais, que o nosso hóspede está quase bom e que, dentro de alguns dias, não restará nenhum sinal da doença, a não ser uma certa fraqueza e aquela cicatriz na face. Mas dessa ele vai gostar!

E o abade sorriu ternamente, como sempre quando falava nas bravatas dos jovens e na sua veemência.

— Por isso, faça o favor de se deitar, pois está mais morto do que vivo.

François abanou a cabeça, distraidamente.

— Tinha um pouco de febre, quando adormeceu. Além disso, há coisas que precisamos fazer para ele.' Não vou despertá-lo, pois descobri que o sono faz mais do que qualquer unguento. Mas o senhor, caro abade, não há razão para o senhor ficar comigo.

O abade suspirou de novo.

— Não fiquei com você, sempre que pude? Além do mais, esta noite estou sentindo um certo peso, um mal-estar. Na sua presença, meu amigo, sinto-me um pouco aliviado.

François ficou um momento calado e depois disse, com visível dificuldade:

— Nunca lhe disse nada a meu respeito, embora sabendo que isso seria justo. Talvez, se o senhor soubesse, não quisesse que o seu sobrinho casasse com Cécile, embora Henri pudesse achar interesse na história. . .

O abade pousou suavemente a mão no braço do amigo.

— Com relação a você, meu caro François, deixo de ser um padre para ser apenas seu amigo. Não me diga nada. Não é bom reavivar velhas feridas. Conheço a sua alma, e isso é o bastante para mim.

Arsène escutava com grande interesse e surpresa, obscuramente satisfeito com o significado daquelas revelações. Esperou que François se abrisse, mas, em vez disso, o velho suspirou repetidas vezes como se tivesse o coração sobrecarregado.

Disse apenas, numa voz abafada:

— Como sabe, Cécile não tem dote.

— Tem o seu coração e tem a ela mesma — retrucou o abade, numa voz ligeiramente trêmula.

— Preocupo-me com a menina — disse François, como que para si mesmo. — Que é que esses dois

podem esperar da vida? Nada. Abduquei de tudo, por meio de um único gesto impensado e apaixonado. Agora que estou velho, fico pensando. Nunca temi a fome e nem o terror, mas agora eu me pergunto: Gostaria que Cécile tivesse que enfrentar isso durante toda a sua vida? O que me parecia heroico parece-me horrível para a minha neta. Somos capazes de tudo suportar, menos que os nossos filhos passem pelo mesmo.

— Mas Cécile tem muito da sua alma, François. É valente e forte, bem mais valente e mais forte do que Henri.

François explodiu subitamente num riso incontrolável, cheio de desespero. Sacudia a cabeça com violência, mas nada dizia. Parecia estar rindo de si mesmo. Passou as mãos pelo rosto barbado e abanou de novo a cabeça. O abade olhava para ele, comovido e alarmado.

Mas logo François começou a falar, a princípio em voz baixa, depois com crescente paixão, sublinhada pelo bater dos punhos cerrados nos seus joelhos puídos. Ao mesmo tempo, olhava para o espaço, mas parecia nada ver, enquanto dizia:

— Nunca temi os homens ou as coisas que eles fazem. Mas agora as vejo, reveladas em todo o seu terror. Sempre me senti capaz de arcar com o meu destino, mesmo nas horas mais terríveis. Havia em mim uma ilusão, uma espécie de delírio. Agora, vejo que o meu sonho era apenas sordidez e loucura. Espanto-me da minha ousadia, de ter pensado que poderia lutar contra o mal que há no mundo. Como posso ter sido tão louco? Agora vejo que a minha vida foi em vão, comparada com a de outros homens, que são maus, cruéis e perversos. Eles são fortes. O mal é mais forte do que o bem, mais poderoso do que Deus. Às vezes, penso que gostaria de voltar a ser jovem, nestes dias portentosos. Digo a mim mesmo que nunca o mundo precisou mais de uma voz e de uma mão fortes, do que agora, em que o mal é mais poderoso do que a virtude.

Fez uma pausa, e o silêncio tomou conta do quarto, iluminado com a luz mortiça das velas. Depois François continuou, numa voz rouca, de quem tentava controlar a paixão:

— Esta hora fatal, de guerra e intriga, de movimentos secretos e subterrâneos! Estes dias terríveis, em que os malfeitores se movimentam nas trevas! Onde estão o bem e a misericórdia? É isso o que eu penso, que estou velho e não fiz nada. Às vezes, fico pensando que tudo isso é fútil, até mesmo os desejos.

Sua voz tornou-se um murmúrio, e a mão descaiu-lhe para o peito. O abade contemplava-o com uma expressão de compaixão.

— Só uma alma nobre pode sentir isso — disse, suavemente. — Perdoe-me se o ofendo, mas não posso deixar de lhe dizer isto. Há os que gritam que nunca, como agora, os maus puderam tanto. Pois eu digo que essa observação provém de uma ignorância da história, e do mal perene que existe num certo tipo de criatura. Todas as gerações têm os seus malfeitores, os seus vilões, as suas criaturas sem alma e sem escrúpulos. Temos que lidar com eles, como lidamos com outros fenômenos violentos da Natureza, como as pragas e as epidemias, orando a Deus.

François não respondeu. Seus olhos fitavam o chão numa espécie de horror hipnótico.

— Precisamos ter fé, não na humanidade — disse o abade, com tristeza —, mas no que a humanidade pode vir a tornar-se.

François continuou calado. Ria silenciosamente para si mesmo, e havia algo mais terrível do que o som, naquele riso mudo.

O abade voltou a falar, mais alto agora, e num tom de urgência:

— O tempo e a topografia da história mudam, mas o homem e as verdades eternas, que estão na natureza do homem, permanecem para sempre as mesmas. O homem é o potencial imortal, no meio do

fluxo caótico. Mesmo nos momentos mais desesperadores, nunca me esqueço disso. Mesmo quando vejo os homens chafurdar, e a ruína que causam à sua volta, acredito, tenho que acreditar, que neles há todas as potencialidades dos anjos e que essas potencialidades têm finalmente que emergir, apesar dos tempos de trevas.

Arsène pensou que devia estar sonhando, que a febre devia estar fazendo com que ele evocasse aquelas palavras, em meio ao silêncio que reinava no tugúrio. Ouvia com atenção, como se fossem ditas numa língua que ele não entendesse bem e precisasse aguçar os ouvidos para lhes captar o significado e, captando-o, ficasse incrédulo. Não era possível que o significado fosse aquele! Ele devia estar cheio de febre, não podia estar ouvindo aquelas coisas estranhas, ditas à meia-noite por dois velhos alquebrados e vestidos de trapos!

Mas, ao mesmo tempo em que a si mesmo dizia aquilo, sentia um misterioso pulsar do coração. Era como um cego, que sente o calor do sol nas pálpebras fechadas. Nunca viu o sol, mas tem consciência do seu poder e da sua imensa glória.

Desacostumado de pensar, familiarizado apenas com as emoções mais superficiais, vivendo apenas através dos seus instintos exuberantes e da paixão pela aventura, Arsène achava aquela nova sensação avassaladora, caótica e algo assustadora. Toda a sua mente, todo o seu ser estavam como que convulsionados, abalados por um vento forte e quente, deslumbrados por luzes sobrenaturais, completamente desorientados. O ceticismo, de que sempre se orgulhara, fora varrido, como uma folha é levada por um remoinho. Apaixonado e violento, possuído por uma ingenuidade que podia ser perigosa na sua força, ele não era dado a interrogações e análises, a uma contemplação ajuizada. Portões tinham se aberto ante os seus olhos. O instinto e as emoções faziam-no ficar diante deles, boquiaberto ante o que eles revelavam. Mais tarde, viria a desilusão para aquele homem ardente. Nisso estava o perigo.

Os seus pensamentos, as suas emoções exauriram-no pela sua própria intensidade, embora ainda não tivessem uma forma definida, como se fossem nebulosas, que contivessem as potencialidades de novos mundos. Arsène fechou os olhos, aparentemente por um momento. Quando voltou a abri-los viu que estava só. Os dois velhos tinham desaparecido, com suas palavras enigmáticas, velhas e eternamente novas. O coto de uma vela tremulou e sibilou, prestes a morrer.

Ouviu um rumorejar perto dele, uma suave respiração, um movimento. Cécile aproximava-se da cama. Julgando que o doente dormisse profundamente, aproximou-se, de camisola, os longos cabelos louros desatados espalhando-se pelos seus ombros e busto. Arsène semicerrou instintivamente os olhos, mas podia ver a derradeira luz da vela brilhar-lhe nos cabelos, aureolar-lhe de ouro as têmporas muito brancas. Quando ela se inclinou sobre ele, viu as veias azuis no seu colo jovem, sentiu a quente maciez da sua carne, revelada através do decote da camisola. Toda ela exalava a úmida doçura da juventude, semelhante a um sopro de primavera, um perfume novo para narinas acostumadas a aromas artificiais. Olhando através das pestanas, sentindo o súbito pulsar do seu corpo, Arsène via-lhe apenas os pálidos lábios entreabertos, descaído de cansaço, e a curva macia, porém firme, do seu queixo.

Cécile hesitou, inclinada sobre ele. Arsène sentia a mão dela pousar-lhe de leve na testa, vendo se ele tinha febre. Depois, com um suspiro, ela soprou a vela. O ar úmido e bolorento do quarto licou permeado do cheiro acre da cera derretida e do pavio apagado. O quarto estava agora inteiramente às escuras, mas cheio da respiração dela e das emanações da sua carne jovem.

Mas ela não foi logo embora. Arsène ouviu-a suspirar de novo. A sua presença era mais urgente, mais necessária na escuridão do que à luz. Era como que uma força magnética, inocente, compulsiva, cheia de paixão e embriaguez.

Então ele sentiu os lábios dela na sua testa, como um toque de relva de verão, fragrante e quente do sol.

Cécile se fora, deixando-o no escuro, com os olhos muito abertos, ouvindo o sangue pulsar-lhe nos ouvidos e sentindo uma emoção desconhecida no coração.

Era como se, pela primeira vez na vida, ele tivesse consciência de algo infavelmente doce e encantador, por demais emocionante, e tão irresistível, poderoso e tremendo, que ninguém, nem Deus, se lhe poderia opor.

● Capítulo IX

— Certes! — exclamou Armand, Marquês du Vaubon, irritadamente para Louis, seu filho. — Você tem uma opinião bem má do seu irmão!

— O responsável por essa opinião não fui eu — retrucou Louis, com a sua costumeira sobranceria, ao mesmo tempo tão humilde. — Os homens é que criam as opiniões dos outros.

Estava sentado numa cadeira dourada, no pomposo quarto de dormir do marquês, cuja atitude ele reprovava pela sua frivolidade e inconsistência. Arsène muitas vezes dissera que Louis era capaz de mostrar mais desaprovação e desagrado pela simples posição dos seus ombros largos e magros e pela postura da sua cabeça do que outros homens, por meio de gestos, olhares ou palavras.

Louis de Richepin, Monsenhor du Vaubon, era ainda jovem e extremamente belo, de uma beleza de estátua assexuada. Essa condição de assexuado era a mesma dos grandes anjos de mármore da Catedral, cuja masculinidade é revelada pela ausência de curvas e busto, e pela posse de grandes rostos severos e de contornos fortes. Havia em Louis de Richepin a majestade do mármore, a inexorabilidade da pedra, as dimensões de um arcanjo criado pela imaginação de um escultor. Alto, seco, esbelto mas de movimentos lentos, tinha no corpo uma elegância dura e aristocrática e em todo ele uma calma impressionante e intimidante. O próprio Cardeal declarara, com um misto de aborrecimento e espanto divertido, que Louis muitas vezes lhe dava medo, com os seus silêncios altaneiros, a sua nobre reticência e severidade, a fria e impessoal censura que se lia nos seus olhos pálidos e gélidos. Louis era louro, quase destituído de cor, lembrando, às vezes, uma estátua de neve e gelo, vestida com o preto e o branco das roupas eclesiásticas. Suas mãos eram brancas, finas, mas muito fortes. Caminhava com augusta dignidade. Todo ele lembrava, no tamanho, na frieza, um iceberg.

O Cardeal, que secretamente desprezava e temia o verdadeiro celibato, esforçara-se, sutilmente, para apresentar Louis a mulheres irresistíveis, procurara-lhe oportunidades de encontros lascivos. Mas fora tudo em vão. Havia outra coisa que também enfurecia o Cardeal: Louis não tinha nada do apetite dos franceses, nenhum amor pela boa mesa. Isso causava grande irritação em Richelieu, que muitas vezes dizia:

— Eu nunca mandaria um amante de iguarias para uma missão em que os escrúpulos tivessem que ser postos de lado. Mas também não confiaria num homem que não liga para um bom vinho ou um prato requintado.

Não obstante, ele confiava no seu secretário, Louis de Richepin, como não confiava nem no comandante dos seus mosqueteiros ou no seu parente, o Padre Joseph, a Eminência Cinza. Naquela ausência de paixões humanas, naquela austera majestade, residiam as qualidades em que mesmo um homem tão sutil e diabólico como Richelieu confiava, como nem no seu Deus. Sentia também um pouco de vergonha diante dessas qualidades, uma vergonha que se escondia no fundo da sua alma tortuosa e maquiavélica. Por vezes, acusava-se de certa ingenuidade na confiança que depositava em Louis, mas nunca tivera bases que justificassem essa acusação.

A devoção de Louis à Igreja e ao Cardeal não podia ser questionada. Era capaz dos mais extraordinários sacrifícios e das maiores provas de desprendimento. Nunca pensava em si. Vivia apenas para servir à Santa Madre Igreja e aos seus representantes. Às vezes, o Cardeal, observando-o com o canto dos seus olhos astutos, ficava pensando se Louis não teria ouvido nenhuma das histórias incríveis, mas verdadeiras, que se contavam a seu respeito. Se Louis as ouvira, era evidente que não lhes dera crédito. Se tivesse acreditado nelas — disso o Cardeal estava certo — não teria hesitado em denunciar o

seu superior, ou mesmo em destruí-lo abertamente. Por isso, embora com grande impaciência e irritação, o Cardeal disfarçava muito da sua natureza irascível e voluptuosa na presença de Louis, mas, mesmo assim, por vezes não conseguia resistir a exhibir alguns dos seus traços de caráter, movido por um desejo irrefreável de espantar ou confundir o seu secretário. Acabara chegando à conclusão de que Louis era incapaz de suspeitar de que alguém tão ilustre e brilhante quanto o Cardeal fosse capaz de ser venal, perverso ou traiçoeiro.

Muitos odiavam Louis e o temiam, pela sua enorme influência junto do Cardeal, que todos sabiam confiar nele acima de qualquer outro homem. Muitos procuravam utilizar-se dessa influência, sem obter o menor resultado, sem que Louis sequer suspeitasse de que a tentativa fora feita. Uma vez, o próprio rei tentara sondar Louis, no sentido de saber detalhes sobre o Cardeal, mas Louis olhara para Sua Majestade de maneira tão gélida, tão perplexa, que o rei sentira ao mesmo tempo raiva, vergonha e espanto.

— À porta da casa do Cardeal há um homem feito de gelo transparente e que não derrete — comentara o rei, furioso, mas com uma cerra e secreta admiração pela própria metáfora.

Nunca, nem puxando pela imaginação, podia Armand suspeitar de que Louis sentia por ele o único amor humano que já dispensara a qualquer criatura. Se alguém lhe tivesse dito isso, ele teria ficado boquiaberto, atônito, achando que a pessoa era idiota. Só Arsène sabia disso e às vezes ficava pensando se não estaria louco. O que havia naquele homem feminino, nervoso, de emoções fáceis e voz de mulher, de paixões imprevisíveis mas mesquinhas, de caprichos insensatos e espírito malicioso, que fosse capaz de inspirar uma devoção tão completa e glacial? Porque havia algo de glacial e medonho naquele sentimento. Era como se uma montanha coberta de gelo tivesse concebido um amor imenso, terrível e mudo por um pardal, um amor que nada tinha de humano ou de natural, sem sangue e sem calor, mas trazendo no seu bojo ventos sinistros, capazes de mover as entranhas da terra, e o poder de rios sombrios, correndo através de tortuosas cavernas, e relâmpagos estéreis, que ziguezagueiam sobre picos pedregosos, inacessíveis ao homem. Era assustador, era medonho. E a pobre criatura, que era vítima, em vez de receptora desse amor, seria esmagada, aniquilada, daria berros histéricos, se chegasse sequer a suspeitar da existência desse sentimento. Por isso, Arsène, apesar de se dar conta daquilo, com uma intensidade estranha num rapaz tão sensual e tão sem imaginação, tinha o cuidado de apenas dizer ao pai, quando intercedia pelo irmão:

— Mas Louis gosta muito do senhor, meu pai, portanto seja mais paciente com ele.

— Pode ser, mas ele tem por você uma aversão que não é natural — retrucava Armand, em tom petulante. — Como é que então você, seu pobre-diabo, pode querer que eu sinta senão aborrecimento em relação a ele? Além disso, ele me oprime. Dá-me calafrios. Sempre me deu. Devia tê-lo estrangulado, quando ele nasceu. — E ria, infantilmente e com maldade, como se essas palavras o fizessem vingar-se do filho. — Ele não é humano. Nasceu sem partes de homem.

Deitado na sua posição de inválido, junto à janela ensolarada, naquele dia quente de primavera, Armand pensou nisso, ao olhar para Louis, sentado diante dele, tão rígido, tão alto, tão ereto na sua batina preta. Louis parecia ter uma aversão inconsciente à luz do sol. Sentava-se na sombra. Mas os raios do sol se refletiam no seu belo rosto, como se fossem lanças de radiância, tocadas pelo gelo. Parecia mesmo uma estátua. Armand não se apercebia de como ele era patético, de como era só, horrivelmente só. Não fazia a menor ideia do desespero frio e amargo, negro e monstruoso, que se ocultava nas cavernas subterrâneas e anônimas da alma solitária de Louis. Não sabia que a única emoção de que Louis era capaz, além do amor pelo pai, era o ódio. E mesmo esse ódio não tinha as características humanas de homens menos importantes do que cie, embora contivesse, em estado latente, a mesma crueldade, a mesma falta de escrúpulos, a mesma inexorabilidade, a mesma monstruosidade. Armand só sabia que Louis alternadamente o irritava, o assustava, o fazia ficar embaraçado e curiosamente sem ar, como se o

jovem sacerdote trouxesse consigo o ar rarefeito, a sensação de incapacidade de respirar, peculiar às grandes alturas.

Armand não era um inválido, mas estava-se recuperando da aflição e apreensão causadas pelo misterioso desaparecimento de Arsène. O seu natural nervoso fazia, porém, com que ele fosse vítima de frequentes ataques de lassidão, dores vagas, exaustão e melancolia. Tudo isso induzia uma indolência paradoxal em uma pessoa tão nervosa, rápida de movimentos e inquieta. Seu corpo, seu rosto, seu temperamento eram os de um homem irrequieto e caprichoso, o que ele realmente era, quando estava no seu estado normal. Detestando toda e qualquer responsabilidade, desconfiado, velhaco, puerilmente traiçoeiro, tinha frequentemente que se retirar para os seus aposentos e descansar do constante torvelinho com que o punham as suas emoções, superficiais mas avassaladoras. Durante esses períodos, entregava-se a luxos e caprichos, chamando o cabeleireiro e os valets para atendê-lo constantemente. Era tão vaidoso quanto uma mulher fútil. Seus longos cabelos negros, lisos, oleosos e com forte tendência a cãs, eram tingidos, alisados com pomadas olorosas, escovados e penteados, de modo a caírem sobre os seus ombros estreitos, em cachos geométricos. O seu comprido nariz, sempre franzido, era coberto de pós-de-arroz. Os cílios que franjavam os seus olhos negros, pequenos e muito juntos, eram cobertos de uma tintura oleosa, que os tornava espessos e pretos, da mesma forma que as negras sobrancelhas, tão parecidas com as de Arsène. Seus olhos eram tão penetrantes, tão inquietos, tão brilhantes, tão desconfiados, que por sua vez inspiravam desconfiança. Havia mais de um traço de ruge nas maçãs do seu rosto, altas e estreitas, e na sua boca fraca e espasmódica, com o lábio inferior pendente e petulante. Seu rosto era seco, de pele grosseira, apesar dos unguentos perfumados, e sulcada de rugas profundas, das narinas até a boca, e por sobre a testa alta e estreita. Toda a sua expressão traduzia ansiedade crônica, malícia, desconfiança de tudo, velhacaria e espírito traiçoeiro. Mesmo quando estava só, ou calado, as suas mãos gesticulavam involuntariamente, faziam gestos em sentido, os dedos finos e morenos cheios de anéis reluzentes.

Achava-se irresistível às mulheres e, a julgar pelas que lhe andavam à volta, talvez fosse. Era por demais vaidoso para pensar que a sua posição na Corte, o afeto que o rei tinha por ele e a sua fortuna pudessem ter algo a ver com aquela devoção das mulheres. Adorava roupas elegantes, era um ditador de modas, desenhando muitos dos seus gibões e chapéus, e até mesmo a renda que mandava fazer especialmente para ornamentar as golas e os punhos. Não havia dúvida de que tinha bom gosto e um instinto natural para modas, estilos e cores, pois todos procuravam copiá-lo, e a sua opinião sobre o que se usava era solene e servilmente acatada. Suas roupas eram de cores escuras e intensas; ameixa, azul profundo, escarlate, vinho e negro. Tinha um orgulho extraordinário dos seus tornozelos, finos e femininos, das suas pernas bem-feitas e dos seus graciosos e pequenos pés. Era também um conhecedor de perfumes, que os seus perfumistas particulares preparavam numa câmara fechada a sete chaves, no Hôtel de Vaubon. Uma amostra do perfume mais recente, chamado Fleur d'Amour, estava num belo frasco de cristal e ouro, sobre a mesa barroca junto da sua chaise-longue, e ele cheirava-o no meio da conversa com Louis, seu filho. Toda a sua pessoa estava inundada de perfume, bem como o lenço de seda e rendas que ele segurava delicadamente na mão. As narinas de Louis dilatavam-se, nauseadas, ante o ataque daquele perfume almiscarado, e ele punha a cabeça para trás, como se a procurar defender-se. Armand notou isso e, de maldade, pôs mais perfume no lenço e começou a gesticular ainda mais com ele.

O bom gosto de Armand estendia-se a toda a sua mansão. O seu quarto de dormir era de estilo barroco, mas não exagerado. Havia elegância em cada mármore, em cada detalhe dourado, em cada mesinha de ébano. A combinação de cores era perfeita. As paredes eram recobertas de seda de vários tons de ouro, sutilmente combinados de modo a produzir o efeito de raios de sol filtrados. O tapete persa,

sobre o soalho encerado, era uma bela mistura de tons de azul, ouro, fios escarlate e verde delicado. A cama de dossel, com seus postes de madeira dourada e trabalhada, tinha pesados cortinados, iguais aos das janelas altas, de vidraças bisautées, e era também recoberta do mesmo tecido. Sobre a cômoda negra e dourada, ao pé da cama, via-se um formidável estoque de perfumes, pomadas, pós, escovas e pentes de ouro, sem falar nas loções para os pés e para as mãos e nos cosméticos para os olhos e sobrancelhas. Um enorme lustre de cristal, semelhante a um conjunto de estalactites, pendia do teto de gesso com arabescos dourados. Nas paredes viam-se quadros decadentes e impróprios. Como uma concessão, talvez de última hora, porém necessária, havia um crucifixo de ouro, em cima de uma mesa arrumada como um altar, com um pano branco, orlado de renda.

Armand achava, e tinha razão, que aquele crucifixo não combinava com o resto do aposento, ao mesmo tempo feminino e lascivo. Mas, na qualidade de convertido, de quem voltara para o seio da Santa Madre Igreja, ele precisava dar sempre mostras da sua piedosa devoção. Por vezes, quando não tinha visitas perigosas, mandava colocar um belo biombo chinês à volta do crucifixo, que ficava à vista quando Louis, ou outros como ele, em quem não se podia confiar, resolviam visitá-lo. Mas o seu olhar inquieto pousava nele de vez em quando, com irritação mal contida, de quem achava que o crucifixo destoava do resto do quarto. E aquilo lhe aumentava o natural nervosismo.

Fora Louis quem dera ao pai o crucifixo de ouro, julgando que o Cristo de marfim e a beleza da peça agradassem àquele homem fútil e amante do belo, e pudessem, quando ele o contemplasse com prazer estético, imbuí-lo do seu significado mais profundo. Não podia saber, na sua simplicidade altaneira e distante, que a mera visão do crucifixo irritava e até mesmo enfurecia Armand, que nunca se esquecera do pai e de La Rochelle. O crucifixo perturbava e atormentava Armand como nenhum outro objeto, e às vezes ele o olhava com um ódio estranho, num homem tão superficial. Certa ocasião, diante de Arsène, atirara-o para o chão, num misto de raiva e repugnância, dizendo que preferia abjurar de tudo a conservá-lo no seu quarto.

Mas Arsène apanhara-o do chão e, rindo, recolocara-o no lugar.

— A beleza, não importa a sua forma, é sempre sagrada — dissera ele.

Armand calara-se abruptamente, em meio ao acesso histérico, e olhara para o filho.

— Não tenho nada contra o objeto, e sim contra quem o deu — resmungara, finalmente, esfregando as mãos finas, estremecendo e olhando para a porta, como se desconfiasse de que algum criado pudesse estar ouvindo.

Mas Arsène, com um dos seus raros vislumbres intuitivos, tivera a certeza de que não era só isso.

Agora, enquanto Armand falava languidamente com o filho mais moço, os seus olhos a toda hora se desviavam para o crucifixo. Segurava o frasco de perfume contra as narinas frementes. Sua mão cnjoiada não parava de tremer debilmente. Debaixo do ruço, ele estava um pouco pálido e o seu coração pulsava, com aquele tremor intolerável que prenunciava um ataque histérico. A presença de Louis tinha sempre aquele efeito sobre ele, mas faltava-lhe sutileza para compreender isso. Não conseguia ler a paixão triste que havia naqueles grandes olhos azul-claros, não percebia a tragédia que se escondia naquele corpo rígido mas gracioso, oculto pela batina. Não via grandeza sombria naquelas mãos entrelaçadas e brancas. Sabia apenas que Louis o fitava e o seu mal-estar crescia.

Mas sabia que Louis estava preocupado com ele. Pardieu, se aquele pobre-diabo não tivesse ido visitá-lo, ele, Armand, teria saído na sua carruagem a passeio pelo Bois, farejando os olores primaveris da terra, sentindo o sol coar-se por entre as novas folhas das árvores! A solicitude muda, porém visível, do filho oprimia-o. Fingiu estar muito cansado e sentir dores, para atormentá-lo. Tudo aquilo era instintivo. Ele não podia compreender o amor que Louis sentia por ele.

Mon Dieu!, pensou. O seu rosto não tem mais expressão do que o de um peixe num aquário!

Em voz alta disse, remexendo-se nos travesseiros:

— Você nunca entendeu o diabo do Arsène. Talvez você seja incapaz de compreendê-lo, Louis. Arsène é alegre, encantador. Tem um coração de ouro. É divertido, é elegante. Todo mundo gosta dele. Talvez você sinta ciúmes.

Um leve espasmo percorreu os lábios bem desenhados de Louis, mas ele retrucou, calmamente:

— Arsène é um jogador. Frívolo, amigo de aventuras. Ama o perigo por si mesmo. É imprudente e não muito inteligente.

Havia na sua voz um leve tremor, como se estivesse emocionado, e virou a cabeça para o lado.

Armand riu com malevolência. Agitou o lenço, saturado de perfume, e olhou bem para o filho, ao mesmo tempo em que dava de ombros.

— Não obstante, Sua Majestade gosta dele. Mais do que de você, meu caro Louis. Ainda ontem ele me mandou um bilhete, no qual dizia: “Onde está o divertido do Arsène? Sentimos muita falta dele”.

De novo um espasmo perpassou os lábios marmóreos de Louis.

— Certa vez — continuou Armand, com deleite — Sua Majestade me disse: “Sua Eminência gostaria de que Arsène fosse comandante da sua guarda. Mas eu prefiro-o à frente do meu estandarte, isto é, se ele alguma vez ficar num único lugar o tempo suficiente para ouvir a minha proposta”.

Uma expressão de estranha ansiedade brilhou nos olhos de Louis.

— Sua Eminência ainda ontem disse exatamente isso, que gostaria de ter Arsène como comandante dos seus mosqueteiros. Mas quando foi que Arsène deu ouvidos senão aos seus próprios desejos, apesar de ser um excelente espadachim?

Armand ficou olhando pela janela, com um sorriso e um ar de quem sonhava.

— Ele podia vir a ser um novo Monsieur de Bassompierre, se quisesse. É também um bom jogador de xadrez. Sua Eminência mencionou esse fato. Mas ele não liga para nada. É demasiado independente. . .

— Por demais dado aos seus ridículos prazeres — interrompeu Louis, com um olhar sombrio.

Armand ficou furioso.

— Repito, você faz um juízo preconcebido a respeito do seu irmão. Paul de Vitry, por exemplo, é grande amigo dele. De Vitry vê mais em Arsène do que você, seu padrego.

Louis levantou-se de repente e avançou, com seu passo lento, mas leve, para o crucifixo. Ficou a olhar para ele, as mãos involuntariamente juntas, numa atitude de prece. Quando por fim falou, sua voz era estranha:

— Pai, o senhor alguma vez ouviu falar em Les Blanches?

Armand virou a cabeça e olhou, com súbito terror, para as costas eretas e bem-feitas do filho. Sentou-se, agarrou-se aos braços da poltrona. As juntas dos seus dedos ficaram brancas, os tendões saltaram, e ele empalideceu.

— Les Blanches — repetiu, numa voz que mais parecia um vagido. Umedeceu os lábios, que haviam ficado ressequidos sob a espessa camada de ruge. — Não, nunca ouvi falar. Que vem a ser isso de Les Blanches?

Louis, mesmo não querendo, sentiu uma dor no coração diante do terror manifesto na voz do pai. Não podia suportar aquilo. Voltou para junto de Armand, inclinou-se para ele e estendeu a mão para tocar a do pai. Mas logo recuperou o sangue-frio.

— Não é nada — murmurou, tranquilizador. — Absolutamente nada. Só que Monsieur de Vitry é suspeito de ser o organizador, o chefe de Les Blanches, que dizem ser uma sociedade secreta de huguenotes, cujos fins são a traição, o crime, a derrubada do governo de Sua Majestade Católica.

Respirou com dificuldade e procurou sorrir, um sorriso doloroso e patético. Armand deitou-lhe um olhar de medo, de animal assustado.

— Eu só estava pensando — prosseguiu Louis — que uma pessoa como Monsieur de Vitry não é boa amizade para Arsène, seu filho e meu irmão.

Armand continuou sentado na poltrona, agarrado aos seus braços. Gotas de suor surgiram-lhe na testa.

— Bobagem — murmurou, incapaz de falar em voz alta.

Engoliu em seco e depois, recuperando a voz, exclamou, apavorado:

— É mentira! Uma das suas mentiras sacramentais, Louis! Conheço Monsieur de Vitry e conheci o pai dele, já falecido. Além do mais, Arsène é demasiado esperto para ter algo a ver com esse tal. .. esse tal de Les Blanches. . .

— Eu não disse que ele tinha algo a ver com eles — retrucou Louis, suavemente.

Fechou um momento os olhos, como se sentisse alguma dor.

— Eu disse que se comentava por aí que de Vitry era o organizador e o chefe da sociedade, Arsène provavelmente ignora isso. De Vitry é por demais astuto. Mas, se ele fosse preso, não ficaria bem para Arsène, na qualidade de seu amigo. Não podemos ser alvo de suspeitas, nós, que há tão pouco tempo regressamos ao seio da Santa Madre Igreja.

— Vou falar com Arsène, quando ele voltar — prometeu Armand.

Recostou-se nas almofadas, levou o lenço ao nariz e enxugou disfarçadamente a testa. Sua mão tremia visivelmente. Seu rosto estava todo contorcido. Fingiu raiva.

— Esse Arsène! Quando é que ele vai parar de se envolver em brigas de bordel! Já lhe avisei. Desta vez, a coisa deve ter sido séria, ou ele não ficaria tanto tempo ausente. — Hesitou e mentiu: — Mandei averiguar. Sei onde ele está. Foi uma mulher, parece que a amante de. . . de. . .

Não conseguiu lembrar-se de um nome ao mesmo tempo importante e convincente.

— Ê uma vergonha — concordou Louis, com severidade.

Armand, agora sossegado, sorriu velhacamente. Mas os seus lábios e os cantos dos seus olhos não pararam de tremer,

— Que sem-vergonha ele saiu! Meu avô era igualzinho. Nenhuma mulher estava a salvo, nem mesmo a ama do seu décimo segundo filho!

Pôs-se a dizer coisas incoerentes. Sua voz lembrava o vibrar das asas de uma ave-mãe, procurando afastar a raposa que procura roubar-lhe os filhotes.

— Talvez você não saiba, Louis, que eu peguei o desgraçado do seu irmão com uma criada, quando ele tinha apenas catorze anos. Um escândalo!

— Realmente — murmurou Louis, desviando os olhos do pai.

Armand riu, um riso rouco.

— Sem dúvida, sem dúvida. Mas o que é que se pode fazer com um libertino desses? Dei-lhe uma surra, e o senhor arcebispo passou-lhe uma descompostura e várias penitências. Nada adiantou. Bem, ele ainda é jovem. O juízo vem com a idade, a sensatez vem quando a virilidade começa a falhar...

Louis poderia ter retrucado que tal não era o caso do pai, mas limitou-se a olhar para Armand com pena.

— Vamos rezar para que assim seja — disse,

Armand dominou a vontade de rir e olhou, delicado, para o teto,

— Arsène rivaliza, em virilidade, com Sua Eminência!

Lembrou-se do que Louis dissera demasiado tarde. Olhou alarmado para a cara do filho, a si próprio amaldiçoando a imprudência. Mas a expressão de Louis continuava grave e remota, e, embora os seus olhos fossem penetrantes, o jovem padre nada disse.

Armand tocou furiosamente a campainha para chamar o valet.

— O preguiçoso! — exclamou, com voz frenética. — Está na hora do meu banho, e ele de conversa com as criadas! É demais!

A porta abriu-se, e Armand começou a gritar uma série de pragas. Mas quem apareceu não foi o valei, e sim Arsène, em carne e osso, pálido, sorridente e à vontade.

● Capítulo X

Armand empalideceu e pestanejou, incapaz de falar diante daquela aparição. Louis levantou-se sem querer, com uma espécie de pressa convulsiva, agarrando-se às costas da cadeira dourada, um breve espasmo percorrendo-lhe o rosto frio e estatuésco.

Mas logo Armand soltou um grito e rompeu em lágrimas. Estendeu os braços para Arsène, fazendo movimentos frenéticos com as mãos, semelhante à mãe cujo filho corre perigo, o rosto contorcendo-se e tremendo.

— Seu sem-vergonha! — exclamou, sufocando as lágrimas. — Onde você andou se escondendo, em que boudoir? Vamos, dê-me um beijo! Mon Dieu, como senti falta da sua cara sem-vergonha! Eu o detesto, vou deserdá-lo! Vamos, me dê um beijo!

Havia mais. do que amor, mais do que alívio e alegria, naquela voz trêmula. Arsène, rindo, avançou para o pai e suportou-lhe os abraços apertados, os beijos demasiado veementes, inclusive para a adoração que Armand votava ao filho. Em meio a todas essas efusões, os lábios pintados do pai tocaram o ouvido de Arsène e murmuraram:

— Cuidado! Les Blanches! Louis!

E de novo o abraçou e o beijou, entre gritos de emoção.

A expressão de Arsène não deixou transparecer nada do que ouvira. Quando, por fim, pôde se libertar dos abraços do pai, levantou-se e apertou a mão de Armand com calor, afeto e confiança. Depois, voltou-se para Louis.

— Bon jour, Monsieur le Curé — disse, numa voz bem-humorada mas afetuosa, que tinha algo de irônico e satírico. — Você está com bom aspecto, como sempre.

Os irmãos olharam um para o outro em silêncio, Arsène sorridente, Louis frio e distante, setis grandes olhos azuis brilhantes e fixos. Por fim Louis disse, num tom digno e controlado:

— Ainda bem que você voltou, Arsène. Meu pai ficou doente de preocupação. Não acha que nos deve uma explicação para tão longa ausência?

Armand apressou-se a exclamar, com certa incoerência:

— Mais oui! Naturalmente! Ele está envergonhado, o pilantra! Claro que está envergonhado, ou não teria mandado aquele abade velho e miserável falar com você, Louis, e dar-lhe uma desculpa esfarrapada sobre não sei que “acidente”! Ah! — continuou ele, apontando com o dedo fino para Arsène dizendo, numa voz que denotava pavor: — Que belo hipócrita, hein! Um abade e um libertino! Onde foi que você encontrou o inocente? No boudoir da sua amada? Ou ele tinha ido confessá-lo, no momento em que o marido descobriu a esposa nos seus braços? '

Arsène deu nova risada, mas Louis limitou-se a olhar para ele. Arsène apontou para o próprio rosto e piscou o olho.

— Olhem para esta cicatriz. Não fica bem? Mas permita-me ter os meus segredos, pai. Seria falta de galanteria revelá-los, não acha? Quando há uma dama envolvida, deve-se guardar silêncio, não é assim?

Armand só então reparou na linha vermelha e irregular que havia na face do filho e olhou-a com cara assustada, pois via-se que não se tratava de um ferimento superficial. Reparou também que Arsène estava muito mais magro e muito mais pálido, e que parecia exausto, abatido. O seu coração de pai que adorava o filho deu um pulo, num misto de terror e dor.

— Quer dizer que havia uma dama no meio? — perguntou Louis, friamente.

Arsène deu de ombros.

— Por que a pergunta, Louis? Não foi você mesmo quem me deu uma reputação libertina? Não deixa de ser estranha tanta perspicácia, num padre casto como você. Ou será que os padres suspeitam e esperam sempre coisas obscenas? Repito, é muito estranho.

Pela primeira vez, um rubor esparelhou-se nas pálidas faces de Louis, lembrando o reflexo do pôr-do-sol sobre um campo nevado. Arsène, mais do que qualquer outro homem, tinha sempre o poder de desconcertá-lo e enfurecê-lo. Deitou ao irmão um olhar comprido, aparentemente impassível, mas virulento.

— Não acha que está na hora de encarar a vida com mais seriedade, Arsène? Não pensou em Mademoiselle de Tremblant, que adoeceu com o seu prolongado desaparecimento? Fui várias vezes visitá-la, consolá-la.

Arsène riu malevolamente.

— Sem que o sangue lhe pulsasse com mais força nas veias frígidas, Louis? Como é que você pôde olhar para uma beldade daquelas, para aqueles ombros tão brancos, para aquele colo, sem que o seu gélido coração batesse mais forte?

Louis não respondeu. Continuou a olhar fixo para o irmão, mas ficou mortalmente pálido, como se a mão do demônio o tivesse tocado.

— Você está doente! — exclamou Armand. — Vá logo para a cama. Chame o Pierre para ajudá-lo a se deitar, seu cachorro fedorento!

Arsène pegou negligentemente no frasco de perfume que havia sobre a mesinha, ao alcance do pai. Levantou a tampa e aspirou profundamente. Inclinou a cabeça, olhou para o espaço. Franziu a testa, espichou os lábios, sorriu, abanou levemente a cabeça. Apesar do seu medo e da sua agitação, Armand ficou espantado, à espera de uma explicação para o procedimento do filho.

— Maravilhoso — comentou Arsène, a mão tremendo de fraqueza, ao recolocar o frasco no lugar. — Acho que é o melhor que você já conseguiu. Mas não lhe parece que tem almíscar demais? Um pouco menos tornaria o perfume bem mais sutil.

Armand umedeceu os lábios e aproveitou a deixa de Arsène com uma ansiedade histérica, tocada de orgulho e irritação. Seus reluzentes olhos negros não tinham sossego.

— Como é que você se atreve a criticar um perfume destes, se você não tem a menor delicadeza? Não, não tem almíscar demais! Quase não tem nenhum almíscar.

Pegou no vidro e cheirou-o com ar crítico e extasiado, sem tirar os olhos de Arsène.

— Este é realmente o melhor perfume que já consegui. Mandei um frasco a Sua Majestade e outro para Monsieur le Cardinal. Eles apreciam o que é bom. Não andam por cavaliças, como você, seu sem-vergonha! Dei-lhe o nome de Fleur d'Amour.

— Banal — disse Arsène, abanando a cabeça. — Sem imaginação. Por que não batizá-lo de “Sua Majestade”? Seria mais delicado e poderia levar a rainha-mãe a tomar mais do que um banho a cada seis meses.

Armand riu estridentemente, mas as louras sobrancelhas de Louis franziram-se em sinal de reprovação.

— Não acha isso falta de respeito? — perguntou.

— Insisto em que tem demasiado almíscar — disse Arsène para o pai.

Louis fez um movimento breve e encaminhou-se para a porta.

— Estarei à sua espera na Sala Rosa, Arsène. Preciso trocar algumas palavras com você.

Armand deixou-se novamente levar pelo terror. Agarrou a mão de Arsène e olhou com ódio para Louis.

— Você não tem mesmo coração, Louis! Não vê que Arsène está fraco, doente e precisando de

repouso? Faço questão de que ele se deite imediatamente! Não faltará ocasião para conversas inconsequentes.

— De qualquer maneira — teimou Louis, de pé junto à porta —, eu preciso, e vou falar com Arsène.

— Vá para o diabo! — gritou Armand, perdendo completamente o controle.

Sorrindo, Arsène pousou a mão no ombro do pai e pressionou-o.

— Eu também quero falar com Louis — disse, numa voz peculiar.

Armand olhou para o filho, ofegante, com as pupilas dilatadas, como se quisesse preveni-lo de algo.

Arsène abanou ligeiramente a cabeça, sem deixar de sorrir. Armand ficou um pouco aliviado, mas continuou a tremer.

A porta fechou-se atrás de Louis. Fez-se silêncio no quarto. Movendo-se sem fazer barulho, como um gato, Arsène foi até a porta e abriu-a. O ensolarado corredor estava vazio, e Arsène sen-líu-se envergonhado. Devia ter sabido que Louis, o imaculado, o orgulhoso, jamais, nem mesmo no interesse de tudo o que considerava mais sagrado, teria descido ao ponto de escutar às portas.

Rindo para si mesmo, Arsène voltou para junto do pai, que estava sentado na sua poltrona, rígido, as rosetas de ruge destacando-se nas faces murchas e morenas. O medo tomara novamente conta dele. Abanou a cabeça para o filho e ergueu a mão carregada de anéis.

— Não — murmurou. — Não quero saber de nada. Não me conte nada.

Arsène sentou-se na cadeira que Louis deixara vaga e puxou-a para o sol.

— Sofri muito — disse Armand, e havia uma comovente dignidade na sua elegante frivolidade. —

Mas o que eu sofri não interessa agora que você está de volta são e salvo.

Apertou as mãos uma contra a outra, como se estivesse com dor.

— Nenhum homem, nenhuma mulher, nada me causou tanta preocupação quanto você, Arsène. Talvez porque nunca amei ninguém a não ser você.

As lágrimas subiram-lhe aos olhos e nada havia nelas de piegas, apenas uma comovente sinceridade. Arsène ficou muito emocionado. Pegou na mão trêmula do pai e beijou-a.

— Peço-lhe perdão, meu pai — disse, com voz grave e comovida. — Tenho sempre que lhe pedir perdão. Não sou digno do seu amor. Mas preciso fazer o que tenho que fazer.

As lágrimas rolaram pelas faces de Armand, borrando-lhe o ruge, mas ele olhou para Arsène com desespero. Por fim, disse, com dificuldade, e num tom implorativo:

— Havia uma mulher no meio, Arsène?

Arsène hesitou. Depois, ergueu a cabeça e olhou, com expressão sonhadora, pela janela. O sol entrava, trazendo calor e poeira. Da rua vinha o rumor de muitos passos, o som de muitas vozes, o rolar de muitas carruagens sobre as pedras da calçada.

— Sim — respondeu Arsène, em voz baixa —, havia uma mulher.

Armand suspirou. Recostou-se na poltrona, sempre com a mão na do filho. Fechou os olhos enrugados, exausto. O kohl negro destacava-se nos pés-de-galinha e nas pestanas do marquês.

— E Mademoiselle de Tremblant? — perguntou, com voz fraca.

— Clarisse nada tem a ver com isso — retrucou Arsène. — É minha noiva e vamos casar em junho, conforme planejado. Esta. . . esta outra mulher não _ entra na minha vida. É muito jovem, muito doce, muito bela. É minha amiga. É pura como o cristal. Não, não é para mim. Nunca ousaria tocá-la, — Seu rosto expressivo ficou triste. A cicatriz na sua face ficou mais marcada. — Não obstante — continuou, numa voz quase inaudível — soube, pela primeira vez na minha vida, o que é o amor, o que o amor pode ser. Não sinto pena e nem desejo. Duvido de que alguma vez volte a vê-la.

— Ah, l'amour! — exclamou Armand, sem abrir os olhos e suspirando sentimentalmente.

Mas havia algo de mecânico na sua voz, como se ele fosse indiferente ao amor.

— Não pode torná-la sua amante? Quem é capaz de lhe resistir, seu libertino?

Abriu os olhos e sorriu impudentemente.

Mas Arsène, subitamente grave, levantou-se e olhou para o pai.

— Que foi que o senhor me sussurrou ao ouvido? Que quis dizer com aquilo?

De novo possuído pelo medo, Armand murmurou:

— Louis, antes-de você entrar, ele me perguntou se eu conhecia um tal de Les Blanches.

Agarrou novamente a mão de Arsène com mão fria e rígida.

— Ele não o acusou de pertencer à sociedade, Arsène! Mas disse que o seu amigo, Paul de Vitry, era o organizador. . .

Arsène estremeceu. Apertou os lábios e olhou fixo para o pai.

— Louis disse como foi que soube disso?

— Não. Não, eu não quis ouvir. Arsène, eu não quero saber de nada! Já não lhe disse isso? Não lhe implorei que tomasse cuidado, que parasse, que. . .

Arsène interrompeu, inexorável:

— Devia ter ouvido o que ele tinha para dizer. Devia ter-lhe leito perguntas. Trata-se de uma coisa importantíssima.

— Por quê? — gritou Armand, a quem o medo fazia esquecer .1 precaução. — Que é que isso lhe pode interessar? Não, não, não precisa me responder! Não quero ouvir! Não vou ouvir. Não lhe vou pedir de novo para pensar no seu pai, na minha posição, em mdo o que eu sempre quis, e conquistei e desejei. . .

A expressão de Arsène mostrava que ele não ouvira nada do que o pai dissera. Era dura e intensa.

— Teve notícias de Paul? Viu-o? Ele desapareceu? Pelo amor de Deus, pai, responda!

Armand nunca ouvira o filho falar assim, num tom de voz grave, implacável, frio e agitado. Torceu as mãos, procurando fugir daquele olhar inexorável.

— Quer me matar? — gemeu. — Será que não há paz neste mundo para mim? Não poderei gozar daquilo que consegui. . .

— Mentindo, traindo, violando? — concluiu Arsène, em voz baixa e amarga. — Inclinou-se sobre o pai, pressionou-lhe os ombros com as mãos, forçou-o a olhá-lo nos olhos. — Precisa responder ao que eu lhe perguntei. Onde está Paul? Ele foi. . . onde está ele?

Armand estremeceu, choramingou.

— Como você me tortura, Arsène! Você não tem pena, amor ou consideração por mim. Que tenho eu a ver com esse tai Paul de Vitry? Odeio-o, detesto-o pelo que ele está fazendo com.. não sei de nada, Arsène! Só sei que, dois dias depois que você. . . desapareceu, ele veio até aqui perguntar por você e fingiu espanto quando eu lhe disse que você não tinha voltado de uma das suas excursões noturnas. Tinha o braço numa tipóia, debaixo da capa. Estava muito pálido.

— Então — disse Arsène, em voz alta, mas para si mesmo — isso quer dizer que ele conseguiu escapar.

Suspirou. A palidez do seu rosto diminuiu. Chegou mesmo a sorrir um pouco. Depois, a fraqueza fez com que ele cambaleasse e se agarrasse aos cortinados da janelá.

Armand continuou, gaguejando de nervoso:

— Ele voltou, não faz muito. Disselhe que você tinha mandado um abade, uma criatura miserável, com um recado, dizendo que você estava bem e voltaria breve. A-amaldiçoei-o por arrastá-lo para essas p-perigosas aventuras a-amorosas, à noite.

Arsène pensou no amigo, dedicado e idealista, e sorriu involuntariamente. Não resistiu a perguntar:

— E que foi que Paul disse?

Os olhos de Armand brilharam, vingativos.

— Disse: “Sim, concordo em que é uma loucura. Mas um rapaz precisa se divertir. Peço-lhe humildemente perdão, Monsieur le Marquis. Mas o que se pode fazer quando se tem o sangue quente, e a vida é curta? Decerto o senhor também já fez das suas, e ainda é jovem o bastante para desculpar tais aventuras”.

Armand sorriu e as suas emoções eram tão caprichosas, tão superficiais, que, mesmo naqueles momentos tão sérios e graves, era capaz de inclinar a cabeça para o lado e sacudir os cachos, perdidos em reminiscências.

— Retruquei-lhe — continuou — que é preciso haver discricção, mesmo na aventura e no amor. Os maridos são notoriamente intransigentes com relação às esposas. Disselhe que ele não era companhia adequada para você, Arsène, e que eu lhe agradeceria se pusesse um ponto final nessa amizade.

— O senhor é demasiado virtuoso para ter um filho corno eu, pai — disse Arsène gravemente.

Armand ficou indignado.

— Rapazinho, fique sabendo que eu tive aventuras como nenhum de vocês pode sequer imaginar, com as suas intrigas bobas e primárias. Mas eu era discreto, tinha elegância. Você é simplesmente grosseiro, como os alemães e os ingleses. Deve ser herança da sua mãe. O pai dela era alemão. Você herdou dele a falta de delicadeza, a ausência de maneiras.

Estava agora mais à vontade, e apenas o tremor dos seus lábios pintados revelava o que ele passara. Falou em voz alta, para o caso de que alguém estivesse ouvindo escondido.

Arsène sorriu.

— Tem razão — admitiu.

Ficou brincando com uma borla dourada que pendia dos cortinados, enquanto o coração lhe voltava ao ritmo normal.

— Vou procurar emulá-lo, pai.

Dirigiu-se para a porta.

— Esse Louis! — exclamou Armand, e o terror se espelhou de novo no seu rosto. — Aquela serpente branca! Cuidado, Arsène. Cuidado com a sua língua. Você tem um inimigo que não é brincadeira. Vai tomar cuidado?

Arsène levantou a mão e inclinou a cabeça.

— Serei discreto — prometeu. — Não tenha medo. Quem vai fazer perguntas agora sou eu. Louis não tem sutileza.

● Capítulo XI

Arsène não se havia dado conta de como a doença o enfraquecera, até que começou a descer a escadaria de mármore e metal dourado, que ocupava o centro da mansão do Marquês de Vaubon. Pareceu-lhe que a escadaria não estava fixa, que flutuava e ondulava através do espaço, subindo e caindo. Teve que se agarrar ao corrimão dourado e fechar os olhos, para não despencar de cabeça. Quando, finalmente, abriu os olhos, estava banhado em suor, a meio caminho da escada, cujos últimos degraus brilhavam à luz do sol. Diante dele, no patamar, estava o retrato do seu avô, Étienne de Richepin, Marquês de Vaubon, uma figura heróica, que perecera, havia muito, após um longo martírio.

O retrato pendia, em meio ao silêncio reinante, contra um fundo de paredes forradas de seda rosa e tinha uma moldura dourada. Arsène muitas vezes pensara, cinicamente, por que razão seu pai permitira que o retrato ficasse em exibição, pois Étienne de Richepin fora um dos mais ferozes inimigos da Santa Madre Igreja. Mas chegara, finalmente, à conclusão de que o pai fora movido pela vaidade, e não por uma secreta fidelidade e uma consciência pesada. Rorque Étienne de Richepin, esbelto, moreno e fogoso, com olhos que pareciam penetrar e arder, era uma figura inspiradora, mesmo em retrato. Havia ao mesmo tempo força e delicadeza naquele rosto aristocrático, que uma pequena barba ponruda e os bigodes pretos não conseguiam esconder. Sob o chapéu emplumado, os seus ilhos eram cheios de vida, e as suas sobrancelhas, severas e bem marcadas. Como a maioria dos huguenotes, vestia uma roupa escura. A gola não tinha rendas, era de linho branco e engomado, assim tomo os punhos. O seu casaco, o seu gibão eram de pano vermelho escuro, com botões de ouro. Tinha a mão branca, fina e ao mesmo tempo forte, pousada no cabo da espada incrustada de pedras, a mesma que agora pendia da cinta de Arsène.

Arsène sempre admirara aquele retrato, embora ultimamente tivesse sorrido do fanatismo revelado nos olhos do avô. Étienne de Richepin acreditara ardentemente, e até a morte, em algo. Arsène não acreditava em nada, e por isso sorria. Certa vez, Armand, que raramente falava no pai, afirmara que ele tinha dito:

— Tirem-me todas as coisas, inclusive a vida, mas deixem-me it fé em Deus e nos homens, e eu continuarei tendo tudo.

Uns meses atrás, Arsène achara essas palavras pateticamente divertidas. Como Étienne de Richepin fora ingênuo!

Agora, ao parar, ofegante, junto do retrato, pareceu-lhe que uma voz alta e clara o chamava e que essa voz vinha dos lábios finos e severos do avô. Olhou para aqueles olhos brilhantes e austeros, e uma força viva obrigou-o a ouvir, a meditar e a compreender. As pessoas muitas vezes diziam, ao ver o retrato, que Arsène se parecia incrivelmente com o avô, mas ele nunca acreditara. Agora, via que sim. O rosto que olhava para ele era o seu próprio rosto, apenas mais velho e barbado.

Estou febril, pensou ele, passando a mão pela testa molhada e apoiando-se, com a outra mão, à parede. Mas não podia libertar-se daqueles olhos, que pareciam ao mesmo tempo implorar-lhe e exigir algo dele. O retrato adquiriu uma terceira dimensão. Era um homem vivo, de carne e osso e espírito ardente, que estava encaixilhado naquela moldura, e o peito, debaixo do colarinho branco e do gibão escarlate, pulsava e arfava.

Arsène ouviu a voz que nunca antes ouvira. O seu tom era firme e arrogante, mas paciente, inflexível e estranhamente suave. Não conseguia entender as palavras, mas a voz penetrou-lhe na alma. Começou a ofegar, na sua agitação e fraqueza. Parecia pairar entre a luz e a sombra.

Foi então que, ao fundo da escadaria que dava a impressão de descer até a eternidade, viu seu irmão Louis, observando-o calmamente. O sol batia-lhe no rosto casto e inexorável, naqueles pálidos olhos

azuis, que lembravam fragmentos de porcelana, fria e reluzente. Brilhava-lhe na cabeça loura, revelava os contornos marmóreos dos seus lábios de asceta. Era uma verdadeira estátua de batina.

Não havia nada de terrível naquela presença, mas Arsène achou-a subitamente sinistra, desumana. E, contrastada com o retrato do avô, estranhamente morta, significativa e portentosa. Morta, sim, mas nem por isso menos poderosa e perigosa. Arsène teve a misteriosa sensação de que havia algum significado espiritual na justaposição do retrato e do padre, algo tremendo, que lhe estava sendo revelado. E ficou como que em suspenso.

Recuperando-se, desceu lentamente a escadaria. Louis parecia observar-lhe cada passo. Havia um brilho peculiar nos seus olhos, semelhante ao sol refletindo-se em estalactites. Sem dizer palavra, dirigiu-se, com seu andar ereto e majestoso, para o ambiente frívolo da sala de recepções, e ficou à espera do irmão.

Arsène deparou com ele no centro do salão, contrastando com as paredes brancas e douradas, a batina preta destacando-se contra o fundo do grande tapete azul brilhante e a delicadeza das cadeiras e dos canapés forrados de damasco rosa. O lustre de cristal pendia-lhe sobre a cabeça, explodindo, ao sol, em cores vibrantes. Algumas dessas cores refletiam-se no rosto impassível de Louis. A um canto do salão havia um grupo de estátuas de mármore, representando uma ninfa e um sátiro numa posição destinada a fazer corar a pessoa mais sofisticada. Arsène olhou para as estátuas e para Louis, e sorriu, sem querer.

— Você está doente — disse Louis, numa voz fria de gelo e sem vida.

Seu olhar percorreu o irmão com uma curiosidade distante, na qual não havia afeto ou preocupação.

Arsène, moreno, esbelto e mais alto do que a média, era no entanto muito mais baixo do que Louis, e mais seco de corpo. Mas havia vitalidade no seu olhar, encimado pelas sobrancelhas negras e bem delineadas. Havia animação e impaciência na sua boca expressiva, cujos cantos se voltavam mais frequentemente para cima do que para baixo. Até o seu nariz, fino e curvo, de narinas dilatadas, expressava energia e gosto pela vida. Seus movimentos eram rápidos, ardentes, cheios de graça e virilidade. Todo ele era fogo em presença do gelo. Louis olhou-o friamente, detestando tudo o que o irmão representava, odiando-o por aquela energia e vitalidade que ele não possuía, mas que não obstante temia.

— Sim, estive doente — disse Arsène, com indiferença. — Mas já estou me recuperando. Você queria falar comigo, Louis?

Mas o irmão continuou a olhar para ele fixamente.

Por fim, disse, com frieza:

— Sim, preciso lhe falar. É extremamente importante. Importante para o nosso pai, cujo bem-estar e cuja paz de espírito são o meu maior desejo.

— Você tem desejos? — retrucou Arsène, com bom humor.

Mas a pergunta era velha e mecânica, pois ele a fizera muitas vezes. Apesar disso, nunca deixava de trazer um brilho estranho ao rosto de Louis.

— Você mudou, Arsène — comentou ele, calmamente. — Não posso dizer qual foi a mudança, mas ela é evidente. Será demais esperar que você passe a encarar a vida com mais sobriedade, mais responsabilidade? Ou será apenas uma decorrência da doença?

Olhou para Arsène e voltou a verificar, com certa surpresa, que de fato o irmão mudara. O seu olhar parecia mais firme, a boca, mais grave, a testa, mais pensativa. Que queria dizer aquilo? Havia até uma certa tristeza em seus lábios.

Arsène não respondeu. Também ele estava surpreso.

— Contudo — disse Louis — não disponho de muito tempo.) que eu tenho para dizer é preciso dizer

depressa. Espero que você me dê toda a sua atenção, pois duvido de que volte a ter uma oportunidade como esta.

— Você está ficando chato — disse Arsène, irritado.

Louis estava se colocando no ridículo papel de um mestre-escola censurando um aluno recalcitrante. Intolerável, embora divertido. Mas Arsène farejava perigo.

— Fale de uma vez. Quero me deitar. Como você mesmo pode ver, ainda não estou completamente bom.

Mas Louis continuou no centro da sala, impassível e calado. Por fim, disse:

— Ouvi dizer que o seu grande amigo, o Conde de Vitry, é o organizador de uma conspiração huguenote, conhecida pelo nome de Les Blanches. Sem dúvida ele lhe falou disso, não?

Arsène olhou bem para o irmão.

— Não me lembro — murmurou, calmamente. — Mas o que isso tem a ver comigo?

— Era de esperar que você mentisse — retrucou Louis, com ar digno. — Você sempre foi mentiroso e não hesitaria em mentir descaradamente para proteger o Conde de Vitry. Isso não me preocupa. O que me preocupa é a sua possível conexão com Les Blanches. Preocupa-me por causa do meu pai.

— Você está fazendo acusações absurdas e infundadas! — exclamou Arsène. — Mas isso faz parte da natureza dos padres. Partem do princípio de que, se fizerem acusações estúpidas e ameaças ferozes, as suas vítimas, no afã de se defender, acabarão contando a verdade de que vocês suspeitavam. Fique sabendo que esse é um jogo que você não pode fazer comigo, Louis! Conheço bem os truques dos padres. Você fala de Les Blanches e acusa Paul de Vitry de conexão com o movimento. De que se trata? Não sei de nada a respeito, e nem Paul, tenho certeza. Onde foi que conseguiu essa informação? Quem é o seu informante?

Louis ficou calado, o rosto impassível. Mas não tardou a sorrir, um sorriso que mais parecia uma convulsão.

— Nunca subestimei a sua inteligência, Arsène — disse ele, tranquilamente. — Mas agora você se mostrou por demais ingênuo, sem um mínimo de sutileza. Pensou mesmo que me levaria a dar-lhe informações importantes?

Arsène ficou ao mesmo tempo embaraçado e profundamente alarmado. Ele é que subestimara Louis, o qual sempre fora o alvo de piadas e chacotas para ele e o pai. Diante dele estava um inimigo mortal, a ser respeitado e temido. Assumiu uma atitude despreocupada, franzindo a testa, como se estivesse intrigado.

— Não sei do que é que você está falando disse, fingindo-se perplexo.

Louis suspirou e encolheu os ombros. A sua expressão tornou-se severa, inexorável e ameaçadora.

— Vamos acabar de uma vez com a brincadeira. O Conde de

Vitry não perde por esperar, mas isso não me diz respeito. Conforme já lhe disse, minha única preocupação é com o meu pai. Se você fosse apanhado com de Vitry, durante uma reunião de Les Blanches, meu pai morreria de choque e de dor. Porque — e falou lentamente — não haveria misericórdia para nenhum dos cúmplices de de Vitry. Como você vê, estou sendo muito franco. Os guardas do Cardeal interromperam uma dessas reuniões, faz algum tempo, perto do Quai de Ferraille, e o combate foi terrível. Oito dos guardas foram mortos. Parece que o diabo em pessoa se encarrega de proteger os membros do Le Blanches. . .

Arsène empalidecera visivelmente e os seus olhos brilhavam, agitados. Mas, ao ouvir as últimas palavras do irmão, o sangue voltou-lhe às faces, e ele respirou fundo. Louis observou isso, e o leve sorriso implacável voltou-lhe à boca fina.

— Da próxima vez, porém, o mal não levará a melhor — continuou ele. — Para começar, sabemos

mais. É verdade que todos os membros fugiram, embora muitos tenham sido feridos. Devem ser ótimos espadachins, muito melhores do que os homens selecionados para a Guarda de Sua Eminência. Dizem que não se ligam aos poderosos, justamente os mais indicados para apreciar tanta destreza. Mas isso não vem ao caso. Como já disse, da próxima vez não vão ter tanta sorte. Planejaremos as coisas com mais cuidado. Temos os nossos espiões, os nossos informantes. Naturalmente — acrescentou, depressa — nada disso lhe interessa. . .

— Naturalmente — murmurou Arsène.

— Perdoe-me se o entedio — disse Louis, de novo com um sorriso frio, agora temperado de ironia. — Pensei, porém, que, na qualidade de amigo do Conde de Vitry, você pudesse estar interessado. Pode lhe dizer, por exemplo, que desista da sua traição e dos seus crimes. Prefiro crer que seja infantilidade dele, pois descende de uma família muito ilustre, que sempre serviu devotadamente à França. O próprio conde é muito dotado. Por várias vezes visitou esta casa; e a irmã dele, como você sabe, é Madre Superiora do Convento de Sacré Coeur, em Marselha. No caso de ser capturado em flagrante, como sem dúvida será, nem mesmo eu poderia ajudá-lo, e nem quereria.

— Compreendo — disse Arsène, com desprezo.

Louis considerou aquilo uma observação infantil e prosseguiu, calmamente:

— Já temos os nomes de muitos membros da organização, mas não de todos. É uma questão de tempo ter a lista completa. Depois, é só pegá-los em flagrante, durante uma das suas reuniões. Aí, nenhum escapará, seja qual for o seu nome, a sua posição ou as conexões da sua família. Pretendemos aniquilar essa conspiração até o último homem. Pretendemos salvar a França e a Igreja, purificá-las num rio de sangue. . .

E o seu rosto contorceu-se de fúria fria e vingativa.

— É um velho hábito — disse Arsène, dando de ombros, mas espantado diante da inusitada manifestação de emoção do irmão. — O fogo e o sangue são as armas costumeiras da Santa Madre Igreja. Sem falar na tortura. Tudo provas da sua eterna e amorosa solicitude.

Louis fingiu não ter ouvido. Continuou:

— As obscenas blasfêmias do alemão Lutero não voltarão a poluir a França, pode ter a certeza disso. A Igreja está no sangue e na alma dos franceses. Nenhum veneno estrangeiro penetrará neles.

De repente, a fúria tomou conta dele. Olhou para o irmão, sorridente, despreocupado e com ar irônico, e o ódio desvairou-o. Aquele encantador aventureiro! Aquele idiota, sempre disposto a rir! Aquele bêbedo libertino! Amigo de dançar, sem força ou firmeza! Mas era a ele que o pai amava e adorava, era ele quem tinha de ser protegido por causa do pai! Louis cerrou os punhos, escondidos nas pregas da batina, e todos os desejos, todas as angústias e amarguras da sua vida, todas as frustrações se avolumaram dentro dele como uma corrente de lava! Ah, naquele momento, ele era capaz até de matar! Não sabia que o ronco surdo que ouvia era o rugido do seu próprio e torturado coração.

Algo como uma neblina se formara diante dos seus olhos, e ele não percebia que Arsène o contemplava, espantado. Porque o seu rosto já não parecia humano, e os seus olhos estavam cheios de fogo. Arsène, assustado diante de algo que ele sabia não ser normal e próprio das emoções dos homens, recuara, involuntariamente. Sua mão procurara instintivamente o cabo da espada, pois percebia que, de certa maneira, era ele o objeto de toda aquela fúria.

A voz de Louis saiu-lhe dos lábios como que estrangulada.

— Cuidado! — gritou.

Deu meia-volta e dirigiu-se para a porta, num passo apressado e desordenado. Mas, uma vez na porta, a fúria de repente cedeu, deixando-o outra vez gelado e sensato. Apoiou a mão na porta e inclinou a cabeça. O coração ainda lhe batia com força, e ele fez um esforço para respirar lentamente. Tinha a

testa úmida, como se dedos gélidos se tivessem pousado nela.

Por sua vez acalmado, Arsène olhou penetrantemente para o irmão. Não era a primeira vez que lhe assistia àquelas enigmáticas manifestações de ira e, se alguma vez tinha procurado entendê-las, agora não mais se dava a esse trabalho. Faziam parte das peculiaridades e do caráter esotérico do irmão, divertidas, embora sem importância. Mas, desde que adoecera, o mundo adquirira novas dimensões para Arsène, novas nuances e significações, que ele nunca havia descoberto. Era como um homem que se recupera de falta de visão, e todo ele estava excitado e maravilhado, invadido por sensações novas e demasiado intensas.

Enquanto Louis, a cabeça inclinada e as costas trêmulas, procurava readquirir a habitual compostura, Arsène dizia para si mesmo: Toda a minha vida assisti a esses ataques. Que quererão dizer? Qual será a causa? Muitas vezes, no meio de uma conversa qualquer, ele foi possuído por uma espécie de acesso, ao olhar para mim ou discutir comigo. Terá tanto ódio de mim a ponto de perder a compostura? Mas por que me odiará tanto, embora seja tacanho de mentalidade e fraco de temperamento? Que foi que eu lhe fiz, para despertar nele tanta inimizade, tanto ódio? Que terei eu, para lhe provocar tanta fúria? Não compreendo!

Uma sensação oculta, como que de sonho, tomou conta dele, como se estivesse pensando em meio a um terrível pesadelo. E sentiu-se cheio de compaixão. Embora eu seja diferente dele, pensou, ele não me deveria odiar dessa maneira. As divergências de temperamento não constituem uma desculpa, uma causa, para emoções tão monstruosas, principalmente em alguém tão frio.

Queria falar com Louis, perguntar-lhe a explicação para aquela explosão. Mas não conseguiu falar. Limitou-se a aguardar.

Louis ergueu a cabeça, e um arrepio perpassou-o. Rezou, em silêncio: Meu Deus, pequei de novo contra Vós! Senti vontade de matar igual a Caim! Sou mau, e nem toda uma vida de oração, dedicação e castidade conseguiu modificar-me. Perdoa-me, Senhor!

Uma calma gelada apossou-se finalmente dele, uma calma que não era paz. Voltou para Arsène um rosto tranquilo, embora a sua palidez fosse mortal e os seus olhos azuis estivessem embaçados e raiados de vermelho.

— Já disse tudo o que tinha a dizer. Já o preveni. Amanhã, não poderei fazer mais nada.

A sua voz era fraca, porém firme. Olhava para Arsène, mas este teve a estranha sensação de que o irmão não o via. Tendo dito isso, Louis abriu a porta e preparou-se para ir embora.

Então Arsène falou, num tom de voz grave e hesitante, para um jovem tão despreocupado:

— Louis, eu também tenho algo a dizer, se você me puder conceder um momento.

Louis voltou-se e fitou-o com um olhar cego, de estátua. Era outra vez o padre, paciente.

— Por favor, quer me ouvir, Louis? É importante, pelo menos para mim.

Só então Louis reparou no rosto do irmão e nele viu gravidade e preocupação. Entrou de novo na sala e fechou a porta atrás de si.

— Monsieur le Cardinal está à minha espera — disse ele. — Contudo, se o assunto é tão importante assim, pode falar.

A sua atitude era tão tranquila, a sua voz tão "comedida, que Arsène mal podia acreditar que, alguns minutos atrás, Louis tivesse parecido literalmente louco. Seus olhos tinham voltado ao normal e havia neles o habitual brilho, que mais parecia brotar da superfície do que de dentro dele.

Com o rosto do irmão inclinado para ele, Arsène hesitou. Passou a mão pelos longos cabelos escuros, como se não soubesse por onde começar.

— Louis — disse, por fim —, estive algum tempo ausente. Você teve a delicadeza de não me perguntar onde eu estive.

Um clarão inescrutável passou pelo rosto de Louis. Ergueu a mão.

— Não perguntei, nem quero saber.

Arsène abanou impacientemente a cabeça, mas disse, em tom de súplica:

— Escure, por favor. Você disse que eu mudei. É verdade. Estive pensando, e talvez a mudança se deva a isso. Como posso lhe dizer? Não sei. Você não está me ajudando.

O olhar de Louis mostrou interesse. Aproximou-se mais do irmão.

— Você quer se confessar comigo, como padre? — perguntou, numa voz ao mesmo tempo -incrédula e esperançosa.

Arsène ficou calado. Depois, disse, desviando o olhar:

— Sim, de certa forma. Custa-me muito dizer isto, pois sempre fui despreocupado, sempre vivi à superfície das coisas. Você precisa ter paciência comigo, Louis. Estas palavras soam estranhas na minha boca. Acho difícil dizê-las. São como botas alheias, que não servem direito nos pés da getite, mas que nos forçamos a calçar.

Fez uma pausa. Louis ficou à espera, majestoso na sua batina negra, uma expressão estranhamente suave no seu rosto. Uma curiosidade enorme o consumia, uma curiosidade não isenta de maldade. Seria possível que aquele devasso, aquele cortesão, aquele frequentador de boudairs tivesse sofrido uma conversão?

Arsène prosseguiu, como se pensasse em voz alta, em vez de estar falando com o irmão:

— Não consigo exprimir o que me aconteceu. As ideias que tenho são estranhas, abalam-me até o mais fundo do ser. Parece que estou num mundo diferente, que vi e ouvi coisas extraordinárias.

Oihou para Louis, o rosto ora escurecendo, ora brilhando.

— Posso lhe dar a impressão de ingenuidade, Louis. Falo com você como padre. Acho que você pode me explicar essas coisas, ajudar-me a compreendê-las, pois deve ter ouvido falar nelas, se é que não as experimentou você mesmo.

A mão grande e branca de Louis brincava com o crucifixo de ouro que lhe pendia do pescoço. Sua expressão era suave e benévola.

Arsène fez um gesto desesperado com as mãos.

— Está vendo? — exclamou. — Não estou lhe dizendo nada! As coisas em que estive pensando não podem ser traduzidas em palavras! Nunca antes tinha pensado em religião, na fé, no poder que elas exercem sobre as vidas dos homens, nos milagres que elas podem realizar. Só agora tive um vislumbre disso. . .

Louis não estava muito espantado. Na qualidade de padre, ouvira muitas coisas surpreendentes. Olhou para o irmão com benignidade e alguma desconfiança.

— Muitas vezes tentei lhe dizer, Arsène, que o único refúgio, a única paz estão no seio da Santa Madre Igreja. Você não quis escutar, você riu. Será possível que as minhas palavras não tenham, afinal, caído em solo estéril?

Arsène permaneceu calado, olhando para o irmão com expressão estranha. Por fim, disse:

— Esperava que você pudesse me ajudar a compreender o mundo, a entender os homens, a encontrar o meu caminho.

— A Igreja — disse Louis, gravemente, com um estremecimento na voz — é a intérprete do mundo, a boca de Deus. Entregue-se nos braços dela, com humildade, Arsène, e compreenderá todas as coisas.

Os lábios de Arsène moveram-se. Um ponto de luz brilhante pareceu acender-se nas pupilas dos seus olhos. Disse, de maneira quase inaudível:

— Sinto que há algo que eu preciso fazer. . . algo que eu preciso entender. Algo contra o qual eu devo

empregar a minha força.

Fez de novo um gesto desesperado. Avançou até a janela e olhou para baixo, para a corrente humana que descia os Champs-Élysées. Esqueceu-se da presença de Louis, que de repente se tornara um peso para ele. Aquele padre obtuso e patético, que só tinha palavras banais para lhe dizer! Não sentia raiva do irmão, nem animosidade contra ele, apenas um grande cansaço.

Disse, como se para si mesmo:

— A Igreja só pode sobreviver de duas maneiras: servindo nobremente aos melhores interesses dos homens ou servindo aos poderosos. São duas maneiras irreconciliáveis. Pelo que eu tenho visto e ouvido, ela se curva aos reis e aos opressores. Poderá vir a mudar? Os homens deverão trabalhar por essa mudança, ou para destruí-la, dedicando-se à causa dos oprimidos e dos que não têm voz?

Louis ouviu e estremeceu. Ficou olhando para as costas do irmão, custando-lhe acreditar que o tivesse ouvido dizer aquilo. Os seus lábios moveram-se, uma angústia subiu-lhe aos olhos, e ele apertou convulsivamente as mãos. Se Arsène tivesse visto aquelas estranhas manifestações, teria ficado espantado.

Finalmente, gritou, numa voz forte, mas estrangulada:

— Temos que acreditar que a Igreja não pode errar, que todos os seus servos trabalham apenas para o bem dos homens e a glória de Deus, e que a vontade de Deus é colocar todos os homens sob as asas protetoras da Igreja! Como é possível viver, sem se acreditar nisso?

Arsène continuou de costas, como se um clarão ofuscante lhe tivesse passado diante dos olhos. Suas mãos, finas e morenas, apoiaram-se com força no peitoril da janela. Queria olhar para o irmão, mas uma força misteriosa, semelhante a uma pressão estranha, impedia-o de contemplar aquela alma atormentada.

— É preciso crer! — gritou Louis, elevando a voz. — Ou então morrer! Ou enlouquecer!

Fez-se silêncio, e o ar, naquela sala frívola e clara, pareceu de repente soprado por uma rajada violenta, prenunciadora de tempestade.

E Louis voltou a gritar, como se clamasse num deserto cheio de dor e escuridão:

— Fé! Precisamos sempre ter fé! Precisamos recusar-nos a ver, sabendo que os olhos são capazes de mentir, que o coração engana. Precisamos aternos ao Cristo, na escuridão da noite, e acreditar sempre. Precisamos lutar. . .

Um grande suspiro se ouviu na sala, um suspiro vindo do fundo do coração, como o prolongamento de um gemido.

Arsène voltou-se lentamente e olhou para o irmão. Fechou os olhos, e uma tremenda onda de compreensão e compaixão se abateu sobre ele. Pensou: A tragédia não é o Calvário, e sim Getsêmane.

Quando abriu os olhos, Louis já não estava na sala.

● Capítulo XII

Não é possível!, pensou Arsène. Só posso ter sonhado.

Porque não lhe parecia que tinha realmente ouvido o que ouvirá ou visto o que vira. Algurrias semanas antes, teria ficado estupefato, confuso. Mas, agora, olhando para o irmão, sentira-se no mesmo tempo profundamente comovido e alarmado. Tocara no pilar de gelo, e ele se derreteria ao contato, quente e urgente, da sua mão. Afinal, também ele era um homem atormentado. A compaixão, que ultimamente aprendera a sentir por todas as coisas, pesava como ferro no seu coração.

Voltou para junto do pai, que esperava por ele, ansioso.

— Já foi embora? — perguntou, aflito. — Ele o ameaçou, Arsène? Que foi que Louis lhe disse? Roí as unhas até o sabugo!

Mas Arsène respondeu, gravemente:

— Louis está doente, pai. Doente, mental e espiritualmente. Prometa-me que, doravante, vai tratá-lo com mais paciência, com mais compaixão.

Armand ficou a olhar para o filho, sem conseguir entender.

— Ora, que bobagem! — exclamou, por fim. — Ele não tem sentimentos. Mas, se for em seu benefício, prometo até beijá-lo e abraçá-lo. Escutarei as suas piedosas imbecilidades. Farei até uma novena! Isso chega para você?

Arsène sorriu.

— Acho que sim. Seja bondoso com ele. E, agora, estou muito cansado. Vou me deitar um pouco.

Acenou com a mão, em despedida, e subiu lentamente para os seus aposentos. O valet favorito do marquês, Pierre, estava à espera dele. Sobre uma mesa, havia um jarro com chocolate quente e uma bandeja de prata, com bolos de creme. Pierre puxara os cortinados de renda da janela e abrira a cama. Arsène sentou-se num tamborete e deixou que Pierre o despisse.

Pierre, um jovem nativo da Picardia, dono de um rosto perspicaz, não falou, senão quando Arsène já estava debaixo das cobertas. Encheu uma xícara de chocolate e passou-a às mãos de Arsène. Os dois trocaram um olhar significativo.

— Dois, monsieur, eu abati dois com a minha espada — disse Pierre, em voz baixa e áspera. — Quando o senhor saiu correndo da casa, doze mosqueteiros saíram em sua perseguição. Lutei contra quatro. Matei dois e feri os outros. Mas fiquei muito preocupado, até Monsieur le Com te me tranquilizar.

Arsène riu debilmente.

— Que seria de mim sem você, Pierre! E sem a sua espada!

— Monsieur tem ótimas pernas. Quando as coisas ficam pretas, as pernas são o mais importante.

Olhou com preocupação para a cicatriz na face de Arsène.

— Não foi bem tratado esse ferimento — disse ele. — Se eu o tivesse tratado, quase não teria ficado cicatriz.

Arsène levou a mão à face.

— Você não acha que me dá beleza? Não faz mal. Os outros tiveram mais sorte do que eu?

— Monsieur de Bouilliard, sinto dizer, continua entre a vida e a morte. Mas ele é muito gordo. Antoine teve um bocado de trabalho para socorrê-lo.

— Há um traidor entre nós, Pierre. Você não desconfia de quem seja?

Pierre franziu a testa e abanou a cabeça, os olhos brilhantes.

— Ah, monsieur\ Se eu desconfiar, era uma vez o traidor! — Suspirou, satisfeito. — Que noite aquela! Nunca na minha vida me diverti tanto.

— Você é por demais feroz, Pierre. — Mas Arsène falou mecanicamente. Pensou um momento e disse: — Pierre, quero que você me acorde pouco depois do pôr-do-sol. É muito importante.

— Monsieur le Marquis convidou alguns amigos para jantar, esta noite. O senhor pretende jantar com eles?

— Não. Você vai dizer ao Sr. Marquês que eu ainda estou dormindo e que pedi para não ser incomodado. Ninguém deve saber que eu saí de casa.

— O senhor vai sair esta noite? Mas isso é impossível, na sua condição!

— Preciso falar com o Conde de Vitry, Pierre. Não me aborreça. Espero que você não deixe ninguém entrar aqui, de modo a parecer que ainda estou dormindo.

De repente, Arsène sentiu-se tomado por um invencível torpor. Pierre ficou à cabeceira da cama, contemplando, com preocupação e afeto, aquele rosto pálido, marcado por uma cicatriz vermelha. Brincou com os botões do seu gibão e abanou a cabeça. Depois, fechou melhor os cortinados e saiu, pé ante pé, do quarto. Tão preocupado estava que foi direto para a cozinha, ralhar com as criadas. Era o valet predileto da casa e valia-se desse favoritismo para exercer uma certa tirania sobre os demais criados.

Pouco depois do pôr-do-sol, voltou ao quarto, onde Arsène ainda dormia. Tirou para fora um casaco preto, um gibão, uma capa e um chapéu emplumado. O quarto estava escuro. Arsène respirava irregularmente. Pierre sacudiu-o de leve.-

Arsène despertou a custo.

— Trouxe-lhe água — murmurou Pierre. — Mas monsieur vai cometer uma imprudência, saindo esta noite.

Arsène abanou, impaciente, a cabeça e, resmungando entre dentes, sentou-se na cama. Estava tonto de fraqueza. Ficou calado, enquanto Pierre, franzindo a testa em sinal de desaprovação, o ajudava a vestir-se. Mal podia ficar de pé sem cambalear. As mãos tremiam-lhe, ao prender a espada e examinar a pistola que Pierre lhe estendia.

— Mando aprestar uma cadeira? — perguntou o valet.

— Não, claro que não. Não quero que ninguém saiba que saí. Meu Deus, mas estou fraco como um bebê!

— Permite, ao menos, que o acompanhe?

— Que idiota você me saiu, Pierre! Para quê? Para que meia dúzia de pessoas venham bisbilhotar neste quarto? Não lhe disse que vou fingir que estou dormindo e que você vai ficar montando guarda à porta? Onde está a sua inteligência?

Desceram, pé ante pé, pela escada dos fundos, com Pierre à frente, reconhecendo o caminho. Não encontraram ninguém. Da cozinha vinha o som de vozes e até eles chegavam aromas deliciosos e as risadas das criadas. Continuaram a descer até as adegas, onde o cheiro acre dos vinhos se misturava com o da poeira, Teias de aranha pendiam dos tetos úmidos e baixos. Pierre acendeu uma vela. Esgueiraram-se por entre fileiras e fileiras de garrafas e imensos tonéis. As adegas pareciam intermináveis, e levaram bastante tempo a atravessá-las. Por fim, chegaram a uma porta de ferro, embutida nas paredes de pedra. Pierre puxou de uma grande chave e abriu a porta. Uma rajada de ar frio se abateu sobre eles. A porta dava para um comprido e tortuoso corredor de pedra.

Arsène penetrou no corredor, e Pierre trancou a porta atrás dele. Como num pesadelo, Arsène foi abrindo caminho através da escuridão, apalpando com as mãos as paredes molhadas. Em certos trechos, o corredor mal dava passagem, e Arsène tinha que avançar de lado. Parecia que nunca mais iria ver o fim. Sentia a camisa grudada nas costas e ouvia a sua própria respiração, alta e cava, e

O arrastar dos pés no chão de pedra.

Aos poucos, o ar foi ficando mais quente, e o chão foi subindo.

Havia uns degraus toscos, talhados na pedra. Arsène subiu-os com esforço, quase soluçando de cansaço. Estava agora num outro corredor. Podia ouvir o gorgolejar dos esgotos por trás das paredes e o gotejar da umidade. Sobre a sua cabeça, ouvia-se o clamor distante do tráfego. Parou para enxugar o rosto e respirar aquele ar impuro, que cheirava a podre. Algo lhe roçou o pé, na escuridão, fazendo-o estremecer, junto com o guinchar das ratazanas e o barulho das suas patas, fugindo dele. Aqui e ali, um par de olhinhos fosforescentes parecia encará-lo com más intenções. Puxou da espada e lançou-a contra eles. Depois, apressou o passo.

Por fim, chegou ao extremo do corredor. Ergueu as mãos e sentiu a aspereza da ferrugem. Reunindo as poucas forças, empurrou a tampa de ferro até conseguir que ela se movesse, revelando o brilho longínquo de um céu estrelado. Toram necessários vários minutos para se içar ao nível do chão e mais tempo ainda para recolocar no lugar a tampa de ferro.

Estava num beco deserto, cheio de lixo e paredes derruídas. Olhou em volta. Até-ali chegava a voz distante da cidade. Envolvendo-se na capa, puxando para baixo a aba do chapéu e caminhando rente às velhas paredes, Arsène desceu o beco e foi sair numa rua próxima do Luxemburgo.

Era uma rua sossegada, vazia, ladeada por casas pequenas mas de aparência digna, cujas janelas, de vidraças bisautées, deixavam ver, lá dentro, a luz de velas e lampiões. Uma brisa fresca, de primavera, soprava na rua deserta. Sobre um dos telhados, via-se a lua nova. Arsène avançou pela rua empedrada, mantendo a cabeça inclinada, até chegar a uma casa cinzenta, com janelas de sacada. Os cortinados de seda cinzenta estavam corridos, mas ele viu uma linha de luz num dos aposentos do andar de cima. Dirigiu-se às traseiras, por entre sebes verdes e olorosas.

Bateu rapidamente à porta do jardim e ficou à espera. Ofegava e sentia náuseas. O luar aumentou, assim como a brisa, sussurrante e misteriosa. Na extremidade do jardim havia um muro de tijolo, coberto de trepadeiras floridas. Um pássaro piava, sonolento, numa das velhas árvores. Não se ouvia outro som.

A porta abriu-se silenciosamente, e surgiu uma mulher, segurando uma vela. A luz bruxuleava sobre o seu rosto pálido e pontudo, emoldurado por cachos negros e lustrosos. Era uma mulher jovem, de aspecto voluptuoso, com um corpo esplêndido, envolto em sedas escuras. Um colar de ouro e de diamantes brilhava-lhe no pescoço cheio e branco. À luz da vela, os seus olhos eram frios e cautelosos, negros e inescrutáveis, e a boca era vermelha.

Era Madame Antoinette duPrès, a amante de Paul de Vitry, que Arsène sempre achara detestável, das poucas vezes em que condescendera em reparar nela. Fora casada com um pequeno comerciante, um dos mais devotados seguidores de Paul, que morrera num levante de rua. Pouco depois, Paul fizera da viúva sua amante e dona da sua casa. Paixão e amizade tinham-no levado a agir assim, e Madame duPrès parecia dedicada ao amante, que por sua vez não via defeitos nela. Mas Arsène reparara na dureza dos lábios dela, no brilho avarento dos seus olhos, na arrogância da sua atitude, uma arrogância de plebeia. Tinha também a impudência dos plebeus e procurava esconder a grosseria inata com uma elegância exagerada e maneiras de grande dama. Conseguia intimidar os mais ingênuos dentre os amigos de Paul com a sua altanaria e impertinência.

Além disso, dirigia a casa de Paul com mão dura e parcimoniosa, infernizando a vida das duas criadas e mantendo um olho atento na despensa. Manobrava também Paul, que a adorava e tinha um pouco de medo dela. Achava divertido o espírito prático da amante, que contrastava com a sua natureza gastadora e generosa, compassiva e inclinada a perdoar.

— Se não fosse a minha Netta, em breve eu estaria mendigando nas ruas de Paris — costumava dizer

amorosamente, enquanto lhe acariciava o alvo pescoço, ou lhe aflagava os dedos gorduchos.

Arsène costumava ignorá-la. Na sua opinião, ela não passava de uma ajudante de cozinheira, elevada ao nível de patroa. Tinha uma voz rouca e sensual, que o irritava, assim como o irritava o fato de Paul insistir para que ela estivesse presente a todas as reuniões e jantares. Nessas ocasiões, ela ocupava, orgulhosa e complacente, a cabeceira da mesa, atendendo os convidados, inclinando a bela cabeça, distribuindo olhares, no que ela imaginava ser o jeito de uma dama da aristocracia. Tratava Paul com ar indulgente e superior, e às vezes fechava a cara, quando ele dava demasiada atenção aos seus amigos.

Ao jogar a luz da vela sobre o rosto de Arsène, os seus grandes olhos pretos brilharam de antagonismo e a sua boca polpuda apertou-se. Um rubor subiu-lhe às faces. O seu peito arfou. Pensara que ele tinha morrido e o seu coração deu um pulo.

— Monsieur le Com te? — perguntou Arsène, abruptamente.

Madame duPrès inclinou a cabeça para trás, numa atitude insolente. Arsène afastou-a para o lado e, já no corredor, tirou a capa e o chapéu, que jogou nps braços dela, como se fosse uma criada. Corando, ela começou a deixar tudo cair no chão, mas o olhar fixo de Arsène fez com que parasse. Ele foi entrando e apertando o boldrié que tinha ficado grande demais, devido à doença.

Encontrou Paul de Vitry deitado num sofá, na pequena sala de visitas, diante do fogo. A sala era simples, mas mobiliada com bom gosto, e das paredes pendiam os retratos dos ilustres ancestrais do conde. Um grande castiçal de prata, em cima de uma mesa dourada, fornecia a luz sob a qual Paul lia um livro. Arsène parou um momento à porta, contemplando-o, observando o rosto pálido e abatido do amigo e o cansaço que se notava nas suas atitudes. Um dos braços pendia de uma tipóia, contra o peito, e os dedos da mão estavam brancos e cerúleos.

O coração de Arsène transbordou de afeto e compaixão. Morbleu!, pensou. Ele está muito pior do que eu.

Paul de Vitry era um jovem moreno e esbelto, dono de uma grande vitalidade e de um par de olhos cinzentos ao mesmo tempo ternos, bem-humorados e ingênuos. Tinha belos traços e uma expressão onde se misturavam a tristeza, o senso de humor e a doçura. Ao contrário de Arsène, usava os cabelos, escuros e encaracolados, à maneira dos puritanos ingleses — os Cabeças-redondas

— cortados bem curtos. Isso lhe dava um ar juvenil e vulnerável e lhe revelava as orelhas pequenas. O seu modo de vestir era também severo e puritano, com roupas de lã preta e camisas brancas e simples, abertas no colarinho. Seus sapatos eram de couro rústico.

No conjunto, a sua aparência era ao mesmo tempo gentil e resoluta, firme e bondosa. Ao passar as páginas do livro, suspirou. De repente, tomo se sentisse o olhar de Arsène fito nele, ergueu os olhos, assustado. Mas logo sorriu, um sorriso cheio de afeto e alegria.

— Arsène! Você voltou? — perguntou ele, numa voz suave e ligeiramente trêmula.

Estendeu o braço livre, e Arsène segurou-lhe a mão. Ficaram olhando um para o outro e sorrindo.

— Ah, mas você esteve doente e foi ferido — disse Paul, olhando para a cicatriz na face do amigo e sem soltar a mão.

— E você? Você não teve melhor sorte — retrucou Arsène, sentando-se na beira do sofá, — E os outros, também se recuperaram?

Paul fez que sim, sempre sorrindo.

— Também, menos o pobre do Gaston de Bouilliard.

Uma sombra escureceu-lhe o rosto.

— Foi ferido no pulmão direito. Parece que não vai resistir.

Sentou-se, apoiado nas almofadas.

— Mas diga-me: Onde você tem estado? Que aconteceu com você, depois daquela noite?

Madame duPrès entrou na sala. Sentou-se numa cadeira e começou a bordar. Parecia absorta no que fazia, mas escutava tudo o que se dizia.

Arsène contou as suas aventuras, e Paul ouviu com interesse, o rosto expressando as mais variadas emoções.

— Temos um traidor entre nós — disse Arsène, com um olhar feroz — Precisamos descobri-lo e acabar com ele imediatamente. Enquanto ele estiver vivo, não estaremos a salvo.

— Tenho pensado muito — disse Paul, com ar preocupado.

— Mas quem pode ser? Sempre fomos muito discretos. Só o seu ' criado, Pierre, e o criado de de Bouilliard nos acompanharam e sabiam onde nos reuniríamos. Será possível que tenhamos sido seguidos?

— Só podemos ter sido seguidos por quem foi informado — observou Arsène. — Além disso, já sabem que você é o chefe de Les Blanches. Quem poderia ter revelado isso? Vários outros nomes são também conhecidos.

Paul franziu a testa, numa expressão de alarme e perplexidade.

— Isso é péssimo — murmurou. — Não vamos poder nos reunir durante algum tempo. Mas quem será o traidor?

Disse os nomes de todos os membros de Les Blanches, mas, a cada nome, Arsène abanava a cabeça, impaciente.

— Não. Esse não — repetia ele. — Só há dois motivos pelos quais um homem traí: ambição ou falta de idealismo. Todos os nossos membros são homens de dinheiro e posição. Todos se afiliaram, levados pelas suas convicções. O traidor não está entre eles, Gaston de Bouilliard fala demais. Terá falado o que não devia? Não, não pode ser. Ele é bastante inteligente e prudente, no que toca à sua própria segurança.

Franziu a testa, concentrando as ideias. Madame duPrès inclinou-se mais sobre o bordado.

— Se começarmos a suspeitar uns dos outros, estamos perdidos — queixou-se Paul.

Procurou acomodar-se melhor. Madame duPrès levantou-se imediatamente e endireitou as almofadas. Paul sorriu-lhe amorosamente e ela passou-lhe a mão rapidamente pela cabeça, antes de voltar para o seu lugar, acompanhada do olhar dele.

Arsène não pôde deixar de franzir o sobrolho, ao ver aquilo. Levantou-se e, olhando para o fogo, disse:

— Por favor.- Paul, gostaria de falar com você em particular.

Fez-se silêncio na sala, e Arsène sentiu, mais do que viu, o mudo olhar de desculpas que Paul atirou à amante. Madame duPrès levantou-se, pegou no bordado e saiu majestosamente da sala. Arsène esperou um momento. Depois foi até as portas de madeira trabalhada e fechou-as. Paul corou um pouco e sorriu, embaraçado, mas não disse nada.

Arsène voltou a sentar-se ao lado do amigo e contemplou-o com os olhos brilhantes e ar grave. Pela primeira vez, Paul apercebeu-se de uma mudança misteriosa no amigo. Arsène começou a falar, depressa e em voz baixa:

— Paul, certa vez você me acusou de ter entrado para os Les Blanches por gostar da aventura e por detestar os padres, e não por ser homem de fortes convicções.

— É verdade — admitiu Paul, intrigado.

— Sim, era verdade — disse Arsène. Hesitou, desviou o olhar e franziu a testa. — Acontece que, ultimamente, eu tenho visto e ouvido coisas estranhas — murmurou. — Minha mente está sofrendo uma reviravolta. Não consigo pensar claramente. Antes, eu ria de você, não o compreendia. Não procurava compreender. Agora, estou pronto para ouvir.

Paul ficou calado, muito emocionado. Arsène voltou-se para ele e viu a sua expressão, ao mesmo

tempo feliz e incrédula. Instintivamente, voltaram a se dar as mãos.

Só então Paul começou a falar, com voz suave e pensativa, e os seus olhos cinzentos, iluminados pelas chamas da lareira, pareciam brilhar com uma luz interior:

— Durante toda a minha vida, desde que comecei a pensar, tive um sonho e me interroguei: O que sustenta as pessoas, na sua eterna angústia, na sua ausência de esperança e no seu infinito sofrimento? Serão elas como as algas, levadas de um lado para o outro pelas marés, e incapazes de pensar, capazes apenas de sofrer, mas não de questionar e se revoltar? Será que elas aguentam por não poderem fazer outra coisa?

O seu rosto refletia dor e tristeza, ao levantar os olhos para Arsène, que o ouvia com atenção.

— Ou — continuou Paul — haverá nas pessoas uma fé inconsciente, que em parte provém delas mesmas e em parte de uma fonte profunda e mística? Haverá uma lua divina, que faz subir a maré nos corações dos homens e a leva a rebentar nos contrafortes do mundo, trazendo no seu bojo estranhos tesouros, estranhas criaturas e as formas de uma nova vida? Será esse o segredo da resistência, a fé primitiva das pessoas simples, que para elas é eternidade, a origem de toda a vida, a promessa de um futuro e de novos continentes de desejos e esperanças?

Sem poder se conter, levantou-se e colocou-se ao lado de Arsène, a luz das chamas aumentando o fervor dos seus olhos.

— Quem pode resistir às pessoas, quando elas sentem dentro de si essa imensidão? Ninguém, nem reis nem padres, nem as armas e nem sequer a morte. E então eu percebi que o povo estava de novo começando a se manifestar, após séculos de opressão e desespero. Estávamos numa era de luz, de tomada de consciência, de reconhecimento dos tiranos, de compreensão do poder do povo!

Pousou a mão trêmula no ombro de Arsène.

— Não sou huguenote por tradição ou por revolta, como você, Arsène! Sou huguenote porque acredito, e sei que, na Reforma, soa a voz do povo, grave e apaixonada, desejosa de liberdade, prenhe do futuro. O povo está de novo se erguendo da lama em que refocilou durante séculos de trevas, e olhando à sua volta. Ouve-se já a sua voz tonitruante! O povo se levanta, aqui, na Inglaterra, na Alemanha, na Itália, na Espanha! E esse movimento se espalhará até os séculos vindouros, levando nas suas ondas as velas da liberdade, da fraternidade, da paz, do conhecimento e da igualdade!

Arsène sentiu-se tomado de emoção. Nos seus ouvidos ressoou como que um clamor surdo, e ele fechou os olhos, procurando reviver o sonho que tivera.

— Esta é apenas a aurora — disse Paul, com voz trêmula. — Não viveremos para ver a lua cheia, Arsène. Mas ela virá. Quem pode ofuscar o sol, fazer com que ele volte a desaparecer atrás do negro horizonte? Ninguém! Chegará o dia em que não haverá franceses ou ingleses, alemães ou espanhóis, russos ou italianos. . . apenas homens. As intrigas e os complôs de reis e padres e tiranos podem apenas escurecer um pouco o dia com nuvens passageiras, mas nunca fazer deter o curso do sol.

Palavras incríveis, sem sentido!, pensou Arsène. Apesar disso, sentia-se emocionado, como deviam ter-se sentido os pagãos, ao ouvir as primeiras palavras de Cristo.

Paul continuou, numa voz mais forte:

— Os rios do mundo correm à porta de todos os homens. Estamos ligados, por um cordão umbilical, à estrela mais distante. Essa é uma verdade que, através de milhares de anos, os homens maus procuraram negar, com mentiras e superstições, com traição e cobiça. É uma verdade que eu nem sempre conheci. Minha mãe era católica devota. Fui criado na fé de Roma. Ela me ensinou a universalidade de todos os homens? Não, ensinou-me superstições e ignorância, opressão e intolerância. E quem perpetrou esse pecado monstruoso contra a humanidade? O cristianismo? Não, os maus servidores do cristianismo! Por isso, a minha briga não é com a Igreja, mas com os seus servos. É a eles que devemos combater,

destruir, se quisermos que a compaixão e a fraternidade imperem no mundo. — Fez uma pausa e prosseguiu: — E foi por isso que pensei em Buckingham, na Alemanha. Tive a ideia de ir à Inglaterra, à Alemanha, e engajá-los na minha cruzada. Alguns deles pensam como eu. . .

Mas Arsène ficou subitamente horrorizado, alarmado.

— Os ingleses! Nossos inimigos hereditários! E os seus irmãos, os alemães, também nossos tradicionais inimigos! Isso é absurdo. É uma traição, Paul. Detesto os ingleses e desprezo os alemães. Estive na Prússia e na Saxônia. Que bestas, que gente sem maneiras! A alma alemã é ao mesmo tempo grosseira e mística, romântica e porcina, prática e ilógica. É cheia de pesadelos, preocupada com fantasias delicadas e coisas materiais, como queijos horríveis. — Riu. — Lembra-me de ter ouvido o Duque de Richelieu

“Uma nação que fabrica e come queijos tão ruins é digna de Lutero”.

Paul suspirou, sorriu levemente e abanou a cabeça. Sentou-se e olhou para o fogo.

Arsène ficou sério. Inclinou-se para o amigo.

— Paul, não entendo muito do que você disse, apenas sinto alguma coisa. Mas não posso compactuar com nada que represente uma traição à França. . .

— Você não entende! — exclamou Paul, com tristeza impetuosa. — Não consegui fazer com que você compreendesse que não existem nações, mas apenas homens, e que a nossa preocupação é com os homens, e não com reinos ou políticas. Falo-lhe de almas humanas e da liberdade dos homens, e você me responde com bobagens sobre queijos! Você não passa de um bravo, mais nada. Não há lugar para você ao meu lado.

Mas Arsène não ficou ofendido. Olhou para Paul e mordeu o lábio.

— A Reforma — disse Paul, unindo as mãos e olhando para o fogo — é mais do que um movimento religioso. É um movimento secular. É o nascer de um novo mundo, um mundo de novas fronteiras, de uma nova economia, de uma nova compreensão do lugar do homem na Natureza e diante de Deus, de uma nova política, de novos governos e de novos filósofos. A Igreja tem dito: “Para os patrões, piedade, domínio e caridade. Para o povo, servidão, obediência e ignorância”. Mas nós dizemos: “Para os patrões, responsabilidade, justiça e misericórdia. Para o povo, responsabilidade, fraternidade, luz e liberdade”. Este é o movimento inerente à Reforma, que não se interessa apenas por doutrinas, mas também pelos homens.

O rosto dele brilhava, iluminado pela força da sua fé e da sua paixão. Parecia ter esquecido Arsène. Bateu com o punho fechado, lenta e pesadamente, no joelho. Uma beleza fervorosa tomou conta dele.

Arsène suspirou e abanou de novo a cabeça.

— Não consigo entender essas coisas, Paul. Morbleu! Gostaria imensamente de entender! Mas, embora não as entenda, sei que você fala a verdade. Ficarei do seu lado, cegamente, como um soldado que não compreende inteiramente as ordens recebidas, mas que deseja obedecer, confiar.

Paul sorriu. Estendeu a mão livre e apertou calorosamente a do amigo.

— Sempre confiei em você, Arsène. Sei que posso continuar a confiar.

— Você é um santo! — exclamou Arsène, impulsivamente, cheio de amor pelo amigo. — Não é dado aos homens compreender os santos, e sim apenas adorá-los.

Paul riu um pouco daquela extravagância. Ainda estava preocupado e aborrecido. Não conseguira fazer com que aquele rapaz exuberante, impetuoso, entendesse. Mas conhecia a sua devoção e sabia que, embora se baseasse apenas no afeto pessoal, ela era forte e sincera.

E Paul sabia também que os líderes precisam valer-se dessa forma de adoração e fidelidade, mesmo que sejam cegas e estribadas na perplexidade. Nem a todos os homens era dado compreender.

Mas Arsène, voltando para casa através do túnel, sentiu que estava um pouco mais perto de compreender as coisas que ouvira o Abade Mourion dizer, e que, embora houvesse muita coisa que ele jamais conseguiria entender, estava a serviço de um sonho que não podia falhar à humanidade.

● Capítulo XIII

Era costume de Louis de Richepin, depois da missa matutina a que ele assistia e na qual por vezes oficiava, dar um passeio matinal pelo Bois.

Àquela hora, ninguém estava no bosque, senão ele, caminhando sob as árvores de folhagem primaveril, manchada pelo sol. Os caminhos por onde ele pisava estavam úmidos e sombrios, impregnados dos cheiros da terra, e diante dele arrastavam-se pequenos caramujos e a brancura ainda menor das minhocas. Mas os pássaros já estavam acordados, cantando docemente nos ramos das árvores, e o formato das suas asas, ao levantarem vôo, refletia o brilho do sol, fazendo com que elas levassem uma momentânea radiância às sombras do bosque. Aqui e ali, ele via florzinhas despontando na relva nova e, por vezes, quando a brisa soprava, uma rajada de perfume lhe batia, invisível, no rosto.

A paz e o silêncio mergulhavam profundamente num coração que conhecia pouca paz. Ele avançava lenta e majestosamente, e as suas feições iam se tornando menos rígidas e mais calmas. De vez em quando, ele parava para observar, com estranha ternura, a passagem de algum animalzinho, ou a trajetória de um pássaro contra o céu puro da manhã. Pensava que meditava, mas, na realidade, não pensava em nada. Sua mente, sempre tão cheia de ideias severas, de imagens de dor ou desespero, ficava como que vazia, e ele conhecia uma trégua bendita.

Costumava carregar um livro de orações, e marcar, com um dedo, as páginas. De vez em quando, fixava os olhos no livro, e os seus lábios se moviam. Mas a sua mente e o seu coração não absorviam o que lia porque, durante algum tempo, ele se sentia feliz. Passeando por aqueles caminhos silenciosos, manchados pela luz e pela sombra, ele não pensava em nada, nem mesmo em Deus, que o perseguia por todo o lado, menos ali. Porque ali era um santuário, onde reinava completa paz.

Naquela manhã, ele trouxera consigo um livro que tinha achado, na noite anterior, na biblioteca do Cardeal. Sua Eminência vira-o pegar no livrinho, cuja capa de couro, de onde o dourado das letras havia muito saído, estava se transformando em poeira marrom.

— É um livro estranho, esse — dissera o Cardeal, com uma voz esquisita. — Eu não o aconselharia a lê-lo.

— Por quê? — perguntara Louis, surpreendido. — Muita gente o leu, pois as páginas estão gastas e rasgadas. Monsieur le Cardinal não o leu?

O Cardeal sorria, os olhos fixos no livro que o secretário tinha na mão. Ficara longos momentos sem responder.

— Li — dissera, por fim. — Li-o e muitas vezes. Entretanto, não o aconselho a lê-lo, Louis. Mas não o proíbo.

Fez uma pausa, e os seus olhos, mutáveis como os de um gato, brilharam com certa malevolência. Franziu as sobrancelhas e olhou para Louis com uma curiosidade fria, mas sorridente.

— Leia-o, então — disse ele.

Ao sair da biblioteca, Louis parara à porta e olhara para trás, por uma razão que ele próprio não conseguia entender. O Cardeal estava olhando para ele, e o seu sorriso tinha algo de divertido e maligno.

Fora então que, com um choque profundo, Louis disse para si mesmo: Ele me odeia!

Aquele olhar e aquele pensamento tinham feito com que o jovem sacerdote passasse a noite sem dormir. Colocara o grosso volume em cima de uma mesa, perto da cama austera, e o lampião só se apagara ao amanhecer. Louis ficara deitado, olhando para o livro e lembrando-se do olhar que surpreendera no Cardeal.

Levantara-se, ouvira missa e preparara-se para o seu passeio matinal pelo Bois. O livro continuava em cima da mesa, e Louis hesitara. Depois, apertando os lábios, pegara nele e carregara-o consigo.

Percorrera uma distância considerável, com o livro na mão, jurando repetidamente que não o leria. O peso dele nas suas mãos parecia-lhe agora algo pecaminoso, poluidor, mortal. Mas a manhã estava tão serena, tão radiante e bela, que achou que nada poderia atingi-lo ou deprimi-lo, fosse o que fosse.

Abriu o livro numa página ao acaso, como se uma mão invisível tivesse virado as páginas. As letras eram castanhas e desbotadas. O título havia muito desaparecera da capa, bem como o nome do autor. Louis parou numa clareira banhada de sol, entre duas grandes árvores, e leu:

“A terrível herança do povo! Herda todas as tristezas, todos os sofrimentos, todas as angústias e agonias. Tenta catar fé e esperança, furtivamente, como os homens catam nas ruínas à procura de comida. Lançam-se, com lanternas fracas, através da terra escura, assestando desesperadamente as suas luzinhas sobre um caos sem sentido, cortado por caminhos enganosos, que não levam a nada, ou levam a poços e abismos. Gritam, no meio da noite, em resposta a ecos que escarnecem deles; acampam em montanhas pedregosas. Não encontram nada, nem sequer uma orientação, nas frias estrelas. Deparam com templos vazios, cujos ídolos caídos não têm nome. Fogem dos berros de exércitos invisíveis, Buscam, no meio das sombras, os rostos de amigos, mas só encontram fantasias. Vagueiam por entre a névoa e encolhem-se sob as tempestades. A terra é, para eles, um território selvagem e desconhecido, que os detesta, como uma terra distante odeia os estrangeiros

“E então os homens pensam, no fundo do seu coração: Somos estrangeiros e a terra olha para nós com ódio. Não temos pátria, nem na escuridão de onde viemos, nem na escuridão para onde vamos. Estamos perdidos numa eternidade que não nos dá atenção, e só as nossas vozes e as nossas orações voltam para nós, como um eco dos céus. Na aurora fugidia, não há luz para nós, Estamos sós na morte e vamos para o abismo infinito sem esperança, apenas com um derradeiro grito”.

O livro pareceu fechar-se sozinho nas mãos de Louis. Permaneceu ali, ao sol, mas toda a paz se fora do seu rosto. De repente, estremeceu, como se tocado por um vento gélido. Sentiu uma profunda náusea, uma vertigem, como se tivesse caído de muito alto, e ouviu o doloroso pulsar do seu próprio coração.

É ridículo, disse para si mesmo, mas o pensamento ecoou, com um som cavo, por todos os labirintos do seu cérebro. É um livro mau, pensou. Mas não é a primeira vez que leio coisas perniciosas e sempre senti apenas desprezo por elas.

Parecia-lhe que um sussurro malévolo lhe soprava ao ouvido: Ah, mas é a primeira vez que leio as coisas que de há muito jaziam, latentes, na minha alma!

Olhou para o livro que tinha na mão e disse, em voz alta:

— Foi o próprio Satã quem me deu isto, para testai a minha fé!

Satã! E ali, parado ao sol, teve a impressão de ver o rosto levemente sorridente do Cardeal e de lhe ouvir a voz:

— Meu caro Louis, a superstição é o realismo dos simples, a alegoria dos inteligentes.

Fitara em Louis um olhar irônico e sorria de novo.

Cada vez mais nauseado, Louis saiu do sol para a sombra formada pelas árvores. Sentia-se extraordinariamente fraco e impotente. Sentou-se na grama que beirava o caminho e olhou novamente para o livro. Voltou a estremecer e atirou o livro longe. Cobriu o rosto com as mãos. Não podia suportar olhar para toda aquela paz, toda aquela beleza, que agora lhe pareciam cheias de angústia.

De novo o rosto do Cardeal surgiu diante dele, satírico, e Louis 'disse, mais uma vez, para si mesmo:

— Eis me odeia..

Via agora, com horror, até onde ia aquele ódio, que nem por ser impessoal era menos horrível. Até ele, a quem sempre servi fielmente, pensou, me detesta. Não existe ninguém, em todo o mundo, que me

ame, ou que alguma vez me tenha amado.

Outro pensamento terrível tomou conta dele, ao se lembrar do estranho sorriso e do olhar que o Cardeal lhe deitara. Pensa que eu sou um hipócrita, um mentiroso, um homem de pouca fé, disse para si mesmo, surpreso. Foi por isso que não me tirou este livro horrível das mãos. Queria que eu o lesse e visse, nas suas páginas, como um espelho, o meu próprio rosto.

Um velho sentimento de horror se apoderou dele, mais profundo do que o desânimo, sem nome, frio e paralisante. Sentiu toda a sua força, toda a sua vida se esvaírem do seu corpo e, no lugar delas, fincar pé a dissolução, como se o seu coração estivesse morrendo. Mil vezes ele combatera aquele horror, aquela agonia da alma; mil vezes julgara ter triunfado. Agora, sabia que jamais ganhara uma única batalha, apesar de todas as suas preces, da sua tremenda vontade de acreditar, da afirmação mística, semelhante a um grito num remoinho. Procurara crer com a simplicidade de um camponês, com a ingenuidade de uma criança, mas sempre sentira um terrível sentimento de degradação. Ladainhas e padre-nossos, rosários e novenas, tudo isso ele experimentara, no seu tormento. Mas a sua mente continuava entocada, como uma coluna de sal no meio de carreiros de formigas, e cheia de repugnância.

Certa vez, o Cardeal lhe dissera:

— Existem os que crêem com o coração e há os que acreditam com o espírito, mas só uns poucos crêem com a inteligência. No entanto, os que acreditam com a inteligência são os verdadeiramente grandes, os líderes.

Acreditei com o coração e com a alma, pensou ele, retorcendo as mãos, desolado. Mas nunca acreditei com a inteligência.

Procurou conjurar um sentimento de culpa, assim como um homem enlouquecido bate com a cabeça contra a parede. Mas não sentia culpa, apenas a velha sensação de vazio, de horror, de desespero.

Fora esse conflito entre a sua inteligência e o seu desejo de crer que o levara para a Igreja. Entrara para a Igreja porque desejava crer, porque acreditava que na fé encontraria, finalmente, um pouco de paz, algum consolo para um mundo que parecia odiá-lo, algum amor capaz de mitigar a fome que o seu coração sentia. Muitas vezes se convencera de que tinha encontrado a verdadeira fé e, nessas ocasiões, se julgara feliz porque a dor desaparecera embora não fosse substituída pelo êxtase. Acima de tudo, porém, encontrara ódio, muito embora não ousasse olhar para dentro da própria alma e descobrir a razão para esse ódio. A inteligência, porém, suspeitava-a. Desconfiava que o ódio nascesse do fato de ele não ter fé, de se sentir ameaçado e precisar odiar os outros que não tinham fé e ameaçavam a pouca fé que ele às vezes sentia, com as suas afirmações de falta de fé.

Naquela manhã, ele não conseguia desviar os olhos do seu ódio, e lembrava-se de que, certo dia, o Cardeal lhe dissera, com um estranho sorriso:

— Sempre desconfiei de que os santos homens da Inquisição fossem ateus.

A mente assustada de Louis ficara confusa, mas agora ele sabia que essa confusão fora auto-induzida, em autodefesa, pois não ousava olhar para dentro de si mesmo.

— Não se transforme num fanático, meu caro Louis — dissera-lhe o Cardeal, em outra ocasião. — Não confio em fanáticos; são homens que odeiam a si próprios e, por conseguinte, também aos outros homens.

Isso fora na ocasião em que Louis, num dos seus raros mas selvagens ataques de fúria, esquecerara o respeito que devia ao Cardeal e gritara contra a política de Sua Eminência, de aplacar os nobres huguenotes “em nome da vida e da força da França”. Que vida e que força podia ter a França, se a heresia triunfasse?, exclamara Louis, com a voz trêmula de paixão e furor. Que importava que a França se tornasse a maior dentre as nações, se a praga dos huguenotes ficasse cada vez mais forte e pusesse em perigo a sua alma? Era preferível a França ser a última das nações, mas acabar com a praga.

Contudo, quando o Cardeal lhe respondera, na sua voz fria e serena, Louis ficara calado. Tinha querido protestar de novo, mas uma inexplicável insensibilidade lhe paralisara a língua. Agora ele compreendia, e a insensibilidade já não era inexplicável.

Voltara a enfrentar o velho conflito com desespero e determinação. Os huguenotes tinham-se tornado uma obsessão para ele. A heresia ameaçava não só a Igreja, mas a si mesmo, a sua vida e a sua paz. Tornara-se uma espada apontada contra a sua garganta, por um homem que o odiava e troçava dele. Á sua natural severidade transformara-se em crueldade; a sua melancolia natural, em ferocidade. Por fim, ele se iludira a ponto de pensar em si como um fiel soldado de Cristo, devotado a Deus. Seus subordinados suportavam-lhe a severidade, as punições e penitências, e os trabalhos intermináveis que ele lhes impunha. Riam dele, odiavam-no. Louis via-lhes o ódio nos olhos submissos. E nunca, nem mesmo agora, conseguira controlar a sensação de vazio do seu coração, a súbita e terrível tristeza que o acometia, o mal-estar e a amargura, ao ver, nos olhos de outro homem, ódio contra si mesmo.

Sentia, cada vez mais, o coração vazio. O que o oprimia não era um cansaço físico, embora dormisse pouco. Era uma ausência de sentimentos, como se uma parte do seu espírito estivesse paralisada. Não era capaz de sentir nada, a não ser ódio, raiva e uma terrível angústia. Mas, agora, até mesmo essa angústia cedera, e permaneciam apenas o ódio e a raiva, como dementes que houvessem tomado conta de uma casa vazia, da qual todas as outras pessoas tivessem fugido.

Só no Bois, naqueles passeios solitários e matinais, é que ele conseguia encontrar um pouco de paz. Mesmo assim, era a paz da negação, quando ele tinha forças para parar de pensar, quando conseguia escapar ao Deus no qual a sua mente não acreditava, apesar de todos os seus esforços, e quando o terrível e enorme anseio de toda a sua vida, sem nome e sem forma, parava de açoitá-lo com asas invisíveis, mas violentas.

Agora, porém, o Bois acabara, para ele. Nunca mais poderia voltar a passear pelo bosque, sem se lembrar daquele horrível livro, que parecia desafiá-lo com as suas palavras mudas. Levantou-se, com um suspiro que mais parecia um gemido, e olhou em volta, como um homem que procura um meio de fugir da morte.

E, como sempre que descia aos seus infernos particulares de desespero e tortura, viu a cara do irmão; o ódio reavivou-se no seu íntimo, com renovada intensidade, como uma explosão de pólvora. Porque o irmão se tornara, para ele, o símbolo da heresia que, pelo simples fato de existir, ameaçava a fé e a vida de Louis de Richepin. Arsène tornara-se o sinal visível da sua própria falta de amor e do seu misterioso mas infinito sofrimento, aquele bufão sorridente, aquele devasso, libertino e aventureiro! Louis ainda não sabia que fora o seu ódio por Arsène o que o levara a ingressar numa Igreja que não lhe dava consolo e nem alívio, que o tornara inimigo de todos os homens e despertara nele uma inexorabilidade, uma inflexibilidade, que acabariam por destruí-lo. O Cardeal havia muito suspeitava disso e achava divertido meditar nas pequenas imponderabilidades pessoais dos homens, que tantas vezes determinam o destino do mundo. Detestando também a humanidade, mas divertindo-se com isso, o Cardeal nunca se cansava dessas meditações, que lhe proporcionavam um prazer acima da concupiscência.

Torcendo as mãos, gemendo baixinho, Louis andava de um lado para o outro, na sua batina negra, uma expressão horrível no rosto, ao pensar no irmão. O sol da manhã batia-lhe nos olhos, fazendo-os luzir malignamente. Imerso nos seus pensamentos, não ouviu o suave pisar das patas de um cavalo, até que o animal parou à sua frente e a amazona sorriu para ele, com um misto de timidez e êxtase.

Louis olhou para cima e estremeceu. Uma jovem de não mais de dezessete anos sentava-se, leve e graciosa, no dorso do grande cavalo branco. O voluminoso traje de veludo preto enfatizava-lhe a alvura do rosto e do pescoço, nos quais havia também uns tons de rosa, repetidos, com mais força, na suave

curva dos lábios. Debaixo das sobrancelhas cor de bronze, lisas e acetinadas como asas de borboleta, os seus olhos eram dourados, brilhantes e ardentes de juventude e vida. Do pequeno chapéu emplumado cascadeavam cachos de cabelo castanho, nos quais o sol punha tons de ouro escuro e vermelho-bronze. Era miúda de corpo, com uma cinturinha impressionantemente fina e um busto ereto e orgulhoso, embora tenro. Seus diminutos pés apoiavam-se, com firmeza, nos estribos. Com uma mão enluvada, segurava de leve as rédeas, enquanto a outra empunhava o chicote.

Toda ela era graça, delicadeza e beleza, embora a luminosidade das suas cores lhe desse um ar mais febril do que saudável. Uma luz parecia brotar-lhe da pele, uma luz intensa, que fazia os que a amavam temer que um dia ela acabasse por consumir aquele corpo frágil e encantador.

Sorriu para o jovem padre, e o seu rosto se iluminou, radioso.

— Bom dia, Monsenhor de Richepin! — disse ela, numa voz que lembrava a de um rouxinol.

A glacial rigidez desapareceu do rosto de Louis. Fez uma curvatura e sorriu, sentindo um calor desconhecido irradiar-se pelo seu corpo.

— Bom dia, Mademoiselle de Tremblant! — exclamou.

Aproximou-se do cavalo e pousou a mão no seu pescoço trêmulo. A uma distância discreta, o cavaliço, montado num pequeno cavalo baio, esperava, olhando para as árvores.

— Não é muito cedo para estar passeando? — continuou Louis.

Uma estranha falta de ar fez com que ele ofegasse um pouco, ao mesmo tempo que um tremor lhe perpassava o corpo. A jovem deixou as rédeas caírem sobre o pescoço do cavalo, e, embora o seu sorriso tivesse desaparecido, a cor aumentou nas suas faces e em seus lábios.

— Dou um passeio a cavalo todas as manhãs — respondeu ela.

Houve um eloquente momento de silêncio entre o jovem padre e a moça, enquanto fitavam os olhos um do outro. Depois Louis disse, numa voz pouco segura, como que sacudida pela emoção:

— E como está sua irmã, Mademoiselle Clarisse?

— Bem melhor, agora que Arsène voltou, embora ele só lhe tenha mandado bilhetes. Mas prometeu ir visitá-la hoje.

Ao ouvir aquele odiado nome, o rosto de Louis contorceu-se. A mão descaiu do pescoço do cavalo, e ele desviou a cabeça. Mas, vendo que a jovem tirara o pé do estribo, apressou-se a lhe oferecer a mão. Ela pulou do dorso do animal e ficou de pé, junto dele. A aba do seu chapéu emplumado mal alcançava o ombro de Louis. Por um momento, olhando um para o outro, não se deram conta de que as suas mãos permaneciam entrelaçadas. A luz verde das árvores enfatizava o dourado dos olhos da jovem.

Demasiado afastado das paixões dos homens comuns, exceto no que dizia respeito ao ódio, Louis não compreendeu o significado do calor e do tremor que o percorriam. Estranhou o bater descompassado do seu coração, e a beleza do bosque pareceu-lhe, dê repente, ter aumentado. Aos seus ouvidos, o canto dos pássaros era extasiante, o vento, um verdadeiro hino, e o céu brilhava, luminoso. Sob os seus pés, o chão dava a impressão de se mover.

Ao olhar para a moça, constatou, surpreso, que ela parecia estremecer, e as suas faces estavam escarlate. Só quando a sentiu retirar os dedos enluvados é que compreendeu — e sentiu um profundo choque, de dor e privação.

A jovem avançou graciosamente pelo caminho do bosque, e ele acompanhou-a. Ela olhou para trás, para o cavaliço, mas o criado cavalgara até o cavalo abandonado, pegara-lhe das rédeas e sentara-se, esperando, em silêncio, como se obedecendo a um sinal. Ficou a olhar para a patroa e o padre, até eles desaparecerem por entre as árvores, e depois piscou o olho, riu, murmurou uma ou duas palavras grosseiras para os pássaros e pôs-se a assobiar estridentemente.

Louis e Mademoiselle Marguerite de Tremblant prosseguiram no seu passeio mudo por entre o

arvoredo. Por fim, chegaram a uma formação de pedras aquecidas pelo sol, a certa distância do caminho. Louis ajudou a moça a subir até a pedra mais alta e depois sentou-se aos pés dela, numa pedra mais baixa. Sempre sem falar, Marguerite tirou o chapéu e sacudiu a cabeça, fazendo com que o cabelo, solto, lhe caísse sobre as faces, a testa e o alvo pescoço. Parecia ter uma vida e uma vitalidade próprias, exageradas para a sua fragilidade, para a sua força. Mas, quando ela sorriu, uma luz radiante brotou-lhe dos lábios e dos olhos. Na base da sua garganta, branca de neve, uma veia pulsava como se o coração lhe tivesse subido até ali.

Continuaram calados. Louis parecia tomado de êxtase, como num sonho. Sorriu palidamente para tudo o que o cercava. Viu o pé da jovem perto do seu cotovelo, e uma mãozinha branca. Ela descalçara as luvas, e a mão tremia-lhe exageradamente.

Louis encontrara Marguerite à cabeceira da sua bonita e petulante irmã, quando das suas visitas à noiva do irmão, e impressionara-se com a devoção e o desprendimento da moça. Pouco dada a falar, ela quase não conversara com ele. Louis achara, inocentemente, ser seu dever visitar frequentemente a desesperada Clarisse, a fim de consolá-la e atendê-la nas suas necessidades espirituais. Mas nunca se dera conta de que os seus olhos tinham pousado longamente na sua irmã mais velha, nem de que ela lhe devolvera intensamente esse olhar.

Contudo, numa ocasião ela lhe confessara, timidamente, achar que tinha vocação religiosa. Ele mostrara-se eloquente. Enquanto Louis falava, os olhos azuis pálidos de Clarisse tinham oscilado, cinicamente, entre o jovem padre e Marguerite, e uma ou duas vezes ela levava os longos dedos brancos aos lábios, como que a conter um sorriso. Nenhum dos dois inocentes havia notado nada. Tinham conversado animadamente um com o outro, os rostos cada vez mais afogueados.

Agora, sentados lado a lado, na paz verde do Bois, Louis perguntou:

— Mademoiselle, já chegou a alguma conclusão sobre o seu desejo de entrar para uma ordem?

Marguerite enrolou um cacho entre os dedos e respondeu, em voz baixa:

— Falei com minha mãe. Ela ficou horrorizada. Quer que eu dê atenção ao Conde de Ramboud. —

Hesitou e prosseguiu: — Falou com o meu tio, o Conde de Tremblant, irmão de meu pai. . .

— Mas ele é huguenote! — exclamou Louis.

O coração dele afundou, à menção do Conde de Ramboud, e o seu rosto empalideceu. Sentiu-se de repente invadido por uma raiva cega, por um desejo enorme.

Marguerite sorriu e encolheu os belos ombros.

— Eu sei. Mas ele me ouviu e aconselhou minha mãe a ser paciente e tolerante.

Mas Louis mal escutou o que ela dizia. Seu olhar fixou-se no rosto da moça, fazendo com que o coração dela pulasse, num êxtase de alegria.

— É um pecado interferir na vocação de alguém — disse Louis. Seus lábios estavam secos e brancos. — Mademoiselle, a vocação é sua, não deve desobedecer ao chamado de Deus.

Ela calou-se, possuída por uma súbita e inexplicável tristeza. Olhou para ele com uma sinceridade e um desejo mudos e apaixonados.

Nenhum deles falou, mas uma força irresistível fez com que se dessem as mãos, e os seus dedos se entrelaçassem como se estivessem se afogando em mares escuros e profundos.

Um esquilo atravessou correndo as folhas mortas, aos pés deles. Um pássaro grande bicava o chão. A brisa aumentou, separou as árvores, fazendo com que os raios de sol caíssem sobre eles, e morreu, deixando atrás de si uma luminosidade verde. A jovem olhou para o rosto parado e marmóreo junto do seu joelho e deu um suspiro longo e trêmulo, semelhante a um soluço.

Disse, num murmúrio desconsolado:

— Não há nada no mundo para mim. Estou tão triste, Monsenhor de Richepin!

Ele não perguntou a razão daquela tristeza, pois de repente a tristeza o invadira também, e eles ficaram ali, sentados, as mãos dadas. Mas, acompanhando a tristeza, havia uma sensação de êxtase, apaixonado e indefinido, como uma luz difusa sobre vagas escuras e turbulentas. Ambos o sentiram. As suas almas se uniram e choraram mudamente, ao mesmo tempo em que se davam conta da presença física e do calor um do outro, num desejo mútuo e desesperado.

Seus olhos ficaram velados, capazes de distinguir apenas a luz ofuscante da terra e do céu. A respiração deles tornou-se irregular e anelante. O calor das suas mãos se misturou, e pareceu-lhes que a sua carne se dissolvia e se confundia. O cantar dos pássaros e o silêncio luminoso como que se tornaram parte deles, parte da emoção silenciosa que sentiam e da crescente angústia da sua alegria.

De repente, as asas invisíveis, mas possantes, da agonia que Louis até ali sentira desapareceram, voando, no espaço. Uma estranha sensação de realização lhe inundou a alma, trazendo consigo uma impressão de poder, de êxtase e de libertação, como se lhe sacudisse os bastiões cinzentos do seu ódio. Louis foi transportado para um reino de chamas, insuportavelmente brilhante, e o seu espírito pareceu tornar-se incandescente. Estremeceu. O coração dele deu um pulso. Gritos indefinidos ecoaram nos seus ouvidos. A sua solidão desapareceu, como uma paiha numa fogueira. Pensou: Não estou só! E, como se aquelas palavras fossem mágicas, a coluna de sal que era a sua mente foi abalada, destruída, e desmoronou.

Agora, ele podia acreditar na presença de Deus. Sentia essa presença à sua volta, como uma radiância. Tudo era bom, tudo se explicava, tudo era cheio de paz infinita. As lágrimas subiram-lhe aos olhos. Pensou, com humildade e alegria: Compreendo a revelação que Deus representa.

Mas continuava tão inocente que não entendia o que lhe acontecera. Murmurou:

— Mademoiselle, o Conde de Rambaud. . .

Ela curvou-se sobre ele, e os seus cachos escuros roçaram-lhe a face.

— Não existe ninguém para mim, senão... — sussurrou ela, em resposta.

Seus olhos se aproximaram. Contiveram a respiração. Os seus lábios se encontraram, lançando os dois numa verdadeira agonia, ofuscante, desintegradora, tocada por ventos de selvagem harmonia. Não sentiam nada, não viam nada, a não ser ura ao outro. O universo girava a volta deles, cheio de estrelas que explodiam, e nebulosas em chamas. Ouviram um rugido e não se aperceberam de que era o pulsar dos seus próprios corações.

Separaram-se, Quais chamas gêmeas, os seus olhos continuaram presos uns nos outros. As mãos pequenas e brancas de Marguerite envolveram o rosto de Louis. Lágrimas escorreram-lhe pelas faces. O rosto dele libertou-se das mãos dela, e os seus lábios comprimiram se contra uma palma trêmula, como se ele fosse presa de um desejo mortal. Marguerite fechou os olhos e sorriu através das lágrimas que ainda lhe caíam por entre as espessas pestanas cor de bronze.

Permaneceram por muito tempo assim, incapazes de se mexer. O sol ficou mais forte, manchando as árvores.

Por fim, estremeendo violentamente, Louis pôs-se de pé. Uma horrível sensação de frio tomou conta dele, fazendo-o gritar. A jovem levantou-se, tremendo visivelmente, e estendeu as mãos para ele.

— Não me deixe! — gemeu ela, curvando-se na direção dele.

Mas Louis recuou, e olhou para ela com um misto de horror e angústia, excessivamente pálido. Deu meia-volta e fugiu.

Ouviu-a chamar o seu nome e abanou a cabeça, com violência ofegante. Cambaleou, como se tivesse ficado cego. Foi de encontro a uma árvore, e o impacto estonteou-o. Um arbusto rasgou-lhe a batina.

- Amanhã! — gritou a voz da jovem, como um eco.
- Nunca, nunca! — gemeu ele, apertando os olhos com as mãos.
- Amanhã! — repetiu o vento, e o sol sorriu através das árvores.

● Capítulo XIV

Embora tivesse apenas quarenta e um anos, Armand-Jean du Piessis, Duque de Richelieu, estava começando a sentir, cada vez mais, o mal-estar físico, as dores vagas, mas pungentes, próprias de uma constituição nervosa e delicada, as horríveis dores de cabeça que, em toda a sua vida, lhe haviam ofuscado os momentos de alegria mais intensa, de satisfação e triunfo.

Muitas vezes, lembrando-lhe de ouvir a mãe falar de sua infância doentia, ele sinceramente desejava que os médicos não tivessem sido tão hábeis e dedicados e o tivessem deixado, enquanto ainda não se dava conta de nada, descer à sepultura. Outras vezes, meditando sobre si mesmo (uma de suas ocupações prediletas), ficava pensando se a ambição não brotaria sempre, como uma planta silvestre, forte e fluorescente, em chão venenoso, onde flores mais delicadas não conseguissem vingar nem tirar sustento. Mesmo os desertos tinham as suas flores e as suas plantas, fatais e espinhosas, embora neles não se desse a violeta e nem a frágil rosa. Parecia que os mais fortes vícios e as maiores virtudes, que tanto marcavam os destinos de homens e nações, surgiram apenas em solo árido ou pedregoso, em lugares selvagens e perigosos, em pântanos mortais ou nas fendas das montanhas.

Não tinha ilusões a seu respeito, e dessa falta de ilusões lhe tinham advindo a força e o poder. Só ele sabia que a confusão e a desordem da sua mente é que tinham gerado a sua paixão pela ordem em tudo o que o cercava. As complexidades do seu espírito tortuoso faziam com que ele cultuasse a simplicidade e usasse de uma implacável franqueza para com o mundo. As fraquezas e a instabilidade da sua constituição exigiam força e inexorabilidade na política e nos negócios. Detestando, no fundo do seu coração, a hipocrisia, servia-se dela no seu trato com os homens. Desprezando os ingratos, sabia bem como usar da ingratidão. Secretamente, tinha aversão aos homens exigentes mas, sabendo que a exigência era um dos cetos do poder, cultivava-a. Tinha pavor da fraqueza e da gentileza, por sentir em si ambas as coisas, e demonstrava um cinismo e uma falta de misericórdia que faziam dele um dos homens mais odiados da Europa e da França. Amava a paz e ansiava por ela. Consequentemente, masoquista que era, criava à sua volta uma atmosfera de intriga, lutas e mal-estar. Achava que ser ele mesmo era morrer. No meio de todos os seus sofrimentos, tinha um amor quase monstruoso pela vida. A vida era poder. Temendo a morte, nunca se saciava do poder. Mas a sua alma e o seu corpo sofriam de um eterno cansaço, de uma náusea e de um desespero constantes. Só a sua força de vontade o forçava a procurar o poder; só o seu amor intelectual pela vida mantinha a distância a dissolução que lhe ameaçava a carne.

Sabia que era odiado e sentia que merecia esse ódio. Mas isso o divertia enormemente. Sabia que os seus inimigos o chamavam de Morte Vermelha, de Cardeal dos Huguenotes, de Peste Negra. Achava esses nomes divertidos, pois detestava mortalmente todos os homens. Às vezes, quase acreditava que era esse ódio que o mantinha vivo. Sentindo um prazer mórbido em se auto-analisar, espantava-se, cinicamente, de que a sua principal motivação fosse a unidade e a força da França. Porque ele sabia que essa motivação era uma forma de fuga, que não lhe dava tempo de pensar e de sentir dor.

A ambição, ele sabia, era a grande ilusão, que crescia com mais força naqueles em cujo corpo ou em cuja mente as sementes da morte estavam mais profundamente plantadas. Era a convulsão de membros desesperados, tentando fugir. Contudo, ninguém conhecia melhor do que ele aquele cansaço, aquele desgosto, aquele anseio de morte, que habitavam, como espectros, na casa da ambição.

Apesar disso, ele achava tudo aquilo divertido. Num homem comum, isso teria inibido o desejo de lutar e a vontade de conquistar. Nele, porém, era um estímulo. Sabia que o desejo de viver é mais poderoso nos que estão morrendo, e que o senso de humor é mais forte naqueles que sabem que na consciência não há nada de divertido.

— Os únicos inimigos que eu tenho são os inimigos do Estado — costumava dizer. Mas sabia que o seu maior inimigo era ele mesmo. Gostava de meditar sobre a sua própria pessoa, mas cada vez menos o fazia, porque, quando se dava a esse passatempo, ficava, depois, durante vários dias, como se fosse um vício secreto e fatal, tão exausto, tão prostrado, que mais parecia um fantasma, imitando os gestos e os sons dos vivos. Mas nunca era afetado por algo tão plebeu quanto um ataque de consciência, essa policiadora da alma burguesa, esse exercício pueril dos fracos. Antes descobria em si mesmo, nos momentos em que se entregava ao seu vício, toda a futilidade e todo o horror, todo o desespero e toda a doença espiritual do universo e, talvez, de Deus.

Os genuinamente entusiastas e devotados são limitados pelas próprias paixões. Isso ele bem sabia. São prejudicados pela veemência e pelo fervor nascidos desse entusiasmo. São ofuscados pelos próprios êxtases. O homem que alcança um poder real é o intelectual, desprovido de entusiasmo e que só pode agir pela vontade.

Rodeava-se de luxo, como se para esmagar o seu secreto amor da austeridade. Sua conhecida avareza era, na verdade, o terror febril do homem que ergue barricadas contra a aproximação do inimigo. Como não tivesse um desejo real de opulência e de riqueza e soubesse que, se permitisse que essas verdadeiras características regessem a sua vida, ficaria arruinado e acabaria morrendo, nada parecia saciá-lo.

Às vezes, nos momentos mais negros do seu imenso desencanto com a vida, deixava-se levar pela saudade dos seus tempos na Academia de Pluvinal, onde estudara artes militares. A economia, pensava, exercia a maior das influências na vida dos homens. Fora a necessidade de manter a dotação de Henrique IV na sua família que fizera dele padre. Ao pensar na carreira militar, que havia abandonado a pedido de sua mãe, tendo em vista a necessidade de conservar aquela dotação, sentia-se cheio de pena e frustração. Esquecia que abandonara a vida de soldado, sem remorsos, pensando nas possibilidades maiores que o sacerdócio oferecia. Esquecia-se de que o instinto de conservação e o calculismo o haviam levado a aquiescer. Nesses momentos de fraqueza, ficava sentimental e gostava de acreditar que fora uma vítima das circunstâncias. Depois, regozijava-se de que a sua decisão lhe tivesse proporcionado um escopo bem maior para as suas realizações no campo militar. Sua paixão pelo militarismo, seu conhecimento da estratégia, seu amor da disciplina, levavam ordem à sua mente desordenada, prolongando-lhe, assim, a vida. Temendo a morte, ele cultivava constantemente a sua inclinação para o militarismo.

Em resumo, estimulava todas as coisas que pudessem mantê-lo vivo. Às vezes, dava-se conta das suas manobras e sentia na boca o gosto da morte. Mas não costumava se permitir momentos desses. Contudo, a sua alma atormentada, quase que desde o nascimento, por um desejo de extinção, vingava-se no seu corpo.

Por vezes, ele pensava: apoio tiranos porque desespero do povo. Mas na desumanidade e na falta de escrúpulos dos tiranos ele ia buscar força para si mesmo. Ternura e compaixão pelo povo só fariam apressar a sua desintegração. A compaixão, meditava ele, é boa, mas não deve ser posta em prática indiscriminadamente por aqueles que desejam governar. (Ou viver, sussurrava a sua alma, em resposta.) E, assim, do terror de um homem originava-se a sua detestável reputação de indiferença ao sofrimento, à injustiça, à crueldade e à misericórdia. Era um homem condicionado pela morte.

O medo dera à sua natural reserva um caráter de basilisco; ao seu temperamento naturalmente calmo, um quê de inescrutabilidade; à sua lucidez gaulesa, um desprezo pela justiça abstrata; à sua imensa curiosidade, um talento para a intriga; à sua inerente firmeza, uma indomável imutabilidade. Havia uma certa frieza, no seu temperamento, que degenerara numa ferocidade glacial. O seu natural egocentrismo transformara-se num exagerado orgulho familiar, no qual nem mesmo a sua capacidade de auto-análise encontrava nada de ridículo. Até mesmo o senso de humor, com o qual fora generosamente dotado, se transformara em malévolos ironia e em sutileza obscena. A sua tendência à melancolia transformara-se

num constante e negro desespero, que o penetrava até os ossos. Até o seu intelecto se tornara diabólico.

Dizia-se que havia no seu sangue uma tara que em certos membros da sua família se traduzira em idiotia ou loucura. De qualquer maneira, ele era dado, principalmente quando a sós, a acessos de exaltação epilética e inexplicáveis êxtases, que o deixavam enfraquecido de corpo, ao mesmo tempo em que exageravam os vícios e as virtudes do seu temperamento e lhe aumentavam o medo.

Só exteriormente se sentia seguro. O seu gênio como organizador provinha da sua incapacidade de organizar os pensamentos que lhe sitiavam o espírito. Tinha uma agudeza e uma rapidez que se originavam do desespero constante em que vivia e que ameaçava acabar por destruí-lo.

Certa vez, dissera: “A paixão da justiça pode confundir um homem, a ponto de ele se tornar pouco mais do que um trapo, ondulando ao sabor de uma dezena de ventos diferentes. Põe em perigo a força do Estado e propicia a desunidade”.

Na realidade, ele queria dizer que ele próprio podia transformar-se num farrapo ao vento.

Tinha sempre pavor de descobrir que a montanha sobre a qual construía a sua casa não passava de um formigueiro de térmitas, e que o deus que ele adorava não habitava um céu distante, e sim uma caverna. Desde muito jovem sofrera de acessos de inexplicável depressão. Agora, à medida que envelhecia, padecia cada vez mais dessa terrível paralização do espírito, de uma ausência de qualquer sensação emocional, de uma suspensão da vontade, semelhante à suspensão das batidas do coração. Nessas ocasiões, apavorado, erguia-se da cama e mergulhava nos negócios públicos e estrangeiros com uma concentração inumana, uma ambição desmedida e uma intuição sobrenatural, tornadas mais fortes pelo fato de, atrás delas, não haver senão a vontade de viver.

Seu maior medo era perder, um dia, esse desejo de viver. Dele provinham a sua ilimitada ambição para a França, o seu sonho de conseguir para ela unidade interna, a sua determinação de lhe conferir poder e esplendor, de a revitalizar e de torná-la imune à desintegração e à ruína. Para ele, a França tornara-se um símbolo de si mesmo, da sua vontade de viver, da sua própria resistência. Acreditava que, na existência, na força e no triunfo da França, residiam a continuação da sua existência, a sua força e o seu triunfo. A França tinha que viver, para que ele não morresse.

A morte vivia na sua alma. Isso lhe dava uma espécie de fosforescência extraterrena, como se ele já estivesse morto. A sua mente operava através e acima do seu corpo torturado e moribundo, com um desafio desesperado, que brilhava, incandescente, através dos seus olhos, por vezes turvos e carregados de melancolia. Havia neles uma fixidez semelhante ao olhar do gato e uma lentidão de movimento que intimidava, pois tinham a encimá-los sobranceiras realmente extraordinárias. Dominavam todo o seu rosto, tornavam-no insignificante e ainda mais pálido, com o seu nariz fino e arqueado, os lábios apertados entre os bigodes militares e o pequeno cavanhaque. Em volta da boca viam-se rugas de sofrimento e auto-disciplina e, entre os olhos, sulcos profundos, que resultavam de um pensamento intenso e de terríveis dores de cabeça. Havia nele um ar de segurança inumana e uma quietude que lhe davam o aspecto de pessoa que sofria em silêncio. Mas isso não era verdade. Ele próprio espalhava histórias sobre as suas dores de cabeça. Apesar da sua ironia, sutil e adulta, de ridicularizar secretamente a superstição, de rir dos simples, que se utilizavam da magia, ele condescendia, levado pela dor, a oferecer uma Novena das Massas, se se fizessem orações públicas para aliviá-lo da sua agonia. Chegava a encomendar-se a Nossa Senhora de Ardilles nesses momentos de fervor cego, em que os homens mais sábios e céticos se vêem confrontados com uma calamidade da Natureza inexorável. Da mesma forma que o aristocrático Petrônio, que não acreditava em nada e oferecia sacrifícios aos deuses, baseado na premissa de que não fazia mal e podia, misticamente, fazer algum bem, ele frequentemente implorava ao povo que orasse em sua intenção. Posteriormente envergonhava-se, mas não revelava isso nem aos seus

familiares.

Era um ator nato. O seu amor pela arte dramática levava-o a estudar as atitudes e os gestos mais indicados para impressionar o seu povo, amante da graça e do colorido. Cultivava uma presença, realçada pela dignidade natural, embora fosse miúdo, e não alto. Irradiava autoridade, parcialmente assumida e, em parte, real. Caminhava lenta e majestosamente, com o seu cabelo ralo e escuro rente ao crânio delicado, sua batina púrpura caindo em pesadas pregas, à maneira das togas usadas pelos antigos patrícios romanos. Admirava secretamente a finura e a brancura das suas mãos e, mesmo quando imerso em pensamento, e durante as audiências, tinha o hábito de alisá-las e erguê-las alto, de modo a fazer com que o sangue descesse, dando-lhes um aspecto mais delicado. Nada, nos seus movimentos lentos e lânguidos, na sua atitude meditativa, na sua voz calma mas ressonante, sugeria o vigor febril e a paixão da sua mente. Era, até para si mesmo, um personagem de ópera, contido, silencioso e reservado, mas, apesar disso, terrível e dominador, semelhante a uma tempestade violenta que se aproxima, através de céus serenos, ameaçando trazer devastação e morte. Esse aspecto de violência em potencial enervava tanto os seus amigos como os seus inimigos e era, em parte, o segredo do seu poder.

Como todos os grandes homens que dominam outros homens, ele tinha um quê de charlatão. Mas, ao contrário da maioria, não se deixava convencer pela própria charlatanice, nem acreditava que se tratasse de uma-característica natural nele, e não mera charlatanice. Nunca, exceto em raríssimas ocasiões, se deixava enganar. Isso, estranhamente, o tornava ainda mais poderoso, e lhe dava flexibilidade, pois ele sabia que a charlatanice era uma necessidade essencial para os que desejam impressionar e dominar as massas, mesmo que inteligentes. Mas nunca era indelicado ou grosseiro. Isso resultava, em parte, de uma delicadeza natural, mas também por saber que os melhores charlatães cultivam a elegância. Cultivava, assim, uma elegância que era inata nele, pois o povo lhe causava repulsa e o nauseava com o seu suor e os seus cheiros. Servia, portanto, a dois propósitos: preservava a sua delicadeza e impressionava o povo.

Mesmo os seus inimigos admitiam que Richelieu parecia inspirado apenas por um ardor, por uma paixão: a unidade da França. Até os seus maiores adversários concediam que ele amava a sua pátria, que todas as suas maquinações se originavam na sua determinação de lhe conferir força e glória.

Mas Richelieu sabia que o nacionalismo é o pretexto do homem que descobre homens que não lhe são odiosos — os seus patrícios. O nacionalismo deriva sempre de ódio às pessoas. Mas o egocentrismo exige que as pessoas da nossa terra sejam, pelo menos, consideradas toleráveis. Richelieu, bom conhecedor de si mesmo, sabia que o nacionalismo é a necessária ilusão do soldado, mas que o filósofo que o esposa perde a lógica; o estadista, a perspectiva; o artista, a sensibilidade criadora; o sábio, o senso de humor; o padre, o seu Deus. Ao servir à França, Richelieu via-se pelo menos privado da lógica, da perspectiva, da sensibilidade, do sentido de humor e, inevitavelmente, de Deus. O homem que não prescindisse disso ficaria presa da hesitação e da dúvida e, por conseguinte, perdido.

Quando estava a sós, como naquela bela manhã do início do verão, era assaltado pela sua própria pessoa, pelo terror da morte, pela doença, pelo desespero e pela melancolia. Acreditando que todo homem deve, antes de mais nada, lutar contra si mesmo, ele muitas vezes se forçava a ficar só e lutava consigo mesmo dentro do espírito dualístico com que Jacó lutou com o anjo. Só que ele era um anjo negro e não um anjo de luz. Nessas autoflagelações havia o instinto do masoquista que se desprezava a si mesmo.

Todas as manhãs, rezava missa, ou a ouvia. Depois, porém, retirava-se para os seus aposentos e caía na cama, exausto. Passava sempre do meio-dia quando ele voltava a se levantar. Mais ou menos às onze horas, despertava e ficava estendido na cama, sentindo que tinha acabado de sair do túmulo. Ficava

deitado, imóvel, olhando em frente, os olhos seguindo um raio de sol, um átomo de poeira, uma sombra. Mas, por trás daquele rosto imóvel, um autêntico exército de pensamentos marchava e contramarchava, por mais que ele tentasse contê-lo e discipliná-lo. Nessas ocasiões, ele-, era vulnerável, não tinha defesa. E nem, secretamente, desejava tê-la.

Seu quarto era grande, alto e silencioso, embora, por trás das portas maciças, houvesse sempre uma multidão impaciente, esperando conseguir audiência. O teto de gesso branco, que ele tantas vezes fitava cegamente, era simples e severo. As paredes, de lambris, brilhavam ao sol, que penetrava pelas janelas altas, cujas vidraças eram emolduradas em pequenos caixilhos de metal. Sua cama, com cortinados escarlate e dossel de veludo vermelho, franjado de dourado, subindo quase até o teto, era coberta de uma colcha de seda vermelha, bordada com as armas da família e uma imensa cruz dourada. À sua direita ficava a grande lareira esculpida, onde sempre, mesmo no verão, o fogo crepitava, pois Richelieu era sujeito a calafrios e resfriados. A parede acima da lareira era também esculpida; à direita, havia um cadeirão dourado, forrado de veludo escarlate, no qual ele costumava sentar-se nas suas meditações noturnas. Do outro lado da lareira, perto da parede onde estavam as janelas, havia uma cômoda de madeira preta, toda trabalhada, sobre a qual se viam três vasilhas de ouro. Diante de uma das janelas estendia-se uma mesa comprida, também de madeira preta, coberta de objetos de arte que ele colecionava. Deitado na cama, podia ver-lhes os tons vermelhos, azuis, verdes e amarelos.

Deitado, a tremer, na cama, o corpo frágil mal se destacando das cobertas de seda vermelha, ele podia ouvir, abafados, os murmúrios e os passos das multidões, embaixo. Esses sons apenas enfatizavam o silêncio do seu quarto. Olhava à sua frente e não via senão a própria vida, tudo o que tinha feito e todas as coisas que precisava fazer. Não sabia o que mais o fatigava; se o passado ou se o futuro. O cansaço que sentia era como que uma pedra pesada sobre o seu corpo, esmagando-o.

Sentia os olhos arderem, doerem de não dormir. Cerrava as pálpebras: a luz que passava através das janelas formava manchas vermelhas diante dos seus olhos fechados. Embora não cochilasse, fragmentos vagos e torturados pairavam-lhe diante dos olhos, como os que a gente percebe quando mergulha no sono — uma mão, um olho, uma sombra pálida, um rosto desconhecido, lábios exangues, abertos num grito silencioso.

De repente, sem qualquer aviso, sem qualquer premonição, o rosto de Ana da Áustria, Rainha da França, ergueu-se diante dele, não vagamente, mas em toda a força da sua beleza jovem' e do seu encanto. Um calor intolerável percorreu-lhe o corpo, e ele estremeceu violentamente, como se atacado de epilepsia.

— A vil espanhola! — murmurou, involuntariamente.

Mas o calor do seu corpo aumentou, transformando-se numa febre devastadora. Viu os grandes olhos verdes, sob as sobrancelhas e as pestanas douradas, o rosa e o pérola das faces macias e jovens, a suave cabeleira castanha erguendo-se sobre a testa nevada, a umidade daquela boca polpuda e vermelha, com o lábio inferior dos Habsburgo, saliente e sensual. Viu a inclinação dos famosos e níveos ombros, e a curva dos belos braços, como se fossem de mármore que houvesse criado vida.

Contorceu-se na cama, tomado de agonia. Sentia dentro dele um doloroso vazio e um terrível desejo. Todas as mulheres que conhecera anteriormente se haviam diluído em sombras anônimas; o seu vinho, esvaziado; os vasos dos seus corpos, quebrados e esquecidos. Mas aquela mulher, que ele nunca conhecera, que a sua mão jamais acariciara, era como que uma doença na sua carne. Aqueles olhos de esmeralda só o tinham fitado com medo, ódio e aversão. Mesmo quando os seus dedos tinham tocado os dela, ele sentira apenas repulsa e vira-a desviar o olhar como se temesse ser corrompida. No exato momento em que os seus lábios lhe iam tocar a mão, ela recolhera-a com um arrepio quase

imperceptível. A rainha ocultara o seu ódio debaixo de uma aparência calma e indiferente, mas a aversão luzira-lhe nos olhos, tremera como o brilho de uma espada nos seus lábios entreabertos. Embora fosse jovem, tinha a altanaria, o orgulho imperioso dos Habsburgo. Mas não fora capaz de esconder o que sentia, ao ver o Cardeal.

— Eu podia ser seu amigo — murmurara-lhe certa vez.

Mas ela olhara-o com uma terrível frieza e um ódio inamovível.

Ele não acrescentara:

— Ou o seu maior inimigo.

Tornara-se inimigo mortal dela. Não havia nada demasiado mesquinho, demasiado baixo, que ele não fizesse para causar infelicidade àquela princesa estrangeira. Do fato de atormentá-la, ele derivava alívio para a sua dor. Conspurcara-a aos olhos do marido dela, homem frio, caprichoso e violento. Envenenara o espírito da mãe dele — Maria de Médicis, mulher estúpida e repulsiva — contra a nora. Intrigara contra ele, em coisas importantes e pequenas. Transformara a vida dela — já bastante triste, naquela cidade de estranhos e inimigos — num inferno. Quando não encontrava nada para dizer dela, inventava. Era um mistério, mesmo para os seus familiares, como um homem daqueles, estadista e soldado, político e príncipe da Igreja, podia reunir todas as forças da sua natureza, do seu gênio, da sua inteligência e da sua sutileza, para irritar, frustrar, amargar e torturar uma jovem mulher indefesa, pouco mais do que uma menina. Era como se o próprio Lúcifer tivesse tido a ideia de atormentar uma frágil e pobre borboleta, ou deixasse de lado as seduções do mundo para despetalar uma rosa.

Pôs espiões atrás dela, para lhe informar de tudo o que ela dizia, para vigiar-lhe todos os movimentos. Espalhou, por toda Paris, boatos sobre os deboches da rainha, que só existiam na sua imaginação. Enquanto isso, fraca, trêmula e sem defesas, ela via-o tecer uma teia negra à sua volta. Lutava, pagava espiões também, mas eles não passavam de pobres criaturas, comparados com os diabólicos espiões do Cardeal. Ela sentia as tramas das mentiras dele envolverem-na, e nada podia fazer. Não tinha amigos. Aprendera a mais amarga das lições: que todos se voltam contra os indefesos, contra os perseguidos, contra os inocentes. Não era de admirar que bebesse fel e comesse pão envenenado.

Chegou, então, a grande oportunidade de Richelieu.

Consequira uma paz precária com a Inglaterra. Carlos I enviara, como seu embaixador à França, o belo e ilustre George Villiers, Duque de Buckingham, que logo se tornara um favorito da corte francesa, pois era alegre e sutil, sincero e brilhante, espirituoso e encantador. Desde o início, não escondeu a sua paixão pela bela e jovem rainha, isolada e miserável no meio dos seus implacáveis inimigos. Da piedade, nascera o amor. Ele sentira-se ainda mais inclinado a fixar a sua atenção nela, quando reparara na terrível inimizade de Richelieu. A princípio, achara divertido e dissera, para si mesmo:

— Os esbirros dessa negra e monstruosa hierarquia não acham nenhuma presa demasiado indefesa, demasiado obscura, jovem ou suave para cravar as garras demoníacas.

Mas depois percebera que havia um elemento pessoal em tudo aquilo e descobrira o desejo e a paixão do Cardeal.

George Villiers achava todos os homens divertidos, mas não havia nisso rancor, pois era um homem jovem e apaixonado pela vida. A obsessão madura do Cardeal pela rainha lhe era particularmente divertida, embora acabasse impressionado com o seu poder e a sua violência satânica. Era algo grotesco, como a obsessão de um gigante por uma fada delicada. Posteriormente, o jovem duque começara a franzir a testa, preocupado.

Antes de mais nada, ele era inglês. A paz entre a França e a Inglaterra, conseguida graças à sutileza de Richelieu, que não queria aliados para os protestantes alemães, era tênue e precária. Um gesto mais brusco poderia deitá-la a perder. Buckingham não queria precipitar a tempestade. Por isso, quando

Richelieu começara a espalhar por Paris boatos de um suposto e sórdido caso entre a rainha e o jovem duque, Buckingham ficara muito preocupado. Regressara a Londres com uma precipitação que nada tinha a ver com a sua bravura pessoal, mas que bem refletia a sua preocupação de que a paz entre os dois países fosse destruída. A tempestade era inevitável, mas a cautela inglesa, como sempre, aconselhava a adiá-la até onde fosse possível. Essa cautela baseava-se na máxima inglesa segundo a qual todos os homens, com o tempo, acabam morrendo. Uma guerra adiada poderia acabar sendo uma guerra indefinidamente adiada.

Mas a ausência de Buckingham nada fez para acabar com os boatos. A rainha foi acusada de se corresponder com o amante e de ter com ele rendez-vous secretos em solo francês.

Agora, uma coisa incrível estava acontecendo, no espírito e na alma daquele homem estranho e terrível, Armand-Jean du Plessis, Cardeal de Richelieu. O ódio por Buckingham despertara a sua animosidade latente por tudo o que era inglês. Sua prudência ameaçava ir por água abaixo. Não há nada como uma guerra para unir um povo, dizia ele, com frequência cada vez maior. Apesar de bem versado em História, recusava-se a recordar que as guerras destroem tanto o vencedor quanto o vencido. A loucura tomara conta da sua mente.

Pensava em todas essas coisas, ali, deitado na sua cama, naquela manhã de verão. Deixava que a maré destruidora dos seus pensamentos o arrebatasse. Passava em revista tudo, e tudo coloria, com a sua febre, com a sua paixão, com a sua frustração e o seu desespero.

À medida que pensava, a sua aversão por todos os homens crescia dentro dele como uma bile negra e maligna, a aversão por si próprio. Na sua desonra sentia a desonra de todos os outros homens; no nojo que tinha de si mesmo, havia nojo de todo o mundo. Sentia dentro de si toda a malevolência, toda a perversidade, toda a estupidez, toda a vergonha, toda a degradação, toda a crueldade, toda a bestialidade e a mesquinha dos seus semelhantes. Não existe um só animal — pensou, com a brutal lucidez com que se olhava a si próprio — que não se sinta envergonhado de ter parentes conosco.

Recordou a sua juventude, a sua sinceridade, a sua simplicidade de soldado, a firmeza do seu olhar e a sua fé indomável. Mal podia acreditar. Parecia-lhe estar vendo um estranho, e isso divertia-o. Mas, mesmo nesses dias, ele fora instintivamente insincero, ou nunca teria abandonado a carreira militar pela batina. Lembra-se de uma conversa que tinha tido com um jesuíta, amigo do seu pai. O jesuíta sustentara que o único objetivo da Igreja era espalhar o cristianismo e que todos os seus métodos deviam servir a esse fim; que a Igreja deveria opor-se a todos aqueles que pensavam primeiro nas coisas temporais, fossem eles sacerdotes, soldados ou reis. O jesuíta, homem singularmente simples e nobre para quem pertencia a uma ordem tão sinistra, achara que a Igreja devia servir ao bem-estar dos homens e procurar atraí-los para o seu aprisco com bondade, misericórdia e santidade, desprezando os métodos da força e opondo-se sempre aos tiranos e aos opressores.

Mas Richelieu, às vésperas de renunciar à carreira militar, dissera:

— Para sobreviver e ficar cada vez mais forte, a Igreja deverá sempre servir aos poderosos e apoiá-los. Desposar a causa dos que sofrem e dos oprimidos é o primeiro passo para o esquecimento, para a fome, para a morte e a impotência. Nenhuma pessoa sensata, nenhuma hierarquia que tenha alguma ambição pode se dar ao luxo de ser sentimental ou humanitária.

Desde o princípio, ele vira a Igreja, não como servidora de Deus e protetora dos indefesos, mas como uma organização mundial, desejosa de poder temporal e servidora de príncipes poderosos. Via-a, também, como sua criada, e da França. Recordando o doce e solitário jesuíta, sorriu com desdém. Fora um só a gritar no deserto, desprezado pelos colegas, irmãos de sangue de Armand-Jean du Plessis, príncipe da Igreja de Roma.

Servia-o bem aquela Igreja que herdara todos os tabus, as superstições e os paganismos de séculos e séculos, e cujo cristianismo era a neblina atrás da qual se tramavam complôs contra o esclarecimento e a liberdade dos homens, contra a alma humana. Ele usava-a com sucesso e enorme sabedoria.

Mas sentia-se nauseado. Herdara, de algum obscuro ancestral, o dom fatal de não ser capaz de se iludir. A Igreja enojava-o, fazia-o sentir nojo da própria alma.

Por que falsidade, hipocrisia, astúcia, engenho, crueldade e indiferença ele conseguira elevar-se literalmente à posição de Rei da França e dono da Europa? Graças a quanta degradação e falta de vergonha ele se promovera! Pensou na Rainha-Mãe, Maria de Médicis, que para ele era um símbolo da corrupção da sua própria alma. Aquela mulher grande e grosseira, cujo contato fora uma poluição, que jazera sobre o seu peito em repulsivas horas noturnas! Sentia a sua carne corrompida, prostituída. Mas, por mais estranho que pudesse parecer, era a recordação de si mesmo, sentado numa almofada aos pés dela, olhando-a com langor amoroso, enquanto tocava o alaúde, instrumento que aprendera para lhe agradar, o que mais lhe repugnava. Esse ato resumia toda a sua degradação. Tocar alaúde fora algo mais vergonhoso do que poluir o seu corpo, na sua implacável busca do poder.

Tinha apenas quarenta e um anos, mas já se sentia meio morto, maculado e desonrado. Consequira o poder que ambicionara. Ali, deitado na cama, sentia a náusea do espírito passar para o seu corpo.

Nada o detinha. Maquinava como uma serpente na selva. Sofria de insônia. A fonte da luxúria e da ambição nunca parecia secar nele. Não ousava parar, com medo de morrer. Traía a torto e a direito, para perpetuar a vida.

Encorajava os nobres protestantes em nome da unidade da França e, secretamente, para conseguir ainda mais poder. Mas se divertia, também, com esse encorajamento.

Enquanto pensava, deitado, ouviu as portas se abrirem de mansinho. Ergueu as pálpebras pesadas, e os seus olhos de tigre fixaram-se no jovem padre que entrava.

— Ah, Louis — murmurou ele.

Soergueu-se nas almofadas e sorriu. Gostava de Louis, pelo divertimento que ele sempre lhe proporcionava. Ergueu a mão fina e branca, numa lânguida bênção. Louis inclinou-se, silencioso. O Cardeal ficou a olhar para o seu jovem secretário, vendo-o avançar, com passo majestoso, para o cadeirão dourado, junto à cabeceira da cama, é sentar-se com a habitual elegância de maneiras.

O Cardeal estudou-o atentamente. Percebeu que Louis de Richepin estava mais pálido do que de costume, seu rosto mais rígido, mais marmóreo, e que olheiras roxas lhe sombreavam os grandes olhos azuis. Mas o Cardeal não tinha por norma ir diretamente ao assunto, ao tratar com as pessoas, de modo que resolveu aguardar. Não demoraria a saber, por meios sutis, a causa da evidente perturbação do sacerdote.

Seu modo de tratar com Louis era ao mesmo tempo amistoso e irônico, por vezes levemente brincalhão.

— A ralé, lá fora, está firme como sempre, não? — perguntou.

— Há muita gente esperando para falar com Vossa Eminência — retrucou Louis, secamente.

— Ah, sim — murmurou o Cardeal, sorrindo. — Por favor, Louis, traga-me esses papéis que estão em cima da mesa.

Louis levantou-se e atravessou o tapete e o soalho encerado como se fosse um fantasma aristocrático. Trouxe os papéis e colocou-os sobre a colcha escarlate. Depois, voltou a sentar-se, num silêncio pétreo.

Em voz lânguida, mas firme, o Cardeal começou a ditar para o seu secretário. Usava quase que exclusivamente o latim, pois tinha uma extraordinária facilidade para redigir nessa língua. Louis tomava rapidamente o ditado. As manchas do sol aumentavam, no teto e nas paredes do quarto. O zumbido por

trás das portas crescia. Enquanto ditava, os olhos do Cardeal parmaneciam fixos no rosto de Louis, brilhantes e vividos. Seu coração batia de prazer antecipado, debaixo do camisolão de seda branca. De vez em quando, estremecia involuntariamente, pois sempre sentia frio, mesmo na cama quente.

Houve uma pausa inesperada. Louis ficou à espera, a cabeça inclinada, os lábios severos e frios.

— Sim — murmurou o Cardeal, distraído. — Louis, por favor, peça a seu irmão, Monsieur de Richepin du Vaubon, que venha me visitar amanhã de manhã, a esta hora. Ouvi dizer que ele voltou de uma aventura.

Sorriu e murmurou:

— Coisas de jovem.

Louis estremeceu violentamente. Levantou a cabeça, e o seu rosto, belo e pálido, enrubesceu, como se acometido de febre. O medo transpareceu nos seus olhos.

— Arsène — disse, apertando os joelhos com as mãos.

— Sim, Arsène. — O sorriso do Cardeal era amistoso. — Gosto da conversa dele. É espirituoso, tem charme e é muito inteligente. Além disso, preciso consultá-lo sobre um certo assunto. — Fez uma pausa e acrescentou, negligentemente: — Ele é amigo íntimo de Paul de Vitry, não?

— Realmente — afirmou Louis. — Mas não compactua com ele! Posso assegurar a Vossa Eminência que. . .

O Cardeal levantou as pesadas sobranceiras.

— Eu disse algo a esse respeito? Mas talvez ele possa me prestar algumas informações úteis.

— Na nossa família não há traidores — retrucou Louis, levado pelo medo e pela agitação.

— E eu disse isso? Mas parece que Arsène nunca se reconciliou com a fé dos seus antepassados, não é?

O Cardeal estava se divertindo com o pavor do seu secretário.

— Não acuso Arsène de nada, a não ser de frivolidade. Sempre gostei dele. É minha intenção oferecer-lhe o comando dos meus guardas, embora pelo que saiba ele continue sendo huguenote.

— É uma grande honra — disse Louis, numa voz abafada. Mas, como Vossa Eminência bem disse, meu irmão é frívolo e imprudente.

Lembrou-se das palavras do Cardeal, e o ódio e a inveja o invadiram, agora que o medo diminuía.

— Disciplina não é com ele. Parece uma criança, embora já não seja assim tão jovem. Detesta responsabilidade. Embora meu pai seja homem de saúde delicada, Arsène não quer saber de visitar as nossas propriedades e supervisioná-las. É descuidado, despreocupado e imaturo. Devo confessar que o oferecimento de Vossa Eminência não vai impressioná-lo. Será pura perda de tempo.

— Não obstante, pretendo oferecer-lhe o cargo.

Sabendo do ódio que Louis sentia pelo irmão, o Cardeal estava encantado de vê-lo mostrar ciúmes.

— Acho que você subestima muito Arsène, Louis — disse ele. — Só por ser mais frívolo do que você e gostar de aventuras amorosas e de duelos a espada, não quer dizer que ele não tenha valor. Acho-o divertido. É intrépido e destemido e sabe lidar com os homens. Não há quem não goste dele. Daria um excelente comandante. Monsieur de Cavois está ficando demasiado rígido. Já não é jovem, e estou pensando em pô-lo na reforma, pois está sempre contra os mosqueteiros. Falta-lhe o instinto de aventura, só pensa na disciplina. Arsène seria aclamado, com entusiasmo, pelos homens.

Louis ficou calado. Estava assustado. Sua imaginação voava. Era muito possível que Arsène aceitasse, para ter acesso aos segredos do Cardeal e mais facilmente traí-lo. O dever lutava contra o amor que Louis tinha pelo pai. Dizer a verdade ao Cardeal seria trair Arsène e, através dele, seu pai. O rubor aumentou nas faces de Louis. O suor brotou na testa de mármore. Suas mãos começaram a tremer.

Numa voz sumida, disse:

— Peço a Vossa Eminência que reconsidere. Conheço muito bem o meu irmão.

O Cardeal deu de ombros.

— Arsène ainda não aceitou — retrucou, com indiferença. — Que tal continuarmos com a nossa correspondência?

Apesar de estar quase desmaiando de agitação e terror, Louis conseguiu controlar-se e dar atenção aos seus deveres.

Não houve qualquer hesitação na voz calma do Cardeal. Enquanto falava, os seus dedos confiavam o pequeno cavanhaque. Seus olhos melancólicos, agora, meditativos e opacos, encaravam Louis, sem o ver. Tinha uma voz que denotava poder; ao mesmo tempo era cortês mas latentemente violenta, fria e polida. Sorriu uma ou duas vezes para si mesmo, como quem reflete.

Ditou uma carta para o Rei, e o seu sorriso aumentou.

— “Foi com enorme tristeza, Sire, que este seu criado se viu incapacitado de estar presente às mesas de jogo durante a semana que passou. Devo pedir a sua indulgência para com a doença que afligiu o meu corpo, com fortes dores reumáticas. Só mesmo um sofrimento muito grande poderia roubar-me o prazer da companhia de Vossa Majestade. Mas, durante esse período, a minha mente não permaneceu inativa, e, embora aparentemente eu me tenha descurado de responder à sua carta, recebida há dois dias, isso se deveu ao fato de eu querer dar mais atenção ao assunto em pauta e pôr em ordem os meus pensamentos.”

Fez uma pausa. Louis, que escrevia rapidamente, ficou à espera, ansioso, a pena entre os dedos.

“Devo pedir a Vossa Majestade que reflita nas enormes dificuldades inerentes a qualquer ação contra os grão-senhores protestantes e La Rochelle, a esta altura dos acontecimentos. A França continua dividida, enfraquecida pela guerra, tumultuada e em desordem. É preciso agir com muito cuidado, conforme Vossa Majestade, Sire, na sua enorme sabedoria, decerto sabe. Recordo, com humildade, todos os seus preciosos conselhos a respeito.”

Fez nova pausa. Soergueu-se nos travesseiros, sorrindo largamente, os olhos brilhando de satisfação perversa.

“Não falta quem, como Vossa Majestade bem sabe, gostasse de ver a França açoitada por dissensões religiosas. Não preciso dar os nomes, por medo a provocar uma situação muito delicada no próprio âmbito familiar de Vossa Majestade. Conforme sabe, Sire, sempre me esforcei por reconciliar Vossa Majestade com os que lhe são mais chegados, acreditando que a felicidade doméstica não deve ser negada aos reis. Em pagamento dos meus esforços, recebi apenas desdém, calúnia e ódio, conforme Vossa Majestade pode atestar. Não obstante, como devotado servo de Vossa Majestade, nunca desistirei de levar paz ao seu coração e felicidade à sua família.”

O cavanhaque do Cardeal fora transformado numa espécie de trança fina e macia, que ele acariciava distraidamente. Seus olhos de tigre brilhavam. Louis não olhou para ele, mas havia linhas azuis em volta dos seus lábios, e a sua mão tremia visivelmente.

“Contudo, implorando antecipadamente a indulgência de Vossa Majestade, e levado da minha devoção pela sua pessoa, devo ser franco, ainda que o conteúdo desta carta lhe possa provocar indignação.

“Embora o irmão católico de Vossa Majestade, Felipe de Espanha, esteja Jigado a Vossa Majestade pelos laços mais íntimos, através da irmã, Sua Majestade, a sua e a minha Rainha, a consciência me obriga a falar francamente. As investigações provaram, sem qualquer sombra de dúvidas, embora com grande angústia para mim, que a Espanha tem negociado secretamente com a Inglaterra no sentido de uma aliança contra a França. No seu ódio contra a França, Felipe foi levado a se aliar com a nossa maior e

mais herética inimiga. Ao me recusar a ser arrastado a um conflito prematuro a esta altura dos acontecimentos, creio humildemente que possamos devolver a força e a tranquilidade à França, tornando-a forte e invulnerável, mais capacitada a suportar a luta lá fora e a confusão aqui dentro. Que os nossos inimigos se precavenham!”

A pena escorregou dos dedos de Louis. Ergueu a cabeça e olhou para o Cardeal com raiva contida e desapontamento. Apercebendo-se disso, Richelieu riu com os seus botões, arqueando as sobrancelhas.

— Bem, Louis — disse ele, indulgente. — Fale, ou você acaba estourando.

Louis levantou-se, agitado, segurando os papéis em que estivera escrevendo.

— Vossa Eminência — começou, numa voz estrangulada — é, como sempre, muito bom, muito indulgente, em me permitir falar. Nunca me silenciou, alegando que por vezes eu tenho vislumbres de sensatez. Peço-lhe antecipadamente perdão, mas acho que devo falar o que tenho para dizer.

O rubor tingia o mármore branco do seu rosto. Seus olhos azuis brilhavam de raiva e de ódio. O Cardeal inclinou a cabeça e ficou à espera, sorrindo.

— Sua Majestade — continuou Louis, apertando as palmas das mãos uma contra a outra — frequentemente nos incentivou a destruir o mais depressa possível La Rochelle, esse bastião de hereges. Enquanto esse bastião existir, um Estado dentro de outro Estado, estaremos à mercê da Espanha e da Inglaterra, do Império Germânico. É o calcanhar-de-aquiles da nossa política doméstica e externa, a brecha no muro, através da qual os nossos inimigos podem entrar. Destrua La Rochelle, Monsenhor, e os ingleses ficarão sem porto por onde penetrar no coração da França. Como as coisas estão, os ingleses podem enviar suprimentos para os huguenotes de La Rochelle, encorajá-los na sua traição, fortificá-los com navios; além dos descontentes alemães, espanhóis e italianos, que amam ainda menos a Igreja do que odeiam a França.

Foi obrigado a parar, suas feições, grandes e pálidas, contorcidas pela paixão. O Cardeal estendeu a cabeça para ele, a fim de melhor observar essas manifestações, que só podiam onginar-se num ódio pessoal e não numa indignação abstrata.

Louis continuou, com voz trêmula:

— Enquanto o Edito de Nantes continuar a vigir, e La Rochelle permanecer sem ser molestada, estaremos enfraquecidos, sem defesa, abertos ao ataque dos nossos odiados inimigos. Suplico a Vossa Eminência que medite nisso.

— Já meditei — murmurou o Cardeal.

Passou a mão pelo rosto, num dos seus súbitos e frequentes ataques de exaustão.

— Você se deixa levar pela paixão, Louis. Seria capaz de se lançar ao combate contra La Rochelle sem estar devidamente preparado. Revogaria o Edito de Nantes sem meditar no perigo que isso representaria para a dinastia, na França. Por mais bravura que haja no coração, mãos nuas não podem lutar contra espadas ou contra balas de canhão. Cada momento de paz ganho representa uma hora de força e preparação para a França. Mas não pense, nem por um minuto, que eu não tenho os meus planos! — Fixou os olhos em Louis. — Provavelmente não passa de uma calúnia, mas ouvi dizer que seu irmão Arsène tem muitos amigos em La Rochelle, e que tem ido visitá-los.

Louis não respondeu. Empalideceu e sentou-se abruptamente. O Cardeal, sorrindo, indicou, por um aceno de cabeça, que deviam continuar com a correspondência. Os dedos de Louis pareciam não ter forças para segurar a pena. De repente, gritou, numa voz estranha, vibrando de veemência:

— Vossa Eminência precisa destruir a serpente que se aninha no coração da França, os huguenotes, os conspiradores, os hereges! Como deixar que esse veneno nos penetre na alma?

O Cardeal continuou a ditar, como se Louis não tivesse dito nada:

— “Vossa Majestade, na sua carta, cita, com impaciência, o falecido e chorado de Luynes, que

concebeu a política, míope e prematura, de reestabelecer a nossa Santa Fé em Béarn, destruindo os calvinistas lá estabelecidos. Lamento ter de recordar-lhe os acontecimentos de Montauban, onde de Luynes foi tão ignominiosamente derrotado, a ponto de morrer de desgosto. A militância e a fidelidade dos nossos filhos são dignas de admiração, mas não se pode deixar de deplorá-las, à luz fria dos fatos. Ainda não estamos prontos para combater os nossos inimigos internos e externos.

“Contudo — prosseguiu, numa voz mais firme — prometo-lhe, como sempre, dedicar toda a minha energia e toda a autoridade que quiser colocar nas minhas mãos à destruição dos huguenotes, submetendo os grão-senhores, devolvendo aos seus deveres todos os seus súditos e erguendo o nome de Vossa Majestade entre as nações estrangeiras. Peço-lhe apenas fé na minha prudência e na minha dedicação.”

Fez uma pausa e disse:

— Louis, quero lhe pedir que leve essa carta, pessoalmente, a Sua Majestade. Não confio em mais ninguém.

Louis mordeu o lábio. O peito arfava-lhe debaixo da batina. Inclinou a cabeça. O Cardeal recostou-se nas almofadas e olhou para o secretário com um prazer malévolos.

— Fale, Louis — disse, num tom amigável,

Louis respirou fundo, apertou as mãos e disse:

— Vossa Eminência fala em unidade nacional. A unidade da cristandade não será mais importante? Parece-me que a unidade da cristandade resultará, automaticamente, na unidade nacional. — E continuou: — Tolerar a existência de um Estado dentro de outro Estado só pode acarretar a ruína.

O Cardeal sorriu com ironia, mas retrucou, num tom de voz suave:

— Se quisermos subjugar os huguenotes, fazer com que a França volte a ser católica, teremos de dar o exemplo e conseguir isso através da virtude, da oração e da humildade. Por acaso você duvida da eficácia da oração, Louis? Então, reze!

Louis empalideceu ainda mais. Olhou para o Cardeal com expressão séria e indignada.

— Primeiro, precisamos provar a Deus que somos sinceros na nossa determinação de que Ele não seja objeto das blasfêmias dos hereges.

O Cardeal ficou um momento calado, mas logo disse, em tom despreocupado:

— Ah, vocês, fanáticos! Tenho a impressão, Louis, de que você aprovaria a volta da roda, da força e do machado contra os huguenotes. Essencialmente, o fanático é uma pessoa que não é civilizada. E nós não nos orgulhamos de ser o povo mais civilizado do mundo, comparados com os grosseiros ingleses, os simplórios alemães, os debochados espanhóis?

— Não podemos pensar em civilização ao lidar com hereges! — exclamou Louis, o rosto novamente tomado por uma convulsão.

— O Santo Ofício devia estar ainda em plena força, para admiti-lo nos seus quadros — observou o Cardeal, abanando a cabeça.

Pensou, consigo mesmo e com satisfação: Como o irmão o atormenta e aflige!

Fixou em Louis o seu olhar comprido e melancólico.

— Meu caro Louis, não sou seu confessor, mas acho que, esta manhã, você não está normal. Espero que me considere seu amigo e me permita ajudá-lo, se estiver precisando de assistência.

Louis estremeceu visivelmente e levantou-se a meio da cadeira. Depois, ficou imóvel. A sua natureza era tão pouco complexa, tão simples, que não se apercebeu do sentido oculto por trás das palavras do Cardeal. Ainda não aprendera que Richelieu não gastava saliva e que cada palavra que ele dizia tinha um propósito, geralmente malévolos.

Levou a mão aos olhos por um momento e ficou calado.

Certo agora de que não se havia enganado, o Cardeal olhou para o jovem padre com crescente

curiosidade.

— Mon cher — murmurou ele —, não há dúvida de que você está preocupado. Repito-lhe que sou seu amigo.

Louis começou a falar, numa voz baixa e contida:

— Nunca tive dificuldade de ler dentro de mim. Agora, acho impossível.

— Você quer dizer — corrigiu Richelieu, brandamente — que não ousa ler dentro de si.

No fundo, estava excitado. O que poderia ter perturbado aquela geleira? O Cardeal sabia que os movimentos das geleiras nunca são insignificantes, que contêm em si as potencialidades da morte e da destruição, que o seu movimento é irresistível e devastador. Sentou-se na cama e olhou para Louis com interesse.

— O que o senhor diz, pode ser verdade, Monsenhor — murmurou Louis.

Deixou cair a mão e olhou para o Cardeal com ar angustiado.

— Pode ser que eu não ouse olhar para dentro de mim.

Estacou, e sobre ele caiu uma avalanche de emoções, confusas, caóticas e desesperadas. A palidez do seu rosto tingiu-se de um rubor febril.

— Tudo começou esta manhã, com o livro que pedi emprestado a Vossa Eminência.

— Ah! — disse o Cardeal, cofiando o cavanhaque com lentidão sensual.

— Encontrei um trecho nesse livro que parecia ecoar alguns pensamentos que por vezes me assaltam. Já lhe falei, Monsenhor, sobre esses pensamentos. Durante algum tempo, pensei que os tinha conquistado, que os tinha expulso da minha mente como se fossem demônios. Mas, quando, esta manhã, li aquele livro, eles voltaram, quais exércitos conquistadores.

— É mesmo? — disse o Cardeal, cada vez mais satisfeito.

Seus olhos brilharam estranhamente, e ele apoiou-se no cotovelo a fim de melhor olhar para Louis.

O jovem apertou as mãos uma contra a outra, e os seus lábios pálidos deram a impressão de estar sublinhados por uma linha azulada.

— Desejei fugir — disse Louis, com majestade simples e desesperada. — Mas onde me refugiar, senão na morte? Senti vontade de morrer. Uma sensação de frio tomou conta de mim. Parecia que o meu espírito estava morrendo, que o meu coração estava expirando. Passado um momento, sentime paralisado, dormente, sem dor ou sofrimento, como se tivesse deixado de ser um homem. E essa sensação continua — acrescentou, numa voz mais baixa. — Tenho a impressão de ter morrido.

O Cardeal murmurou algo. Depois, numa voz suave, disse:

— Mas esse não é o símbolo da morte do coração, meu pobre e jovem amigo. É a agonia de uma alma ferida, que perdeu temporariamente todo o interesse nos homens e toda a comunicação com Deus, devido a uma exaustão resultante de uma sensibilidade muito forte. Você é por demais intenso. Debaixo desse exterior frio, há um vulcão de emoções fortes, Louis! Aqueles que sofrem e se alegram demasiado são vulneráveis a todas as tormentas que se abatem sobre o universo. São como folhas ao vento. Mas não desanime. Os homens como você são amados por Deus, pois têm maior consciência dele. Podem tornar-se santos ou demônios com mais facilidade do que os outros.

Louis olhou para ele apaixonadamente, como se lhe bebesse as palavras.

— Como é possível Vossa Eminência compreender, se decerto nunca sentiu isso?

O Cardeal sorriu de maneira especial e desviou o olhar.

O desespero de Louis aumentou.

— Hoje — exclamou — senti que não desejo nem o amor dos homens, nem o de Deus! E nem sequer a morte!

O Cardeal ficou espantado. Nunca suspeitara de que Louis fosse capaz de tais emoções e sofrimentos.

Julgara-o inspirado apenas pelo ódio. Por um momento, o seu olhar indecifrável tornou-se involuntariamente mais brando. Sentiu um misterioso pulsar do coração, como quando um homem descobre um irmão por trás das feições de um estranho. A piedade tomou conta dele. Um homem desses, pensou, teria vantagem em estar morto, pois lhe falta a inexorabilidade necessária. É por demais sincero e, paradoxalmente, por demais forte.

Começou a falar, com uma hesitação desacostumada, sem tirar os olhos do jovem secretário.

— Várias vezes pensei, Louis, que existia uma carência em você, tanto no espírito quanto no corpo. Falta-lhe alegria, embora você seja ainda jovem. Mas não é apenas a idade que traz consigo uma sensação de cansaço e vazio. Tenho visto homens velhos rirem de alegria diante de uma bela manhã, e jovens enforcarem-se sem razão aparente, apenas por sentirem um vazio no coração. E é isso o que o aflige: um coração vazio!

Louis escutava com uma intensidade que bem mostrava a justeza do diagnóstico do Cardeal. Seus lábios finos tremeram, um brilho desesperado fulgurou-lhe o olhar.

O Cardeal já não olhava mais para ele, e sim na direção das janelas, como se refletisse.

— Somos padres, Louis, dedicados a Deus. Mas também somos homens. Em benefício da saúde da nossa alma, não devemos nos privar da companhia das mulheres.

Louis pôs-se de pé, o rosto em chamas, os dentes cerrados. Tentou falar, mas não conseguiu. Com o canto dos olhos, o Cardeal observava-o, meio espantado, meio divertido.

Richelieu juntou delicadamente as pontas dos dedos e deixou que uma expressão de suave melancolia lhe inundasse o rosto.

— A companhia feminina acalma e refresca como uma chuva de abril. Purgado dos elementos sensuais que, por assim dizer, queimam o homem comum, um padre pode se deleitar espiritualmente no convívio com mulheres, principalmente se elas possuírem inteligência e sensibilidade. Quando surge a tentação, o padre tem uma fortaleza espiritual que lhe permite resistir em silêncio. E esse conflito interior só lhe dá mais força.

Volveu os olhos para Louis. O jovem parecia estar escutando as palavras de um arcanjo. Seus lábios tremiam.

Ha-ha!, pensou o Cardeal. Não me enganei!

— Reflita — continuou tranquilamente e com olhar firme. — Não se prive de alegrias puras e perfeitamente permissíveis. Não foi essa a intenção de Deus, a não ser para os que têm vocação para uma vida de clausura. Eu e você, Louis, vivemos num mundo de homens. E de mulheres.

Louis replicou, numa voz trêmula, que teria provocado compaixão num homem menos terrível:

— Vossa Eminência salvou-me! Deu-me esperança, afastou do meu coração o peso da culpa!

O Cardeal levou a mão à boca, para esconder um sorriso incontrolável. Mas o seu olhar permaneceu sério e compreensivo.

— Que culpa, Louis? Que imaginação a sua! Como vocês, os jovens, se torturam, quando uma conversa com uma pessoa experiente pode aliviá-los!

Louis deixou-se cair na cadeira, pois as suas pernas tremiam de tal maneira que não conseguiam sustentar-lhe o corpo. Inclinou-se para o Cardeal, e o seu rosto já não era de mármore, e sim de carne e osso.

— Quer dizer que eu tenho sido culpado de maus pensamentos, Monsenhor! Conspurquei a minha inocência com -a força da minha imaginação! Então, o que eu julguei ser mau era puro e natural. Meu Deus, estou-vendo que a minha mente é suja. . .

Estacou, incapaz de continuar.

O Cardeal ergueu a mão num gesto de afeto.

— O seu mal, Louis, é ser extremado. Nunca se esqueça de que, embora padre, você é também um homem. Não se prive de alegrias inocentes e de suaves companhias. Elas não o aviltarão.

Louis ficou calado, dando grandes suspiros. A alegria brilhou na sua testa alta e branca. Havia muito que o Cardeal não se divertia tanto.

Perto da lareira havia outra porta, menor do que a que dava para a antecâmara, onde aguardavam os que desejavam uma audiência com o Cardeal. Ouviu-se uma batida seca e peremptória.

— Ah! — disse Richelieu. — Aí temos o nosso querido Padre Joseph! Voltou esta manhã. Faça-o entrar, Louis.

Como num sonho, o jovem sacerdote ergueu-se e dirigiu-se para a porta. O Cardeal acompanhou-o com um olhar no qual lizia uma luz estranha.

● Capítulo XV

Diziam os irreverentes de Paris que o Padre Joseph sempre era precedido por uma onda de mau cheiro.

Para os grandes potentados huguenotes, esse mau cheiro era mais do que físico, pois continha a mais perigosa das qualidades, o misticismo espiritual. Era fácil entender um homem como Sua Eminência, o Duque de Richelieu. Havia nele o elemento humano e, por mais colossais que fossem os seus crimes, por mais maquiavélicas e impiedosas que fossem as suas maquinações, havia nele uma qualidade humana, embora exacerbada e inflamada. Podia-se rir dele, às vezes achá-lo grotesco. Mas não se podia rir de François le Clerc du Tremblay, capuchinho místico e epilético, o famoso Padre Joseph.

Até mesmo a loucura do Cardeal era uma loucura humana, causada por uma tara de sangue, por um excesso de ambição e por uma sensibilidade exagerada. Podiam compreendê-la, desprezá-la, temê-la ou meditar nela. Mas a loucura do Padre Joseph transcendia a humanidade, tornava-se um desses horríveis mistérios que se escondem por trás da escura floresta da realidade. Tinha parentesco com demônios, com anjos negros, com monstros subterrâneos, com aparições sobrenaturais. Os devotos, embora o temessem, acreditavam que a loucura do capuchinho fosse proveniente de um êxtase divino. Mas os outros sentiam um verdadeiro terror diante da sua pessoa, como se ele não fosse de carne e osso, e sim uma estranha criatura, vinda de um lugar estranho, para além deste mundo. Todo mundo conhecia a força compulsória do Cardeal. Era a mesma força dos grandes conquistadores e opressores e, embora odiada, era compreensível. Mas no Padre Joseph havia uma força inexplicável, como se por detrás dele estivesse uma coorte invisível e temível, proveniente de lugares desconhecidos.

Não podia ser tocado por mão humana. Havia quem acreditasse que ele não fosse realmente uma pessoa, e sim um espectro, o alter ego do Cardeal Richelieu, o seu amigo mais chegado.

Era oito anos mais velho do que o Cardeal, tendo, portanto, quase cinquenta anos. Baixo, atarracado, semelhante a um gorila, com mãos longas e dedos dos pés igualmente compridos, parecidos com os de um primata, visíveis através das sandálias, inspirava medo ou repulsa à primeira vista. Sob o seu hábito de capuchinho, grosseiro e sujo, percebia-se o contorno dos seus membros fortes e retorcidos e de um tórax que lembrava o tronco de uma árvore.

Parecia que nunca na sua vida tomara banho, pois estava sempre rodeado por uma aura de cheiros fortes e repelentes, que davam mais a impressão de emanar da sua colossal vitalidade, do que da sua pessoa física.

Tudo isso bastava para repelir as pessoas, mas era o seu rosto, a sua cabeça, o que mais hipnotizava e o tornava mais temível. Tinha uma testa enorme, sempre enrugada como a testa de um macaco, escura, quase cor de vinho, como toda a pele do seu rosto exagerado. Seus olhos eram salientes, enormes, ardentes e terríveis, de um azul febril, brilhante de paixão e misticismo inumano. O nariz era grande, encavalitado, como o bico de uma águia ou de uma ave de rapina. A barba era comprida, vermelho-escura, maltratada e suja. Aqui e ali grisalha, cobria a parte inferior do seu desmedido rosto e caía sobre o seu peito largo de primata. Através desse emaranhado de pelos, via-se uma boca larga e retorcida, sagaz e expressiva.

Não obstante, ele não era um criminoso, como o Cardeal. Se fosse, teria inspirado menos medo. Não havia mácula alguma na sua vida particular, e até mesmo os seus inimigos concordavam em que ele não alimentava nenhuma ambição pessoal de poder. Se alimentasse, talvez o compreendessem, sentissem nele a fraqueza do homem. Era incapaz de tecer as intrigas sutis do Cardeal, não tinha a sua venalidade, nem a sua perversidade. E era essa falta de defeitos humanos que o tornava assustador.

Viera de Roma e chegara ao palácio do Cardeal havia apenas' alguns minutos. Fora diretamente falar com Richelieu, que confiava nele como em nenhum outro homem. Acaso iludia ele o Padre Joseph? Ninguém, nem mesmo o Cardeal, saberia dizer.

Era difícil para Richelieu, cuja maior fraqueza era o orgulho do sangue, ser amigo de gente de origens modestas, por mais que lhes respeitasse o intelecto ou lhes admirasse as conquistas (e era generoso na sua admiração). Mas o Padre Joseph agradava-lhe porque, apesar da sua aparência horrível, o capuchinho tinha sangue nobre. Era o filho mais velho de um certo Jean le Clerc, Lorde Chanceler do Duque d'Alençon e Premier Président des Requêtes du Palais. Seus ancestrais tinham sido administradores e advogados sumamente brilhantes, e sua mãe pertencia à alta aristocracia rural. Além disso, o Padre Joseph herdara do avô materno, Monsieur Claude de La Fayette, um dentre quatro baronatos e fora conhecido na Corte, quando jovem, como o Barão de Muffliers. Tanto o seu pai como a sua mãe haviam sido calvinistas.

Por conseguinte, nas suas relações com o Padre Joseph, o Cardeal não experimentava qualquer sensação de degradação. Era seu igual no sangue, e Richelieu acreditava no sangue como não acreditava em Deus. (Tinha um ódio intenso e inflexível pelos plebeus e dizia, frequentemente: "Onde o povo entra, sempre suja, não deliberadamente ou com má intenção, mas inocentemente, como um bicho, levado pelo instinto". Acreditava que a poluição deliberada provinha de uma compreensão superior da enormidade dessa poluição e podia, portanto, ser perdoada. Mas a inocente poluição do povo não podia ser perdoada, pois advinha da sua própria natureza e, sendo intrínseca, não podia ser curada. Quando o Cardeal sentia essa verdade mais agudamente, ficava cheio de uma raiva insana e, da mesma forma que Nero, sentia desejos de incendiar Paris, como Roma fora incendiada, a fim de curá-la do seu mau cheiro. Às vezes, sentia vontade de incendiar o mundo inteiro.)

Quando o Padre Joseph entrou, o Cardeal endireitou-se na cama e estendeu as mãos trêmulas. Seus olhos brilhantes tornaram-se menos duros, e ele sorriu, com afeto e deleite.

— Meu caro amigo! — exclamou. — Meu querido e bom amigo!

Havia muito tempo que não via o capuchinho, mas tinham-se correspondido regularmente, O Padre Joseph sorriu também, o seu sorriso escuro e torto, mas que, não obstante, tinha algo de singularmente belo. Beijou a mão branca do Cardeal com sincera humildade e, depois, apertou-a entre as suas mãos morenas e calosas. Ficaram alguns minutos sem falar, mas os seus olhos diziam tudo, A palidez mortal do Cardeal transformou-se num rosado saudável. Seu rosto comprido e pontudo, sombrio e melancólico, adquiriu vivacidade. Suspirou profundamente. O Padre Joseph também estava muito emocionado. Seus olhos azuis, austeros mas apaixonados, tornaram-se suaves como céus de verão. Sua enorme barba ruiva tremeu.

Sentou-se no cadeirão dourado e escarlate, à cabeceira do Cardeal. Louis afastara-se, cheio de ciúmes, daqueles ciúmes crônicos que lhe afetavam toda a existência. Ficou de pé, junto da janela, mas na sombra, alto, vagamente sinistro na sua batina preta. Dentre as sombras, os seus olhos luziam com desdém altaneiro, enquanto no seu coração nascia um novo ódio que se ia juntar aos outros.

Vira o Padre Joseph apenas uma vez, e a distância, antes que ele, Louis, tivesse sido ordenado. Era então muito jovem e seu pai o levava, com Arsène, a visitar o seu velho amigo calvinista, o governador da cidade huguenote de Saumur, Monsieur du Plessis-Mornay. O governador era, além de amigo, parente afastado, e Armand gostava dele sinceramente, o que nele era raro. A visita fora mais ou menos secreta, e Armand, recém-convertido à Santa Madre Igreja, rodeara-se de cuidados.

Nesse tempo, os católicos, uma minoria intolerante, tinham liberdade de culto em Saumur, e ninguém se metia com eles. Du-Plessis-Mornay era um verdadeiro liberal, cheio de tolerância e bom humor. Seus amigos tinham protestado contra a presença dos católicos, alegando serem eles o núcleo de uma doença

que acabaria se alastrando pela cidade como uma peste. Mas du Plessis-Mornay era um homem de boa vontade e não podia acreditar na malevolência dos outros. Defendia os católicos contra opressões reais e imaginárias e sempre dava ouvidos às suas queixas intermináveis contra os seus concidadãos huguenotes. Avesso a qualquer espécie de opressão, era muito sensível à mais leve das suas manifestações, tornando-se severo com os seus amigos huguenotes e recusando-se a escutar os seus indignados e justificados avisos contra os católicos.

— Esses católicos aproveitam-se da confiança e da piedade dos seus inimigos — dissera-lhe certa vez um amigo. — Só são mansos e humildes enquanto impotentes. Invocam a tolerância e a indignação dos homens de bem em seu benefício, ao mesmo tempo em que planejam destruir esses mesmos homens.

Mas du Plessis-Mornay recusara-se a acreditar nisso, incapaz que era de agir com má intenção.

Não confiava, porém, nas ordens religiosas e, durante muito tempo, embora permitisse livre culto aos católicos, não deixara entrar frades na cidade. Sempre determinado, o Padre Joseph resolvera pôr um ponto final nisso. Conseguira cair nas boas graças da abadessa de Fontevrault, Madame de Bourbon, uma velha tia do rei, e pedira-lhe que intercedesse junto de Sua Majestade para que os capuchinhos pudessem instalar-se em Saumur. Apesar de homem intrépido e de caráter, du Plessis-Mornay não ousara ofender a tia do rei, e o primeiro convento dos capuchinhos fora fundado na cidade.

Entusiasmado com o seu sucesso, Padre Joseph conclamara um encontro aberto dos católicos, numa das ruas da muralhada Saumur. Armand, que viajava na sua carruagem, acompanhado dos filhos, fora obrigado a parar devido à multidão. Ele e os filhos tinham sido forçados a ouvir a triunfante eloquência de Padre Joseph, de pé numa pequena elevação, gesticulando, na sua batina preta, tendo ao fundo o céu azul e quente, inspirando a assistência com o seu fervor e a sua descabelada oratória. Arsène fizera o pai rir com comentários jocosos e imitações exageradas, mas Louis, muito moço ainda, decidira ali mesmo dedicar a sua vida a Deus.

Fora essa a primeira e a última vez, até aquele dia, que Louis vira a Eminência Cinza, o amigo íntimo do Cardeal. Mas nunca esquecera aquela 'figura tremenda e veemente, nem o som da sua voz arrebatadora. Padre Joseph tornara-se, aos seus olhos, uma figura semidivina, um sonho ilimitado. Mas, naquele momento, o sonho foi esquecido, e ele viu no Padre Joseph, embora permanecesse sensível à sua personalidade e ao seu poder, o homem que era o único amigo verdadeiro do Cardeal. E o seu egocentrismo era tão grande que ele não podia suportar o espetáculo de ver alguém a quem servia, ou de quem gostava, dar tanta atenção a outra pessoa, a ponto de se esquecer da sua presença. Estava acostumado a ser a figura central, nos seus poucos relacionamentos, e o fato de ser rebaixado à categoria de mero secretário do Cardeal envenenava-lhe o sangue. Seu belo e pálido rosto tornou-se esverdeado. Pôs-se literalmente a tremer. Ali estava alguém diante de quem ele não era ninguém, absolutamente ninguém. Viu a expressão do Cardeal, profunda, afetuosa e terna, e lembrou-se de que nunca olhara para si daquela maneira. A sua velha ânsia de amor e completa dedicação (aquela doença crônica da sua alma solitária) tomaram mais uma vez conta dele, tornando-o fisicamente doente. O olhar que os dois trocaram carregava em si a lembrança de anos e anos de confiança, afeição e luta, mais uma infinidade de coisas que ele não conhecia. Tinha mais ciúmes das implicações desses olhares do que do próprio Padre Joseph.

Tinham-se esquecido dele. Esse era o supremo insulto. Não passava de um lacaio, sem voz e sem ouvidos, naquele quarto imponente, com o seu teto branco e dourado, os seus cortinados vermelhos e o seu macio tapete verde. Agarrou uma prega da cortina da janela e torceu-a com força, como se fosse um pedaço de carne.

O Cardeal e o capuchinho tinham mergulhado numa conversa ávida e loquaz. As palavras precipitavam-se. De vez em quando, eles riam e, logo, parando de falar, trocavam aqueles olhares

compridos que tanto enfureciam e torturavam Louis. O Cardeal voltara a ser jovem, apaixonado, alegre e cheio de vida. Seu corpo vibrava de vida. Seus olhos, grandes e reservados, brilhavam sem reticências. Continuava a segurar a mão do capuchinho e a apertá-la.

Falaram de assuntos pessoais, por vezes caindo na gargalhada e olhando-se significativamente, como que recordando coisas passadas, o que tornava a conversa ainda mais sem sentido para o jovem padre. Pela primeira vez, Louis apercebeu-se da riqueza da memória, que coloria o presente com nuances e tintas diferentes, e do tesouro que representava uma velha amizade. Aquilo só fez aumentar a amargura e o ciúme que sentia. Entre ele e o Cardeal não havia recordações.

Após nova pausa, os dois amigos entraram a conversar de coisas mais graves. O capuchinho começou a falar da sua missão em Roma. Cobrira aquela grande distância, ida e volta, a pé. Metidos em sandálias grosseiras, seus pés eram morenos, tismados, enormes e deformados. Atravessara a pé as grandes e sombrias florestas da França, ameaçado pelos lobos e até por ursos, sozinho e desamparado, “salvo por Deus”, dizia ele, gravemente. Percorrera estradas lamacentas e pedregosas, infestadas de bandidos e assaltantes, dormira em campos abertos e em montes de feno, sempre carregando a mochila às costas. Mendigara pão, leite e água em casebres de camponeses. Não se vangloriava, mas a sua coragem sobre-humana e a sua força interior manifestavam-se em cada palavra. Enquanto falava, a sua mão brincava com a cruz de madeira que lhe pendia da corda em volta da cintura, e ele não parava de olhar para ela com devoção apaixonada, enquanto uma luz mística se espalhava pelo seu rosto barbudo e lhe iluminava os olhos, fazendo-o como que perder consciência de onde se encontrava, numa espécie de catalepsia. Estava quase cego, e o esforço que fazia para ver dava à sua expressão uma imobilidade extasiada e penetrante.

E, à medida que Louis escutava a conversa, o gelo negro do seu antigo sentimento de frustração invadia-lhe, lenta e inexoravelmente, o coração. Sabia que era como uma sombra esquecida, uma imagem de vidro, oca e sem substância.

— O Santo Padre — disse o Padre Joseph, com uma inclinação de cabeça — está muito preocupado com o que se está preparando nas Alemanhas. Ah, as Alemanhas! Que verdadeira caixa de Pandora, cheia de pestilências aladas para lançar sobre a Europa! Mas quem, senão os alemães, podia ter gerado um Lutero? São como um caldeirão, constantemente borbulhando. Isso porque são bárbaros. Sua Santidade confessou-me que não consegue dormir. Passa os dias preocupado, as noites orando. Está entre a espada e a parede, os protestantes, que ameaçam a Igreja com a sua simples existência, e os católicos Habsburgo. Dehtre os dois, qual o nosso pior inimigo? Eu não sei. Mas sei que os Habsburgo são os nossos mais perigosos aliados, ainda mais sinistros por usarem os mesmos hábitos que nós. Felipe da Espanha e os Habsburgo, todos bons católicos, estão cheios de veneno contra a França e, se para destruir a França fosse necessário destruir a Igreja, eles não hesitariam em fazê-lo.

— Eu sei — disse o Cardeal, sombriamente.

O pálido fantasma junto da janela deu um passo, mas os dois velhos amigos não se aperceberam.

Padre Joseph suspirou, juntou as mãos grandes e morenas e examinou-as com atenção.

— Acho — disse, em voz baixa — que, para a Igreja sobreviver, a França precisa ser fortificada. E como podemos fazer isso, Monsenhor? Já fez muito. Aplacou os huguenotes, persuadiu-os a se aliarem a Vossa Eminência no esforço desesperado de criar e preservar uma unidade, uma integridade na França. Disse tudo isto ao Santo Padre. A princípio, ele achou tudo muito confuso, muito sofisticado. Mas acabei por tornar claro que, se a Igreja quiser sobreviver, a França terá primeiro que resistir. De vez em quando, ele abanava a cabeça, suspirando, pensando como era possível que o apoio dos protestantes franceses fosse essencial à salvaguarda da Igreja.

— Disselhe, meu amigo, que os huguenotes e os católicos da França eram, antes de mais nada, franceses?

O capuchinho sorriu o seu sorriso escuro e torcido. Ergueu as sobrancelhas ruivas e olhou, bem-humorado, para o Cardeal.

— Ele tinha acabado de saber que os huguenotes de La Rochelle estavam conspirando com Buckingham e que o duque lhes tinha prometido ajuda inglesa, caso nós investíssemos contra eles.

— Ah! — exclamou o Cardeal, alisando delicadamente a barba fina e pontuda.

— Informei-lhe — continuou o capuchinho, fixando os olhos em Richelieu — de que não tardaríamos a “reconciliar” os cidadãos de La Rochelle.

— Confio em que não lhe disse que essa reconciliação se processaria por meio da força, da espada, da roda e da masmorra — observou o Cardeal, com ironia.

De repente, os dois caíram na risada. Louis respirou fundo, o coração ardendo de raiva contra aquele riso inexplicável.

— Claro que não — retrucou o capuchinho. — Disselhe que isso seria conseguido pelos meios preconizados pela Cúria Romana: orações, amor, persuasão e evangelização.

Sorriu apenas, mas o Cardeal riu de novo, com deleite.

— Não obstante — disse Richelieu — são esses os meios que eu gostaria de empregar. Os rochelenses são franceses, e o sangue francês deve ser preservado.

Acrescentou:

— Sua Santidade é um homem vigoroso. Quem sabe não preferiria métodos mais drásticos?

Mas o Padre Joseph limitou-se a desviar o olhar, como se o cheiro do ridículo lhe tivesse subido às narinas. Disse:

— Sua Santidade ficou levemente aborrecido de saber que está tão preocupado com os franceses.

— Preferiria que eu me preocupasse com os Habsburgo? Ele que reflita bem. Se esses bárbaros triunfassem, ele e a Igreja estariam perdidos. Espero que o tenha feito compreender, de uma vez por todas, que a França é a única espada desembainhada em defesa da Igreja.

— O Santo Padre não é insensível à ameaça dos Habsburgo. Mas, conforme já disse a Vossa Eminência, está confuso. E os homens vigorosos não gostam de se sentir confusos.

Pôs-se de pé. Embora fosse baixo, parecia encher o vasto aposento com a sua força e a sua vitalidade. Fixou o olhar no espaço, enquanto o Cardeal o estudava atentamente.

— O Santo Padre não é francês — disse o capuchinho, pensativo, e o seu rosto assumiu uma expressão reservada e absorta. — Não pode sentir a mesma devoção que nós sentimos pela França. Contudo, devo confessar que simpatizei em parte com as queixas dele.

— Ah! — murmurou o Cardeal.

Louis avançou mais um passo, as narinas dilatadas¹, a respiração ofegante.

O capuchinho suspirou, comprimiu os lábios e depois disse, na sua voz calma e impressionante, que sempre transmitia a ideia de poder contido:

— Tenho concordado com muitas coisas propostas por Vossa Eminência. No entanto, também creio ser necessário pensar numa colaboração entre os católicos Habsburgo e os católicos franceses para a supressão dos hereges. Isso ensejaria uma união da cristandade.

O Cardeal empalideceu subitamente. Endireitou-se, e um brilho infernal luziu-lhe nos olhos de tigre.

— Pensa então, meu caro amigo, que os franceses, embora católicos, suportariam ver estrangeiros, embora católicos, assassinar outros franceses embora huguenotes? Pensei que compreendesse os franceses!

O capuchinho voltou para junto da cama, e o seu olhar parecia, também, dardejar fogo.

— Sou francês — replicou, lenta e firmemente. — Mas sou também capuchinho. Aos olhos de Deus Todo-Poderoso e da Santa Madre Igreja, os homens são ou filhos da luz, ou filhos das trevas. As distinções raciais e nacionais derretem-se ao sol dessa verdade. Quando na nossa casa se alojam as forças do mal, elas têm que ser destruídas, para que as pessoas que nela habitam não sejam vítimas da peste. — E acrescentou, num tom ao mesmo tempo digno e suplicante: — A integridade, a segurança da Igreja devem ser sempre o principal objeto da nossa consideração.

O Cardeal cerrou com tanta força a mão que as unhas se lhe fincaram na palma.

— E pensa que os Habsburgo preservariam essa segurança, essa integridade? Ah, não responde, meu caro Padre Joseph! Seu olhar hesita, você suspira.

Soergueu-se nos travesseiros, e um leve rubor coloriu-lhe as faces magras.

— Escute o que lhe digo! Os Habsburgo são diabólicos e extremamente inteligentes. Apresentam esse argumento a Sua Santidade, sabendo que o Santo Padre lhes vai dar ouvidos. Mas é um argumento ditado pelo próprio diabo. Essa preocupação hipócrita com a integridade da Igreja tem como base o ódio à França. Madri e Viena de há muito vêm conspirando para a destruição do nosso país e do nosso rei. Nenhuma piedade os move. Os Habsburgo desejam apenas a hegemonia da Europa, para poderem reinar sobre ela. Se conseguirem a bênção de Sua Santidade, será meio caminho andado. Mas consentirá Roma em ser usada como trampolim para os políticos e os conquistadores sequiosos de poder? O truque é velho. Já foi usado antes e será usado ainda inúmeras vezes. Mas, enquanto eu viver, não permitirei que ele seja usado contra a França!

O capuchinho ficou calado. O tom apaixonado do Cardeal fazia o ar vibrar. Ele já não era um padre, e sim um soldado, um francês.

Nos momentos de tensão, o soldado voltava, com fúria. Gritou:

— Sang de Dieu! Não será usado contra a França! Dediquei a minha vida, a minha força, a minha paixão e todo o meu ser a ela! Não ficarei parado, vendo derramar-se o sangue do meu coração em vão, e na areia. Não, nem que tenha que me opor ao mundo com as mãos nuas e enfrentar sozinho o próprio fogo do inferno!

Mas o capuchinho olhou para ele gravemente, e a sua boca, apenas entrevista por causa da barba, era severa e apertada.

O Cardeal continuava fora de si. Tinha desses momentos de frenesi, quando, pondo de lado a velha cautela e o sentimento de autopreservação, desfraldava a bandeira vermelha da sua coragem, da sua fúria, do seu ódio e do seu orgulho contra céus escuros e ameaçadores. Esquecia-se então de tudo, menos de que era Armand-Jean du Plessis, ardente de paixão, onisciente e poderoso, manipulador de homens, reis e sacerdotes, louco de raiva de que alguém ousasse se opor a ele por um instante que fosse, ou dizer-lhe o que ele devia fazer.

Sentou-se na beira da cama, mas logo se pôs de pé e ficou diante do Padre Joseph no seu longo camisolão de seda branca, o rosto fino e pálido transtornado pela maldade, pelo orgulho e pelo desejo. Seus olhos de felino eram translúcidos, dando a impressão de que o fogo selvagem da sua alma espreitava através deles. Ergueu as mãos fechadas, como que para pronunciar imprecções. Seu corpo doentio parecia açoitado por ventos extra terrenos. Seu aspecto era tão terrível que o Padre Joseph caiu para trás, como que diante de uma aparição infernal e sobrenatural.

E o Cardeal falou, numa voz baixa, mas impressionante:

— Esta é a minha França. O que ela é, o que ela será, deve-o a mim. Tracei as suas fronteiras com o meu sangue. Uni a sua carne à minha. Emprestei ao seu corpo morto a minha alma. Erigi as suas fortalezas com as minhas mãos. Soprei ar nos seus pulmões. O cadáver que apodrecia na Europa ressuscitou, igual

ao de Lázaro. Foi a minha voz que a fez erguer do sepulcro, e os meus dedos que lhe rasgaram a mortalha. Foi a minha espada que afugentou as aves de rapina que queriam devorá-la. Agora, ela é minha. Só minha e de nenhum outro homem. Nem reis, nem a Igreja podem reclamá-la. Nem mesmo Deus!

O Padre Joseph ouvia, incrédulo, aquelas palavras, que pareciam saídas dos lábios de um Lúcifer inflamado e enlouquecido. Persignou-se. Seu rosto moreno ficou azulado de horror e medo. Era um homem estranho e terrível, mas tinha diante de si uma criatura ainda mais estranha e terrível. Esperou que o Cardeal terminasse e voltasse para a cama, e depois falou, com voz calma, mas em tom ameaçador:

— Foi isso o que Sua Santidade me disse, mas eu pensei que estivesse mal informado. Disse-me que não era à França que Vossa Eminência amava, que não era a Deus que servia; que amava e servia apenas a Vossa Majestade mesmo. Que Vossa Eminência desejava apenas poderio, igual a Satã.

O Cardeal, que se deixara cair nas suas almofadas, tomado de uma completa exaustão, sorria, e um espírito inexorável brilhava-lhe nos olhos, que fitavam o capuchinho. A nenhuma outra pessoa, em todo o mundo, ele se teria desnudado assim.

— Esta é a minha França — repetiu.

— É a França de Deus! — exclamou o capuchinho.

O Padre Joseph pôs-se a andar de um lado para o outro como se fosse um urso ruivo, preocupado, a cabeça inclinada, as sandálias manchando de lama o tapete delicado. A luz do sol iluminava-o quando ele passava diante das janelas, para logo depois mergulhá-lo na sombra do quarto.

Começou a falar, numa voz trêmula, como se consigo mesmo:

— Amar a terra onde nascemos é bom, como é bom amar a nossa casa e a nossa família. Sem esse amor, nenhum homem é completamente homem, um ser humano dotado de dignidade. Defender a nossa pátria é bom. Mas encarar a pátria como uma conquista, amá-la excluindo tudo o mais, não é amor e sim ódio por todas as outras terras construídas por outros homens. Sua Santidade está a par disso.

O Cardeal ergueu a mão, e tão profundo era o efeito do seu poder espiritual que o capuchinho fez uma pausa, como se houvesse ficado petrificado, embora não lhe tivesse visto o gesto.

— Que o Santo Padre se lembre de que é italiano e de que eu sou francês — disse ele, tão baixo que a sua voz parecia um sussurro.

Padre Joseph voltou os olhos lentamente para o amigo e ficou mudo de horror, assustado com a sua terrível arrogância, o seu orgulho diabólico. Não conseguiu dizer uma palavra. O pálido fantasma perto das janelas, ainda inobservado, sentiu como se estivesse vivendo um sonho infernal, alheio à realidade.

O Padre Joseph não sabia que nenhum homem pode se aproximar de Deus, a não ser através da própria humanidade. Mas sabia que os homens se aproximavam do inferno através do orgulho, da vaidade, da fome de poder. E pareceu-lhe, enquanto olhava firme e apavorado para o Cardeal, que o amigo assumira o aspecto de Lúcifer. Sentiu uma imensa tristeza e um medo enorme. Nunca conhecera homens assim, embora as lendas estivessem cheias deles. Cada vez mais assustado, disse, para si mesmo, que não ouvira as palavras que tinha ouvido.

— Vossa Eminência é, antes de mais nada, um servo da Igreja — lembrou.

O Cardeal sorriu de novo. O fogo abandonou-lhe o olhar. Sua respiração tornou-se menos ofegante. A palidez da exaustão tomou-lhe conta do rosto, novamente.

— Eu nunca me esqueço disso — respondeu, suavemente.

Padre Joseph passou as mãos sobre o rosto, num gesto que parecia querer afastar uma horrível visão. Depois, deixando cair as mãos, mostrou um semblante calmo e rígido. Aproximou-se da cama do Cardeal, sentou-se de novo e, apoiando as mãos nos joelhos, suspirou.

O Cardeal tinha por ele uma afeição profunda e ficou compungido por ter preocupado e horrorizado o amigo. Estendeu a mão e colocou os dedos magros e frios na mão rígida do capuchinho. Sentiu-a tremer.

— Tem uma sensibilidade por demais delicada — disse, bem-humorado. — Empresta um significado impossível às palavras. Peço-lhe que me perdoe a extravagância.

Ansioso por acreditar, o Padre Joseph sorriu fracamente.

— Vossa Eminência é famoso pela extravagância — disse ele.

Só então o Cardeal reparou em Louis, e franziu o sobrolho.

Levantou um dedo e chamou o jovem padre. Padre Joseph viu-o aproximar-se, distraído e sem qualquer curiosidade.

O Cardeal tinha um sorriso fascinante. Olhou para Louis com afeto bem-humorado.

— Padre Joseph, apresento-lhe o meu secretário, um irmão em Deus. Creio que conhece a família dele. É o Marquês du Vaubon.

O Padre Joseph ergueu-se pesadamente, como se estivesse prostrado, e os dois sacerdotes fizeram uma reverência silenciosa.

— É um jovem que tem muitos pontos em comum com você, Padre Joseph — disse o Cardeal alegremente. — A conversa dele é muito edificante.

Fez uma pausa e lançou a Louis um olhar inescrutável.

— Pensei que só tivesse um amigo em quem podia confiar. Mas, em Louis, encontrei outro.

O tom do Cardeal encerrava alguma ameaça, Louis não tinha dúvida. O seu rosto de mármore corou de orgulho, mas ele nada disse.

— Da mesma forma que Sua Santidade, Louis acha que eu devia conseguir a revogação do Editto de Nantes — continuou o Cardeal, no mesmo tom de bom humor.

Mas o Padre Joseph não sorriu. Voltou a sentar-se e fitou o Cardeal com expressão grave.

— Ainda não lhe disse, mas Sua Santidade exige que ele seja revogado.

O Cardeal deu de ombros e cerrou os dentes.

Padre Joseph prosseguiu:

— Sua Majestade, a Rainha da França, concedeu-me uma audiência antes de eu partir para Roma. Pediu a Sua Santidade que exigisse a revogação.

Ficou espantado com a fúria súbita e desumana que se apossou do Cardeal, ao ouvir falar em Ana da Áustria. As suas feições ficaram congestionadas. Pulou da cama, e, por entre a barba fina, os dentes assumiram uma expressão de lobo.

— Ela ousou fazer isso! — exclamou ele. — Aquela espanhola fraca e debochada, aquela rameira petulante! Ousou passar por cima da minha cabeça, sabendo que eu era contra. . .

O Padre Joseph ficou escandalizado ao ouvir aquelas palavras. Diante dos seus olhos perpassou uma rápida visão da jovem e bela rainha e sentiu, pela primeira vez em muitos anos, a indignação de um homem de bem ao ouvir falar mal de uma mulher que, embora fraca, era virtuosa, gentil e simples, piedosa e indefesa. Tinha horror e aversão às mulheres, exceto àquelas que usavam hábito e se escondiam por trás dos claustros de um convento,

e às que, como Ana da Áustria, brilhavam com o fulgor divino dos reis.

— Vossa Eminência ousa falar assim de Madame. . .?! — exclamou, engasgando-se.

Mas o Cardeal estava furioso com a audácia de uma criatura tão frágil, que lhe torturava os sentidos, mesmo quando dormia.

— Quer dizer — murmurou — que ela conspira nas minhas costas, essa espanhola, essa inimiga da França, essa meretriz! É o fim. Preciso destruí-la.

— Que está dizendo? — perguntou o Padre Joseph.

O Cardeal cravou nele um olhar em fogo.

— Tenho sido paciente — disse, por entre dentes. — Tenho aguentado calado. Tenho mostrado

compreensão e misericórdia para com essa perigosa inimiga. Mas tudo isso acabou. Ela está intrigando contra a França, a serviço do irmão, esse temível espanhol, que só quer a ruína da França! Então esses canalhas querem que eu revogue o Edito de Nantes? Mesmo sabendo que isso resultaria no recrudescimento da guerra civil dentro da França? Assim com a França enfraquecida e indefesa, poderiam mais facilmente espoliá-la e conquistá-la.

Parou, ofegante, olhando em frente, sem nada ver, a não ser o seu ódio.

— O Edito de Nantes é o Edito de Satã — disse o Padre Joseph, severamente. — É um insulto a Deus Todo-Poderoso esse edito que dá aos hereges os mesmos direitos que os católicos franceses.

— Refleti! — disse o Cardeal, com aparência ameaçadora. — Esse Edito foi promulgado pelo pai de Sua Majestade, Henrique de Navarra, para proteger os seus amigos huguenotes. — Fez uma pausa. — Henrique declarou que Paris valia uma missa, e regressou ao seio da Igreja. — A voz dele abaixou de tom, mas tornou-se mais intensa. — E eu acho que Paris, que a França bem valem o Edito de Nantes.

— Sua Santidade exige. . . — disse Padre Joseph, indignado.

— Sua Santidade — repetiu o Cardeal — não é francês. — Ergueu um dedo e deitou um olhar formidável ao amigo. — A roda, o machado, a força, por mais queridos que sejam de Sua Santidade, não voltarão à França. Tenho dito.

O Padre Joseph afastou os olhos, horrorizado, e deparou com o olhar de Louis. Ficou surpreso com o fanatismo refletido no rosto do jovem sacerdote. Franziu o sobrolho, pensativo. Suas palavras dirigiam-se ao Cardeal, mas ele olhava apenas para Louis.

— Deus é maior do que a França. Medite nisso, Monsenhor. Deus pode acabar com a França a qualquer hora.

O Cardeal sorriu sombriamente, e depois disse:

— Por acaso Sua Santidade se preocupa apenas com o Edito de Nantes? E a guerra que se trava fora da França e que ameaça a própria Igreja? Não causa a maior das ansiedades ao Santo Padre?

Por um momento, o Padre Joseph esqueceu-se do Edito de Nantes e mergulhou numa discussão sobre a guerra, 'passando a falar na prolongada crise. Depois, lembrando-se de algo, fixou os olhos azuis no Cardeal.

— Dizem que Vossa Eminência apoia secretamente os protestantes que Sua Majestade Católica, o Imperador dos Habsburgo, está procurando derrubar. Mas isso é impossível!-

— Não falta quem me difame — disse o Cardeal tranquilamente e com um olhar suave.

Apenas parcialmente tranquilizado, o Padre Joseph continuou, excitado:

— As Alemanhas! Deixe que o Imperador, do alto do seu trono, em Viena, as esmague! Deixe-o destruí-las completamente, acabar com esses redutos de protestantes! Estão cheios de ambição, desejosos de segurar, com unhas e dentes, as terras da Santa Madre Igreja, de que tão desavergonhadamente se apoderaram, e os proventos que delas obtêm. Peça a Deus e a todos os santos que o Imperador os aniquile e faça com que as Alemanhas se unam, uma vez mais, aos seus irmãos católicos! Só então a cristandade será restabelecida, a cultura católica ressuscitada e a França salva!

— Só então — disse o Cardeal, em voz branda mas inexorável — a França será destruída.

Mas o Padre Joseph estava por demais transportado para ouvir aquelas palavras. Só Louis as ouviu, e os seus gélidos olhos azuis se tornaram ainda mais frios.

O Padre Joseph prosseguiu na sua veemente denúncia dos protestantes e na sua extasiada adoração do imperador dos Habsburgo, esse expoente dos monarcas católicos.

Cansado de ouvir, o Cardeal disse, irônico:

— Felipe da Espanha, sem dúvida, está muito interessado nessa santa cruzada. Naturalmente, vai expulsar os mouros infiéis do seu Império, quando terminar a guerra contra os protestantes. . .

— Com toda a certeza! — exclamou o Padre Joseph. — E também os judeus. Estão conspirando, há muito, contra a Espanha.

— Pensei que as câmaras de tortura da Inquisição, a forca, a roda e o pelourinho tivessem sido piedosamente utilizados contra os judeus, e que eles agora estivessem a salvo no seio da Santa Madre Igreja.

O Padre Joseph calou-se, de repente.

O Cardeal examinou as próprias unhas, pálidas e ovaladas.

— Foi um gesto infeliz, esse de converter os judeus por meios “piedosos”. Eliminou uma eterna vítima, uma eterna maneira de evitar a revolta interna e a insatisfação com o governo. Um monarca sábio permite sempre a existência de uma vítima entre o seu povo, chegando a cultivá-la ou a inventá-la, quando ela não existe. Só assim se protege da indignação do seu povo.

— Sua Majestade espanhola ainda tem os mouros — disse Padre Joseph, impulsivamente: : .

Ao ouvir isso, o Cardeal soltou uma sonora gargalhada.

— O protestante pretendente ao trono da Hungria aliou-se vergonhosamente aos turcos. Os mouros são seus irmãos. Devem ser expulsos da Espanha — disse o Padre Joseph.

Mas as risadas do Cardeal aumentaram ainda mais.

Enquanto o Padre Joseph continuava a falar da guerra sangrenta entre os católicos e os protestantes alemães pelo destino da Europa, o Cardeal se perdia numa contemplação virulenta e deliciosa da humanidade. Que monstro horrível era o homem, cheio de vícios, estupidez e maldade, deixando-se arrastar por qualquer vento, voraz e sedento de sangue como só uma besta louca podia ser, mas sem a ferocidade inocente das bestas, uma criatura justificadamente odiada pelos animais mais simples e sinceros, odiando, por sua vez, todas as coisas, inclusive a si mesmo! Séculos e séculos de gerações e de luzes, uma centena de Cristos não seria suficiente para elevar esse demônio nem sequer às formas mais elementares de decência, que até os mais inferiores animais entendiam instintivamente. Onde, no universo, havia uma tal astúcia, uma tal perversidade, uma tal crueldade, tanta sujeira e estupidez? A degradação dos homens era tal que nem sequer poderia aspirar a uma certa grandeza. Quem poderia medir a vileza do homem, quando essa baixeza era tal que, comparada com ela, o estrume dos animais parecia perfumado?

O Cardeal estava de novo imbuído daquele seu ódio implacável contra a própria espécie, que nunca deixava de inspirá-lo e revitalizá-lo. Da mesma forma que alguns homens são transportados a uma força sobre-humana pelo amor e o êxtase religioso, ele era transportado pelo ódio. Sentia o sangue correr-lhe nas veias, como um rio irresistível.

Sou o que os homens me fizeram, pensava. E compreendia, então, que os tiranos, os opressores, os genocidas, os Gêngis Khans e os Césares, os monstros eram criados pela humanidade a partir da sua própria substância, do seu próprio-desejo e do seu espírito infernal. O tirano não era culpado. O assassino tinha as mãos limpas. Eram as emanações inocentes e impalpáveis das mentes dos homens. No fim, os gênios invocados dos abismos das almas dos homens acabavam por destruí-los. Era uma justiça irônica. O Cardeal perdeu-se na contemplação prazerosa dessa justiça.

Quando mais jovem, e ainda agora, de vez em quando, suportara terríveis angústias de sofrimento espiritual, tão intensas que o seu espírito parecia torturado pelo fogo, ao contemplar a humanidade. Mas agora, passado o primeiro êxtase do ódio, tudo ficara de repente escuro e informe diante dos seus olhos. Tudo ficara mudo como um sino silencioso; e a realidade tornou-se para ele um som sem significado.

É duro suportar a vida, pensou, mas mais duro ainda é já não discernir o que precisa ser suportado.

A exaustão profunda e desintegradora tomara, de novo, conta dele. Fechou os olhos. Ouviu, vinda não

sabia de onde, uma voz veemente e interminável; prosseguindo numa diatribe sem sentido. Mas já não conseguia perturbá-lo. Não sentia nada, nem mesmo desespero. Nesses momentos, cada vez mais frequentes à medida que a sua carne ia enfraquecendo, ele não mais desejava nem sequer o que não podia ser alcançado. Nem mesmo se lembrava do que desejara.

Abriu os olhos, opacos de cansaço e dissolução, e viu a figura cinzenta do Padre Joseph, gesticulando, andando de um lado para o outro, e o pálido fantasma do seu secretário.

Ergueu a voz do fundo da sua dor e da exaustão.

— Discutiremos isso outra vez — disse, numa voz que perdera a ressonância. — Meu querido amigo, sentai-vos aqui comigo. Tenho mais gente a receber e creio que vos divertireis.

Ergueu a mão como um sinal para que Louis fizesse entrar outro visitante.

Enquanto esperava, em silêncio, ficou pensando, como sempre fazia, se Padre Joseph entenderia os seus pensamentos, se o compreenderia, se não o enganaria. Não podia saber. Sabia apenas que o Padre Joseph o contemplava gravemente, com um desligamento que nada tinha de humano. Mas não sabia que naquele olhar havia também tristeza e compaixão.

● Capítulo XVI

Um laçao, vestido de preto, entrou com uma taça de prata, cheia de leite quente e vinho branco, que o Cardeal bebeu, com ar grato e lentamente. O quarto estava em silêncio. As sombras douradas do sol aumentaram e atingiram o rosto pálido e sutil sobre os travesseiros de seda. Agora, ele estava imbuído de grandeza e delicadeza, e via-se que o Cardeal tinha as qualidades da nobreza e da melancolia aristocrática. O soldado, o diplomata, o intriguista, o mentiroso e o hipócrita, o cortesão, o político e o assassino, tudo era obscurecido por um frágil invólucro de carne transparente e luminosa: o rosto do jesuíta, do padre, do sonhador e do poeta.

Quando a luz do sol lhe subiu até os olhos, lembrou-se de que os visitantes continuavam à espera, na antecâmara. Imediatamente, a velha expressão de intolerante malevolência tomou conta das suas feições.

Os três cavalheiros foram admitidos ao mesmo tempo; ao vê-los, a cara do Cardeal fechou-se, tornou-se ainda mais sutil. Mas continuou a sorrir-lhes e açoitou-os da maneira mais afetuosa possível.

O primeiro era Raoul, Duque de Tremblant, cunhado de Madame de Tremblant, que por sua vez era mãe de Mademoiselle Clarisse, a noiva de Arsène de Richepin. O duque era huguenote. Ao vê-lo, Louis empalideceu ainda mais, e um ar vingativo se espalhou pelas suas feições de mármore. Odiava quase todos os homens, mas de Tremblant principalmente.

O aspecto do Duque de Tremblant não era de quem pudesse inspirar animosidade a ninguém. É verdade que ele tinha muito pouco da tradicional elegância, do cinismo e da graça dos franceses. Era um homem dos seus cinquenta anos, alto, anguloso, de andar meio desajeitado, o que fazia com que os seus trajes, ricos mas sóbrios, pendessem, como de um cabide, do seu corpo magro e muito direito. Calção, meias e gibão eram de lã púrpura escura. A gola e os punhos, de linho branco e simples, os sapatos, lisos e guarnecidos apenas de uma fivela de prata. A espada que usava tinha um cabo de prata sem enfeites e batia-lhe na coxa e no joelho, como se ele não estivesse acostumado a portá-la. Não obstante, tinha a reputação de ser um temível espadachim, reputação essa recebida com incredulidade por aqueles que julgavam apenas através das aparências. Parecia mais um obscuro proprietário rural, um burguês cujos ancestrais não tivessem qualquer distinção, do que um nobre de nome antigo e ilustre, ao lado do qual a própria família do rei parecia plebeia e vulgar.

Tinha um rosto comprido, chupado e muito enrugado, pois não gostava de usar os unguentos perfumados, tão utilizados por outros gentis-homens. Além disso, a sua pele era morena e ressequida pelo vento e pelo sol. Passava muito tempo nas suas propriedades, por vezes, para horror dos seus pares, trabalhando com camponeses nos campos e empunhando, inclusive, um arado. Consequentemente, as suas mãos eram calosas; as unhas, partidas; o rosto, tão enrugado que, quando ele sorria o seu sorriso bondoso mas desiludido, toda uma rede de profundas rugas se estendia da sua boca grande e fina para o grande nariz e os pequenos e contemplativos olhos castanhos. Tinha sobrancelhas peludas, que lhe davam uma expressão interrogativa, aumentada ainda mais pelo repuxar para um lado dos seus lábios sensíveis. Da mesma forma que muitos huguenotes, protestantes não só na política como no fundo da sua alma, ele não usava adornos pessoais, e os cabelos grisalhos eram cortados rentes ao crânio longo e estreito. Alguns dos seus amigos diziam, afetosamente, que ele parecia um cavalo velho, mas puro-sangue e bem-conservado.

Nem mesmo os seus inimigos conseguiam encontrar o que fosse de venal ou escandaloso em qualquer setor da sua vida, pois possuía austeridade, uma grande simplicidade e uma enorme compreensão e bondade. Quando sorria, o seu ar era tão suave, tão franco, tão sincero que a maldade se recolhia,

impotente. No entanto, ele não era nenhum inocente — nunca se iludia. Mas não se tornara amargo no seu relacionamento com os homens, apenas triste. Em consequência, preferia a companhia dos campônios ignorantes e o ar puro do campo.

— Não é possível amar os homens, nem sentir pena deles, quando não se vive no seu meio — costumava dizer.

Era um dos mais poderosos magnatas da França, e a sua fortuna pessoal era enorme. Contudo, nunca abusava do poder, nunca se utilizava dele, a não ser para corrigir alguma injustiça, e vivia na maior simplicidade. Não precisava se rodear de luxo, à maneira do Cardeal, para ter a certeza de estar adequadamente protegido contra os outros. Tinha demasiada força interior para sentir um medo constante dos seus semelhantes. Reticente, dotado de um grande senso de humor, prudente e bondoso, incapaz de odiar quem quer que fosse; desprezando apenas os timoratos e os ambiciosos, era muito amado pelos poucos, amigos e odiado pelos inimigos.

O Cardeal gostava muito dele, apesar do seu cinismo. Na sua presença, bem como na do Padre Joseph, ele ficava à vontade, sabendo que estava diante de um homem que não era hipócrita, que não tinha duas caras e que não procurava bajulá-lo. Gostaria de vê-lo com mais frequência, mas o Duque de Tremblant raramente aparecia no Louvre ou no Palácio Cardinalício, exceto quando encarregado de graves missões relacionadas com os seus amigos ou com a sua religião. Isso explicava a preocupação do Cardeal e o erguer de sobrancelhas, ao ver o duque. O Duque de Bouillon, o Duque de Rohan e o Duque de Tremblant eram os três mais formidáveis huguenotes da França. Quando apareciam juntos, como nesse dia, Richelieu sentia reunirem-se dentro dele a expectativa, a cautela e a prevenção.

Açolheu-os com expressões de prazer e amizade. Odiava o Duque de Rohan e o Duque de Bouillon tanto quanto estimava de Tremblant. Sabia que este último encararia até mesmo as soas venalidades e duplicidades com bem-humorada compreensão. Mas os outros nobres não teriam tanta tolerância. Sabia, também, que de Tremblant era protestante, não porque desejasse reter o seu poder pessoal e as ricas propriedades, mas por convicção profunda. Os outros dois eram protestantes menos por convicção do que por ódio ao Rei e ao Cardeal.

O Duque de Rohan era pouco mais velho do que de Tremblant, mas, graças à sua enorme vitalidade animal, parecia mais jovem. Não era à toa que se parecia com a mãe, uma nobre da Casa de Parthenay, originária, como Richelieu, de Poitou. Indomável, arrogante, corajosa e intrépida, legara essas qualidades aos filhos, principalmente ao Duque de Rohan, embora não fosse responsável pelo seu velhaco bom humor nem pelo seu modo de rir, alto e conta-gigante. A família dela era um ramo dos famosos Lusignan, que nunca tinham desistido do seu sonho de unir a França e a Inglaterra sob um único governo.

Henri, Duque de Rohan, era alto, mas tão forte que parecia mais baixo. Seu físico transmitia poder. Embora trajasse roupas mais sóbrias do que as usadas pelos seus pares, não obstante gostava da elegância, e os tons escuros das suas roupas eram aliviadas por golas de renda, botões de ouro e uma espada ornamentada. Apesar disso, sua aparência era descuidada e não muito limpa. Tinha uma cara larga e grosseira, com as narinas dilatadas dos que amam a vida e vivem pelos sentidos, cabelos e bigodes ruivos. A pele correspondia à cor dos cabelos, e os olhos também. Embora pequenos, estes pareciam refletir um fogo ardente. Apesar de rir muito e gostar de contar piadas obscenas, ouvidas nos bordéis e nas sarjetas, o Cardeal sabia que ele era um homem perigoso e incapaz de sentir remorsos, obstinado, astuto, corajoso e sem escrúpulos. Tinha o gênio impulsivo e irascível dos ruivos, e a sua mão estava quase sempre no cabo da sua espada.

O duque era um líder, a quem seus seguidores votavam completa devoção. Os protestantes do sul e do

oeste da França adoravam-no, confiavam nele como em nenhum outro. Sabiam que ele nunca os trairia, nem que fosse para obter favores ou lucros. Era o protótipo do protestante por política e, por conseguinte, nunca tinha as vacilações e a tolerância que faziam com que o-Duque de Tremblant fosse por demais hesitante, meditativo e temeroso de excessos. Além do mais, ele era casado com a filha de Sully, mulher dedicadíssima.

Homens como o Duque de Rohan encontram no ódio que sentem, e no ódio que os outros sentem por eles, o seu maior estímulo. Sabia que, se os católicos o odiavam, os poderosos nobres das cidades huguenotes também lhe votavam ódio, temerosos de perder o poder, pois os próprios seguidores não confiavam muito neles. Sabiam que eles adoravam de Rohan, principalmente as massas presbiterianas, que não confiavam nos calvinistas e nos luteranos. De Rohan tinha a habilidade de conciliar todas, essas seitas, de soldá-las num único e poderoso bloco protestante.

A política de Richelieu fora de conciliar os huguenotes, para manter a França unida contra os inimigos estrangeiros. Conciliara principalmente de Rohan. Mas sabia que essa conciliação era armada, que estava agarrando um tigre pelo rabo, ou segurando um touro pelos chifres. Nenhuma explicação podia confundir de Rohan como poderia confundir de Tremblant. De Rohan não era complicado e percebia todas as manobras do Cardeal.

O Duque de Bouillon era um nobre huguenote, por quem o Cardeal tinha o máximo respeito e a maior inimizade. Gostava de de Tremblant, desconfiava de de Rohan e temia de Bouillon. Esse decano da poderosa Casa de La Tour d'Auvergne era respeitado até pelo rei e encarado com admiração pelos franceses. Brilhante, lúcido, frio e forte, era demasiado intelectual para ser nacionalista e demasiado sensato para se deixar levar pelos preconceitos. Uma energia gélida, astuta e cética emanava dele. Era francês, mas tinha uma grande simpatia pelas Alemanhas, e havia algo de teutônico na sua calma, no seu amor ao método, na sua inflexibilidade. O seu caráter tinha um equilíbrio que nenhum transporte dos outros era capaz de abalar. Era amoral em vez de imoral, pois não amava a ninguém senão a si mesmo, não trabalhava senão para ele mesmo. Amava o poder, não como o Cardeal, como um meio de vida, e sim por si próprio. Sua primeira esposa deixara-lhe o principado de Sedan, e o Cardeal sabia muito bem que esse principado, situado na fronteira nordeste, era a cabeça vulnerável da França, assim como La Rochelle era o seu calcanhar-de-aquiles. Verdadeira cidadela huguenote, tinha em de Bouillon uma espécie de rei independente. O próprio Henrique IV tinha medo de de Bouillon, cômico de que não era inspirado por um verdadeiro protestantismo, mas o servia só por ver nele uma barricada contra o Rei e um meio de ampliar o seu próprio poderio.

Fora criado na fé católica e abandonara-a por ver no protestantismo uma oportunidade de subir, uma brecha entre as Alemanhas, a Holanda e o Rei. Era calvinista e não hesitava em lançar calvinistas e luteranos uns contra os outros, para melhor garantir a sua posição.

Até então, de Bouillon aliara-se a Richelieu para evitar que a Casa de Áustria conseguisse levar a cabo o seu plano de recuperar as Alemanhas para a Igreja Romana. Era loquaz e aparentemente aberto, mas sob essas aparências ocultava-se um temperamento matreiro, de que o Cardeal desconfiava.

— Um homem que conta tudo nunca conta nada — costumava dizer, pensando em de Bouillon.

Era muito convincente o Duque de Bouillon, Conde de Tufen-ne e Príncipe de Sedan. Inspirava confiança nos outros, pois falava num tom desprendido e lógico. Só que essa confiança não era merecida, conforme muitos haviam descoberto, demasiado tarde e com amargura. Servia apenas a si mesmo e, quando os desejos e os planos dos outros coincidiam com os seus, ele não parava enquanto não os realizava.

Esbelto, alto, de atitudes elegantes, embora de aparência compacta, de meia-idade mas transmitindo vigor, com cabelos curtos e encaracolados cobrindo um crânio redondo, olhos de um azul-pálido, cheios

de força e astúcia, uma barba pontuda, que não lhe escondia a boca forte e rígida, eloquente de olhar e de gestos, tinha uma presença impressionante. O Cardeal temia-o e com boa razão. De há muito suspeitava de que ele não fosse um verdadeiro francês, devotado ao seu país e ao seu povo, e sim uma dessas criaturas que não têm raça, patriotismo ou amor. Suspeitava também de que a maior ambição do Duque de Bouillon fosse a restauração do velho sonho da Borgonha, no qual um forte principado renano estabelecesse a sua cidadela entre a França e a Alemanha.

Eles chegaram, os três, à presença de Richelieu: o primeiro, protestante por convicção; o segundo, protestante por motivos puramente políticos; e o terceiro, protestante por ambição. E Richelieu, olhando cortesmente para eles e sorrindo-lhes, sabia que nas mãos deles, e nas próprias mãos, estava o destino da França.

— Messieurs! — exclamou, estendendo as mãos brancas e finas para eles, com um olhar franco e um ar de satisfação.

Reservou o seu maior sorriso para de Bouillon, sabendo que ele era o chefe dos huguenotes franceses, o maior inimigo do Rei e de si próprio e um dos maiores intelectuais da França.

Os três lhe devolveram o sorriso, com uma reverência. Padre Joseph olhou para eles com um misto de suspeita e aversão. Louis, com o mais inflamado dos ódios.

Os três aperceberam-se da presença do Padre Joseph. Por um instante, entreolharam-se. Mas isso foi tudo. De Tremblant, que desconfiava de todos os grandes ardores religiosos, sentindo neles o poço do qual emanavam a superstição, a crueldade, a opressão e o ódio, sentia aversão pelo capuchinho. De Rohan estava certo de que o Padre Joseph era, acima de tudo, um político; conhecendo demasiado bem os políticos, olhou para o Padre Joseph com maldisfarçada suspeita. De Bouillon, o ex-católico, lembrando-se das tremendas maquinações místicas da sua antiga Igreja, sentiu que ali estava um seu inimigo pessoal. Cada um deles, por motivos próprios, fingiu ignorar o Padre Joseph, que estava sentado no extremo do quarto, perto da lareira.

O Cardeal deitou uma olhadela rápida a Louis, que enrubesceu, sabendo que ia ser chamado a atuar como lacaio. Contudo, o jovem sacerdote puxou, em silêncio, três cadeiras para junto da cabeceira do Cardeal, e os nobres sentaram-se: de Tremblant com um bater desajeitado da espada, de Rohan espalhando as grossas coxas e exalando um forte cheiro animal, e de Bouillon, com a graça fria e mecânica que era uma das suas características. Sempre sorrindo, ar cândido e língua cortês, o Cardeal relanceou um olhar verrumoso pelos três.

Finalmente, após uma longa troca de amenidades, de Bouillon disse, friamente:

— Sem dúvida Vossa Eminência está surpreso com esta nossa visita!

E fez um gesto elegante para indicar os outros dois.

O Cardeal arqueou as sobrancelhas e sorriu.

— Deveria estar surpreso, Monsieur le Duc? Serei demasiado egoísta se pensar que estou recebendo a visita de amigos que vieram inquirir da minha saúde?

De Rohan soltou uma sonora gargalhada. Seus olhos avermelhados piscaram para de Bouillon, que o fitou com ar frio.

— Eu, por mim — disse Rohan, piscando para o Cardeal —, não sou hipócrita. É verdade que a saúde de Vossa Eminência é de grande importância para todos nós e para a França. Mas não ouvimos dizer que ela corresse perigo. Por conseguinte, esta visita, embora relacionada com um assunto bem menos importante do que o estado de saúde de Vossa Eminência, nem por isso deixa de ter importância. Além do mais, se Monsenhor estivesse seriamente enfermo, eu teria sabido através de Madame d'Aiguillon.

E o duque piscou de novo, desta vez com uma conotação obscena.

Richelieu não se perturbou. Reclinou-se nas suas almofadas e ergueu as mãos, massageando os dedos finos. Inclinou a cabeça e voltou a sorrir.

Uma ruga apareceu por um momento entre os olhos frios e azuis de de Bouillon. Concentrou o seu formidável olhar no Cardeal, fazendo com que este sentisse um vazio na boca do estômago. Sempre que estava metido em atividades traiçoeiras, ou cogitando delas, a sua expressão tornava-se simples e aberta, de modo que devolveu o olhar penetrante de de Bouillon com um ar de candura, que não iludiu o outro.

— Não preciso lembrar-lhe a longa e árdua campanha que nós três travamos com Vossa Eminência, em prol do bem-estar, da glória e da segurança da França — disse de Bouillon, na sua voz despida de emoção. — Nem os nossos esforços concentrados para frustrar e tornar impotentes os Habsburgo, que ameaçam a França. Acho que não minto, quando digo que temos sido bem-sucedidos. Enquanto a França permanecer unida e houver paz interna, nada lhe acontecerá.

— Não foi o que eu sempre disse? — perguntou o Cardeal, ostentando surpresa. — Alguma vez me mostrei ingrato com vocês, ou não levei em conta os serviços que vocês prestaram à França?

— É verdade — disse de Tremblant. — Nenhum de nós jamais duvidou da devoção que Vossa Eminência tem pela França.

E deitou um olhar aos dois companheiros.

De Rohan apertou os lábios grossos e vermelhos e estreitou os olhos amarelados. Estendeu as pernas fortes e grossas e olhou audaciosamente para o Cardeal. De Bouillon não revelou nenhuma emoção. Ficou imóvel como se fosse uma aparição.

— Não obstante — continuou de Bouillon, imperturbável — temos ouvido boatos. Achamos mais leal repeti-los diante de Vossa Eminência e pedir-lhe que nos tranquilize.

— É uma questão de justiça — disse o Cardeal, franzindo levemente a testa. — Contudo, não posso acreditar que dêem atenção a simples boatos. Confesso que estou espantado.

Padre Joseph, no seu canto, inclinou-se para a frente e aguçou os ouvidos. Seus olhos fogosos brilhavam nas sombras do quarto.

— Os boatos — disse de Bouillon, como quem medita — são muitas vezes iguais aos relâmpagos antes da tempestade. Não costumo dar-lhes crédito. Não obstante, o ar entre nós não deve ficar nublado.

— Se ficar, deverá ser imediatamente clareado — concordou o Cardeal, aparentando cada vez mais surpresa e assumindo um ar de paciente dignidade.

De Rohan riu de novo, a sua risada alta e rouca. De Tremblant franziu as sobrancelhas, num gesto de reprovação. Mas de Rohan não ligou. Apontou para o Cardeal.

— Vossa Eminência é conhecido pela capacidade de esclarecer tudo — disse ele, desafiante. — Foi por isso que insisti nesta visita.

De Bouillon fingiu não o ter ouvido. Fitou no Cardeal os seus olhos desapaixonados.

— Dizem que Vossa Eminência está sofrendo pressão para que o Edito de Nantes seja revogado — disse ele.

O Cardeal empalideceu. Seus olhos de tigre faiscaram, e ele endireitou-se na cama.

— E corre o boato, Monsieur le Duc, de que está conspirando com a Inglaterra para a realização do seu sonho de uma nova Borgonha, em detrimento da França — disse Richelieu, quase num sussurro.

Fez-se um silêncio eloquente, enquanto os dois homens olhavam fixo um para o outro. De Rohan virou-se ruidosamente na sua cadeira e olhou para de Bouillon com espanto e suspeita. De Tremblant pareceu incrédulo, e a rede de rugas alargou-se no seu rosto.

— Qual deles — perguntou o Cardeal, numa voz suave — contém mais verdade?

Mas, se o seu desejo era impressionar de Bouillon, não o conseguiu. O duque permaneceu

impassível, embora os seus lábios finos se comprimissem espasmodicamente.

— O boato — disse o Cardeal, como quem reflete, contemplando o teto — é uma bruxa velha, que fica sentada a um canto, tecendo mentiras. Nunca dei a essa teia o menor crédito. Sem dúvida Monsieur le Duc tampouco tem dado crédito aos boatos que me dizem respeito.

— Espero — disse de Bouillon, formalmente — que o boato relativo ao Edito de Nantes seja tão sem fundamento quanto a acusação contra mim.

— Asseguro-lhe de que é — replicou o Cardeal, em tom igualmente formal.

De novo os seus olhares se cruzaram.

O rosto de de Bouillon tornou-se mais comprido, mais intenso. O Cardeal, divertido, sabia que o seu antagonista passava, rapidamente, em revista a lista dos seus poucos confidentes, procurando descobrir quem seria o traidor. Richelieu esperou, bem-humorado, que o duque chegasse a uma conclusão.

De Rohan dirigira um olhar preocupado desde o Cardeal até de Bouillon.

— Esta troca de amenidades é muito edificante — disse, num tom belicoso. — Mais edificante ainda é observar a restauração da confiança entre Vossa Eminência e Monsieur le Duc. Contudo, lamento dizer que também tenho uma pergunta a fazer e que ela não é nada edificante.

Após ter momentaneamente calado o seu mais perigoso antagonista, o Cardeal voltou-se, sorridente, para de Rohan. Parecia um urso vermelho, que nem o próprio rei conseguira ensinar a dançar, e cuja aparente falta de jeito encobria um temperamento explosivo.

— Dizem — falou de Rohan — que Vossa Eminência está pensando atacar La Rochelle, por insistência da Rainha.

O Cardeal empalideceu de novo e os seus olhos dardejaram. Mas respondeu, numa voz calma e controlada:

— Pois fique sabendo, Monsieur le Duc, que, segundo os boatos, Vossa Eminência está em constante comunicação com Buckingham e neste mesmo momento tem dele promessas quanto ao número de navios e soldados ingleses que ajudarão numa nova rebelião de La Rochelle. Uma rebelião não provocada contra o Rei.

De Rohan, menos capaz de esconder as suas emoções que de Bouillon, olhou, atônito, para Richelieu, a boca descaída e aberta. Seu rosto ficou um pouco menos vermelho.

O Cardeal prosseguiu, tranquilamente:

— Conforme eu disse, o boato é um tecelão de mentiras. É também um instilador de ideias onde elas nunca existiram. Não recomendo dar-lhe ouvidos. Por exemplo, achei, apenas divertido quando me disseram que seu irmão, Soubise, o-comandante dos huguenotes de La Rochelle, está incitando os seus subordinados contra o Rei.

Sorriu gentilmente.

— Por aí pode comprovar como os boatos são ridículos. Murmura-se inclusive que vós mesmo mantivestes consultas secretas com o Príncipe Gastão, irmão do Rei, e até com a Rainha-Mãe, quando se discutiu se uma rebelião a partir de La Rochelle não resultaria na minha destruição.

— Mentiras! — gritou de Rohan, o rosto escarlate.

Olhou para o Cardeal, ofegante, como se estivesse vendo o diabo em pessoa...

Richelieu inclinou a cabeça.

— Foi o que eu disse — retrucou, tranquilizador.

De Bouillon e de Tremblant voltaram-se para de Rohan, cujo rosto estava cada vez mais congestionado à medida que ficava mais furioso. O olhar de de Bouillon era pensativo. Nos seus lábios pai

rava um ívele sorriso de surpresa, pois nunca imaginara que aquele homem grosseiro pudesse ter a

sutileza de inteligência necessária para conspirar de maneira tão astuta. Ao mesmo tempo, estava aborrecido. A Inglaterra não podia se dispersar assim para ajudar, ao mesmo tempo, a ele próprio e a de Rohan. Aparentemente, a Inglaterra continuava matreiramente a prometer tudo, com grande generosidade, a tudo quanto era aliado, a todos os possíveis Inimi-mos do Rei da França. De Bouillon queria toda a força da Inglaterra para si, para apoiá-lo nas suas ambições. Se de fato ela pretendia ajudar também a de Rohan, sobraria menos para ele. Tenho de pedir imediatamente explicações a Buckingham, pensou, com fúria contida. Os malditos rochelenses! Não os deixaria tirar forças das suas fortalezas, nem que ele tivesse que conspirar com o próprio Cardeal para acabar com eles!

Quanto a de Tremblant, ficou horrorizado. Sentiu como se à sua volta crescessem as plantas venenosas da traição e da duplicidade, nascidas das almas perversas daqueles homens. Tinha a mais profunda convicção de que o Cardeal dissera a verdade, assim como estava certo de que, se Richelieu ainda não se decidira a atacar os huguenotes, pelo menos pensava fazê-lo.

Desiludido, embora estivesse muito acostumado às maquinações dos homens, cada nova confirmação o entristecia, enchia-o de desespero. Ele só queria que a França fosse forte e não sofresse ameaças, a sua amada França, da qual cada torrão, cada árvore, cada brisa, cada flor e cada folha lhe eram mais caros do que a sua própria pessoa. Apoiara o Cardeal por saber que ele tinha uma verdadeira devoção pela França, por mais estranha que essa devoção fosse. Seu grande sonho fora ver uma França onde reinassem a tolerância, a amizade, a unidade, a paz, a cultura e a tranquilidade. Aiém disso, como fiei protestante, a causa do protestantismo morava no fundo do seu coração, não um protestantismo beligerante, e sim uma fé que coexistia com o catolicismo, cada qual aprendendo com a outra, como duas irmãs, diferindo de opinião mas subsistindo sob o mesmo teto, num clima de tolerância, amor e compreensão.

Agora ele via que de Bouillon, levado pela ambição, colocaria a Inglaterra e a França uma contra a outra, e que a França ficaria para sempre arruinada. Via que de Rohan, o intolerante político protestante, que odiava o catolicismo político, estava conspirando contra a unidade da França em razão do seu ódio pelo Rei. E via que o Cardeal, aquele homem estranho e vacilante, cheio de frustrações e desejos, podia facilmente ser impelido, contra as suas próprias convicções e raciocínio, a atacar os huguenotes, atirando de novo a França numa guerra civil. Qual dos dois triunfaria? A paixão e a devoção do Cardeal pela França ou o seu desejo por uma mulher sem importância? Com que fios frágeis e humanos era tecido o destino!

No entanto, pensou ele, talvez o Cardeal estivesse menos obcecado por uma mulher do que determinado a que nenhuma potência estrangeira interferisse nos assuntos internos da França. Se o objetivo da Inglaterra era acabar com a unidade da França, conspirando com os huguenotes, o Cardeal não teria outra escolha senão atacar e submeter os huguenotes. A capacidade que de Tremblant tinha, de ver todos os lados de uma controvérsia, voltou a torturá-lo, a deixá-lo exausto, confuso e deprimido. Sua amada França bem poderia encontrar-se de novo coberta do sangue de uma guerra civil, graças a de Bouillon, de Rohan e ao Cardeal. Não saberia dizer qual deles era o mais venal. Sabia apenas que sentia pelos três uma grande indignação e que os detestava. Não confiava no protestantismo de de Bouillon, sabendo que ele emanava das suas ambições. Não confiava no protestantismo de de Rohan, sabendo que provinha menos da fé do que da infidelidade política, do ódio pelo Rei e de uma aversão pessoal ao catolicismo. (Embora ele desse um excelente frade!, pensou de Tremblant com amargura.) E agora não sabia se podia confiar no amor do Cardeal pela França!

Deixou-se arrastar por esses pensamentos sombrios, suspirando profundamente. De repente, percebeu que Richelieu lhe dirigira a palavra e ergueu os olhos cansados.

Falou lentamente, mas com tal intensidade, que de Rohan, de Bouillon, o Cardeal, o Padre Joseph e até mesmo o austero Louis o ouviram com atenção:

— Não tenho ambições pessoais — disse ele, lançando um olhar amargurado a de Bouillon, um olhar de desprezo a de Rohan e um olhar triste ao Cardeal. — Não desejo mais poder do que Deus achou por bem me dar. Só desejo a força e a segurança da França, para que ela possa renovar-se, inspirar-se e viver numa paz frutuosa.

Fez uma pausa. Seu rosto comprido e feio, tão pensativo, tão sábio, tão bom, contorceu-se num espasmo de dor. Levou as mãos morenas e calosas às têmporas, como que para mitigar a dor, e suspirou de novo.

— É só isso o que eu desejo, isso e a paz e a tolerância prometidas aos meus irmãos de fé pelo Editto de Nantes, Por isso apenas tenho lutado, esse é o meu único sonho.

Deixou cair as mãos e olhou para os outros com um misto de Indignação, raiva e desespero. . .

— Por que não deixam a França viver? Não haverá dentro de vocês amor pela terra que lhes serviu de berço? Terão que ser homens primeiro e franceses por último? Será que não há luz nas suas almas, nem dedicação, nem a solene determinação de que nenhum inimigo, interno ou externo, consiga destruir o nosso país? Quem dentre vocês é maior, mais importante do que a França?

Levantou-se e, de tanto que tremia, agarrou-se às costas da cadeira. A janela por trás dele transformou a sua figura alta e magra numa silhueta heróica. Ninguém se mexeu. Todos olhavam fixamente para ele.

Umedeceu os lábios trêmulos.

— Há alguns dias atrás, ao examinar os livros do meu pai, deparei com uma velha profecia:

*“Quando os franceses forem traídos pelos franceses
e, irmãos se odiando, sorrirem aos invasores,
quando as mãos dos franceses se cobrirem de sangue francês,
a França estará para sempre perdida, e sua fama arrasada”.*

Fez nova pausa. Aquelas palavras, solenes e lentas, tinham ecoado como um toque a dobrados naquele quarto grande e cheio de sol, fazendo com que o coração de cada homem ali presente batesse mais depressa. De Tremblant ergueu a mão, e o seu aspecto era tão severo, tão terrível, que todos ficaram como que fascinados, olhando para ele.

— Reflitam! — exclamou ele. — Sinto que esta profecia é válida; que, no dia em que os franceses sorrirem para o invasor, estarão conspirando com o invasor e o inimigo. Quando se dobrarem ao invasor, quando aceitarem as suas proclamações, movidos pelo ódio contra os próprios irmãos ou pela ambição, quando o seu amor pela França for menor do que o ódio pelos irmãos, quando toda a coragem, toda a honra, toda a dignidade e todo o orgulho tiverem abandonado a França, quando ela estiver cheia de homenzinhos venais, que amam mais as suas mesquinhas almas do que a própria pátria, a França se desmoronará, ruirá por terra para nunca mais se erguer, para nunca mais aspirar, para nunca mais acender a tocha da cultura e da fé nos seus templos. E nunca mais terá paz, a não ser a paz da sepultura!

Cobriu o rosto com as mãos, como que preso de uma angústia intolerável.

O Cardeal tentou sorrir, levando a mão à boca. Um leve sorriso irônico aflorou aos lábios frios e barbados de de Bouillon. O rosto vermelho de de Rohan enrubesceu ainda mais, e os seus olhos amarelos piscaram nervosamente. O Padre Joseph inclinou-se para a frente e olhou para de Tremblant como se ele fosse uma sibila. Mas Louis sorriu com desdém, pensando nos Habsburgo e nos espanhóis que, se realmente quisessem ser “invasores”, poderiam salvar a França de inimigos piores: os protestantes franceses. A integridade da França valia menos para ele do que a integridade da cristandade.

O Cardeal sorriu, porque para ele o sorriso era uma defesa. Mas o seu espírito sutil, sempre intrinsecamente místico apesar do frio raciocínio, ficou perturbado, como se rodeado de nuvens escuras. Teria respondido, mas de Tremblant, num súbito gesto de desespero, atirou as mãos para o ar, olhou em

volta, transtornado, e saiu do quarto, como se o ar estivesse empestado.

Mal a porta se fechara atrás dele, de Rohan soltou uma longa gargalhada. A sua grande barriga sacudia. Jogou para trás a cabeça ruiva, e os seus dentes reluziram à luz clara do quarto. Suas mãos grosseiras, cheias de cabelos vermelhos, batiam nas coxas enormes. De Bouillon ficou sentado, imóvel; o rosto, clássico e aristocrático, inescrutável. O Cardeal, embora sorrisse mecanicamente, estava mergulhado em visões caóticas. Mas o Padre Joseph puxava a barba vermelha, e os seus olhos azuis e salientes brilhavam com um fogo interior.

Por fim, de Bouillon falou, na sua voz fria e monótona:

— É uma pena o nosso caro de Tremblant ser tão apaixonado. Confesso que nunca desconfiei de que pudesse haver nele tanta violência. Nunca se pode confiar em homens violentos.

Mas o Cardeal, sem deixar de sorrir, olhou para de Bouillon com a maior candura.

— Pois eu só acredito nos homens violentos. Só eles não são hipócritas, traidores, conspiradores e mentirosos.

De Bouillon fitou nele os seus olhos gélidos e formidáveis. De Rohan, que nada ouvira dessa troca de palavras, riu com renovado vigor.

De Bouillon ergueu as sobrancelhas pálidas.

— Dizem que Vossa Eminência nunca se mostra violento — observou, suavemente.

Depois que de Rohan e de Bouillon haviam partido, com as expressões de amizade do Cardeal, que de Rohan recebera com truculência e de Bouillon num silêncio polido, Richelieu voltou-se para o Padre Joseph.

—• Então, meu caro amigo — disse, com um movimento lânguido das mãos —, que opinião tem desses três?

O capuchinho aproximou-se lentamente da cama e olhou demoradamente para o Cardeal.

Por fim, respondeu:

— O Duque de Bouillon é um homem perigoso e virulento, porque foi capaz de sacrificar-se à ambição. O Duque de Rohan também é perigoso, porque o odeia, ao catolicismo e ao Rei. Mas não constitui uma ameaça tão grande quanto de Bouillon, por não ser ambicioso.

Fez uma pausa e prosseguiu, em tom solene:

— Mas o Duque de Tremblant é o mais perigoso dos três. Não é ambicioso, não odeia, mas tem convicções, por mais hereges que sejam. E um homem com convicções é a coisa mais perigosa que existe. Nada o detém. Nada o desencoraja. Tem a inspirá-lo a sua verdade particular. E um homem inspirado, por considerar a verdade, não pode ser silenciado nem posto de lado.

Continuou:

— De Bouillon pode ser comprado. De Rohan pode ser persuadido a parar, levado pela prudência. Mas não se pode comprar de Tremblant. Nada pode fazê-lo parar. Ele é do estofado dos primeiros protestantes. É do estofado de Lutero. Para ele, Roma só merece um veredicto. . .

— A morte — disse o cardeal.

Os dois amigos olharam intensamente um para o outro. Por fim, foi o Cardeal quem teve de desviar os olhos, e a tristeza e a melancolia passaram pelo seu rosto, qual nuvem escura.

● Capítulo XVII

O Palácio Cardinalício jazia em silêncio, adormecido ao luar. Mas nos aposentos do Cardeal, uma luz ardia junto da grande cama vermelha. Sua Eminência era dos que gostavam da calada da noite, quando as mentes mesquinhas e as almas pequenas se tinham recolhido à escuridão, da qual emergiam brevemente durante o dia, quais vermes subindo à superfície da terra aos primeiros clarões da manhã. À noite, ele podia esquecer o que sabia da humanidade, podia esquecer até o ódio, que parecia um vírus do seu espírito, tão poderoso que lhe infectava a carne. Durante o dia, nas suas relações forçadas com os seus semelhantes, sentia-se afligido por um tremor crônico e interno, sentia-se nauseado pelo ódio. À noite, o corpo e a alma como que se libertavam, ele deixava-se cair sobre as almofadas e respirava sem aquela terrível constrição nos pulmões. Apagava todas as luzes, menos a que ardia à sua cabeceira, e, deitado na cama, lia, meditava, cochilava e sonhava, sentindo a saúde precariamente restaurada durante algumas poucas horas benditas, antes do raiar do dia. Ficava ouvindo o silêncio e imaginando, consolado, que todos, menos ele, tinham morrido, que a horrível presença do homem fora, por meio de um gesto compassivo de Deus, para sempre removida da face da Terra. Ninguém ousava entrar nos seus aposentos. Um novo laçao atrevera-se a isso, uma noite, e fora recebido com tal violência, com tantas maldições e tanta histeria, que o pobre-diabo fugira, não só do palácio, mas da cidade de Paris. Depois disso, durante dias, o Cardeal fora proibido, por seu médico particular, de ver alguém, pois ficara gravemente doente.

Uma profunda quietude, uma escuridão aveludada, abatia-se então sobre Richelieu. O seu espírito ficava livre dos rigores que a si mesmo impunha, e por todo o seu corpo fluía uma paz abençoada. Esquecendo-se de tudo, até de Ana da Áustria, ficava olhando para o teto, para as janelas encortinadas, um livro na mão, um sorriso nos lábios. Às vezes, olhava para as portas trancadas, e uma expressão de calma se espalhava pelo seu rosto pálido e escaveira-do. Nesses momentos, toda a astúcia, toda a malícia lhe abandonavas os olhos, toda a amargura sumia da sua boca pequena e frágil, toda a dor desaparecia da sua testa alta e inclinada. Pensava, então, que talvez fosse assim na sepultura, um sono pacífico numa estreita câmara de pedra, para sempre a salvo da intrusão de uma espécie que ele odiava justificadamente e com conhecimento de causa.

Podia, então, compreender o Deus que abandonara, ou do qual a sua condição humana o tinha afastado. Teria alguma vez crido de verdade, com simplicidade, ardor e profundidade? Se crera, já se tinha esquecido. Agora, ele era empurrado para o mistério de Deus, suavemente, como um pedaço de madeira é levado pelas ondas, sem saber para onde, sem oferecer resistência. Mas não podia compreender Jesus. Nunca, em nenhuma altura da sua vida, compreendera o Cristo. Como era possível a alguém que conhecia a humanidade amá-la, desejar morrer por ela, sofrer por ela? Chegara a ter uma fugaz suspeita de que fora justamente a estupidez, a maldade, a crueldade e a violência da humanidade o que tinha inspirado a piedade de Jesus. Mas fora uma suspeita mesclada de espanto e desprezo. Ele, o Cardeal, tinha uma cura muito mais eficaz: um novo dilúvio, um novo incêndio universal, um cometa em chamas vindo do espaço. Achava isso muito mais sensato: destruir a obscenidade, em vez de se apiedar dela.

Pensava que só ele estava acordado no Palácio Cardinalício. Mas Louis de Richepin tampouco dormia. Enquanto Richelieu procurava a insônia para curar o corpo, Louis não podia fugir a ela. Sofria constantemente de insônia. Durante a noite, todos os demônios da solidão, da tristeza, da amargura e da desesperança o assaltavam, na fria austeridade do seu quarto, no fim do comprido corredor. Ficava

ouvindo os passos monótonos dos guardas, os seus estúpidos desafios, até quase o amanhecer. Sentava-se à sua mesa de trabalho, cheia de livros, a cabeça apoiada nas mãos, os olhos fixos, mas sem ver, no candelabro que ardia diante dele. Na nua parede de pedra, à sua frente, havia um enorme crucifixo de madeira, toscamente esculpido e encimado pelo *prie-dieu*, a vela baixa tremulando como se fosse morrer. Atrás de Louis, ficava o catre duro e severo. A janela, alta e estreita, estava aberta, deixando entrar o fresco ar da noite. O chão era de pedra, completamente descoberto, e os dois bancos não tinham almofadas. Era a cela de um monge, o quarto de um asceta, um quarto solitário e despido, cheio apenas da luz bruxuleante das velas, do cheiro úmido das pedras. Mesmo nos dias mais frios, não havia um braseiro ali, um fogo reconfortante. Era um quarto subterrâneo. Entretanto nele, um dia, o Cardeal estremecera e sorrira, erguendo as sobrancelhas. Mas as suas ofertas de móveis luxuosos, de tapetes, haviam sido polidamente recusadas pelo jovem padre.

Durante o dia, os constantes deveres impediam Louis de pensar. Mas, à noite, ele não tinha defesa contra a melancolia e a solidão. Quando meditava, era uma meditação sem qualquer esperança, cheia de desespero. Se orava, era como se seus lábios estivessem cobertos de gelo. Um grande vazio se abatia sobre ele. Todos os contornos de um mundo vivo se dissolviam no nada. Às vezes, pensava: O meu corpo, que antes era um caldeirão, agora parece um vaso velho e rachado, manchado de lágrimas secas, cuja origem eu esqueci.

Por tanto tempo fora forçado a esmagar a esperança, o desejo e a paixão no seu coração, que esses sentimentos eram como crianças mortas no ventre da sua mãe — uma recordação de vida, uma promessa assassinada de realização e alegria, um peso na sua alma.

Certa vez em que o amanhecer não conseguira libertá-lo das inexplicáveis agonias da noite anterior, ele não resistira e se confessara incoerentemente ao Cardeal, chorando como um homem que houvesse perdido as últimas defesas. E Richelieu escutara-o, como se algo ecoasse dentro dele. Mas os ecos não lhe haviam inspirado compaixão, embora o compreendesse. Por alguma estranha razão, tinham-no enchido de raiva, embora dissesse, com bastante suavidade:

— Louis, um sofrimento agudo, a capacidade de sofrer são sinais de que o espírito continua vibrante. Quando a capacidade de sentir dor, raiva, medo e inquietação termina, o idiota diz: “Finalmente, consegui a paz”; e o sábio exclama: “Estou morrendo!” Portanto, dê graças por ainda estar vivo. Você sofre, por conseguinte, está vivo.

Mas agora a noite só trazia sensação de vazio e morte a Louis, e a dor no seu coração, embora menos forte, impedia-o de pensar. Podia apenas suportar. Não conseguia desejar nada, nem sequer a morte que o libertaria.

Quis amor, dizia para si mesmo. Mas as palavras não passavam agora de ecos mecânicos. Sentia-se na fogueira, mas numa fogueira com chamas de gelo, que lhe congelavam o coração, ao invés de incendiá-lo.

As fúrias dos poços gelados do inferno caíam sobre ele com força inusitada, essa noite. Tinham uma voz, uma voz nova, mas ele recusava-se a escutá-la. Ficou sentado horas, sem se mover, os olhos quase ofuscados de tanto fitar as velas. Por isso, quando ouviu bater de leve à sua porta, passaram-se alguns minutos antes que se apercebesse de que estavam batendo. E, quando se apercebeu, ficou espantado.

Ouviu os sinos de Notre Dame baterem meia-noite, enquanto forçava o corpo, entorpecido pelo frio, a se erguer do banco duro. Arrastou-se através do chão de pedra como se fosse um velho, os ombros inclinados, a cabeça jogada para a frente. Destrancou o ferrolho, e a porta abriu-se com um sonoro rangido, revelando o Padre Joseph, cujos olhos históricos e azuis pareciam refletir a luz das velas.

Tomado de espanto, Louis recuou e o Padre Joseph entrou rapidamente, fechando a porta atrás de si.

O capuchinho olhou em volta do desconfortável quarto e sentou-se num dos bancos. Sem dizer palavra, Louis sentou-se no banco do outro lado da mesa, e os dois sê entreolharam num silêncio profundo.

Embaraço, respeito, medo e desconfiança sucederam-se no espírito de Louis. Ficou à espera, enquanto o Padre Joseph, com o olhar, inspecionava todas as peças da cela, e depois voltava, inescrutável, a fixar-se no jovem sacerdote. Evidentemente, a inspeção satisfizera ao capuchinho, pois sorriu ligeiramente.

— Aqui não há luxos, corrupção, vaidade — disse ele, na sua voz ressonante. — Não me enganei com você, Louis.

Louis inclinou a cabeça. Seu egocentrismo, sempre à flor da pele, fez com que um rubor se espalhasse pelo seu rosto gélido, enquanto o coração lhe batia mais forte.

Os sinos de Notre Dame continuavam a vibrar no ar de meia-noite. Padre Joseph examinou rapidamente os livros em cima da mesa. Aparentemente, gostou do que viu, pois as suas feições se suavizaram. Pousou a mão de leve sobre a capa de um livro. Mas logo a sua expressão mudou, tornou-se severa e inexorável. Seus olhos eram dois poços azuis, terríveis e hipnóticos.

Começou a falar, tão depressa, e numa voz tão baixa que Louis teve que aguçar bem os ouvidos para poder entender o que ele dizia. Os olhos do capuchinho imobilizavam-no como olhos de serpente, fazendo com que ele não pudesse apartar o olhar nem por um instante. ,

— Quando hoje o vi, Louis, percebi imediatamente que Deus nos aproximara. Nunca me iludi com esses vislumbres de intuição divina. Vi logo que você era o instrumento que Deus colocara na minha mão. Quando Deus chama, eu obedeço logo. Foi por isso que vim a estas horas. Todos dormem no palácio, mas eu sabia que você estava acordado.

Fez uma pausa. Curvou-se por cima da mesa para Louis, e o jovem sacerdote não viu senão os dois poços de fogo azul que eram os olhos do capuchinho.

— Também sabia que Deus o faria entender e que eu só tinha que falar.

— Não preciso lhe lembrar as terríveis forças soltas no mundo, hoje em dia, e a horrível ameaça que paira sobre a Igreja. Você sabe disso. Sabe que só a devoção dos fiéis será capaz de salvar a Igreja. E eu sei que você é um desses fiéis.

— A Igreja precisa, a todo custo, reconquistar a onipotência espiritual no mundo, como prelúdio para a onipotência temporal, que deve ser sempre o seu sonho, o seu objetivo, o propósito de Deus. Só quando a Igreja controlar os assuntos políticos dos homens, quando ela puder comandar reis, imperadores, príncipes, a maquinaria de todos os governos, e ser implicitamente obedecida, é que os planos de Deus poderão ser realizados. É dever de todos nós dedicarmos as nossas vidas, os nossos pensamentos, as nossas orações e os nossos desejos ao triunfo da cristandade, a fim de extirpar os hereges e os infiéis a ferro e fogo, por meio da força implacável. As forças da heresia têm que ser destruídas. Enquanto permanecer um só herege no mundo, a Igreja estará ameaçada. Enquanto houver um só governo independente desafiando a Igreja, ela não estará segura. Enquanto um governante detiver o poder sem a autorização e a bênção de Roma, a sua presença será uma ameaça ao catolicismo. Onde quer que os homens façam leis sem consultar Roma e obedecer às suas ordens, as forças da dissensão, da heresia e da blasfêmia triunfarão. A Igreja deve governar o mundo inteiro, deve fazer as leis, nomear todos os governantes, ter a primeira e a última palavra, para que os propósitos de Deus sejam levados a cabo.

— O Santo Padre sabe disso. Todos os Papas, desde o momento em que recebem a coroa e as chaves de São Pedro, se devotam a isso. No coração de todos os verdadeiros servos da Igreja está a promessa de que a heresiaprotestante, judia, maometana e budista deve morrer, e, com ela, os seus defensores.

Essa é a ordem de Deus. Temos apenas que obedecer, com alegria, dor, serviço, devoção e martírio.

Lentamente, à medida que o capuchinho falava, numa voz baixa mas veemente, cheia de paixão e fanatismo, uma chama corno que um fogo interior se acendia em Louis. Os seus olhos já não pareciam opacos. A exaltação, a fúria, a loucura, a histeria e o transporte tomavam conta da sua alma, quais chamas de uma fogueira. Erguiam-se, com estrondo, das cavernas escuras e insondáveis do ódio que morava eternamente dentro dele.

O capuchinho viu crescerem essas chamas por trás do rosto do jovem sacerdote, pálido, mas quente. Os seus olhos glaciais brilhavam como o gelo banhado pelo luar, no cume de uma montanha. E o Padre Joseph dizia para si mesmo; Não me iludi quanto à qualidade desta alma selvagem e virgem, dedicada e incapaz de sentir remorsos.

A voz dele lembrava mãos urgentes, procurando agarrar Louis. O jovem padre pôs-se de pé num transporte, tremendo qual uma árvore atingida por um raio. Gritou:

— Que devo fazer? Porque tenha que fazer algo!

O capuchinho era por demais astuto e intuitivo para achar que os transportes de Louis se deviam à devoção e ao êxtase religioso. O verdadeiro devoto parece divinamente inspirado, radiante; tem uma aparência quase angelical. Mas o Padre Joseph via que havia algo de mau, de perigoso e de descontrolado por trás do rosto, das palavras e dos gestos do jovem sacerdote, algo que fazia com que a sua carne brilhasse como que iluminada pelas chamas do inferno.

Fixando os raios azuis, que dardejavam dos seus olhos, no rosto de Louis, dominando-o pelo seu poder hipnótico, o Padre Joseph disse:

— Sim, meu filho, existe algo que você pode fazer, algo que você deve fazer. Mas precisa me ouvir com toda a atenção, pois o destino da cristandade pode depender da sua integridade, da sua força e da sua sabedoria.

Lentamente, tremendo violentamente, Louis voltou a sentar-se, inclinando-se por cima da mesa, segurando-a como se fosse pular, os olhos reluzentes, os dentes cerrados.

O Padre Joseph ergueu a mão num gesto solene e falou, numa voz ainda mais baixa:

— Sou amigo e confessor da Rainha. Não obstante, ela parece não confiar em mim. Não posso, portanto, fazer com que ela me ouça sem suspeita.

Fez uma pausa.

— E você, goza do favor da Rainha?

Louis hesitou. Havia gotas de suor na sua testa alta e branca. Tocou-as com mão trêmula.

— Sou o secretário de Sua Eminência, padre, como o senhor é seu amigo. Por conseguinte, Madame estendeu a mim a sua desconfiança. Contudo, acho que esse sentimento diminuiu bastante, pois tenho tido ocasião de conversar com ela, e Sua Majestade se convenceu da minha sinceridade e do meu desejo de que os huguenotes sejam destruídos. Embora às vezes me tenha acusado a mim mesmo de deslealdade, discordei, na presença dela, da política de Sua Eminência. Mas talvez isso não constitua segredo para o senhor!

O capuchinho inclinou-se mais para Louis.

— Tudo isso é extremamente significativo, muito melhor do que eu esperava! Pode me repetir algumas das suas conversas com a Rainha?

Lisonjeado com a atenção do capuchinho, Louis obedeceu. O Padre Joseph ouviu atentamente, mal respirando. Os seus olhos extraordinários brilhavam, dardejavam. Sorria, agarrando a beirada da mesa. Pesava cada palavra. De vez em quando, assentia com a cabeça, com um prazer intenso. Ou passava a mão pela barba emaranhada, como se estivesse excitado.

— Que coisa excelente! — exclamou, assim que Louis terminou. — Excelente mesmo! Tenho a

certeza de que você convenceu a Rainha da sua sinceridade. — Fez uma pausa, e os seus olhos se fixaram, penetrantes e astutos, em Louis. — Sempre foi um motivo de tristeza para mim o fato de Sua Majestade não confiar e não gostar de Sua Eminência. Sem dúvida, sem qualquer razão.

Ficou à espera, conjecturando até onde Louis sabia do desejo que o Cardeal sentia por Ana da Áustria. Mas logo se apercebeu de que Louis nunca acreditaria em nada obsceno a respeito do Cardeal, pois não havia obscenidade naquela alma egocêntrica e glacial.

Louis abanou a cabeça, franzindo a testa e suspirando.

— Sinto dizer que existe uma razão, padre. Madame sempre desejou que o Edito de Nantes fosse revogado, que os huguenotes fossem exilados e destruídos, para o bem da Santa Madre Igreja. Suplicou isso ao Rei. Mas Madame tem muito pouca influência junto de Sua Majestade, que só dá ouvidos a Sua Eminência. E Sua Eminência sempre acreditou que a força da França depende da sua integridade e, por causa dessa integridade, aplacou e conciliou os rebeldes huguenotes.

Hesitou de novo e olhou para o capuchinho, como que implorando.

— Nunca concordei com Sua Eminência, mas sempre com a Rainha.

O capuchinho fez que sim e sorriu por entre a barba.

— Madame não tem recebido Sua Eminência ultimamente?

— Não. Sai, assim que ele entra nos aposentos do Rei. Sei que ele procurou ser recebido por ela em audiência, mas não conseguiu.

— Ah! — murmurou o capuchinho, que bem sabia das razões da aversão que a jovem Rainha tinha pelo Cardeal.

Fez-se um súbito silêncio, durante o qual o capuchinho não tirou os olhos do rosto de Louis, que suava frio, à espera.

Por fim, o Padre Joseph disse, como se meditasse em voz alta:

— Estive pensando que, se Sua Majestade pudesse ser induzida a receber Sua Eminência, muitas coisas poderiam ser esclarecidas. Cheguei a lhe sugerir isso, antes de partir para Roma. Ela recusou, muito agitada, suspeitando de mim. Portanto, não adianta eu insistir. Mas, se alguém em quem ela confia, como você, pedisse uma entrevista, talvez Madame a concedesse.

Fez uma pausa. Louis arregalou os olhos, mas logo franziu a testa. Não podia deixar de se sentir excitado.

— Acredita que um pedido meu possa ser bem-sucedido, padre?

O capuchinho ficou aliviado. Sorriu afetuosamente.

— Sei que sim! E foi por isso que lhe consegui uma entrevista, a sós com a Rainha, para dentro de uma hora!

Louis ficou atônito. Quase se ergueu da cadeira.

— Agora? — exclamou. — A esta hora, quando Paris inteira está dormindo e o Louvre também?

Padre Joseph sorriu tristemente.

— Sua Majestade tem poucos amigos, e esses amigos são suspeitos. Os espões do Rei-e. . . e de Sua Eminência estão sempre alertas. Por conseguinte, ela recebe os amigos em segredo, depois da meia-noite.

Louis, cada vez mais espantado, abanou a cabeça, sem saber o que dizer. O capuchinho estendeu o braço por cima da mesa, num gesto súbito e violento, e agarrou a mão fria e rígida do jovem sacerdote, ao mesmo tempo em que o seu olhar se fixava no dele.

— Você tem que ir imediatamente, sozinho e em segredo, meu filho! Embrulhado na sua capa, o rosto escondido. Madame o receberá! Mandei um mensageiro em seu nome, pedindo audiência, e ela foi concedida!

Ele esperava que essa revelação provocasse alguma exclamação por parte de Louis. Mas este

continuou olhando, apenas, incrédulo.

— Agora, imediatamente! — repetiu o Padre Joseph. — Sem mais demora. Dessa entrevista, meu filho, depende o destino da Igreja na Europa!

— Mas que razão apresentarei a Sua Majestade, para lhe pedir que receba Sua Eminência? — perguntou Louis, em voz rouca.

O capuchinho ficou um momento calado, as chamas dos seus olhos mais acesas. Por fim, disse:

— Diga-lhe que está certo de que Sua Eminência pode ser persuadido a abandonar a sua atual política com respeito aos huguenotes, se ela lho pedir.

Fez uma pausa e prosseguiu, lenta e ponderadamente:

— E diga a Madame que o sacrifício da delicadeza, das aversões, da modéstia e das hesitações de uma simples mulher nada representa, quando se deseja salvar a Igreja. Diga-lhe que Deus ordena que ela se sacrifique.

Ficou pensando se não teria ido demasiado longe, se Louis teria ouvido falar no desejo que o Cardeal sentia pela Rainha, pois o rosto do jovem padre ficou muito pálido, e, apesar da transpiração que lhe brilhava na testa, uma expressão de frieza se espalhou pelas suas feições.

Mas ficou mais tranquilo quando Louis disse:

— Acho isso uma impertinência, padre.

Aliviado, o capuchinho bateu com' o punho fechado na mesa.

— Um padre nunca é impertinente, quando a serviço da sua Igreja e do seu Deus! Suas palavras são absurdas, mundanas, meu filho! Em nome de Deus, um padre pode falar com toda a franqueza. Não tenha medo. Sua Majestade vai ouvi-lo com toda a consideração, como verdadeira filha que é da Igreja.

Sem dizer mais nada, Louis levantou-se, embrulhou-se numa capa preta e puxou o capuz para o rosto. Depois, olhou para a parede de onde pendia a sua espada, despendurou-a e afivelou-a à cinta. Finalmente, voltou-se para o capuchinho.

— Estou pronto — disse, simplesmente.

O Padre Joseph abraçou-o e abençoou-o solenemente. Saíram do Palácio Cardinalício, atravessando compridos corredores. Passaram pelos guardas, que lhes fizeram continência, e emergiram nas ruas escuras e sombrias. Padre Joseph seguiu Louis com os olhos até ele ser engolido pelas trevas da meia-noite.

Abanou a cabeça. Mas não era a primeira vez, refletiu, que um padre atuava como alcoviteiro.

● Capítulo XVIII

Louis seguiu as últimas instruções do capuchinho. O Louvre dormia, imerso no mais completo silêncio, quando Louis se aproximou pelos fundos e avistou o Comandante da Guarda, de pé, imóvel, envolto na sua capa, perto do portão, o chapéu emplumado tapando-lhe o rosto, a espada na mão. Não se via nenhum outro guarda, embora, a distância, se ouvissem as suas passadas monótonas. Por sobre o Louvre, uma lua muito branca navegava por entre nuvens pretas, mergulhando a cidade alternadamente na luz e na escuridão.

O coração batendo-lhe violentamente, Louis avançou para o Comandante, que o conhecia bem. Tirou o capuz e revelou a face pálida. Seus grandes olhos azuis brilhavam febrilmente, ao luar.

— Que noite tão sossegada! — comentou, dando a senha.

O comandante ficou um momento em silêncio, examinando as feições de Louis. Depois, fez-lhe continência, sem dizer palavra. Entraram no pátio. A lua voltara a se esconder; atravessaram o pátio em meio às trevas. Louis ouviu uma porta se abrir com um rangido, e logo se viu num corredor às escuras. O comandante tomou-lhe do braço, e seguiram por vários corredores estreitos, que Louis sabia pertencerem à ala dos criados. Portas se abriam e fechavam atrás dele. O único ruído era o dos passos deles, amortecidos. Louis sentiu um corrimão debaixo da mão. Subiram vários degraus. Mais um lance, um outro ainda. Por fim, o comandante parou diante de uma porta estreita e bateu três vezes. Esperou, bateu outras duas vezes e, depois, mais três. A porta abriu-se e Louis viu-se numa pequena câmara, iluminada apenas por uma fraca lamparina, sobre uma pequena mesa. As janelas estavam cobertas de ricas tapeçarias. O teto, estreito e pontudo, perdia-se na sombra. A um canto da câmara havia um sofá de veludo púrpura.

Louis voltou-se para o comandante, que lhe deitou um olhar penetrante. Estava tão pálido quanto o jovem sacerdote, e a sua expressão era severa. Disse, num murmúrio:

— Monsenhor, existe apenas um castigo para a traição.

Louis ficou ainda mais pálido. Assumiu uma expressão altaneira e não respondeu. O comandante pareceu satisfeito, mas, dirigindo-se a uma porta, parou e lançou ao padre um olhar comprido e feroz. Por fim, abriu a porta e desapareceu.

Vendo-se sozinho, Louis sentiu uma grande inquietação. Começou a andar lentamente de um lado para o outro, os passos abafados pelo espesso carpete dourado. Não era dado a intrigas, senhas, visitas furtivas. A dúvida e a apreensão assaltavam-no. Estaria traindo o Cardeal? Violando a sua confiança? Mas decerto o Padre Joseph, o melhor amigo do Cardeal, não o levaria a cometer traição contra Richelieu. Não obstante, a aversão de Louis pela tarefa que aceitara, num momento de exaltação, não diminuía. Não era um aventureiro. Não se sentia excitado pelo segredo, pela tensão ou pelo perigo. Toda a sua vida fugira de situações dúbias, e achara as intrigas ridículas e infantis. Havia algo na natureza dos homens, pensava ele, que os impelia a riscos idiotas, a preocupações elaboradas e a senhas risíveis, quando a melhor coisa era uma aproximação simples e direta. Mas nisso não havia aventura, alegria ou risco, de modo que os caminhos enviesados eram os preferidos.

Suspirando impacientemente e franzindo a testa, tirou a capa e jogou-a, irritado, sobre o sofá. Ficou de pé, nas suas vestes pretas, a espada à cinta. Toda a beleza singular do seu rosto largo e branco aparecia à luz da lamparina. O cabelo louro e encaracolado, os belos olhos azuis, as feições perfeitas davam-lhe o aspecto de um anjo militante, tal a sua dignidade, tão esculturais as suas proporções. Já não era um padre, e sim um jovem oficial. Apenas a cruz de prata que lhe pendia do pescoço, enfiada num

cordão preto, revelava o que ele era.

Embora não ouvisse nenhum ruído, a porta se abriu e o Comandante da Guarda apareceu. Olhou rapidamente para Louis, que recuara. Um vulto de mulher surgiu, pequeno, delicado e gracioso, e Louis reconheceu nele a jovem Rainha.

Trajava um simples vestido de veludo azul. Pérolas adornavam-lhe o famoso colo branco e as minúsculas orelhas. Num dos dedos da mão direita, alva e perfeita, brilhava um único diamante. Tinha o cabelo solto, rodeando-lhe a testa, as faces e o pescoço numa profusão de cachos castanhos. Seus olhos, verdes e brilhantes, expressavam ao mesmo tempo reserva e doçura, e apenas o lábio inferior saliente, típico dos Habsburgo, quebrava um pouco a perfeição daquele rosto encantador. Todos os seus movimentos eram belos e nobres, e ela mais parecia flutuar do que andar. Atrás dela vinha a sua única amiga. Dona Estefânia, dama da nobreza espanhola, a única que o Rei ainda não afastara da jovem Rainha. Por fim, o comandante entrou na sala.

Louis olhou para a linda 'Rainha', e uma estranha agitação tomou conta dele. Na luz e na forma dos seus olhos, no brilho dos seus cabelos, nas suas maneiras doces e reservadas, ela parecia-se com Marguerite de Tremblant. A Rainha, para Louis, fora sempre uma personagem remota, a ser tratada com reverência distante e não como um ser humano. Mas agora ela surgia-lhe como mulher, feita da mesma carne lustrosa que aquela em quem ele mal ousava pensar. Era a sua feminilidade, a sua semelhança com a outra, o que lhe fazia o coração bater de maneira sufocante, e um calor invadir-lhe todo o corpo, uma névoa ofuscar-lhe a vista. Sentiu por ela um amor profundo, uma adoração cega. Curvou-se, em reverência. Quando ela lhe estendeu graciosamente a mão, Louis mal pôde segurá-la, e, quando a levou aos lábios frios, sentiu que um fogo irrompera dentro dele.

Quando levantou a cabeça, a nobre espanhola e o comandante tinham saído da sala. Ele estava a sós com a Rainha. Sua Majestade sentou-se no sofá de veludo. Estava pálida e agitada, e apertava convulsivamente as mãos. Olhou para Louis com dignidade e distância, mas havia medo e urgência nos seus olhos de esmeralda.

— Monsenhor — murmurou ela —, foi contra todos os princípios da discrição que lhe concedi uma entrevista a esta hora.

Embora fascinado, Louis sentiu um começo de indignação. Altaneiro e egocêntrico, insurgia-se contra a mão sutil que o manipulava, lançando-o naquela perigosa situação, para a qual não estava preparado. Não podia falar. A raiva inflamou-lhe o rosto, e os seus olhos brilharam. A Rainha não podia entender aquilo e imaginou que Louis estivesse inspirado. Além disso, ela não era imune à beleza masculina e sempre admirara secretamente o jovem sacerdote. Por uma razão que ela não podia explicar, mas que tinha origem na intuição, sempre confiara nele. Confiava nele agora, embora estivesse visivelmente apavorada.

Louis respirou fundo, aproximou-se da Rainha e parou diante dela. O encanto fora quebrado. Lembrou-se do que o capuchinho lhe dissera, e a cautela natural assistiu-o nos seus esforços.

— Serei breve — disse, em voz baixa — e não deterei Vossa Majestade um momento além do que for necessário.

A rainha suspirou e pareceu mais à vontade. Mas estudou-o com um olhar ansioso e penetrante.

— Vossa Majestade e eu temos por diversas vezes conversado sobre os huguenotes, o Edito de Nantes e as infames promessas feitas pelos hereges ingleses aos rebeldes de La Rochelle. Discutimos o perigo que essa situação representa para a França, para a Igreja e para toda a cristandade. Perdoe o meu atrevimento, Madame, em lhe recordar essas conversas.

Os olhos da Rainha iluminaram-se de paixão. Inclinou-se para o padre e apertou as delicadas mãos contra os joelhos.

— Não precisa recordá-las, Monsenhor — exclamou, veementemente. — Não penso senão nessa terrível situação e passo todas as minhas horas orando, em desespero! Não posso pensar senão no insulto que representa, para o Santo Padre, para o meu irmão, o Rei da Espanha, para os Habsburgo e para todos os fiéis, a atual política da França, que concilia os nossos mortais inimigos, os hereges!

Pôs-se de pé, cheia de indignação, e lançou a Louis um olhar arrebatado.

Exclamou, amargamente:

— Mas que adiantam as minhas preces, as minhas lágrimas, quando quem manda na França é o meu maior inimigo, o inimigo da Igreja. . . Richelieu?

Louis replicou, friamente:

— Madame, peço-lhe perdão, mas o Cardeal não é inimigo da Igreja. Isso é um insulto, um absurdo.

Levado pela indignação, esqueceu-se de que estava diante da Rainha e não de uma mulher histérica e presunçosa. Deitou-lhe um olhar reprovador e desdenhoso. Ela não estava acostumada a um tal olhar e a uma tal atitude, e, ao mesmo tempo que lhe despertavam a indignação e o espanto, convenciam-na da integridade e da sinceridade do jovem sacerdote. Não obstante, olhou-o como que ultrajada, ofegando.

Louis continuou:

— Sua Eminência foi sempre movido por uma profunda devoção à França. Não se deve duvidar dessa devoção, que se origina do mais fundo do seu coração. No máximo, pode-se questionar a sua prudência. Várias vezes discuti com ele sobre o assunto.

Fez uma pausa e prosseguiu, num tom mais firme:

— Não estou traindo Sua Eminência quando lhe falo disto. Ele conhece bem os meus sentimentos. Estou convencido, porém, de que está errado na sua política de conciliar e aplacar os huguenotes. Por várias vezes disselhe que essa política está dando força a esses vis hereges e que, se quisermos salvar a Igreja e a França, eles terão que ser, de uma vez por todas, destruídos, e restauradas a autoridade e a cultura católicas como o poder supremo da Europa. Ele me perguntou se eu gostaria de outra noite de São Bartolomeu, e eu lhe respondi que sim.

Ao recordar essas palavras, o fogo da fúria e do ódio subiu-lhe aos olhos, e ele ficou como que possuído. Comunicou essa emoção à Rainha, cujos dentes pequenos e brancos adquiriram uma expressão sedenta.

— Sim! — gritou ela, batendo com as mãos. — Que o sangue dos protestantes inunde todas as sarjetas da Europa!

Olharam um para o outro num transporte de histeria. A mão de Louis procurou a espada. Todo ele tremia visivelmente. A Rainha estava tão agitada, que levou as mãos convulsivamente à garganta e se deixou cair no sofá. Fez-se um terrível silêncio na câmara, enquanto olhavam um para o outro, ofegantes.

Por fim, Louis murmurou:

— Há uma maneira, Madame, de realizarmos a vontade de Deus e destruímos os hereges: receber Sua Eminência em audiência secreta e tentar convencê-lo.

Ficou espantado com o efeito das suas palavras. A Rainha levantou-se de um pulo, como se impelida por uma mola. Seu rosto ficou branco como uma máscara de gesso, na qual se incrustassem dois inflamados olhos verdes. Até os seus lábios empalideceram. Apertou a garganta com a mão, e o cabelo pareceu eriçar-se. Olhou para Louis com expressão furiosa.

— Como você se atreve? — perguntou, numa voz sufocada. — Como ousa vir à minha presença com essa proposta, seu laçao de um canalha infame?

Louis recuou. Ergueu a meio a mão, controlando, a custo, a vontade de esbofetear aquele rosto miúdo e terrível. O esforço para se controlar fez com que começasse a tremer. Forçou-se a mover os lábios, que

pareciam de pedra.

— Madame — disse. — Embora Vossa Majestade seja a Rainha, não posso perdoar-lhe essas palavras!

Ela olhou para Louis, incrédula, mais enfurecida ainda.

— Como? Ousa dizer que não me pode perdoar? Sabendo como esse homem me tem perseguido, me tem espionado, me tem difamado, como ousa me dizer isso? ‘Vá, antes que eu chame os guardas e lhe mande encerrar na Bastilha!

Ao ouvir aquele insulto, Louis sentiu o autocontrole ir por água abaixo. Se não lhe tivessem falhado as forças, teria batido nela. Mas não conseguiu fazer nada além de olhá-la com uma expressão tal que ela recuou involuntariamente, agarrando-se à beira da mesa, para não cair. Levou os dedos aos lábios e olhou para ele com visível terror, o colo branco arfando.

Louis ouviu a própria voz dizer, estranha e abafada:

— Esse é um insulto que eu não posso perdoar, Madame, embora venha de Vossa Majestade. Vim até aqui, movido pela fé e pela sinceridade, para pedir-lhe que recebesse o Cardeal e lhe suplicasse que restaurasse a cristandade, acreditando que tivesse alguma influência junto dele. Em troca, recebi o maior dos insultos e ameaças grosseiras. Não posso continuar por mais tempo na presença de Vossa Majestade. Peço-lhe que me deixe partir.

O espanto tomou contada Rainha. A mão descaiu-lhe dos lábios. Olhou para ele, incrédula, percebendo que oi jovem sacerdote ignorava totalmente os lascivos desígnios do Cardeal com relação a ela. Como era possível que ele servisse a um tal homem, vivesse em Paris e não tivesse ouvido falar de nada? Mas, aparentemente, era essa a verdade. Não havia duplicidade naquele rosto de mármore, naquele olhar enfurecido e indignado. Umedeceu os lábios. Endireitou-se e contemplou-o com profunda tristeza. Tentou falar, esclarecê-lo, mas, só de pensar em repetir os detalhes da perseguição que o Cardeal lhe movia, as suas faces ficaram em chamas.

— Um momento, Monsenhor — disse, suspirando.

A expressão do seu rosto era agora quase compassiva. Levou as mãos às faces, e o diamante brilhou como uma lágrima. Procurou recuperar a compostura. Louis contemplava-a, espantado, mas ainda cheio de raiva. Por fim, ela deixou cair as mãos e olhou para ele com tristeza.

— Monsenhor, fale-me francamente. Quem o mandou à minha presença? Foi esse... homem?

A fúria de Louis recrudescu.

— Madame! — exclamou. — Reflita! A simples ideia é absurda, Vossa Majestade há de convir.

Não pôde entender o olhar comprido que a Rainha lhe deitou. Os dentes dela mordiscaram o canto do seu lábio vermelho e saliente. Seus olhos tremeluziram, pensativos. Deixou-se cair no sofá, a cabeça pendente sobre o peito.

— Um momento — murmurou de novo. — Deixe-me pensar, Monsenhor.

Ele esperou, ainda trêmulo da violência das emoções por que acabava de passar. Por fim, após um longo silêncio, Louis disse, numa voz mais controlada, mas ainda urgente:

— Bem sei que Madame tem aversão por Sua Eminência devido à sua política externa. Compreendo isso e acredito que o Cardeal tenha manhas que o levem a seguir uma política que repugna à Madame precisamente por esse fato. Ouvi dizer que Sua Eminência não gosta de Madame, no que é plenamente correspondido. Sei que receber Sua Eminência será para Vossa Majestade um sacrifício. Não obstante, peço-lhe que o receba, esquecendo todas as considerações de ordem pessoal e recordando apenas que o sacrifício das nossas aversões, dos nossos instintos e das nossas reservas é um preço pequeno a pagar pela realização dos nossos mais profundos desejos.

A Rainha ergueu a mão, e de novo os seus olhos brilharam de fúria. Mas, vendo a gravidade, a solenidade de Louis, mordeu o lábio e nada disse. Pôs-se lentamente de pé, foi até à janela coberta por tapeçarias e parou, sempre sem falar. Louis viu que toda ela tremia e que escondera o rosto nas mãos. Algo de inexplicável estava acontecendo, e ele sentiu piedade e perplexidade ao mesmo tempo.

Disse, suavemente:

— Vossa Majestade deve refletir nos graves problemas envolvidos na sua decisão. E compreender que não deve obstar à solução desses problemas.

Ela voltou-se devagar para ele. Louis viu-lhe os olhos marejados de lágrimas, que lhe escorriam pelas faces. Parecia uma vítima à espera de ser imolada. Louis pensou: Quanta emoção, quanto desespero, para uma simples concessão de audiência! E sentiu desprezo pela jovem Rainha.

Ela disse, numa voz trêmula de lágrimas:

— Já refleti. Vejo claramente o que tenho de fazer. Mas só Deus sabe com que sacrifício tomei a minha decisão, com que aversão, com que horror e com que nojo! Como poderei suportar... ?

Estacou, e de novo as suas faces ficaram vermelhas de vergonha. Mas logo ergueu a pequena cabeça e disse, com terrível coragem:

— Direi a Sua Eminência que compareça à minha presença amanhã.

Ao voltar ao Palácio Cardinalício, Louis encontrou o capuchi-nha à sua espera, em seu quarto. Relatou o que acontecera, e a sua voz e a sua atitude expressavam o espanto e o desprezo que sentia pelas extremas emoções demonstradas pela Rainha. O capuchinho ouviu tudo com a maior atenção e, quando Louis terminou, deixou-se cair no banco de madeira e tapou os olhos com a mão calosa.

Por fim, deixou cair a mão e olhou em silêncio para Louis. A expressão dos seus olhos era sombria, e havia neles uma misteriosa névoa vermelha-, como que formada por lágrimas de sangue.

● Capítulo XIX

Ana da Áustria escolhera a hora em que o Rei, seu marido, estava caçando, para receber o Cardeal.

Despediu as aias e dirigiu-se, trêmula, para a pequena sala onde recebera Louis de Richepin. Com um volumoso vestido azul de peitilho prateado, as pérolas ressaltando-lhe a garganta juvenil, a luz dourando-lhe a bela cabeleira, a sua aparência era a de uma menina indefesa. Seu rosto estava muito branco, e nele a boca vermelha e carnuda, típica dos Habsburgo, se destacava como uma flor. De vez em quando, toda ela era tomada por uma incontável agitação e, erguendo-se do sofá, apertava convulsivamente as mãos e andava de um lado para o outro, gemendo baixinho e mordendo histericamente o lábio inferior. Estremecia só de pensar em Richelieu, que não só lhe inspirava ódio com a sua política externa, como lhe causava uma forte aversão física. Sabia das histórias galantes que se contavam a respeito dele, e ouvira falar, em voz murmurada, de detalhes escandalosos da sua associação com a mãe do Rei, Maria de Médici. Desprezando a sogra e influenciada pelas horríveis histórias que seu marido contava a respeito da mãe, a Rainha não podia deixar de sentir repulsa pelo Cardeal.

Enquanto esperava, sentia-se tomada por um tal horror e por uma tal repugnância que de vez em quando se dirigia para a porta que levava aos seus aposentos, numa involuntária tentativa de fuga. Mas, como que obedecendo a uma ordem, estacava, a mão já na maçaneta e tremendo de maneira tão violenta, que quase caía. Mais de uma vez ajoelhará-se, pedindo desesperadamente a Deus que a ajudasse a vencer a prova que a esperava, rezando para que o Cardeal não pudesse comparecer à entrevista. Depois, um pouco mais confortada, forçava-se a ficar de pé e enxugava as lágrimas amargas.

Quando ouviu bater de manso à porta, ficou um longo momento sem poder falar. Seus lábios se abriram, pálidos de morte, mas nenhum som saiu deles. O coração parecia estourar-lhe no peito. Estava certa de que iria desmaiar. Não percebeu que tinha falado, mas, como num horrível pesadelo, viu a porta abrir-se silenciosamente e o Cardeal aparecer na soleira. Os olhos dela dilataram-se, como os de uma corça, ao ver o caçador impiedoso, e sentiu um arrepiamento perpassá-la.

O Cardeal enfrentara um delicado dilema, essa manhã. Perplexo, mal acreditando no chamado da Rainha, hesitara em como se deveria vestir para a entrevista. Se comparecesse nos seus majestosos trajes eclesiásticos, ela ficaria impressionada e horrorizada com qualquer gesto ou dito amoroso da sua parte. Se se vestisse como soldado, sua indumentária preferida, ela o receberia como um homem particularmente detestado. Mas, se fosse vestido como um padre, ela se submeteria, embora relutantemente, à sua autoridade. Ele teria mais poder sobre ela, mas não como homem. Percebeu que devia ir investido de autoridade, mas de uma autoridade que não a inibisse.

Como grande parte dos seus sofrimentos físicos se devia à vitalidade anormal da sua mente, os acontecimentos tinham o poder de prostrá-lo ou dar-lhe forças. Acordara, nessa manhã, com uma profunda sensação de doença e exaustão, a tal ponto, que temia que a morte estivesse iminente. Ficara deitado, olhando para a janela, mal respirando. Quando Louis de Richepin entrara, o Cardeal fechara os olhos, e erguera fracamente a mão e falara, numa voz débil:

— Nada de audiências hoje, Louis. Diga isso a quem estiver esperando.

Louis hesitara. Na sua mão havia uma carta pequena, escrita em papel azul-pálido e perfumado, e lacrada com o sinete da família real.

— Direi — retrucara. — Mas tenho aqui uma carta dirigida a Vossa Eminência e selada com as armas do Rei.

As pálpebras do Cardeal tinham-se fechado com tal força que a sua pele delicada se enrugara à volta dos olhos.

— Mais um convite para aquela abominável matança a que o Rei dá o nome de caçada! — gemera ele. — Abra-a, Louis, não estou em condições de ler.

— Não acho que a carta seja do Rei — retrucara Louis.

— O quê?

Os olhos do Cardeal abriram-se, revelando toda a sua força inexaurível. Soerguera-se, o rubor subindo-lhe ao rosto magro, e estendera a mão para a carta.

Seus dedos tremiam tão violentamente que ele quase não podia abri-la. Seus olhos devoraram as poucas palavras que ela continha, com uma fome voraz e incrédula. De repente, pusera-se a rir estrepitosamente.

Imediatamente, uma incrível metamorfose tomara conta dele. A exaustão desaparecera num arroubo de vitalidade e alegria. A palidez fora substituída por uma cor viva, e as rugas em volta da sua boca frágil e da testa alta tinham desaparecido. Uma enorme aura de vida e força irradiava dele. Parecia muitos anos mais moço. Pulara da cama, rindo incontrolavelmente, com um brilho mau no olhar.

— Até que enfim! — exclamara e olhara para Louis com tal exuberância, que o jovem sacerdote ficara espantado.

— Que horas são, Louis? — perguntara o Cardeal, impaciente.

— Quase dez, Eminência.

— O quê? A audiência é às onze! Chame logo o meu valet e os lacaios! Não tenho um minuto a perder.

Louis estava cada vez mais espantado. Não podia entender a excitação, a vitalidade, o riso descontrolado de Richelieu, ao receber a carta da Rainha. Procurou perceber triunfo, malícia ou gravidade na atitude do Cardeal, ou qualquer outra reação que um diplomata desprezado pudesse revelar, ao ser chamado por um monarca desdenhoso. Mas o Cardeal não mostrava nenhum desses sintomas. Havia algo de pessoal, de violentamente incontrolável e perverso, algo de particular na sua reação. Qual a razão, se todo mundo sabia que ele desprezava “a espanhola” e a difamava indecentemente? Louis temera, algumas horas antes, que o Cardeal se negasse a comparecer à audiência, sabendo que a jovem Rainha não tinha forças para obrigá-lo a ir.

Esquecendo-se por completo de Louis, o Cardeal meditava sobre que roupa vestir. Amaldiçoava o valet e as sugestões que ele lhe dava. Não era mais o maquiavélico homem da Igreja, o homem que mandava na França, e sim um simples homem nervoso e excitado. Louis, mais intrigado do que nunca, não podia entender aquelas dúvidas, hesitações e discussões com os criados a propósito de roupa. Mas algo obscuro e indescritível crescia dentro dele, sentado junto da janela, contemplando o que se passava no quarto. Pela primeira vez, não sentia respeito, medo ou reverência pelo Cardeal, e sim algo parecido com um sentimento de impaciência e superioridade. O Cardeal revelava-se em toda a sua fraqueza humana, sem se preocupar com isso, mergulhado apenas nas suas fúteis preocupações.

Finalmente, após exaustivas discussões, chegara-se a uma conclusão quanto à indumentária. Seria ao mesmo tempo severa e elegante, de veludo negro, própria tanto do homem de Igreja quanto do aristocrata. A gola e os punhos eram da mais fina renda, delicada como uma teia de prata. O Cardeal escolheu uma espada recamada de pedrarias. Resplandecente no seu manto, no chapéu emplumado, nas suas botas reluzentes, com os dedos cheios de anéis, possuídos de vitalidade febril, os olhos dardejando triunfo e poder, a sua aparência era realmente impressionante. Ninguém, ao vê-lo assim, poderia ter acreditado que ali estava um homem doente e que, há uma hora antes, se sentira à beira da morte.

Uma última nuvem de perfume em volta dos ombros, um toque de pomada perfumada no seu nobre cavanhaque, o detalhe de um lenço circundado de renda, e o Cardeal estava pronto para a sua audiência

com a Rainha. Nunca parecera tão elegante, tão viril e tão jovem. A força quase sobre-humana que emanava dele era espantosa. Olhou-se minuciosamente no espelho e sorriu, satisfeito.

Quando ele saiu, o quarto ficou por muito tempo como que impregnado das vibrações magnéticas da sua pessoa — vibrações essas que afetaram Louis extraordinariamente. Sentia-se estranhamente exausto. De repente, estremeceu. Esqueceu o Cardeal. Olhou, pela janela, para a manhã dourada, e um calor subiu-lhe às faces frias. Levantou-se, trêmulo. Caminhou até à porta, hesitou, respirou fundo e saiu.

Entrementes, o Cardeal chegava ao Louvre na sua luxuosa carruagem e era conduzido aos aposentos da Rainha. Não se permitira conjeturar, durante o breve trajeto. Bastava-lhe pensar na jovem mulher que o chamara à sua presença.

A Rainha estava tão paralisada pelo medo, pelo ódio e pela aversão que, ao ver diante de si o inexorável inimigo, ficou sentada no sofá, encarando-o com o olhar fixo de unia bela imagem. Nunca ele lhe parecera tão alto, tão assustador, diabólico e terrível, quanto naquele momento. Ali estava um homem e não um sacerdote, e essa constatação ainda mais a apavorou. Precisou recordar a si própria que o tinha chamado para discutir um assunto de suma gravidade, ou ter-se-ia levantado e fugido dali.

Uma olhadela rápida certificou-o de que a Rainha estava só. Poucas vezes a vira, e sempre à luz artificial, em salões de baile ou em recepções. Agora, à luz da manhã, sem a ajuda de pós ou de ruges, ela parecia ainda mais encantadora, mais jovem e mais doce. Sabia que ela era uma boba, histérica, supersticiosa, fútil e imprevisível. Richelieu não era desses homens que preferem mulheres tontas, pois tinha um profundo respeito pela raridade da inteligência humana; se a Rainha fosse menos bela, menos jovem e menos desejável, ele a teria desprezado e se declarado seu inimigo por causa do seu intelecto inferior. Mesmo nos momentos em que mais a desejava, ele a detestava pela sua cabeça-de-vento e pela sua falta de inteligência. Mas, naquela manhã, ela estava tão fresca, tão jovem, tão encantadora que ele se esqueceu de que a detestava intelectualmente e sentiu em si aquela fome que lhe advinha com crescente raridade, à medida que o tempo ia passando. Sentiu-se grato a ela por ter o poder de despertá-lo, de reafirmar nele a esperança de que ainda não estava próximo do fim.

O Cardeal tinha a notável capacidade de encher um ambiente com a aura da sua presença. A apavorada Rainha teve a impressão de ver, diante de si, uma enorme ave de rapina, cujas asas escuras faziam vibrar as paredes e o teto, cujos olhos a devoravam, cujo vulto tapava o próprio sol.

Fez uma profunda reverência e avançou para ela. Só quando já estava diante da Rainha é que ele lhe estendeu a mão fria e pequena. Ao sentir os lábios dele roçar-lhe a pele alva e macia, ela estremeceu e fechou os olhos, repugnada. Ele tirara o manto e o chapéu e, sem a batina de cardeal, parecia mais perigoso do que nunca.

Falou em voz baixa, mas os seus olhos de gato ardiam.

— Madame, mal pude acreditar, esta manhã, que me houvesse mandado chamar. Há muito tempo ansiava por esta oportunidade.

Lembrando-se da sua missão, Ana da Áustria forçou um sorriso, que lhe saiu como uma careta dolorosa. Obrigou-se a olhar para ele, e o brilho verde dos seus olhos era febril.

— Ninguém manda chamar alguém de quem se está convencido de que é seu inimigo — murmurou ela por entre os lábios ressequidos, rezando para que o bater descompassado do seu coração diminuísse.

— Inimigo, Madame! — exclamou Richelieu, simulando incredulidade. — Eu, Madame, eu, que sempre lutei para tornar a vida de Vossa Majestade tranquila e segura, para defender Vossa Majestade contra os seus inimigos?

Diante daquela hipocrisia, daquela mentira deslavada, a jovem Rainha não pôde mais se controlar. Pôs-se de pé e levou as mãos ao peito, o rosto em chamas, ofegante.

— Monsieur le Duc, peço-lhe que me poupe essa dissimulação! Não passo de uma mulher jovem e

ignorante, mas nem a mim passaram despercebidas a perseguição que me faz, a sua inimizade, as suas infâmias e chacotas contra a minha pessoa! Quando se mostrou meu amigo? Influenciou o meu marido contra mim, induziu-o a me olhar com vergonhosa desconfiança. Afastou os meus amigos de mim e promoveu o assassinato dos Concinis, criados da mãe de Sua Majestade! Tornou-me uma mulher sem amigos numa terra inimiga, a tal ponto que mal ousou murmurar as minhas orações, com medo de que um dos seus espiões lhe faça chegar as minhas lágrimas e as minhas súplicas! Tremo diante das sombras, fujo ao roçar de uma cortina. Colocou agentes por todos os lados, fazendo com que eu suspeite de todos os sorrisos, de todos os gestos de amizade, de todos os suspiros de compaixão. Por que fez tudo isso? — perguntou ela, rompendo em lágrimas. — Que há em mim que inspire um tal ódio e um tal desejo de vingança num sacerdote da Igreja à qual ambos servimos? De que maneira o ofendi?

O Cardeal não se deixou mover por essas manifestações de dor, histeria e indignação. Nunca se sentia mais seguro de si do que quando os outros perdiam o autocontrole. Assumiu uma expressão de surpresa e fria dignidade.

— Madame, é mais do que evidente que os meus inimigos me difamam junto à sua pessoa. Estou sempre a serviço do trono e da França. Nem os meus inimigos podem negar isso.

Estava encantado com a paixão que inflamava a jovem Rainha, aumentando-lhe a beleza. Fixou os olhos, por um momento, no seu colo alvo e macio, que arfava a ponto de ameaçar pular do generoso decote. Nunca ela lhe parecera tão desejável, tão voluptuosa, e as veias das suas têmporas magras e delicadas incharam de concupiscência.

Ela exclamou, batendo com as mãos uma na outra:

— Sim, Monsenhor, sempre serviu à França! Mas o que representa a França para mim?

Mal tinha pronunciado essas palavras impetuosas e perigosas, deu-se conta do que dissera e levou os dedos à boca, num gesto de terror. Por sobre os dedos, os olhos verdes contemplavam-no com uma expressão apavorada.

Mas, aparentemente, ele não lhes atribuíra importância. Olhou para a Rainha gravemente, inclinando a cabeça como se pensasse. Por fim, disse:

— Vossa Majestade está transtornada por alguma razão misteriosa e não é responsável pelo que diz, tenho a certeza. Por isso, já esqueci o que ouvi. É com o mesmo espírito de perdão que recebo as acusações de Vossa Majestade.

Mas a jovem Rainha estava completamente transtornada pelo terror. Deixou-se cair no sofá, tremendo, mais pálida do que as pérolas que lhe adornavam a garganta. O Cardeal contemplou-a com satisfação. Era assim que ele a queria, temendo-o, sabendo que estava irremediavelmente em seu poder. Só assim ela se lhe entregaria totalmente.

Foi com um supremo esforço que Ana conseguiu controlar os seus tremores, o seu terror mortal. Rezando desesperadamente, forçou-se a olhar para o Cardeal com um simulacro do seu orgulho habitual, embora tivesse os lábios entorpecidos.

— As suas perseguições contra mim, Monsenhor, estão esquecidas, perdoadas, porque sou uma pobre mulher indefesa. Deixo à sua consciência o encargo de se punir. Mas o pouco caso que vota aos desejos do Santo Padre não pode ser perdoado. A sua conciliação com vis hugenotes, a sua amizade com os inimigos da nossa Igreja são ofensas a Deus. O dever me compeliu a lhe dar esta audiência, para lhe pedir que considere, que reflita, antes que tudo esteja perdido.

Ah!, pensou o Cardeal, com raiva e desprezo, agora entendo!

As palavras da jovem Rainha tinham-lhe dado coragem. Perdeu o medo e olhou para ele com desdém e indignação.

Richelieu sentou-se calmamente, sem pedir licença e, naquela postura lânguida, a mão fina e branca pousada negligentemente sobre o joelho, parecia ainda mais formidável do que de pé. Disse, como se falasse com uma criança:

— Madame deve compreender que tudo o que eu faço é pelo bem da França. Os huguenotes não me repugnam menos do que a Vossa Majestade. Não obstante, a segurança, a unidade e a paz da França dependem de uma política de conciliação temporária.

Fez uma pausa e acrescentou, com indulgência:

— Vossa Majestade tem alguma sugestão a fazer?

Quando ele falara da França, uma careta de desdém, até mesmo de ódio, passara pelo rosto da rainha, e ela erguera a cabeça num gesto de desprezo. Exclamou:

— De que lhe servirão as minhas sugestões? Que dirá quando lhe pedir que se alie aos Habsburgo, a fim de destruir, aniquilar, exilar e queimar todos os protestantes, conforme o desejo de um verdadeiro católico? Sem dúvida — acrescentou ela, com um sorriso desdenhoso — Vossa Eminência não ignora que a política de Roma deve ser sempre a completa destruição da heresia protestante, até o último dia do mundo e onde quer que essa heresia se manifeste.

— Sei muito bem disso, Madame — retrucou gravemente Richelieu.

Ela foi ficando cada vez mais excitada.

— Como pode, então, persistir na sua política? — Sorriu de novo, com desdém. — Sem dúvida sabe que a segurança da sua querida França corre perigo devido à existência, dentro dela, desses hereges, não?

O Cardeal não respondeu. A sua atitude, ao olhar para a Rainha, era lânguida e negligente. Mas, nos seus olhos de tigre, havia um brilho calculista, que a Rainha, entregue às suas visões de vingança e de rancor, não percebeu.

Ele pensou, consigo mesmo: É nas mãos de idiotas perigosos, como ela, de criaturas fracas e consumidas pelo ódio, que muitas vezes está o destino do mundo.

Mas logo sentiu desprezo por si próprio. Ele, o verdadeiro senhor da França, o homem mais temido e odiado da Europa, atraído para os aposentos perfumados de uma mulher estúpida, ouvindo as suas imbecilidades, os seus planos de traição! Contudo, apesar do desprezo que por si mesmo sentia, observava o brilho de fúria e crueldade nos olhos verdes da Rainha e experimentava a mescla de dor e aversão que sempre sentia, quando descobria as mesquinhas, a maldade e o ódio inerentes a humanidade.

De repente, disse para si mesmo: Preciso esquecer que ela é uma conspiradora, um instrumento dos Habsburgo. Estou aqui porque ela é mulher e eu a desejo, e sonho com ela nua nos meus braços.

Sorriu.

— A preocupação de Vossa Majestade com a França toca um coração que sempre se dedicou, acima de tudo, à pátria.

O olhar dela hesitou, desviou-se. Umedeceu os lábios subitamente ressequidos. Lembrou-se de uma carta que ele interceptara, uma carta que ela escrevera ao irmão, Felipe da Espanha, e na qual lhe pedira, de acordo com os Habsburgo, que atacasse a França a fim de exterminar os protestantes. E ele percebeu que ela se lembrara disso.

Falou, suavemente:

— Ainda não estou convencido de que a extirpação dos protestantes na França seja necessária à consolidação da Europa e à segurança da Santa Madre Igreja. Penso, pelo contrário, que um ataque contra os huguenotes, a esta altura dos acontecimentos, precipitaria um ataque da Inglaterra à França, o

que deve ser evitado a todo custo. Pense no que aconteceria se atacássemos La Rochelle: Buckingham enviaria a prometida ajuda aos rebeldes e precipitaria um recrudescimento da guerra civil.

Enquanto ele dizia isso, na mais mansa das vozes, observava-a com olhos de lince. Ela encarou-o, os olhos brilhantes de triunfo malévolos. Riu alto e inclinou-se para ele.

— Mas Monsieur le Duc de Buckingham prometeu-me que não enviaria qualquer ajuda aos rochelenses, caso os hereges fossem atacados!

O sangue subiu à cabeça do Cardeal. Então era verdade que a sem-vergonha estava em contato com o seu amante inglês, conforme ele, Richelieu, suspeitara! Transtornado pelo fogo do ciúme, sentiu ímpetos de estrangulá-la. Mas logo a sua fúria se transformou numa vontade enorme de rir, de rir bem alto. Aquela miserável mulher, com as armas dos seus ombros, dos seus braços, das suas mãos, do seu colo branco e dos seus lábios vermelhos, podia seduzir com tanta facilidade um nobre protestante inglês a ponto de fazê-lo esquecer as suas lealdades raciais e religiosas! Mais mundos se perderam num corpo de mulher do que sonham os historiadores, pensou o Cardeal, e voltou a sentir o mesmo desprezo e ódio que sempre se seguiam a cada nova descoberta da venalidade e da pequenez humanas.

Não obstante, a sua mente fria de político não podia deixar de exultar. Não precisava mais temer Buckingham e os seus soldados ingleses. A devassa espanhola prestara, sem o saber, um grande serviço à França, um serviço que a teria enchido de raiva e arrependimento. Ele sempre se movera cautelosamente, por causa de Buckingham, temendo os gélidos olhos ingleses do outro lado do Canal. Agora, a Rainha tornara os ingleses impotentes, imobilizara-lhes a esquadra. E tudo isso porque a sua carne era quente e nívea; e os seus lábios, frescos como uma rosa matutina.

Agora, ele, o Cardeal, agiria sem medo, sabendo que a Inglaterra não interferiria, como de costume, nos negócios da Europa. Seus olhos brilharam de exaltação.

Mas a Rainha, em troca, sentia-se outra vez tomada de pavor. De novo atraíra a si própria. Sabia que o Cardeal a acusara, por toda a França, de ser amante de Buckingham. Durante meses, defendera-se valentemente, mantendo que nunca se comunicara com Buckingham desde que ele fugira da França, que as relações entre eles eram apenas as de um embaixador e uma Rainha. Agora, imprudentemente, confessara o seu contato com o inglês. Levantou-se com um grito abafado e uma expressão de quem está morrendo de medo.

O Cardeal percebeu isso. Ergueu-se, aproximou-se da Rainha e tomou-lhe a mão fria e trêmula, que ela recolheu instintivamente, num movimento de repulsa.

— Madame — murmurou ele, os olhos fixos na brancura do seu colo —, não tenho palavras para lhe expressar a minha gratidão. Graças à fé e à sua dedicação à causa da França e da Igreja, consegui paralisar o nosso maior inimigo. Confesso-lhe que não sou capaz de exprimir a minha alegria. Só posso curvar-me diante de tamanho sacrifício, de tanta sabedoria, de tão nobre imolação.

Ela ouviu aquelas palavras extraordinárias, os cílios dourados erguendo-se e abaixando-se rapidamente, os sentidos como que flutuando. O coração batia-lhe de medo. Mal podia entender o que ouvia. Mas, pouco a pouco, foi-se apercebendo de que o Cardeal não a estava ameaçando e nem exultando com o seu pavor, e sim expressando gratidão, alegria e triunfo, atraindo-a, com ele, para uma conspiração. E, na sua falta de inteligência, ela não duvidou de que a conspiração fosse contra todos os protestantes.

Um leve sorriso de vaidade, de incerteza, de orgulho, transpareceu-lhe nos lábios pálidos, que aos poucos foram retomando a cor normal. Inclinou a cabeça para o lado, apertou a boca, deitou ao Cardeal um olhar conspirador. Richelieu assistia a tudo isso com desprezo interior.

Seu desejo por ela aumentou. Sabia que, no prazer que teria com ela, haveria também um elemento de satisfação mental. Seria o seu triunfo sobre uma manobradora idiota. Conquistando-a, ele conquistaria,

simbolicamente, todas as miseráveis criaturas que odiava e desprezava, todos os seus inimigos e os intrigantes, todos os pobres-diabos impotentes que ele tanto desdenhava e que ameaçavam a França.

Chegou-se mais perto dela, e os sentidos falaram mais alto. Esqueceu tudo, na proximidade daquele corpo jovem, na fragrância do seu hálito, no calor da sua boca. Ainda cheia de piedoso orgulho, ela não recuou. Seus olhos estavam ofuscados por uma névoa triunfante e pensativa.

— O menor desejo de Madame é sagrado para mim — murmurou o Cardeal.

Vislumbrou, entre os seios dela, uma pequena área de cetim quente e níveo. A sua garganta tinha uma delicada translucidez, como se fosse de madrepérola. Suas bocas estavam tão próximas, que o hálito de ambos se confundia.

Por fim, a pobre mulher notou algo: o olhar dele, o suor que lhe porejava a testa alta, a sua proximidade. Procurou recuar, de novo empalidecendo. Mas ele deteve-a com a mão e com o olhar.

— Madame não tem mais que ordenar — murmurou.

Ela exclamou, por entre lábios trêmulos, os olhos se dilatando:

— Vossa Eminência bem sabe dos meus desejos!

Mas o grito era mecânico. Retorceu a mão, num esforço dè-sesperado para fugir.

— Os desejos de Madame serão realizados — prometeu ele, com a maior solenidade.

— Deus o recompensará, Monsenhor — murmurou ela.

Ele suspirou profundamente, sem tirar os olhos dos dela.

— E Madame? — sussurrou.

Fez-se silêncio na sala. A mão que ele segurava ficou outra vez gelada. As belas faces empalideceram, e linhas azuladas contornaram-lhe os lábios.

Pela primeira vez, a pobre criatura apercebeu-se da enormidade das circunstâncias em que se via enredada, para a qual fora levada pelos seus ódios, pela sua infelicidade, pelas suas frustrações, pelo seu desespero e pelas maquinações de padres que ignoravam a frágil sensibilidade de uma mulher, tendo em vista apenas o fim sangrento para o qual viviam e pelo qual trabalhavam infatigavelmente.

Mas ela fora por muito tempo a débil escrava de uma organização implacável, que sacrificava o coração e o sangue das suas vítimas com fria precisão, sempre que essas vítimas ameaçavam os seus sinistros desígnios. Não se podia revoltar. Nesse simples pensamento já residia o pecado mortal e, embora tremesse diante do Cardeal, procurasse lhe escapar, estava cônica da sua culpa.

Não obstante, fez um último esforço para se libertar.

— A recompensa de Deus não é o suficiente para Monsieur le Duc? — perguntou, numa voz sumida.

Ele suspirou de novo, profundamente.

— Ah, Madame! — limitou-se a dizer.

Assistia à luta da Rainha consigo mesma com ar grave, mas divertindo-se intimamente. Via como ela tremia, como as suas pálpebras brancas tremulavam sobre os olhos apavorados.

A voz dela quase não se ouvia.

— Monsieur verá que não sou ingrata.

Ele tomou-lhe a mão e levou-a aos lábios. Parecia a mão de uma morta, fria e rígida. Sem largá-la, murmurou:

— Madame não daria ao mais humilde dos seus servidores alguma lembrança?

— Que deseja? — sussurrou ela.

No decote prateado do vestido, entre os seios havia uma laçada de fita azul, costurada com pequenas pérolas. Ao ver o olhar dele cravado nela, Ana da Áustria desatou a fita com dedos entorpecidos e deu-lha. Richelieu apertou-a ardentemente contra os lábios, enquanto o seu olhar a penetrava, sorridente e malévolo.

— Esta noite? — murmurou.

Quando, por fim, ele se foi, ela ficou de pé, no centro da sala, demasiado horrorizada para se poder mover. Finalmente, com um grito, atirou-se sobre o sofá e rompeu a soluçar.

Passado algum tempo, o rosto exangue e descolorido, pôs-se de joelhos e começou a rezar, os lábios movendo-se numa prece muda e desesperada. Mas, à medida que orava, a sua agonia diminuía. Começou a sorrir. Diante dos seus olhos, passou uma visão: as ruas de Paris, de todas as cidades do mundo, vermelhas do sangue dos protestantes e, pairando sobre elas, a figura de um arcanjo vingador, empunhando um cruz reluzente e gigantesca.

● Capítulo XX

Louis de Richepin teve a impressão, ao entrar no Bois de Boulogne, de que mergulhara num mundo luminoso, que flutuava, silencioso, debaixo de mares verdes e serenos. Nele a luz do sol penetrava apenas como um clarão esmeralda, e as aleias formadas pelas árvores pareciam cavernas cheias de água translúcida. Era um mundo irreal, imóvel, de onde se podia esperar que estranhas criaturas saíssem, nadando com movimentos graciosos, de grutas escondidas, parando por um momento e depois deslizando com um cintilar de escamas reluzentes, ou apenas um breve movimento, que se diluía no silêncio verde. A espessa vegetação lembrava o fundo do mar, tal a sua imobilidade e frescura. Até os pássaros pareciam quietos. Nenhum sopro quente vinha da terra e, quando um som perturbava a quietude geral, era como se um nadador se movesse num sonho.

À medida que Louis entrava cada vez mais fundo nos caminhos do bosque, ia perdendo completamente o sentido de identidade. A pesada umidade, a luz radiante e esverdeada, a misteriosa calma engolfavam-no. Não sentia a terra úmida e esponjosa debaixo dos pés. Como que perdia o peso da sua carne, a pressão do seu cansaço, o sentimento de solidão que lhe imbuía todos os pensamentos. O atalho que ele atravessava, cada vez mais fundo, na neblina verde, e as sombras se mesclavam num santuário de paz. Os pensamentos dele tornaram-se difusos, informes, dando a sensação de flutuarem sobre um lago, e ele sentia como que um alívio, como se estivesse se afogando e tivesse resolvido soltar a última palha, não lutar mais.

De repente, em meio à neblina verde, viu o vulto de uma sereia, cuja volumosa indumentária era da mesma cor da luz que tudo invadia, pousada levemente num monte de rochas pretas. Os seus cabelos pareciam dourados, à verde translucidez, e caíam-lhe sobre os ombros delicados, e o rosto, o pescoço e os braços eram de mármore branco, bruxuleando na água, roçados pelas penas da luz do sol.

Mais de cem vezes, desde que deixara o ruído e a turbulência do Palácio Cardinalício, ele antecipara aquele momento, em que voltaria a ver Marguerite de Tremblant, e a dor, o êxtase, o medo o tinham detido, como se houvesse recebido um golpe no peito. Mais de dez vezes pensara recuar, a meio-caminho, Quando resolvera prosseguir, fora como um homem drogado, levado a mover-se por uma força superior. Chegara a pedir a Deus que ela não estivesse lá, que se tivesse cansado de esperar por ele, que ele encontrasse apenas um espaço vazio, ao chegar às grandes rochas. A tal ponto que, no fundo, fora apenas a esperança de que ela não tivesse ido quê o levava a entrar no bosque.

Mas, quando a viu em cima daquelas pedras, imóvel, brilhando à luz verde e aquática de um mundo submarino, não sentiu choque, alegria ou medo. Avançou para ela como se arrastado por uma corrente irresistível e não sentiu senão a mais doce paz e o êxtase mais completo. Algo lhe murmurava ao ouvido, algo quente e urgente, mas ele resolveu não lhe dar atenção.

Ela não sorriu, quando o viu na base das rochas, contemplando-a. Inclinou-se para ele, curvando o pescoço, pelo qual deslizavam os cachos cor de cobre, e deu-lhe a mão. Estava fresca e macia, mas, ao seu toque, uma corrente de fogo perpassou-lhe a pele. Os olhos dela fixaram-se nos dele, pontilhados de luz, a sua cor castanha invadida por centelhas de ouro vivo. Seus lábios rosados se abriram e ela suspirou.

Tão frágil se tornara que a sua carne parecia transparente e iluminada pelo clarão febril do seu espírito. Com a aguda percepção do amor, Louis sentiu como que um pressentimento que o encheu de angústia e terror. Levou a mão dela aos lábios, beijando-lhe delirantemente a palma, cada dedo e, finalmente, o pulso branco e delicado, no qual as veias pulsavam com uma vida desesperada. Sentiu o leve toque da sua outra mão, 'sbbre a própria cabeça inclinada. E, de repente, ela puxou-lhe a cabeça

convulsivamente para o seio, segurando-a num supremo e puro gesto de amor.

Ficaram ali, abraçados como se formassem um só ser, e Louis ouviu o tremor do coração dela. Uma a uma, lágrimas quentes rolavam-lhe dos olhos para as faces' dele. Louis sentiu nela uma infinita piedade, a mais delicada das paixões, a mais terna compreensão. O terror mantinha-o imóvel mas, nos braços dela, como que fazia parte do êxtase do seu amor.

Não disseram nada. Ficaram ali, sentados, abraçados, a cabeça dela apoiada no ombro dele. Olharam para as distâncias verdes, agora mais escuras, pois o sol se escondera atrás de uma nuvem. A sombra estava mais sombria, mais profunda, mais recolhida sob a terra, mais imóvel. O espírito dele fazia parte dela, ainda pulsando de sofrimento, mas tão cheio de encantamento, que era como uma dor adormecida por sedativos. Não havia mais nada em toda a eternidade, senão aqueles estranhos silêncios e aquelas sombras imóveis, quais barreiras impenetráveis entre eles e o mundo, isolando-os para sempre da solidão e do cansaço.

Louis pegou-lhe num cacho e pôs-se a brincar amorosamente com ele. Beijou-lhe toda a perfumada extensão, até chegar aos lábios dela. Suas bocas se encontraram simples e inevitavelmente, com pureza e doçura.

Por fim, ele tentou falar, mas ela levou-lhe os dedos trêmulos aos lábios e sorriu, através das lágrimas que lhe marejavam os olhos.

— Não — murmurou —, não vamos dizer nada.

Passou-se uma hora, e depois outra, e eles continuaram ali, sem se mover, acariciando-se apenas. Tudo o mais não era nada, deixara de existir.

● Capítulo XXI

Monsieur le Marques du Vaubon afundou mais e mais debaixo das cobertas de seda, até aparecerem apenas os seus olhos, pequenos e maliciosos, por sobre as dobras. Sentia-se muito desconfortável. Uma profunda ruga dividia-lhe as sobrancelhas tingidas. Mas havia um brilho malévolo nos olhares que ele dardejava a Louis, seu filho, sentado junto das janelas, cujos cortinados de seda impediam a entrada do sol quente da tarde. U

Uma das crenças mais arraigadas do marquês era a de que as horas matutinas, para ele, eram invioláveis, sacrossantas, e de que nenhuma pessoa dotada de delicadeza e discrição pensaria sequer em invadi-las. Era nessas horas que o organismo exausto podia repousar, oculto sob as cortinas do leito, com um pano molhado em água fria sobre a testa febril e dolorida. Necessitava-se apenas de um lacaio com passos silenciosos, que atendessem sem erguer os olhos e sem falar. Mais tarde, talvez uma massagem, um caldo quente, um borrifar de colônia refrescante, outro período de repouso, e um homem estava outra vez pronto para enfrentar o mundo.

A indignação do marquês aumentou. Como se não bastasse sentir-se nauseado e ter um gosto horrível na boca, ainda tivera esse período invadido por alguém que, na melhor das hipóteses, nada fazia para levantar o ânimo de um homem. Louis sabia muito bem que seu pai não recebia ninguém antes que o sol estivesse para se pôr. Mas, naquela manhã, insistira, imperturbável, em ver o pai. Agora, estava sentado perto das janelas, calado, as mãos calmas e castas enfiadas nas pregas da batina, os olhos grandes e sossegados fitando os do marquês sem qualquer sombra de expressão!

Contudo, a curiosidade cresceu no espírito do marquês. Havia algo de estranho, essa manhã, naquele abominável Louis. Algo de menos rígido, de menos marmóreo, de menos implacável. De vez em quando, havia uma certa suavidade, um quase implorar no seu olhar, uma tímida interrogação. Parecia querer falar, impulsivamente, mas essa inclinação era silenciada pelos olhares irados e irritados do marquês. O mais espantoso, porém, era que aquele rosto pálido e imóvel parecia quase humano, a ponto de um leve e indeciso sorriso lhe aflorar aos lábios, que pela primeira vez mostravam ser de carne.

— Não havia necessidade de invadir os meus aposentos a esta hora do dia! — exclamou o marquês, pela segunda vez. — Você não tem nenhuma compreensão, Louis, nenhuma sutileza. Arsène ainda não voltou da caçada, mas você podia muito bem ter esperado nos aposentos dele, sem me incomodar.

— São quase três horas — replicou Louis, naquela voz suave que sempre reservava para o pai.

O marquês ficou espantado de ouvi-lo como que pedir desculpas, coisa rara em Louis.

— O senhor geralmente se levanta bem antes.

— Mas hoje não — disse o marquês, fazendo uma careta, ao ver o braço do filho mover um pouco os cortinados, deixando entrar uma quente réstia de sol.

— Não estou bem — continuou, com irritação crescente. — Devem-lhe ter dito isso.

(Jma sombra de alarme perpassou o rosto de Louis. Levantou-se e aproximou-se da cama, a batina caindo, em pregas pesadas, à sua volta. Armand afundou-se ainda mais sob as cobertas e deitou um olhar de censura ao filho. Sentia-se encabulado. Sua vaidade era tão grande que não podia suportar que o filho visse como ele era ao natural, mesmo àquela luz coada. Ficou ainda mais indignado e espantado quando Louis ousou colocar a mão fresca na sua testa, para ver se estava febril.

O marquês, aborrecido, fez com que ele retirasse a mão. Mas Louis não ficou ofendido. Estava por demais preocupado. Disse, numa voz medida e apreensiva:

— Um homem da sua idade, meu pai, devia usar de mais discrição. Não peço que se transforme num

monge, mas recolher-se mais cedo algumas noites, dançar um pouco menos. . .

Mas aquilo foi demais para Armand. Endireitou-se na cama, a camisola de seda branca deixando ver, claramente demais, a sua pele murcha e escurecida e o tom cadavérico do seu rosto, apesar dos pés e dos rugos da noite anterior. Embora estivesse escuro dentro do quarto, Louis ficou horrorizado com o que viu.

— Um homem da minha idade! — gritou o marquês, dando a impressão de que ia pular da cama e atirar-se a Louis com fúria assassina. Seus olhos pretos pareciam escaravelhos. — Como ousa você dizer isso, seu eunuco, seu padeco, seu jesuíta sem sangue nas veias?

Louis estava acostumado aos insultos do pai mas, nesse dia, eles o afetaram visivelmente. Recuou para a sua cadeira e sentou-se. Mas não tirou os olhos do pai, que gritava como louco na cama, e neles havia uma estranha melancolia. Ouviu em silêncio as palavras de ódio, os gritos obscenos que saíam, como jatos de vitríolo, daqueles lábios retorcidos, sobre os quais os restos de pintura lembravam pústulas sangrentas. Pela primeira vez, as palavras calaram fundo dentro dele e pareceram queimar-lhe o coração, pois acabou deixando a cabeça pender-lhe sobre o peito.

Apesar dos seus transportes de fúria, Armand, passados alguns momentos, apercebeu-se da inexplicável atitude do filho. Mas nem a curiosidade foi o bastante para esquecer a raiva que sentia dele. Antes de afundar de vez debaixo das cobertas, gritou:

— Fora daqui! Morbleu, você me pôs mais doente do que eu já estava!

Louis levantou-se majestoso e digno. Estava ainda mais pálido que dantes.

— Vou esperar por Arsène nos seus aposentos — disse, calmamente. — Era o que eu devia ter feito, sem vir até aqui perturbá-lo.

Atravessou o quarto seguido do olhar de Armand, exasperado e ofegante. Por fim, a curiosidade e a apreensão fizeram com que o marquês perguntasse:

— Então, por que é que você fez questão de me atrapalhar o descanso, idiota?

Louis, a mão na maçaneta, respondeu, sem voltar:

— Tenho um recado importante para Arsène. Pensei que talvez lhe interessasse. Além disso, por estranho que pareça, queria conversar um momento com o senhor, a sós.

Mas Armand ouvira apenas as primeiras palavras, e o medo crônico irrompeu dentro dele. Havia muito acreditava que Louis constituía um perigo implícito para o seu amado Arsène. Ergueu-se novamente da cama.

— Fique — ordenou, com voz seca.

Louis voltou-se lentamente, mas não se aproximou da cama. A máscara fria da dignidade cobria-lhe de novo o rosto.

Armand olhou para ele com embaraço, a cabeça inclinada para a frente, para melhor poder ver através da penumbra perfumada do quarto. Umedeceu os lábios ressequidos e pintados.

— Dê-me o recado, que eu o entregarei a Arsène. — Sorriu malevolamente, enrugando o rosto. — Depois você pode voltar para as misteriosas ocupações que absorvem a atenção dos padres.

— O recado é para Arsène — retrucou Louis, com aparente calma. — Sua Eminência quer recebê-lo em audiência amanhã de manhã.

Um medo histérico tomou conta de Armand, mas ele forçou-se a sorrir desdenhosamente.

— É assunto importante? Uma carta teria sido suficiente. Mas vocês, padres, têm a mania de fazer com que tudo pareça muito importante.

Apesar do desprezo aparente, o medo estampado no seu olhar não diminuiu.

— O recado é inofensivo e bastante cortês — assentiu Louis.

— Mas eu queria falar com Arsène a respeito. Sua Eminência deixou-me entrever o propósito da audiência, e eu desejava comunicar as minhas conclusões ao meu irmão, para seu próprio bem.

— Não fique aí, de pé, como um espectro! — gritou Armand.

— Meu Deus, já não basta o frio que sinto?

Louis voltou para a sua cadeira. Um sorriso frio e amargo curvou-lhe os lábios, que mais uma vez pareciam feitos de mármore.

Armand umedeceu os beiços, e os seus olhos fixaram-se em Louis.

— Qual o propósito dessa audiência? — perguntou, desdenhoso.

Louis deu imperceptivelmente de ombros.

— Seria demasiado cansativo ter de lhe dizer e depois a Arsène. Mas talvez, depois que eu tiver falado com ele e me tiver ido embora, Arsène lhe diga do que se trata.

Sorriu de novo, sutilmente.

A resposta nada fez para aliviar a preocupação de Armand. Tinha a certeza de que havia algo sinistro nas observações de Louis. Levou a mão venosa às pregas da garganta e tentou penetrar a camada de gelo que cobria o rosto do filho.

Sabendo que Louis detestava Arsène, Armand concluiu que a segurança deste último estava em aplacar o jovem e terrível sacerdote. Lembrou-se das palavras de Louis, antes de se dispor a sair do quarto. Fez com que o seu rosto assumisse uma expressão exausta, recostou-se de novo nas almofadas e gemeu e suspirou, fechando os olhos.

— Você é irritante, Louis — murmurou ele. — Não obstante, peço desculpas pelos meus comentários precipitados. Estou transtornado. Há alguns dias que sofro de um mal-estar misterioso. O meu médico não achou nada de alarmante no meu estado — acrescentou, mais que depressa, ao ver que Louis tentava aproximar-se da cama. — Mas eu achei que alguns dias de repouso, talvez um mês ou dois nas nossas propriedades, poderiam ter um efeito salutar sobre a minha saúde. Tem sido uma temporada demasiado cansativa, na Corte, para quem, como eu, tem um constituição frágil.

— Seria muito bom que o senhor fizesse uma visita às nossas propriedades — concordou Louis, gravemente. — Arsène nunca mostrou interesse por elas, embora vá herdá-las.

À nota de desprezo nas palavras de Louis, Armand abriu os

olhos, mas engoliu depressa as palavras virulentas que ia dizer. Retrucou, hipocritamente:

— Realmente, você tem razão, Louis! Arsène é um pouco frívolo. Vou ter uma conversa com ele e insistir para que ele me acompanhe.

Louis ficou surpreso. Não se lembrava de jamais o pai lhe ter demonstrado tanta consideração e o ter escutado com tamanho interesse. Aproximou mais a cadeira e lançou a Armand um olhar comprido e esperançoso. O marquês sorriu-lhe amigavelmente, dentre as almofadas, embora as suas pálpebras se contraíssem com a dor de cabeça que sentia.

— Se não me engano, você disse que queria falar comigo, Louis — disse ele, em tom hesitante.

Ao ouvir aquilo, a expressão de Louis mudou de novo, tornou-se agitada. Não corou, mas a opacidade do seu rosto iluminou-se, suavizou-se. Ergueu-se abruptamente e olhou em volta, confuso. Depois, como se não tivesse consciência do que fazia, desabotoou a batina e despiu-a, ficando apenas com o gibão preto e a camisa branca. Assim vestido, não parecia um sacerdote, e sim um daqueles puritanos ingleses, a quem a sobriedade dos trajes dava um ar de dignidade e austeridade. Essa impressão era enfatizada pela pele e os cabelos claros, e pelos impassíveis contornos das suas feições e o azul montanhês dos seus olhos.

Mas não havia qualquer rigidez em Louis, de pé à beira da cama do pai, olhando para ele com ansiedade encabulada, incapaz de encontrar palavras para expressar a emoção que sentia. Enervado com a atitude do filho, o velho pôs-se a procurar a caixa de rapé em cima da mesinha-de-cabeceira. Tomou uma pitada e, a fim de escapar ao olhar de expectativa do filho, fingiu examinar com interesse a tampa da

caixa, como se nunca a tivesse visto. Sorriu maliciosamente, pois na caixa estava esculpido, em ouro e esmalte brilhante, o mais debochado dos duos. As figuras do homem e da mulher eram minuciosamente representadas na sua beleza desnuda; as cores eram verdadeiras, e as atitudes, embora íntimas, eram cheias de graça. Arsène dera a caixinha de presente ao pai, no seu aniversário, e Armand recebera-a com deleite. Por um momento, o marquês esqueceu-se de Louis, de pé diante dele, mudo e suplicante. Achava a figura da mulher especialmente fascinante, e recordou que o Cardeal, sempre amante do fora do comum e do belo, admirara-a com uma risada. Ao lembrar-se do Cardeal, lembrou-se de Louis e recolocou furtivamente a caixa sobre a mesa.

Mas Louis, o inocente, percebera o gesto do pai. Havia algo de infinitamente patético no seu olhar, ao se abeirar da mesa e pegar na caixa, num ato puramente instintivo. Vira o pai sorrir e tinha querido saber o motivo, pensando que ele os aproximaria ainda mais. Ao ver a intenção de Louis, Armand estendeu a mão para esconder a caixa, mas depois, rindo perversamente, deixou que o filho pegasse nela.

Louis segurou a caixa na mão e contemplou, em silêncio, a figura esculpida na tampa. Armand ficou à espera, olhando para o filho com um sorriso venenoso. Estava crente que ele ia estremecer ou fazer alguma exclamação de vergonha ou desgosto. Mas Louis, embora corasse, não recuou e nem fez qualquer gesto perceptível de repulsa.

— Foi presente de Arsène — murmurou o marquês, perversamente.

Louis virou-a de um lado e do outro. Durante um momento, ficou calado, mas depois disse, com um sorriso:

— Meu irmão tem um estranho sentido de humor.

Estava agora muito vermelho. Parecia ter-se esquecido da presença do pai. Ficou a olhar para a pequena e brilhante imagem na tampa da caixa e sentindo um calor subir-lhe às faces e à testa. Quando voltou a pousar a caixa na mesa, a sua mão tremia. Procurou falar, mas não conseguiu. Armand olhava para ele, espantado e boquiaberto.

Por fim, Louis disse, numa voz baixa e trêmula, os olhos fixos no rosto do pai, como que implorando:

— Em toda a minha vida fui incapaz de me aproximar de qualquer outro ser humano. Talvez a culpa tenha sido do meu temperamento. Talvez houvesse em mim uma certa inclinação a me afastar dos outros homens. Não sei. Mas agora me dou conta do que faltava na minha vida. Não desejei ficar de lado, fugir, me apartar dos outros. Não! — exclamou, com veemência. — Sempre ansiei por uma aproximação, sempre quis ser compreendido, participar da vida e das suas alegrias. Entendo agora que sempre tive medo, que era esse meu medo que me mantinha isolado. Não sei por quê. Só sei que é assim. Mas agora percebo que esse meu medo foi o causador da minha tristeza, da minha solidão.

Fez uma pausa. Armand olhava para ele, incrédulo. Louis ergueu as mãos, mas logo as deixou cair.

— Nunca quis ficar isolado — disse ele, numa voz quase inaudível, mas com um olhar implorativo e desesperado.

Se uma das estátuas de pedra do seu jardim tivesse aberto a boca e lhe falado aquelas estranhas palavras, Armand não teria ficado mais espantado. Dotado de uma certa sutileza perversa, compreendeu logo o que se passava com o filho. Aos poucos, enquanto olhava para ele, a crueldade despertou de novo no seu íntimo, e ele riu, num silêncio diabólico.

Ah, se Arsène estivesse presente!, pensou, deliciado. Como ele riria comigo deste idiota beato e pretensioso! Imaginou as palavras que usaria para contar a Arsène aquela cena incrível, e os seus lábios secos e pintados se contorceram, antegozando a cena.

— Morbleu! Você está ficando sentimental, hein, Louis? — murmurou, com um olhar malévolo para o filho.

— Sentimental? — repetiu Louis.

A luz nos seus olhos empalideceu, e ele deu a impressão de se encolher.

Armand ergueu um fino indicador e brandiu-o na direção do filho.

— A sua alma está dolorida, meu caro Louis, e eu conheço bem essas dores! Ou se originam do desejo de ir para a cama com uma bela mulher, ou de uma má digestão. Se você não fosse padre, eu lhe aconselharia uma nova amante, ou um novo chef. Mas — prosseguiu ele, cada vez mais divertido — como você é um casto sacerdote, não lhe posso aconselhar uma nova amante, e, como você não tem paladar, seria inútil o segundo conselho. Você está mesmo malparado, Louis!

Continuou cada vez mais divertido:

— O fígado ou os órgãos genitais, Louis! Aconselho-o a examinar consigo mesmo, ou com o seu egrégio patrão, quais serão as causas do seu mal. Decerto Sua Eminência lhe dará toda a assistência.

Louis ficou calado. Seu vulto parecia diluir-se na penumbra do quarto, e só os seus olhos permaneciam quietos, fixos e luminosos na semi-escuridão, sem se arredarem de Armand. Era como que o derradeiro olhar de um moribundo.

Armand fez uma pausa. Viu o olhar do filho, e uma estranha sensação de frio tomou conta dele, um medo inexplicável. Enco-lheu-se todo na cama. Deitou uma olhadela rápida ao quarto, pois lhe parecia que algo terrível se ocultava nele.

Exclamou, irritado:

— Por que é que você me aborrece com os seus queixumes, criatura desprezível? Foi para isso que você invadiu os meus aposentos a uma hora tão inconveniente? Para se queixar da sua má digestão?

Puxou as cobertas até o queixo e olhou, por cima delas, para o filho. O seu triunfo desaparecera. Sentia apenas medo, provocado pela vaga compreensão de que acabava de cometer um crime.

Ouviu um profundo e trêmulo suspiro. A cabeça de Louis tombou-lhe sobre o peito. Recuou, deixou-se cair na cadeira e cobriu o rosto com as mãos. O medo desapareceu do coração de Armand, substituído por uma sensação de frio intenso.

Ouviu-se bater de leve na porta. Ela abriu-se sem fazer barulho, e o rosto moreno de Arsène surgiu, sorridente. Armand sentiu um súbito alívio, seguido de uma raiva histérica e de ressentimento contra Arsène, por ter demorado tanto a aparecer. Soergueu-se na cama.

— Ah, até que enfim, meu frívolo sucessor, meu amigo dos falcões e dos cavalos, meu perseguidor de saias! Que lhe importa que o seu pai jaza, prostrado, na cama, atendido por imundos lacaios, que se escondem pelos cantos com as camareiras? Eu podia morrer sozinho e abandonado, pelo que lhe diz respeito!

Arsène arqueou as sobrancelhas, bem-humorado, e entrou no quarto. Não viu Louis imediatamente, embora o padre se tivesse logo posto de pé, ao ver entrar o irmão.

— Que extravagância! — exclamou Arsène, risonho. — Todos sabem, meu pai, que o senhor costuma dormir até quase o pôr-do-sol. Além do mais, eu não estava fazendo nada disso de que me acusa, e sim lendo nos meus aposentos.

— Lendo? — gritou Armand, fora de si. — Que filhos eu tenho! Um padre e um rato de biblioteca! Que degenerescência tomou conta de você, Arsène? Logo você, que nunca tocava num livro, a não ser para admirar a encadernação? — Estava incrédulo, roído de suspeitas. — Será que você perdeu a virilidade? Estará pensando em entrar para um mosteiro?

— Eu estava lendo — repetiu Arsène, com um sorriso ainda maior. — Erasmo, Sócrates, Platão, Aristóteles, Lutero. Tenha calma, meu pai. Seus olhos parecem querer pular-lhe das órbitas e já estão bastante injetados.

Armand abriu a boca, perplexo. Mas Arsène apercebera-se da presença de Louis e, embora mal

pudesse distinguir o rosto do irmão, na penumbra do quarto, sentiu o ódio que emanava dele. Nunca se sentira alarmado ou perturbado por qualquer manifestação anterior de aversão por parte de Louis, mas nesse dia, ou ela era mais forte do que de costume, ou a sua sensibilidade estava exacerbada. Ficou calado, o sobrolho franzido, invadido por uma tristeza desconhecida.

Disse, na mais suave das vozes:

— Louis.

O irmão não se mexeu, mas Arsène teve a impressão de que avançara para ele com ar ameaçador, e ficou espantadíssimo. Daquele vulto imponente saiu uma voz baixa e carregada de ódio.

— Vim até aqui para preveni-lo, pensando no nosso pai. Sua Eminência pediu que você vá vê-lo amanhã de manhã, às onze horas. Quer lhe fazer uma oferta magnânima. Aconselho-o a não recusá-la e a ter cuidado com o que vai dizer. As piores consequên-

cias poderão advir de qualquer leviandade ou imprudência da sua parte. Monsenhor está a par das suas atividades, da sua traição. Não obstante, levado pela sua generosidade e pelo seu espírito de misericórdia, está disposto a perdoá-lo. Cuidado para não abusar da sua paciência!

— Que oferta é essa, seu jesuíta sinistro? — gritou Armand, apavorado.

Mas Arsène estava mais surpreso e indignado com a atitude do irmão do que com as suas palavras.

— Não sou nenhum laçao, Louis. Não recebo ordens de nenhum padre, seja de você, seja de Monsieur le Duc. Não gosto da sua maneira de me falar, que não é cortês, nem muito menos fraternal. • de

— Qual é a oferta? — insistiu Armand, fazendo menção de pular da cama.

Agarrou o braço de Arsène com mão trêmula, como que a defendê-lo.

Mas Arsène e Louis ficaram calados, olhando um para o outro, dizendo-se mentalmente coisas horríveis. Por fim, Louis jogou a capa sobre os ombros e, sem olhar para o pai ou para o irmão, saiu do quarto, não rapidamente, mas no seu andar habitual e majestoso.

Com um gesto impaciente mas distraído, Arsène aproximou-se da janela e abriu as cortinas. O sol entrou, enchendo o quarto de uma luz ofuscante. Armand cobriu os olhos com o braço e praguejou.

— Por que fui ter filhos como vocês? — choramingou. — Um monstro e um idiota metido a estudioso! Meu Deus, que destino o meu!

Arsène voltou para junto da cama e olhou para o pai com ar severo.

— Que foi que o senhor fez ao Louis? — perguntou.

Armand deixou cair o braço e olhou, indignado, para o filho.

— Eu? Que modo de falar é esse? Como é que você ousa me falar assim?

Mas Arsène não se deixou intimidar. Não pôde conter um sorriso.

— Você ainda o defende? Atreve-se a censurar o seu pai? — gritou Armand. — Insulta-o com a sua imprudência, seu atrevido sem-vergonha?

Sempre sorrindo, Arsène consertou as almofadas do pai. Encheu um cálice de vinho cor de âmbar e colocou-o na mão do marquês, que, furioso, bebeu-o mecanicamente, os olhos brilhantes e fixos no filho. Arsène encontrou o lenço de renda do pai e tocou

com ele os lábios do velho. Diante daquele gesto de ternura e afeto, as lágrimas afloraram aos olhos de Armand. Segurou a mão do filho e choramingou:

— Arsène, que será que aquele diabo branco está maquinando? Ele é perigoso.

Esfregou a boca com as costas da outra mão, e o “terror aumentou no seu rosto avermelhado.

— Que oferta será essa? Pode ter a certeza de que ele não está tramando coisa boa. É um diabo.

— Louis não é nenhum diabo — retrucou Arsène, gravemente. — O senhor é que às vezes parece um. Que foi que fez com ele?

Armand disse um nome feio e sorriu maliciosamente.

— Ah, esse Louis! — exclamou.

Riu, deliciado, um riso incontrolável, que o fazia rolar sobre os travesseiros. Contou a conversa que tivera com Louis, sem esconder nada. Tinha o dom da narrativa, ágil e viva. Arsène sentou-se e ouviu atentamente. Aos poucos, o seu rosto foi ficando sombrio, os seus olhos começaram a brilhar de piedade e indignação.

— Ah, a cara dele! — gritou Armand, entre risadas. — Uma revelação! Uma cara igualzinha à de um carneiro, você nem faz ideia! Quem poderia imaginar que ele fosse capaz de balir de maneira tão patética? Tenho que contar isso, esta noite. Madame Dou-merque, a mulher mais espirituosa de Paris, vai achar divertidíssimo. Amanhã, toda a cidade estará rindo. Há muito que Louis é o bufão da Corte.

Arsène pôs-se de pé. Olhou para o pai com uma expressão tão séria e tão estranha que Armand ficou boquiaberto.

— O senhor não vai contar nada — disse Arsène, numa voz penetrante. — Nada. O que fez foi cruel e vergonhoso, embora o senhor não se dê conta disso. Previno-o, desde já: se essa história se transformar na piada do dia em Paris, eu deixarei esta casa e nunca mais voltarei. — O seu rosto tinha uma expressão nova. — Que coisa cruel e vergonhosa! Nom de Dieu! O senhor não tem coração, não tem compaixão.

Parou, compreendendo que de nada adiantava falar, tentar inspirar no pai sentimentos estranhos à sua natureza. Fez um gesto de impotência.

Armand estava sem fala, deitado nas suas almofadas, arquejando e pestanejando, sem poder acreditar no que ouvira. Viu Arsène atravessar o quarto, abrir a porta e fechá-la atrás de si.

Começou, então, a gritar como louco. Agarrou em tudo o que estava na mesinha-de-cabeceira e pôs-se a atirar os objetos ao chão. Primeiro foi a garrafa de vinho, depois o cálice, seguido de várias caixas e garrafas de cristal e de um novelo de lençóis. Finalmente, pegou na caixinha de rapé que Arsène lhe dera e preparou-se para atirá-la também. Mas a mão estacou no ar, e ele caiu, suando, em cima da cama, segurando a caixa, irrompendo em soluços dolorosos.

Arsène estava impressionado com a tristeza e a indignação que sentia. Nunca desgostara do irmão. Sentira apenas indiferença por ele e, no máximo, irritação. Nunca lhe passara pela cabeça que Louis fosse vítima de incertezas. O medo não se coadunava com aquele espírito frio e sombrio. Agora, que percebia que o irmão era vulnerável, triste e solitário, sentia-se tomado de compaixão. Impetuoso e ardente, o seu primeiro impulso era ir procurar o irmão e oferecer-lhe consolo, tentar uma aproximação. Isso ainda o espantava mais. Não conseguia entender as próprias emoções ou o motivo que o levava a olhar para os outros com mais sensibilidade.

Sua consciência do mundo, que antes lhe parecera apenas um sonho multicolorido, cheio de alegria e aventura, era agora tão aguda, que chegava a ser dolorosa. Os homens já não eram amigos, ou inimigos, seres a ser amados, ou odiados e exterminados. Eram criaturas cujas personalidades se projetavam na sua, afetando-a com os seus desesperos e as suas angústias individuais. Eram novas percepções, para ele, novas sutilezas, como pequenas feridas, ameaçando abrir-se numa agonia impessoal pelos outros. Sentia-se cheio de uma imensa excitação, de uma inquietação perturbadora, que um homem mais sofisticado ou inteligente teria reconhecido, ou com a qual se teria sentido familiarizado, como alguns homens se sentem familiarizados com velhas dores.

As circunstâncias da sua vida particular tinham passado a um segundo plano. Embora faltasse menos de uma semana para o seu casamento com Clarisse de Tremblant, ela lhe aparecia apenas como uma bela inconsequência, em seus sonhos. Deliciava-se com o lindo rosto e a perfeita silhueta da noiva, mas ela não tinha lugar nos seus pensamentos. Havia dias em que se esquecia inteiramente dela.

O esquecimento assaltava-o com frequência, ultimamente, e os amigos, ofendidos, olhavam-no com frieza, ou fingiam ignorá-lo, quando se encontravam, fazendo com que ele se perguntasse: Que jantar ou festá terei esquecido? A princípio, isso o preocupava, e ele procurava lutar contra os novos pensamentos, que o tinham invadido como um exército estranho e silencioso. Depois, tornara-se indiferente. A única coisa que lhe importava era compreender.

Na véspera do dia em que encontrara Louis nos aposentos do pai, voltara à casa de Paul de Vitry. Paul recebera-o com o afeto de sempre, apertara-lhe calorosamente a mão e fitara-o com os seus radiosos olhos cinzentos, nos quais havia apenas amor e ternura.

Mas Arsène sentira-se irritado. Paul tinha uma visita, um homem de meia-idade, alto e forte de corpo, austeramente vestido e com os cabelos curtos, o bigode e o cavanhaque grisalhos. O rosto era largo e vermelho, com um par de olhinhos brilhantes e azuis como duas pontas de espadas, e lábios carnudos e vermelhos. Ao ser apresentado a Arsène, falara numa voz gutural, embora o «eu francês fosse perfeito. As pontas de espada dos seus olhos tinham penetrado Arsène com franqueza e simplicidade.

Tratava-se do Conde Derek Van Tets, um protestante holandês que vivia temporariamente em Paris. Dentro de um dia ou dois, viajaria para a Inglaterra, levando uma mensagem' para o Parlamento Britânico. Grande proprietário de terras na Holanda, suas propriedades tinham sido invadidas pelos espanhóis de Felipe II. Contara isso em poucas palavras, mas, ao fazê-lo, empalidecera e os seus olhos tinham-se iluminado.

— Amo o meu povo — dissera, calmamente. — Vi o que os católicos fizeram com ele. Mas os holandeses não se deixaram abater. A vez deles chegará.

Ao dizer isso, cerrara os punhos e olhara para Arsène com uma expressão assustadora.

Paul colocara a mão no ombro do conde e dissera a Arsène:

— Estávamos de partida para o hôtel de Rohan. Monsieur le Comte Van Tets tem um recado para de

Rohan. Sabemos que o Duque de Bouillon e o Duque de Tremblant também estão à nossa espera. Quem sabe você gostaria de vir conosco?

Arsène aceitara, ansioso, percebendo que havia algo de muito importante no ar. Havia também algo, na simplicidade e na força do holandês, que lhe inspirava respeito e simpatia. Antes, ele detestara todos os estrangeiros, demonstrando desprezo ou animosidade por eles. Agora, compreendia que os homens são todos iguais, em substância.

Foram a pé até a residência parisiense do Duque de Rohan, no número 8 da Place Royale. A casa estava bem guardada, pois de Rohan não confiava em ninguém. Era evidente que Paul fora reconhecido pelo comandante da guarda, que, não obstante, fingira ignorância e desconfiança, a fim de mostrar a sua autoridade. Arsène levara impulsivamente a mão à espada, mas Paul sorria pacientemente e dirigira-se ao comandante pelo primeiro nome. O militar servira também ao Marquês de Vaubon e conhecia Arsène desde garoto, mas fingira suspeitar também dele, mordendo o lábio e franzindo as sobrancelhas. Arsène não pudera conter o riso diante daquilo.

— Ah! — exclamara ele. — Não precisa fingir que não me reconhece, Grimaud! Isso não o absolverá de me estar devendo cinquenta libras!

O comandante enrubescera e fizera uma profunda reverência.

— Perdoai-me se não estou à altura dos meus deveres, Monsieur de Richepin! — dissera ele.

— Até que você está melhorando — retrucara Arsène, bem-humorado. — Lembro-me de que você e seus homens beberam tanto, numa noite de Natal, que os ladrões entraram no hotel de Vaubon e carregaram tudo o que puderam.

Encontraram o Duque de Rohan e seus amigos esperando por eles na grande biblioteca, cheia de livros que o pai do duque colecionara durante anos e anos. Já o duque era completamente indiferente à leitura e, sentado no meio de tantos livros, parecia ainda mais grosseiro. A luz difusa dos grandes candelabros de pés de bronze misturava-se com as grandes toras em brasa, que ardiam, à luz crepuscular, na enorme lareira de mármore preto. Os retratos dos antepassados do duque pendiam das paredes forradas de lambris, e os seus rostos severos pareciam mais pálidos e espectrais à luz das velas. Os cortinados vermelhos cobriam as janelas, e havia na atmosfera uma tensão que não escapava aos três recém-chegados. Não obstante, o Duque de Bouillon sentava-se negligentemente no seu cadeirão dourado, perto da lareira, como sempre distinto, bebendo lentamente vinho num cálice dourado. O Duque de Tremblant estava andando de um lado para o outro da sala e, quando Paul e os amigos entraram, voltara-se e sorria para eles com ar preocupado. Colocara o cálice sobre uma comprida mesa de carvalho esculpido e avançara para eles. Apertou a mão de Arsène, sempre sorrindo, como se estivesse surpreso com a presença do jovem. O olhar que deitou a Paul foi de profundo afeto, e saudou Van Tets com afável cortesia.

Como sempre, de Rohan cumprimentou os três com grandes brados.

— Como está o nosso caro marquês? — perguntou a Arsène, arqueando uma sobrancelha ruiva. — Perdi quinhentas coroas para ele, ontem à noite, nas mesas de jogo.

— E eu perdi mil — observou de Bouillon, com o seu sorriso gélido.

Virou-se ligeiramente para Paul e fez uma reverência.

— Conheci bem seu pai, monsieur. Se o filho for a metade do espadachim que ele era e tão gentil-homem quanto ele, será uma pessoa extraordinária.

A presença de Paul desanuviara imediatamente a atmosfera reinante. Seu olhar era tão gentil, suas maneiras tão francas e simples, o seu sorriso tão aberto que sempre tinha o dom de levar paz e tranquilidade aonde quer que fosse. De Tremblant, que o amava como se fosse seu filho, mal podia

tirar os olhos dele, e a preocupação estampada no seu rosto quase desapareceu.

— Messieurs — disse Paul, olhando de um para o outro —, quando pedi para trazer aqui o Conde Van Tets, foi para que vocês pudessem ouvir, dos seus próprios lábios, o que aconteceu na Holanda e o que podemos esperar, caso haja outra perseguição aos huguenotes, na França.

— Contaram-me — interrompeu de Rohan, com um riso lascivo — que Sua Eminência recentemente visitou, por várias vezes, uma certa dama, no maior dos segredos. Dizem que ele saiu dos aposentos dela ao amanhecer, faz dois dias, levando consigo uma fita semeada de pérolas, que antes se aninhava numa parte muito íntima do corpo da citada dama.

Paul comprimiu os lábios, repugnado, e, embora ficasse alarmado, desviou os olhos e disse:

— Nunca dou ouvidos a boatos desses.

De Rohan assentiu com a cabeça.

— Pode ter a certeza, monsieur, de que eu não sou mexeri-queiro. Quem me contou isso é digno de todo crédito.

— Pago com o seu dinheiro — acrescentou de Bouillon.

Mas de Rohan não se deu por achado.

— É verdade — respondeu. — Sem dúvida percebem que a deliciosa sedução de Sua Eminência coloca-nos numa situação muito grave. Até aqui, ele sempre esteve entre nós e os Habsburgo e a espanhola. Agora, cativo do leito dessa dama, está surdo a todos os perigos que ameaçam a França. . . e a nossa causa.

De Bouillon revirou a haste do cálice nos dedos elegantes, pensando em Sedan e nas suas ambições. Seus lábios finos e duros formavam uma curva secreta e implacável. Pouco dado a conversas, exceto quando tinha algo a esconder, ouviu atentamente o que os outros diziam.

De Tremblant falou, num tom preocupado e refletido:

— Se isso for verdade, e tenho a certeza de que Monsieur lç Duc não nos rdiria nada se tivesse a menor dúvida a respeito — acrescentou, fazendo uma reverência a de Rohan —, corremos realmente um grave risco. Conhecemos o ódio dessa. . . certa dama. . . , e sabemos que, se o Duque de Richelieu for seduzido por ela, estaremos perdidos. La Rochelle será atacada. O Edito de Nantes será revogado. Os huguenotes serão destruídos, ou exilados, em toda a França. Não tardará que a guerra civil irrompa entre nós. Ficaremos então, à mercê da Inglaterra e das Alemanhas, e seremos invadidos pelos Habsburgo, a pretexto de uma aliança conosco contra os hereges. Isso será o fim da França.

De Bouillon deitou-lhe um olhar frio e cauteloso.

— Mesmo que La Rochelle seja atacada e caia, isso não significa que todos nós estejamos perdidos — disse ele, pensativo.

Voltou a pensar em Sedan e no estado renano, que não lhe saíam da cabeça, e disse para si mesmo que, se o pior acontecesse, ele poderia entrar num acordo com o Cardeabn

De Tremblant, com a sua capacidade de adivinhar o que se passava na mente dos outros, voltou-se para de Bouillon e exclamou, com voz trêmula;

— Monsieur, não acredite, nem por um instante, que haja um canto qualquer da França seguro, se La Rochelle cair. Não haverá anistia para os traidores, nem da parte do inimigo, nem dos seus antigos amigos.

De Bouillon olhou para ele com a sua máscara fria, que nada deixava entrever. De Tremblant prosseguiu:

— Existem certas pessoas que, por motivos pessoais, levadas pela ambição e por desígnios egoístas, não se importariam de trair a França. Essas pessoas não são francesas, apenas maus homens, que acabam destruídos por um destino inexorável. A história é uma prova disso. Infelizmente, muitos inocentes

morrem antes que eles sejam castigados. Daí aprendemos que o traidor deva ser sempre o primeiro que o patriota precisa destruir. Podem ter a certeza, messieurs — e virou-se para os outros, com expressão emocionada —, que eu sempre fui a favor da paz, mas que considerarei meu dever, como francês, matar o traidor com a minha própria mão.

De Rohan riu alto e bateu no ombro do outro.

— Que extravagância! — exclamou. — Não há traidores aqui, meu amigo. Ou algum de nós será suspeito?

Mas de Tremblant não sorriu. Estava por demais abalado para isso.

— Não suspeito de ninguém pelo que os outros me digam, mas quando eu próprio descubro motivos para tal.

. Uma breve expressão de desprezo brilhou nos olhos frios do Duque de Bouillon, mas ele não mexeu nem um dedo. O Conde Van Tets ouvira tudo colti a maior atenção, e o seu olhar pousou em cada homem separadamente.

Paul, que sentira um clima de ameaça na sala, ficou muito preocupado. Olhou em volta e disse:

— Estou certo de que nenhum de nós tem um amor mais forte ou um compromisso maior do que para com a França. Confio, messieurs, em que me dêem ouvidos e, depois de mim, ao nosso distinto visitante. É preciso que eu fale primeiro — acrescentou, com um olhar de desculpas ao holandês — porque ele confirmará o que eu vou dizer.

Arsène estivera andando de um lado para o outro, examinando os livros com os olhos críticos do seu recém-descoberto interesse. Voltou para junto dos demais e sentou-se perto da lareira.

Paul ficou alguns momentos calado antes de começar a falar. Enquanto concatenava mentalmente as palavras que ia dizer, deitou à assembleia um olhar desesperado, como se implorando que acreditassem na sua sinceridade, na sua apaixonada convicção. Não havia ninguém, em toda Paris, que, conhecendo o jovem conde, fosse capaz de odiá-lo, pois logo se reconhecia nele um espírito sem crueldade ou maldade, cheio de boa vontade, gentileza, bondade e compaixão. Nem mesmo de Bouillon conseguia desprezá-lo. Reverenciava os homens de poder e, embora o poder de Paul lhe fosse estranho e suspeito, continuava a admirá-lo. Mais do que isso, aquele coração desumano sentia-se misteriosamente tocado por ele.

Começou a falar, com voz urgente, mas suave, sobrecarregada de paixão. Suas mãos se ergueram a meio, ao olhar separadamente para cada um dos presentes:

— Já se disse que o protestantismo é o herdeiro de todos os homens de boa vontade através dos tempos. Dos homens de coração, sensibilidade e piedade, dos homens que formularam a doutrina revolucionária de que todos somos irmãos e iguais perante Deus. Baseados nessa premissa, declararam que todos os homens deveriam ser iguais perante os outros homens, e não oprimidos, nem injustamente castigados, nem tratados sem piedade, nem aniquilados pelo capricho dos tiranos. Declararam que os pensamentos e as palavras de um homem devem ser respeitados, que não devem ser impedidos de ir e vir livremente, que o seu lar é inviolável e que os frutos da terra não lhe serão confiscados quando ele os tiver ganho pelo seu trabalho e pela sua coragem. São coisas simples, verdades fundamentais, que foram expressas por espíritos superiores no Egito, em Israel, na Grécia e em Roma, ditas por Erasmo, Lutero e seus seguidores. Mas apenas uns poucos acreditaram nelas.

Fez uma pausa. O rosto comprido e feio de de Tremblant estava profundamente emocionado. De Rohan olhava, boquiaberto e pestanejando. O holandês, sentado perto do fogo, inclinara a cabeça, e a mão escondia-lhe parcialmente o rosto. Arsène, de pé ao lado do amigo, sentiu o coração dilatar-se

misteriosamente, numa crescente excitação. Mas de Bouillon limitou-se a escutar com uma expressão de contido desdém, as pontas dos dedos tocando a boca rígida.

Paul prosseguiu, numa voz mais rápida:

— A Igreja Católica Romana professou esposar esses princí

pios de fraternidade, justiça, misericórdia e compaixão. Proclamou acreditar na igualdade dos homens, ensinada por Jesus.

— Não obstante, sem qualquer piedade, mas com ódio, crueldade, perseguições e opressão, os seus atos negaram as suas intenções. Isso aconteceu desde que ela ascendeu ao poder. Foi o poder que a corrompeu. Enquanto os seus porta-vozes proclamam as mais nobres verdades, os padres, seus agentes, colocam-se contra os indefesos e os oprimidos, contra os pensadores e os libertadores. Porque eles sabem que, se a humanidade despertar, a Igreja ficará sem o poder que conseguiu, graças aos serviços que tem prestado aos tiranos e aos assassinos, aos ricos e aos poderosos.

— A Igreja colocou-se contra o esclarecimento dos povos. Certa vez, o Duque de Richelieu me disse: “Eu diria que a maior calamidade que se abateu sobre a Europa, nestes últimos quinhentos anos, não foi Lutero, e sim a invenção da imprensa. Nunca poderemos perdoar isso aos alemães”. Essa franqueza não é exclusiva dele. A Igreja tem frequentemente expressado a sua oposição ao esclarecimento dos homens, por acreditar que o acesso às ideias das idades de ouro levará os homens a pensar. Sempre foi contra os pensadores, contra os filósofos, porque eles despertam nos outros homens a consciência da sua dignidade perante Deus e os homens, suscitando pensamentos de ira e indignação contra os opressores.

— A Igreja declara que Deus decretou a condição de cada homem e que quem nasce humilde e indefeso tem que permanecer assim e não se revoltar contra os seus amos. Isso é excelente para os patrões, aos quais a Igreja serve. A Igreja decretou a pobreza e a ignorância, a obediência e a humildade para a enorme massa dos miseráveis, e a caridade, a piedade e o poder para os ricos e afortunados. Ofendeu, assim, a grande maioria das pessoas, relegando-as ao nível de animais inferiores, e exaltando os que tiveram a sorte de herdar poder e privilégios. Através dessa doutrina e do serviço prestado aos grandes, obteve poderio para si mesma.

A sua voz, urgente e apaixonada, arrostava os que o ouviam, embora a três deles, pelo menos, as suas palavras parecessem revolucionárias e surpreendentes. Mas de Tremblant, com um sorriso trêmulo, inclinou-se para a frente, a fim de ouvir melhor. O rosto do jovem conde irradiava todo o fervor do seu espírito altruísta. Seus olhos ardiam e reluziam à luz do fogo e das velas, como se iluminados por um vulcão dentro dele.

— No início — continuou — o protestantismo colocou-se contra a injustiça e a opressão da Igreja e daqueles a quem ela servia. Colocou-se contra a ignorância que a Igreja sempre advogou para a multidão anônima e desesperada. Erasmo escreveu sobre isso. Lutero, com a sua voz poderosa, proclamou essas coisas para todos os

homens. No início, o protestantismo representou a libertação da humanidade dos grilhões e do açoite de séculos de domínio por parte da Igreja. Acendeu uma lâmpada que permanecera apagada durante centenas de anos, e mostrou a miséria e os tormentos que a Igreja infligira aos destituídos de voz e aos deserdados.

— Deus deu a Sua bênção à revolução espiritual do protestantismo. Pela primeira vez em séculos, o povo se endireitou e contemplou, ofuscado, a luz da libertação. Uma nova aurora surgiu. Pela primeira vez na história da humanidade, o protestantismo tornava universalmente reais os ideais da fraternidade, da liberdade e da igualdade. Prometia sustentar esses ideais, projetá-los na história como uma força poderosa e revitalizante, livre e transmissora de vida. A Igreja temeu-o e odiou-o, por saber que o

protestantismo era a trompa que despertaria os homens da inércia em que a opressão e o desespero os haviam lançado.

Nenhum dos presentes sé mexeu, enquanto ele falava. O rosto de de Bouillon tornara-se tão pálido, que mais parecia o contorno de um fantasma, Mas, por estranho que parecesse, o rosto de de Rohan, forte, grosseiro e brutal, tornara-se refinado e ansioso, como se aquela alma terra-a-terra tivesse sido tocada por uma primavera mística. Havia como que vergonha nos seus olhos vividos. Pensou consigo mesmo: Era assim que o meu pai falava e eu já tinha esquecido!

Mas o rosto de Paul ensombrecera de sofrimento e angústia. Ergueu as mãos e deixou-as cair.

— Nestes últimos cem anos, porém, a aurora transformou-se de novo em noite. O grito de libertação calou-se. O protestantismo serviu de pretexto aos grandes senhores para expulsar a Igreja de grandes áreas de terra e de vedar-lhes o acesso a riquezas fabulosas, que para si mesmos cobiçavam. É preciso confessar que, até certo ponto, a Igreja evitara que os príncipes detivessem muito poder pessoal. Agora, os príncipes queriam desferrar-se. De nada lhes importava a libertação dos seus povos, o esclarecimento da alma humana, os princípios de liberdade, igualdade e fraternidade. O protestantismo era a trombeta que os conclamava a revoltar-se contra as restrições de uma Igreja que lhes negava o poder que ela própria desejava deter. O sonho terminara. O homem foi de novo compelido a aguardar um novo dia de libertação. Entre a pedra superior da Igreja e a pedra inferior dos príncipes protestantes, o povo viu-se de novo esmagado. Mas o frio e estéril protestantismo dos príncipes não tinha calor, não prometia esperança ou vitalidade a esse povo.

Ergueu de novo a mão e exclamou, numa voz forte e impetuosa:

— Devemos colocar-nos contra a sede de poder da Igreja, contra a sua traição aos oprimidos e aos indefesos, e contra a traição, a cobiça, o cinismo e as manobras políticas dos nobres protestantes! Ambos são inimigos da liberdade, da justiça, da paz e da dignidade dos homens. Nenhum expressa uma verdadeira religião, a consciência da relação existente entre Deus e os homens. Roma deseja apenas a escravidão, e a cegueira do povo, para melhor poder submetê-lo, e o protestantismo deseja manter esse povo num estado de ódio, a fim de poder alcançar da Igreja vantagens políticas!

— Devemos nos erguer, com firmeza e paixão, contra essas duas infâmias. De outra maneira, a causa do homem contra os seus opressores estará para sempre perdida. Foi por isso que vim até aqui esta noite, para pedir-lhes ajuda. É preciso esquecer as ambições políticas, o apego aos próprios privilégios. É preciso ressuscitar o velho espírito protestante, para o bem de toda a humanidade. É preciso dedicar-se à libertação do mundo, à liberdade, à justiça e à misericórdia!

Calou-se, abruptamente, mas o seu rosto, os seus olhos, os seus lábios trêmulos e as suas mãos estendidas eram mais eloquentes do que as suas palavras. De Tremblant avançou para ele, passou-lhe o braço pelos ombros e encarou os outros.

— Se não fizermos isso, com dedicação e coragem — disse ele —, a França estará perdida.

— Mas não só a França — prosseguiu Paul. — A causa do protestantismo estará perdida para o mundo se formos remissos, se sucumbirmos à traição que existe no fundo dos nossos corações. O protestantismo tem seguido um curso sinuoso na Inglaterra, mas, graças aos esforços de alguns dos seus filhos mais dignos, está começando a dar ótimos frutos, a despertar a consciência dos ingleses.

De Bouillon estremeceu, ao ouvir aquilo, e fixou em Paul os seus olhos velados, como que especulando e refletindo.

— Acredita realmente, monsieur, que a Inglaterra esteja generosamente preocupada com a segurança do protestantismo na França?

— Acredito — replicou Paul. — Acredito que Buckingham nos ajudará, se formos atacados pelo Cardeal ou pelos Habsburgo.

— Não obstante disse de Bouillon, pensativo — ouvi dizer que uma certa dama fez Buckingham prometer que não mandaria socorros aos rochelenses, em caso de rebelião.

Paul empalideceu e os seus olhos faiscaram, alarmado.

— Tem a certeza disso, Monsieur le Duc?

De Bouillon deu de ombros.

— Não costumo repetir boatos.

Paul ficou calado e olhou desesperadamente de um rosto para o outro.

De Rohan disse lentamente:

— Mas existe uma maneira, messieurs. Por exemplo, se ficasse patente que essa. . . certa dama. . . trairia o seu novo admirador, Buckingham poderia não sobreviver o tempo suficiente para manter a sua infame promessa.

Fez-se um profundo silêncio na sala. De Rohan olhou para todos os presentes com ar cínico e um brilho triunfante nos olhos avermelhados.

Paul continuava pálido.

— Não sou a favor de assassinatos, mesmo em se tratando de um traidor — murmurou ele.

De Rohan trocou um olhar divertido com de Bouillon.

— Ah, mas que santo que esse nosso jovem é! Monsieur, não acha que os homens violentos devem ser tratados com violência?

— É um visionário — disse de Bouillon, deitando a Paul um sorriso cínico. — Monsieur, é verdade que libertou os seus camponeses, tornou-os co-proprietários das suas terras e que eles só lhe entregam uma pequena parte do que cultivam?

— Sim, é verdade — respondeu Paul.

— E acha que nós deveríamos seguir-lhe o exemplo?

— Naturalmente — disse Paul, olhando firme para os demais. — Tenho mais do que o suficiente para um homem. Os meus homens trabalham nas minhas propriedades, de modo que, perante Deus, a maior parte dos frutos que a terra produz lhes pertence de justiça. Não preciso mais do que tenho. Nenhum homem deveria ter mais do que precisa.

— Filosofia revolucionária — murmurou de Bouillon e riu de leve. — Mas lhe garanto, monsieur, que a sua extraordinária generosidade não se repetirá universalmente.

— Contudo, esse procedimento foi advogado pelos mais nobres dentre os líderes protestantes — disse Paul.

De Bouillon deu de ombros. Continuava a sorrir, mas olhou para Paul com aquele ar de sinistra meditação que os seus inimigos conheciam de sobra.

— Nunca ouvi tanta loucura! — exclamou, por fim. — O que resultará de tudo isso? Será que monsieur acredita que pode ensinar o gado a andar como gente e a falar numa linguagem humana?

De Tremblant interrompeu, com um sorriso triste:

— Monsieur de Vitry acredita que os homens possam ser educados acima dos seus instintos. Eu não creio inteiramente nisso. Como se pode impor razão à emoção natural, ou aos preconceitos que se originam das emoções? Numa crise, o instinto e a emoção acabarão suplantando a educação e a razão.

— Não obstante, partilho até certo ponto das convicções de Monsieur de Vitry. Não creio que a liberdade e o esclarecimento possam elevar todos os homens acima da sua estatura original. Mas acredito que o ar de liberdade e esclarecimento faça florescer alguma alma rara, algum espírito de valor para o mundo, e que atualmente esteja inevitavelmente perdido. Esse espírito raro tem que ser salvo, selecionado, alimentado para o bem de todos nós, para o bem da França. O preço que temos de pagar é

pequeno, se comparado com o objetivo em vista.

— Não entendo essas sutilezas — disse de Rohan, impaciente. — Só sei que o protestantismo não pode acabar na França e que vou defender a minha gente até à morte. Isso é tudo o que posso prometer. Sou um homem de ação e não um jesuíta, cheio de belas frases de sentido obscuro.

— A sua promessa é mais do que suficiente — garantiu-lhe Paul, com um sorriso bondoso.

— Não acredito que Monsieur le Comte fale sério! — exclamou de Bouillon. — Vamos ser realistas. Embora eu seja huguenote, sou cego aos resultados obtidos na Inglaterra. A Reforma, na Inglaterra, provocou a ascensão de uma espécie grosseira, que está criando uma desprezível classe intermediária de comerciantes e artesãos, um clima no qual a tradição aristocrática, que mantém um bastião inatacável entre a ralé e as classes superiores, acabará por morrer.

Deitou aos outros um olhar bem-humorado.

— Vamos refletir. Pertencemos à aristocracia. Não podemos permitir que alucinações de visionários ponham em risco os nossos privilégios, os direitos que nos cabem por sangue e berço. É uma pena que o protestantismo pareça dar origem a uma degradada classe média, onde quer que floresça. Não podemos permitir isso, por mais fervorosas que sejam as nossas convicções de huguenotes.

De Tremblant olhou para ele, o seu longo e comprido semblante convulsionado de ira e desprezo.

— Monsieur le Duc — disse, com frieza e deliberação — parece ligar menos para o protestantismo do que para as suas ambições. Se o que digo for uma ofensa para ele, cabe-lhe exigir uma reparação. — E levou a mão ao cabo da sua espada. — Mas desde já o previno de que não dou a menor importância aos privilégios conferidos por nascimento, nem aos que se vangloriam deles. Tudo o que tenho, na minha pessoa, nas minhas terras, no meu poder, está à disposição de Monsieur le Comte "de Vitry. Devo dizer, tam

bém, que não sou adversário que se despreze e que nunca me desvio do curso que me proponho seguir.

Acrescentou, pondo a mão no braço de Paul, mas olhando para de Bouillon:

— Há extremos no idealismo deste jovem. Mas não se livram ou vencem batalhas senão com gestos extremados. Se tudo aquilo que consideramos como nossos direitos e nossos nobres privilégios tiver que ser destruído para salvar o protestantismo na França e no mundo, que o seja.

De Bouillon empalidecera mortalmente, ao ouvir aquelas palavras tão corajosas. Não respondeu, mas olhou para de Tremblant com uma expressão turva e perigosa. Os outros tinham assistido a tudo com apreensão, pensando que de Bouillon iria se ofender. Mas o duque permaneceu imóvel na sua cadeira, deitando a de Tremblant um olhar queto, de serpente.

Paul quebrou o silêncio. Ainda estava pálido e começou a tremer.

— Peço-lhes que acreditem que não ambiciono poderes extremos para o protestantismo. Nenhum poder desproporcionado ou arbitrário, seja ele secular ou religioso, pode existir no mundo sem pôr em perigo a liberdade e as vidas de todos os homens. Mas creio que no protestantismo esteja a esperança do mundo moderno, presente e futuro, desde que ele conserve a nobreza e o desinteresse originaes. Foi a proclamação da liberdade para toda a humanidade. Não nos esqueçamos disso e não nos deixemos levar por desejos egoístas e interesses políticos.

A atmosfera pesada que reinava na sala aliviara-se um pouco, mas de Bouillon continuou a olhar para de Tremblant com ar ameaçador. Paul voltou-se nervosamente para o Conde Van Tets.

— Fale, Monsieur le Comte — pediu ele. — Diga a estes cavalheiros o que aconteceu na Holanda.

Todos haviam esquecido o holandês, mas, quando ele se levantou, desajeitadamente, voltaram-se cortesmente para olhá-lo. Ele ficou de pé, diante dos outros, encabulado e simples.

— Messieurs, o Conde de Vitry expressou o que eu penso, o que pensam todos os holandeses. Sei que

ele não fala intempestivamente. Foi por isso que vim aqui implorar-lhes ajuda para os meus patrícios, pedir-lhes compaixão e simpatia.

— Minhas palavras não podem dar a medida exata do horror, do morticínio e do desespero, que afligem o meu país sob a espada e o fogo de Sua Majestade espanhola e católica, que parece inspirada por toda a maldade da sua Igreja, por toda a crueldade e a impiedade dos seus sacerdotes. Na natureza dos meus compatriotas há a paixão da liberdade, da independência de pensamento e de

ação. A Igreja Romana detesta isso, por ver nessas características um desafio e uma ameaça à condição de servidão e docilidade que sempre recomendou como virtudes do povo. Sempre e eternamente, a Igreja, a serviço dos poderosos e dos opressores, deve-se opor aos pensamentos e às ações dos homens livres, deve-se colocar contra a libertação das massas. Em nenhum outro país da Europa deparou com uma tão nobre resistência e um tal altruísmo quanto nos Países-Baixos. Por conseguinte, determinou acabar conosco, acreditando que com isso terá exterminado a consciência que começava a despertar na Europa.

De repente, o rosto fleugmático do holandês se iluminara. Estendeu as mãos trêmulas para cada homem por sua vez.

— Messieurs! Na história de todos os povos chéga sempre uma hora em que os irmãos imploram a outros irmãos, do outro lado da fronteira ou do outro lado do mar: “Ajudem-nos, ou pereceremos e vocês conosco!” Essa hora chegou para a Inglaterra, para a França! Nós, holandeses, imploramos a vocês, que sentiram o sol da Reforma nos seus rostos e voltaram os olhos para o futuro em liberdade! Será possível que os franceses nos dêem as costas? Que, levados pelos interesses, pela cobiça, pelos ódios internos, pela covardia, vocês façam ouvidos moucos ao que lhes pedimos?

Olhou para eles com ar apaixonado.

•— Se fizerem isso, monsieurs, será o seu fim, e o de todos os franceses. Não pensem que se vão salvar. Vão morrer conosco. Deixem-me dizer-lhes, meus senhores, o que aconteceu na Holanda, nos lugares em que a Igreja, com a ajuda do seu diabólico filho, conseguiu dominar.

Por um momento não pôde falar, mas os seus olhos, mais inflamados do que nunca, brilhavam, como chamas, à luz das velas. A força da sua paixão, do seu desespero, impressionava os presentes, e um ou dois, pelo menos, sentiu medo e vergonha.

O holandês continuou, em voz mais baixa, mas tão carregada de emoção que parecia ainda mais forte e poderosa do que antes:

— Peço-lhes que contemplem o meu pobre país.

A voz tremeu-lhe por um momento, mas logo ele prosseguiu:

— Vivíamos em paz. Nossos burgueses, nossos prefeitos, nosso governo, todos fizeram pouco caso dos avisos dos que não se deixavam cegar pela complacência e por uma noção de falsa segurança. Sabemos o ódio que a Igreja vota a todos os que se libertam dela. Vimos os seus olhos brilhar, macabros, através das nossas fronteiras, através das noites em que dormíamos sossegados e dos nossos dias, tranquilos e inofensivos. Mês não conseguimos despertar aqueles em cujas mãos estava a segurança da Holanda. É próprio dos homens preferir acreditar no agradável e odiar os que tentam

despertá-los para o desagradável, por mais iminente que ele seja. E Roma nos atacou, após muitos anos de silêncio e traição.

Apertou as mãos, e um olhar de horror se espalhou pelas suas feições vermelhas e rudes, ao mesmo tempo em que fitava o espaço, como se o que visse lhe dilacerasse a alma.

— Messieurs, assisti a um ato-de-fé, no sul da Holanda. Assisti à ressurreição do Santo Ofício. Vi homens, mulheres, criancinhas, donzelas e jovens serem arrastados para a fogueira; enquanto os padres cantavam, com expressão de ódio nas caras monstruosas. Vi as janelas fechadas dos que esperavam o

terror na noite. Senti o pavoroso cheiro de carne queimada, enquanto os inocentes morriam. Vi os camponeses serem presos nas suas choupanas, e os senhores nos seus castelos. Vi as terras por cultivar, as crianças passando fome, a angústia dos fiéis. ’

Fez nova pausa e começou a chorar, limpando as lágrimas nas costas da mão enorme, com simplicidade e desespero.

— Messieurs, os senhores disseram para si mesmos: “Isso não voltará à França”. Ouvi ingleses dizerem, com lábios pálidos e severos: “Isso não voltará à Inglaterra”. Ouvi as vozes de homens libertados, em todas as partes da Europa, gritar: “Isso não voltará a acontecer conosco!” Mas, senhores, eu lhes digo, nesta hora solene, que isso voltará a acontecer com todos os homens, se não acordarem para o perigo que correm, para o horror da Peste Escarlata, que reside nas Sete Colinas de Roma, sempre alerta, sempre espumando ódio. Porque, onde quer que um tirano se erga, um louco que odeie os outros homens, um espoliador, um destruidor, um monstro sedento de poder, um diabo saído das profundezas do inferno, sempre terá a Igreja a respaldá-lo, com os seus tentáculos, com todos os recursos do seu povo cego e miserável, com todas as armas dos seus príncipes subornados, dos seus reis chantageados, com toda a sua riqueza sem limites.

Olhou para as caras dos que o ouviam, à luz das velas. Viu o semblante severo de de Rohan, os olhos comovidos de de Tremblant, as lágrimas de Paul de Vitry, os lábios enfurecidos de Arsène de Richepin. Acima de tudo viu, com apreensão, o sorriso frio de de Bouillon. E voltou-se para ele com uma exclamação apaixonada:

— Monsieur le Duc! O senhor me ouviu com ceticismo. Para si mesmo disse: “Este homem fala com exagero febril, com uma veemência ridícula. Somos pessoas civilizadas. O espectro de Roma, que este holandês tenta conjurar, não passa da expressão histórica de uma natureza desvairada e fora de si”. Mas permita-me recordar-lhe que a própria Igreja se jacta de nunca mudar, de ser sempre a mesma, ontem, hoje e amanhã. A mesma, monsieur, em toda

a sua crueldade e ânsia de poder e riqueza. Acha que ela mente, monsieur? Ah, ela só mente para conquistar a confiança dos homens, para invadir-lhes os países sob a máscara da santidade e da doçura!

Estendeu as mãos para todos eles.

— Ajudem-nos, senhores! Dêem ajuda e conforto-aos seus irmãos, sejam eles holandeses, ingleses, espanhóis ou alemães! Lembrem-se de que são protestantes, e não apenas franceses. Lembrem-se de que, se o sol da Reforma for extinto na Europa, mil anos de trevas voltarão a cair sobre a humanidade. Lembrem-se dos seus filhos, da sua fé, da sua hombridade, da sua liberdade. Todas essas coisas correm perigo, no momento!

Fez-se um silêncio profundo na biblioteca, enquanto o olhar ardente e súplice de Van Tets se fixava em cada um dos presentes. Todos lhe devolveram o olhar, mas o do Duque de Bouillon era ao mesmo tempo enviesado e tranquilo. Finalmente, cada homem se aproximou do holandês e lhe apertou a mão, emocionado.

De Tremblant disse:

— Monsieur, o meu coração, a minha mão, a minha espada, tudo o que tenho está às suas ordens. Acompanhá-lo-ei à Inglaterra. Buckingham é meu amigo. Pode ter a certeza de que ele lhe dará ouvidos.

— A eterna gratidão dos meus patrícios, monsieur — retrucou Van Tets. — E a França?

— Falo pelos rochelenses — disse de Rohan com voz firme. — Pode ter a certeza de que não trairemos o protestantismo, mesmo à custa das nossas vidas.

E deitou a de Bouillon um olhar desafiante.

De Bouillon tirou do bolso a sua caixa de rapé. Sorria ines-crutavelmente para si mesmo. Aspirou

elegantemente o rapé, levando ao rosto o lenço de rendas, para remover restos de pó do cavanhaque. Seus olhos pareciam duas ágatas, brilhando friamente. Olhou para de Tremblant, que esperava, severo, que ele falasse.

— Sem dúvida, meu caro Raoul, você já refletiu na sua impulsiva promessa de acompanhar Monsieur le Comte à Inglaterra. Nossas relações com a Inglaterra são, no presente momento, e para falar de modo eufemístico, tudo, menos cordiais.

O rosto enrugado de de Tremblant mudou de expressão, literalmente fechou-se, e ele disse, com determinação:

— Monsieur le Duc não receia que a ajuda da Inglaterra à Holanda possa dispersar-lhe a força, no caso de certos cavalheiros desejarem que essa ajuda lhes incremente os próprios interesses?

De Bouillon cofiou, pensativo, o cavanhaque. Por fim, deu de ombros.

— Permita que lhe fale francamente, meu amigo. Monsieur le Comte que me desculpe, se o que eu vou dizer o ofende. Os holandeses alimentam estranhas doutrinas, doutrinas extremamente pe-rigorosas para os franceses, se eles tiverem notícias delas. Doutrina ainda mais perigosas do que as dos violentos ingleses.

— Que doutrinas, monsieur' } — perguntou de Tremblant, sorrindo amargamente, quando de Bouillon fez uma pausa.

— Ah, sim. Doutrinas perigosas porque põem em risco a ordem estabelecida e os privilégios. Incitam o povo a se rebelar contra a autoridade, inspiram estranhos desejos essas perigosas doutrinas de “liberdade”. Que será de nós, os privilegiados, os detentores do poder? Pereceremos num holocausto provocado por asnos. Nossa cultura acabará sob os cascos de suínos. A cultura será sempre das castas superiores. Só pode existir, como uma flor rara, em jardins murados e bem tratados. Como poderemos controlar o povo, se ele for contaminado por ideais revolucionários? Como poderemos reter o poder, as nossas tradições, a nossa autoridade?

— Com a ajuda de Deus, não os reteremos — retrucou calmamente de Tremblant.

— Fala como o Cardeal, esse de Bouillon — disse Arsène para Paul.

De Bouillon fez um gesto elegante.

— Monsieur de Tremblant, não posso concordar com nada que ponha em risco a minha posição. Por conseguinte, não posso ajudar Monsieur le Comte, na luta do seu povo contra Felipe da Espanha. Ele que trate antes de controlar as doutrinas revolucionárias do seu povo, antes de procurar a ajuda daqueles a quem essas doutrinas ameaçariam. O quê! Ele acredita realmente que pessoas como eu o ajudariam?

— O povo do conde é protestante, como nós — disse de Tremblant, num tom suave, mas ameaçador.

De Bouillon deu novamente de ombros, desdenhoso.

— O que ele é, é revolucionário, monsieur! Repito: Se os holandeses restaurarem a autoridade e o respeito devido às classes superiores e subjugarem os que apregoam a liberdade universal e a igualdade, eu reconsiderarei.

De Tremblant trocou um olhar com os outros. Voltou-se novamente para de Bouillon, que continuava sorrindo.

— Monsieur le Duc falou francamente. Permita-me que eu faça o mesmo. A causa do protestantismo, a causa da humanidade, que os protestantes servem, é ameaçada por pessoas como o senhor. Se Monsieur le Duc se sentir ofendido, pode pedir reparação.

De Bouillon abanou indulgentemente a cabeça.

— Oponho-me apenas às ideias de Monsieur de Tremblant e não a ele. Confio — e olhou para os outros — em que os cavalheiros aqui presentes não me julguem um covarde.

Os outros encararam-no com hostilidade. Sempre sorrindo, ele fez uma reverência.

— Vejo que já não sou persona grata, devido à minha sinceridade, de maneira que vou me retirar.

Viram-no encaminhar-se, em silêncio, para a porta. Já com a mão na maçaneta, ele parou, fez nova reverência e disse, com ironia:

— Reflitam bem, messieurs. Um homem tem que pensar primeiro no seu país.

Assim que ele se foi, de Rohan irrompeu em exclamações obscenas.

— É uma verdadeira serpente, esse de Bouillon! Mas não desanime, Monsieur Van Tets: nem todos os franceses são como ele! — Voltou-se para de Tremblant. — Enquanto estiverem na Inglaterra, eu tratarei de recrutar os meus rochelenses.

Apertaram-se fervorosamente as mãos.

● Capítulo XXIII

Deitado na cama, o Cardeal massageava pensativamente os dedos, levantando-os para uma réstia de sol que entrava pela janela, a fim de lhes admirar a transparência. Mas, apesar dessas delicadas manobras, não tirava os olhos do Duque de Bouillon. Era de manhã bem cedo, mas a mensagem do duque fora tão urgente que o Cardeal o mandara entrar nos seus aposentos. A pedido do duque, - Louis de Richepin fora mandado sair do quarto, mas ele bem sabia o que tinha a fazer. Sentou-se num tamborete, atrás, da porta que ligava a antecâmara ao quarto de dormir, e ficou a ouvir o que se dizia, embora tivesse vergonha do papel que lhe cabia.

Após um silêncio prolongado, o Cardeal suspirou:

— Oh! —; murmurou, erguendo os olhos e fixando-os languidamente no teto.

Q duque, austeramente vestido, sentou-se perto da cama, com o pálido e comprido rosto, inescrutável, na sombra.

— Dou os parabéns a Monsieur le Duc, tanto pela sua lealdade como pela sua perspicácia — disse o Cardeal. — O assunto é muito grave. Concordo convosco que, se permitirmos que os franceses, recrutados por dois dos mais poderosos senhores da França, sejam enviados em socorro da Holanda, os Habsburgo e os espanhóis terão um motivo mais do que perfeito para nos atacar. — Ah! — suspirou de novo. — Como estes meus franceses são rebeldes e individualistas! Temos que admirar os alemães pela sua solidariedade racial, embora os desprezemos por outros motivos.

Proseguiu, sorrindo para de Bouillon:

— Concordo também com o seu ponto de vista de que a introdução dessas ideias de liberdade e esclarecimento da ralé seria catastrófica. Estou espantado. Conheço de há muito o idealismo extraordinário de de Tremblant, mas julgava-o temperado com inteligência e prudência. Os homens, à medida que envelhecem, muitas vezes resolvem esposar causas estranhas. Mas não posso entender de Rohan, que sempre foi realista.

— Já lhe disse — observou de Bouillon, impaciente — que esse holandês o hipnotizou. Se eu não estivesse presente, não teria acreditado. — Sorriu com azedume. — Juro-lhe, Monsenhor, que de Rohan estava literalmente inflamado.

— Gostaria de ter visto isso — retrucou o Cardeal, com uma risada. — Vermelho, e inflamado. É, dava tudo para ver isso.

Massageou delicadamente a ponta de um dedo.

— Contudo, não posso deixar de suspeitar que o entusiasmo de de Rohan provenha menos de um fervor altruístico do que do seu insaciável amor pelo poder. Nas minhas relações com os homens, aprendi que todos os ideais e todas as revoluções que con-vulsionam a humanidade têm origem no medo, na avareza ou no desespero. De Rohan não tem medo, nem é suficientemente inteligente para sentir desespero. Por conseguinte, a mola que o impele deve ser a avareza. Sim, só pode ser a avareza.

Continuou, enquanto de Bouillon ouvia, com um ríctus perverso nos lábios:

— Deduzi, do que me contou, Monsieur le Duc, que o nosso holandês inspirou na sua audiência um verdadeiro desejo de matar, mesmo no nosso suave de Tremblant. Ora, quando um homem acredita que mata por um nobre ideal, na realidade está apenas tentando destruir o seu próximo, que o enfurece com as suas diferenças raciais ou políticas. Isso me põe perplexo. O nosso de Tremblant até aqui nunca mostrou qualquer ferocidade para com aqueles que diferem dele. Muitas vezes jogou xadrez comigo, e é um ótimo enxadrista. Discutimos muitos assuntos com a maior tolerância e o máximo respeito um pelo outro. Será

possível que na realidade ele me odiasse e que essa gana de matar seja inspirada por esse ódio? Deve ser isso.

De Bouillon ergueu impacientemente a mão e deixou-a cair sobre o joelho,

— Monsenhor gosta de filosofar — disse ele. — Mas eu não vim até aqui para falar de sutilezas. O que importa é que de Tremblant e o holandês sejam impedidos de ir à Inglaterra.

— Ah, sim! — suspirou o Cardeal, fitando-o com olhos velados. — Disso não há dúvida. Monsieur le Duc tem alguma sugestão? É preciso lembrar que não estamos lidando com a ralé, e sim com um poderoso proprietário.

Uma expressão de desprezo apareceu no olhar impiedoso de de Bouillon.

— Monsenhor reluta em levar a cabo o inevitável? — perguntou.

— Baseados em que acusações podemos nós prender de Tremblant e atirá-lo na Bastilha, monsieur? — retrucou Richelieu. — Ah, desagrada-lhe que eu fale com tanta franqueza. É preciso não esquecer também que de Tremblant é muito amado pelo povo de Paris. A França está atravessando um período de desassossego; coisas estranhas e terríveis ameaçam acontecer; se houvesse um cata-clisma, essas coisas se precipitariam. Um de Tremblant na Bastilha não é um de Tremblant silenciado. Monsieur não deve se esquecer disso. O próprio Rei o admira e o estima.

De Bouillon levantou-se e pôs-se a andar de um lado para o outro do quarto, com passos silenciosos, de felino, O Cardeal ficou a olhar para ele, sorrindo veladamente. Por fim, o duque estacou junto da cama do Cardeal e olhou para ele com expressão fria e virulenta.

— Quer dizer que está disposto a entregar o assunto nas minhas mãos? — perguntou ele. — Mesmo que o Cardeal seja um ótimo enxadrista?

Lentamente, com esforço, o Cardeal ergueu-se nas almofadas. Os dois homens olharam um para o outro com súbita gravidade.

Por fim, o Cardeal disse, em voz muito suave:

— Um de Tremblant preso, mesmo que num lugar remoto, não é um de Tremblant silenciado. Além disso, haveria uma grita geral.

— Não vai haver grita nenhuma — murmurou de Bouillon, com um sorriso perverso.

O Cardeal suspirou profundamente. Voltou a se deitar e contemplou as janelas, através das quais o sol da manhã entrava. Sua expressão era inescrutável, impiedosa e, ao mesmo tempo, triste.

— Monsenhor deseja, então, deixar o assunto a meu critério? — repetiu de Bouillon. — E não gritará depois?

— Por acaso me acusa de duplicidade? — murmurou o Cardeal, sem tirar os olhos da janela.

De Bouillon sorriu. Aproximou-se da cabeceira do Cardeal, e Richelieu sentiu o odor da morte que exalava da carne fria e perfumada daquele homem. Sentiu-se tomado de ódio por ele, mas isso nada tinha a ver com os seus planos.

— Preciso da sua permissão — disse de Bouillon.

— Já a tem — retrucou o Cardeal.

Voltaram a encarar-se, e de Bouillon fez uma reverência irônica.

— Quanto a de Rohan, os seus rochelenses têm que ser subjugados — disse Richelieu. — Um homem inflamado pode facilmente originar uma conflagração capaz de consumir a França. — Olhou para de Bouillon. — Monsieur le Duc não põe objeções a que os seus irmãos huguenotes sejam subjugados?

De Bouillon não desviou o olhar frio e brilhante. Assumiu uma expressão de severa dignidade.

— Não desejo ver a França novamente mergulhada numa guerra civil. Monsenhor precisa se lembrar que eu também sou francês. Se os rochelenses se rebelarem contra o Rei e contra a sua pessoa — e fez nova reverência —, deverão ser castigados.

— Parece-me — disse o Cardeal, após um breve silêncio —

que nos entendemos perfeitamente-. É uma pena que monsieur não seja catóico.

Olharam um para o outro fixamente. Depois, sem dizer mais nada, o duque retirou-se. O Cardeal ficou a olhar para a porta através da qual de Bouillon saíra, e começou a rir baixo. Passados 'alguns minutos, Louis apareceu, e o riso do Cardeal aumentou.

— Que homem desprezível! — exclamou Louis, pálido de raiva.

Sentou-se perto do Cardeal, e uma branca sombra de preocupação perpassou-lhe o rosto grande e belo.

— É fácil perceber que ele planeja matar o Duque de Tremblant. Isso é terrível. Detesto de Tremblant, mas esse fato não me impede de compreender que, apesar das suas convicções, ele seja um bom homem.

O Cardeal ficou espantado e soergueu-se da cama.

— O que, Louis? Será possível que eu tenha ouvido essas nobres e tolerantes palavras dos seus lábios, a respeito de um huguenote?

Louis enrubesceu, levantou-se e, com mão trêmula, cerrou as cortinas. O Cardeal seguia-lhe atentamente os movimentos.

— Quando a necessidade exige, a nobreza e a pena têm que ser postas de lado — disse ele. •— Vou sentir falta de um ótimo parceiro de xadrez, mas a França vale mais do que isso.

— Não haverá outra maneira de detê-lo? — perguntou Louis, tão baixo que mal se ouvia.

— Nenhuma, Louis. Eu sei. Conheço o meu caro de Tremblant.

Suspirou várias vezes, e não havia hipocrisia nesses suspiros.

Por fim, disse:

— O nosso querido Arsène já chegou? Mande-o entrar, Louis. Não quero Ver mais ninguém até às duas. Estou muito indisposto, esta manhã.

Louis afastou-se da janela, e o seu rosto cobriu-se mais uma vez de ódio. Hesitou.

— Sua Eminência apercebe-se da frivolidade do meu irmão?

O Cardeal sorriu, embora os seus lábios finos continuassem levemente azulados.

— Precisaréi recordar-lhe, Louis, de que não sou nenhum idiota? Mande logo entrar Arsène. Tenho ouvido curiosos boatos a respeito dele. Não fique tão alarmado. Não me esqueço de que os jovens fazem coisas que não devem, levados pela sua juventude e não por mal. São capazes de conspirar contra o próprio Deus por pura exuberância.

Louis não respondeu, e, divertido, o Cardeal seguiu-o com os olhos, enquanto ele se dirigia, majestosamente, para as portas maciças e as abria. Uma babel de vozes invadiu o quarto, e o Cardeal fez uma careta. — Morbleu! — exclamou, massageando a testa. Louis fez entrar Arsène. O Cardeal olhou para ele com satisfação, pois o aventureiro que havia nele reconhecia em Arsène um irmão. Admirou-lhe o rosto irrequieto e cheio de vida, os olhos escuros, que nunca pareciam repousar, o cabelo negro, que lhe nascia bem alto na testa nervosa. Arsène trazia com ele uma aura de alegria e vigor, de despreocupação e ousadia, de coragem e orgulho, de arrogância e altanaria, que recordava ao Cardeal os jovens oficiais, seus ex-colegas na Academia de Pluvinal. j,

— Preciso desse rapaz! — disse para si mesmo, decidido a que Arsène fosse o seu próximo Comandante da Guarda.

Richelieu sentiu voltar-lhe a vontade de viver, ao ver Arsène curvar-se para ele, sorridente. Estendeu-lhe graciosamente a mão, que Arsène beijou de leve. O Cardeal segurou-lhe, por sua vez, a mão.

— Ah, o noivo! — exclamou ele. — Mas ainda não fui convidado para officiar a cerimônia.

— Será possível? — perguntou Arsène, erguendo as negras sobranceiras. — Pensei que Madame de Tremblant o tivesse convidado, Monsenhor.

Louis avançou para junto da cama, pálido de raiva e ciúme. Fitou o irmão com olhos frios.

— Sua Eminência tem muita coisa importante na cabeça — disse ele. — Sem dúvida esqueceu um assunto tão insignificante. Mas tomei nota do pedido de Madame de Tremblant; se Sua Eminência não estiver demasiado ocupado ou indisposto nesse dia, oficiará a cerimônia.

— Perdoe-me — disse o Cardeal a Arsène, que encarava o irmão com um leve sorriso. — Só agora me lembro do convite. Será para mim um prazer e uma honra. Quando estiver casado com uma devota da Igreja, talvez monsieur se recorde dos seus deveres e das suas obrigações para com essa Igreja, assumidos, pelo batismo, como católico. — Apertou a mão de Arsène na sua. — Espero que não se tenha esquecido de que é católico, meu filho.

Um tremor perpassou os lábios de Louis, mas Arsène inclinou cortesmente a cabeça, em resposta, seus olhos escuros piscando.

— Agora, sente-se aqui ao meu lado — continuou o Cardeal, com afetuosa animação. — É tão raro receber a sua visita, Arsène! Ainda não me esqueci de que você me derrotou no nosso último jogo de xadrez.

— Vamos jogar xadrez? — perguntou Arsène, fingindo surpresa, ao mesmo tempo em que se sentava.

— De certo modo, vamos — respondeu o Cardeal.

Se esperava perceber um vislumbre de cautela ou apreensão no rosto de Arsène, ficou desapontado. Arsène limitou-se a esperar, com uma expressão cândida e aberta. O Cardeal sorriu intimamente. Conhecia bem o caráter do jovem. Assumiu também um jeito amigo, cheio de afeição paternal. Seus olhos de tigre pousaram no rosto de Arsène com uma suavidade que em parte era genuína.

— Não o tenho mais visto nas mesas de jogos — comentou. — Seu pai, o marquês, é um ladrão. Quem sabe você não acha que basta um ladrão na família?

Arsène riu, mas não respondeu.

O Cardeal juntou delicadamente as pontas dos dedos e contemplou o jovem com ar benigno.

— Nem o temos visto na Corte — acrescentou.

Arsène limitou-se a sorrir, mas os cantos dos seus olhos apertaram-se.

— É preciso não esquecer, claro, que um rapaz, às vésperas de desposar uma bela jovem, tem muito com que se ocupar — continuou o Cardeal. — Não obstante, seus amigos sentem a sua ausência, Arsène.

— É muita bondade de Vossa Eminência — retrucou Arsène.

O Cardeal voltou a sorrir intimamente. Gostava do jeito do rapaz.

— Posso perguntar pela saúde de Mademoiselle de Tremblant?

— perguntou, com interesse de pai.

Ah, pensou Arsène, ele sabe que há dias não vejo Clarisse, que raramente vou ao hotel de Tremblant. Respondeu, em voz alta:

— Mademoiselle pediu-me para lhe transmitir a expressão da sua devoção e do seu mais profundo respeito.

— Vi-a ontem à noite, nas vésperas — observou o Cardeal, com voz sonhadora.

Arsène continuou a sorrir, mas de dentes cerrados.

— Ela se queixou — acrescentou Richelieu.

— As mulheres sempre se queixam — disse Arsène despreocupadamente, encarando de frente o Cardeal.

— Ah, isso é verdade — suspirou Sua Eminência. — É um defeito do belo sexo.

— Se Vossa Eminência conversou ontem à noite com Mademoiselle de Tremblant, deve estar bem-

informado quanto à sua saúde — disse Arsène, com um sorriso.

— Mas e você está bem-informado? — redarguiu o Cardeal, sorrindo angelicamente.

— Estou perfeitamente tranquilo quanto às condições de saúde de mademoiselle — replicou, calmamente, Arsène.

Louis sentara-se do outro lado da cama do Cardeal. Não desviara os olhos do irmão durante toda a conversa, mas o seu rosto expressava todo o ódio e toda a desconfiança que sentia.

O Cardeal estendeu o braço e bateu indulgentemente na mão de Arsène.

— Ouvi dizer que há uma bonita soubrette perto da Rue des Fossoyeurs — disse ele. — Ah, juventude!

Mas Arsène já não sorria. Pensou na soubrette, uma certa Mademoiselle Annette Benet, que ele pensava ter escondido com a máxima discrição. Nem sequer o marquês, seu pai, soubera do seu caso com a jovem, embora tivesse comentado sobre o seu súbito desaparecimento do mais alegre dos teatros parisienses. A ninguém, nem mesmo a seu amigo Paul, confiara Arsène o seu caso com a moça. Aparentemente, o Cardeal tinha espiões em todos os lados. O comentário tinha implicações perigosas, era como uma sutil advertência de que Arsène não conseguiria esconder nada daquele homem terrível.

Arsène teve um momento de medo, que disfarçou atrás de um sorriso ousado. f

— Monsieur le Duc parece saber tudo a meu respeito, embora não seja meu confessor — disse ele.

Mas, se pensava levar o Cardeal a revelar, embora obscuramente, até onde ele sabia, enganava-se. Richelieu limitou-se a sorrir.

— Sinto-me muito honrado com o interesse que Vossa Eminência demonstra pelas minhas coisas — continuou o jovem.

Sempre sorrindo, o Cardeal voltou-se para Louis, que escutava com as sobrancelhas franzidas.

— Louis, quer me trazer uma garrafa de vinho?

Corando, Louis levantou-se obedientemente, odiando o Cardeal por mais essa humilhação. Trouxe o vinho e dois copos. O Cardeal arqueou as sobrancelhas:

— E você, Louis?

— Agradeço-lhe, Monsenhor, mas não vou aceitar — replicou Louis, secamente.

Levantou a cabeça e descobriu o irmão olhando para ele com uma expressão estranha. Desconhecendo a compaixão, não reconheceu o olhar, que pensou ser de desprezo.

O Cardeal e Arsène beberam o vinho lentamente, como dois amigos. Mas os seus pensamentos não eram nem lentos nem amistosos.

— Como padre e como amigo de seu pai, Arsène — disse o Cardeal —, cumpre-me aconselhá-lo, na véspera do seu matrimônio. Portanto, é com genuíno interesse que lhe peço para refletir sobre os seus deveres e as suas obrigações, que são bem sérias.

— E o que Monsenhor me aconselha? — perguntou delicadamente Arsène.

— Que não se envolva em nada que possa causar desgosto a uma jovem cuja felicidade será sempre motivo de preocupação para mim — replicou o Cardeal, com voz suave. ' •

— Asseguro-lhe que Mademoiselle de Tremblant terá em mim um marido satisfatório — disse Arsène. — Conheço bem a alma feminina e a natureza delicada das mulheres.

O Cardeal estendeu o copo para Arsène, que o encheu com cuidado filial. Mais uma vez o Cardeal sorriu.

— Gosto muito de você, meu filho — disse ele, com sorridente franqueza. — É por isso que o estou prendendo aqui. São tão poucas as pessoas cuja presença eu aprecio!

Arsène fez uma curvatura, bebeu um pouco de vinho e aparentou sentir-se lisonjeado.

O Cardeal também bebeu do vinho, recostando-se nas almofadas, com um ar completamente à vontade.

— Deixe-me ser sincero, Arsène. Não se ganha nada escondendo as coisas. Além disso, sei que posso confiar na sua discrição e que nem uma palavra da nossa conversa sairá destas quatro paredes. Quando o Edito de Nantes foi promulgado, concedendo todos os direitos aos huguenotes, os nobres protestantes reconciliaram-se com a Coroa. Muitos deles tornaram-se os meus maiores amigos. Temos em comum o que há de mais importante: a França.

Fez uma pausa e continuou, em tom de quem medita:

— Sempre que o protestantismo passou a ser a religião dominante de uma nação, essa nação se tornou nacionalista. A cultura católica, pela sua própria natureza, não pode ser nacionalista. Abrange todos os homens, considerando-os como um só, sejam quais forem as barreiras artificiais de fronteiras, língua ou raça.

Arsène sorriu, e o Cardeal, passado um momento, devolveu-lhe o sorriso.

— Em teoria, pelo menos — prosseguiu o Cardeal, arqueando as sobrancelhas —, e no que diz respeito aos católicos. Mas o protestantismo é menos... como diremos?... universal. O protestantismo é a religião do Estado. Sinto bastante simpatia por essa ideia. Chego até a profetizar que as Alemanhas irão se tornar poderosas na Europa; graças ao protestantismo, à sua ideia de Estado. A Inglaterra também vai dominar no mundo. Há muito percebi que uma nação, para se tornar poderosa, precisa ter uma religião do Estado. Por isso, compreendendo o caráter nacionalista do protestantismo, é que o tenho tolerado. Mas você deve saber disso, não?

Arsène refletiu, consigo mesmo, que o Cardeal nunca seria tão franco com ele, tão sincero, se não possuísse alguma informação capaz de destruí-lo, a ele, Arsène, com um simples gesto de mão. Contudo, assentiu gravemente.

A cordialidade do Cardeal aumentou. Inclinou-se para Arsène e bateu-lhe, de novo, afetuosamente, na mão.

— Já fui chamado Cardeal dos huguenotes por ter mostrado simpatia pelas Alemanhas e pela Suécia, devido ao seu nacionalismo. Devo confessar que as compreendo. Desejaria que na França vingasse o ideal nacionalista, para que ela não corresse o risco de perecer.

Contemplou de novo o teto trabalhado.

— Mas há os que confundem a minha inclinação para o nacionalismo com tolerância para com a heresia. Estão muito enganados. O futuro, a imortalidade da Igreja, na França, na Europa, serão sempre o meu principal interesse — disse ele.

Louis, que até ali escutara com profunda indignação, levantou-se a meio da poltrona onde se sentara. As mãos que agarravam os braços dourados tremiam violentamente.

Mas Arsène limitou-se a escutar, a cabeça inclinada, os olhos escuros fixos no rosto plácido e aristocrático do Cardeal.

— Há quem me interprete mal — disse Richelieu, com voz mansa.

Ergueu-se subitamente das almofadas e fitou em Arsène um olhar firme e terrível, mas prosseguiu, numa voz suave:

— Tenho sido tolerante e compreensivo com os huguenotes. Vou ser franco, Arsène, como não costumo ser com ninguém! Para com o huguenote sinceramente convicto da sua religião, por mais que ela pareça pôr em perigo a cultura e a autoridade católicas, tenho mostrado tolerância, sabendo que, no fundo, nada pode atingir a Igreja. Mas, com o huguenote que não quer reconciliar-se com a Coroa, com o bem-estar da França, tenho sido implacável e continuarei a sê-lo até à morte. Porque essa espécie de huguenote não deseja a paz e a segurança da França, e sim um Estado dentro do Estado, separado e

antagônico à França, conivente com os seus inimigos, pondo em perigo a sua existência. Ele não ama a França, apenas odeia os católicos. Para com o magnata huguenote, que pensa ser rei das próprias terras e não se curva às ordens da Coroa, tenho sido impiedoso. Só pode haver um poder na França: o Trono.

Fez uma pausa. O fogo dos seus olhos aumentou, e Arsène sentiu um arrepio percorrer-lhe o corpo.

O sorriso do Cardeal era agora diabólico.

— O rebelde huguenote, que se levanta contra a autoridade da França, ou seja, a Igreja e o Trono, morrerá onde quer que ele esteja. Procura destruir essa autoridade, pensa apenas nos seus lucros. Pois bem, eu caçarei onde quer que ele se esconda, e nada o salvará. Conspira com os nossos inimigos, procura poder para si mesmo, põe em perigo a unidade da França e a paz interna.

Recostou-se nas almofadas, e a expressão maligna desapareceu do seu rosto. Estava de novo calmo e muito sério.

— Seu avô, Arsène, era um desses homens. Não posso negar as suas profundas convicções religiosas. Mas foi com elas que alimentou a rebelião contra a autoridade final do Estado. Professou acreditar, e não guardou essa opinião para si mesmo, que Navarra traíra a França, ao voltar para o seio da Igreja. Convenceu os amigos a se recusarem a se reconciliarem com o que ele declarava ser a “traição” do pai de Sua Majestade. Mas, um a um, todos os seus amigos e correligionários se reconciliaram e, sendo a maioria, deram todo o apoio à restauração da paz na França e ao estabelecimento de uma unidade. Tal não aconteceu com seu avô, que era teimoso, orgulhoso, fanático e apaixonado.

Arsène escutava, e, no fundo dos seus olhos negros, uma pequena centelha transformou-se em chama. Viu de novo o rosto do avô, e o seu próprio rosto assumiu o aspecto daquelas feições austeras. O Cardeal parara de falar e olhava para Arsène, espantado.

Se ele pudesse reconciliar aquele fanático! Havia algo em Arsène que era igual a ele, e, reconhecendo no jovem o mesmo fogo, a mesma paixão, sentiu um quê de afeto paternal, a determinação de ligar aquele rapaz a ele.

— As propriedades confiscadas foram restituídas aos huguenotes. O Edito de Nantes garantiu-lhes uma tolerância generosa. Foram recebidos, não mais como rebeldes, mas como franceses, devotados à França. Mas o seu avô recusou-se a ser recebido. Ele e seu filho, o seu estimado e admirável pai, retiraram-se para a Gasconha, para as terras da sua mãe, onde vivam na mais completa modéstia, para não dizer pobreza. Embora ele fosse um insensato, mal-aconselhado pela própria consciência obstinada, a gente tinha que admirá-lo! Foi ele quem me deu o apelido de “Bufão”. — E o Cardeal sorriu. — Foi ele quem me pôs o nome de Padre dos Diabos. Não obstante, continuei a estimá-lo. Os homens honrados, de caráter rígido, por mais errados que estejam, merecem o nosso respeito.

O Cardeal continuou:

— Depois da sua morte, provocada por velhos ferimentos recebidos em La Rochelle, seu pai, sua mãe e os dois filhos permaneceram na Gasconha. Mas seu pai, embora menos fanático do que o pai dele, revelou um inesperado realismo. Reconciliou-se finalmente com o Estado. E, o que é mais, com a Igreja.

Ouvindo aquilo, Arsène não pôde controlar um sorriso. O Cardeal também sorriu. Mas Louis, que tudo ouvia na sombra, o rosto muito branco, iluminado pela réstia de sol que entrava pelas janelas, não sorriu.

— Não sou homem para questionar os graus de reconciliação — disse o Cardeal. — Para mim, basta que um homem professe a reconciliação e se comporte de acordo com a sua convicção íntima. A conformidade é a lei dos príncipes, mas eles não exigem que um homem seja conforme do fundo do coração, desde que as suas ações estejam de acordo com a lei. No que me diz respeito, o retorno dos du Vaubon ao seio da Santa Madre Igreja foi muito gratificante. Sinto muito prazer na conversa e na pessoa do atual marquês, embora confesse que não goste de perder, com tanta frequência, somas enormes para

ele.

— Meu pai — disse Arsène, olhando para o rosto sorridente do Cardeal — é um realista também no jogo.

— Ah, sim — murmurou o Cardeal, simpatizando cada vez mais com Arsène.

— Os seus perfumes — continuou ele, em tom de quem medita — têm prestado um excelente serviço a Paris, que há muito tempo precisava ser perfumada. Só por isso já o admiro. Além do mais, as suas performances... e você tem que admitir, meu caro Arsène, que se trata realmente de performances. . . contribuíram muito para dar vida a uma Corte que ameaçava tornar-se cada vez mais monótona. Mais do que isso, distraíram os espíritos descontentes. Os circos ainda são a melhor coisa para distrair os exercícios da mente, que tão perigosos podem ser para o Estado.

Arsène não retrucou. Sentia de novo a proximidade do perigo.

O Cardeal olhou com afeto para o pálido Louis.

— O marquês trouxe os seus filhos para a Igreja, e eu sinto-me grato por isso. Louis é o melhor secretário que eu já tive. Quanto a você, caro Arsène, há muito decidi encontrar uma maneira de o ligar a mim.

— É muita generosidade de Vossa Eminência — replicou Arsène, empalidecendo. — Mas eu não gosto de responsabilidades nem de disciplina. Prefiro uma vida alegre e despreocupada, em que eu seja dono de mim mesmo.

— Vida feliz, a sua! — disse o Cardeal, com um sorriso. — Mas você precisa se lembrar, meu filho, de que não é mais assim tão jovem. Nem acho que esteja enganado, ao suspeitar de que, no fundo, você não seja assim tão irresponsável. Estou convencido de que você não é assim tão frívolo quanto nos quer fazer parecer. Os homens usam máscaras, e a máscara da frivolidade e da irresponsabilidade é a melhor de todas.

O Cardeal prosseguiu:

— Sim, você começou a pensar, meu caro Arsène, e há uma grande vitalidade nas ideias dos homens maduros, que começam a pensar. Estão fartos da incoerência e das loucuras da juventude. Um cérebro cheio de vida e vigor, na cabeça de um homem que passou da primeira mocidade, é muito valioso, para o Estado. Ou muito perigoso — acrescentou suavemente. (

— Monsieur le Duc é muito astuto — disse Arsène, com ironia. — Ou, melhor, me lisonjeia.

— A lisonja — refletiu o Cardeal — é a largesse dos príncipes. Não obstante, não o estou lisonjeando, Arsène, apenas dando-lhe o seu devido valor.

Arsène agradeceu com uma curvatura. Olhou de relance para a cara do irmão, e a sua expressão, melancólica e apreensiva, aborreceu-o.

O Cardeal soltou uma risada inesperada.

— Meu caro Arsène, eu gosto de você! Mas estamos perdendo tempo, embora seja uma deliciosa perda de tempo. Pedi-lhe para vir aqui a fim de lhe fazer uma oferta. Vou aposentar o meu Comandante dos Mosqueteiros. Ofereço-lhe o posto.

O rosto fino e moreno de Arsène empalideceu de vez. Seus olhos pretos brilhavam sob a sobrelhas escuras. Compreendia agora o perigo que corria.

O Cardeal contemplou-o com afeto.

— Como pode ver, tenho a mais completa fé em você, Arsène. Acho-o falante, alegre, destemido, e um dos melhores espadachins de Paris. É um líder natural, e os homens vão adorá-lo. Suspeito, além disso, que você seja um disciplinador. Isso se vê em seu rosto. Há dois meses atrás, eu não lhe teria feito essa oferta. Mas, conforme já disse, operou-se em você uma grande mudança, que eu admiro e aprecio.

Arsène permaneceu calado. Levantou-se e disse, apenas:

— Monsenhor me permitirá pensar na proposta?

Tremia, e mordeu o lábio com força para disfarçar o tremor.

— Não vai ser coisa fácil abandonar a vida des preocupada que levo. Preciso pensar bem.

O Cardeal fez um gesto indulgente.

— Peço-lhe que pense bem, Arsène.

— Monsenhor tem a minha mais profunda gratidão, tanto pela oferta quanto pela consideração.

Os dentes do Cardeal brilharam por instantes entre os seus lábios barbados. Inclinou a cabeça.

— A gratidão é o sentimento básico das almas nobres — observou ele. — Peço-lhe que me responda

o mais breve possível, Arsène, pois decidi levar a cabo uma campanha. . .

Voltou o rosto mau para Arsène.

Então, é verdade, pensou este. A espanhola seduziu-o. Ele vai atacar La Rochelle.

— Estou deseioso de atividade — prosseguiu o Cardeal. — Antes de mais nada, sou soldado. Eu mesmo chefiarei a campanha. — E olhou para uma cota de malha, estendida sobre uma cadeira, perto da lareira.

Estamos perdidos, pensou Arsène. Mas esse pensamento não o paralisou. Uma chapa de ferro pareceu envolver-lhe o coração, fortificá-lo.

Louis falou então pela primeira vez, numa voz rouca:

— Pode ter a certeza, Eminência, de que o meu irmão acarará aceitando a oferta que tão graciosamente lhe fez. Não poderá recusar,

E olhou para Arsène com o ódio de toda uma vida estampado no rosto largo e branco, mais uma expressão de advertência.

Ao ver aquilo, e apesar do alarme que sentia, Arsène não pôde deixar de achar divertido.

O Cardeal estendeu a mão para Arsène, que a beijou de leve. Depois, após novos protestos de gratidão, Arsène despediu-se. Louis abriu-lhe a porta que dava para o corredor íntimo, e Arsène atravessou-a. Ficou espantado de ver que o irmão o seguira e fechara a porta atrás de si.

— Você não pode recusar — disse o jovem sacerdote, entre dentes. — Não ouse recusar, para o bem do meu pai.

— Eu ouse tudo — retrucou friamente Arsène. — Mas ainda não recusei. Pode ter a certeza, Louis, de que nenhuma ameaça ou coerção da sua parte fará com que modifique a decisão que eu tomar.

Louis respirou fundo. Manchas vermelhas surgiram-lhe no rosto, ao mesmo tempo em que levava a mão à cinta, procurando instintivamente uma espada inexistente.

Mas Arsène esqueceu tudo, levado pela piedade e pela lembrança do ridículo do pai. Colocou a mão no braço de Louis, que recuou como se tocado por algo indescritivelmente sujo e repelente. Mas Arsène, procurando as palavras adequadas, não lhe soltou o braço.

— Você pensa demasiado no nosso pai, Louis. Eu também o amo, mas não sou cego à sua falta de dignidade.

— Não ouse falar dele assim! — gritou Louis, fora de si. — E na minha frente!

Arsène deu de ombros. Suspirou e retirou a mão, olhando para Louis com compaixão e compreensão.

— Você está mudado, Louis. Há uma nova brandura em você. Isso me encorajou. Pensei que poderíamos ser amigos.

— Não posso ser amigo de um inimigo da Igreja!

Apesar disso, o jovem sacerdote corou, e os seus olhos pestanejaram, confusos.

— Não sou seu inimigo, Louis — disse Arsène, suavemente. Louis não respondeu. Sim, pensou Arsène, ele mudou. Está mais magro e parece consumido por uma febre. Alguma mulher? É incrível! Uma nova compreensão, mais tolerância? Também parece incrível. Está se esforçando para sentir raiva, até de

mim. Isso só pode ser porque o seu coração foi tocado de alguma maneira. O que toca mais profundamente o coração de um homem? Uma mulher.

Estava surpreso com as conclusões a que, pela lógica, chegara. Mas continuava incrédulo. Que mulher podia ter finalmente penetrado aquela alma austera e glacial, aquele sangue gélido, aquele espírito capaz apenas de sentir tempestades de neve?

Apertou de novo o braço de Louis e afastou-se, perplexo. Tinha andado alguns passos, quando o irmão o chamou. A sua voz era fria, mas Arsène teve novamente a impressão de que ele fazia um esforço consciente.

— Você não pode recusar, Arsène!

● Capítulo XXIV

A euforia do Cardeal, depois que Arsène partira, transformou-se numa excitação febril. Quando o Padre Joseph voltou, após bater discretamente na porta, ficou satisfeito de ver o amigo tão animado. Sempre cuidadoso de observar o tratamento devido ao Cardeal, a sua satisfação foi tão grande, que exclamou, com afeto:

— Ah, Armand-Jean,¹ você parece cheio de vida, esta manhã! (¹ No original está Armand-Jeannes, no feminino, quando o nome de Richelieu era Armand-Jean. (N. da T.)

— Meu caro Joseph — retrucou o Cardeal, estendendo as mãos, num gesto afetuosamente. Você chegou demasiado tarde para ouvir uma conversa edificante. Esse jovem Arsène de Richepin! Pus uma pulga atrás da orelha dele. Mas vou conseguir chamá-lo para junto de mim. Tenho a certeza disso. Teremos, então, um pouco mais de vida nesta monótona Paris.

Padre Joseph sorriu. Sua barba avermelhada abriu-se à altura da boca, revelando dentes excelentes. Voltou-se de novo para o Cardeal, mas já sem sorrir.

— Peço perdão a Vossa Eminência, mas trouxe comigo, esta manhã, o bispo da diocese de Chantilly.

O bom humor do Cardeal desapareceu. Olhou para o Padre Joseph com irritação e fechou os olhos, numa exagerada expressão de cansaço.

— Por que hei de me aborrecer com esse bispo provinciano? — disse ele. — Despache-o, Joseph, despache-o. Confesso que estou surpreso com você.

Padre Joseph comprimiu gravemente os lábios.

— De novo lhe peço que tenha indulgência, Monsenhor. Trata-se de um assunto de suma importância. Na verdade, fui eu quem pedi ao bispo que viesse a Paris consultá-lo.

O Cardeal abriu os olhos com espanto e indignação.

— Será que eu não tenho mais nada com que me preocupar senão com as atribulações e os problemas de um bispo provinciano? Alguma dama rica da sua diocese se nega a fazer uma contribuição? Algum paroquiano pede um favor para o filho? Que história é essa?

Mas o Padre Joseph não ligou para aquela demonstração de mau humor. Esperou que o Cardeal se acalmasse e depois disse, sombrio:

— Vossa Eminência se esqueceu de que a diocese de Chantilly engloba as propriedades do falecido Conde Renaud de Vitry, ora pertencentes a seu filho, Paul?

O Cardeal, embora ainda exasperado, mostrou-se curioso.

— Nunca me esqueço de nada, Joseph, de modo que não é necessário fingir surpresa, nem me instruir. Lembro-me bem do conde. Um católico devotado, embora excêntrico. Por acaso você veio me dizer que Paul de Vitry é huguenote?

Os olhos esgazeados do Padre Joseph expressaram aborrecimento. Retrucou, com uma polidez afetada e irônica:

— Vossa Eminência deve estar a par das atividades de Paul de Vitry, de modo que não precisamos falar nelas. Mas, se as suas atividades secretas, aqui em Paris, são censuráveis, a sua conduta nas suas propriedades perto de Chantilly é perigosa. Mas Vossa Eminência deve ter ouvido boatos a respeito.

— Ouvi dizer que ele não taxa os camponeses — retrucou o Cardeal, desejoso de exasperar o amigo. — Ouvi dizer que ele próprio lhes paga os impostos, para evitar que eles passem fome. Ouvi dizer que manda consertar os telhados das suas choupanas, deixa-os caçar nos seus coutos, julga dispustas e crimes com justiça, piedade e compreensão. Ouvi dizer que mandou consertar a igreja local; não interfere com a

religião deles, embora ele próprio não possa ser considerado um católico devoto; é gentil e generoso para com o sacerdote local, o velho Padre Lovelle, nomeado pelo bispo. Ouvi dizer que lhes permite guardar uma grande porção das suas colheitas, do seu gado e das suas aves. Não há dúvida de que tudo isso é censurável. Foi o que você me veio contar?

O Padre Joseph levantou-se.

— Acho melhor Vossa Eminência ouvir o bispo — disse ele friamente.

Fez um sinal de cabeça para Louis, que tudo escutara com um sorriso pálido, e o jovem sacerdote abriu a porta e deu ordens aos guardas para conduzirem o Bispo de Chantilly à presença do Cardeal.

O bispo era um homem gordíssimo e tão baixo que parecia redondo. A batina, repuxada sobre a enorme barriga e o rotundo peito, era negra e reluzente. Gingava de um lado para o outro, ao entrar no quarto, e o seu peso era tal que o soalho vibrou sob os seus passos. Tinha uma cabeça enorme e oval, quase completamente calva, com grandes orelhas, semelhantes a asas avermelhadas. Seu rosto, gorduroso e brilhante, tinha a pele como que tingida de vários tons de vermelho. Tufos de cabelo ondulado, preto e grosso, brotavam-lhe sobre os olhos pequenos e negros como contas, e a boca grosseira, retorcida num sorriso polido e servil, era ao mesmo tempo cruel e sensual, velhaca e hipócrita. Tinha um nariz curto e achatado, de tal maneira embutido na cara gorda que as narinas mais pareciam buracos, o que fez com que o Cardeal fechasse momentaneamente os olhos, tomado de uma náusea aristocrática.

O bispo literalmente resfolegava. O crucifixo de ouro, sobre a pança, subia e descia, refulgindo à luz da manhã. Fez uma profunda reverência ao Cardeal, que lhe estendeu, impaciente, a mão fina e delicada. O bispo apressou-se a beijá-la, fazendo com que Richelieu estremecesse involuntariamente.

— Então, que história é esta? — perguntou-lhe.

Mas o bispo estava por demais impressionado, pelo fato de se encontrar na presença do grande e terrível príncipe da Igreja. Olhou para o Padre Joseph, incapaz de falar. Mesmo quando Louis lhe trouxe uma cadeira, ele ficou a olhar para ela, parado, como se nunca tivesse visto semelhante móvel, e só quando o Cardeal lhe ordenou que se sentasse, é que ele obedeceu, tremendo. Cruzou as mãos gordas e brancas sobre a barriga, num esforço para controlar a tremedeira. Gotas de suor irromperam-lhe no rosto rubicundo.

Percebendo que nada se conseguiria com o bispo naquele estado de trepidação e também que se estava esgotando a pouca paciência do Cardeal, o Padre Joseph pousou a mão no ombro do bispo, à guisa de encorajamento. Sorriu-lhe, a tranquilizá-lo, mas o bispo olhou para ele com o desespero de um pobre ser humano, pe-pindo proteção e ajuda a um super-homem.

— Peço-lhe que conte tudo o que sabe a Sua Eminência — disse o Padre Joseph, na sua voz semelhante aos acordes de um órgão —, que está ansioso por ouvir tudo o que tem a dizer.

O Cardeal fungou delicadamente e olhou para o teto com paciência exagerada. Depois, sentindo a irascibilidade voltar-lhe, acompanhada do vago sentimento de dor que aflige as pessoas nervosas, deitou um olhar de desprezo para o bispo.

— Fale, homem! — ordenou. — Fale ou saia da minha presença.

O bispo souou mais ainda. Abriu a boca, mas dela não saiu nenhum som. Amaldiçoando-o intimamente, o Cardeal disse, numa voz que se esforçava por ser paciente:

— Creio que tem algo muito importante a me comunicar, com referência à sua diocese. Deve ter visto a multidão que se aglomera nas antecâmaras, à espera de ser recebida em audiência por mim. Peço-lhe, portanto, que seja o mais rápido e conciso possível. — E acrescentou: — Se for questão de dinheiro, recordo-lhe que Madame de Collioure pertence à sua diocese, e, embora não se faça notar pela generosidade, tenho a certeza de que, com alguma coerção da sua parte, ela não se recusará a abrir os cordões da bolsa. Para que serve o padre? É inútil me pedir ajuda. O Padre Joseph é quem trata desses

assuntos, não eu.

— Não se trata da velha Madame de Collioure — murmurou o bispo, cada vez mais nervoso.

Mas, recordando a terrível dama, esqueceu até certo ponto o medo que sentia.

— Embora eu deva confessar que ela é uma bruxa velha, que torna a minha vida um inferno, com as suas exigências descabidas e os seus caprichos absurdos, fazendo-me pagar com sangue cada cêntimo que me dá. Além disso, ela conta com o apoio da abadessa e das freiras. É uma autêntica rebelião de saias, que eu não vou tolerar por muito mais tempo com calma e boa vontade. Mas Vossa Eminência me perdoe por vir importuná-lo com os meus problemas — acrescentou, assustado com a própria audácia.

O Cardeal sorriu, recordando os problemas que tivera com velhas absurdas e geniosas, quando era bispo. Mas, refletiu ele, nesse tempo era jovem e belo, e nenhuma velha dama fora capaz de lhe resistir. Sempre soubera lidar com as mulheres, pensou.

Disse, com mais brandura:

— Tudo isso é muito desagradável, e pode contar com a minha simpatia. Mas não foi por isso, decerto, que veio consultar-me! O Padre Joseph disse-me que se trata de um assunto da maior importância.

E atirou ao amigo um olhar malévol.

— Foi Madame de Collioure quem insistiu para que eu entrasse em contato com o Padre Joseph — disse o bispo, retorcendo as mãos.

— Ah! — exclamou o Cardeal, com um olhar ainda mais severo para o amigo.

— As propriedades dela são vizinhas às do Conde de Vitry — continuou o bispo. E acrescentou, vendo o rosto do Cardeal se fechar: — Elá diz que teme constantemente pela sua vida, devido ao atrevimento e à arrogância dos camponeses do conde. Afirma que não pode dormir, de medo de que eles subjuguem os guardas, e a roubem e a matem na cama.

O Cardeal achou aquilo divertido.

— Quer dizer que o Conde de Vitry alimenta tão bem os seus camponeses, que eles ficam assim, cheios de ideias?

Aquilo deu coragem ao bispo. Esquecendo o medo que tinha do Cardeal, exclamou, indignado:

— Madame de Collioure tem toda a razão para estar apreensiva, Monsieur le Duc! Devo confessar que há muito tempo venho desejando buscar ajuda contra o deplorável e perigoso estado de coisas vigente nas terras do jovem Conde de Vitry

— Prossiga, por favor — suspirou o Cardeal.

Mas estava interessado. Apoiou-se no cotovelo e fixou o olhar penetrante no trêmulo bispo.

— Não tenho nada contra a maneira de Monsieur le Comte tratar os seus camponeses — disse o bispo, com um breve erguer de olhos. — Ele conta com a minha bênção pelo bem que lhes trouxe. Que sacerdote seria eu, se fosse contra choupanas decentes, mesas fartas, cores nas faces das crianças, danças e cantos que resultam da paz, da bondade e da prosperidade? Não são essas coisas que me preocupam. Devo confessar, também, que o conde tem sido muito generoso para com a Igreja, que ele incita os camponeses a cumprir com os seus deveres religiosos e que trata o velho Padre Lovelle como um amigo, muito querido e respeitado. Padre Loveile só fala bem de Monsieur le Comte.

— Então? — insistiu o Cardeal, sentindo voltar-lhe a impaciência.

O bispo suspirou, e uma expressão malévolas tomou conta do seu rosto.

— O conde tomou a si a tarefa de instruir os camponeses — disse ele, num tom de voz significativo.

— Espera converter o Abade Lovelle e os camponeses ao protestantismo? — sugeriu o Cardeal, com divertida incredulidade.

O ar malévolo do bispo acentuou-se. Inclinou-se para o Cardeal, visivelmente agitado, e disse, quase em lágrimas:

— Vossa Eminência está fazendo pouco caso dos meus problemas. Não, não houve nenhuma atitude subversiva da parte do conde. Ele mesmo, quando nas suas propriedades, ouve missa, seguido dos seus camponeses, e a sua atitude é extremamente reverente, embora eu tenha ouvido dizer que ele já não é um verdadeiro católico, como o foi seu santo pai. O Abade Lovelle disse-me que o conde respeita todas as religiões. As minhas diferenças com o conde não são devidas a nenhuma irreligiosidade da parte dele. De certo modo, são mais profundas do que isso. Talvez Vossa Eminência não saiba da sua perigosa interferência na vida dos seus camponeses, para lá da simples benemerência? Vossa Eminência sabe, porventura, que o conde contratou professores para os seus camponeses e que não só encoraja as crianças a assistirem às aulas, o que já é bastante censurável, como também quer que os pais assistam às mesmas? E as mulheres! — exclamou, dilatando os olhos, na expectativa de ver o Cardeal espantado.

Richelieu ficou realmente surpreso, mas não o demonstrou. Contentou-se com ouvir, com renovada atenção, o que o bispo lhe dizia.

Este estava excitadíssimo. A cadeira rangia com os seus movimentos agitados. Gesticulava violentamente.

— Disse, ao conde que o convento estava ali para instruir as moças do povoado, e ele replicou, sorrindo: “Em trabalhos de agm lha, serviços domésticos e agrícolas, a fim de torná-las mais dóceis e melhores criadas daqueles que, aos olhos de Deus, são seus inferiores?” Vossa Eminência, por aí já pode ver como esse homem é perigoso!

Mal podia respirar, tal a sua raiva.

— Vejo os camponeses dele debaixo das árvores e em volta das mesas, aprendendo a soletrar ou lendo livros estranhos! Disseram-me que discutem heresias nas tabernas e que fazem perguntas e cogitam sobre assuntos impróprios da sua condição, que deviam ser reservados aos padres. Disseram-me que questionam os decretos de Sua Majestade, que falam desrespeitosamente de Vossa Eminência, que não aceitam nada, discutem sempre e se expressam com indignação!

Torceu as mãos; os olhos marejados de lágrimas. Depois, o seu rosto assumiu uma expressão de horror:

— Contam-me também que eles se perguntam: “Por acaso não somos homens? Não temos, aos olhos de Deus, direitos iguais a esta nossa França, aos, frutos do seu solo, às suas riquezas e aos seus privilégios? Não possuímos almas divinas, tão caras a Deus quanto as aihias dos magnatas e dos reis? A terra não é tão nossa quanto deles, e não temos o mesmo direito à liberdade, à justiça e à fraternidade? Deus decretou a miséria, ou ela foi decretada pela Igreja? E, se foi a Igreja, como a razão nos diz que foi, por que haveremos de suportar a fome e a pobreza, a ignorância e a obediência servil, por que haveremos de nos mostrar dóceis e humildes?”

Calou-se abruptamente, ofegante e fora de si.

O Cardeal já não se mostrava irônico nem divertido.

— O Abade Lovelle lhe disse tudo isso?

Apesar da sua agitação, o bispo ficou subitamente embaraçado.

— Não, Eminência. Foi uma senhora.

— Madame de Collioure, que teme pela própria vida?

— Não, Eminência. Devo confessar que foi uma outra senhora, que vive em pecado com o conde, mas que é uma boa católica, recentemente convertida à Santa Madre Igreja.

O bispo baixou discretamente os olhos, e a sua face gorducha enrubescou.

— Ah! — murmurou o Cardeal, recostando-se nos seus travesseiros. — O conde mandou-a embora e ela quer se vingar dele?

— Pelo contrário, Eminência. Ele continua fiel a ela. A moça veio ter comigo, chorando e suplicando indulgência -pelo fato de o estar traindo, jurando que só após muita prece e meditação a sua consciência a levará a me procurar.

— Provavelmente, arranjou outro amante — sugeriu o Cardeal.

— Nada disso, Eminência! Deseja muito casar com o conde, mas, como pertence a uma classe inferior, ele não quer desposá-la.

— E ela pensa que, se ele se curvar à Igreja, poderá ser induzido, por você, a recompensá-la com o casamento?

Os olhinhos de porco do bispo piscaram.-Pigarreou e disse, num tom de contido desafio: e '

— Como Vossa Eminência há de perceber, isso seria mais do que justo.

O Cardeal olhou pára o Padre Joseph com um leve sorriso.

Mas a expressão do capuchinho não se alterou.

— Tudo isso é muito censurável — disse o Cardeal. E acrescentou, secamente: — Não obstante, embora já tenha sido feito, e com frequência, não vejo como, nos tempos que correm, um homem possa ser mandado para a Bastilha por praticar a caridade cristã com os que dele dependem.

— A Bastilha, para o Conde de Vitry? — exclamou o bispo, empalidecendo e contorcendo as mãos. — Conheci bem o falecido conde! Era muito meu amigo!

— Então, qual a vossa sugestão?

O bispo engoliu em seco e olhou, súplice, para o capuchinho.

— O bispo está numa situação muito delicada — disse o Padre Joseph, irritado com a calma e a indiferença do Cardeal. —

Pensou em remover o Podre Lovelle, que está pedindo para ser punido, pois teima em apoiar de Vitry no seu perigoso trabalho. Mas, afinal das contas, um de Vitry é um de Vitry, e o bispo hesita em ofendê-lo. Os de Vitry continuam sendo os senhores mais poderosos da localidade.

— E nós dependemos do apoio deles — rematou o Cardeal.

—Se Madame de Collioure fosse mais generosa! — suspirou o bispo.

— Mas não é. Por conseguinte, a principal fonte de ajuda à diocese provém de Monsieur le Comte, que deve ser um homem muito hábil.

— Um paradoxo — disse o capuchinho, erguendo significativamente as sobrancelhas.

O Cardeal recostou-se nas almofadas e uniu as pontas dos dedos. O capuchinho conhecia bem os sinais: o Cardeal preparava-se para se entregar ao prazer de discutir as idiossincrasias humanas.

— Trata-se de um jovem e poderoso magnata, de quem suspeitamos — disse Richelieu. — Suas atividades em Paris fazem parte de um farto dossiê. Nasceu e foi educado como católico, mas deixou de sê-lo, embora ainda não tenha sido excomungado. É um dos mais enérgicos inimigos da Igreja. Não obstante na prática ser huguenote, se não confessadamente protestante, mostra-se devotado ao velho Padre Lovelle, que o adora, e leva os seus camponeses à Igreja com uma dedicação e um zelo que nossos mais aguerridos senhores católicos bem poderiam imitar. Um paradoxo, como você bem diz, meu caro Joseph. Não, não é bem um paradoxo. Não é a nossa religião que ele despreza e deseja destruir, mas a nós.

Sorriu, pensativo.

Entre nós, há os que não percebem a distinção, mas ela é clara para mim. Nem há confusão alguma nas atividades do jovem conde. É evidente que ele acredita na fé, na tolerância de todas as fés, mas que é inimigo de todo e qualquer seguidor de uma fé que ambicione o poder e a autoridade temporal.

— Essa distinção não passa de um sofisma — observou o capuchinho.

O Cardeal inclinou a cabeça, mas não retrucou. Passado um momento, porém, fez um sinal ao capuchinho, que se voltou polidamente para o bispo.

— Monsieur le Cardinal pede que se retire, por alguns momentos, para a antecâmara.

Ofendido e intrigado, o bispo saiu do quarto.

O padre Joseph voltou para a cabeceira da cama. Estava tão indignado que esqueceu o respeito habitual.

— Armand-Jean! Isto não é motivo para rir. Você sem dúvida percebe que, se as teorias e os métodos desse homem se espalharem por outras dioceses, a França e a Igreja estarão ameaçadas. A educação e a liberação das massas só podem resultar no desafio a toda a autoridade, no ateísmo e na heresia, num clamor e num questionar constantes, em confusão, caos e perda da autoridade do governo e da Igreja. O próximo passo será o povo exigir os seus direitos, fazendo com que o nosso antigo sistema caia por terra.

— Você sabe, tão bem quanto eu, que a autoridade tem de permanecer nas mãos daqueles que Deus indicou para detê-la. . . aqueles que, por berço e posição, herdaram essa autoridade. Você sabe que a Igreja sempre apoiou os direitos dos que herdaram uma posição, ou dos que a obtiveram com a ajuda dela, ou com a sua sanção. Permitir que uma migalha que seja de poder caia nas mãos do povo é contrariar a vontade de Deus e da Igreja, e só provocará revoluções sangrentas, heresia e desgraça.

Louis, involuntariamente levado pela paixão, aproximou-se dos pés da cama e olhou, primeiro para o capuchinho e depois para o Cardeal, com expressão desvairada. O Cardeal deitou um olhar distraído ao jovem sacerdote e de novo pensou qual seria o motivo do ódio espelhado no rosto dele.

— A sua imaginação, meu caro Louis, parece estar solta — observou Richelieu.

O Padre Joseph debruçou-se sobre a cama e fixou no Cardeal o seu olhar veemente e terrível.

— O protestantismo trouxe felicidade para o povo? Não! Trouxe apenas confusão, dúvida e falta de fé. A Igreja acredita no direito dós homens à felicidade e sabe que terras e riquezas não são necessárias à felicidade do povo. O homem comum só pode ficar desnorteado com a posse de bens materiais, porque as suas necessidades são tão simples quanto a sua natureza. A Santa Madre Igreja deseja, pois, evitar que o homem humilde obtenha bens materiais que lhe venham complicar a vida, tornando-o preocupado com a sua segurança, insuflando-lhe a vaidade e a cobiça, aumentando-lhe a vontade de ter cada vez mais. Ela sabe que, se ele conseguir tudo isso, constituirá uma ameaça para os seus senhores, conferirá autoridade, poder de decisão e consciência a si mesmo e não à Igreja e nem ao Estado. Q resultado inevitável será a anarquia, a morte da autoridade religiosa.'

— Não se deixe levar pela paixão — disse o Cardeal. Acaso discordei de você, meu caro-joseph?

O capuchinho bateu na cama com o punho cerrado.

— Não! Mas Vossa Eminência assume um ar de indiferença e tolerância, altamente perigoso! Sem dúvida percebe que de Vitry é mais perigoso para a França do que uma peste, não?

O Cardeal não se deixou perturbar pela indignação do amigo.

— Vamos considerar ponto por ponto e cogitar. Não advogo o procedimento do jovem conde. Mas tampouco acredito que de Vitry seja uma ameaça para a França. O que ele defende vingou, até cerio ponto, na Inglaterra, e, a julgar pelos relatórios que os meus agentes me mandam de lá, a Inglaterra não mostra sinais imediatos de desintegração e colapso...

—•Mas os franceses não são' ingleses! — retrucou o capuchinho, com desdém. — Os ingleses têm blocos de gelo no lugar das entranhas. São incapazes de excessos e paixões. Até mesmo a pequena alma que possuem é contida pela cautela, pela astúcia e pela cobiça próprias da raça. São incapazes de se dedicar, de corpo e alma, a qualquer causa. Põem em primeiro lugar a preciosa pele. “Até onde isto vai afetar a minha loja, a minha oficina, a minha taberna, o meu pedaço de terra, a minha cerveja, a minha

casa?”, perguntam eles. E isso os' faz pensar duas vezes. São incapazes de se dedicar a uma causa com fervor e desprendimento. Já o francês é capaz de queimar a própria alma no fogo das suas con—

vições. É capaz de se imolar gritando de alegria. Tem garra, bravura-e capacidade de esquecer a si próprio. Entrega-se a tudo com fúria. Por isso, se o puserem em contato com estranhas e catastróficas teorias, e se ele se convencer delas, toda a França, toda a Igreja arderão como plumas envoltas em chamas. Esse é o perigo. Até aqui, a França não foi totalmente convertida ao protestantismo, graças à frieza e à esterilidade dessa heresia, que não possui colorido, dramaticidade, paixão ou glória, e nem exige o sacrifício da própria vida. Mas nas teorias do Conde de Vitry está o germen de tudo isso. Os homens não se sacrificam por uma tese intelectual, e sim por outros homens.

— Não acha isso nobre? — murmurou o Cardeal, com ironia.

— Acho perigoso. Para a França.

O Cardeal meditou longamente. Depois, o seu rosto aristocrático tornou-se aos poucos mais estreito, mais fino e mais pálido.

— Concordo com tudo o que você disse — observou, por fim.

O capuchinho respirou fundo, sentindo-se exausto. Olhou para Louis, que lhe devolveu o olhar satisfeito.

— Não obstante, nós próprios estamos numa situação perigosa e delicada — continuou o Cardeal. — Vou passar em revista os fatos. A cura mais simples para a loucura do Conde de Vitry seria remover o velho Padre Lovelle, sem dúvida caquético, e substituí-lo por um padre capaz de controlar os camponeses de de Vitry, com sutileza, é claro. Mas, se removêssemos o Abade Lovelle, de Vitry ficaria furioso e desconfiado. Precisamos, pois, arranjar uma desculpa adequada. Além disso, de Vitry é amigo, embora não íntimo, do irmão de Sua Majestade, o Príncipe Gaston, por sua vez favorito da Rainha-Me, que não perçleria uma oportunidade de me aborrecer. Por outro lado, de Vitry tem outros amigos poderosos. Se ele já é perigoso dentro das_ suas propriedades, mais perigoso se tornará se o forcarmos a se defender. Pode até ir falar com Sua Majestade, que neste momento não está muito bem comigo. Quando estão envolvidos sentimentos pessoais, a razão vai por água abaixo.

Meditou profundamente, massageando os dedos, virando a mão esquerda de modo a que o magnífico anel que a adornava cintilasse à luz dourada que entrava pelo quarto.

— Se agirmos, terá que ser drasticamente, com um golpe certo. Se pudermos remover o Padre Lovelle, quem você sugeriria para substituí-lo? Tem que ser um padre implacável, impiedoso, terrível, mesmo debaixo de uma capa de doçura e piedade.

Apesar do seu triunfo, o capuchinho empalideceu, fazendo com que a sua barba vermelha parecesse em fogo. O Cardeal olhou para ele com um meio-sorriso, até que o Padre Joseph desviou o olhar.

— Você acha que. . . um tal homem. . . poderia influenciar os camponeses contra de Vitry? Considerando tudo o que o conde fez por eles?

O capuchinho sacudiu a cabeça, com ar de dúvida.

Richelieu bateu de leve na mão do amigo.

— Até que enfim, meu caro Joseph, você é derrotado pela sua consciência.

Olhou, pensativo, para o teto.

— Vê-se bem que você não compreende as pessoas. A bondade não é uma condição natural nelas, e sim a maldade. Guiado -pelos seus instintos, um homem é antes cruel, mau e rancoroso do que compassivo, justo e tolerante. As pessoas nascem más. A bondade que gerações de padres e de sábios têm procurado lhes ensinar repousa precariamente, como uma coroa de flores, na cabeça de um macaco. Todo o príncipe que desejar governar à vontade precisa se lembrar disso. Basta entregar uma vítima ao povo para que ele próprio viva tranquilamente. Descobrimos isso com os judeus.

Uma expressão maligna contorceu-lhe os lábios finos.

— Um destes dias — murmurou para si mesmo — as pessoas ainda se vingarão de Jesus por Ele ás ter conclamado a andar eretas. . . uma posição muito desconfortável.

Voltou-se de novo para o Padre Joseph.

— Repito. . . quem você sugeriria para a nossa campanha contra de Vitry? Há um método mais direto, é claro: eliminar completamente de Vitry. Mas isso não destruiria a influência que ele estabeleceu sobre a sua gente. Seria canonizado como mártir. Não, a coisa precisa ir mais fundo, atingir o coração deles. Se for preciso destruir, eles que o façam.

O capuchinho não retrucou. Sua palidez era extrema. O Cardeal contemplou-o com cinismo divertido. Era sempre essa a sua estratégia, quando se cogitava de usar violência: delegar a solução a quem trouxera o problema à baila. Livrava-o, a ele, Richelieu, de sua responsabilidade.

Por fim, o Padre Joseph falou, em voz baixa, mas firme:

— Já tenho o homem. Vossa Eminência conhece-o bem: Monsenhor Antoine dè Pacilli.

Olharam um para o outro. Mas logo o Cardeal fez uma careta.

— Jamais gostei de italianos — disse.

O capuchinho fez um gesto de impaciência.

— Só o seu avô paterno era italiano. Vossa Eminência conhece bem a sua devoção, o seu fervor, o seu fanatismo. . .

— Nasceu demasiado tarde. O Santo Ofício perdeu um ótimo inquisidor — atalhou o Cardeal, provocante.

— Além disso, ele é praticamente desconhecido em Paris — continuou o Padre Joseph, fingindo não ter ouvido. — Isso lhe dá uma grande vantagem. É um homem brilhante, culto e sutil, capaz de desempenhar qualquer papel. Desde que chegou a Paris, vindo de Roma, tem levado uma vida de austeridade e obscuridade entre os monges franciscanos. Devota a sua vida à oração; embora muitas vezes tenha pedido audiência a Vossa Eminência, nunca a conseguiu.

— Repito, não gosto de italianos.

O capuchinho apertou os lábios.

— Você gosta, Armand-Jean, é de me irritar. Monsenhor de Pacilli esperou quase um ano por uma audiência, por uma posição, e você sempre se recusou a recebê-lo, embora ele tenha vindo depois do pedido que você mandou a Sua Santidade.

— Estive apenas pensando em como poderíamos usá-lo da maneira mais vantajosa possível.

— Então, essa maneira surgiu. Ele não é nem demasiado jovem, nem velho demais — acrescentou o capuchinho, com ironia. — Deixe que o bispo convença de Vitry da necessidade de dar umas férias ao velho Padre Lovelle, que tem duas sobrinhas e um sobrinho perto de Rouen. Pacilli tomará então o lugar dele, ostensivamente por algum tempo apenas. Só teremos de lhe explicar o que desejamos, e ele se encarregará do resto.

Em menos de duas horas, Monsenhor Antoine de Pacilli era admitido à presença do Cardeal, através de passagens secretas. Ninguém o viu chegar. Ele estava cheio de satisfação por ter sido, finalmente, chamado a falar com Sua Eminência.

● Capítulo XXV

Havia, em Paul de Vitry, o misterioso e indefinível elemento de grandeza, que nada tem a ver com a fama, com a aclamação ou com a notoriedade. Falava simplesmente, mas com brandura. Tinha um sorriso de uma doçura singular. Quando ria, ria não só com os lábios, mas também com os olhos, e um brilho claro os iluminava. As suas maneiras eram gentis, como se ele se sentisse profundamente humilde. Embora as suas opiniões fossem veementes, nunca eram dogmáticas ou arrogantes. Vivia em constante apreensão de que elas pudessem ofender involuntariamente, e muitas vezes pedia desculpas por elas. Era generoso, compassivo, sutil e sensível. Amigo devotado, não sentia inimizade por ninguém. Não havia amargura ou ódio nele. Acima de tudo, era compassivo, detestando apenas a injustiça, a crueldade e a opressão.

Talvez fosse a soma de todas essas qualidades o que o tornasse tão superior. Possuía-as todas, ao passo que outros homens possuem apenas algumas. Talvez lhe faltasse medida na virtude: não tinha limites para a piedade, o amor, a ternura e a honra. Não havia moderação na sua bondade. O seu coração era infinito. Parecia uma fonte que jorra inexaurivelmente, não confinada pelas pedras da cautela, do egoísmo, da constante consideração da própria bondade, nem restringida pela lama do autocontrole ou da razão. Dava-se todo de coração e não se perguntava se, ao fazê-lo, mostrava sabedoria, prudência ou moderação.

A grandeza dos homens superiores está no completo abandono e na generosidade das suas almas. A grandeza de Paul estava também na sua infinita paixão, no horizonte ilimitado do seu espírito. Onde há artifício, há reserva; onde há reserva, não há grandeza. Parte da sua grandeza estava na sua falta de artifício e na sua nobre indiferença pela desaprovação, pela incredulidade ou pelo desprezo dos outros. Possuía uma enorme inocência que, entretanto, tinha consciência do mal. Mas nessa mesma consciência e no seu invariável e indignado espanto diante dela, é que residia a afirmação da sua majestade. Havia nele a qualidade do exagero, que é a marca de toda a grandeza, boa ou má.

Por tudo isso, era adorado por alguns poucos e odiado pela maioria das pessoas, pois a grandeza, num homem, é geralmente considerada um pecado imperdoável.

Arsène sempre o estimara, mas fora só depois que a sua consciência despertara, que ele se apercebera da grandeza do amigo.

Não teria dito-: — Confiaria a minha vida a Paul — porque, numa afirmação dessas, há um elemento de conscientização, e, para Arsène, esse era um fato empírico.

Assim que deixara o Palácio Cardinalício dirigira-se imediatamente à casa do amigo para lhe contar a proposta recebida. Paul escutara-o com a maior das atenções.

— Acho que tenho de aceitar — disse Arsène — por muitas razões, entre elas o fato de, ocupando um posto desses, ficar sabendo, em primeira mão, dos planos do homem.

Ao ouvir aquilo, Paul soltara uma gargalhada involuntária.

— Arsène, eu adoro você! — exclamara.

Mas logo, diante do ar ofendido do amigo, apressara-se a lhe passar a mão pelo ombro.

— Pronto, já o aborreci! Mas você deve compreender que isso não vai ser possível. A simples aceitação desse posto não o livraria de suspeitas. Pelo contrário, tornaria mais fácil espioná-lo. Que alma galante, mas inocente, a sua, Arsène! Você é por demais apaixonado, por demais temperamental, para ser sutil. Além disso, você se sentiria muito infeliz. A traição não combina com você. Não posso aconselhá-lo a aceitar uma situação dessas. Além do mais, a ideia, em si, é imoral. Não se aceitam

favores, nem se faz juramento quando se está determinado a traí-lo.

— Você é que é inocente — disse Arsène, irritado.

— Não — retrucou Paul, subitamente sério —, não é isso. Não quero que você se sacrifique, nem por mim, nem pelos nossos amigos.

— Mas, se eu não fizer, você correrá perigo.

— Não mais do que já corro. Tudo está nas mãos de Deus. — E acrescentou: Não temo demasiado por você, Arsène. Você é filho do Marquês du Vaubon.

— Não obstante — disse Arsène — isso não impediu o Cardeal de contratar um assassino para me despachar.

— O melhor que você tem a fazer, então, é informar um grande círculo de amigos e conhecidos da oferta do Cardeal e da sua recusa, a contragosto. Desconfio de que até o Cardeal hesitaria em fazer algo que o colocasse sob a pior das suspeitas.

Suspirou e começou a falar do Duque de Tremblant e do holandês.

— Partem esta noite, sem dar nas vistas, acompanhados apenas de um pequeno número de guardas. Um grande séquito suscitaria curiosidade e desconfiança. Vão viajar modestamente, a cavalo, de modo a parecerem homens simples, fazendo uma viagem de negócios.

— A estrada está infestada — disse Arsène, preocupado. — Além disso, não creio que o Cardeal não saiba de nada.

— Não pode saber. Apenas de Bouillon, de Rohan, eu e você sabemos dessa viagem. De onde, pois, poderia partir uma traição? Além do mais, quem ousaria molestar o Duque de Tremblant, mesmo que todos soubessem?

— Você não conhece o Cardeal!

Paul perguntou então a Arsène se gostaria de acompanhá-lo numa visita às suas propriedades. Percebera que o seu bravo amigo estava começando a pensar, e resolvera tomar a si a orientação dos seus pensamentos. Arsène confessou-se encantado com a ideia.

— Mas tenho que voltar daqui a cinco dias — explicou — para o meu casamento.

Disse aquilo calmamente, sem que os olhos lhe brilhassem, sem um sorriso de ternura. Paul olhou para ele. Quando Arsène falava do seu próximo casamento, uma sombra lhe escurecia, os olhos e lhe pairava sobre a boca. Paul não disse nada, mas sentiu uma certa tristeza.

— Partiremos amanhã, então — falou.

Arsène enviou uma carta ao Cardeal, na qual declinava, com as mais exageradas expressões de desgosto, a honra que lhe fora oferecida. Contou ao pai sobre a oferta e a recusa, e o Marquês ficou furioso e desapontado. . . . ;

— Tinha sonhado tanto com isso, seu idiota, seu imbecil! — exclamou. -

— Como poderia eu trair as minhas convicções? — retrucou Arsène, divertido.

— Ora, convicções! Só as mulheres e os eunucos podem ter convicções! Um homem ambicioso não se pode permitir uma tal loucura,

— Não sou ambicioso, pai — replicou Arsène.

— O que você é, é um sem-vergonha! — gritou o marquês. — Ainda não percebeu que essa é a sua única oportunidade de escapar à morte? Nunca pensou que o Cardeal pode vir a saber de você e do seu envolvimento com Les Blanches?-

Q marquês empalideceu, ao falar naquilo, e Arsène compreendeu o terror em que o pai permanentemente vivia.

Procurou tranquilizá-lo.

— Ele não vai me mandar matar. Vou contar a todo mundo que ele me fez essa oferta e que a recusei,

a contragosto, por não poder me submeter a uma vida disciplinada. Isso atará as mãos do Cardeal.

O marquês retorceu as mãos, e nem mesmo Arsène pôde sorrir, ao ver aquele gesto tão teatral.

— .Eu lhe peço! — disse o marquês. — Será que você não pode fazer esse favor ao seu pai? Já parou para pensar na angústia e no medo em que vivo, por sua causa? Quanto tempo você acha que vai passar, antes de você ser um homem perdido?

— Tenho pensado muito no meu avô — replicou Arsène calmamente.

Ao ouvir aquilo, o marquês ficou calado, os lábios tremendo, os olhos piscando. Uma expressão estranha surgiu no seu rosto, e, passado um momento, olhou para Arsène como se estivesse vendo um estranho. Por fim, disse, numa voz sumida:

— Então, faça o que você acha que deve.

Arsène ficou espantado. Num impulso de amor e ternura, procurou consolar o pai. Nunca na sua vida sentira tanto afeto e tanta gratidão para com ele, e sentia-se perturbado. Mas, embora o marquês acenasse aqueles gestos de consolo, de apreciação e compreensão, não se conformava. Deixou que Arsène lhe beijasse a face e lhe segurasse a mão. Quando o filho tentou retirar a mão, o marquês agarrou-se a ela, os olhos marejados de lágrimas.

Mais tarde, Arsène ficou pensando naquela estranha cena. Se- . ' ria possível que, no fundo, no fundo, houvesse uma certa nobreza no frívolo e leviano marquês, que vivia apenas para as intrigas, as mulheres, os perfumes e a Corte? Custava-lhe crer.

Tinha-se descuidado de Mademoiselle Clarisse de Tremblant, ultimamente, e, nessa noite, resolveu ir visitar a noiva, dirigindo-se para o hotel de Tremblant no seu sóbrio gibão com meias escuras.

O galante cavalheiro já não parecia ligar para os belos trajes. Até então, Arsène de Richepin fora conhecido pela elegância e pelos ótimos alfaiates, que lhe realçavam a bela figura. Mas, ultimamente, o seu guarda-roupa fora descurado. Pierre, o seu valet, abanava tristemente a cabeça, ao escovar as roupas não usadas e engraxar as esplêndidas botas, ora raramente calçadas.

— Monsieur está parecendo um puritano inglês — queixava-se ele.

Até mesmo os sabres de cabo precioso pendiam, empoeirados, das paredes. Arsène só carregava consigo a espada do avô, como se fosse um talismã,

Ao aproximar-se do hotel de Tremblant, viu que as altas janelas estavam todas iluminadas e que uma música suave provinha dos jardins atrás do palacete, alumiados por miríades de lanterninhas penduradas das altas árvores. Carruagens entravam pelas ruas estreitas, cheias de parisienses esfarrapados, que olhavam, curiosos, ou discutiam, fazendo uso de expressões obscenas, as personalidades das várias damas elegantes e perfumadas, e dos cavalheiros que desembarcavam dos coches. Eram mantidos a uma distância respeitosa por destacamentos dos mosqueteiros do Rei e do Cardeal, que a toda hora faziam reverências e tiravam os chapéus emplumados. O barulho de vozes ressoava por toda a vizinhança. Quando os criados abriam as portas de carvalho maciço, a luz iluminava a rua escura e fétida, e a população vaiava ou dava vivas. No meio da massa anônima, os parisienses esqueciam o respeito, e até os mosqueteiros sorriam de alguns dos dichotes que eles gritavam. A distância, as torres de Notre Dame recortavam-se contra um céu azul-escuro, cheio de estrelas trêmulas.

Arsène parou, perplexo, diante da multidão. Procurou recordar-se. Que teria ele esquecido agora? A multidão comprimia-o, empurrava-o, pois ele não se distinguia, no modo de vestir, de qualquer outro homem, exceto pela espada. Sentiu os horríveis cheiros de suor e sujeira que emanavam do zé-povinho, e fçz uma careta. Olhou em volta, para os rostos iluminados pelas tochas; de repente, o terror tomou conta dele. Porque, naqueles rostos escuros e sujos, de olhos brilhantes e negros, e risadas ameaçadoras, ele percebia um perigo informe, mas terrível. Riam e gritavam a cada carruagem que chegava e-a cada nobre

que desembarcava; mas, debaixo daquelas risadas, escondiam-se bestas selvagens e enjauladas, famintas e poderosas.

Viu o comandante da Guarda do Rei a uma pequena distância, e esforçou-se por alcançá-lo. Braços, ombros, corpos bloqueavam-lhe o passo. Finalmente, desesperado, como um homem que estivesse se afogando, gritou para o comandante, que se voltou, espantado, para onde vinha a voz. Avançou para ele, e a multidão foi abrindo caminho. Quando viu quem o tinha chamado, a sua boca abriu-se num espanto imbecil.

— Monsieur de Richepin! — exclamou ele, incrédulo, e olhou para trás, como se esperasse ver uma duplicata de Arsène desembarcando de alguma carruagem.

Custou-lhe convencer-se de que aquele jovem desganhado, que tentava avançar por entre a multidão, fosse, realmente, Arsène de Richepin.

Finalmente convencido de que se tratava mesmo de Arsène, puxou-o dentre o povaréu e ficou a olhar, ainda mais espantado, para a roupa simples e amassada do jovem aristocrata.

— Ma foi! — exclamou Arsène, esfregando a capa com a mão e tirando o chapéu, para poder endireitar a pluma. — O que está acontecendo aqui?

O comandante ficou sem fala. Os olhos esbugalharam-se. Parecia um peixe tirado da água. Dois ou três dos seus homens aproximaram-se e, ao reconhecerem Arsène, ficaram também boquiabertos. Arsène, embaraçado, perguntou, numa voz irritada:

— Será que todos ficaram mudos? Que está acontecendo?

O comandante foi o primeiro a recuperar a fala.

— Será possível que monsieur se esqueceu da festa em honra de si mesmo e de Mademoiselle de Tremblant, e de que o Cardeal e Sua Majestade estão sendo esperados de um momento para o outro? w

Arsène empalideceu.

— Ah, sim —• murmurou ele. — Tinha-me esquecido.

Ao ouvir aquilo, o comandante deu a impressão de ir desmaiar. Começou a tremer.

— O Marquês de Vaubon e Monsenhor de Richepin já chegaram — disse ele, numa voz fraca. — Sem dúvida estão surpresos com a vossa ausência.

Arsène sentiu-se tomado de aflição. Não estar presente para receber Suas Majestades seria algo imperdoável. Madame de Tremblant nunca lhe perdoaria a afronta, e muito menos o Rei. Mas como iria ele entrar vestido daquela maneira, com uma roupa empoeirada, usada e apropriada apenas para a rua? Não tinha tempo de voltar ao hôtél de Vaubon para mudar de trajes. A qualquer momento, chegariam os augustos convidados.

— Abra caminho para que eu possa alcançar a entrada de serviço — pediu ele ao comandante dos guardas, enquanto se amaldiçoava a si mesmo.

Os homens de guarda na entrada de serviço não ficaram menos espantados do que o comandante dos mosqueteiros. Os criados mal podiam acreditar nos seus olhos. Arsène pediu que o conduzissem aos aposentos do Duque de Tremblant, onde deparou com o duque, entregue, com total indiferença, aos cuidados dos seus va-lets. Um deles segurava uma peruca cacheada, que o duque contemplava com evidente desgosto. Ao ver a figura de Arsène através do espelho, ficou um momento olhando, incrédulo. Depois, voltou-se e caiu na gargalhada, pois a cara desesperada do jovem, o seu cabelo em desalinho, as suas roupas amassadas, compunham uma estranha e inesperada visão.

— Não há tempo para risos ou explicações — disse Arsène apressadamente e em tom ofendido. — Só que eu me esqueci da festa e não tenho tempo de voltar ao hôtél du Vaubon.

Seu rosto moreno estava vermelho de raiva de si mesmo. Não podia suportar que rissem à custa dele.

— Tenho que lhe pedir perdão, Monsieur le Duc, e perguntar se não me seria possível usar um dos seus trajes.

O duque parara de rir, mas os seus graves olhos castanhos tinham uma expressão divertida.

— Que noivo é este? — murmurou.

Mas logo olhou para Arsène com a habitual gravidade. Voltou-se para os atônitos valets e disse:

— Vejam se podemos atender ao pedido de Monsieur de Richepin.

Pôs-se de pé. Era uns cinco centímetros mais alto do que Arsé-ne. Andou devagar à volta dele, acompanhado dos valets, com a cabeça inclinada e um ar de dúvida. Mesmo a distância e apesar das portas maciças, a música e os sons da festa chegavam até ali. Gotas de suor brotavam da testa de Arsène, e ele sentiu o calor subir-lhe às faces. Parecia um animal estranho, sendo cuidadosamente examinado. Sentia-se humilhado e ultraconsciente do seu corpo.

Por fim, um dos valets correu para o guarda-roupa e voltou com um belo traje de veludo cor de ameixa, com enfeites dourados. Outro valet trouxe uma camisa de seda branca, com a gola e os punhos de renda. Um terceiro procurou numa cômoda e voltou, triunfante, com uma peruca cacheada, meias de seda e escarpins de fivelas douradas.

— Ah, sim — disse o duque, aliviado. — É a roupa que eu pensava devolver ao meu alfaiate, por ter ficado pequena demais para mim. Depressa, rapazes, depressa!

A confusão desceu sobre o quarto de vestir, forrado de espelhos. De um momento para o outro, surgiram bacias cheias de água perfumada e toalhas brancas. Os valets caíram freneticamente sobre Arsène, enquanto o duque, de novo sorrindo, cuidava ele mesmo da sua toalete. Massageado, esfregado, despido, manipulado, Arsène, cada vez mais mortificado, deixava-os cuidar de si. De repente, viu no espelho a cara do duque, com a peruca descaindo-lhe sobre uma orelha, e não pôde deixar de rir.

Mas o gibão estava comprido demais para ele e não havia tempo para encurtá-lo. Os escarpins eram demasiado grandes, e um dos valets teve a ideia de enfiar na ponta um lenço rasgado. A peruca tinha uma tendência alarmante a lhe cair para os olhos. Outro lenço foi dobrado em cima da cabeça dele, para que a peruca se ajustasse melhor.

— Se monsieur tiver cuidado e mantiver a cabeça ereta — disse um dos valets —, não haverá perigo.

A música aumentou nos jardins e nos salões. Um dos valets aproximou-se do duque para os toques finais. A essa altura dos acontecimentos, Arsène já estava de um mau humor terrível. Gostava de brincadeiras, mas não à sua custa. Sentia-se ofendido na sua dignidade. Afivelou ele próprio a espada. O duque estava púrpura, na sua tentativa de conservar a gravidade. Viu que Arsène se movia cautelosamente, pois os calções lhe estavam bastante apertados. As longas pernas do duque eram famosas pela magreza. Arsène procurou puxar a aba do gibão sobre as coxas reluzentes. Reparou, aborrecido, que a roupa emprestada ficava demasiado larga ou demasiado justa nos lugares estratégicos.

Não obstante, o conjunto tinha a magnificência desejada. Fingindo não reparar no olhar divertido do duque, inclinou-se cuidadosamente para a frente e contemplou-se no espelho, esfregando uma das faces, demasiado pintadas. De repente, ouviram uma fanfarrá distante e o rugido da multidão na rua. Simultaneamente, ele e o duque correram para a porta, com os valets atrás deles pelo corredor, borrifando-os desesperadamente com perfume, acenando com lenços esquecidos, brandindo os frascos de perfume. A criadagem, boquiaberta e atônita, olhava para a estranha cena de Arsène e do duque correndo, perseguidos pelos valets.

Os criados deixaram-nos no alto da grande escadaria de mármore e metal dourado, e os dois desceram correndo, atravessando por entre os convidados, que se exibiam elegantemente nos degraus. O duque pegou no braço de Arsène e arrastou-o para o lugar onde Madame de Tremblant, cercada pelas

oito filhas, esperava. Mesmo a distância, via-se que madame estava furiosa. O rosto largo e grosseiro, encimado por um penteado complicado, estava vermelho de raiva, e os olhos dardejavam perigosamente. Abanava-se com furor e olhava para a multidão com um brilho que não augurava coisa boa.

O duque tocou-lhe o braço, e ela voltou-se rapidamente, resfolegando. Seus olhos cinza pálidos caíram em Arsène, e uma expressão malévola espalhou-se sobre as suas feições plebeias.

— Ah, então o nosso convidado menos importante condescendeu, finalmente, em chegar! — gritou ela, na sua voz rouca e estertorante.

Fez uma reverência exagerada. As filhas, com exceção de Marguerite e Clarisse, riram disfarçadamente, por trás dos leques de renda. Os convidados que tinham ouvido — e eram muitos — também riram, ou sorriram abertamente.

O rosto de Arsène estava vermelho-escuro, e inclinou-se, sem responder, numa reverência contrariada. O duque apressou-se a dizer à cunhada:

— Lucille, a culpa foi minha. Detive Arsène, com uma discussão. . .

Mas Madame de Tremblant não se deixou convencer. Olhou para Arsène dos pés à cabeça.

— Pelo que vejo, a discussão obrigou-o a vestir um dos seus trajes — observou ela.

As filhas riram de novo, assim como os convidados. Arsène levou a mão ao cabo da espada e olhou em volta, furioso.

— Por favor, Lucille — disse o duque com severidade e encarou os outros de tal maneira, que eles logo pararam de rir.

Madame de Tremblant sacudiu a cabeça, e a sua boca, larga e grossa, muito pintada, comprimiu-se ameaçadoramente. Mas não disse mais nada.

Era uma mulher grande de altura e dimensões, mais à vontade caçando, no dorso de um cavalo, do que num salão. Seu vestido de veludo lilás acentuava-lhe o colorido natural, enfatizado pelo ruço vermelho-alaranjado, e o decote baixo, espumado de rendas, mal lhe escondia os seios enormes. Os bastos cabelos, elaboradamente penteados em forma de torre, da qual caíam cascatas de cachos, não combinavam com os olhos de expressão ousada, com o nariz grosseiro e a boca sensual. Parecia uma virago metida em roupas delicadas. Adepta das caçadas, desdenhava os vestidos elegantes, e o seu pescoço, tisonado pelo sol, parecia de couro, assim como as grandes mãos masculinas, ora carregadas de joias. As pérolas que lhe ornavam o pescoço contrastavam de maneira alarmante com a sua cor morena e a textura da sua pele. Seu andar era pesado. Seu caráter, uma mistura de franqueza e manha, obscenidade e brusquidão, lascívia e brutalidade, bom-humor e crueldade, generosidade e avareza. Era uma das mulheres mais poderosas e temidas de Paris. O Rei gostava dela e da sua voz potente. Quanto ao Cardeal, apreciava a sua companhia e repetia incessantemente os seus ditos de espírito.

As filhas rodeavam-na como flores graciosas, em volta de uma estátua enorme, representando uma camponesa em trajes de gala. Annette, Yvonne, Bernadette, Louise, Antoniette e Marie estavam acompanhadas dos jovens e aristocráticos maridos. Clarisse ocupava a direita da mãe; perto dela, com um ar doce e humilde, estava Marguerite. Clarisse era a mais bela das demoiselles Tremblant, a mais alta, a mais graciosa, a mais delicada de rosto e atitudes, a mais lânguida. A sua pele parecia de alabastro. As rosas das suas faces não precisavam de artifícios. Os braços rivalizavam com os da Rainha, e os ombros brilhavam como se polidos por mão amorosa. Um homem podia enlaçar com as mãos a sua cinturinha. O busto era perfeito. O vestido, de cetim branco adornado de renda feita à mão, atraía os olhares invejosos das outras mulheres. Tinha uma profusão de cachinhos louros e sedosos, que lhe caíam em cascata sobre o pescoço branco e os ombros. Seu rosto era oval e delicadamente cinzelado. Os olhos eram grandes e azuis. A boca, Uma flor rosada e sorridente. Nada podia ser mais doce do que a

sua expressão, ou mais fascinante, pois transmitia ao mesmo tempo uma impressão de recato e malícia, vivacidade e alegria. Os gestos das suas lindas mãos eram enfatizados pelo faiscar das joias que lhe ornavam os dedos. Se a sua beleza não era artificial, o mesmo não se podia dizer da sua alma. Sua mãe, o seu confessor, o seu noivo só a conheciam até onde ela permitia. Isso fazia parte do seu encanto. Possuía mil facetas, cada qual mais graciosa, mais feiticeira, mais encantadora. Era a predileta da mãe. Nem mesmo aquela dama dura e belicosa podia resistir ao fascínio da jovem, muito embora, ao contrário dos outros, Madame de Tremblant desconfiasse de que, sob a beleza e o aspecto delicado da filha, existisse uma alma mesquinha e avarenta, destituída de caridade, amor, ternura ou espírito. Não obstante, tinha muito orgulho da filha.

Arsène, que, quando não estava com a noiva, esquecia-a completamente, na presença dela não podia resistir aos seus encantos. Estonteavam-no, faziam com que ele ficasse num estado de confusão e adoração. Ela só precisava atirar-lhe um olhar azul e lúcido para que ele se esquecesse do resto do mundo. Bastava-lhe sorrir para que ele se arrastasse a seus pés. Quando lhe beijava a mão, sentia-se perdido.

Fez um beicinho caprichoso e inclinou a cabeça, enquanto ele lhe murmurava as suas desculpas. Ao sentir o hálito dele queimar-lhe, ardente, a face, ela cobriu o rosto com o leque, e, por sua vez, os cachos cobriram-lhe o pescoço e a testa. Mas nessa noite, sem que ele soubesse por quê, Arsène se cansou depressa de toda aquela representação. Virou-se para Marguerite, por quem sentia uma grande ternura.

Vestida de veludo azul e rendas, Marguerite esiava tão encantadora quanto a irmã, mas era tão tímida e modesta que a sua beleza não saltava tanto aos olhos. A pureza da sua alma iluminava-lhe o rosto e os olhos profundos e inocentes. Menor e mais frágil do que Clarisse, era, porém, perfeitamente proporcionada. Arsène beijou-lhe suavemente a mão. Ao erguer os olhos, viu que o rosto dela brilhava, ruborizado, mas sentiu, na sua expressão, uma estranha tristeza. A jovem parecia ainda mais etérea do que de costume, mais frágil. As veias azuis das suas têmporas pulsavam febrilmente. A mão que ele segurava estava quente e trêmula. Sabia que a mãe estava sempre ralhando com ela pelo fato de recusar, obstinadamente, a corte dos seus inúmeros pretendentes. Ouvira dizer que ela pensava entrar para um convento, coisa que indignava Madame de Tremblant, considerada por todos como pagã. Contudo, nunca ninguém ouvira a pobre moça dizer uma palavra de queixa ou de impaciência. Tinha dezessete anos, era um ano mais velha que Clarisse. Era uma idade perigosa para uma solteira, e os jovens nobres já começavam a olhar para damas mais novas.

Arsène, antes pouco sutil, nessa noite sentiu um vago alarme em relação à moça, e uma grande ternura, semelhante à que se sente na presença de uma criança ameaçada por um destino infeliz. O brilho dos seus olhos era demasiado febril, as suas cores por demais vibrantes, a sua pele demasiado tênue. Notou que ela tinha as pálpebras inchadas e descoloridas, como se chorasse muito. Enquanto ele lhe dirigia a palavra, o olhar dela parecia procurar alguém na multidão, e o seu tremor tornou-se mais evidente. Arsène seguiu-lhe o olhar, curioso. Por quem estaria ela esperando? Aquele coração virginal teria, por fim, sido tocado?

Os grandes salões eram iluminados pelos enormes lustres de cristal que pendiam do teto. As paredes, forradas de seda, estavam quase escondidas pelos arranjos de flores e ramos de folhagens. Os soalhos, encerados e polidos como espelhos, refletiam as silhuetas coloridas dos convidados e os seus movimentos, fazendo com que parecessem flores altas espelhadas num lago brilhante. O ar estava permeado de centenas de perfumes, dos murmúrios e dos risos de centenas de vozes alegres e dos acordes distantes da música. Os sentidos não tardavam a ficar estonteantes com as luzes, o calor, o colorido das roupas, os gestos rápidos, o roçar dos vestidos, o girar de centenas de cabeças cacheadas

e o faiscar de outras tantas mãos cobertas de anéis. A vista ficava confusa com o reluzir de inúmeros braços, o brilhar de muitos olhos e o cintilar de um sem-número de pedras. Madame de Tremblant estava entediadíssima. Detestava os cortesãos, embora eles a adorassem, se reunissem à sua volta para ouvir-lhe o último dito indecente, que depois repetiam para os que estavam atrás deles, e assim sucessivamente, numa maré montante de risos. Tomava-se muito rapé, brandiam-se muitos lenços de renda, flertava-se a torto e a direito. As damas fingiam corar, mas, apesar da sua coqueteria, não havia uma face cujo rubor fosse natural.

A fanfarra que Arsène e o Duque de Tremblant tinham ouvido, nos aposentos deste último, anunciara a chegada do Cardeal. As portas se abriram, e surgiu o comandante dos mosqueteiros de Richelieu, seguido dos seus homens, que formaram alas e ergueram as espadas em arco.

O Cardeal entrou. Vestido de veludo negro, severamente adornado de linho branco no pescoço e nos punhos, a sua presença era, como sempre, majestosa. A capa fora removida, revelando-lhe a silhueta esbelta, ereta e harmoniosa. Nada podia ser mais aristocrático do que o seu fino semblante, com o pontudo cavanhaque. Nada mais sobranceiro e, ao mesmo tempo, paternal, do que o dardejar dos seus olhos felinos, que tudo viam com um rápido relancear. Os lentos e nobres movimentos da sua pequena e orgulhosa cabeça suscitavam respeito e reverência. O sorriso, sutil e irônico, inspirava medo e apreensão. A doença aumentara-lhe a palidez a ponto de ele parecer um espectro. A delicada ossatura do seu rosto transparecia sob a pele translúcida. Todo ele irradiava poder e uma divertida condescendência. Ninguém olhava para ele sem sentir ódio, aversão ou servilismo. Todos os corações batiam mais depressa, diante dele. Todos os sorrisos eram artificiais e nervosos. Um suor frio irrompia nos rostos alegres, calava as vózes frívolas.

Era por demais grande e poderoso para sentir muita “Satisfação na impressão que causava. Além disso, tinha demasiado desprezo pelos seus semelhantes para experimentar uma sensação mais grata do que a de um homem comum, ao entrar numa selva é ver os olhos dos animais fitá-lo, com medo. Mas nada disso transparecia, enquanto ele avançava para a dona da casa, sorrindo gentilmente.

Madame de Tremblant estendeu-lhe a mão vermelha e piscou-lhe o olho, ao mesmo tempo em que ria lascivamente.

— Ora, ora, Monsieur le Duc! — exclamou, na sua voz tonitruante. — Tinham-me dito que Vossa Eminência estava indisposto e não poderia nos honrar com a sua presença esta noite.

— Um convite de Madame de Tremblant é uma ordem — replicou o Cardeal.

Ao ouvir aquilo, ela riu e bateu-lhe impudentemente no ombro com o leque.

— Ah, que cortesia a sua! — disse ela. — A gente sente-se tentada a acreditar, e a esquecer que Vossa Eminência é um príncipe da Igreja!

O Cardeal não se ofendeu. Um sorriso divertido tocou-lhe os lábios pálidos e delicados e aqueceu-lhe os olhos frios.

Ela inclinou-se para ele e murmurou, com voz rouca:

— O pedaço de ferro é atraído para o ímã, não é mesmo? Só que o ímã ainda não chegou.

— Não deve tardar — retrucou o Cardeal, com um olhar frio.

Madame de Tremblant ficou desapontada. Esperava um rubor, um estremecimento, um olhar irritado, uma tentativa de intimidação. Provocara o Cardeal, mas ele limitava-se a olhar para ela como que vazio.

Ela voltou ao ataque.

— Ah, os homens são todos iguais, mesmo os religiosos — murmurou. — Não obstante, as mulheres perdoam, compreendem e até se sentem gratas.

O Cardeal sorriu levemente e voltou a sua atenção para as belas filhas de Madame de Tremblant. Um calor inflamou-lhe as feições transparentes. Aceitou as reverências das jovens com a maior

benevolência. Quando chegou a vez de Marguerite, o seu olhar tornou-se inescrutável.

— Posso perguntar pela saúde de mademoiselle? — perguntou, suavemente. — Ela não parece estar muito bem.

A moça corou violentamente, e os seus olhos dourados se nublaram. Madame de Tremblant interveio:

— Ah, o que é ser mãe! Ela ainda não está noiva e continua falando em entrar para o convento. Será que Monsenhor não a pode dissuadir e receber toda a gratidão de quem já não sabe o que fazer?

Mas o Cardeal olhava atentamente para a moça. Segurou-lhe a mão com força e sentiu-lhe o esforço instintivo para retirá-la. A expressão dele era grave, mas não disse nada.

Reparou em Arsène, que o olhava com cautela e incerteza. Sorriu, colocou a mão no ombro do jovem e abanou a cabeça.

—¹ Ah, eu não esperava por uma decepção dessas! — exclamou. — Mas ainda não estou resignado, ainda não perdi as esperanças.

Fez uma pausa, reparando no sorriso nervoso de Arsène e no seu vago abanar de cabeça. Falou numa voz um pouco mais alta, e o seu olhar, rápido e penetrante, pousou sem dar a perceber, no rosto encantador de Marguerite de Tremblant.

— Esperava que seu irmão Louis viesse comigo, esta noite — disse ele —, mas, infelizmente, ele alegou indisposição e muito que fazer.

Sentiu, mais do que viu, o estremecer da moça, a sua súbita palidez, o leve descair das pálpebras. Ninguém mais notou, só o Cardeal. Embora continuasse a sorrir, suspirou internamente. Viu a jovem recuar até se misturar com a multidão, a cabeça pendendo-lhe sobre o peito.

O Marquês du Vaubon conseguirá finalmente abrir caminho por entre os hóspedes, fazendo reverências, gingando, arqueando as sobrancelhas, acenando com o lenço perfumado, sempre seguido de dezenas de olhares masculinos, que lhe observavam todos os detalhes da indumentária, de veludo dourado com enfeites pretos. Sua cabeleira, de cachos negros, era enorme. Os punhos eram de renda bordada com pedrarias, e o mesmo detalhe se repetia nas abas do seu casaco. No pescoço, um jabot de rendas resplandecia de diamantes. Satisfeitíssimo com a sensação que provocava, pensou consigo mesmo que o dia seguinte seria um dia cheio para os alfaiates, os joalheiros e os fabricantes de rendas e perucas de Paris. Que responsabilidade, ser ditador de modas! As damas farejavam avaramente os seus novos perfumes e admiravam abertamente os seus trajes e as suas pernas esbeltas, que brilhavam, calçadas nas meias de seda dourada. Ele deitava olhares amorosos, à medida que ia passando por elas. O cansaço do seu rosto fino e malicioso era disfarçado por camadas de ruge e pó-de-arroz: Sinais pretos, recortados sob a forma de estrelas, flores, corações e losangos, adornavam-lhe as faces ossudas, o queixo e a testa,

— Ah! — murmurou o Cardeal. — O árbitro da elegância e o espelho da moda aproxima-se, esplendoroso!

O marquês era sempre motivo de diversão para ele. Achava-o um tonto, mas um tonto dotado de má língua, o que em parte o redimia.

Fez-lhe uma profunda reverência.

— Salve, Febo! — exclamou. — Mas onde está a sua carruagem?

Uma cascata de risos irrompeu dos convidados mais próximos. Arsène levou a mão à espada, disposto a vingar aquela brincadeira à custa do pai. Mas o marquês era bem capaz de se defender. Por um momento, seus olhinhos negros brilharam, mal-intencionados, embora os seus lábios, pintados, permanecessem fixos, num sorriso que mais parecia uma careta.

Depois, retribuiu a reverência com maior exagero ainda, e disse:

— Salve, Plutão! Mas onde está Proserpina?

Bravo!, pensou Arsène, encantado com o espírito do pai. Olhou em volta, esperando ver sorrisos de aprovação. Mas o que viu alarmou-o. O Cardeal empalidecera mortalmente, diante daquele insulto e das suas implicações. Os convidados, horrorizados, começaram a recuar, deixando Richelieu e o marquês cara a cara, um diante do outro. O marquês sorria, satisfeito, e fitou o Cardeal nos olhos. Sua curta inteligência não se apercebera ainda da enormidade da loucura que cometera.

Então, pensou o Cardeal, todo mundo já sabe.

Madame de Tremblant era uma mulher astuta. Soltou uma risada.

— Que dois cultores dos clássicos! — exclamou. — Perdoem-nos, messieurs, se somos demasiado ignorantes para compreendermos tão sutis alusões.

Deitou um olhar duro em redor, e, como que obedecendo a uma ordem, as pessoas foram mais uma vez se aproximando e rodeando o Cardeal e o pateta do marquês, que continuava a se vangloriar do perigoso rasgo de espírito que tivera e a procurar colher olhares de admiração, como quem colhe flores.

Um motivo de distração surgiu então na pessoa de uma grande dama, que ninguém, a não ser Madame de Tremblant, sabia que se encontrava no momento em Paris, pois todos pensavam que ela ainda estivesse recolhida à sua casa, em La Rochelle. Era tão raro ela vir a Paris, que só os convidados mais velhos se aperceberam imediatamente da sua identidade. Mas tanto os huguenotes quanto os católicos a olharam com admiração e respeito, pois se tratava da velha Duquesa de Rohan, amiga de toda a vida de Madame de Tremblant e velha amiga do Cardeal.

Todos se calaram, ao vê-la avançar, tranquilamente, por entre a brilhante assembleia de convidados, que lhe abriam instintivamente caminho, como se ela fosse um membro da realeza. E, na verdade, havia algo de majestoso no seu andar e nas suas maneiras. Dirigiu-se para a dona da casa com uma atitude imperiosa e altaneira, pois o seu sangue era mais nobre do que o dos que ocupavam o trono da França. Sua silhueta, embora diminuta, era perfeita. Autoridade e orgulho, soberba e aristocracia eram inerentes a cada gesto dela, a cada palavra, a cada frase que ela pronunciava, numa voz singularmente forte e calma para uma pessoa de físico tão frágil. O brilho do seu olhar era intimidante.

Vestia-se com majestosa elegância, o cabelo branco penteado para o alto da cabeça pequena e arrogante. Grandes brilhantes reluziam nas suas orelhas; no pescoço ereto, embora enrugado; nas mãos, pouco maiores que as de uma criança. Seu rosto era fino, um pouco comprido, com um nariz alto e curvo, que lhe aumentava a expressão de dignidade. Seus olhos azuis eram firmes e soberanos, astutos e cínicos, ora cheios de tristeza, ora divertidos, ou frios e céticos. Sua boca, grande e pálida, sem qualquer pintura, expressava mil e um pensamentos contidos, mas podia, de um momento para o outro, assumir as linhas duras da coragem, do desdém e do frio ceticismo. Era uma mulher de grande inteligência e caráter, e os filhos respeitavam a sua opinião acima da de qualquer outra pessoa. Às vezes, quando estavam a sós, referiam-se a ela como “a nossa teimosa e adorável brixia velha”, mas diziam isso a brincar, com amor e reverência.

Madame de Tremblant cumprimentou-a com demonstrações de afeto, e as duas se beijaram. Outros se aproximaram para apresentar-lhe os seus respeitos e participar da conversa da duquesa, famosa pelo pungente senso de humor. Falava com impressionante franqueza e não hesitava em chamar um homem de imbecil na cara dele, se a sua imbecilidade a ofendia ou se ele lhe parecia estúpido. Acima de tudo, odiava os imbecis e não os deixava aproximar-se, mesmo que fossem dotados das mais nobres virtudes. Sem ilusões, mas estranhamente idealista, não dava uma opinião sem antes ter examinado todas as facetas e, quando a dava, era com autoridade e firmeza. Não obstante, os poucos a quem ela honrava com a sua amizade conheciam-lhe a grande bondade, a sensibilidade, a dedicação altruísta e o enorme tato.

O Cardeal, cujo rosto abatido adquirira vivacidade ao ver entrar a velha amiga, cumprimentou-a

com uma afeição quase tão grande quanto a demonstrada por Madame de Tremblant. Os olhos dela brilharam, quando ele lhe tomou a mão e a levou galantemente aos lábios. Sorriu e declarou que, aparentemente, os últimos unguentos que lhe mandara de La Rochelle tinham-lhe feito muito bem. Entendiam-se perfeitamente. Ambos eram movidos pela mesma paixão pela França e pelo desejo de ver a pátria -unida contra os seus inimigos. Tinham o mesmo espírito cínico e cético, o mesmo brilhante e profundo intelecto. Embora a duquesa não tivesse ambições pessoais de poder, compreendia-as no Cardeal e não o tinha em menor conta pelo fato de ele alimentá-las. Não obstante, isso a fazia sentir pena dele, da mesma forma que sentia pena das outras doenças que afetavam o corpo do Cardeal. Só a essa velha e aristocrática dama ele confienciara toda a extensão dos seus sofrimentos físicos, e, quando ela ia a Paris, nunca deixava de lhe levar potes e frascos de remédios estranhos mas eficazes, que ela própria preparava. Quando ele lhe expressava fervorosos agradecimentos, fazia-o com a maior sinceridade.

Mas Madame de Tremblant não queria que o Cardeal lhe monopolizasse a velha amiga, a quem havia muito tempo não via. Quis que a duquesa admirasse as suas filhas e puxou-a para o lado.

— Ah, esse Cardeal! — comentou com a duquesa. — Que libertino! Mas não há dúvida de que é um homem encantador, com ótimas maneiras.

A duquesa sorriu.

— E as boas maneiras, num homem, são preciosas. Devo confessar, também, que temos muito em comum.

Seu rosto assumiu uma expressão ansiosa e secreta.

— Tem visto o meu Henri? Há uma semana que estou em Paris, mas, embora tenha recebido recados dele, ainda não o vi.

Madame de Tremblant olhou cautelosamente em volta, e o seu rosto escureceu de ansiedade.

— Henri esteve aqui em casa, discutindo certos assuntos com o Duque de Tremblant. Não sei do que se trata — acrescentou, apressadamente. — Nem quero saber. Acho que são perigosos.

A duquesa deitou-lhe um olhar inescrutável.

— Quando se tem filhas casadoiras, não é bom saber de coisas perigosas — disse ela.

O Cardeal viu, pensativo, as duas damas se afastarem e prometeu a si mesmo visitar em breve a duquesa. Adorava conversar com ela. Gostava da presença dela. Além disso, talvez ficasse sabendo de alguma coisa, acidentalmente, embora duvidasse, conhecendo a esperteza da velha amiga. Era mais provável que ela ficasse sabendo de algo através dele.

Sentiu alguém se aproximar e virou-se, com aquela agilidade felina que nunca deixava de desconcertar os outros. O Duque de Tremblant, que recuara um pouco à chegada do Cardeal, avançou para ele e fez-lhe uma reverência. Uma curiosa alteração se processou nas feições de Richelieu. De repente, dava a impressão de estar preocupado. Pousou a mão no ombro do duque e olhou-o nos olhos com tristeza e afeto.

— Você tem me negligenciado, monsieur — disse ele. — Não temos jogado nenhuma partidinha de xadrez, Quem sabe amanhã? Quer jantar comigo, no Palácio Cardinalício amanhã, às nove?

— Vossa Eminência lisonjeia-me — replicou o duque. — Amanhã? Talvez.

O Cardeal pressionou o ombro do duque com a mão, mas o seu rosto ficou menos sombrio. Continuou, porém, a fitar os olhos do amigo. Os demais convidados prestavam atenção a algo que o marquês dizia, e o duque e o Cardeal ficaram isolados, a não ser de Arsène, que se colocara atrás de Richelieu.

— Prometido? — insistiu o Cardeal.

O duque hesitou. Seu olhar encontrou o de Arsène, mas logo disse, em voz baixa:

— Prometido.

O Cardeal suspirou. Tirou o braço do ombro do duque. Uma sombra toldou-lhe os olhos inquietos e incandescentes.

— Há poucas pessoas em Paris, a quem ouse chamar amigos — disse ele, e havia sinceridade na sua voz. — Vossa Eminência é uma delas, Monsieur le Duc.

Fez uma pausa e disse, numa voz penetrante:

— Se saísse de Paris, eu ficaria desolado, temendo que não voltasse.

O olhar do duque encontrou, involuntariamente, o de Arsène, Mas fez uma nova curvatura.

— Pode ter a certeza, Eminência, de que eu voltaria.

O Cardeal agarrou de repente o duque pelo braço e disselhe, com suavidade e urgência:

— Os tempos que correm são perigosos. Temo que não retornaria, monsieur. Refleti nisso.

O alarme nos olhos de Arsène transformara-se em terror. Seus lábios moveram-se quase sem ruído, mas o duque percebeu que ele dizia:

— Fomos traídos!

Mas de Tremblant sorriu calmamente. Gostava do Cardeal, como de tudo o que era sutil e brilhante. Tinha passado muitas horas agradáveis na sua companhia. Disse:

— Se eu decidisse sair de Paris, o que mais sentiria seria separar-me de Vossa Eminência..

O Cardeal calou-se. Parecia estar pensando em mil e uma coisas tristes. Seus olhos permaneceram fixos no duque, como se procurasse ler-lhe a alma, transmitir-lhe uma advertência desesperada. Via-se que oscilava intimamente entre a cautela e a sensatez, num acesso de generosidade natural.

— Monsieur — disse ele por fim, lenta e enfaticamente — tem uma natureza ingênua, nobre e confiante. Tais naturezas tendem a depositar confiança nos que não são dignos dela. Quero preveni-lo a tempo.

— Confio em que nenhum dos meus amigos seja indigno da minha confiança — retrucou o duque, com voz grave e triste.

— Isso não é uma nobre inocência — disse o Cardeal, subitamente impaciente — e sim egocentrismo. — Pegou no braço do duque. — Não me deixe — acrescentou. — Estou fatigado. Detesto conversas idiotas. Não me abandone, peço-lhe.

Afastaram-se juntos. Arsène seguiu-os com o olhar, cheio de ansiedade. Já ia atrás deles, quando sentiu um leque bater-lhe no braço. Era à sua noiva, e estava zangada, o que aumentava ainda mais a sua beleza.

— Não me está dando atenção, monsieur •— disse ela, inclinando a cabeça sobre o pescoço branco e fino. — Mas acho que já estou ficando acostumada.

Arsène não pôde esconder a impaciência. O Cardeal e o duque já haviam sido engolidos pela multidão. Ia dar um pretexto qualquer, mas o olhar azul de Clarisse subjogou-o. Beijou-lhe a mão.

— Perdoe-me, mademoiselle, a distração.

Ela fez beicinho, mas, no íntimo, já o perdoara. Seu sorriso tornou-se radiante. Sacudiu os cachos louros.

— Faltam dois dias para o nosso casamento — lembrou ela.

— É isso que faz com que monsieur fique distraído?

— O que mais há de ser? — murmurou ele galantemente, os olhos fixos no níveo busto da noiva, que logo corou,

— Confio em que me dê mais atenção depois do casamento!

— exclamou ela. — Não fui acostumada assim.

— Mademoiselle pode ter a certeza de que não terá motivos para se queixar.

Acompanhou essas palavras com um olhar tão amoroso e significativo, que ela corou ainda mais e deu uma risadinha, ao mesmo tempo em que cobria o rosto com o leque. Embora fosse virgem, seus pensamentos havia muito não eram virginais, e a sua mente era tão corrupta quanto o seu corpo permanecia inviolado.

Um grande cansaço caiu de repente sobre Arsène. Onde estava a satisfação que antes sentia diante de toda aquela animação, daquela música, do colorido movimento dos cortesãos, daquela encan—

i adora jovem e daquelas luzes brilhantes? Sentia um calor sufocante entrar-lhe pelas narinas, uma náusea no fundo do seu ser. De repente, assaltou-lhe uma terrível saudade, uma angústia profunda. Olhou para os olhos azuis de Mademoiselle de Tremblant e viu um par de outros olhos, não menos azuis, mas graves, doces e firmes. Onde tinha visto aqueles olhos? Como se esquecera deles?

Uma sombra escura como que o toldou. Viu paredes úmidas, o bruxulear de uma vela, sentiu cheiro de mofo, pobreza e poeira. E, à luz incerta de velas, viu um rosto pálido e jovem, severo e calmo, iluminado por aqueles esquecidos olhos azuis.

Não é possível!, pensou, aborrecido. Esqueci mesmo.

O seu aborrecimento aumentou. Mademoiselle de Tremblant ficou alarmada. Arsène tinha um desses rostos vividos e inquietos, que não conseguem ocultar nada, por mais que se esforcem. Viu que o noivo estava aborrecido, agitado, longe dali. É alguma mulher, pensou, com um misto de raiva e ciúme. Acostumada a analisar a natureza humana, reparou numa profunda mudança em Arsène que, subconscientemente, havia muito vinha observando. Parecia mais velho, cansado, e mais magro, como se alguma preocupação não o deixasse repousar. Vivendo num meio onde só eram importantes a sensualidade e a intriga, nunca podia imaginar que os homens pudessem ter pensamentos além dessas trivialidades. Quando algum conhecido parecia distraído, triste ou desvairado, ela achava que, por trás de tudo aquilo, havia um caso amoroso. Tinha ouvido falar em conflitos espirituais, em paixões da alma. Mas sempre sorria incredulamente e com cinismo, lembrando-se do dito de um tolo decadente, que lhe parecera sábio:

— Todas as torturas do espírito começam na pélvis.

A inquietação de Arsène comunicou-se a ela. Sentiu-o ansioso por sair do seu lado. Sem saber o que fazer e com raiva, virou-se para o marquês, que, sorridente, recebia os aplausos de um grupo de admiradores, a propósito do seu último dito espirituoso. Voltou-se impacientemente, mas logo mostrou todo o prazer que sentia diante da beleza dela. Curvou-se e beijou-lhe a mão.

— Mademoiselle! — exclamou, eufórico com o seu sucesso.

Ela sorriu para ele, inclinou a cabeça e desferiu sobre ele o fascínio do seu olhar azul.

— Estive me queixando com Arsène — disse ela, espichando os lábios rosados. — Ele não me tem dado atenção. Está distraído. Parece estar pensando em coisas misteriosas.

O sorriso permaneceu fixo nos lábios do marquês, mas no olhar que deitou a Arsène havia veneno. Pestanejou, com apreensão e raiva ao mesmo tempo.

— Não é possível, mademoiselle. Ele só fala em você e no próximo casamento. Não é verdade, Arsène? — perguntou, numa voz imperiosa.

Arsène respondeu, sem convicção:

— É, sim, pai. Mas Mademoiselle de Tremblant não quer acreditar.

Tentou de novo vislumbrar, por entre os convidados, as figuras do duque e do Cardeal. Sentiu o pai segurar-lhe com força o braço. Mas o marquês continuava sorrindo.

— As mulheres, meu filho, preferem ações a palavras.

Arsène olhou lentamente para o pai e ficou impressionado com o medo e a súplica estampados no

rosto do marquês. Ao ver aquilo, sorriu ardentemente e levou de novo a mão da noiva aos lábios, num gesto de devoção. Mas a jovem, embora fingisse, não se sentiu tranquilizada, e a sua raiva e o seu ciúme aumentaram.

' Ouviu-se uma fanfarra, e as portas voltaram a se abrir. O porta-bandeira dos Guardas do Rei entrou, o Sieur de la Coste, seguido de um destacamento de guardas, mosqueteiros e arqueiros. Estes últimos distribuíram-se rapidamente pelas portas do hôtel de Tremblant, sem ligar para os convidados. Mais duas companhias de guardas entraram, uma suíça e outra francesa, postando-se junto das paredes dos salões. Gritos e aclamações soaram nas ruas. Era meia-noite, mas a multidão aumentara, em vez de diminuir.

Ouviu-se uma fanfarra mais alta e insistente. O Rei, acompanhado, da sua jovem e bela Rainha, estava entrando no hôtel de Tremblant. Todos se curvaram ao mesmo tempo, e o Rei agradeceu com uma leve inclinação de cabeça. A orquestra tocou mais alto. Um vento de excitação e adoração varreu os grandes salões. A corte de nobres e magnatas que acompanhava o casal real encheu o palacete de novas cores, novos trajes e novos perfumes.

Agora, a festa podia prosseguir, e a animação tornou-se sem limites.

● Capítulo XXVI

O Rei Luís XIII estava ainda na força da vida e, embora muito desapontado pelo fato de a Rainha não lhe ter dado um herdeiro, ainda podia esperar, O seu astrólogo predileto não lhe garantira que lhe nasceria um filho, que viria a ser o maior rei que a França já tivera? Supersticioso e místico, ele esperava por aquilo, que, mais tarde, viria a realizar-se.

Oprimido, surrado e desprezado, na infância, pela mãe, a terrível Maria de Médicis, ridicularizado e posto de lado pelos cortesãos que a rodeavam, vítima constante do irmão mais jovem e alegre, Gaston, favorito de Maria de Médicis e da sua Corte, ignorado por ministros e estadistas, relegado a um segundo plano, antes do seu acesso ao trono da França, era de se esperar que tivesse um ar tímido, humilde e encabulado, uma vontade enorme de agradar e um temperamento timorato.

Não obstante, ele não tinha nenhuma dessas características, geralmente encontradas naqueles que passaram os anos de formação sendo oprimidos, ridicularizados e desprezados. Os seus modos, embora reservados e frios, eram simplesmente arrogantes. Não tinha nada do físico fraco dos perseguidos. Seu corpo era forte e ágil, cheio de vitalidade. Amava os esportes e a vida militar, destacando-se em ambos. Seu temperamento era duro e obstinado, mesquinho e caprichoso, ciumento, desconfiado, calado e inexorável. Todo ele exibia um surpreendente *mêtier de roi*. Era um triunfo do homem sobre as circunstâncias, reticente mas orgulhoso, recalcado mas dominante, exigindo respeito e fazendo tremer intimamente a quem o olhasse.

Estava vestido de maneira tão majestosa que se destacava, em meio aos elegantes e brilhantes convidados. Sua toalete era conservadora, pois não ligava para cores ou elegâncias, preferindo um aspecto marcial. Não era um homem bonito, mas de aparência fora de série. A pele era amarelada, revelando o sangue italiano, bem como os olhos escuros, frios mas luminosos. O rosto era comprido, algo cavernoso, e tinha um ar distraído e sombrio, enfatizado pelas longas madeixas de cabelo preto, que ele se recusava a cobrir com uma peruca. A boca, com o lábio inferior mais grosso, geralmente ficava entreaberta, mas isso, por estranho que parecesse, não lhe tirava a firmeza ou a expressão de teimosia. Quando falava, a sua voz era baixa e cuidadosamente controlada, pois volta e meia gaguejava. Frio e desdenhoso, não havia ninguém que pudesse dizer gabar-se de privar da sua intimidade, exceto o Cardeal, que ele detestava e temia. (Não obstante, sendo um homem astuto, nunca se esquecia de que fora o Cardeal quem restaurara a dignidade do trono e o seu poder, e que o servira sempre, com total e implacável devoção. Talvez fosse isso, e o ciúme que sentia, o que o fazia detestá-lo.)

Sobrepujado como era pela personalidade e pelo gênio do Cardeal, sentia-se entretanto grato, como rei, se não como homem, por tudo o que Richelieu lhe granjeara. A cada novo sucesso que o Cardeal lhe anunciava, ele dizia, fria e cerimoniosamente:

— A França fica-vos muito grata, Monsenhor.

Não havia hipocrisia nisso. Contudo, na sua vida particular e nos seus pensamentos, ele tinha sempre raiva e medo do Cardeal, suspeitando das suas palavras e dos seus motivos.

A Rainha, que vinha, modestamente, um passo atrás dele, era uma visão de beleza e encanto, num vestido rosa pálido ornado de rendas, com o peitilho de tecido prateado. As pérolas que usava em volta do pescoço não eram mais lustrosas do que os seus famosos ombros e graciosos braços. O perfume que ela usava parecia emanar-lhe do corpo louro e jovem. Os cabelos castanhos, caindo em cascata do alto da cabeça, cintilavam com diamantes. Por mais bela que estivesse, o seu rosto parecia mais pálido e mais triste do que de hábito, e distraído, como se ela recentemente tivesse sofrido muito. O seu sorriso

ofuscava, mas era o sorriso de uma boneca; os seus olhos tinham uma expressão de terror, como se ela estivesse à procura de um inimigo.

O Cardeal pareceu materializar-se, surgir do ar, sempre mantendo o Duque de Tremblant ao seu lado. Saudou o Rei com a maior das reverências, mas os olhos do soberano fitaram-no com aversão e má vontade, temperadas com ressentimento.

— Ora, salve! — disse o rei. — Tinha ouvido dizer que Vossa Eminência estava por demais indisposto para comparecer a uma festa destas.

— Não pude resistir, Sire, ao saber que Vossa Majestade estaria presente — retrucou gravemente o Cardeal.

— Ah! — exclamou o outro, com mau humor. — Compareci quase todas as noites às mesas de jogo, mas nada de Vossa Eminência!

Durante essa troca de palavras, os olhos ávidos dos convidados observaram com que medo e aversão a jovem Rainha encarava o Cardeal, com que tremor se subtraía ao seu contato, quando ele lhe beijou demoradamente a mão, e com que horror e desespero os seus olhos verdes cintilavam. Parecia querer sumir, desaparecer da presença dele. Quando o Cardeal lhe murmurou qualquer coisa, ela entreabriu os lábios pálidos e não voltou a fechá-lòs, como se nem toda a sua força de vontade pudesse compeli-la a falar.

Um bufê fora expressamente preparado para o Rei, que tinha um apetite voraz. Embora a orquestra e os violinos atacassem os alegres acordes da sua dança preferida, La Merlaison, ele preferiu as iguarias. A Rainha ficou ao lado dele, como um cãozinho assustado, fugindo da presença do odiado Cardeal, que a viu fúgír com um sorriso peculiar.

Os convidados começaram a dançar. Todos sabiam bem do apetite do Rei. Mas a orquestra tocou outra coisa, à espera de que Sua Majestade desse início à sua dança favorita. Para trás e para diante, em longos e graciosos círculos, os bailarinos esvoaçavam sobre o chão encerado, que refletia o colorido dos seus trajes e o movimento dos seus corpos. O ar tornou-se sufocante.

O Cardeal conduzira o Duque de Tremblant para um canto sossegado, atrás de vasos de arbustos floridos. Parecia determinado a não deixar o duque a sós um instante que fosse. Sentaram-se em pequenas cadeiras douradas e ficaram a ver os dançarinos. O duque fazia o possível por disfarçar a sua impaciência. Sabia que horas eram e que, dentro de uma hora, tinha de partir na sua missão secreta. Escondido no? seus aposentos, o Conde Van Tets esperava. Não obstante, procurava aparentar tranquilidade.

O Cardeal começou a falar languidamente de coisas sem consequência. Depois, comentou que estava muito cansado e procurara convencer o Rei a permitir que ele se aposentasse, devido às más condições de saúde. O duque não pôde deixar de sorrir diante daquela hipocrisia. Mas o Cardeal, sempre sutil, percebeu e sorriu também.

— Que é que Sua Majestade diz a isso? — perguntou o duque.

— Implorou-me que não o abandonasse — replicou o Cardeal, pensativo.

A troco de que concessão?, pensou o duque, sentindo um frio no coração.

— Mas nem os reis são insensíveis às doenças dos seus criados

— disse ele, deitando ao Cardeal um olhar penetrante.

Richelieu suspirou e ergueu um dos ombros.

— Quem sou eu, comparado com o Estado? — murmurou ele.

— Só vivo para servir à França.

De repente, o seu rosto estreito e pálido iluminou-se, e os seus olhos ficaram brilhantes.

— Não acredita no que lhe digo, Monsieur le Duc?

— Acredito, sim — respondeu, com sinceridade, o duque. — Mas o que de fato é melhor para a França, se as suas esperanças ou as minhas, isso é que eu não sei.

O Cardeal pareceu satisfeito com a resposta. Pousou afetuosamente a mão branca e fina no braço do duque.

— Você não é mentiroso — disse, no tom de intimidade de quem se dirige a um amigo —, e é por isso que eu gosto de você, Raoul. Que maravilha encontrar um homem que não é mentiroso! Você fala das suas esperanças. Mas você é um huguenote. O que você quer para a França não pode ser saudável. Quer reduzir a França à árida esterilidade do protestantismo? Esse credo de comerciantes, pequenos proprietários de terras e camponeses? A Igreja sempre prestigiou a arte aristocrática, sabendo que o homem comum não é capaz de apreciar nem de compreender as artes. É um sacrilégio expô-las aos olhos dele.

— A arte é universal — retrucou o duque. — Quando se torna aristocrática, já não é arte. Aí está a contradição. Em Arte, há apenas democracia, igualdade; é como a luz do sol.

O Cardeal meditou nessas palavras, enquanto a orquestra tocava cada vez mais alto e com mais alegria. Depois, abanou a cabeça.

— Não pense que não estou a par das palavras dos que precederam e sucederam a Lutero. Acompanhei todos os seus argumentos. Considero Erasmo, por exemplo, um homem estúpido e perigoso, como todos os visionários.

— Quando os homens se consideram todos iguais aos outros, não há mais heróis. Os heróis são necessários, para inspirar as pessoas. A adoração dos heróis é o mais poderoso e o mais nobre dos instintos do homem. Na nivelção do protestantismo, nenhum herói, nenhum santo se erguerá e se recortará contra o céu. A Igreja sabe disso. Por conseguinte, encoraja a aristocracia de berço, privilégio e espírito. Compreende que os homens não são criados iguais.

— Não me interprete mal. A Igreja sabe que, aos olhos de Deus, todas as almas são iguais. Mas há os que nasceram para servir com humildade, pobreza e sofrimento e os que vieram ao mundo para governá-lo.

— Quando todos os homens souberem ler, e Deus queira que isso nunca aconteça, quando todos os homens tiverem as mesmas oportunidades, o resultado só poderá ser uma terrível uniformidade, uma horrível monotonia, imposta à variedade e à colorida exuberância da vida humana. Desejaria isso, monsieur?

— Admito que exista uma desigualdade inerente ao homem — disse lentamente o duque. — Mas afirmo que todos os homens devem ter a liberdade de desenvolver todas as capacidades que possuem, para a sua própria alegria e o bem-estar da nação. Acredito no direito de todos os homens à paz, à dignidade pessoal e à liberdade, a uma medida de segurança sobre a terra.

— Bobagem — sorriu o Cardeal. — A própria trama da vida é feita de perigos, incertezas e riscos. Quem procura paz procura a morte, e é o homem cansado, o homem impotente, que não pode mais enfrentar as emergências do dia-a-dia. A sua fé promete tal segurança?

O duque ficou calado. Tinha a testa úmida. Naquele exato momento, ele devia estar nos seus aposentos. Mas o Cardeal não o deixava ir embora, e o duque começou a sentir medo. Seria possível que Richelieu soubesse daquela missão? O duque continuava achando isso incrível, embora soubesse que o Cardeal tinha uma enorme rede de espiões.

O Cardeal retomou a conversa, num tom indulgente:

— Raoul, se você tivesse um momento de poder absoluto, no mundo, qual seria o seu primeiro e único ato?

O duque voltou-se para ele, e o seu rosto, comprido e feio, iluminou-se de uma beleza apaixonada.

— Eliminará da mente de todos os povos a memória da história — disse ele.

O Cardeal meditou sobre aquilo, com ar sombrio. Por fim, sorriu.

— Entendo! — exclamou. •— Sim, estou vendo todas as possibilidades!

Entrementes, o rei voltara aos salões. Arsène, que andava por entre os convidados como um fantasma apreensivo, procurou um seu amigo, íntimo do Rei, o Conde d'Harcourt e chamou-o de lado:

— Quem será que há entre Sua Majestade e Sua Eminência? Por acaso você reparou no rosto preocupado do Cardeal?

O Conde d'Harcourt, católico devoto e simples, assentiu.

— Sua Majestade ultimamente só tem coisas desagradáveis a dizer a Sua Eminência. Parece que o Rei deseja que se ataque imediatamente a Inglaterra, o que o Cardeal, na sua sabedoria, não aprova.

Ao dizer isso, baixou a voz cautelosamente.

Arsène fingiu rir com despreocupação.

— Ah, então é isso! Eu estava conversando com Sua Eminência, e ele deu a entender que tinha chegado à mesma opinião que o rei. Mas todo mundo sabe como ele é orgulhoso. Não falará com Sua Majestade, a menos que seja chamado. Como umas coisas de nada podem decidir o destino das nações! Se Sua Majestade o chamasse, lhe falasse de boa maneira, quem sabe o que poderia acontecer? T

O conde não escondeu a sua ansiedade.

— Tem certeza disso? Então, não se pode perder um minuto sequer. O Rei tem dormido pouco, ultimamente, e o Cardeal tem-no evitado. Vou falar agora mesmo com Sua Majestade!

Tão logo o conde se afastou, à procura do Rei, Arsène, andando mais que depressa, aproximou-se da noiva, que estava furiosa, embora sorrisse e flertasse com dois admiradores. Viu Arsène aproximar-se, e os seus olhos fuzilaram. Mas ele fingiu não notar.

— Mademoiselle — disse —, seu tio está ali no canto, conversando com o Cardeal, que o entedia soberanamente. Por que não vai em socorro dele? Eu iria, mas vejo que madame me chama.

Clarisse gostava muito do tio. Além disso, estava aborrecida com o pouco-caso de Arsène e desejosa de escapar aos admiradores. Arsène seguiu-a a uma distância discreta. Não queria arriscar-se a ser visto pelo Cardeal, sempre ultra-sensível a suspeitas. Viu Clarisse aproximar-se do tio e do Cardeal e, depois, a aproximação do Conde d'Harcourt. Este murmurou algo ao ouvido do Cardeal, que deu mostras de aborrecimento e hesitação. Depois, voltou-se para o duque. Mas de Tremblant pedira à sobrinha para dançar com ele, e o Cardeal aparentemente extraíra alguma promessa do duque, pois este fez uma curvatura e sorriu, antes de sair dançando com a sobrinha.

Arsène esgueirou-se por entre os que contemplavam as danças, sem perder de vista Clarisse e o duque. Por fim, viu de Tremblant levar a moça para um grupo de amigos, onde ela começou a se abanar, rindo do cansaço do tio. O duque pôs-se a procurar alguém na multidão, e Arsène tratou de colocar-se no seu raio de visão, para logo se afastar discretamente para um canto sossegado e isolado, aonde o duque não demorou a ir ter com ele.

— Não há tempo a perder! — disse de Tremblant, ansiosamente. — Obrigado, Arsène. Vamos logo!

Saíram pelos fundos do palacete, para evitar a escadaria cheia de gente. Atravessando a ala dos criados, chegaram, sem ser vistos, aos aposentos do duque, que pelo caminho já fora tirando as roupas e a peruca. Ninguém estava por perto. Os criados festejavam à sua maneira. Reinava o mais completo silêncio. O duque abriu a porta do seu quarto, murmurou uma palavra, e o Conde Van Tets, suando e vermelho, saiu, trajando roupa escura e uma volumosa capa. Conversaram em sussurros, enquanto de Tremblant mudava de roupa e avelava a espada à cinta.

— De novo peço-lhe que me deixe acompanhá-lo — disse Arsène.

— Impossível! Já esqueceu que você vai se casar dentro de dois dias, ó noivo impaciente?

Mesmo com pressa, o duque parou para rir baixinho.

Arsène não insistiu, mas a sua expressão ficou ainda mais apreensiva. Finalmente, disse:

— Lamento a sua decisão de levar só quatro guardas consigo, monsieur. Compreendo o seu argumento de que um séquito maior atrairia atenção. Mas também amedrontaria os possíveis atacantes.

— Não podemos atrair atenção — retrucou o duque, puxando o chapéu emplumado para o rosto e examinando os coldres das pistolas. — Por isso, temos que correr algum risco para manter a nossa missão em segredo. Contudo, não espero nenhum problema. Quem sabe da nossa viagem? Agora, Arsène, peço-lhe que volte para o baile. A nossa ausência já deve estar sendo notada. ¶¶-

Hesitou e, de repente, abraçou o jovem com desusado afeto, beijando-o calorosamente em ambas as faces. Depois, fitou-o fundo nos olhos.

— Que Deus o abençoe, Arsène — disse. — Você é jovem. Aconteça o que acontecer, você não deve esquecer. Não deve dar as costas.

Arsène empalideceu, ao ouvir aquelas palavras, como se elas encerrassem um mau presságio. Colocou as mãos nos ombros do duque e sentiu as lágrimas subirem-lhe aos olhos. Mas, antes que ele pudesse falar, de Tremblant e o Conde Van Tets já tinham ido embora.

Ficou sozinho no quarto. Através das portas abertas, podia ver os outros quartos, fracamente iluminados pela única vela. Sentiu um frio invadir-lhe o coração. Parecia-lhe que a morte e o perigo tinham ido na esteira do amigo. Não possuía a mesma fé de Paul de Vitry. Na verdade, não acreditava em nada. Não conseguia rezar. Desejou desesperadamente ter fé, poder cair de joelhos e pedir que o céu protegesse o duque. Mas não tinha palavras, apesar dos longos anos em que estudara com padres, e que só tinham servido para implantar o ceticismo e o sentimento de ridículo no seu coração. Tinha mais fé na sua espada. Maldito casamento o seu! Se não fosse ele, estaria naquele momento ao lado do duque. Levado pela juventude e pelo egocentrismo, achava que a sua presença seria suficiente para afastar todo o perigo e proteger invencivelmente o amigo.

Por fim, teve uma ideia: Não posso perder de vista o Cardeal. Tenho de afastar todas as suas suspeitas.

Voltou para a festa. Encontrou o Cardeal conversando, languidamente, com um grupo de damas e cavalheiros. Achou que ele parecia muito doente. O seu rosto estava azul de cansaço. Os seus terríveis olhos pareciam afundados. Afagava o cavanhaque com mão trêmula, apesar dos sorrisos e do ar de quem prestava atenção.

Arsène abriu discretamente caminho até ficar atrás do Cardeal, de modo a dar a impressão de que já lá estava havia algum tempo. Por isso, quando Richelieu se virou e olhou em volta, deparou com um jovem que parecia cheio de tédio. Seus olhos se acenderam com uma luz má, mas sorriu amistosamente.

Puxou Arsène pelo braço e afastou-se com ele.

— Por acaso viu Monsieur le Duc, Arsène? Prometeu esperar por mim, para reatarmos a conversa.

— O duque? — retrucou Arsène, fingindo surpresa. — Vi-o não faz cinco minutos!

Voltou-se e fingiu procurar entre a multidão. Sabia que o Cardeal não via bem.

— Ah, lá está ele, Monsenhor. Creio que está dançando com Madame Deauville!

O Cardeal olhou na direção indicada por Arsène.

— Ótimo. Arsène, vou para o canto onde estava conversando com o duque. Quer fazer o favor de lhe pedir para ir ter comigo?

Obedientemente, Arsène afastou-se. Encontrou Madame de Tremblant no centro de um animado grupo. Chamou-a de lado. Os olhos claros e protuberantes da futura sogra encararam-no com irritação

mesclada de afeto.

— Madame — murmurou ele —, tenho um recado para lhe dar de parte do duque.

Imediatamente a expressão dela demonstrou preocupação e ansiedade.

— Ele teVe que sair sem se despedir, a um chamado urgente. Voltará dentro de uma semana. Pediu-me para lhe dizer que não se preocupe.

Ela umedeceu os lábios grossos e pintados. Deitou um olhar furtivo em volta, e disse:

— Mas e o seu casamento, Arsène? Ele ia levar Clarisse ao altar! Quem vai tomar o lugar dele?

Mas falava distraidamente. Estava pálida, sob o ruço. Olhou para o jovem com medo. Amava intensamente o irmão do marido. Amara-o antes de se casar com o irmão mais novo dele, mas o duque não lhe retribuía o sentimento. Ela compreendia muitas coisas a seu respeito. Agora, o seu coração estava cheio de um terrível pressentimento de que nunca mais o veria.

Agarrou o braço de Arsène com dedos que mais pareciam os de um cavaleiro, tal a sua força.

— Não! Não me diga nada! Eu não perguntei nada! Meu Deus, que vai ser dele? Ele não corre perigo, Arsène? Não, não me diga. Não aguentaria saber.

O peito dela arfava. Gotas de suor brotaram-lhe do lábio superior, atravessaram o pó-de-arroz que lhe cobria a testa.

Arsène ficou calado. Sentia o coração pesado. Madame de Tremblant cobriu a boca com o leque, e os seus olhos contemplaram-no com terror.

Por fim, ele murmurou:

— Preciso voltar para junto do Cardeal. Ele está à espera do duque. Tenho que entretê-lo. . .

— A coisa é assim tão grave? — perguntou ela.

— Sim, é grave — respondeu ele, sombriamente.

— Meu Deus! — gemeu ela.

Arsène deixou-a e foi à procura do Cardeal, que se' apoiava numa coluna de gesso branco, parecendo completamente exausto. Abriu os olhos ao ouvir . Arsène se aproximar e, vendo que ele estava sozinho, empalideceu.

Arsène curvou-se diante dele.

— O duque pede-lhe que espere uns momentos mais — disse. — Voltará logo.

O Cardeal não respondeu. Levou a mão à cruz de ouro que lhe pendia do pescoço, brincou um pouco com ela, e depois deixou-a cair, sem tirar os olhos brilhantes do rosto de Arsène.

Disse, numa voz estranha e sumida:

— Espero que ele volte.

● Capítulo XXVII

O Duque de Tremblant e o Conde van Tets saíram pela entrada dos criados do hôtél de Tremblant. Esgueiraram-se rente às paredes silenciosas das casas, protegidos pelas sombras das árvores, sem falar, mal ousando respirar. Pulavam de sombra em sombra, ao luar, como se temessem uma armadilha. Atravessaram correndo becos escuros, evitando passar por onde houvesse iluminação. Um getidarme, carregando uma lanterna, fez com que eles entrassem num desvão. Por fim, chegaram ao Bois de Boulogne e desapareceram por entre a folhagem espessa.

O duque parou e assobiou baixinho. Imediatamente, Paul de Vitry e mais quatro homens envoltos em capas emergiram das sombras, puxando pelas rédeas seis cavalos potentes e encilhados. Eram duas horas da manhã. Os sinos das torres de Notre Dame fizeram o ar vibrar com o seu demorado clangor.

— Devia acompanhá-lo, monsieur — murmurou Paul.

— Não. Quanto menos formos, menor será o perigo, meu caro Paul.

E o duque abraçou o jovem conde com mais amor ainda do que o que sentia por Arsène. Paul tinha os olhos marejados de lágrimas.

Os quatro guardas que iriam acompanhar o duque e o Conde van Tets eram todos fiéis e devotados huguenotes, amigos de Paul. Intrépidos e soberbos espadachins, seus olhos brilhavam ao luar que se filtrava por entre as árvores. O duque, após examiná-los em silêncio, ficou satisfeito. Conhecia dois deles ligeiramente.

— Ah, meus caros de Longueville e de Condé! — exclamou. — Temos uma difícil jornada pela frente.

Os homens puxaram das espadas e beijaram-nas silenciosamente, antes de as devolverem às respectivas bainhas.

Despedindo-se de Paul de Vitry, os seis cavaleiros saíram da cidade pela Barrière St. Denis. Não falavam. Iam quase deitados sobre as sejas, envoltos nas capas, os chapéus descaídos sobre o rosto. Ninguém os acostou. As ruas estavam desertas, ora banhadas pelo luar, ora mergulhadas na sombra.

Continuaram em silêncio, enquanto galopavam através do campo, não se sentindo a salvo, senão quando Paris ficou, como um sonho perdido, bem para trás. Os guardas olhavam, desconfiados, para cada moita, temendo alguma emboscada. De Longueville e de Condé iam à frente, o duque e o conde vinham a seguir, e os outros dois guardas fechavam a retaguarda. Todos empunhavam uma pistola. Embrulhados nas capas, voando como sombras ao luar, os cascos dos cavalos mal tocando a poeira quente do verão, pareciam cavaleiros espectrais, os rostos ocultos sob a aba dos chapéus. Passaram por vilarejos adormecidos. Os telhados das pequenas igrejas brilhavam como prata, ao luar. Os grilos cantavam entre o capim alto.

Ao passar por um riacho, desmontaram para dar de beber aos cavalos, e o duque aproveitou para acender o seu cachimbo. A fumaça que se evolou dele ficou branca, à luz da lua. Os cavalos, ofegantes, inclinaram as cabeças para a água; Mesmo assim, eles não ousaram falar senão por murmúrios.

Continuaram a cavalgar, mais rápidos que o vento. Por fim, o céu empalideceu, os pássaros romperam a cantar, e o ar tornou-se fresco como a água. A distância, no horizonte, um fogo parecia levantar-se, e da terra subiu um cheiro pungente. O vento aumentou, fazendo as árvores murmurar. O céu, a leste, ficou opala e o zênite tornou-se branco de leite. Ouviram mugir rebanhos distantes e os galos cantar. A brisa que lhes refrescava os rostos cansados estava cheia de mil odores diferentes.

Às sete da manhã avistaram ao longe as espiras de Chantilly, com as cruces e as torres pontudas

brilhando, vermelhas, contra o céu da manhã. Mas não entraram na cidade, preferindo contorná-la. Deveriam fazer uma breve pausa nas propriedades de Vitry, onde os esperavam novos cavalos. Às sete e meia, chegavam às propriedades. Constituíam um pequeno povoado, entre campos e prados verdes, os morros, ao longe, lilás e rosados à luz da manhã. O duque olhou em volta com satisfação. Não se via uma única choupana miserável, e sim pequenas casas de pedra, cercadas por jardins e cercas brancas. A igreja, também de pedra, parecia ter saído da própria terra e era simples mas bela. A cruz brilhava ao sol, e do interior da igreja vinha a voz profunda do padre.

Chegaram a uma pequena taberna, com uma tabuleta, onde se via uma cabra pintada, tremulando ao vento. O pátio, empedrado, estava vazio, a não ser por uma criadilha, que puxava água de um poço. Ergueu o rosto redondo e róseo, ao ouvir os seis cavaleiros entrarem e, inclinando a cabeça, correu para a taberna. Um momento depois, um homem enorme e gordo apareceu. Tinha uma cabeçorra calva e uma cara taciturna. Ao ver os cavaleiros, aproximou-se, lenta e insolentemente, e ajudou-os a desmontar. Tinha olhos pequenos e castanhos, que dardejavam mau humor, lábios grossos, um nariz que mais parecia o focinho de um porco, e uma testa toda enrugada. Não pareceu satisfeito de ver os recém-chegados, mas não disse nada, fazendo apenas um gesto de cabeça na direção da taberna. Depois, segurou as rédeas dos cavalos nas manoplas, e tal era a sua força, que os animais, exaustos, não lhe resistiram, nem sequer levantaram as cabeças em protesto. O gigante levou-os para as cavalariças, tirou-lhes as selas, deu-lhes de comer, trancou cuidadosamente as portas e encaminhou-se para a taberna, sacudindo os braços nus à maneira de um gorila, os músculos dos braços e das coxas parecendo querer pular.

O duque não simpatizou com aquele homem taciturno, mas Paul de Vitry, sorrindo, descrevera-o como um homem violento mas sincero, que nem ele conseguira conquistar ou amaciar.

— Você é o Crequy? — perguntou abruptamente o duque, os olhos brilhando de exaustão.

O homem resmungou que sim, olhando para o duque e seus companheiros com visível aversão e má vontade.

— Queremos comer e apanhar os cavalos prometidos — disse o duque, pensando se Paul não estaria enganado e aquele gigante não os trairia.

O homem não respondeu. Colocou-se atrás do balcão, sentou-se num banco e ficou a olhar para eles sem pestanejar, como se fosse uma estátua enorme e enrugada. A criadilha entrou com uma bandeja, que pousou sobre a mesa, diante dos seis cavaleiros. A refeição foi consumida num silêncio nervoso, pois todos estavam apreensivos com o olhar fixo do taberneiro, que continuava a olhá-los com hostilidade e sem pestanejar.

— Credo! — murmurou de Longueville. — Esse diabo estraga-me o apetite.

A comida era simples mas bem-feita: ovos frescos com presunto, leite e pão acabado de cozer. As pequenas janelas da taberna ficaram douradas pelo sol que entrava e rajadas quentes penetravam pela porta aberta.-

Depois, Crequy, sempre calado, levou-os, através do pátio, para uma escada exterior, que conduzia ao andar de cima. Fê-los entrar em quartos impecáveis de limpos, contendo apenas camas e mantas grosseiras, onde eles se deixaram cair, exaustos. Ouviram o taberneiro trançar as portas e a sua voz rouca dizia à criada:

— Não há ninguém nesses quartos, Roselle. Não chegou ninguém esta manhã, entende? Se você abrir o bico, eu lhe torço o pescoço.

Devia ter feito um gesto ameaçador com as manoplas, pois a moça soltou um grito e ouviram-na sair correndo.

Tranquilizado, o duque virou-se para o lado e adormeceu pesadamente. Mas de Longueville e os outros se revezaram na guarda.

Estava começando a escurecer, quando o duque e o conde acordaram. Uma chave girou na fechadura, e o taberneiro entrou com um gigantesco, jarro de água e algumas toalhas, que colocou sobre uma mesa nua, saindo logo após. Estremunhados, lavaram-se e ficaram à espera. A noite já tinha caído quando o homem reapareceu e lhes fez um sinal. Encontraram uma refeição, à espera deles e cavalos.

O duque abriu a bolsa para pagar, mas o homem recusou as coroas de ouro com um gesto desdenhoso. Olhou bem para o duque e fez uma careta.

— Monsieur le Comte de Vitry é um idiota, mas um bom homem. Não aceito dinheiro dos seus amigos, mesmo que eles sejam também idiotas — disse encarando-os com ar feroz.

— Nunca esquecerei a sua bondade — retrucou o duque, comovido, olhando para os desconfiados companheiros.

O homem grunhiu qualquer coisa e fez um gesto na direção da porta. Seis cavalos esperavam por eles do lado de fora. Montaram-nos e o taberneiro seguiu-os com o olhar até eles desaparecerem na escuridão.

— Não gosto desse Crequy — observou o jovem de Condé. — Tive vontade de passá-lo pela espada, pela sua insolência. De Vitry não cuidou de educar os seus camponenses.

— Suspeito dele — concordou de Longueville.

— Não devemos procurar inimigos escondidos nas sombras — censurou o duque.

Virou-se para o Conde van Tets, que cavalgava a seu lado, e perguntou:

— Que tal, está suportando a viagem?

O holandês, que quase não falara com os companheiros, sorriu gravemente:

— Nesta causa, não há nada que não valha a pena suportar, Monsieur le Duc — respondeu.

Deixou escapar uma espécie de soluço e deitou um olhar profundo para o duque.

— Monsieur, o meu país fica-lhe eternamente grato. Não posso dizer mais nada.

O duque esticou o braço e pousou por um instante a mão enluvada na do outro. Percebeu que o holandês mergulhara de novo num dos seus tristes devaneios.

A lua pairava sobre as copas das árvores que ladeavam a estrada de terra. Ouviram a distância o uivar de um lobo, à medida que a região ficava mais selvagem, desolada e ameaçadora. Grandes charnecas se estendiam à volta deles, sem que nenhuma luz confortadora brilhasse através de uma janela. O barulho de água corrente enchia o ar frio. De vez em quando, perdiam o rumo e voltavam à estrada, atravessando pedras meio escondidas, raízes de árvores e emaranhadas florestas.

Agora, uma névoa se erguia das charnecas, assumindo mil formas fantasmagóricas, ao luar. De Condé, que era supersticioso, per-signou-se várias vezes, esquecendo que, havia muito, abandonara a Igreja. O duque sorria daqueles gestos nervosos. Mas o silêncio profundo, as formas assumidas pela neblina e iluminadas pelo luar, a floresta negra, à volta deles, de que não ousavam se afastar por muito tempo, a imensidão das planícies, a distância, tudo contribuía para enchê-lo de pressentimentos. Chegou a acreditar que, de certa maneira, tinham deixado o mundo dos homens, das luzes, das risadas e das cidades, e sido transplantados para algum planeta ermo e cheio de perigos, morte e estranhas aparições.

— Estaremos em Beauvais ao romper do dia — disse ele. Mas ninguém lhe respondeu.

Confortou-se pensando que, nessa noite, chegariam a St. Omer e, um pouco mais tarde, a Calais. Seriam sessenta léguas ao todo, uma distância prodigiosa, a cavalo.

Mas, apesar de todos os seus esforços, os pressentimentos aumentaram. Em breve chegariam ao fim da floresta e, justamente nas horas mais perigosas, seriam obrigados a cavalgar em espaço aberto, à medida que se aproximassem de St. Omer. Riu de si mesmo, procurando criar coragem. Quem sabia daquela viagem? Era verdade que o Cardeal tinha espiões, mas, mesmo que ele tivesse sido prevenido daquela misteriosa viagem, não poderia saber da missão que eles levavam. No máximo, mandaria segui-

los até Calais. Mas lá eles embarcariam, e os espiões ficariam sabendo apenas que o duque e seus companheiros tinham embarcado para a Inglaterra. Isso por si só já era perigoso, mas, quando o duque voltasse, nem mesmo o Cardeal ousaria interrogá-lo. Apesar das relações abaladas entre a Inglaterra e a França, centenas de franceses e ingleses atravessavam diariamente o canal da Mancha, para tratar de negócios particulares ou assuntos diplomáticos.

Mas, embora procurasse tranquilizar-se, de vez em quando aguçava os ouvidos, buscando detectar o barulho de perseguidores ou possíveis ciladas.

Agora, ansiava pelas cidades. O silêncio, o luar, as charnecas e a escuridão começaram a impressioná-lo. Desejava que os jovens, de Longueville e de Condé, fossem mais alegres, cantassem ou troçassem um do outro, à maneira da juventude. Mas eles também seguiam calados, inclinados sobre as selas, os olhos brilhantes pers-crutando as trevas.

O luar desapareceu, e ouviram-se o ribombar de um trovão e o uivar do vento. De repente, van Tets freou o cavaio e, dirigindo-se ao duque, disse, em voz rápida e baixa:

— Monsieur, tenho o estranho pressentimento de que, se não me abandonar agora e voltar atrás, todos nós morreremos. Não sou dado a premonições. Peço-lhe que me abandone!

A sua voz tornou-se mais urgente, e o duque ouviu-lhe a respiração, no negrume da noite.

— Abandoná-lo, meu caro amigo?' Isso é absurdo. Dentro de duas horas estaremos a salvo em St. Omer. Foi a noite que lhe abalou os nervos.

Os outros ouviram essa troca de palavras e também frearam os cavalos. Aproximaram-se, mal se distinguindo uns dos outros, na escuridão. O duque sentiu o medo e a indecisão invadi-los, mas sabia como apelar para eles.

Deu uma risadinha.

— Monsieur •— disse ele — está pondo em dúvida a coragem e a galanteria desses franceses! Se as condições fossem mais favoráveis, cada um destes cavalheiros lhe pediria satisfações por uma afronta que só a sua fadiga e os seus passados sofrimentos podem revelar. Não é mesmo, messieurs?

Houve um momento de hesitação, e logo os jovens responderam, enfaticamente:

— Sem dúvida, Monsieur le Duc!

E ouviram o ruído de espadas desembainhadas.

Van Tets não disse mais nada e retomaram a marcha, em renovado silêncio.

A tempestade aumentava. De vez em quando, a lua surgia por entre as nuvens pretas. Durante esses momentos, o luar refletia-se nos rostos brancos dos cavaleiros, antes de mergulhá-los de novo na escuridão. Gotas de chuva fria começaram a cair, e os cavalos, assustados, apressaram o passo, apesar de exaustos.

A lua apareceu de novo, banhando tudo num brilho de aço polido. Foi então que Longueville, cuja vista era a mais aguçada, viu um refulgir em meio ao arvoredo, à direita da estrada.

Preveniu os outros em voz baixa e todos frearam os cavalos.

Embora mal o pudessem ver, perceberam que ele apontava para a frente.

— Vi algo brilhar ali, como se fosse um mosquete, Monsieur le Duc! — murmurou ele.

Aproximaram os cavalos uns dos outros. Os corações batiam-lhes com força. Cada qual estendeu a mão para a espada e a pistola. Mas era demasiado tarde.

De repente, o arvoredo pareceu incendiar-se. O ar escuro e molhado foi sacudido por um tiroteio. Os cavalos, apavorados, empinaram e começaram a escoicinhar. Novo clarão, novo tiroteio. A confusão tomou conta deles, com o zumbir das balas, a relinchar dos cavalos, os gritos de atacados e atacantes. Os cavaleiros estavam encurralados. De cada lado da estrada, altos barrancos pedregosos impediam-lhes a

fuga. Não podiam dar meia-volta e fugir. O duque ouviu gemer perto dele e sentiu, mais do que viu, van-Tets escorregar para o chão, sob o cavalo morto.

Salteadores!, pensou o duque.

Mas, no fundo do coração, sabia que não eram salteadores.

Ouviu-se outro grito, e de Longueville e de Condé deram a impressão de pular dos cavalos. Caíram entre os arbustos e ficaram imóveis. A lua brilhava agora com mais força, tendo emergido das nuvens. O duque viu que havia mais de uma dezena de homens armados, agachados atrás das árvores. Era o fim.

Olhou em volta, tomado de pavor e desespero, e viu os outros dois cavaleiros cair dos cavalos e rolar sob os seus cascos.

— Alto! — gritou ele. — Sou eu, o Duque de Tremblant! Desafio-os. a tocarem em mim!

Agora, tudo era novamente confusão e escuridão. Um clarão vermelho ofuscou o duque e ele. sentiu um súbito ardor no peito. Um rodamoinho de trevas e chamas pareceu engolfá-lo. Ergueu os braços e caiu ao chão, silencioso e imóvel.

Um relâmpago atravessou o céu e penetrou o teto escuro da floresta. Doze homens emergiram cautelosamente do bosque e aproximaram-se da pilha de homens e cavalos mortos. Um deles, o chefe, virou de costas o cadáver do duque para lhe ver o rosto.

— O porco huguenote! — resmungou e chutou-lhe brutalmente a cara com a ponta da bota.

Fez um sinal, e os homens curvaram-se sobre os cadáveres e revistaram-lhes os bolsos, tirando-lhes rapidamente os documentos e as bolsas. Depois, arrastaram-nos para a floresta, onde já tinham sido cavadas valas, e nelas jogaram os corpos. A chuva e o vento misturavam-se aos relâmpagos, fazendo com que eles se apressassem. A tempestade, batendo-lhes nas capas, transformava-os em morcegos gigantescos. Atiraram terra sobre os corpos, cobrindo as covas rasas com galhos e pedras. Depois, montando nos cavalos que tinham amarrado a distância, arrastaram os cavalos mortos do duque e dos seus companheiros, até chegarem a uma grande ravina, onde des-penbaram os ensanguentados animais. Feito isso, afastaram-se na noite.

A tempestade irrompeu com toda a fúria.

● Capítulo XXVIII

A terrível tempestade amainara ao amanhecer. Agora, a terra estava fresca e tenra, ao sol da manhã. Arsène de Richepin e o Conde de Vitry partiram a cavalo, rumo a Chantilly, quando todos os sinos de Paris repicavam alegremente.

A natureza de Arsène era tão volúvel, que já esquecera das Júvidas e dos temores da noite anterior. Começou a cantar, batendo com as rédeas no pescoço do cavalo e trotando pela estrada larga e plana, num transporte de alegria e despreocupação. Até os trabalhadores, que consertavam as estradas, olhavam para ele com um sorriso, ao vê-lo passar. Galopava e trotava, agitando o chapéu no ar. Depois, freava o cavalo, sorridente e impaciente, para que Paul, mais calmo, o alcançasse.

— Você trota como um cura montado num burrico! — exclamava.

Paul, que era pelo menos dois anos mais jovem do que ele, sorria e retrucava:

— O que é ser jovem de espírito!

Não falava no Duque de Tremblant, pois não queria sombrear a radiante vitalidade que emanava do amigo.

Embalavam-no os seus próprios pensamentos, que pareciam iluminar-lhe, com um prazer secreto, o rosto cansado-e pensativo. Arsène reparou, finalmente, que Paul lhe deitava olhares furtivos, como se de posse de alguma informação que lhe desse muita alegria. À medida que o tempo passava, essa expressão foi-se tornando mais marcada, e uma ou duas vezes Paul riu baixinho, como de alguma brincadeira, sem malícia, apenas com afeto desinteressado.

— Você está escondendo alguma coisa, Paul — observou Arsène.

Paul inclinou a cabeça para o lado e encarou o amigo com olhos brilhantes.

•— Você vai dar uma grande alegria a dois velhos amigos seus — disse ele, por fim, após um momento de hesitação. — Ah, não me faça perguntas. Mas vou ficar muito desapontado se você não se sentir tão feliz quanto eles.

Enquanto falava, um pensamento triste pareceu ocorrer-lhe e toldar-lhe um pouco a luz dos olhos cinzentos. Suspirou, esporeou o cavalo e passou à frente do amigo.

A curiosidade tomou conta de Arsène. Mas a manhã estava tão bonita, que ele não se deixou afetar por aquele mistério. Tinha a feliz faculdade de ser capaz de esquecer à vontade todos os pensamentos sombrios. Já tinha esquecido que no dia seguinte se casaria. Não se permitia pensar no Duque de Tremblant. Quando o pensamento lhe vinha à cabeça, repetia para si mesmo tudo o que Paul de Vitry lhe dissera para tranquilizá-lo.

Olhava para os campos verdes com profunda satisfação, respirando o ar puro e quente, onde se mesclava uma centena de cheiros. Seus olhos pareciam mais aguçados do que nunca. Quando passavam por pequenos povoados e viam as miseráveis choupanas dos camponeses, os rostos fechados e estupidificados das pessoas, a miséria e a sujeira em que viviam, mesmo naqueles campos e vinhedos, a alegria que sentia era substituída por um vago sentimento de culpa. Aquilo não era novo para ele. As propriedades do seu pai eram parecidas com aquelas. Mas nunca se sentira tão afetado quanto agora. Percebeu que Paul também olhava e que a sua expressão era ao mesmo tempo indignada e triste. Pareceu-lhe que ele se demorava desnecessariamente naqueles lugares, como se quisesse que Arsène visse bem tudo aquilo.

Ao meio-dia, chegaram a Chantilly. Atravessaram a cidade e embrenharam-se de novo nos campos. Por fim, chegaram às terras de Paul.

Imediatamente Arsène viu o contraste entre aquelas propriedades e as que ele conhecia. Ali não havia choupanas miseráveis, apenas boas casas de pedra, em meio a jardins particulares. Os caminhos, empedrados, estavam limpos e sem lixo. Havia uma fonte, no meio de uma praça, onde homens e cavalos podiam refrescar-se, quando o sol estava a pino. Pombas voavam sobre a estátua de um garotinho nu, que despejava água de um grande jarro de pedra para a bacia de granito. Crianças e gansos confraternizavam alegremente em volta da fonte. As crianças jogavam água para o ar, entre gritos de prazer.

À porta das casas, viam-se mulheres com bebês ao colo. Ao verem Paul, faziam uma reverência e o seguiam com o olhar brilhante de adoração. As crianças iam respeitosamente atrás dele, como se atrás de um santo. Quando ele lhes atirou punhados de moedas de cobre e de prata, correram a apanhá-las, igual a um bando de pombas. Não havia condescendência nos seus gestos, nem desprezo nos sorrisos dele. Olhava-as com uma expressão de afeto e compreensão.

Arsène viu que se aproximavam de uma taberna com um cartaz de uma cabra, balançando ao vento contra o azul vivo do céu. Um cavaliço correu a segurar-lhes os cavalos e, quando viu Paul, curvou-se quase até o chão e olhou para ele com verdadeira devoção.

Entraram no interior fresco e penumbroso da taberna e viram um gigante calvo, atrás do balcão. Não se levantou nem se mexeu, ao vê-los entrar, mas o seu lábio inferior espichou-se num gesto de profundo desdém, e a grande testa reluzente enrugou-se, sobre os olhos castanhos e salientes.

— Ah, Crequy — disse Paul, afetuosamente.

O homem não se mexeu nem respondeu. Arsène ficou cheio de raiva diante de tamanha insolência, e olhou para ele com incredulidade e indignação. Como se sentisse o olhar do recém-chegado, o gigante voltou o rosto enorme para Arsène e encarou-o sem mudar de expressão.

Paul sentou-se a uma mesinha, a mesma à qual o Duque de Tremblant e seus companheiros se haviam sentado, algumas horas antes. Sabia que eles estavam dormindo no andar de cima, mas não falou nada. O gigante levantou-se, resmungando e, com passos lentos e pesados, aproximou-se da mesa. Pór um instante, os seus olhos cruzaram com os de Paul, e uma mensagem secreta passou entre eles. Paul sorriu, aparentemente satisfeito, e mandou vir vinho.

Os dois amigos beberam. Paul pensou: Deveria dizer a Arsène que o seu amado duque estava dormindo no andar de cima e permitir que os dois se abraçassem? Seria uma alegria para Arsène, mas interromperia o repouso do duque, que devia prosseguir viagem ao anoitecer, pois, só ousava viajar de noite. Paul decidiu nada dizer.

Após servir um excelente vinho, o gigante voltou de novo para trás do balcão e continuou a olhar para eles de testa franzida. Mas agora Arsène percebeu que, apesar da carranca, havia uma certa tristeza e brandura naqueles olhos porcinos, como se Crequy procurasse esconder os seus sentimentos.

A limpeza e a tranquilidade da pequena taberna alegraram ainda mais o espírito de Arsène. Através da porta aberta, via a fonte e as crianças e ouvia os risos e as vozes das mulheres. Teve a estranha sensação de que todos os seus amigos estavam ali, reunidos debaixo daquele teto.

— Todos bem, Crequy? — perguntou Paul, voltando-se de novo para o taberneiro, que continuava a fitá-lo, como que hipnotizado.

O homem fez um gesto de desprezo com a mão enorme e grunhiu algo. Por fim, falou, numa voz estrondosa:

— É, só dar de comer à canalha, mimá-la, tratá-la como se fosse gente, que eles se sentem muito bem.

Paul não se ofendeu. Parecia acostumado àquela insolência. Riu e virou-se para Arsène.

— O nosso anfitrião não ama a própria espécie — disse ele. — Crequy preferiria que eu o nomeasse capataz, para poder tocar os desgraçados a chicote para os campos. É uma antiga rixa entre nós.

O homem bateu com tanta força no balcão, com o punho gigante, que todas as canecas de estanho pularam. Seus olhos darde—javam de raiva.

— Sim, é uma velha rixa, Monsieur le Comte! — gritou ele. — E uma briga justa! Como se eu não conhecesse esses suínos! Como se eu não soubesse como eles lhe irão pagar! Será que eu não o preveni bastante? Mas não chega. Monsieur se nega a ouvir, não quer escutar a voz da experiência!

Inclinou-se sobre o balcão e cuspiu. Arsène contemplava, de olhos arregalados, aquela incrível mostra de insolência e liberdade. Não podia acreditar que Paul suportasse aquilo. Mas o amigo limitou-se a jogar a cabeça para trás e rir com vontade. As risadas enfureceram Crequy, que saiu do balcão, deitando fogo pelas ventas e brandindo um dedo enorme para Paul.

— Já o preveni, monsieur! Não o prevenirei mais!

Arsène estava atônito. Sentiu raiva de Paul. Será que ele não tinha orgulho? Por que não puxava da espada e não matava ali mesmo aquele desgraçado? Não podia acreditar no que via. Não podia crer que o senhor daquelas terras pudesse permitir, mesmo que por um instante apenas, tanta insolência e uma atitude ameaçadora por parte de quem não passava de um servo, de um desgraçado, de um pobre-diabo.

Mas Paul parecia apenas divertido. Segurou o dedo gigantesco apontado contra o seu rosto e sacudiu-o para cima e para baixo, afetuosamente, como se fosse uma criança balançando a pata de um mastim ameaçador, no qual ela confiava inteiramente.

Então, Arswne viu algo espantoso. O homem já não gritava nem grunhia. Ficou calado. Continuava de cara fechada, e a sua testa enorme estava mais enrugada do que nunca. Mas tinha os olhos marejados de lágrimas. Enquanto Paul lhe apertava suavemente o dedo, ele olhava para o jovem conde com tal aflição, com tanta tristeza, que Arsène ficou mais confuso do que nunca. Percebeu que a bocarra do homem tremia.

Paul disse para Arsène, sem largar o dedo do taberneiro:

— Crequy tinha uma taberna em Paris. Veio para Chantilly a meu pedido e abriu esta taberna, que antes estava em péssimas condições. Conheci-o em Paris. Pensei que aqui ele passasse a compreender melhor os seus semelhantes, por quem tem um ódio de morte. Mas tenho a esperança de que ainda vou conseguir.

O homem soltou o dedo e voltou para trás do balcão. Sua carantonha reassumia a expressão de ódio e má vontade.

— Já lhe disse não sei quantas vezes Monsieur le Comte que não se pode mudar o coração dos homens! — gritou ele. — Já lhe disse como eles lhe vão pagar, com traição, ódio e maldade. Mas agora não vou insistir mais. Só quero que monsieur não pense, nem por um momento, que vou recebê-lo com palavras de pesar e de consolo, quando ele descobrir que eu estava certo e ele estava errado!

Olhou para Arsène e franziu ainda mais a testa. Apontando para ele, disse:

— Se monsieur é realmente amigo do conde, avise-o, também, antes que seja demasiado tarde! Diga-lhe que Monsieur le Comte se previna contra essa escumalha, que agora o lisonjeia com salamaleques, mas que algum dia lhe irá mostrar os dentes, e então será o fim de Monsieur le Comte!

— Ah! — exclamou, com um riso perverso. — Estou esperando esse dia!

Apesar do espanto e da raiva, Arsène sentiu uma estranha simpatia pelo gigante, pois não lhe tinham passado despercebidos os lábios trêmulos e as breves lágrimas. Era como se estivesse num mundo enlouquecido, onde os criados se dirigiam aos amos com desprezo e insolência, e os amos se limitavam a rir. Ainda não podia acreditar no que via.

Paul estava de novo rindo, bem-humorado, jogando para trás a cabeça coberta de cabelos escuros, cortados rente.

— Crequy acha que os meus camponeses deviam tremer diante de mim, que nunca deviam sequer se atrever a me olhar no rosto, que deviam ser espancados e escravizados, que eu deveria usar o meu poder de vida e morte sobre eles. Em suma, aprova o modo de agir dos outros senhores de terras. Isso, apesar da miséria, da fome e do desespero que ele viu em Paris. De há muito constatei que o miserável é quem mais despreza os miseráveis, o que vive na sarjeta; o que mais odeia os seus semelhantes, o escravo, cansado de apanhar, quem advoga o emprego da chibata para os outros escravos. Não é um paradoxo?

— Não, não é um paradoxo! — gritou o gigante, batendo de novo, enfurecido, com o punho no balcão. Arsène viu que ele era bastante inteligente.

— Que é que Monsieur le Comte sabe a respeito dessas bestas? Só mesmo um porco que grunhiu e refocilou com elas é que pode entendê-las. Pensam que não as conheço? Não dormi com elas, não chafurdei com elas? Quem pode conhecê-las melhor do que eu?

Paul abanou a cabeça, sorrindo.

— Ah, mas você tem um bom coração, meu pobre Crequy. Ainda não perdi a fé em você. Não acha que a minha gente está feliz, compartilhando dos frutos do seu trabalho? Não cantam, em vez de chorar, quando estão trabalhando? Isso não lhe basta?

— Conheço a maldade que há nos corações deles! — gritou Crequy.

Saíram de novo para o sol. O taberneiro não se dignou acompanhá-los até a porta. Mas uma menina rosada ficou a olhá-los timidamente, de pé, numa porta que dava para o pátio, e Paul chaf-flou-a com um sorriso. Corando e com os olhos fitos no chão, ela fez-lhe uma profunda reverência. Paul pousou-lhe a mão na cabeça e virou-se para Arsène.

— Esta é a sobrinha do urso — informou.

Tocou de leve na face rosada da menina.

— Tudo bem com você, minha pequena Roselle?

Ela fez nova reverência e olhou para ele com timidez e adoração. Paul lembrou-se da primeira vez que a vira, suja e faminta, no colo do tio. Agora, ela estava linda e rosada, no seu avental branco e na sua touca engomada. Suspirou. Quando ele e Arsène montaram de novo, a menina ficou a olhar para eles. Depois, jogou o avental sobre o rosto e rompeu em lágrimas e soluços silenciosos.

Crequy viu tudo aquilo de trás do balcão. Resmungando, levantou o enorme corpo e saiu para o pátio. Abraçando a menina com ternura de mãe, apertou-a contra o peito.

— Não chore, ma chérie — murmurou ele. — Talvez chegue o dia em que você precise confortá-lo.

Paul e Arsène dirigiram-se para o lindo château branco, que se avistava a distância, em meio a um parque de rosas, flores multicoloridas e grandes olmeiros. Havia também um lago azul-escuro, com uma ponte de mármore branco. Cisnes prateados deslizavam na superfície da água, toda salpicada de plantas aquáticas. Os pássaros alegravam o céu com o seu esvoaçar e os seus cantos. Jovens e velhos cuidavam com amor daqueles jardins. Ao verem Paul, seus rostos se iluminaram e avançaram para ele como se quisessem tocá-lo. Ele falou-lhes com interesse e afeto, perguntando, pela família de cada um.

Arsène viu ao longe os trigais verdes, os vinhedos, as colinas rosadas e o céu azul vivo da França. Tudo ali transpirava amor, paz e boa vontade. Viu as casinhas de pedra no vale e no sopé dos dois outeiros e, enquanto respirava os perfumes da terra e das flores, ouvia o doce repicar dos sinos da bela capelinha, à esquerda. A cruz brilhava ao sol. Dois vultos negros junto da porta, um velho e outro bastante jovem, pareciam conversar gravemente. De vez em quando, o velho sacerdote levantava a cabeça lentamente e olhava para os camponeses, trabalhando nos campos e nos vinhedos, guiando os cavalos e cantando em meio ao silêncio e à frescura da manhã.

Era a primeira vez que Arsène visitava as propriedades de Paul. De novo invadiu-o um sentimento de culpa. Que diferença das propriedades do pai, onde os camponeses não ousavam erguer a cabeça, onde os pobres-diabos trabalhavam sem qualquer esperança e envoltos em trapos! Comigo vai ser diferente, prometeu a si mesmo. Como era fácil viver num ambiente de amor e tranquilidade, e não cercado de ódio, mas conhecendo apenas a devoção dos humildes.

O interior do chateau era simples, mas belo, banhado de uma suave luz verde. Arsène viu salas imponentes, mobiliadas com bom gosto e austeridade. Em todas as mesas, em todos os móveis, no friso das lareiras viam-se jarras com flores. A mesma paz, a mesma calma reinavam ali.

— Vamos almoçar — disse Paul para um velho laçao, que se apressou a pegar-lhes nas capas e nos chapéus.

Sorriu para Arsène, e este, por sua vez, achou que o rosto do velho parecia iluminado por uma luz de bondade. Depois de se terem lavado, dirigiram-se ao-salão de jantar, onde os esperava uma dama vestida de seda branca, com o decote adornado com um buquê de rosas vermelhas, não menos escarlate do que os lábios dela.

Era Madame duPrès, e Arsène sentiu de novo desprezo e aversão por aquela jovem e bela mulher, de grandes olhos escuros e expressão secreta. Depois que Paul lhe beijara a mão, ela estendeu-a a Arsène, baixando as longas pestanas pretas. Ele inclinou a cabeça, mas não lhe beijou a mão. Não podia esconder o aborrecimento. Julgara a mulher em Paris, no pequeno hôte! de Paul, e não esperava encontrá-la ali.

Ficou calado. Paul mostrou-se embaraçado com a atitude do amigo que, na sua inocência, não entendia. Mas Madame duPrès não era tão ingênua. Sua boca, semelhante a uma ameixa madura, curvou-se num sorriso astuto. Mostrou-se mais gentil do que nunca para com o convidado do amante, mais afetuosa e atenta para com Paul.

Este, por sua vez, se não inteiramente escravizado a ela, cumulava-a de atenções. Madame duPrès começou a fazer queixas da insolência dos criados.

— Ah, eles não podem ser insolentes! — exclamou Paul, deitando-lhe um olhar súplice. — Mas eles agora são homens livres, que prestam serviços voluntariamente, sem medo e sem serem obrigados a isso. Os homens livres não precisam ter a mesma atitude dos escravos, meu amor.

Ela sacudiu a cabeça e fez beicinho.

— Só atendem aos meus chamados quando lhes dá na telha, monsieur. Quando lhe ralho, respondem com o maior atrevimento. Será que eles pensam que eu não sou nada e que tenho que lhes aguentar os insultos calada?

Ele ficou mais e mais aborrecido.

— Minha querida Antoinette, você é demasiado sensível. Morbleu? As coisas não podem ser tão más quanto você diz. Mas, se você quiser, discutirei o assunto com eles.

Ela olhou para ele com desdém e fez um gesto tão insolente, que Arsène se sentiu consumido de ódio por aquela mulher.

— Monsieur parece que tem medo desse gado! — exclamou ela, com uma risada.

Paul mordeu o lábio, mais triste do que irritado. O resto do almoço decorreu num silêncio doloroso. Arsène estava com tanta pena do amigo, que acabou falando de coisas inconsequentes, o que Paul lhe retribuiu com um olhar eloquente.

Madame pretextou uma indisposição e retirou-se, após o almoço, para os seus aposentos, não sem antes deitar a Arsène um olhar provocante e sedutor. Ele atribuiu-lhe mentalmente epítetos nada lisonjeiros e saiu do chateau em companhia do dono da casa. Os cavalos já os aguardavam. Montaram-nos e desceram para os campos e os vinhedos, sob um sol embriagador, semelhante ao vinho aquecido.

Como se o amor que Paul sentia por tudo o que era vivo se tivesse estendido também à terra, tudo ali

florescia maravilhosamente. Arsène viu a expressão de afeto nos rostos dos camponeses. Sentaram-se à sombra de uma árvore roxa e beberam água fria e cristalina, de uma nascente próxima. Nos olhos de Paul brilhavam uma paz e uma satisfação sem limites. Os anéis escuros do seu cabelo tremulavam à brisa vespertina, e ele olhava em volta como se estivesse vendo um espetáculo sempre novo.

— Preciso voltar logo — disse Arsène, com relutância. — Você não esqueceu que amanhã é o dia do meu casamento, pois não? Além disso, ainda não me conformei com o fato de você não estar presente, Paul.

— Perdoe-me — implorou Paul, segurando a mão do amigo. — Você sabe o quanto o amo e o quanto lhe sou devotado. Mas não me é possível assistir. Tenho que ficar aqui até que o duque volte, como você sabe. E há muitas coisas que exigem a minha atenção.

Arsène riu.

— Você está querendo dizer que não suporta Paris, seu hipócrita! Mas não se preocupe, mon cher. Claro que lhe perdôo. Fique com a sua bela mulher e com os seus camponeses. Eu não me ofendo.

Levantaram-se e desceram lentamente para a capela, perto da entrada do vale. Duas velhas rezavam, ajoelhadas, na penumbra da igrejinha, iluminada apenas pela luz que penetrava através dos vi-trais das janelas e pelas velas do altar.

Arsène achou aquela pequena igreja ainda mais bela do que a de Notte Dame. Paul gastara fortunas nela, de modo que nada faltava. Os panos de altares laterais eram do mais branco linho, ornado com delicadas rendas. As imagens eram obras de mestre, e o chão, feito de blocos alternados de mármore branco e preto. As colunas e o pequeno púlpito eram também de mármore branco. Enormes jarras de flores adornavam o altar, enchendo o ar de um perfume incomparável. Toda a paz dos campos parecia concentrada naquele interior branco, naquele sagrado silêncio.

Paul ajoelhou-se com simplicidade, e, após um momento de hesitação, Arsène seguiu-lhe o exemplo. Os dois ficaram ajoelhados lado a lado, diante do altar. Paul ergueu o rosto emocionado. Orou abertamente, juntando as mãos, e a sua expressão encheu-se de uma beleza austera, semelhante à de um anjo. Arsène estava como-vidíssimo. Não conseguia rezar, mas sentia-se cheio de reverência e de adoração por aquele homem tão bom.

Quando saíram da igreja, Paul não falou. Sorriu e apertou a mão do amigo, como se não tivesse palavras. Junto da porta esperavam-nos o velho padre e um outro, mais jovem e mais alto.

O Abade Lovelle agarrou as mãos de Paul e olhou para ele com veneração.

— Ah, monsieur! — exclamou. — Não o esperávamos hoje! Que grande prazer nos deu!

Paul abraçou o velho abade, que pareceu a Arsène ter muitos dos atributos físicos e espirituais do Abade Mourion. Os olhos do-velho padre pareciam estar vendo um santo. Continuou apertando fervorosamente a mão de Paul.

Paul olhou interrogativamente para o outro padre, que permanecia discretamente afastado. Ao ver aquilo, o abade pediu desculpas e virou-se para o outro.

— Este é o Padre de Pacilli, Monsieur le Comte! — disse ele, apertando a mão de Paul, enquanto o outro sacerdote fazia uma reverência. — O bispo acha que devo descansar por alguns meses, monsieur. Mais do que isso, insistiu para que eu descansasse. De maneira que, com a sua permissão, acho que vou visitar a minha sobrinha e o meu sobrinho em Rouen.

— Que falta de consideração a minha! — exclamou Paul, pousando o braço sobre os ombros do velho abade. — Não me passou pela cabeça que estivesse precisando de descanso. Venha esta noite ao château, que eu lhe darei uma bolsa com dinheiro para lhe garantir uma boa viagem e lhe possibilitar comprar presentes para os seus parentes. Ah, que egoísmo o meu, não pensar no seu conforto e na sua

fadiga!

— *l'Acmsieur* é um santo — retrucou o abade, com lágrimas nos olhos. — Se há alguém em quem ele nunca pensa, é em si mesmo.

A emoção não o deixou falar mais. Por fim, explicou:

— O bispo mandou o Padre de Pacilli substituir-me enquanto eu estivesse fora e, após ter conversado com ele, tenho a certeza de que cuidará bem do nosso pequeno rebanho, até que eu volte.

Paul saudou cordialmente o padre, olhando-o com a simplicidade e a franqueza habituais.

Mas Arsène sentiu um mal-estar. Onde tinha visto aquele rosto moreno e comprido, aqueles olhos negros e amendoados? Onde tinha visto aquela boca larga, fina e astuta e aquele queixo pontudo e pálido? A expressão é que o intrigava, pois era dócil e humilde, com um olhar baixo e respeitoso, ao passo que a expressão de que vagamente se recordava era arrogante, divertida e altamente intelectual.

Sentiu uma surpreendente aversão pelo padre. Olhou para a sua figura alta e magra, metida na batina preta, para as mãos estreitas e brancas, tão diferentes das mãos morenas, largas e calosas do Abade Lovelle. Era um homem de ar aristocrático, de aparência estrangeira e demasiado refinado, para o papel que estava representando. Porque Arsène tinha a certeza de que ele estava representando. Aquele padre não podia substituir o velho cura de uma propriedade particular! O padre ficou um momento de perfil para Arsène, enquanto conversava com Paul numa voz baixa e melíflua, e Arsène reparou no longo e delicado nariz, grande e aquilino, com as narinas tão finas e bem desenhadas, que a membrana vermelha era visível. A sua voz tinha um acento aristocrático e cheio de si, que ele não conseguia disfarçar.

Imerso nos seus pensamentos, não prestara atenção à amável troca de palavras entre Paul e o padre, de modo que interveio, abruptamente:

— Onde foi que já o vi, *Monsieur le Curé*? Porque tenho a certeza de já o ter visto.

Paul ficou espantado com o tom de voz e a brusquidão de maneiras do amigo. Mas o padre olhou para Arsène com respeito e

com um simulacro de surpresa. Arsène, porém, percebera o rápido piscar dos seus olhos negros.

— Não sei onde possa ter tido a honra de estar na sua presença — retrucou ele, com uma reverência. — Antes, estive em Chartres e depois em Amiens. Nunca estive em Paris.

Arsène corou e mordeu os lábios. Sentia-se um idiota, pois Paul e o velho abade olhavam para ele com sorrisos atônitos.

— É jesuíta? — perguntou ele, numa voz ainda mais áspera.

O padre pareceu surpreso. Sorriu humildemente.

— Não, *monsieur*. Não tenho essa honra. Sou apenas um pobre abade, cuja modéstia não mereceu uma paróquia permanente.

O velho abade sentiu à hostilidade de Arsène e pousou a mão no braço do confrade.

— O Padre de Pacilli é demasiado modesto — disse, ternamente, deitando um olhar súplice a Arsène e a Paul. — É muito talentoso, mas o bispo deu-me a entender que ele prefere viajar de diocese em diocese a ficar sempre na mesma paróquia.

O Padre de Pacilli retribuiu-lhe o gesto de afeto com um sorriso triste e uma inclinação de cabeça.

Mas Arsène ficou ainda mais desconfiado, embora não pudesse atinar com a razão dessa desconfiança. Tinha, porém, a certeza de que já vira aquele rosto em algum liigar de Paris e de que o padre não era o que fingia ser. Se assim fosse, o que estaria ele fazendo ali, naquele lugar isolado, substituindo um velho e obscuro cura do interior?

Deitou a de Pacilli um olhar penetrante. Paul enrubescera, embaraçado. Mas Arsène não parecia ver ninguém senão aquele padre, que estava diante dele com ar humilde, olhos baixos e uma expressão perplexa. Apesar daquela atitude, Arsène via que ele tinha a majestade de um príncipe, a voz de um

aristocrata, os gestos de um nobre.

De repente, teve a certeza de que aquele homem era perigoso. Mas para quem? Que perigo ele podia trazer para Paul e para aquelas terras sossegadas, perto da cidade de Chantilly? Não obstante, teve a súbita certeza de que Paul corria perigo.

Voltou-se para o amigo.

— Perdoe-me a insistência — disse —, mas tenho a certeza absoluta de já ter visto o Padre de Pacilli em Paris. Só não me lembro onde foi.

— E isso interessa? — perguntou Paul suavemente, pedindo aos dois padres perdão com o olhar.

— Os disfarces interessam sempre — respondeu secamente Arsène. — A gente se pergunta: Por que razão um homem se dis

farça? O que há por trás desse disfarce? E a quem ele se destina?

Vírou-se novamente para o padre.

— Monsieur le Curé não me enganou. Não pode ser filho de um camponês nem de um artesão. É, isso sim, um homem de nobre estirpe.

O padre ergueu os olhos do chão e fitou-os em Arsène. Não podia esconder o embaraço, o divertimento ou o desdém que sentia. Mas disse, numa voz suave: c» sen

— Monsieur lisonjeia-me. Meu pai tinha uma pequena taberna em Chartres. Mas a verdade é que minha mãe pertencia à pequena nobreza.

— Ah, então isso explica tudo — disse Paul, com seu sorriso bondoso.

Olhou para o amigo, mas Arsène não se deu por convencido.

— Por que veio até aqui? Que veio fazer aqui, mon curé?

— Não entendo — disse o padre, fingindo gaguejar e mostrando-se cada vez mais surpreso. — O bispo desta diocese pediu que eu substituísse o Abade Lovelle durante a sua ausência. Como a minha saúde é frágil, os meus superiores acharam que o ar do campo e um lugar sossegado me fariam bem.

— Quem são os seus superiores? — perguntou Arsène, num tom ameaçador.

Encabulado, Paul puxou o amigo pelo braço.

— Se não nos apressarmos — murmurou —, você não terá tempo para falar com os seus amigos.

Afastaram-se, mas o rosto de Arsène estava em brasa e os seus olhos brilhavam de fúria.

— Estou-lhe dizendo, Paul, que já vi aquela víbora! Ele não é o que finge ser!

— E isso que importa? — retrucou Paul. — Que mal ele me pode fazer? Daqui a dois meses, ele terá ido embora.

— Um padre já é mau, mas um padre disfarçado é terrível! — exclamou Arsène.

Agora, que já não estava na presença de Pacilli, todas as suas dúvidas e suspeitas lhe pareciam absurdas.

Paul riu. Arsène abanou a cabeça, mas não disse nada.

Aproximaram-se de uma casa branca, no meio de jardins. Era uma casa maior do que as outras que Arsène vira, e tinha um ar de grande dignidade. Paul parecia excitado. Começou a rir baixinho e a olhar para Arsène com alegria, Abriu o portão.

Não pôde conter-se.

— Administrador! chamou, ansioso. — Meu bom administrador, trouxe-lhe uma visita!

Um homem alto e grisalho apareceu à porta. Segurava uma caneta e curvou-se diante de Paul. Mas Arsène olhou para ele boquiaberto.

— François! François Grandjean! — exclamou. — Não é possível!

● Capítulo XXIX

François Grandjean não ficou menos surpreso do que Arsène, que avançou para ele de mãos estendidas. Apertou-as nas suas, mas continuou a olhar, incrédulo, para o jovem.

Arsène estava encantado. Abraçou fervorosamente o velho. Os olhos azuis de François ficaram toldados pela emoção, e ele sorriu tremulamente. Com a sua cabeça clássica, parecia um senador romano recebendo os abraços de um filho. Depois, olhou para Paul, que também sorria, muito comovido.

— Quando você me contou, François — disse Paul —, que um certo Monsieur de Richepin lhe tinha presenteado dinheiro para comprar terras, previ imediatamente a alegria que me traria este encontro. Você falou com tanto afeto de Monsieur de Richepin, que suspeitei de alguma ligação profunda entre os dois e adivinhei muitas outras coisas pelo seu tom de voz e pela expressão do seu rosto. Além disso, recordando o que monsieur me contara, de como fora socorrido por alguém como você, deduzi toda a história.

Aproximou-se deles e segurou-lhes uma das mãos, olhando primeiro para um e depois para o outro com a sua candura habitual.

— Meus caros amigos — disse, com voz emocionada —, alegre-me com a sua alegria.

Um leve rubor subiu às faces de Arsène e ele disse, com uma franqueza que não iludiu François, mas que enganou a Paul:

— Fui até a Rue du Vieux-Colombier, mas ninguém me soube dizer para onde tinham ido.

François retrucou, gravemente:

— Não disse nada aos seus vizinhos, pois duvidava de que monsieur voltasse lá. Não esperava isso.

E os seus olhos brilharam indulgentemente. Arsène ficou calado, furioso consigo mesmo por ter dito uma mentira tão infantil, e mais furioso ainda pelo fato de François tê-la detectado logo. Até mesmo o sorriso bondoso, embora algo triste, de François só fez aumentar a sua irritação. Por um momento, o velho orgulho aristocrático e o desprezo pela ralé transpareceram no olhar dele e se revelaram na sua atitude.

Entraram na pequena casa, onde reinava uma penumbra fresca. As janelas abriam para um trigal alto e dourado, que os primeiros raios do poente tingiam de vermelho, para as colinas cor de safira, rodeadas pela renda verde dos vinhedos, para um riacho distante e prateado e, mais à direita, para a sombra maciça de uma velha floresta. O azul do céu parecia ferver e pulsar como um coração apaixonado. Plumas de nuvens rosadas flutuavam sobre as colinas. Ao longe, os camponeses cantavam, enquanto trabalhavam, e as suas vozes eram doces e alegres. Os rebanhos estavam voltando aos estábulos, e os seus mugidos atravessavam o ar quente e fragrante. As pombas, esvoaçando sobre o telhado da casa e dos currais, captavam o sol nas asas. As abelhas zumbiam, sonolentas, sobre as flores do jardim. Uma névoa começou a subir do vale, e logo a floresta deu a impressão de flutuar num vapor radiante.

Sobre o chão-de lajotas da casinha viam-se móveis simples, mas resistentes, cadeiras, mesas, armários e bancos. Por todo o lado havia vasos de barro com flores.

Ao entrar a contragosto na casinha, ainda cheio de raiva e desdém, Arsène sentiu o coração bater-lhe mais forte e um estranho tremor percorrer-lhe o corpo. Mas a casa estava vazia. Respirou fundo e olhou para uma porta, coberta com uma cortina. Mas ninguém apareceu.

François, com seu jeito grave e digno, convidou os visitantes a sentar-se e trouxe um jarro de vinho e uma bandeja com deliciosos bolinhos. Mas Paul sacudiu, sorridente, a cabeça.

— Ah, não, meu caro amigo — disse ele. — Vou deixar os dois a sós. Parece-me, também, ouvir a aproximação de mademoiselle. Vou ao encontro dela e do rebanho.

Ao ouvir aquilo, Arsène ergueu a cabeça, com mil e uma perguntas na ponta da língua e um rubor nas faces. Paul saiu, e ele e François ficaram sozinhos. Arsène não sabia o que dizer. Bebeu o vinho que François lhe servia.

O ancião já não estava pobremente vestido e perdera o ar emaciado. Usava roupas grosseiras e resistentes, de camponês remediado, e os seus tamancos batiam contra o chão de pedra. A palidez desaparecera-lhe do rosto, agora vermelha sob a brancura do cabelo. Mas a dignidade, a austeridade da sua expressão tinham aumentado, e, quando Arsène, involuntariamente, encontrou o seu olhar, ele sorriu com cordura, mas também com majestade.

— Tudo isto o surpreende, não é verdade, monsieur? — perguntou, em voz baixa.

Arsène não respondeu. Estava começando a se sentir envergonhado.

Sem pedir licença, François sentou-se também à mesa. Os seus olhos límpidos e azuis fixáram-se em Arsène, e o seu rosto escureceu, como se o desânimo tivesse tomado conta dele.

— Vim para Chantilly com o dinheiro que me deu. Não só arrendei um pequeno pedaço de terra a Monsieur le Comte, como ele me ofereceu o posto de administrador, que aceitei com satisfação. Era a paz, para mim e para a minha neta.

— Não é necessário pedir-me desculpas, nem dar explicações! — atalhou Arsène, irritado.

As sobrancelhas do velho se juntaram, dando-lhe aó rosto um ar severo.

— Monsieur não entende. Não estou pedindo desculpas.

Arsène apertou os lábios. O tremor do seu corpo aumentou.

Procurou falar em tom natural e olhou para François com o ar de benevolência que se assume para com um criado que se deseja apadrinhar.

— Por falar na sua neta, ela não se casou com o jovem poeta de quem estava noiva?

François abanou a cabeça e respondeu, com reserva:

— Não. Ele não queria desterrar-se aqui.

Arsène esqueceu tudo e perguntou:

— Mademoiselle já se recuperou? Não está inconsolável?

O rosto enrugado de François abriu-se num largo sorriso.

— Ela não só está consolada, como aliviada. Desconfio que, no fundo do seu coração, ela não tinha muito afeto pelo jovem Henri. Está feliz com a nova vida. Nas suas veias corre o sangue de proprietários de terras, a par com o de marinheiros.

Encheu novamente o copo de Arsène. O vinho era puro e delicioso. Arsène olhou para o velho, procurando disfarçar o tremor que sentia nas pernas. O coração batia-lhe com tal violência, que fazia estremecerem as fitas do seu gibão.

— Estou vendo que monsieur se recuperou completamente — disse François.

Arsène tocou a cicatriz que tinha na face. Olhou para o velho com um misto de franqueza e uma estranha falta de ar.

— É verdade, François, e devo tudo a vocês. Não pense que não lhes estou grato.

François não respondeu, mas a sombra de um sorriso pairou-lhe nos lábios.

Tomado de inquietação, Arsène levantou-se e pôs-se a andar de um lado para o outro. François se levantou, em sinal de respeito, apoiando uma das mãos na mesa.

— Sente-se feliz aqui, François? — perguntou Arsène, olhando febrilmente através das janelas. — Está contente? Isto é tão diferente da sua morada em Paris...

— Estou contente. Estou feliz — respondeu o ancião, numa voz trêmula e profunda.

Arsène voltou para junto da mesa e deixou-se cair na cadeira. Várias perguntas lhe afloraram aos

lábios, mas não ousou falar. .

— Não existe homem como Monsieur le Comte — disse François, numa voz apaixonada. — O que monsieur está vendo aqui é uma experiência humana. Não se sente ofendido de me ouvir falar livremente de Monsieur le Comte?

— Fale! — pediu Arsène. — Há muita coisa que me precisa ser explicada. Na presença de Monsieur le Comte, a gente fica estonteado, como se diante do sol. Mas você está vivendo nestas terras como administrador. Pode me explicar muitas coisas.

François ficou longo tempo calado, traçando um desenho invisível sobre a mesa, com um dedo comprido e trêmulo. Mas o seu olhar era distante e tocado de incerteza e tristeza

— Os sonhos do sonhador são impossíveis. Mas, sem um sonho e uma estrela, nenhum homem pode abrir caminho entre as águas negras do desespero e através das trevas da realidade, que são a origem desse desespero...

— Você acha que meu amigo é um sonhador? — perguntou Arsène, com uma estranha sensação de aborrecimento e decepção. — Um sonhador, um espírito pouco prático?

François hesitou. De repente, cobriu os olhos com a mão, numa atitude desanimada.

— Eu apenas disse que Monsieur le Comte de Vitry tem um sonho e uma estrela.

Pressionou ambos os olhos com as mãos, como se eles ardessem de dor e cansaço.

— Acho que você, François, dentre todos os homens, devia ser quem mais venerasse o conde!

François deixou cair as mãos e fitou em Arsène com um olhar fervoroso.

— E é verdade, monsieur! Ninguém que conheça o conde pode deixar de adorá-lo, como se estivesse na presença de um santo.

Fez uma pausa e acrescentou, com um sorriso triste:

— Mas os santos nem sempre compreendem os homens.

— Você falou numa experiência humana! — disse Arsène, cada vez mais impaciente. — Estou interessado nessa experiência. Não me vá dizer que você discorda dela. Pelo que me lembro de você, isso não é possível.

— É difícil explicar — retrucou François, em voz baixa e insegura.

Levou de novo as mãos aos olhos e começou a falar, como se consigo mesmo:

•— Tudo isto é tão novo e tão estranho, na França e, talvez, no mundo! Depois de tantos séculos de cristianismo, tudo é ainda tão novo e tão estranho! Misericórdia, justiça, ternura, amor, compaixão e generosidade; de todas essas coisas os nossos sacerdotes nos falaram. Mas, exceto em casos isolados, em terras distantes, nunca se soube que elas acontecessem. Agora, elas acontecem aqui. Reparou na saúde e na alegria desses camponeses, e no seu aparente amor por Monsieur le Comte? Viu as suas casas, os seus campos, o conforto em que vivem? Apreciou a liberdade com que falam e agem, a dignidade das suas atitudes? Compreendeu que tudo isso foi obra de Monsieur le Comte?

— Compreendi — disse Arsène, cada vez mais impaciente.

François deixou cair as mãos e olhou para Arsène com tristeza.

— Então, talvez monsieur possa explicar-me por que tantos desses camponeses, outrora miseráveis, amam o conde, mas tão poucos o respeitam, e tão poucos honram os seus ensinamentos.

Arsène empalideceu. ’

— Não posso acreditar nisso! Não posso, François!

A raiva tomou conta dele. Pôs-se de pé, cheio de indignação.

— Mas, se você notou isso, por que não contou a Monsieur le Comte?

François não se levantou. Disse, calmamente:

— Já contei.

— Eo que é que ele diz?

— Que estou enganado, ou então ri e pergunta: “Quem sou eu, uma criatura igual a eles, para exigir um respeito servil? Basta-me que eles se sintam satisfeitos e felizes, sem forme e sem dores!”.

— Ah, é mesmo coisa dele! — exclamou Arsène, comovido, mas ainda furioso.

— Eu disse a Monsieur le Comte, e ele me perdoou a insolência, que reformas como esta têm que ser feitas lenta ou espontaneamente e, em todo o mundo. As pequenas revoluções são perigosas, grotescas, desconexas. Mas o conde retrucou: “É preciso começar em algum lugar, e não há melhor lugar do que o nosso jardim”.

— Isso me parece sensato! — disse Arsène.

Mas os seus olhos se cravaram, ansiosos, em François.

O velho sacudiu lentamente a cabeça:

— Liberdade demais, de repente, é como vinho demais para quem não está acostumado. Confunde, inflama, enlouquece e acaba destruindo. Deus caminha devagar, mas os homens teimam em andar depressa, como se quisessem apressar a passagem dos anos e segurar o mundo inteiro na palma da mão. É o caso de Monsieur le Comte.

— Não sei! — disse ele, com um gesto de desespero. — Também estou confuso. Só sei que entre os camponeses há muitos que devem a vida e o sossego de que gozem a Monsieur le Comte, mas que não o respeitam, admiram ou amam, Tenho-os ouvido ridicularizá-lo. ..

— Mas por quê? — perguntou Arsène, espantado.

François abanou de novo a cabeça.

— Não sei, monsieur. Tenho muitos anos, mas ainda não entendo a humanidade. Quando era mais jovem, achava que a entendia. Mas descobri uma coisa: a rale respeita o amo. Quando o amo é duro e cruel, o respeito é feito de ódio e de lembranças de sofrimento. Quando o amo é bom, olham-no com desprezo. Quem pode explicar os mistérios do coração humano? Quem pode dizer por que o homem beija a mão que o açoita e morde a mão que o socorre?

Fez uma pausa e continuou, desanimado:

— Certa vez, o Abade Mourion me disse: “Acredite, François, que o mal é mais poderoso do que o bem, que é uma força diferente parecida com uma chama consumidora, que os corações dos homens estão mergulhados numa perversidade natural”. Eu ri, achando que era coisa de padres. Mas agora sei que é verdade, é a realidade, como um holocausto, uma tempestade, um maremoto.

Estranhamente nauseado ao ouvir aquilo, Arsène passou a mão pelo cabelo, ao mesmo tempo em que deitava ao velho um olhar súplice.

— Não sabe o que me está dizendo, François! Não sabe o veneno que me está instilando no coração, a confusão que está semeando dentro dele! Em que o homem há de acreditar? O que ele deve procurar fazer?

François pensou um momento, o rosto moreno cada vez mais desanimado.

— A crença geral, monsieur, é de que a bondade e a gentileza indicam um temperamento fraco e tímido. A besta humana, há tão pouco tempo civilizada, conserva toda a ferocidade da sua primitiva condição. Ainda não consegue acreditar que a bondade e a gentileza são a força dos que possuem um coração firihe e nobre, e não a marca dos cavardes.

Hesitou, pedindo compreensão e perdão com o olhar:

— Disse a Monsieur le Comte que a reserva e a dignidade, num patrão, não vão contra a bondade e a justiça. Mas ele ri-se de mim. Anda entre os seus camponeses com a maior simplicidade e espírito fraterno, mostrando-lhes, por palavras e gestos, que eles são seus iguais e, em alguns casos,

provavelmente até superiores a ele. Acho que aí é que está a fatalidade. Mesmo que fosse só isso, o seu grande coração sempre seria superior ao dos mesquinhos que o cercam. Não pode condescender, e a condescendência, misturada com a benevolência, é o único procedimento sensato para quem quer reformar o mundo. — Prosseguiu, após nova hesitação: — O homem superior deve ter sempre maneiras dignas e saber que uma confissão de igualdade é o primeiro passo para a anarquia.

—• Acha que Monsieur le Comte é demasiado parecido com Cristo, François? — perguntou Arsène.

François olhou gravemente para o jovem aristocrata.

— Não quero vê-lo crucificado, monsieur.

Fez-se um profundo silêncio, enquanto Arsène, as sobrancelhas franzidas, mordida o lábio e meditava, confusamente, nas palavras do velho. Ouviu-o dizer:

— O homem que sempre desprezou a humanidade costuma ser o mais misericordioso, em contraste com o que a idealizou, e mais tarde se decepcionou com ela. Não há maior ódio do que o dele.

— Acredita então, meu amigo, que Monsieur le Comte algum dia odiará aqueles a quem fez tanto bem? — perguntou Arsène, incrédulo.

François abanou a cabeça.

— Não, nunca haverá ódio naquele grande coração. Mas ele pode acabar destruído.

— Isso é fantástico!

François ficou calado. Mas logo disse, com um gesto de mãos:

— Monsieur, eu não sei! Quem pode saber? •— E acrescentou, passado um momento: Quando correremos atrás de uíha estrela, nunca podemos ter a certeza de alcançá-la. O máximo que podemos fazer é nortear o nosso caminho por ela-. Pode ser que eu me engane. Monsieur le Comte talvez esteja com a razão. Na minha insolência, falei demais. Sem fé, um homem não é nada. Minha fé é fraca. Já a fé do conde é muito forte.

Inclinou a cabeça e murmurou:

— Podé levar ainda muitos séculos para que os homens compreendam que os que os amam e os ajudam não são nem idiotas nem covardes, nem merecedores de desprezo e martírio.

Arsène pensou em tudo aquilo com a maior inquietação, sentindo que o cume alto e precário a que conseguira chegar estava sendo sacudido por um terremoto.

Ao ver aquilo, François disse:

— Monsieur! Mesmo que não estejamos convencidos do valor da humanidade, isso não nos inibe da necessidade de justiça e compaixão. Na realidade, a obrigação de alcançá-las torna-se ainda maior.

Ouviram o gado entrar nos currais e os seus graves e lúgubres mugidos. Através das janelas abertas, Arsène viu Cécile e Paul tocando destramente as vacas. Uma vez mais sentiu o corpo tremer. Lá estava a moça, esbelta e forte ao mesmo tempo, na sua anágua azul, com a saia preta, de camponesa, repuxada e amarrada atrás. Viu-lhe os tamancos de madeira, o corpete justo e preto, o branco engomado do lenço e da touca que lhe escondia o cabelo castanho-claro. Seus braços nus estavam bronzeados, segurando o cajado de pastora. Ela caminhava rapidamente e Arsène viu que o seu rosto já não era pálido nem emaciado, e sim cheio de força, brilhante de nobreza e de paz. Tocados pelos últimos raios do sol, os seus olhos azuis reluziam de vida e bom humor. Viu-lhe a nuca branca e jovem, atravessada por uma madeixa de cabelo claro, esvoaçando à brisa vespertina.

Mal podia acreditar que aquela vigorosa camponesa fosse a moça pálida, de camisola, que o beijara uma noite, à luz bruxuleante de uma vela. Quando entrou com a última cabeça de gado, ele viu-a olhar, rindo, por cima do ombro, para Paul, que estava tendo dificuldade com um bezerro teimoso. O olhar era terno e indulgente. Tendo finalmente conseguido puxar o bicho para dentro do curral, Paul avançou para

ela e segurou-lhe a mão, rindo alegremente.

Arsène viu a expressão no rosto do jovem conde, terna e concentrada, apesar do riso. Viu também a moça corar, e o rubor subir-lhe pelas faces até a testa. Mas ela não retirou a mão.

De repente, uma verdadeira fúria tomou conta de Arsène, acompanhada de uma sensação de náusea e desolação. Vira muita coisa no olhar cheio de ternura de Paul e na expressão dos seus lábios sorridentes. Viu os dois, à sombra dos currais, sob o telhado vermelho ao soJ noente, tendo atrás deles os corpos arquèjantes do gado, o vento soprando a saia da moça e uma única madeixa de cabelo. Para além dos estâbulos estendiam-se o verde dos campos, o violeta das montanhas e o azul-opala do céu.

Não é possível!, pensou Arsène, mordendo o lábio. E acrescentou para si mesmo, sentindo um gosto de fel na boca: Estará ele pensando em substituir Madame duPrès por essa jovem camponesa?

Era muito comum um senhor escolher entre as moças mais bonitas das suas terras. O próprio Arsène várias vezes fizera isso, para aliviar o tédio de uma temporada nas propriedades do pai. Por isso, não conseguia entend a a dor que lhe assaltava o coração, o ódio negro que parecia subir-lhe do fundo da alma. Achou algo de obsceno nos sorrisos francos e inocentes de Paul, no rubor e nas risadas da jovem. A mão, que se apoiava pesadamente no parapeito de pedra da janela, tremeu. Parecia não poder respirar. Ele não é melhor do que os outros!, disse para si mesmo.

Perdido nos paroxismos daquela raiva incompreensível, não ' percebeu que os dois tinham entrado e, quando ouviu a voz da moça perto de si, estremeceu, como se 'despertasse de algum riegro pesadelo. Ela estava diante dele, encarando-o com expressão grave, embora os seus olhos azuis continuassem alegres. Vendo-o olhar para ela como que fascinado, Cécile fez uma profunda reverência e depois, levantando-se com dignidade, esperou que ele, falasse. Agora, ela estava muito séria.

— Bem, mademoiselle, parece que voltamos a encontrar-nos —• gaguejou ele.

Não via senão aqueles olhos azuis, calmamente fixos nos dele. Seria apenas a penumbra no interior da casa que fazia com que as faces da jovem parecessem pálidas, as suas narinas mais afiladas e a sua boca mais firme? Seria apenas a luz tênue que fazia a sua testa parecer de mármore frio, e os contornos da sua cabeça e do seu pescoço parecerem esculpidos em pedra?

Ele não sabia que François e Paul, num misto de fascínio e apreensão, olhavam para ele e para Cécile como se contemplassem um espetáculo surpreendente, que lhe causassem um vago alarme.

Todos os sentidos de Arsène pareciam remoinhar. A dor no seu coração aumentara tanto, que todo o universo parecia pulsar dentro dele. Só agora entendia a depressão sem limites que ultimamente o assaltava e à qual ele se recusava a dar nome, o sentimento de futilidade e cansaço que o invadira quando ele devia estar mais alegre.

— Sente-se feliz aqui, mademoiselle? — perguntou com voz sumida, aproximando-se dela.

— Sinto-me muito feliz, graças a monsieur e a Deus — respondeu ela, calmamente.

O seu olhar parecia acusá-lo, com frio desprezo.

O suave repicar do Angelus ecoou pelos campos e os montes, dourados dos últimos raios de sol, e as janelas lembravam molduras, circundando uma cena de paz. A radiante neblina que pairava sobre a floresta distante foi aos poucos avançando sobre toda a região. Ouviu-se o murmurar das asas das pombas retornando aos pombais.

Num esforço para fugir aos olhos dela, Arsène voltou-se para Paul. O jovem conde estava muito pálido, e a sua expressão era a de quem tinha recebido um soco em pleno rosto. Estava encostado ao respaldo de uma cadeira, uma das suas mãos pendendo sobre ele. Aos olhos de Arsène, ora mais sensíveis, havia algo de eloquente e pungente naquela mão, algo mais expressivo do que mil palavras, mil gritos, naquela mão suave e compassiva, que nunca desferira um único golpe ou causara sofrimento a uma única alma! De repente, Arsène sentiu um renovado amor pelo amigo, e uma grande dor.

Vou-me embora, pensou, despertando daquele torpor que parecia prendê-lo ao chão. O que significava aquela humilde camponesa para ele, que no dia seguinte se casaria com a filha da ilustre casa de Tremblant? O belo rosto de Glarisse surgiu-lhe diante dos olhos, mas pareceu-lhe tão fútil e artificial quanto uma máscara de gesso pintado, e sentiu-se nauseado ao pensar nele.

Um cheirinho bom emanava de Cécile, um cheiro a prados, campos e sol. Sentiu-se de novo invadido por uma emoção de perda e desolação, e os seus lábios ficaram frios de gelo. •

— Preciso partir imediatamente — gaguejou, em meio ao silêncio que engolfava a casa.

Procurou sorrir.

— Amanhã é o dia do meu casamento.

— Devemos dar-lhe parabéns, então! — disse a jovem, na sua voz clara e forte.

Seus olhos azuis pareceram aumentar, mas o rosto conservou a calma e a compostura.

— Obrigado, mademoiselle — retrucou ele.

Virou-se para François.

— Obrigado pela hospitalidade, François — disse, procurando afirmar a sua superioridade. — Foi um grande prazer para mim constatar a sua melhoria de vida, pois nunca esqueci o quanto lhe devo.

François não respondeu. A clássica cabeça romana parecia imbuída de uma dignidade misteriosa, de uma indignada melancolia.

A jovem fez nova reverência, mas desta vez não se levantou. Continuou no chão, a cabeça pendente, numa atitude de estátua.

Arsène viu-se a sós com Paul, debaixo do céu já escuro, e rodeados pela paz dos campos. Encaminhou-se rapidamente para o lugar onde tinham amarrado os cavalos. Montou, sem dizer palavras, mas Paul ficou de pé, ao lado do amigo, olhando para ele com infinita tristeza.

— Não é possível desistir do casamento com honra? — perguntou.

— Não, não é possível — respondeu Arsène, numa voz estrangulada.

Só mais tarde perguntar-se-ia por que não ficara espantado com a pergunta de Paul.

O conde montou sem dizer mais nada, e dirigiram-se para o château. Arsène recusou o convite de Paul para entrar e tomar algo, antes de partir. Seu único desejo, agora, era ficar a sós com a sua dor. Teria partido imediatamente, mas apercebeu-se de que Paul, havia já algum tempo, lhe estendia, mudamente, a mão. O sofrimento brilhava nos olhos do jovem conde.

Arsène apertou-lhe a mão. De repente, sentiu-se à beira das lágrimas e partiu a galope.

Galopou durante alguns minutos até que, o coração batendo-lhe com tanta força que ele mal podia respirar, conduziu o cavalo para debaixo de uma árvore. Desmontou, jogou as rédeas sobre o pescoço do animal e deixou-se cair na grama úmida, ouvindo ao longe um sombrio coro de sapos. O cavalo afastou-se para pastar. As trevas foram aos poucos aumentando, e os vaga-lumes começaram a pontilhar de luz o lusco-fusco. O vento soprava de algum campo distante, trazendo consigo um cheiro bom e puro de feno. Os sinos repicavam de novo no campanário da igreja, vibrando no ar perfumado. A curva frágil da lua erguia-se, silenciosa, no ocidente, ainda iluminado por uma réstia vermelha, e dourada de sol. À paz da noite espalhava-se por todo o mundo, tingindo tudo de azul e lilás. Os troncos das árvores que cercavam o lugar onde Arsène estava deitado foram ficando negros e imóveis, quais gigantesco espectadores.

Ouviu o estridente cantar dos grilos, de mistura com a lúgubre melodia dos sapos. A grama, batendo-lhe na face dolorida, era quente e cheirosa.

Procurou não pensar. Com o coração encostado na terra, sentiu como se a dor passasse dele para as entranhas da mãe de todas as coisas. A força começou a voltar-lhe, junto com uma estranha sensação de conforto.

— Paz! — murmuravam as árvores, inclinando os ramos à hrisa noturna.

— Paz! — cantavam os grilos é os sapos.

Só depois de algum tempo é que se apercebeu do ruído de vozes na floresta. Eram uma voz de mulher, baixa e insistente, e uma voz de homem, sonora e pensativa. Amantes, pensou, e a dor voltou-lhe ao peito.

Distinguia agora o que eles diziam, e a voz da mulher fez com que ele levantasse a cabeça, pois aquele tom impaciente e caprichoso lhe era familiar.

— Não sei quanto tempo ele vai ficar desta vez, monsenhor. Já lhe disse!

— Mas é preciso, madame, é urgente que ele parta imediatamente. Não é possível que ele demore mais de uma semana.

— É possível que ele demore anos! — retrucou ela, numa voz estridente.

— Então, a senhora tem de convencê-lo, sob qualquer pretexto, a voltar com a senhora para Paris, madame.

A voz do homem era fria e autoritária,

Arsène sentou-se, a fim de escutar melhor. Mas eles não voltaram a falar. Ao ouvir o barulho de passos, deitou-se de novo na grama. Dois vultos emergiram das trevas. Virando cautelosamente a cabeça, Arsène viu que se tratava de Madame duPrès e do misterioso padre, Padre de Pacilli, Afastaram-se, falando baixo, e não tardou que os perdesse de vista.

Arsène levantou-se. O que escutara era pouco, mas ele estava certo de que havia algo de terrível e perigoso por trás daquelas palavras. Entregue a mil e uma conjeturas, continuou viagem de volta a Paris, sentindo o seu próprio sofrimento diminuído diante da preocupação pelo amigo.

Alguns dias mais tarde, um mensageiro trazia uma carta de Arsène para Paul. Como Paul estivesse nos campos, Madame duPrès recebeu a carta. Um pressentimento fez com que ela desconfiasse de que contivesse uma ameaça à sua pessoa. Como, nem ela mesma saberia explicar. Talvez fosse a intuição à flor da pele dos que se entregam a atos traiçoeiros que lhe originou essa suspeita.

A missiva estava lacrada com o sinete de Arsène, mas Madame duPrès era hábil. Com algum esforço, conseguiu abrir a carta. Parecia ter sido escrita às pressas, como se o seu autor estivesse sob a ação de uma grande emoção.

“Quando você receber esta carta, meu amigo, eu já terei partido em viagem de núpcias. Agradeço-lhe efusivamente os presentes que você enviou a madame e a mim, e espero que, assim que regressarmos, você não demore a nos visitar.

“Sou levado a lhe escrever esta carta por ter sido testemunha insuspeitada de algo muito estranho. Antes de mais nada, porém, quero recordar-lhe as suspeitas que tive daquele singular padre, de Pacilli, e que tanto o embaraçaram. Não fiquei convencido de que ele fosse o que dizia. Agora, tenho a certeza de que ele é ainda pior do que eu suspeitava.

“Depois que o deixei, após a minha visita a Chantilly, parei para descansar na orla da floresta, ao cair da noite, Ouvi vozes, que mais tarde reconheci como pertencendo à Madame duPrès e ao tal padre, Ele instava-a para que convencesse você da necessidade de voltar com ela a Paris. Parecia muito insistente e autoritário e já não falava naquela voz branda e com aquela fingida modéstia com que se dirigiu a mim e a você. Não disseram mais nada que eu pudesse ouvir, mas achei que você corria algum perigo iminente. Por favor, insista com o bispo para que substitua imediatamente esse padre. Mesmo assim, fique prevenido: algo está se preparando contra você.

“Termino estas apressadas linhas na esperança de que nos voltemos a encontrar o mais breve possível. Devido aos distúrbios que ocorrem por toda a Europa, a nossa viagem de núpcias não será demorada. Pretendo passar algum tempo nas terras de minha mãe, na Gasconha. Peço-lhe que aceite as minhas expressões de amizade e devoção.”

Um frio de gelo tomou conta da mulher, ao acabar de ler a carta. Correu imediatamente em busca de

Morfsenhor Antoine de Pacilli, que estava agora sozinho na humilde casa do velho abade. Leu a carta em silêncio e depois fixou na mulher os olhos amendoados, com expressão malévola.

— Precisamos agir o mais depressa possível — falou.

E rasgou a carta em pedacinhos, com movimentos precisos e delicados, como se estivesse dilacerando uma coisa viva, com músculos e nervos capazes de sentir dor.

● Capítulo XXX

Da Gasconha, Madame de Richepin escreveu à mãe, Madame de Tremblant:

“Mamãe querida, é com profunda ansiedade que lhe peço dizer-me se tiveram alguma notícia do meu querido tio, que desapareceu de maneira tão estranha às vésperas do meu casamento. A senhora sabe do amor que lhe tenho, não só por ele ser meu padrinho, como pela bondade com que ele sempre nos tratou, à senhora, a mim e às minhas irmãs. Arsène parece muito apreensivo a respeito do tio Raoul, embora continue recusando-se a me dizer as causas dessa apreensão.

“Recebi a sua carta, na qual a senhora quer saber da minha saúde e se estou feliz. Minha saúde, como sempre, está ótima. Mas não posso dizer que estou feliz.

“Minha inocente impressão era de que eu e Arsène faríamos uma alegre visita às propriedades do pai dele, onde nos veríamos rodeados de vizinhos amáveis. Realmente, visitamos essas propriedades e, durante algum tempo, fomos homenageados com banque-ics, bailes e caçadas. Contudo, as toaletes das senhoras deixavam muito a desejar, e via-se que pouquíssimas tinham estado em Paris recentemente. Meus vestidos foram muito admirados e invejados, as modistas locais estão tentando copiá-los, a pedido das senhoras. Tudo isso foi muito agradável. Os cavalheiros, embora algo rústicos, mostraram-se excessivamente galantes, e Arsène fingiu estar louco de ciúmes. Digo fingiu, porque, para minha tristeza, parecia preocupado, e volta e meia desaparecia durante longas horas a fim de inspecionar as propriedades. Mas isso não é tudo. Punha-se a discutir horas a fio, com os nossos anfitriões, sobre assuntos de que até hoje não faço bem ideia, embora acredite que se relacionassem com os que ele chama de a “condição” dos camponeses que trabalham e vivem nessas propriedades. Os cavalheiros, embora polidos, pareciam espantados e, em alguns casos, indignados. A todo momento eu temia que ele fosse desafiado para um duelo. Realmente, algumas das respostas que eles lhe davam dificilmente poderiam ser aceitas por um homem de brio. E Arsène, que sempre esteve pronto a puxar da espada e a duelar, parecia não se aperceber dos mal velados insultos e mergulhar cada vez mais fundo nas preocupações que o assaltavam.

“Tudo isso, porém, poderia ser suportável. Sou sua esposa, escolhida por ele, que sempre deu a impressão de me amar. Contudo, quando estávamos nas terras do pai ele deu para desaparecer, sem mais nem menos, durante horas a fio, inclusive durante toda a noite. Minhas lágrimas passavam-lhe, aparentemente, despercebidas. Estava sempre de testa franzida, e a sua língua tornou-se irascível. Até parecia que eu era uma esposa velha, de muitos anos.

“Nos bailes, quase nunca dançava comigo, embora antes do nosso casamento fosse ótimo dançarino. Muitas vezes o descobria escondido em cantos distantes, travando, com os nossos anfitriões e os outros convidados, longas discussões, durante as quais os gênios pareciam inflamados e as vozes bastante irritadas.

“Não sei o que aconteceu com o meu marido, embora note uma mudança nele desde quando ele desapareceu por vários dias, em Paris, e eu adoeci, lembra-se? Está cada vez mais magro e pálido, e mal o reconheço, a tal ponto a sua expressão é séria, preocupada e alarmante. Antes, estava sempre discutindo, mas levado apenas pelo gênio forte. Agora, vive com ar sombrio, e, quando discute, é em tom ameaçador.

“De repente e sem me dar oportunidade de me despedir dos nossos anfitriões, trouxe-me para a Gasconha. Mamãe, por acaso a senhora conhece a Gasconha? Garanto-lhe que não há lugar mais triste no mundo!

“O calor é insuportável. O sol forte faz o campo ficar branco. Os rostos das pessoas parecem-me estranhos, e o seu dialeto arranha-me os ouvidos. Não obstante, minha intenção era mostrar-me amável com elas. Mas, desde o princípio, trataram-me com desconfiança. As senhoras pareciam achar as minhas toaletes ridículas. Vestem-se simples e grosseiramente e dão a impressão de se divertir com as minhas maneiras e os meus vestidos. Caça-se muito, mas sem nenhum requinte. Além disso, o chateau é muito desconfortável, e os criados são horríveis. Os poucos jantares para os quais fomos convidados destacaram-se pelos pratos intragáveis e o péssimo vinho. Tudo aqui é monótono e tedioso. Pensei que Arsène, que sempre adorou bailes e a animação de Paris, logo se cansasse deste abominável lugar. Mas, que nada! Aqui as suas estranhas preocupações se manifestaram com mais força ainda.

“Querida Mamãe, sei que esta carta nem parece de uma noiva, de uma jovem recém-casada. Mas sinto-me tão infeliz, que as palavras me saem do fundo do coração. Será que a senhora não pode escrever-me uma carta urgente, dizendo ser necessário que eu volte imediatamente a Paris? Despeço-me com as mais carinhosas expressões de amor pela senhora e pelas minhas adoradas irmãs. Clarisse.”

Após terminar de escrever essa angustiada carta, Madame de Richepin enxugou os grandes olhos azuis com o lençinho de renda e dobrou o papel com gestos furiosos e exagerados, que bem mostravam o seu estado de espírito. Olhou para o seu boudoir, austeramente mobilado, e estremeceu, recordando, com saudade, os luxuosos aposentos do seu tempo de solteira. A janela, aberta, deixava ver campos e campos cor de bronze, sob um sol que tudo parecia derreter. A jovem Madame de Richepin olhou para tudo aquilo e ergueu ao ar as mãos suaves e delicadas, num gesto de desespero. Todos os seus sonhos tinham caído por terra. Casara com o homem mais alegre e requestado de Paris, famoso como es padachim, ótimo dançarino, com um senso de humor capaz de fazer rir uma estátua e um espírito mais divertido do que o de qualquer outro cortesão. E eis que, de repente, ele se tornara um homem sombrio e irascível, entregue a estranhos e incompreensíveis pensamentos, sempre pronto a praguejar, e de cara fechada, dado a misteriosas venetas e a ir e vir sem dizer para onde. Aquele não era o seu Arsène! As lágrimas assomaram-lhe de novo aos olhos, ela limpou-as cuidadosamente, de modo a não irritar o suave rosado das faces. Sacudiu as pregas do robe de seda branca e ajeitou os cachos dourados que lhe caíam sobre a testa, as orelhas e o longo e alvo pescoço. Viu-se ao espelho, e a sua beleza animou-a e entristeceu-a ao mesmo tempo.

Ah, se ela tivesse seguido a voz do seu coração e casado com o homem a quem realmente amava! Mas ele era huguenote, e, embora o seu querido tio Raoul também o fosse, sua mãe não aprovara tal casamento, que poria em perigo a sua posição na Corte. Como ela aborrecia esses homens que se entregavam apaixonadamente a esta ou àquela religião! Tudo o que importava na vida eram o amor, os bailes, belas toaletes, alegria, risos e flertes. Num mundo tão cheio de encantos, por que seria que aqueles cavalheiros conspiravam para destruir tudo, a título desta ou daquela doutrina? Não era mais sábio e mais simples contentar-se com ser feliz e viver alegre?

Sentiu uma raiva enorme de tudo aquilo que a deixara, a ela, uma jovem recém-casada, sozinha num quarto desconfortável, num execrável chateau de província, enquanto o marido andava de um lado para o outro das suas estéreis terras, o cenho franzido, discutindo com um tal de Monsieur Dariot e erguendo a voz numa linguagem abominável, a todas as horas do dia. Quem teria imaginado que Arsène se transformaria num fanático, principalmente numa espécie de fanático que a mente feminina era totalmente incapaz de compreender?

Sentia uma saudade incrível da sua amada Paris, da mãe e das irmãs, dos Bois e dos bailes, dos risos e da luz dos castiçais brilhando nos rostos pintados e nas toaletes luxuosas, dos soalhos encerados e dos belos jardins, com repuxos cintilando ao luar. Ali, só havia o silêncio do campo gascão, quebrado apenas pelo zumbido estridente dos insetos. A luz ofuscante aumentava quando o vento soprava, um vento quente

e terrível, que parecia originar-se no próprio sol.

Ouviu então os passos de Arsène no corredor de pedra; um minuto depois, ele abria a porta e entrava no quarto. Suas botas outrora tão engraxadas e elegantes, estavam cheias de barro vermelho. Os calções e o gibão davam a impressão de terem sido vestidos às pressas e estarem cheios de poeira. Seu cabelo estava em desordem e havia manchas de terra nas suas faces e no seu queixo. As sobrancelhas pretas estavam franzidas sobre os olhos escuros e brilhantes, e a boca tinha um ríctus amargo e preocupado. Mas, pior do que tudo isso, para a jovem Clarisse, foi o olhar surpreso e aborrecido que ele lhe deitou, como se a presença dela fosse inesperada e não bem-vinda.

Clarisse levantou-se automaticamente, ao vê-lo entrar, e fez-lhe uma pequena reverência. Arsène não trazia a espada à cinta, e sim um chicote na mão, para o qual olhou por um momento, antes de atirá-lo impulsivamente num canto distante. Clarisse não o amava, mas ele tinha o poder de torná-la trêmula e palpitante. Esperava que ele notasse como ela estava bonita, essa manhã. Mas o rosto dele não se iluminou. Olhou para a pequena escrivainha onde ela se sentara para escrever, e perguntou, ansioso:

— Escreveu a carta?

— Naturalmente, monsieur — respondeu ela, jogando a cabeça para trás, de modo a fazer com que os cachos lhe caíssem sedutoramente sobre os ombros.

Ele olhou-a, como se não a visse, durante uns dois minutos e depois disse:

— Não posso sossegar enquanto não souber que ele voltou são e salvo.

Deixou-se cair num banco de madeira que havia junto da janela sem cortinas e olhou para as suas terras.

— Esse Dariot! — murmurou. — Um verdadeiro imbecil! Que faria Paul com tal criatura? É grosso como ele só, e não há argumentos que o convençam! Como posso suportá-lo?

— Sempre o achei impossível! — exclamou Clarisse, ansiosamente.

Arsène olhou para ela, perplexo.

— Quando teve oportunidade de falar com ele, madame?

Foi a vez de ela ficar espantada.

— Ora, muitas vezes, Arsène. Embora ele não fosse um frequentador assíduo do *hôtel de Tremblant* todo mundo sabe que é um pobre de espírito e um péssimo dançarino.

Arsène olhou de novo para ela e soltou uma risada.

— Ah, mas estamos falando de pessoas diferentes. Eu me referia a Dariot e não ao Conde de Vitry.

A sua expressão era ao mesmo tempo aborrecida e impaciente.

— O conde é meu amigo e vale mais do que toda Paris junta, madame. É uma pena não se aperceber disso.

Ela atirou uma vez mais os cachos para trás.

— Arsène, você está querendo me irritar. O conde inspira apenas tédio entre as pessoas acostumadas à vida em sociedade. A sua conversa provoca bocejos. É gaúche e desajeitado, um descrédito para o pai dele, segundo diz minha mãe. . .

— Sua mãe, madame — interrompeu Arsène, com violência —, é uma idiota. Como todos os demais habitantes de Paris. Mas que se pode esperar de uma cidade de araras e pavões?

Clarisse ficou tão chocada com aquilo, que rompeu em lágrimas sinceras, e tão desolada, que nada fez para enxugá-las, completamente esquecida da sua pele de pétala. As gotas cristalinas escorriam-lhe pelas faces e entravam-lhe pelos cantos da boca trêmula. Havia naquele espetáculo algo de tão tocante, que Arsène, com uma * exclamação de impaciência, se levantou e tomou-a nos braços. Ela afundou no peito dele e soluçou, inconsolável:

— Ah, monsieur, seria bem melhor se não nos tivéssemos casado! Não é difícil perceber que nada

represento para você. Por que, então, pediu a minha mão?

Por um breve momento, Arsène, sempre egoísta e impulsivo, teve uma breve percepção da situação a que arrastava a jovem esposa e da sua própria confusão. Sentiu uma grande vergonha e uma profunda humilhação, por se ter deixado apanhar em tão ridícula armadilha. Havia menos de um ano, fascinado com a beleza e os encantos daquela jovem, tornara-se noivo dela. Clarisse fazia então parte do seu mundo frívolo, um mundo que ocasionalmente podia entediá-lo, mas que quase sempre lhe parecia excitante e divertido. Cada vez mais estupefato, recordou que, até bem recentemente, nunca tivera um pensamento sério ou perturbador; que a sua mente estivera sempre ocupada com aventuras e intrigas, com ódios descabidos e episódios amorosos, todos eles igualmente triviais. Alguma vez tivera um pensamento sério? Nunca, desde os seus tempos de estudante. E pouco se lembrava deles, exceto em episódios rápidos e desordenados. “Filosofar é aprender a morrer”, dizia Montaigne, e, embora ele várias vezes tivesse repetido esse pensamento, nunca entendera o seu significado. Só agora.

Não fora Arsène de Richepin quem casara com Mademoiselle de Tremblant e sim umar outra pessoa, que se julgara presa a uma promessa feita por um desconhecido.

Agora, vendo a jovem esposa chorar, uma terrível angústia crescia dentro dele. Teve vontade de lhe dizer, movido pela piedade e pela raiva de si mesmo: Eu a enganei! Não sou aquele de quem você ficou noiva!

Mas ele próprio não sabia quem ele era. A confusão mais completa tomava conta dele, como uma nuvem negra e arrebatadora. Todas as coisas nas quais procurava fixar a visão perdiam contorno e substância, transformavam-se em aparições sem significado ou coerência. Só sabia que, durante algum tempo, fora vítima de uma grande reviravolta espiritual, informe, desconcertante e dolorosa. Ouvira atentamente Paul de Vitry, o Duque de Tremblant, o Abade Mourion e François Grandjean, e essas vozes, outrora tediosa repetitivas, como os ensinamentos de um professor famoso pela monotonia, de repente tinham-no tomado de surpresa, com o impacto da sua significância e da sua urgência.

Continuava meio cego num mundo novo e gigantesco, cujas infinitas dimensões o enchiam de um vago terror. Só conseguira seguir as vozes dos amigos, confiando, em meio às trevas, no contato das suas mãos.

E fora para aquele mundo, terrível e enorme na sua realidade, que ele trouxera aquela esposa-menina.

Agora, na sua nova capacidade de encarar as coisas do ponto de vista dos outros, compreendia o que ela sentia, a sua perplexidade e o seu terror, a sua dor e o seu sofrimento. Via que ela olhava para ele, através das lágrimas, como se olha para uma criatura desconhecida e ameaçadora, procurando encontrar nela alguma característica familiar e tranquilizadora.

Arsène suspirou profundamente. Tinha pelo menos a obrigação de tentar fazer com que ela compreendesse.

Sentou-se e fê-la sentar nos seus joelhos, os braços ainda agarrados ao seu pescoço, num misto de temor infantil e desespero. Ela pousou a cabeça no ombro dele, fazendo com que os cachos louros caíssem sobre o seu peito. Então, como se um bisturi lhe abrisse o coração e lhe expusesse os nervos e as artérias, uma dor convulsionou-o, enchendo-o de pena e tristeza. Esqueceu a jovem que tinha nos braços e viu outro rosto, outro par de olhos azuis e uma boca jovem e contida, cheia de força e resistência. É ela, a dona do meu coração, da minha alma, pensou, com a simplicidade das verdades inexoráveis.

Começou a falar, de maneira quase inaudível, e numa voz tão rouca e estranha, que ela mal podia acreditar no que ouvia.

— Que lhe posso eu dizer, ma chérie? Como posso tornar compreensíveis os meus pensamentos? Não é possível, porque eu tampouco tenho certeza deles.

— Não há dúvida de que você mudou, Arsène — choramingou ela, agarrando-se mais a ele.

— Sim, eu mudei — repetiu ele, fitando-a com olhos sombrios. — Mas mudei como? Não sei. Só sei que me sinto infeliz e atormentado. Nem tenho palavras para me fazer compreender por você. Não há palavras, porque eu próprio não me entendo. — Desviou o olhar preocupado. — Só sei que existem coisas que eu preciso entender. Sou arrastado por uma corrente à qual tento resistir. Sei que preciso compreender, que só isso me interessa neste mundo.

Ela olhou para ele, apavorada. Segurou-lhe o rosto nas mãos trêmulas e forçou-o a olhar para ela. Sentiu uma dor no coração e amou-o pela primeira vez.

— Arsène! — exclamou, incoerentemente. — Arsène, volte para mim, meu querido! Deixemos este lugar horrível e regressemos a Paris! Senão, uma calamidade cairá sobre nós! Sinto isso!

De repente, ele sentiu uma vontade enorme de voltar a Paris, à Paris da sua juventude, à Paris que ele conhecera, despreocupada, alegre e divertida, cheia de música, risos e prazeres. E no coração frívolo da jovem esposa brotou uma intuição de perda irreparável. Não compreendia que doença se abatera sobre Arsène. Sentia-lhe apenas a presença. Agarrou-se a ele como se o estivesse vendo afundar num pantanal, num pesadelo.

Ele contemplou-a com olhos em que só se viam dor e cansaço.

— Não posso voltar, madame — respondeu. E gritou, afastando-a de si: — Volte para a sua mãe! Não espere nada de mim, Clarisse!

Deixou-a chorando e atravessou correndo o despido chateau, com seus criados mal-humorados e desatentos. Foi em busca do administrador, Dariot, que via, com ar sombrio, os camponeses cortarem o feno munidos de longas foices, que reluziam ao sol escaldante. Quando notou a aproximação de Arsène, o seu rosto comprido e queimado escureceu, mas cumprimentou-o respeitosamente.

— Chega de discussões, Dariot — disse Arsène abruptamente, ignorando o olhar frio do administrador. — As choupanas miseráveis onde moram os camponeses precisam ser derrubadas e substituídas por pequenas casas de pedra. Creio que não seja preciso falar mais nisso.

Dariot apontou ironicamente para os campos, cheios de feno por cortar, e para os trigais distantes.

— Monsieur não se importa que os homens abandonem a colheita para construir essas casas?

Arsène hesitou. Um rubor subiu-lhe às faces, diante do tom calmo do administrador.

— Não — disse, por fim, enquanto os camponeses mais próximos abriam a boca, incrédulos. — Primeiro, a-colheita. Você já ouviu as minhas ordens, Dariot. Quando as colheitas terminarem, quero que o seu produto seja dividido, conforme as minhas instruções. Depois, eles construirão as casas. É tudo o que tenho a dizer.

Dariot ficou calado. Olhou em frente, batendo com o chicote contra as botas empoeiradas e, por fim, disse, lentamente:

— Pensa que eles lhe vão ficar gratos, monsieur?

— Que me interessa a gratidão? — retrucou impacientemente Arsène. — Já discutimos isso mais de uma vez. Repito: não me interessa a gratidão. Desejo apenas fazer o que é justo.

Dariot ficou de novo calado, mas deitou a Arsène um olhar demorado, no qual havia um pouco de troça. Arsène sentiu-se embaraçado, como se houvesse sido apanhado em flagrante, fazendo algo ridículo.

— Ainda bem que você reconsiderou, Dariot — disse, secamente —, e que continuará como meu administrador.

Dariot curvou-se com ironia. Perdera para sempre o respeito que antes tinha pelo patrão.

— Monsieur tornou as condições por demais tentadoras — disse.

— Arsène olhou para os campos estorricados e pensou, com tristeza: é estranho que os homens compreendam a dureza e a crueldade e adorem a mão que empunha o chicote, mas só sintam desprezo

pela justiça e a piedade.

Talvez algo no seu olhar tivesse tocado o coração de Monsieur Dariot, pois a expressão do administrador tornou-se pensativa.

— Monsieur — disse ele, sombrio —, peço a Deus que você nunca se arrependa e que isto não lhe traga aborrecimento.

● Capítulo XXXI

Uma sombra comprida e estreita projetou-se através da porta aberta da taberna, e Crequy, cochilando por trás do balcão de madeira, levantou a cabeça e deparou com o novo abade, Padre de Pacilli, de pé, diante dele, com um sorriso amável e humilde.

A expressão de Crequy tornou-se feroz. Endireitou-se, e o seu carnudo beijo inferior destacou-se ainda mais, pendurado do rosto enorme e grosseiro.

O padre enxugou a testa úmida e pálida com um lenço branco e sentou-se, sempre sorrindo, a uma das mesas.

— Ah, monsieur — murmurou ele —, que dia tão quente! Poderia me servir um pouco do seu excelente vinho?

Crequy deixou passar vários minutos, como se não tivesse ouvido. Depois, praguejando entre dentes, pegou numa garrafa empoeirada e um copo e pousou-os na mesa do padre com toda a força, com gesto insolente.

— Vinte sous — grunhiu.

O padre ergueu uma sobrancelha, para indicar a sua surpresa.

— É costume o cura pagar o vinho que toma? — perguntou, com um sorriso ao mesmo tempo agradável e humilde.

— Não dou esmolas a homem nenhum, seja ele padre ou outro tipo de mendigo — retrucou Crequy, com um brilho ameaçador nos olhos porcinos.

O padre riu, como se Crequy tivesse dito algo muito espirituoso. Puxou da bolsa, de aspecto modesto, e contou lentamente vinte sous.

— Não quer beber comigo? — perguntou, na sua voz macia e musical, que, mesmo aos ouvidos embotados de Crequy, soou levemente estrangeira.

O taberneiro ignorou desdenhosamente o amável convite e retirou-se para trás do balcão, de onde continuou a olhar fixamente para o abade.

O padre bebeu um copo de vinho e, com admirável autocontrole, fingiu não sentir repulsa por aquele gosto acre, que lhe ofendia a língua, acostumada aos mais delicados buquês e deliciosos aromas.

— Ah, excelente! — murmurou, com ar gratificado.

Mas Crequy não se dignou, sequer com um pestanejar, dar mostras de ter ouvido o elogio.

O padre enxugou delicadamente os lábios, incapaz de continuar a beber. Tocou de leve na garrafa e olhou para Crequy.

— Por favor, dê o resto do vinho ao próximo viajante fatigado que aparecer por aqui — disse ele. — Vou sentir prazer em saber que ele serviu para refrescar algum pobre homem como eu.

Crequy saiu de trás do balcão, aproximou-se da mesa, agarrou a garrafa com a mão enorme, dirigiu-se para a porta e despejou o vinho na poeira do pátio. Depois, voltou para o balcão, sentou-se e ficou a olhar para o padre como um Buda perverso.

O padre concordou intimamente com aquilo, mas disse, numa voz branda e cheia de tristeza:

— Eu não o envenenei, meu amigo.

Crequy não respondeu. Seu rosto vermelho brilhava como uma lua cheia, na penumbra da taberna.

— Não gosta de padres? — perguntou de Pacilli, com um suspiro.

O taberneiro fingiu não ter ouvido. O padre começou a sentir-se mal sob aquele olhar fixo e desumano, no qual não se refletia nenhum pensamento.

— O bom Conde de Vitry não tem dessas aversões — continuou de Pacilli.

Ao ouvir falar no nome do conde, o rosto de Crequy adquiriu expressão.

— O conde é um idiota — resmungou, e um brilho mau as-somou-lhe aos olhos.

O padre ouvira dizer que Crequy tinha, pelo conde, o maior desprezo e animosidade, e que não lhe poupava insultos, que lhe teriam custado a vida, tivesse ele um amo menos misericordioso e insensato. No brilho daqueles olhos castanhos e opacos, cujo branco era amarelado e cheio de veias vermelhas, na projeção daquele beijo enorme e reluzente, no gesto brutal, ele lia ódio e desdém. Seria possível aquele animal saber de algo que depusesse contra o conde?

Ergueu a mão fina e branca, em falso protesto, e o seu rosto, longo e sutil, assumiu uma expressão de choque.

— Ah! — exclamou, em tom de censura. — Como é possível que monsieur não entenda uma natureza tão nobre quanto a do Conde de Vitry? Não percebe que a magnanimidade do conde é comprovada pelo fato de se poder falar mal dele sem temer castigo?

A fúria tomou conta de Crequy, e os seus olhos rolaram, como pequenas bolas de fogo, em meio ao seu grande rosto.

— Uma natureza tão nobre! — repetiu ele, arremedando a voz controlada do padre. — Que é que Monsieur de Curé entende de nobreza?

De Pacilli suspirou e balançou a cabeça. Cobriu os olhos com uma das mãos, como quem se entrega a um devaneio. Quando, por fim, retirou a mão, o seu olhar era suave e humilde.

— Que é que eu entendo de nobreza? — murmurou ele. — Ah, confesso ter visto muito pouca, neste mundo depravado. Mas via-a no Conde de Vitry. Quem pode privar com ele e não se sentir tocado no rfiiais fundo do coração, por mais duro que ele seja?

Crequy era um homem esperto, que odiava os padres por motivos lá dele. Mas aprendera, relutantemente, a amar o Padre Lovelle com toda a sua alma selvagem e independente. Preparara-se para odiar e suspeitar do abade temporário, convencido, como estava, de que os padres e a bondade eram inimigos naturais. Agora, ao olhar para de Pacilli, uma expressão hesitante cobriu-lhe o rosto e ele mordeu o lábio, num mutismo teimoso.

— Quem pode ver as boas obras que ele faz e não se ajoelhar, reverente, diante do Conde de Vitry? — suspirou o padre, levando a mão à testa como se fosse persignar-se. — Ele é um santo. Isto eu não lhe poderia dizer, meu amigo, sobre as condições vigentes nas outras propriedades, cujos senhores não possuem a grandeza de coração de Monsieur le Com te e a sua generosidade! — prosseguiu o padre.

— O conde é um idiota! — berrou Crequy, batendo no balcão com o enorme punho.

O padre sorriu para si mesmo. Tudo estava saindo às mil maravilhas.

— Como assim, meu amigo? — perguntou.

Crequy cuspiu no chão, sentou-se e esfregou o queixo com o punho.

— Monsieur le Comte pensa que sabe mais do que Deus — grunhiu ele.

O padre ficou alguns momentos meditando sobre aquilo. Aprovava aquela maneira de pensar. Por fim, suspirou profundamente.

— Imagino que não esteja falando a sério! — disse, com um sorriso. — Só pode ser brincadeira.

— Brincadeira? — rugiu Crequy, batendo de novo no balcão. — Monsieur le Comte não compreende que algumas pessoas nascem para se arrastar pelo chão, outras para andar de quatro, mas poucas para andar eretas. Quer que a serpente e o porco andem em pé e se considerem homens!

E acrescentou, retorcendo os lábios, entre os quais apareceu um brilho de saliva:

— Ele que tome cuidado para que a serpente e o porco não o ataquem do ponto vantajoso onde ele os colocou!

O padre ficou surpreso e muito satisfeito com aqueles comentários, convencido de que encontrara um

aliado. Olhou para Crequy com um respeito e uma atenção capazes de lisonjear o mais desiludido dos homens.

— Ah! — exclamou. — Bem se diz por aí que há poucos tão perspicazes quanto monsieur. Seria capaz de apostar que monsieur é o único homem destas terras que chegou a essa inteligente conclusão e o único que discorda do Conde de Vitry.

Crequy grunhiu de novo, como um urso enfurecido. Mas não foi imune à lisonja. Aproximou-se pesadamente da mesa e sentou-se perto do padre. Seus olhos fixaram-se nos de Pacilli. O seu grande rosto estava vermelho e congestionado de emoção.

— Há alguns que concordam comigo, de certa maneira — disse, brutalmente. — Dubonnet, o anterior administrador, ótimo, por sinal, mas não para o gosto delicado de Monsieur le Comte, porque governava os camponeses com mãos de ferro. Brisset, sempre descontente, um homem sensato, que foi capataz. La Farge, a cujo cargo estavam os vinhedos. Todos foram substituídos e rebaixados pelo conde, sem razão. Zelavam muito bem pelas propriedades do conde, mas parece que isso não era do agrado dele.

— Quer dizer que tratavam os camponeses com severidade?

Crequy fez que sim.

— E como! — exclamou.

O seu rosto fechou-se ainda mais e os seus olhos dardejaram.

— Monsieur le Comte não conhece esses animais! Por mais que ele lhes dê, eles nunca estão contentes. E quer saber por que, Monsieur le Curé? Porque é impossível satisfazer a ambição humana. É só dar um pão a um homem que morre de fome, para que ele peça dois. É só dar-lhe um sou para que ele reclame uma pistole. É só dar-lhe uma roupa, para que ele exija outra. É só sentá-lo à sua mesa, para que ele lhe tenha ódio se o seu prato estiver um pouco mais cheio do que o dele. É só chamá-lo de amigo, para que ele queira ser seu amo. É o que acontece nesta aldeia, antes tão pacífica e ordenada, e agora cheia de ressentimentos.

De Pacilli gravou esses comentários na mente fria de jesuíta, que havia por trás do seu crânio comprido e estreito. Os seus dedos pálidos e transparentes tamborilaram na mesa, pensativamente.

— Não há ninguém que se sinta grato para com Monsieur le Comte? — perguntou, com um suspiro.

Crequy grunhiu e mudou o corpanzil de posição.

— Há alguns que afirmam adorá-lo. Mas até esses estão sendo contaminados pelo safado do Dumont, que era capaz de exigir o último sou que o conde tem na bolsa e depois insistir em revirar-lhe também os bolsos. Se ele não tivesse mais nada, levava logo um pontapé violento. Ainda por cima, acha que sabe tudo e fica discutindo com os outros camponeses, baseado nos malditos livros que o conde distribuiu entre esses ladrões e assassinos. Porque, agora, esses suínos sabem ler!

O padre ergueu-se. Parecia arrasado com aquela demonstração de ingratidão e bestialidade. Abanou 'a cabeça, pesaroso.

— Ah, que tristeza tudo isso, monsieur! Mas, mesmo assim, a gente não ousa censurar Monsieur le Comte de Vitry por querer seguir, humildemente que seja, os passos de Nosso Senhor. Se algo está errado, não é culpa dele, e sim dos que não o compreendem.

Deitou a Crequy um sorriso súplice.

— Não me despreze demasiado por descobrir no Sr. Conde virtudes além da nossa compreensão de pobres pecadores.

Crequy voltou a grunhir. Ficou a ver, em silêncio, o padre atravessar, sem fazer barulho, o chão de pedra, projetando uma sombra preta e sinuosa à sua passagem pela luz do sol.

Ele é um padre, pensou o taberneiro, mas já agora com alguma hesitação. E todos os padres são

serpentes, com a possível exceção do Abade Lovelle.

Não obstante, sentiu um certo alívio. Só não entendia a razão por que, no fundo do seu coração tão sofrido, permanecia ainda um resto de desconfiança.

Monsieur Antoine de Pacilli foi meditando, enquanto caminhava pela rua empedrada do povoado, sem fazer barulho, o corpo magro e comprido ondulando, (dentro da batina, com a elegância dos seus movimentos aristocráticos.

Sentira uma certa afronta quando o Cardeal lhe anunciara qual seria a sua nova missão em Chantilly. Logo ele, o Barão Antoine de Pacilli, ser enviado para o meio dos camponeses atrasados, num obscuro povoado! Fora para isso que passara longos e amargos anos nas grandes universidades da Itália, da Espanha e da França! Contudo, ele era um homem de inteligência brilhante e sutil. Mal o Cardeal começara a explicar-lhe o caráter de Paul de Vitry e as condições reinantes nas suas terras, ele percebera todas as implicações. Curvara-se respeitosamente diante do Cardeal e dissera:

— Um foco de doença, numa nação, pode tomar-se endêmico e até mesmo epidêmico.

Um brilho transparecera-lhe no rosto e se refletira nos seus olhos amendoados. O Cardeal encarara-o com desagrado, pois não lhe agradava que outro ser humano pudesse ser impelido pelo mesmo grau de emoção que ele. Reconhecera aquele olhar, que sabia ser de ódio por todos os outros homens. Ele próprio odiava a humanidade, mas porque outrora a tinha arriado. Sabia que o Barão de Pacilli nunca a amara, que a odiara desde o início, sem a paixão ou a virulência que provêm de um coração ferido. Odiara-a porque não havia nele virtude ou humanidade.

Embora o Cardeal estivesse quase com quarenta e dois anos, persistira nele uma ingenuidade que às vezes o frustrava e o enchia de mortificação. Ainda não conseguira livrar-se da crença secreta de que os homens eram o que o mundo fazia deles, que o mundo era um agente catalítico, agindo sobre os vários elementos químicos que compunham, em diferentes gradações, cada ser humano. De que maneira tinha, então, o mundo afetado o Barão de Pacilli? Através de um interrogatório discreto, de Pacilli lhe contara que sempre levava uma vida calma e estudiosa, dedicada especialmente ao estudo do grego, do latim e dos clássicos, que era muito mais ligado às filosofias frias e abstratas, que era um grande matemático. Uma sondagem discreta por parte do Cardeal revelara que o pai do barão tinha morrido quando ele era criança, que sua mãe era uma aristocrata, muito orgulhosa do filho. Entre os dois, nunca houvera senão o melhor dos relacionamentos. Ele não conhecera frustrações, lutas, humilhações ou desilusões.

Onde, então, adquirira ele tanta maldade, tanto ódio? Porque o Cardeal sabia que ele era a verdadeira essência do veneno e da crueldade requintada. Durante muito tempo, o Cardeal, que ainda lambia, secretamente, velhas feridas, se recusara a acreditar que alguns homens nascem assim, calados, maus, instruídos e bem-doutados mentalmente, destituídos de emoções humanas, mas percebendo muito bem todas as paixões que avassalam a alma dos homens, espectadores, sem cinismo, da humanidade. Se o Barão de Pacilli fosse cínico, o Cardeal podia sentir um misterioso alívio. Mas não era. Não tinha comentários amargos a fazer sobre a maldade, o perigo e a estupidez dos outros homens. Aceitava-os sem repugnância ou aversão. E nisso, o Cardeal bem sabia, estava o maior dos perigos.

Era um inimigo natural da humanidade, um homem sem alma. Não tinha razões para detestá-la, fossem elas imaginárias ou reais. A inimizade habitava nele com alegria fria e desprendida.

O Cardeal não gostava de enigmas. Quando chegara à conclusão de que aquele homem era naturalmente mau, ficara cheio de curiosidade. Nunca conhecera um homem naturalmente mau.

Há uma razão para tudo, pensara o Cardeal, antes de se convencer. Mas agora sabia que, para alguns homens, essa razão era a sua própria existência. Outra ilusão do Cardeal fora ele ter acreditado que um homem só podia compreender os outros, baseado na própria experiência e nas próprias paixões. Agora, sabia que se enganara redondamente. De Pacilli compreendia os homens ainda melhor do que o Cardeal,

pois este muitas vezes se surpreendia com eles.

Sempre servira fielmente à Igreja, com o brilho de inteligência e com a frieza que o distinguiam. Se servisse a qualquer outra organização, governo ou príncipe, não o teria feito com menos brilhantismo, e não por lealdade, mas sim pelas grandes possibilidades da sua natureza perversa. E tudo isso sem animosidade, apenas com um propósito natural de maldade.

Na sua missão a Chantilly, ele se mostrava mais uma vez brilhante, pois a sua natureza se deliciava com as possibilidades que antevia. Não sentia inimizade ou aversão por Paul de Vitry. Mal se lembrava de como ele era, já que Madame duPrès conseguira convencê-lo a voltar a Paris com ela. Não se lembrava de Paul com ódio, espírito de vingança ou triunfo antecipado. Paul nem sequer era um símbolo, para ele, dos graves e portentosos ventos de pensamento que varriam a Europa atormentada. No fundo, ele não ligava para nada disso. Toda a sua alegria, todo o seu prazer estavam no fato de praticar alguma maldade.

Presentemente, aproveitava as horas noturnas de isolamento na pequena casa do Padre Lovelle para escrever um grande livro sobre a Inquisição. Um livro muito preciso, escrito com raro brilho e cheio dessa filosofia abstrata para a qual a sua mente mostrava uma inclinação natural.

Dirigiu-se agora, ao fim da tarde, para um pequeno bosque, cuja sombra protegia do sol, pois as árvores cresciam na orla dos campos de trigo. Paul mandara colocar ali longas mesas de madeira, com bancos iguais, onde os homens se pudessem reunir e comer pão e queijo regados a leite ou a vinho. Embora ainda não fosse hora das vésperas, os homens já estavam sentados à mesa, ou à sombra das árvores, enxugando os rostos tismados do sol e contemplando, com satisfação, os trigais dourados. Ficaram a ver o padre se aproximar com aquele ar aberto e sereno que se vê nos olhos do gado. Só que alguns deles não estavam tranquilos. Sentados à mesa, bebendo e mastigando vorazmente, discutiam com calor. Vários livros estavam espalhados sobre a mesa de madeira, e um rapaz batia num livro aberto com os punhos, enquanto se dirigia aos demais, com gestos enfurecidos. Ao ver o padre, atirou o livro para o lado e fitou-o, furioso. Os outros levantaram-se, respeitosamente, mas ele continuou sentado, o cenho franzido.

Era Jean Dumont, a quem Crequy se referira com tanta ferocidade e tamanho desprezo. O padre percebeu logo tudo, mal viu o homem, sem no entanto parecer se dar conta. Embora poucas vezes o tivesse visto, e nunca na igreja, aquela figura baixa e musculosa, metida numa camisa de algodão branco e em calções de lã, aqueles ombros largos e aquele pescoço queimado do sol não lhe eram estranhos. O rosto quadrado e belicoso estava quase preto, de tão tismado, e as mãos, grandes e nervosas, eram manchadas do suco das uvas, de que ele cuidava. No meio daquele rosto estavam incrustados dois olhos pretos, brilhantes e ativos, “um nariz largo, uma boca de lábios carnudos e vermelhos, que raramente sorria e quase sempre tinha uma expressão de rancor, e malares salientes, de camponês, sempre reluzentes de suor. Sobre a testa bronzeada, madeixas finas de cabelo preto caíam em desordem, e outras, mais compridas, escorriam-lhe pelo pescoço e chegavam-lhe aos ombros.

Era um rosto selvagem, mas inteligente, o de Jean Dumont, filho bastardo de uma ajudante de cozinha e de pai desconhecido. Revelava o seu temperamento brigão, desvairado e impaciente, astuto e intolerante. Paul não precisara instruí-lo. Jean mostrara desde cedo uma inteligência tão viva, que o Padre Lovelle se encarregara de educá-lo, e o jovem camponês absorvera muitos conhecimentos desconexos. Desde o princípio revelara-se cético e revoltado, para grande desconsolo do velho sacerdote. Nada pudera torná-lo mais dócil. Naquele espírito indisciplinado havia apenas suspeita, ambição e uma estranha e descontrolada sede de justiça.

Monsenhor de Pacilli cumprimentou os camponeses com muita doçura e suavidade. Sentiam-se

encabulados na presença dele, e desconfiados, pois sentiam muita falta do velho abade. Mas tinham a rude polidez da sua classe e deixaram um lugar para ele à mesa, bem em frente de Jean Dumont. Um deles serviu-lhe uma caneca de leite. O leite desagradava-lhe tanto quanto o vinho de Crequy, mas ele bebeu-o com um simulacro de prazer. Enquanto bebia, percebeu que Jan Dumont olhava para ele com um misto de desconfiança e troça, pois o rapaz detestava instintivamente os padres e os desprezava. Fingiu ignorar o sacerdote; este quando lhe deitou um olhar de relance, notou que os olhos do rapaz brilhavam com estudado desdém.

O padre interrogou gentilmente os homens a respeito dos seus afazeres diários e ouviu as respostas deles com a maior atenção, mostrando interesse pelos seus esforços. Aquilo lisonjeou-os. Não era como o simples Padre Lovelle, ele próprio de origem camponesa. Instintivamente, reconheciam nele o aristocrata, apesar da sua atitude humilde, da sua voz suave, do seu olhar terno. Não se sentiam inteiramente à vontade com ele, e as suas vozes eram rudes, embora forçadamente polidas. Riam demasiado alto, cutucavam-se, encabulados, ao mesmo tempo em que riam. Pareciam colegiais mal-educados, diante de um professor atento, que parecia gostar deles, mas de cujo caráter ainda não estavam bem seguros. Um deles ousou uma obscenidade, e uma vintena de olhos alerta se fixaram, disfarçadamente, na cara do padre, a fim de observar a sua reação. Mas ele limitou-se a sorrir com indulgência.

Falou no Padre Lovelle, insinuando que deviam estar ansiosos pela volta dele. Todos se calaram, assentindo brevemente com a cabeça. Mas as suas expressões eram de afeto. Ele próprio estava gostando tanto da sua estada naquele agradável e tranquilo lugar, que — disse — ia sentir saudade, quando tivesse que ir embora. Eles gostaram de ouvir aquilo e olharam para os campos, na direção do château, com ar importante, como se concordassem em que aquele era um excelente lugar, graças a eles, e que o padre tinha razão em sentir pena de ir embora. A atitude deles tornou-se mais condescendente e mais à vontade.

Durante toda aquela amável conversa, Jean Dumont mantivera-se sentado, um sorriso escarninho no semblante selvagem. Os olhos, debaixo do çenho franzido, brilhavam, alerta. De vez em quando, procurava captar o olhar dos companheiros, comunicar-lhes a má opinião que fazia do padre, mas eles estavam por demais atentos às doces palavras de de Pacilli e aos seus sorrisos. O padre parecia não se ter dado conta da animosidade do jovem, e, quando o seu olhar se cruzou com o dele, a sua serenidade não diminuiu.

— Foi só depois de eu ter vindo para estas terras, que compreendi até que ponto certos homens possuem nobreza d'alma e uma autêntica generosidade cristã — disse o padre, com um suspiro. — Que felicidade a sua, meus filhos, em ter um amo como o Conde de Vitry!

Os outros murmuraram o seu assentimento, mas o ouvido aguçado do padre captou o muxoxo, de desprezo de Jean Dumont e o movimento do seu corpo sobre o banco.

— Preciso fazer uma retificação. Já vi um lugar como este — continuou o padre.

Os camponeses mostraram-se vagamente interessados. Alguns recordavam, com horror, as suas' anteriores condições de vida. Um perguntou timidamente onde ficava esse lugar e qual o nome do senhor. Mas o padre abanou a cabeça.

— Seria presunçoso e insolente, da minha parte, dizer-lhes — falou ele, pedindo-lhes que o desculpassem. — Mas fica bem longe daqui. Ninguém esperaria um tal comportamento do senhor daquelas terras. Conheci-o pessoalmente. Homem brutal e ambicioso. Não fáz muito tempo, os seus camponeses curvavam-se sob o chicote dos seus administradores e capatazes, padeciam fome, miséria e doenças. Mas, agora, tudo isso mudou de maneira espetacular. . .

— Por obra e graça de um padre? — sugeriu Jean Dumont, . falando pela primeira vez, num tom desdenhoso e insolente.

Monsenhor 'le Pacilli olhou para ele com brandura e um ar levemente espantado¹. Depois sorriu, sutilmente, mas não tanto, para que não chamasse a atenção do jovem camponês.

— Não, não foi essa a razão — disse ele, numa voz hesitante, como se aquilo o entristecesse.

Começou a falar de outra coisa, mas Jean-Dumont bateu na mesa com a caneca, interrompendo a conversa.

— Qual foi a razão? — gritou. — O que foi que mudou o tal homem, Monsieur le Curé?

O padre hesitou de novo. Parecia preocupado. Murmurou, em tom súplice:

— Seria falta de generosidade, da minha parte, e atrevimento, se eu expressasse a minha opinião. Meu filho, peço-lhe que não insista, porque poderia instilar pensamentos errados a respeito do seu próprio e querido senhor, o Conde de Vitry. E isso seria imperdoável. Não há nenhuma semelhança entre Monsieur le Comte e o marquês. ..

Estacou abruptamente, parecendo mais preocupado do que nunca.

— Mas eu insisto! — berrou Dumont, dominando os outros com um olhar furioso, pois a sua personalidade era mais forte do que a deles, de quem era líder, mesmo quando discutiam com ele ou quando discordavam violentamente da sua opinião. Os outros, que não estavam muito interessados, acabaram sentindo-se curiosos, pois havia algo de peremptório no olhar de Dumont, como se os comandasse a ouvir.

O padre suspirou, curvando a cabeça e dando a todos, inclusive a Dumont, a impressão de que tinha um caráter fraco e complacente, embora inofensivo.

— Minhas opiniões não valem nada, absolutamente nada — murmurou ele. — Não passo de um humilde cura, sem muito estudo e nenhuma ambição. Como posso, pois, tirar conclusões, ou atrever-me a questionar as razões por trás dos atos de pessoas ilustres e importantes?

— Nós lhe perdoamos, Monsieur le Curé — retrucou Jean Dumont, com humor feroz e sem tirar os olhos dos seus companheiros.

Todos riram, embaraçados, e coçaram a cabeça. Muitos estranharam aquela conversa.

O padre fechou os olhos, como se incapaz de pensar, sem sofrer, na iniquidade dos outros. Parecia estar muito cansado.

— Chegaram-me rumores. . . por que e quem sou eu, para que alguém importante me contasse diretamente?... de que o nosso muito amado rei vem, há algum tempo, contemplando levar a cabo grandes mudanças, que afetariam os grandes senhores da França. Disseram-lhe que as condições de vida nas grandes propriedades são insustentáveis, e o seu coração ficou comovido.

— Que nobreza! — exclamou Dumont, com escárnio. — Nós é que ficamos comovidos, de saber que Sua Majestade largou os seus soldadinhos de chumbo e as intrigas de madame o tempo suficiente para se aperceber da miséria geral que aflige o povo!

Diante daquele comentário audacioso, os outros murmuraram, com medo, e fizeram menção de se afastar. Mas os mais jovens riram, fascinados. Estavam acostumados a ouvir comentários desses, da boca de Dumont, e a coragem dele intrigava-os. Quanto ao padre, não se mostrou chocado, indignado ou zangado. Limitou-se a olhar para o rapaz com ar grave.

— Garanto-lhe, meu filho, que o rei não é insensível à miséria em que o povo vive. Mas, até há pouco tempo, ele nada podia fazer. Só há alguns anos atrás é que começou a meditar a sério nesse doloroso problema. Sei, de fontes seguras, que ele tem discutido o assunto a fundo com o Duque de Richelieu e dado a entender que em breve vai introduzir mudanças radicais.

Fez uma pausa, com se hesitasse na escolha das palavras, e depois continuou:

— Os magnatas estão começando a tremer. Sei, também de fontes seguras, que, na próxima reunião dos Estados Gerais, Sua Majestade vai pedir a revogação dos direitos supremos dos magnatas, passando o seu poder para o trono.

— Quer dizer que o rei, ou melhor, seu amo e senhor, Richelieu, teme o poder dos príncipes e magnatas? — disse Dumont, piscando o olho para os companheiros. — Prefere detê-lo sozinho!

O padre fechou por um momento os olhos, e uma expressão de cansaço e tristeza tomou conta dele.

— Você está errado, meu filho. Não sou partidário do Cardeal — disse, sorrindo levemente — e, como tal, não me deixo influenciar por Sua Eminência. Embora seja possível que o Duque de Richelieu possa ter motivos pessoais, tal não acontece com Sua Majestade, que se mostra sinceramente preocupado com a grande parcela do povo francês submetida ao poder dos proprietários de terras. Ainda não se esqueceu de como foi oprimido pelos que detinham um poder absoluto, e isso faz com que sinta as dores do povo.

— Para que se veja como isso é verdade, basta constatar que os magnatas estão alarmadíssimos com os boatos que correm entre eles. Muitos passaram em revista as suas vastas propriedades, e a si próprios confessaram que o rei tem carradas de razão. Chegaram à conclusão de que, para continuarem a reter o poder nas mãos, precisam mudar as condições vigentes nas suas terras. Só assim acreditam poder evitar que o rei lhes tire o poder de que agora desfrutam.

Jean Dumont não fez nenhuma exclamação trocista. Inclinou-se sobre a mesa e olhou para o padre com interesse selvagem, erguendo a mão para atrair a atenção dos companheiros. Mas não falou. Seus olhos negros brilhavam intensamente.

O padre sorriu e encarou Dumont com um sorriso terno.

— E agora, meu filho, você entende o que levou esse senhor brutal, de que lhe falei, a mudar de atitude. O seu próprio interesse.

A expressão de Dumont fechou-se, malévola, e as narinas distenderam-se. Os punhos cerraram-se sobre a mesa. Voltou-se para os companheiros com ar de triunfo.

De Pacilli aparentou preocupação.

— Mas, meus filhos, vocês não devem deduzir daí que o seu patrão, o bondoso proprietário destas terras, seja movido por motivos de interesse pessoal e tenha melhorado as condições em que vocês vivem para evitar que as suas propriedades sejam requisitadas pela Coroa!

Um som gutural saiu da garganta de Dumont. Agora, os outros camponeses já não estavam indiferentes ou entediados. Tinham entendido tudo o que o padre dissera, e olhavam um para o outro, ruminando as palavras dele, os cenhos carregados.

O padre ergueu a mão pálida e aristocrática e encarou-os com olhos e boca severos.

— Mas Sua Majestade não se deixa enganar! Pelo menos, é isso o que espero. Porque quem pode ter a certeza de que esse procedimento hipócrita não vai dar resultado, de que o rei não se sinta tranquilizado e se volte para outros problemas, que os senhores não voltem ao antigo estado de coisas, detendo o poder de vida e morte sobre os seus camponeses, mergulhando-os numa escravidão ainda mais negra?

— Sei, de fontes seguras, que o rei planejava dissolver as grandes propriedades, dividi-las entre os camponeses, diminuir os impostos e garantir a todos os homens dignidade individual, paz, abundância e conforto. É isso o que os senhores temem. Portanto, não é preciso ser jesuíta para compreender que, a fim de evitar isso, os senhores de terras procurarão aparentar magnanimidade, até que o rei fique sossegado e esqueça os seus planos.

Dumont ergueu-se do seu lugar como se impelido por uma mola. Voltou-se para os companheiros, os

braços abertos, o rosto terrível, os olhos brilhando como se fosse louco.

— Não lhes disse tudo isso, seus imbecis, mais teimosos que mulas? Não lhes disse para examinar bem as “mercês” de Monsieur le Comte e procurar descobrir que plano diabólico existia por trás daquele rosto bondoso e daquelas palavras brandas? Não lhes disse: “Quando um grão-senhor se inclina para os humildes e os desprotegidos é porque esconde algo nefasto no seu coração?” Não lhes disse que nenhum homem se mostra bom e generoso, a não ser que tenha motivos inconfessáveis? Mas vocês não quiseram me ouvir, rebanho de idiotas! Rastejaram diante do conde, permitiram que ele os enganasse, sem se darem ao trabalho de pensar!

Brandiu os punhos cerrados no ar.

Os camponeses, assustados, olharam para ele, boquiabertos. Mas alguns se aproximaram com passos silenciosos, de tigres acabados de acordar.

— Você aceitam as migalhas e o leite aguado que ele lhes dava, com mostras de adoração! — continuou, num tom cada vez mais inflamado. — Lamberam as botas que só não os chutavam por motivos de interesse particular! Deixaram-se mergulhar num sono letárgico, ninados por falsas promessas! Nunca pensaram: “Tudo isso que temos provém do temor de um magnata de que muito mais nos seja dado, num clima de honra e dignidade, como homens livres?”

Aproximou-se deles por trás da mesa, a cabeça inclinada para a frente como um touro enfurecido. Os outros olharam para ele fascinados, trêmulos, os rostos fechando-se e enrugando-se à medida que as suas palavras lhes penetravam nas almas simples.

— O rei decidiu que a terra que vocês trabalham lhes pertença, como franceses livres! Que o fruto do seu trabalho, que as colheitas lhes caibam por direito. Já pensaram nisso? Não! Só eu me apercebi, só eu lhes avisei. E vocês riram de mim, como imbecis que são!

O padre levantou-se sem fazer barulho e saiu, rindo consigo mesmo. Ninguém reparou na partida dele. Já estava longe e ainda se ouviam a voz de Dumont e o rugido da plateia que ele despertara.

A lua despontou, nessa noite, com uma beleza-singular, prateando todas as árvores com a sua luz líquida e fria. Os vales pareciam lustrosos ao luar, como se fossem vales da lua, e as florestas vibravam com o canto de centenas de rouxinóis. O telhado do chateau estava todo prateado, e as paredes tremiam com sombras negras de folhas. As colinas tinham cachoeiras de prata, e o rio, ao longe, brilhava como se composto de milhares de lâminas. Dos vinhedos vinha o cheiro doce e forte de uvas amadurecendo, e, de leste, um vento carregado de fragâncias e sons misteriosos. Qual o coração que não se sentia emocionado pelo canto dos rouxinóis, pelas sombras brancas do luar e pela paz que murmurava em tudo?

Mas havia um coração que não se sentia tocado por nada disso: o de Monsenhor Antoine de Pacilli, ocupado a ler e a escrever na casinha humilde do Padre Lovelle. Nem uma só vez olhou através da janela aberta, para o cenário de beleza e de silêncio que o rodeava. A luz da vela iluminava-lhe o rosto pálido e sinistro e as faces cavernosas, que pareciam desenhadas a carvão, pela mão de um artista. Os olhos amendoados, sob as sobrancelhas bem marcadas, não tinham calor humano, nem revelavam o que ele pensava.

Escrevia um ensaio sobre a Razão:

“Há os que situam o princípio da razão no reino da humanidade física e espiritual. Mas a história plagia a si mesma e repete persistentemente velhas verdades, através dos tempos.

“Quando se procura o universo físico da Razão, fica-se confuso. O sentimental discernirá uma razão benévola na chuva e no vento, na neve e no sol, na roda das estações e nas fases da lua. Detectará em tudo isso um plano antropomórfico e antropocêntrico. Mas, na realidade, todas essas coisas aconteceram durante anos a fio, muito antes de existir um homem para apreciá-las e atribuí-las a entidades criadas para servir aos seus interesses egocêntricos. Quando o homem ouve um pássaro cantar ao luar, pensa: “Ah, que beleza Deus criou para mim!” Quando as árvores se destacam da névoa radiante da manhã, ele diz: “Que bom que Deus criou todo esse encantamento para os meus olhos!” Mas o pássaro continuará a cantar, e a neblina continuará existindo depois que o último homem tiver desaparecido da face da Terra.

“Por conseguinte, no universo não há Razão, e, onde não existe razão, não existem planos antropomórficos ou antropocêntricos para os acontecimentos.

“O homem cria a Razão para si mesmo, porque precisa de que haja ordem no universo. A razão e a ordem são, portanto, conceitos artificiais, que só existem na imaginação dos homens. Não obstante, trata-se de uma imaginação necessária. A civilização não poderia existir ou, se existisse, acabaria destruída, sem esses produtos da imaginação.

“Mas a invenção da razão, por parte do homem, não significa que o homem seja uma criatura racional. Ele permanece elementar, primordial, em todas as suas relações. A razão é a sua poesia, algo separado da vida. Não se estende à sua realidade. Portanto, aqueles que advogam a razão nas relações com a humanidade, operam num mundo fantástico, condenado à destruição. Não se pode ‘apelar para a razão’ dos homens, pois trata-se de um elemento que ele não possui em si mesmo.

“Os príncipes são fortes na medida em que governam sem usar de razão. Compreendendo a natureza humana, o príncipe só deve mandar. Não deve hesitar em usar o chicote e a força, a tortura e a roda, para reforçar os seus decretos. Se ele for misericordioso, o povo perguntará: “Por quê?” Mas, se ele empregar apenas a força, o povo lhe obedecerá. A Igreja, há muito, sabe disso. Ela diz: “Obedecerás” e não “Queres obedecer, por esta ou aquela boa, suficiente e inteligente Razão?”

No dia seguinte, pensou ele, ao pousar a pena e começar a limpá-la, ele reveria e poliria o ensaio, até

transformá-lo numa autêntica joia literária. Abriu uma gaveta e olhou com prazer para uma pilha de manuscritos. Os seus “Ensaio sobre o Homem e a Natureza” logo estariam terminados e prontos para imprimir. Pensava dedicar o livro ao Cardeal, que certamente o apreciaria. Mas muitas seriam as caretas que ele faria, ao lê-lo. Porque o Cardeal, que do ponto de vista emocional discordaria violentamente, acharia a razão implícita nos ensaios. Por um momento ou dois, de Pacilli ficou pensando que aqueles ensaios eram muito superiores a tudo o que fora escrito por Machiavelli — que detestava a humanidade por tê-la amado um dia.

O padre estava sempre com frio, mesmo no dia ou na noite mais quente. O bloco de gelo que ele tinha no lugar do coração nunca era tocado pelos raios do sol ou pelos eflúvios do luar. Embrulhou-se na capa, puxou o capuz para o rosto e prosseguiu na sua missão.

Sua sombra estreita e negra esgueirava-se atrás dele, sobre as pedras da ruela dó povoado, à medida que ele avançava, ao luar, para a pequena casa de Guy La Farge, o capataz outrora encarregado dos vinhedos e agora trabalhando neles sob a supervisão de François Grandjean. O padre ficara sabendo que aquele homem calado e quarentão nutria uma paixão por Cécile. Viúvo e sem filhos, tinha um temperamento sombrio e azedo.

Ao atender à tímida batida do padre, foi logo fechando a cara ao ver quem era. Mas teve a polidez de convidá-lo a entrar. Era um homem magro, de cabelos grisalhos, com uma expressão alerta e eternamente desconfiada. Sentou-se do outro lado da mesa e ficou à espera de ouvir o que o padre tinha a dizer.

De Pacilli olhou para a ordem que reinava no pequeno aposento com indisfarçável prazer.

— Ah, parece a cela de um monge! — murmurou ele. •— Em ambiente desordenado, os pensamentos tendem a ser confusos. Tenho, diante dos olhos, a prova de que o senhor é um homem inteligente, meu caro Monsieur La Farge!

La Farge também se tinha nessa conta, e isso originava o desprezo e a aversão que ele sentia pelos humildes camponeses. Sorriu com um ar de secreta satisfação, e olhou sombriamente para o espaço, batendo com os dedos morenos contra os lábios e o queixo.

— Existem pessoas — continuou o padre, com um suspiro — que pretendem descobrir perigos nos homens que pensam. Não posso atribuir isso à preocupação de sofismar. Entendo, porém, que aqueles que se acham passíveis de correr perigo através dos homens que pensam podem querer destruí-los, para os seus próprios e malvados fins.

Começou a falar em outras coisas. Disse ser o humilde filho de humildes vinhateiros. Com o seu conhecimento dos homens, descobrira em La Farge uma verdadeira paixão pelos vinhedos, quentes e olorosos sob o sol. O antigo capataz pôs-se a escutar com atenção, e o seu azedo semblante deu mostras de emoção. Havia agora uma umidade no canto dos seus olhos, semelhante à que aparece nos olhos das pessoas que, de repente, se lembram de um ente querido já falecido.

Não havia dúvida de que Pacilli sabia bastante sobre vinhedos e fabricação de vinho. Como conhecedor de vinhos, podia dar opiniões abalizadas sobre os vários aromas e sabores. Não demorou para que La Farge mergulhasse numa acalorada discussão com ele. O padre espicaçava-o, mas sem chegar ao ponto de animosidade. Parecia sempre vencido pela lógica do ex-capataz e acabava balançando a cabeça, em relutante assentimento, com um brilho de admiração nos olhos. Quanto a La Farge, o seu rosto moreno e melancólico estava agora corado e veemente.

— Meu caro Monsieur La Farge, por que permanece neste vilarejo, quando podia ser apreciado por senhores mais poderosos, que saberiam dar valor aos seus conhecimentos? Ou em Paris, por exemplo, onde o seu talento lhe proporcionaria uma fortuna?

Disse aquilo com tanta candura e com uma tal aparência de espanto, que La Farge sentiu uma onda de

euforia invadir-lhe o coração solitário. Revirou o fino bigode grisalho. Hesitou, mas logo uma nuvem escura lhe toldou os olhos e ele os desviou.

Nada disso passou despercebido ao padre.

— Ah! — disse ele, sorrindo e sacudindo o dedo —, quem está errado sou eu! O que o faz permanecer neste lugar encantador mas isolado é um sentimento de lealdade para com o seu excelente e bondoso patrão!

Ao ouvir aquilo, La Farge sorriu, encabulado. Mas suas pálpebras tremularam e seus olhos brilharam de ódio.

— É uma sorte — continuou o padre, num tom de profunda meditação — o bom Conde de Vitry ter hábitos simples e rurais, sem grandes aspirações e sem amor pela vida na Corte. Ouvi dizer, e espero que seja verdade, que está pensando, inclusive, em desposar uma moça daqui, uma donzela simples, bonita e de boa saúde. Se for verdade, acho a ideia excelente, porque o aproximará mais das suas terras e do seu povo.

La Farge emitiu um som selvagem e gutural. Seus olhos azul-claro dardejaram, à luz da vela. Olhou para o padre com a expressão enfurecida de um animal, e os seus punhos se cerraram sobre a mesa.

O padre fingiu não ter reparado em nada daquilo. Olhou para o vácuo com um sorriso doce, como se estivesse vendo algo que lhe tocava o coração. De repente, suspirou, deixou cair a cabeça, abanou-a e cobriu os olhos com a mão. La Farge viu aquilo e exclamou:

— Pardieu, Monsieur le Curé, o que há com o senhor?

— Nada — murmurou o padre, numa voz abatida. — Desculpe-me. Estava me lembrando de uma outra história, uma história muito desagradável, que preciso esquecer.

— Conte! — disse La Farge, levantando-se.

— Não tem nada a ver com o seu amo! — retrucou o padre, afetando grande preocupação. — Estava-me lembrando de uma história que aconteceu em outras terras! Por favor, perdoe-me, Monsieur La Farge, é uma história sórdida. O senhor dessas terras apai-xonou-se por uma jovem bela e virtuosa, filha do taberneiro. A moça pensava que ele pretendia casar com ela, apesar da sua origem humilde, pois era muito gentil e tinha recebido uma boa educação no convento das irmãs. Mas ele apenas a seduziu, e a pobre menina afogou-se. Isso me enche de tristeza, pois ela era minha afilhada.

Continuou, numa voz fúnebre:

— Mas até mesmo esse hediondo comportamento poderia ter sido perdoado, se não fosse o tal senhor fingir preocupação com o bem-estar da sua gente, a fim de mais facilmente seduzir a jovem. Porque ela tinha um coração muito terno e amava o seu povo. Pensou que, cedendo aos desejos do amo, asseguraria a permanência das reformas que ele iniciara. Mas, que ilusão! Depois da sua morte dolorosa, ele passou a tratar os camponeses com maior selvageria ainda. . . — Fez uma pausa. — Acabou assassinado. Ninguém foi julgado, porque os culpados nunca foram encontrados. A opinião dos juizes, porém, foi de que ele tudo' fizera para merecer esse fim.

La Farge começou a andar de um lado para o outro, falando consigo mesmo, batendo com os punhos no peito. Tinha o rosto contorcido. O suor rolava-lhe da testa. Parecia um homem preso de uma fúria incontável. O padre sorriu para si mesmo. Sabia que La Farge, apesar da sua anterior severidade, era considerado pelos camponeses como um homem íntegro e verdadeiro. Tudo o que ele dissesse seria escutado.

O padre levantou-se. Estendeu a mão e puxou La Farge pelo braço. Mas os olhos do antigo capataz estavam cegos de fúria.

— O senhor é um homem sensato — disse de Pacilli. — E sinto-me comovido de ver que a minha

triste história lhe tocou o coração. Queira Deus, monsieur, que o seu amo não seja culpado de planos tão diabólicos.

Continuou o seu caminho, de homem que só podia achar prazer em seduzir e confundir a mente dos humildes e o espírito dos grandes.

Aproximou-se da casinha de Pierre Dubonnet, o antigo administrador, também conhecido pela sua integridade e severidade. Era um homem orgulhoso, muito enérgico, mas pouco imaginativo. Acima de tudo, era um devoto católico, fanático e apaixonado. Uma de suas filhas era freira. Tinha alguma instrução e uma inteligência astuta.

Vivia, com sua devota e manhosa esposa, na maior das casas, que François Grandjean, ao substituí-lo no cargo, se recusara a ocupar. Sabedor da honestidade do homem, Paul de Vitry continuara a pagar-lhe um ordenado generoso, embora ele agora apenas trabalhasse nos campos, como os outros camponeses! O golpe dado no orgulho do homem fora permanente. O seu rancor era constante, e o padre sabia disso.

Foi recebido por Dubonnet e sua esposa, com a maior reverência. Seus rostos simplórios revelaram todo o prazer que sentiam diante daquela visita noturna do padre. Ajoelharam-se diante dele, que os abençoou com grande solenidade. Depois, Dubonnet convidou o padre a sentar-se à mesa e acendeu outra vela. De Pacilli olhou em volta com sincera aprovação, admirando as lajes vermelhas do chão, as paredes e as traves de madeira escura, as caçarolas brilhantes, penduradas junto da lareira, e os móveis, modestos mas reluzentes de limpeza. O grande crucifixo que pendia sobre a cama, no quarto ao lado, fora um presente de Paul de Vitry ao seu antigo administrador, e o padre ficou surpreso diante da excelência do trabalho.

Dubonnet colocou em cima da mesa uma empoeirada garrafa de vinho e um copo estreito e vermelho, e ericheu-ò cuidadosamente. Suspirando intimamente, o padre ergueu o copo. Ficou espantado quando o vinho lhe tocou a língua e lhe penetrou na cavidade estreita e seca da boca. Nunca provara melhor buquê, vinho de sabor superior àquele.

— É da adega de Monsieur le Comte — disse Dubonnet, com satisfação, reparando na expressão de surpresa do padre. — O patrão deu-me três dessas garrafas no Natal.

O padre olhou para Madame Dubonnet. Era uma mulher baixa e gorda, disforme de tanta banha, mas que dava a impressão de grande atividade e resistência. Os cabelos pretos, puxados para trás, deixavam ver um rosto largo, cor de ameixa, com olhos pequenos e pretos, inquietos como os de um animal desconfiado. Prático na leitura das expressões humanas, de Pacilli logo viu que Madame Dubonnet era ambiciosa, cruel, astuta e estúpida. Decidiu dirigir-lhe a maioria das suas insinuações pois em Dubonnet discernira uma integridade e uma força de caráter que seria difícil vencer, mesmo usando dos mais inteligentes meios de sedução.

— Tenho notado a sua devoção, monsieur et madame — disse o padre, com um sorriso doce e paternal.

Mas logo a sua expressão se tornou melancólica.

— Que maravilha, essa devoção, meus filhos! É como uma flor brilhando em meio ao deserto.

Dubonnet corou, desviou o olhar, mas disse, teimosamente:

— Isto aqui não é um deserto, Monsieur le Curé.

Mas a mulher logo pulou, os grandes peitos arfando.

— Cale a boca, Pierre, seu velho imbecil! — exclamou, numa voz estridente, — Como ousa falar de maneira tão insolente com Monsieur le Curé?

— Oh, perdoe-me! — disse o padre, com brandura. — Acho que escolhi mal as palavras. Quando mencionei a sua devoção e a comparei a uma flor crescendo no meio de um deserto, não estava me

referindo a Chantilly, e sim ao deserto do mundo...

Madame ficou ainda mais excitada. Aproximou-se do padre, de modo a poder olhá-lo de perto. De Pacilli sentiu-lhe o hálito quente, cheirando a alho, e estremeceu intimamente:

— Monsieur le Curé disse a verdade! Este lugar é um deserto!

Não existe piedade aqui. E por quê? Quem sabe dizer? Talvez seja porque Monsieur le Comte é demasiado tolerante com essa canalha. Não obriga ninguém a fazer nada. Apenas sugere. Mostra-lhes o caminho da Igreja. Ah! Alguns vão, outros não. Ele diz que nenhum homem deve fazer o que não deseja, no que diz respeito a Deus! Eu própria o ouvi dizer isso!

A expressão do padre tornou-se grave e sombria. Estendeu as mãos, num gesto de impotência, e disse, com espanto nos olhos:

— Mas como é que uma simples criança, uma pobre criança, vai saber o que é justo e direito, se não for à escola? Por livre e espontânea vontade, nenhuma criança se submeteria à disciplina do aprendizado. Receio que a senhora esteja imputando coisas estranhas ao seu querido patrão, que é todo justiça e misericórdia para com os seus trabalhadores. . .

Madame endireitou-se, pôs as mãos nos quadris, jogou a cabeça para trás e encarou o padre com olhos brilhantes e furiosos:

— Estou vendo que Monsieur le Curé, bom e simples como é, pensa que o nosso patrão é a encarnação da justiça! Deixe-me falar, Pierre! Talvez o sr. Cura não saiba que meu marido foi afastado do cargo que ocupava, por ser severo com os camponeses e servir devotadamente a Monsieur le Comte, só cuidando dos interesses dele! Por acaso isso é justiça? Será misericórdia, compreensão, ou gratidão? Acha bom que meu marido tenha sido rebaixado a trabalhador, igual aos outros? Sabe o que o nosso bom patrão disse, para se justificar? “Pierre, se você trabalhar lado a lado com os outros, vai poder compreender melhor os seus sofrimentos e esforços.” Eu lhe pergunto, Monsieur le Curé, acha isso sensato, inteligente e justo?

O padre fingiu perplexidade.

— Não sabia disso — murmurou, com voz trêmula. — Mas estou certo de que deve haver alguma explicação.

O rosto estúpido mas honesto de Dubonnet ficara muito vermelho. Via-se que estava furioso com a mulher. Mas também se via que, em certos pontos, concordava com o que ela dissera. O orgulho fazia-o respirar com dificuldade.

— Meu marido — disse Madame Dubonnet, cada vez mais enfurecida — é um homem de algumas luzes. Sabia ler e escrever muito antes de Monsieur le Comte teimar em ensinar a ler essa canalha. Era um homem trabalhador e que conhecia o povo. Devotou-se aos interesses do patrão e meteu na linha essa gentalha. Mas agora dá com eles sentados debaixo das árvores, ao meio-dia, os livros abertos, discutindo apaixonadamente sobre assuntos que não lhe dizem respeito, coisas perigosas e heréticas.

A raiva crescia cada vez mais dentro dela.

— Sei do que estou falando — continuou a mulher — e este idiota aqui dá-me razão, com o seu silêncio e o seu rubor! Como o senhor deve saber, Monsieur le Curé, temos um santuário à beira do caminho. Pois bem, ainda outro dia com estes meus olhos que a terra há de comer, vi um grupo de camponeses voltando, bêbados, da taberna, e um deles gritar, apontando para o santuário: “Olha lá a imagem da escravidão da França!” E, padre, que Deus me castigue se não for verdade que eles cuspiram, riram e blasfemaram na cara da Mãe de Deus!

O padre pareceu horrorizado. Os seus olhos deram a impressão de querer pular fora das órbitas. Persignou-se, como se diante de uma façanha de Satanás. Dubonnet e a mulher imitaram-no.

O padre disse, com voz trêmula:

— A senhora não está insinuando que Monsieur le Comte encoraja isso? Não vai dizer que ele instila heresia nos camponeses!

Dubonnet resolveu falar. Olhou furioso para a mulher, e retrucou:

— Não estamos lhe dizendo nada disso, Monsieur de Curé. Minha mulher fala demais, levada pelo ressentimento e pela raiva. O nosso bom patrão encoraja todas as manifestações religiosas e nunca mostrou senão cordialidade pelos padres. Restaurou a nossa igreja, pagou para a instalação da abadia e é grande amigo da abadessa. Foi injusto comigo, isso é verdade. Mas é preciso dizer que ele fez o que fez, levado pela bondade do seu coração, e a crença de que tudo o que faz é para o bem da sua gente. . .

— Como, por exemplo, não castigar os que cuspiram na cara da Virgem Santa! — interrompeu Madame Dubonnet, com feroz sarcasmo e um olhar para o padre.

Dubonnet calou-se um momento e depois murmurou:

— É verdade que Monsieur le Comte declarou ser aquilo uma falta de respeito, uma prova de infantilidade e intolerância pelas crenças dos outros. Mas disse que ninguém naquele grupo fora ofendido, que não tinham feito nada na presença de quem pudesse ter se sentido ferido na sua sensibilidade. Declarou também que os blasfemadores eram homens livres, e, como ninguém fora ofendido e nenhum direito dos outros atacado, eles tinham agido de acordo com as suas convicções.

— Pois eu me senti ofendida! — gritou madame, caindo, como uma pantera, em cima do marido. — Eu estava presente!

— Entãtj, você estava vadiando, mulher — disse Dubonnet severamente. — Você devia estar na sua horta, cuidando dos seus vegetais. Que você estava fazendo lá?

A mulher ficou sem fala. Mordeu os lábios e acabou dizendo, com ar desafiante:

— Será que eu não tenho direito de ir orar naquele santuário?

— Você já tem um santuário no jardim — retrucou o marido.

O padre sorriu intimamente, sem que isso transparecesse no seu rosto pálido e chocado.

Disse, em voz lenta e pensativa:

— Tenho observado muita coisa, nesta minha estada aqui. Tenho podido ver a felicidade das pessoas, a solidez e o conforto das suas casas, a beleza da capelinha, a saúde nos rostos das crianças. Tudo isso é ótimo. E tudo isso se deve ao nobre Conde de Vitry. Se ele errou em certos aspectos, realizou muito também. Receio, cara senhora, que um despeito pessoal a leve a ter uma opinião desfavorável de Monsieur le Comte.

— É isso mesmo — concordou Dubonnet, antes que a mulher pudesse retrucar.

— Não devemos abrigar maus pensamentos, mesmo que tenhamos razão para isso — volveu o padre, sorrindo bondosamente para a mulher.

— O senhor é um santo, como todos os padres, Monsieur le Curé! — exclamou Madame Dubonnet. — Não se dá conta do que se passa aqui. Mas eu sei — acrescentou, com um olhar mau e triunfante.

O padre parecia devanear. De vez em quando, abanava a cabeça, como se tomado de tristeza.

— Não, não — murmurou uma ou duas vezes, com expressão cada vez mais triste.

Os donos da casa contemplavam-no com preocupação.

Por fim, o padre ergueu a cabeça. Estava pálido, mas sorriu tristemente para eles.

— Dêem graças a Deus, meus amigos, pelo fato de o seu querido patrão não ser como outro que eu conheci e que também instituiu reformas e fez coisas boas. Mas os seus motivos eram péssimos. A sua intenção era perverter as almas da sua gente contra a Santa Madre Igreja, levá-las para o protestantismo. Com as suas boas obras, conquistou-lhes a confiança e, uma vez feito isso, arrastou-os para a heresia.

Madame Dubonnet sacudiu a cabeça, num gesto de triunfo. Mas Dubonnet fixou no padre um olhar

horrorizado e umedeceu os lábios subitamente ressequidos. Todo o fanatismo que havia nele transpareceu nos seus olhos. Cerrou os punhos e estremeceu.

— Não pode ser! — sussurrou, agudado. — Não pode! É incrível! Não posso acreditar!

O padre ergueu-se. Pousou suavemente a mão no ombro do homem e fitou-lhe os olhos chocados. u

— Graças a'Deus, monsieur-, não é esse o caso, ao que parece, do seu querido senhor. Não permita que a suspeita penetre em seus pensamentos, mesmo com as provas que madame lhe apresentou. Há muita gente humilde e piedosa nestas terras. Abstenha-se de falar nisso, pois seria uma ingratidão suscitar suspeitas nos seus espíritos puros e simples.

Despediu-se e saiu. Olhou para a lua, para o chateau, todo branco, para os vales e as florestas escuras. Um rouxinol cantava num galho, sobre a sua cabeça. O luar iluminou-lhe o rosto. Sorriu, satisfeito.

● Capítulo XXXIII

Foi com uma noiva pálida e queixosa que Arsène voltou ao hotel de Vaubon. O marquês não poupou esforços na decoração dos aposentos dos recém-casados, e Clarisse encontrou alívio temporário na alegria e no gosto requintado do sogro, que a adorava. Seu boudoir, em tons de rosa, azul e ouro, deu-lhe novo ânimo. Não dava para os barulhentos Champs Elysées, e sim para um encantador jardim, todo cheio de grutas, bancos de mármore branco, salgueiros chorões, belas estátuas e lagos de águas transparentes, nas quais flutuavam lírios aquáticos. Uma escada levava diretamente da sua sacada ao jardim e, ladeando o primeiro degrau, viam-se dois grandes jarrões chineses, cheios de belíssimas flores e folhagem. Clarisse deslizava de quarto em quarto, soltando exclamações de prazer na sua voz delicada, enquanto Arsène a seguia, sorrindo debilmente, satisfeito de que o pai, que conduzia a jovem pela mão, se tivesse dado a todo aquele trabalho para alegrar a nora. Tinha muita pena dela, sentia por ela a mesma ternura que se sente por uma pobre criança a quem se ofendeu sem querer.

Quanto ao marquês, a custo se continha, enrolando uma madeixa de cabelo no dedo cheio de anéis e escutando avidamente as exclamações da jovem. Deliciava-se na contemplação do seu belo e ruborizado rosto, dos seus cachos louros, do seu busto de neve. Toda ela arfava de prazer ao lhe apertar o braço com a mão, e agradeceu-lhe profusamente. Com a sua compreensão do gosto feminino, o marquês não medira esforços para encher os aposentos de detalhes delicados e objetos preciosos. Mandara fazer uma cama expressamente para ela, em forma de cisne prateado; ao ver Clarisse atirar-se nela com gritinhos de alegria, olhou com inveja para o filho, que, em vez de ver a satisfação da jovem esposa, contemplava, desanimado, o jardim.

O marquês franziu a testa e mordeu o lábio, mas não com tanta força que estragasse a pintura. Não havia dúvida de que Arsène não apreciava, como era devido, os esforços do pai com vistas à sua felicidade conjugal. De repente, o marquês ficou alarmado. Arsène parecia atacado de algum mal obscuro, mas persistente. Suas faces estavam cor de cinza, seus lábios, sem cor, seus olhos, circundados de olheiras.

Esperou que Clarisse fosse dar ordens às aias, cujos aposentos ficavam ao lado dos dela, e puxou Arsène pelo braço, obrigando-o a olhar para ele. Viu ansiedade e sofrimento nos olhos do filho.

— Perdoe-me — disse o jovem. — Não sou indiferente a todas estas coisas belas, pai. Mas soube, através de Madame de Tremblant, que o duque ainda não voltou, quando já se passaram quatro semanas da data em que devia ter regressado.

O marquês franziu o cenho e olhou em volta, antes de fechar todas as portas, e perguntou, num murmúrio:

— Já devia ter voltado? Onde é que ele foi? Realmente, temos notado a sua ausência, mas achávamos que estivesse em visita às suas propriedades.

Arsène hesitou e empalideceu ainda mais. Vendo aquilo, o marquês gritou:

— Não! Não precisa me dizer! Já não lhe disse que não quero saber de conspirações?

Estava apavorado. Esfregou febrilmente uma mancha seca de ruge sobre o lábio inferior. Depois, olhando-se no espelho, consertou cuidadosamente o estrago. Mas a mão tremia-lhe. Perguntou, olhando para Arsène através do espelho:

— Você está envolvido nisso?

Arsène fez que sim com a cabeça.

O marquês deu meia-volta, o pavor refletido nos olhos.

— Não há nada que eu possa fazer para convencê-lo a desistir? Será que você ainda não se fartou

dessas loucas aventuras, agora, que tem mulher, e conta com a simpatia do Cardeal?

Arsène não respondeu. Empalideceu ainda mais e pôs-se a brincar com uma prega do cortinado que pedia sobre a cama de Clarisse. Por fim, disse:

— Preciso falar imediatamente com Paul. Ele pode ter sabido de algo.

— Maldito de Vitry e o dia em que você o conheceu! — exclamou o marquês. — Ele só trouxe medo e preocupações a esta casa.

Pôs-se a andar de um lado para outro, com passos elegantes mas desordenados.

— Já não chega a Europa estar como está, prenhe de intrigas e complôs? Quem sabe se você não será chamado a se alistar e partir para a guerra? Não basta isso, você ainda tem que ir procurar barulho em outros lugares?

Parou diante de Arsène, agarrou-o pelos dois braços e forçou-o a lhe dar atenção. Tinha os olhos cheios de lágrimas, e a pintura começou a escorrer das pestanas para as faces enrugadas e maquiladas. Arsène sentiu uma dor no coração. O marquês disse, numa voz trêmula:

— Escute, meu filho, eu estou velho. É a primeira vez que digo isto. Olhei-me no espelho, esta manhã, e convenci-me da realidade. Que me resta neste mundo? Sofri muito, suportei o exílio e humilhações, insatisfações e apreensões. Nunca tive o que queria, porque nunca soube o que queria. Minha vida tem sido frívola e superficial. Fui feliz, nestes últimos anos? Nem eu posso dizer. Meti-me em complôs e em intrigas, porque tenho inclinação para essas coisas. Mas agora estou velho e vejo que nada adiantou. As mulheres que conheci causam-me náusea, quando me lembro delas. Acordo mais cansado do que me deito. Sinto um gosto horrível na boca e sei que não provém só do estômago.

As mãos cheias de anéis apertaram os braços de Arsène e a voz tremeu de sinceridade:

— Nenhum homem é responsável pela futilidade e pelo desânimo dos outros. Tenho consciência disso. Fiz muitas loucuras e não culpo a ninguém, senão a mim mesmo. Mas será que isso diminui a minha sensação de cansaço e vazio? No fim da vida, o que traz alegria a um homem? Os seus filhos e os filhos dos seus filhos. Ele só deseja paz na sua família. Fui culpado de muitas loucuras, mas agora estou cansado. Será preciso você me castigar, Arsène? No fundo do seu coração, não haverá um pouco de piedade por mim? Por que você não me deixa olhá-lo sem medo, e gozar, com alegria, dos meus netos?

Fez uma pausa, e a sua expressão foi de surpresa.

— Meus netos! Sempre tive horror a pensar nisso. Mas agora essa ideia me traz esperança e ânimo. Arsène, não me prive do meu filho e dos seus filhos!

O velho libertino falava com tanta paixão, com os olhos tão marejados de lágrimas, com as mãos tão trêmulas, com olhar tão súplice, que Arsène desviou a cabeça. Não podia olhar para o pai sem sentir angústia. Pôs a mão sobre uma das mãos que o agarravam, levou-a aos lábios e beijou-a com amor.

Mas falou num tom resoluto, olhando para o pai com gravidade:

— O senhor diz que tem uma sensação de náusea e vazio no coração, pai. Diz não saber a causa. Mas eu sei.

O marquês estremeceu. Tentou recuar, mas agora era Arsène quem o segurava.

— Quer que eu, quando for da sua idade, sinta a mesma náusea? Não quer me poupar isso, em nome da memória do meu avô?

O marquês soltou-se dos braços de Arsène e recuou, olhando para o filho com terror, sentindo-se despido diante dele. Mas Arsène prosseguiu, inflexível e amoroso:

— Eu estava seguindo os seus passos, pai, trilhando o caminho que me levaria ao mesmo beco sem saída, à mesma futilidade, à mesma sensação de vazio. Livrei-me disso. Quer que eu volte a esse caminho?

O marquês levou as mãos morenas aos lábios e os seus olhos lirilharam intensamente. Arsène esperou

que ele falasse.

— Você vai acabar sendo morto! — murmurou o marquês, lívido. — Não sabe que, dentro de quinze dias, La Rochelle será uacada? Não sabe que já assassinaram Buckingham, o qual, apesar de todas as promessas feitas a uma certa dama, decidira ajudar os lochelenses?

Aquilo horrorizou Arsène. Esqueceu tudo o mais, para ver apenas o rosto vermelho e a barba ruiva de Rohan.

— Quem o assassinou? — murmurou ele.

— Dizem que foi por ordem do Cardeal! Depois que se soube, secretamente, que Buckingham faltara com a sua promessa e estava aprestando a sua esquadra para zarpar rumo a La, Rochelle.

A voz do marquês tremeu de medo, ao ver a expressão no rosto do filho.

Arsène olhou em frente, com um sorriso mau.

— Ele não faltou à sua promessa — murmurou, de modo quase inaudível. — Por isso foi afastado, para que os ingleses pudessem cumprir essa promessa contra o seu desejo.

— Que é que você está dizendo? — gemeu o marquês.

Mas Arsène estava andando de cima para baixo, batendo com as mãos uma na outra, exultante.

— É a guerra — disse, incapaz de se controlar. — Até a morte! A guerra chegou. Que venha! Estamos prontos.

A porta abriu-se e Clarisse entrou* rindo. A cor voltara-lhe ao rosto bonito. Correu para o desesperado marquês, pôs-se na ponta dos pés e beijou-o ardorosamente. Ele Olhou para ela sem a ver, esforçando-se por sorrir. Abraçou-a, mas sem saber o que fazia.

Clarisse olhou em volta, rindo e procurando Arsène. Mas ele desaparecera. Ela queixou-se, libertando-se do abraço do marquês.

— Já desapareceu de novo, o meu amável marido! — falou, rompendo a chorar. —• Oh, meu caro marquês, pensei que, quando regressássemos a Paris, a estranha doença que o afeta desaparecesse e ele voltasse a ser o meu marido! Mas vejo que estou condenada ao abandono!

O marquês fê-la sentar-se. O seu rosto estava cor de cinza, por baixo do ruge. Começou a interrogar a chorosa jovem. À medida que ela ia falando, ele ouvia com mais atenção e crescente desânimo.

Arsène desceu correndo os degraus de mármore da escada. O retrato do avô parecia olhar para ele com insistência. Parou a contemplá-lo. Tinha agora uma nova significação para ele, como se lhe quisesse transmitir uma mensagem. Enquanto fitava os olhos do quadro, ora tão cheios de vida e significado, Pierre, seu valet, ajustava-lhe a capa.

— Pierre — perguntou, de repente, Arsène —, eu me pareço com o meu avô? Olhe bem e me diga, sinceramente.

Pierre examinou obedientemente o retrato-e depois olhou bem para o patrão.

— No retrato não se vê tanta impaciência, monsieur. Mas seu avô era bem mais velho quando o quadro foi pintado, e dizem que a impaciência diminui com a idade, que é substituída pela sabedoria.

Arsène riu e continuou a descer a escada. Estava chegando ao andar térreo, quando o Conde de Vitry entrou.

O jovem conde estava mortalmente pálido. Ao ver Arsène, sorriu tristemente. Os dois se abraçaram.

—•Recebi o seu recado, dizendo que tinha voltado e queria me ver esta noite mesmo — murmurou Paul —, embora me parecesse que você achasse que eu não estava em Paris.

Ofegava, como se tivesse um peso no peito. Arsène pressentiu que ele tinha vindo anunciar-lhe uma calamidade. Conduziu o amigo ao grande salão vazio, onde os espelhos que forravam as paredes lhes reproduziam, vezes sem conta, a imagem. Agora que a saison de festas estava suspensa, as cadeiras douradas, as mesinhas de mármore e as belas estátuas, nos seus nichos, estavam envoltas em lençóis de

linho, enquanto que os cortinados cerrados mergulhavam o salão em penumbra.

Arsène começou a se dar conta da gravidade da ocasião, que fizera com que o jovem conde, tido como altamente suspeito, o procurasse à luz do dia. Era sinal de que ele tinha uma notícia horrível, que não podia esperar. Arsène achou que já sabia qual a notícia, e disse em voz baixa.

— Já sei, Paul. Foi Buckingham. Meu pai me contou.

O rosto de Paul mudou de expressão e ele abanou a cabeça.

— Isso já seria bastante mau, pardieul Soube há uns dois dias atrás. Mas a notícia que eu tenho para lhe dar é ainda pior.

E Arsène notou que os olhos do amigo estavam vermelhos de tanto chorar.

Antes que ele pudesse falar, Paul murmurou:

— Trouxe alguém comigo. Ficou junto à entrada dos criados. Mande buscá-lo.

Arsène fez sinal para o seu valet, de plantão na porta. Pierre obedeceu imediatamente, mas o seu olhar ansioso, de camponês, fixou-se em Paul, a quem adorava, e de quem também estava acostumado a receber ordens, na qualidade de líder de Les Blanches.

Paul murmurou-lhe algo ao ouvido e Pierre disparou como uma flecha. Depois, de Vitry voltou-se para Arsène e, apesar da dor quê sentia, procurou sorrir.

— Ah, como é bom voltar a vê-lo, mon chery — disse ele, na sua voz bondosa.

Arsène, que temia a notícia, perguntou:

— Não recebeu o meu recado, Paul? Como é que você está aqui?

Paul ficou surpreso.

— Recado? Que recado? Não recebi nenhum recado.

Arsène pegou-o pelo braço, com um gesto urgente e olhos brilhando.

— Então, o que suspeitei era verdade! O recado não lhe chegou às mãos. E você voltou a Paris!

Antes que Paul pudesse responder, Pierre entrou, com um homem alto, de meia-idade, embrulhado numa capa, apesar do calor que fazia, o chapéu empoeirado puxado para a testa. Tinha um rosto pálido e magro, e a palidez era acentuada por um bigode preto e olhos também negros. Parecia ter cavalgado durante muito tempo, tocado pelo desespero. Arsène nunca o vira. Olhou para ele, franzindo a testa, mesmo quando Paul lhe puxou pela mão e o chamou urgentemente de lado. As lágrimas rolavam agora pelas faces de Paul, e Arsène, incapaz de se conter por mais tempo, perguntou:

— É o Duque...?

— Shh! — sussurrou Paul.

Olhou para Pierre e depois para o desconhecido.

— Sim, é o duque. O seu corpo foi encontrado, junto com os dos seus companheiros. Num fosso. Perto de St. Omer.

Após um momento de choque, Arsène exclamou, em desespero:

— Não é possível! Não acredito! Quem ousaria atacar o Duque de Tremblant? — Agarrou Paul pelos ombros e sacudiu-o, desesperado. — Não é verdade! Se ele tivesse sido encontrado assim eu teria sabido. Madame de Tremblant disse-me, esta manhã, que não havia notícias!

— Escute — disse Paul calmamente, fitando o amigo com olhos graves e úmidos. — É verdade. Madame de Tremblant não foi informada, porque a notícia só agora chegou a Paris. Mas eu soube ontem à noite, através de um mensageiro especial. Além disso, este cavalheiro me contou tudo com detalhes.

E indicou o desconhecido.

Este inclinou a cabeça e retorceu as mãos, num paroxismo de angústia.

— A notícia que acaba de chegar a Paris é que o duque e seus companheiros foram atacados por

bandoleiros. Seus bolsos e suas bolsas foram revirados e saqueados, para dar crédito a esse boato. Essa é a notícia que todo mundo aceitará. Mas não é a verdade, Arsène.

Paul falava numa voz cheia de dor.

Voltando-se para o mensageiro, disselhe:

— Fale, monsieur.

Chocado e incrédulo, Arsène fixou no desconhecido o olhar desvairado. O homem começou a falar numa voz trêmula e sombria:

— Meu nome é Eduard de Brisson e sou natural de Sedan, monsieur. Sou subcomandante da guarda de Monsieur le Duc de Bouillon.

Os lábios ressequidos de Arsène entreabriram-se, mas nenhum som saiu deles. Tampouco sentiu a mão de Paul no seu braço, contendo-o.

De Brisson suspirou e passou a mão pelos olhos.

— Monsieur le Duc me ofereceu esse posto. Devo explicar, messieurs, que eu costumava acompanhar o duque nas suas excursões, como aquela à qual vocês estiveram presentes, em casa de Monsieur le Duc de Rohan. Foi assim que fiquei conhecendo o Conde de Vitry e a você, Monsieur de Richepin.

Fez uma pausa. Arsène avançou para ele.

— Continue! — gritou, ameaçador.

Mas o desconhecido não recuou. Deitou a Arsène um olhar sombrio.

— Monsieur le Duc confiava em mim como em poucos outros. Fui seu ordenança na Academia de Pluvenal. Acompanhei-o sempre. Também sou huguenote. Não me sinto traidor por ter vindo falar com Monsieur le Comte. Foi o duque quem nos traiu.

— Continue! — exclamou Arsène, fechando o rosto.

— Tenha paciência — disse Paul.

De Brisson suspirou novamente e começou a chorar.

— Numa noite destas, o duque mandou-me chamar e disse: “De Brisson, tenho uma missão para você. La Rochelle vai ser atacada e Sedan também. Nossa única esperança está nos nossos amigos protestantes ingleses, no Duque de Buckingham. Foram enviados mensageiros para implorar-lhe ajuda imediata, que nos evite cair nos mãos da maldita Igreja de Roma. Mas, daqui a duas noites, outros mensageiros partirão a cavalo até Amiens, de onde embarcarão para a Inglaterra. São emissários de uma certa dama...”

De Brisson fez nova pausa e prosseguiu, com voz sumida:

— “Esses mensageiros levam um recado dessa dama para Buckingham, ordenando-lhe que não nos dê ajuda. Ele é um homem fraco e apaixonado, que lhe vai obedecer, pois ela lhe promete tudo. Esses homens não devem chegar ao seu destino, porque, se chegarem, todos nós morreremos, e o protestantismo será para sempre destruído na França.”

Retorceu febrilmente as mãos e deitou-lhes um olhar desvairado.

— O duque sabia com quem falava, messieurs, pois meus pais foram mortos em La Rochelle, assassinados pelos diabólicos sicários de Roma. Compreenderão, portanto, a razão do meu ódio e do meu desejo de vingança. Quando o duque me disse aquilo, sabia que eu obedeceria de bom grado. Escolhi alguns homens, e o duque me deu instruções detalhadas para uma certa noite. Ele mesmo nos levaria até St. Omer, e de lá nós iríamos a cavalo...

— Não! Não! É uma loucura! Não acredito! — gritou Arsène, voltando-se para o amigo.

Mas Paul encarou-o com gravidade e indicou-lhe, com um movimento de cabeça, que ouvisse o que de Brisson, chorando copiosamente, tinha a contar.

— Em St. Omer — continuou de Brisson, com voz trêmula e estrangulada — juntou-se a nós um grupo

de doze homens. O duque disse que eram assassinos contratados por ele e que eu não devia falar com eles mais do que o necessário, a fim de proteger a nossa identidade. Eu os chefiaria.

Arsène ouviu, como que num pesadelo, o horrível relato da emboscada e da matança. A voz de de Brisson parecia vir de muito longe. Estremeceu e teve a impressão de que ia desmaiar. Um frio de morte paralisou-lhe o corpo.

— Não distingui os rostos do Duque de Tremblant e dos seus companheiros — disse de Brisson, num murmúrio quase inaudível. — Só depois de ele estar morto e um dos assassinos lhe chutar o rosto, exclamando: “porco huguenote!” é que tive o primeiro pressentimento. Aproximei uma tocha e reconheci o duque.

Ficou um momento sem poder falar e depois continuou, na mesma voz rouca:

— Nenhum dos meus colegas ouvira aquela exclamação, só eu. E mal pude acreditar, messieurs. Mas, depois que o duque e seus companheiros já tinham sido atirados num fosso e enterrados, interroguei o homem que fizera essa exclamação, rezando para ter ouvido mal.

Continuou, retorcendo as mãos, em desespero:

— Escolhi um momento oportuno para interrogar o homem que falara aquilo, um feroz aventureiro, que comentava, com os companheiros, sobre a bela recompensa que iriam receber pelo trabalho daquela noite. Ele não se fez de rogado. Disse não conhecer a identidade do Duque de Bouillon, a quem fora enviado por uma pessoa cujo nome não podia revelar. Mas acreditava que o duque fosse um nobre católico, a serviço do rei e de Richelieu. Tinham-lhe dito que o Duque de Tremblant e seus companheiros eram huguenotes que conspiravam contra o rei e o Cardeal e que, por isso, tinham de ser eliminados.

Dirigiu-se aos dois amigos, com os olhos marejados de lágrimas:

— Não podem fazer ideia, messieurs, de que eu senti ao ouvir aquilo. Não ousei dizer nada aos meus amigos, com medo de que se lançassem sobre aqueles malvados e os matassem. Temia pelas vidas deles. Levaja-os a tomar parte naquela horrível aventura, a que eles se tinham prestado, movidos pela sua fé de huguenotes. E agora eles tinham matado o seu melhor amigo e a sua comitiva. Já fora difícil conter-lhes a indignação, ao verem os criminosos revistar e roubar os pertences dos mortos.

Arsène gemeu e cobriu o rosto com as mãos, mal sentindo Paul levá-lo para uma das cadeiras protegidas por lençóis e fazê-lo sentar. A raiva, a dor e o desespero dilaceravam-lhe o coração. Quando, finalmente, ergueu a cabeça viu que ele e Paul estavam sozinhos. O amigo estava ajoelhado a seu lado, cheio de compaixão e sofrimento. Arsène deixou cair a cabeça no ombro do amigo e chorou abertamente.

Por fim, exclamou, numa voz alterada:

— Precisamos nos vingar! O duque tem que ser vingado!

— Sim — disse Paul, numa voz calma e estranha. — Ele tem que ser vingado. Mas, antes de mais nada, temos que pensar no que devemos fazer. Já estamos atrasados. Os inimigos não perdem tempo. La Rochelle vai ser atacada a qualquer momento. Já despachei um mensageiro para o Duque de Rohan, em La Rochelle, contando-lhe esses fatos e a morte do nosso querido Duque de Tremblant. Dentro de alguns dias, deveremos ir pessoalmente a La Rochelle, ajudar os nossos amigos.

Levantou-se. Seu rosto estava muito grave. Olhou em frente e falou, como que para si mesmo:

— Não entendo. Pensei que todos os homens fossem leais a alguma coisa. Pensei que em cada homem, por mais baixo que fosse, houvesse um resquício de decência, alguma devoção, alguma integridade. Mas no Duque de Bouillon não existe nenhuma dessas coisas. Se ele é assim, quantos não haverá, como ele, no mundo?

Suspirou repetidamente, como se o seu coração não aguentasse o peso da dor.

— Se ele, um huguenote, poderoso e determinado, é capaz de trair, em quem confiar? Se é capaz de matar um amigo, por motivos inexplicáveis, como pode um homem andar sossegado, sem suspeitar de

traição?

Mas para Arsène tudo aquilo eram divagações. Sua natureza, mais volúvel e violenta, via as coisas com maior clareza. Para ele, bastava que o Duque de Tremblant tivesse sido morto pelo Duque de Bouillon. Não queria saber de motivos obscuros. O fato era esse e precisava ser vingado.

Esqueceu a dor que sentia, na sua ânsia de vingança. As lágrimas secaram-lhe nas faces. Seu rosto fechou-se. As ideias tumultuavam-se na sua cabeça e ele disse, em voz alta:

— O Cardeal odeia de Bouillon. Amava de Tremblant. Acho que ele devia saber que de Tremblant ia fazer aquela viagem e tentou evitá-la. Lembro-me de que não queria deixar o duque a sós, na noite do baile. Terá agora uma dupla oportunidade de vingar a morte do amigo e destruir de Bouillon. Vou imediatamente falar com ele.

Paul ouviu tudo aquilo em silêncio. Parecia mergulhado nos seus próprios pensamentos.

Arsène levantou-se, imbuído de uma determinação inexorável, que lhe punha um sorriso feroz nos lábios.

— Espere — disse Paul, pousando a mão no braço do amigo.

Afastou-se de Arsène e levou as mãos ao rosto. Arsène começou a falar com impaciência, imbuído como estava de sede de vingança, mas algo na atitude do amigo o deteve. Quando, passado um longo momento, Paul tirou as mãos do rosto, a sua expressão estava abalada e a tragédia brilhava-lhe nos olhos.

— Serei idiota? — perguntou, com súbita e inesperada paixão. — Terei sonhado um mundo em que os homens eram naturalmente bons e decentes? Estarei enganado? Terei vivido em meio a uma névoa rosada e sem substância? Se assim for, como poderei continuar vivendo? Como posso existir, sabendo que todos os homens são maus, assassinos, canalhas, traidores e avaros?

Pegou nos braços de Arsène e sacudiu-o, numa espécie de histeria trágica.

— Arsène, eu lhe asseguro que não posso viver num tal mundo!

Alarmado, Arsène buscou palavras, mas todas as que lhe vieram à mente eram cínicas. Não podia suportar o ar desvairado do amigo. Por fim, disse:

— Por que ir de extremo a extremo, Paul? Por que não compreender que a maioria dos homens não é boa nem má? Essa é a sua tragédia, acreditar na bondade pura.

— Você está matando as minhas ilusões — murmurou Paul, por entre os lábios brancos, e os seus olhos eram os de um moribundo, suplicando uma última esperança.

De mistura com o seu sofrimento e o seu amor por Paul, Arsène sentiu uma certa impaciência.

— Paul, você não entende! Neste momento, posso lhe garantir que não sei de nada capaz de me levar a traí-lo. Mas como posso prever o futuro? Antes de ter mandado matar de Tremblant, talvez de Bouillon se tivesse julgado incapaz de trair. O homem é sempre vítima das circunstâncias. Mas você, meu caro visionário, quer que os homens sejam superiores às circunstâncias. É um dos poucos com essa capacidade. Quem sabe? Procure reconciliar-se com os diversos aspectos da realidade.. .

— Não posso continuar a viver — repetiu Paul, passando a mão pelo rosto como que para afastar dele a agonia.

— Jesus não esperava demasiado dos homens — lembrou Arsène, espantado com a estranha inspiração que tivera. — Não estará você sendo presunçoso, ao esperar mais do que Ele?

— Neste novo mundo, verei realmente a realidade? — perguntou Paul, numa voz débil.

— Temos que agir dentro do contexto dessa realidade — retrucou Arsène, impressionado com a palidez do amigo. — Temos que fazer o que pudermos. Quem sabe se não ajudaremos a criar um mundo maior e melhor? Quer mudá-lo da noite para o dia, seu impaciente?

— Em quem posso confiar? — perguntou Paul, numa voz de moribundo.

— Confie em mim, até onde as minhas fraquezas lhe permitirem — disse Arsène, quase chorando. — Não espere demasiado de mim. Farei o que puder. Faça concessões às minhas falhas de homem e às falhas dos outros. Não sou nenhum anjo, e nem, graças a Deus, um demônio. Mas talvez chegue um momento em que eu me transforme num demônio. Se isso acontecer, não se esqueça de que eu já mostrei que fui homem.

Ao ouvir aquilo, Paul sorriu tristemente. Arsène sentiu que nunca mais o amigo seria feliz, que tudo o que ele fizesse, dali para a frente, seria ditado pela mente e não pelo coração. Era como se uma virtude pura o houvesse abandonado, e um eterno desespero tivesse tomado conta dele para sempre.

Nesse momento, Arsène distinguiu um vulto parado junto à porta distante. Era Louis, majestoso na sua batina negra, a luz suave formando como que uma auréola em volta da sua cabeça loura e orgulhosa.

● Capítulo XXXIV

Devido à penumbra que reinava no salão e também à sua vista não muito boa, Louis de Richepin não se apercebeu logo da presença de Paul de Vitry e entrou no salão com o seu passo majestoso, olhando penetrantemente para o irmão.

— Ouvi dizer que você tinha voltado, Arsène — disse ele, na sua voz fria —, e vim dar as boas-vindas a você e a madame.

Mas logo se deu conta de que a pessoa que estava perto do irmão não era uma mulher e muito menos Madame de Richepin. Mais do que isso, reconheceu o jovem conde, por quem nutria a maior inimizade e aversão. Raramente se encontravam em Paris, mas, quando isso acontecia, Louis demonstrava o quanto detestava o amigo do irmão sem a menor sutileza ou sombra de polidez, para divertimento dos espectadores. Por seu lado, Paul traía apenas um leve embaraço e geralmente se afastava, educadamente, de perto de quem lhe manifestava tanta antipatia.

Louis estacou abruptamente no meio do salão, e nessa sua atitude havia algo de ridículo, pois empalideceu e os seus olhos fixaram-se em Paul, como se ele fosse um monstro, um malfeitor, um traidor e um assassino, tamanho o ódio e a raiva do olhar que lhe lançou.

Arrasado pelas emoções que o acometiam, Arsène olhou para Louis com a maior das impaciências. Retrucou apressadamente às boas-vindas do irmão, dando-lhe a entender, por todas as maneiras, desejar que ele fosse embora. Mas Louis, respirando com força através das narinas distendidas, não tinha essa intenção. Ignorou Arsène e pareceu olhar apenas para o conde.

— Acha necessário invadir esta casa logo no dia em que o meu irmão regressa a ela, monsieur? — perguntou ele.

— Vá embora e deixe-nos em paz! — exclamou Arsène, demasiado excitado para se ofender. — Será que você não entende que estamos tratando de coisas importantes?

Mas Louis fingiu não ouvir e disse, numa voz rouca:

— Sou forçado a lhe pedir que se retire imediatamente da casa do meu pai, Monsieur le Comte.

Paul, apesar de toda a sua bondade natural, não era um santo. O orgulhoso sangue dos seus antepassados subiu-lhe à cabeça, diante daqueles insultos, e a sua mão, mais acostumada a apertar outras, em sinal de amizade, procurou o punho da sua espada e agarrou-o.

— Monsenhor — replicou ele, calma e lentamente —, não lhe pedi permissão para visitar o meu amigo, nem darei ouvidos à sua falta de cortesia e às suas palavras vulgares. Arsène pediu-lhe que se retirasse. Peço-lhe que acate o seu pedido, pois temos assuntos importantes a discutir.

Apesar da calma da sua voz, percebia-se nela um frio desprezo, e os seus olhos cinzentos dardejavam.

Arsène, cuja mente só podia dar atenção a uma coisa de cada vez, de repente se deu conta do que estava acontecendo entre Paul e Louis, e ficou furioso. Enquanto procurava palavras apropriadamente contundentes, Louis, sempre fingindo ignorá-lo, olhava para o conde com fúria crescente.

— Os assuntos importantes aos quais o senhor se refere, Monsieur le Comte, dizem respeito a traição, desordem, blasfêmia e revolta. O senhor não trouxe nada a esta casa que não fosse desunião, discussões e perigos. Dividiu uma família, colocou um dos seus membros em risco e provocou infelicidade e discórdia entre um pai e seu filho. Sou padre, mas sinto vontade de esquecer as minhas ordens e tomar uma atitude sumária contra o senhor.

Arsène ouviu tudo aquilo com uma expressão de incredulidade. Mas Paul sorriu amargamente e, sem largar a empunhadura da espada, retrucou:

— Não me digno responder às suas impensadas acusações, mas, se preferir discutir isso numa destas manhãs, e de maneira mais peremptória, estou às suas ordens.

Recuperando finalmente a voz, Arsène gritou para o irmão:

— Morbleu, seu imbecil! Por que você tinha de vir aqui com as suas loucuras? Como ousa se intrometer na nossa conversa? Peço-lhe de novo que se retire, se não quiser que o expulse com as minhas próprias mãos!

Louis olhou para ele com ar malévolo.

— Todos os apelos que eu lhe fiz esbarraram na sua teimosia. Você insiste na sua criminosa estupidez. Está levando as suas ações até as últimas consequências, o que só pode resultar na sua destruição, em angústia para o nosso pai e em sofrimento para a sua esposa. Você se associou a traidores como esse aí, não por convicção, o que ainda se poderia entender, e sim por amor à aventura, à confusão e à violência.

Apontou para Paul e continuou a falar com o irmão:

— Esse homem seduziu a pouca inteligência que você possuía e só pode levá-lo a um fim: à força ou ao machado. Está penetrado da maldade de Satã, e o seu interesse é levar vítimas, como você, a um fim preconcebido. Protesto contra a presença dele nesta casa e tenho meios de tornar esse meu protesto mais peremptório. Agora, peço-lhe que o mande embora e não se engane quanto às minhas intenções.

A voz dele, ao falar com o irmão, estava cheia do ódio e do desprezo que sentia por Arsène, do ciúme e do veneno inerentes à sua própria natureza. Mesmo nos piores momentos, Arsène nunca vira o irmão com aquela cara, nem lhe ouvira uma voz daquelas. Ficou um momento desconcertado, como qualquer homem são diante de um louco. Depois, a raiva tomou de novo conta dele; avançou, ameaçador para o irmão, pois se sentia tremendamente ofendido com os comentários sobre a sua inteligência:

— A menos que você peça desculpas ao meu amigo e se retire imediatamente, tomarei a meu cargo retificar a qualquer custo os seus insultos!

Esqueceu a compaixão que sentia por Louis e a sua nova compreensão das reações humanas, e o ódio coloriu-lhe as palavras:

— Você está cheio de veneno porque não possui uma mulher, porque fixou o seu pervertido amor numa mulher que merecidamente o despreza e sempre o desprezou! Não lhe agradam estes comentários, Monsenhor? Vejo que você está pálido, que estremeceu. Não sabia que eu conhecia o seu segredo? Pois fique sabendo que conheço, seu padeco venenoso! Volte para o seu claustro, para o seu amo e as suas intrigas, e deixe os homens honestos entregues aos seus pensamentos e aos seus interesses. Se você se intrometer de novo, juro por Deus que não me responsabilizarei pelos meus atos.

Tomado de náusea e aversão por aquelas palavras, Paul segurou o braço de Arsène, mas este, louco de raiva, soltou-se com violência. Estendeu as mãos para a garganta do irmão, mas Louis não pestanejou nem recuou. Parecia ter crescido, em estatura e atitude ameaçadora, apesar das linhas azuladas em volta dos lábios e dos olhos fundos.

— Espada alguma ficará suja do seu sangue poluído! — gritou Arsène, fora de si por causa do medo que sentia pelo amigo. — Farei o que tiver que ser feito com estas minhas mãos, coisa que há muitos anos venho desejando!

Estava furioso, mas também com medo. Sabia muito bem que Louis fora um dos melhores espadachins da Academia de Pluvenal e sabia também que o homem violento não é o mais perigoso, e sim o homem frio, que pode calcular cada -estocada sem os desvios da paixão. Louis derrotara-o em mais de uma ocasião, durante as aulas de esgrima ou quando se defrontavam para treinar, e Arsène não acreditava que Louis, apesar de padre, tivesse perdido a destreza. Paul, embora também ótimo espadachim, não tinha a frieza e a insensibilidade necessária a um duelo de morte, e Arsène sabia que

Louis percebia isso. Para duelar com sucesso, Paul teria de estar imbuído de indignação. E isso ele nunca se permitiria num duelo com o irmão do seu maior amigo. Durante um longo momento, Arsène contemplou a impotência do homem civilizado. Procurou, portanto, atrair a ira de Louis sobre si mesmo.

Mas Louis sorriu para ele com desdém e afastou-lhe as mãos, tão perto da sua garganta. Os comentários violentos e indiscretos do irmão tinham-no tornado realmente perigoso.

— Seu idiota! — exclamou ele, numa voz baixa e desdenhosa. — Você acreditou, por um momento, que eu o desafiaria? Achou que ousaria tocar-me com um dedo que fosse?

Parecia ter aumentado enormemente de altura. Os seus olhos brilhantes fixaram-se, terríveis, em Arsène. Depois, voltou-se para Paul de Vitry.

— Está vendo a inimizade e o perigo que trouxe para esta casa? Estou pronto a desafiá-lo quando assim desejar, Monsieur le Comte, assim como estou pronto a destruí-lo por meios mais impessoais. Não pense que as suas atividades e traições não foram descobertas. Os seus dias estão contados.

Paul não respondeu. Olhou para o amigo com uma expressão de cansaço e grande tristeza.

Completamente fora de si, Arsène agarrou o cabo da espada. A arma já estava quase fora da bainha, quando Louis lhe segurou o pulso. Seus dedos, frios e fortes como o aço, apertaram a carne de Arsène. Sorriu para o irmão com amargura e depois largou-lhe o pulso, com um gesto de desprezo. Levantou a mão e esbofeteou Arsène com lenta e calculada brutalidade, como se ele fosse urr criado insolente ou uma criança malcriada.

— Quer bancar o Caim comigo, imbecil? — perguntou, com o mesmo sorriso triunfante.

Uma escuridão, salpicada de centelhas, caiu sobre os olhos de Arsène. Ouviu um enorme trovão e sentiu uma mão segurando-lhe o braço. Quando a névoa passou, descobriu que estava sozinho com Paul, e que o amigo lhe falava urgentemente.

Mas ele nem o ouvia. Estava morto de vergonha.

Uma paralisia quase voluptuosa tomou conta dele. Achou que estava morrendo. Não era a primeira vez que sentia ódio, mas nunca daquela maneira. Começou a soluçar, com uma náusea nascida da angústia.

— Um dia eu ainda o mato! — gritou.

Ergueu o punho cerrado e olhou para Paul com uma expressão desvairada.

— Juro, por tudo o que é sagrado, que ainda o matarei!

Paul tinha demasiada experiência de vida para achar que aqui—

Io era simples bravata. Ficou horrorizado. Pegou-lhe na mão erguida, segrou-a na sua e procurou dominar o amigo com o fogo dos seus olhos tranquilos.

— Arsène, por favor, controle-se. Você foi muito insultado e eu também. Esse homem está procurando brigar conosco para nos destruir. Você quer fazer-lhe a vontade? Controle-se, vamos! Temos muita coisa a fazer. Será que o meu último amigo também me vai desapontar? De nenhum outro homem no mundo eu toleraria a infâmia que sofri. Mas existem assuntos que precisam de nós e peço-lhe que não os esqueça. — A voz tremeu-lhe, mas, passado um momento, ele continuou: — Não me atraíoe. Não me abandone. Você me prometeu que não, e eu confio na sua promessa.

A fúria abandonou Arsène, e um frio veio substituir a onda de fogo que antes o invadira. Quando Paul lhe soltou a mão, ele deixou-a pender.

— Enquanto eu não o matar, não terei paz — disse, numa voz tão calma quanto a de Paul. — Juro! Não posso viver com essa vergonha me envenenando. Suportei toda uma existência de insultos e provocações por parte desse maldito e desumano padre. Agora, chegou a hora da retribuição. Más nada farei antes de lhe ter servido, Paul. Essa é a minha palavra. .

Paul suspirou, mas nada disse. Parecia invadido por súbitos e trágicos pensamentos. Quando Arsène,

assustado com o aspecto do amigo, lhe passou a mão pelo ombro, Paul respondeu com um sorriso amargo.

O Cardeal estava sentado na sua poltrona, junto à janela do seu quarto. A batina preta realçava o tom amarelo e cadavérico do seu rosto fino e delicado. Parecia uma efígie de cera; a cabeça aristocrática reclinada nas almofadas púrpuras, franjadas de ouro; as pálpebras arroxeadas; os lábios, pálidos e frágeis, entreabertos. A luz difusa e dourada do sol pairava-lhe sobre as feições rígidas, aumentando-lhe o ar moribundo. As mãos jaziam, imóveis, nos braços da poltrona, tranquilas, pendentes, requintadas na sua beleza marmórea. Nunca ele parecera tão próximo da dissolução, tão exausto, tão doente e, paradoxalmente, tão cheio de poder. Era como se a aproximação da morte só fizesse aumentar as potencialidades daquele homem terrível, contrastando-as com a fragilidade cada vez maior do seu físico. Podia estar prostrado, mas o seu espírito ganhava em força o que o seu corpo perdia em energia. Esse corpo podia sucumbir ao peso da sua alma, mas, através da desintegração da sua carne, brilhava, com mais vigor ainda, a mente que aterrorizava toda a Europa.

O Padre Joseph terminara de falar e sentou-se perto do amigo querido. Suas sobrancelhas acobreadas estavam franzidas na contemplação daquele homem doente e temível, e ele sentiu um misto de medo e sofrimento, junto com o grande respeito que sempre o invadia ao olhar para o Cardeal.

A sombra de uma voz saiu dos lábios do Cardeal, embora ele não se mexesse e nem mesmo abrisse os olhos.

— Quer dizer que Buckingham foi liquidado, para que a conspiração contra a França pudesse prosseguir, com todas as suas implicações?

Meditou sobre aquilo, e um sorriso estranho e sinistro lhe aflorou aos lábios. Padre Joseph percebeu que ele estava pensando na jovem Rainha e no seu desespero, ao saber da morte do amante.

Pelo espaço de um momento, o Padre Joseph suspeitou de que o próprio Cardeal tivesse mandado matar Buckingham. Não é possível!, murmurou o capuchinho para si mesmo, horrorizado. Mas até que ponto ele conhecia aquele homem imprevisível? Seria possível que ele tivesse posto em risco a própria existência da França, só para afastar o homem amado por uma mulher estúpida e insensata, que ele próprio cobiçava? Seria o Cardeal capaz de esquecer a si mesmo, por causa de uma mulher como aquela?

O Cardeal voltou a falar, e a aparência cerúlea do seu rosto aumentou: o

— Mas, mais espantosa ainda é a notícia, que você me traz, do assassinato do Duque de Tremblant, por... salteadores. Ele era meu amigo. Não posso suportar essa notícia.

Os olhos azuis do capuchinho fixaram-se, penetrantes, no rosto austero e fechado que tinha à sua frente. Seriam aquelas palavras hipocrisia? Jamais o Cardeal fora hipócrita com ele. Aquelas palavras encerrariam ironia, esconderiam satisfação? A expressão do Cardeal não mudara, a não ser para se tornar ainda mais abatida e imóvel, como se ele tivesse morrido. A respiração não lhe agitava um pêlo sequer da barba fina e grisalha. As pálpebras ergueram-se, revelando os olhos do Cardeal, úmidos e avermelhados como se tivesse havido uma hemorragia por trás deles e estivessem cegos a tudo, menos ao horror de uma secreta angústia.

— Foi uma infelicidade, mas o homem era inimigo da França — disse o capuchinho, numa voz calma e firme. — É preciso distinguir a mão de Deus no caso. Ele era um homem perigoso. Se foi morto pelos mosquetes e as espadas de salteadores, é mais uma prova de que Deus escreve direito por linhas tortas.

O Cardeal fixou o olhar num ponto distante e [!]èsbò'çou um sorriso terrível. As mãos, pendentes

sobre os braços da poltrona, crispavam-se como se fossem garras. Parecia um cadáver subitamente animado por algum espírito maligno.

— Estive pensando — disse Richelieu, no seu sopro de voz —, se a morte de um homem como de Tremblant não será um preço demasiado alto a pagar pela França.

Apavorado, o capuchinho mordeu os lábios, sentindo o coração bater com mais força. O sorriso do Cardeal aumentou. Parecia olhar para uma terrível visão, surgida do limbo do universo.

— Estou cansado — disse ele. — Estou farto de viver. Gostaria de estar morto.

Padre Joseph levantou-se abruptamente e começou a andar de um lado para o outro do quarto com passos desordenados, passando a mão pelos cabelos de cobre e pela grande barba. Toda a sua atitude era de fúria, mas o Cardeal não parecia vê-lo.

— Deus pôs fim a um dos mais formidáveis inimigos da Igreja — disse o capuchinho, em voz alta, mas abafada. — Não devemos voltar as costas a tão solene fato. Precisamos não esquecer que os huguenotes detêm cidades fortificadas, que a França corre o maior dos perigos. É preciso lembrar que se aproxima a hora terrível, e esquecer tudo o mais. A França vai de novo ser dividida, inundada pelo sangue da guerra civil. Tudo o mais deve ser esquecido, enquanto nos preparamos para defendê-la.

Parou diante do Cardeal, cujo sorriso fixo tinha algo de espectral, como se fosse a careta de um cadáver.

— Será que nada pode evitar o derramamento de sangue francês? — perguntou o capuchinho, sinceramente angustiado, estendendo as mãos como se quisesse captar literalmente a atenção do Cardeal.

— Não há nada que possamos fazer para unir os franceses, huguenotes e católicos, de modo a evitar que a sangueira se espalhe pela França? Não poderemos encontrar um inimigo de fora, um bode expiatório, real ou imaginário, para juntar essas forças opostas e trazer a paz à França? .

O Cardeal não respondeu, o olhar fixo no espaço, e o capuchinho prosseguiu, com mais paixão ainda:

— Não podemos dizer a todos os franceses: “A Inglaterra é nossa inimiga. Apóia os nossos huguenotes para mais facilmente dividir e destruir a França”. É essa a intenção da Inglaterra, mas os huguenotes não querem dar ouvidos. Acima da França está a heresia. Não odeiam o seu inimigo hereditário, que prometeu ajudá-los na lútã contra os outros franceses e contra a Igreja. Não, tem que ser um inimigo mais próximo, uma facção que seja odiada tanto pelos católicos como pelos huguenotes. Tem que ser um inimigo mais fraco, que custe pouco ou quase nenhum sangue francês, mas que sirva para distrair o povo da guerra civil iminente.

— Um inimigo — murmurou o Cardeal — que, exaurindo a sede de sangue de católicos e huguenotes, traga tranquilidade à França e o fim pacífico do protestantismo. É, compreendo isso.

O capuchinho ficou calado. O Cardeal sorriu de novo e olhou para o Padre Joseph, que não conseguiu ler a expressão dos olhos do velho amigo.

— Mas nós não temos mouros — disse Richelieu, com um gesto cansado da mão.

O capuchinho aproximou-se mais e ficou à espera.

— Tem que ser um inimigo inocente e indefeso — continuou o Cardeal e soltou uma risada, ao mesmo tempo leve e terrível.

O capuchinho inclinou-se e murmurou:

— Mas nós não temos judeus.

Richelieu riu ainda mais alto, jogando para trás a cabeça, como se tomado por uma convulsão.

— Só um punhado de judeus! Existem milhares de franceses que nunca viram um judeu! Oh, não duvido da capacidade da Igreja de vestir um miserável judeu com a mais sinistra das roupagens, para tornar impotente um grande e perigoso exército de huguenotes, mesmo aqueles que nunca viram um judeu! Mas haverá judeus suficientes para isso, meu caro Joseph? Haverá bastante judeus na

França para satisfazer o instinto de mandância de cada francês? Ou teremos que importar alguns das Alemanhas, da Espanha, para fim tão nobre?

O rosto do capuchinho fechou-se, e o riso do Cardeal tornou-se quase histérico.

Passado um momento, o Cardeal disse, numa voz normal:

— Mandei construir um molhe atravessando o porto de La Rochelle. A ajuda inglesa está demorando. Quando essa nação monolítica resolver ajudar os seus amigos protestantes (e não é coincidência a ajuda inglesa demorar sempre?), o quebra-mar estará terminado e nenhum navio inglês poderá entrar no porto. Eu próprio pretendo combater contra os rochelenses e destruir para sempre esse antro de poluição.

Parecia subitamente revigorado, e endireitou-se na poltrona com o seu antigo aspecto de vitalidade. O capuchinho, aliviado mas ainda não tranqüilizado, perguntou:

— Mas, e de Bouillon e o seu principado de Sedan? Que faremos, se ele permanecer intransigente e decidir ajudar os huguenotes a se rebelarem em toda a França? Ele é um homem terrível! Não teria sido melhor que ele, e não de Tremblant, houvesse sido morto?

— Ele está aguardando uma audiência neste exato momento — disse o Cardeal.

E pediu a Louis, que acabava de entrar, com seu rosto frio e sombrio, para fazer admitir o Duque de Bouillon.

O duque entrou, tão calmo, formal e alerta como de costume. Seus olhos encontraram os do Cardeal com calculada franqueza, ao mesmo tempo em que ele se curvava diante de Richelieu, cuja mão lânguida beijou com ar de profundo respeito. Seu rosto, belo e frio, transpirava autoconfiança e virilidade.

— O Duque de Buckingham morreu, conforme você deve saber — disse Richelieu.

— Uma calamidade — retrucou o duque, assumindo uma expressão de pena.

— Isso quer dizer que ele não trairá nem ajudará os seus correligionários huguenotes — observou o Cardeal.

O duque inclinou a cabeça, com ar pensativo, mas não comprometido.

— Às vezes me esqueço — continuou o Cardeal, com um sorriso. — Já foi católico, não, Monsieur le Duc? Pensa regressar ao seio da Santa Madre Igreja ou prefere manter o seu poder em Sedan?

O duque ficou alarmado. Não confiava no sorriso e no olhar irônico e penetrante do Cardeal. Sentou-se e não respondeu.

— Talvez valesse a pena pensar num retorno — continuou o Cardeal. — É verdade que teria de se submeter ao trono e à Igreja, perdendo o domínio autocrático sobre Sedan, onde é como um rei. Por outro lado, voltando para a Igreja e trazendo consigo a sua gente, estaria reforçando o poder de Sedan. Teria a autoridade da Igreja a apoiá-lo.

O duque franziu as sobrancelhas finas, e os seus olhos azuis fitaram o Cardeal. O coração batia-lhe com grande rapidez mas ele era um homem corajoso, egocentrista e seguro da própria força. Acabou sorrindo.

— Está pensando em abalar as minhas convicções religiosas, Monsenhor? — perguntou, com brandura.

Após um momento de silêncio, Richelieu devolveu-lhe o sorriso e deu de ombros.

— Presumo, então, que preferes o poder ilimitado que tem sobre Sedan a um poder limitado, concedido pela Igreja. Compreendo-o. Admiro homens poderosos. Apenas não permito que eles me entrem o caminho.

O sorriso desaparecera-lhe, substituído por um ar de candura. O coração do duque pôs-se de novo a bater loucamente e ele empalideceu. Mas o seu olhar era calmo e direto.

O Cardeal levantou as mãos e deixou-as cair sobre os braços da poltrona.

— O Duque de Tremblant, conforme, sem dúvida, você já sabe, foi assassinado. . . por salteadores —

disse Richelieu, com voz triste.

Fez-se silêncio no quarto. O duque remexeu-se na cadeira, mas o seu olhar tornou-se secreto e inflexível.

— Isso é outra calamidade — disse o duque, na sua voz calma e musical.

O seu corpo estava tenso. Apertou os joelhos com as mãos. O Padre Joseph aguardava, ao fundo, como uma fúria cor de fogo.

O Cardeal olhou para o espaço com ar pensativo.

— Eu amava de Tremblant. A sua morte deixa uma ferida profunda no meu coração. Gostaria de poder vingá-lo.

— Um homem poderoso, que lhe “entravava o caminho”? — observou suavemente o duque.

O Cardeal entrelaçou delicadamente os dedos e ficou a contemplá-los.

— É — suspirou, como que mergulhado em pensamentos.

Por fim, pareceu despertar. Lançou a de Bouillon um olhar terrível, mas sorridente.

— Nenhuma ajuda poderá chegar aos rochelenses — disse ele.

— E assim — observou de Bouillon — eles poderão ser derrotados com um mínimo de esforço, e a paz será restaurada.

— Não lamenta a conquista de La Rochelle, sendo você mesmo huguenote?

O duque ficou calado. Não tinha a certeza do objetivo daquela conversa, mas sentiu medo. Por fim, disse:

— Antes de mais nada, sou francês. Nunca desejaria uma guerra civil.

O Cardeal inclinou-se para ele, os olhos brilhantes e ameaçadores,

— Pensa, talvez, poder solicitar agora uma ajuda total dos ingleses, já que os rochelenses não mais precisarão dela?

Ao ouvir essas palavras, o duque soergueu-se da poltrona, agarrando-se aos seus braços para não cair. Deixou-se afundar de novo na poltrona e murmurou, por entre os lábios muito brancos:

— Já disse que não desejo a guerra civil.

Sua cabeça parecia estalar. Não obstante, continuou a encarar o Cardeal com ódio e expressão ameaçadora.

O Cardeal inclinou a cabeça e sorriu suavemente:

— Diz-se por aí que Monsieur le Duc não é um verdadeiro francês, que não tem amor pela França, apenas por si mesmo. Será isso uma calúnia, monsieur?

— É uma calúnia — respondeu o duque com voz firme e olhar ainda mais ameaçador.

— Ah! — murmurou o Cardeal. — Isso tira-me um peso de cima.

O duque não retrucou, mas a sua mão procurou instintivamente o punho da espada. Richelieu notou-lhe o gesto, e o seu sorriso aumentou. Estava agora excitado, cheio de ódio e poder.

— Tenho uma sugestão para lhe fazer — disse ele, ainda num tom de voz pensativo. — Sugiro que Monsieur le Duc saia imediatamente de Paris e volte para Sedan. Sugiro que despache os emissários ingleses que o esperam no seu château de Sedan e lhes diga que não quer a ajuda deles, que decidiu não erguer a mão contra a França.

O sangue subiu às faces de de Bouillon. Parecia não poder respirar, como se estivesse itt extremis. Olhou para o Cardeal como uma serpente venenosa, despertada do seu sono para matar. Mas Richelieu não deu mostras de estar afetado pela extraordinária alteração que se processara no magnata. Continuou a murmurar, como se refletisse:

— Sugiro que Monsieur le Duc, após se retirar para Sedan, desista de conspirar, que administre a sua província em paz e obscuridade, que evite toda e qualquer ação, aberta ou escondida, contra o Estado.

Sugiro que se liberte das suas ambições, que tomaram sua alma como um bando de diabos.

Ergueu um pouco a voz:

— Por outras palavras, sugiro que monsieur se exile imediatamente e não tenha mais contatos com os ingleses.

O duque pôs-se de pé com o cenho carregado e os olhos dar-dejantes. Via-se que estava fora de si.

— E — perguntou ele, quase gritando —, se eu não seguir as suas sugestões?

O Cardeal estendeu a mão para uma mesa próxima e levantou uma folha de papel, que contemplou com visível prazer, murmurando para si mesmo e assentindo com a cabeça. Por fim, olhou para de Bouillon.

— Tenho aqui uma dupla ordem de prisão. A primeira, pelo assassinato do Duque de Tremblant, muito amado do povo da França, e a segunda, por conspiração contra o Estado. Desta última acusação, talvez consigam se livrar, após uma longa estada na Bastilha, que, podem estar certos, não é um lugar nada agradável. Mas da primeira não se poderão livrar.

O duque estava louco de raiva. Não conseguiu falar. O sangue arroxeara-lhe o rosto orgulhoso e aristocrático. Ergueu a mão e apontou para o Cardeal.

— Monsenhor, é chegado o momento de falar francamente. Consentiu no afastamento do Duque de Tremblant. Sem o seu consentimento, isto nunca teria acontecido!

O Cardeal não perdeu a calma. Continuou a sorrir.

— Monsieur le Duc terá de provar isso e verá que é impossível. Mas eu tenho uma testemunha que pode provar que o duque foi morto por sua ordem. Essa testemunha foi ontem trazida à minha presença.

O duque agarrou-se às costas da poltrona, para não cair.

— Não houve testemunhas! — exclamou.

— Desgraçadamente para você, houve. Monsieur le Duc revelou-se infeliz na escolha dos assassinos. Parece que eles falaram demais com alguém que lhe era dedicado.

Com expressão assustada, o duque repassou mentalmente uma lista de nomes. De repente, estremeceu, recordando que havia dias não via de Brisson, o homem em quem mais confiava. Não se preocupara, pensando que de Brisson andasse atrás de alguma soubrette. Mas agora lembrava-se do rosto alterado do homem, dos seus silêncios, da sua palidez. Cerrou os punhos.

— Não é possível! — murmurou.

— A testemunha — disse o Cardeal, suavemente — está em lugar seguro. Não tente descobri-lo e matá-lo, meu caro duque. Ele já prestou depoimento. Contou toda a história a cavalheiros da maior confiança e, depois a mim, também na presença de testemunhas. O dossiê está num lugar fora do seu alcance. Quem o leu mal pôde acreditar.

O duque compreendeu que era o fim das suas ambições. Olhou, impotente, para o Cardeal.

— Não tenho a certeza de que monsieur seguirá fielmente as minhas sugestões. Seria, porém, uma pena se não as seguisse. Entrementes, uma demora por parte de monsieur será de grande ajuda para nós.

Fez uma pausa, recostou-se na poltrona e fechou os olhos.

— Isso é tudo.

Quase cambaleando, apesar dos esforços para se controlar, o duque saiu dos aposentos do Cardeal. Só quando entrou no seu hotel é que deu largas à sua frustração, ao seu ódio e ao seu desespero.

Um mal estranho tomara conta de Louis de Richepin, como se fosse uma pestilência da mente. O seu exterior frio e fleumático sempre fora um invólucro glacial, debaixo do qual se ocultavam paixões violentas e desordenadas. Ele sempre fora como um prisioneiro por trás de paredes silenciosas e cobertas de gelo. Há homens que nascem para a solidão e há os que são condenados a ela, seja por circunstâncias adversas, seja pela sua própria natureza. Louis de Richepin era uma curiosa vítima de ambas as alternativas. Vaidoso, orgulhoso e altaneiro, sofria as consequências desses defeitos sobre um temperamento ultra-sensível e desconfiado. As suas atitudes eram revoltantes, provocavam raiva, quando não intimidavam. O observador pouco atento não ouvia o gemido por trás das palavras medidas e frias, nem via a mão estendida por trás dos olhos indiferentes. Ninguém suspeitava que o temor de ser repellido, uma espantosa falta de compreensão dos outros homens e um medo horrível fossem as pedras do muro que o separava da humanidade.

Cumpria os seus deveres com a meticulosidade de sempre, falava como de costume, movia-se como de hábito. Mas nada vibrava dentro dele, daquela sepultura negra e vazia, que dia a dia ficava mais funda e larga, à medida que as lavas no seu interior esfriavam e se transformavam em cinzas. Sem nunca ter procurado a companhia dos outros, apesar de ser isso o que mais desejava, evitava agora ao máximo qualquer contato com outros homens. Antes, deleitara-se em discutir sobre assuntos da Igreja com o Cardeal e outros eruditos jesuítas. Agora, no meio dessas discussões, uma náusea lhe subia pela garganta, obrigando-o a fugir para não vomitar. Não ia mais ao Bois de Boulogne para ver Marguerite de Tremblant, pois da última vez a náusea fora tão forte, que ele tivera de deixá-la sem mais nem menos.

Ninguém teria suspeitado, ou se importado, de que outrora ele houvesse sentido uma alegria pura na mais simples das manifestações da natureza, que uma brisa perfumada tivesse tido o poder de mergulhá-lo num tímido êxtase, que muitas vezes a mera passagem de uma nuvem prateada pela face da lua lhe trouxesse lágrimas aos olhos. E ninguém sabia que ele podia contemplar todas as coisas belas com os olhos vidrados de um morto, sem que o seu coração reagisse. O prisioneiro sob a concha de gelo estava morrendo. Não mais implorava ou pedia socorro, nem se importava se o socorro viria ou não. As vezes, ficava horas sentado, com a cabeça nas mãos, cômico apenas de uma dor vaga e tão vasta quanto a eternidade.

O cerco de La Rochelle, seu mais caro desejo, ia ter início, seus maiores ódios iam ter vazão. No entanto, não conseguia interessar-se por nada. Havia nele o instinto do animal que morre: arrastar-se para um lugar escuro e solitário e expirar sem ruído. Nas poucas ocasiões em que sentia fúria, era a fúria mecânica de uma tormenta impessoal, ou a explosão de um homem atormentado além do suportável, que ataca cegamente, como um cão ferido morde sem ver a quem.

Passava horas de joelhos, não orando, e sim suportando, os olhos vazios fixos no crucifixo, e da sua alma se evolava a névoa fina das cinzas que sopravam à sua volta. Não recebia consolo e nem o esperava. O vazio aumentava. Ele esquecia-se de tudo.

Por vezes, o terror tomava conta dele, forçando-o a agir e a falar, pois sabia, instintivamente, que a sua carne acabaria ultrapassando os limites do suportável e ela enlouqueceria ou morreria. Mas esses esforços para galgar a longa vertente em direção à luz o exauriam. Por fim, não se importava mais em atingir, ou não, a luz.

Paris inteira estava agora convulsionada pela trágica e misteriosa morte do Duque de Tremblant. O seu corpo fora levado de volta a casa, e ele fora enterrado ao lado dos seus ilustres antepassados.

Madame de Tremblant estava arrasada, mas não chorava. As filhas ajoelharam-se em volta dela, soluçando, na penumbra azulada de Notre Dame, mas ela ficara olhando em frente, com os olhos secos. A grande catedral estava superlotada. Louis de Richepin não assistira a nenhuma das missas por alma do falecido.

Algumas semanas mais tarde, porém, sentira-se tomado por um impulso irresistível e escrevera uma carta a Marguerite de Tremblant, a quem não via fazia já bastante tempo. Uma carta fria mas incoerente, na qual expressava pesar pelo sofrimento dela e a aconselhava a procurar conforto nas consolações espirituais. À medida que escrevia, a incoerência crescia, tornando a letra ilegível. Ao terminar, esquecera-se de que fora a ela que escrevera e ficara a olhar estupidamente para a carta. Seu corpo inteiro tremia e fora obrigado a se jogar na cama e a ficar horas deitado, os olhos fixos na parede.

No dia seguinte, um mensageiro trouxera-lhe a resposta da jovem. Louis revirara-a várias vezes nas mãos, até reunir coragem para abri-la. Só depois de algum tempo é que as palavras dela lhe penetraram na mente.

Marguerite começara a carta sem saudações e terminara sem assinatura:

“Palavras de conforto, quando vindas de um amigo, são sempre recebidas com gratidão. Se esse amigo quiser comparecer num determinado lugar, seu conhecido, hoje à meia-noite, ouvirá pessoalmente a manifestação dessa gratidão e um último adeus”.

Após alguns minutos, o significado e a estranheza daquela missiva penetraram finalmente a consciência perplexa de Louis de Richepin. Sentiu uma vibração erguer-se, lentamente, do vazio do seu ser. Um terror misterioso começou a invadi-lo, junto com outra emoção, que ele julgara para sempre morta. A palavra “adeus” começou a delinear-se na sua mente em letras de fogo.

O terror foi aumentando com o passar do dia. Agora, já não se sentia vazio. Uma enorme inquietação, um pressentimento de agonia o assaltavam. Tudo pareceu escurecer e mudar, diante dos seus olhos. O longo intervalo de silêncio e vácuo em que se debatera ficava para trás dele, como um túnel negro, enquanto ele emergia para a tempestade que se formava. Não sentia senão a presença de Marguerite de Tremblant e exclamou para si mesmo:

— Como é possível que eu a tivesse esquecido, que eu não pensasse nela?

À medida que o pôr-do-sol se aproximava, a sua angústia aumentava. Lembrando-se da horrível agonia das últimas semanas, ele suspeitava, embora vagamente, de que, de alguma maneira, aquilo tivesse a ver com a jovem, que a sua recusa em vê-la se originava no medo, que na sua ausência estava a explicação do seu sofrimento. A intervalos, enquanto esperava pela noite, sentia-se preso de um êxtase que não ousava nomear. Mas o êxtase foi crescendo, alternado com desespero e angústia. Nunca, em toda a sua vida, se tinha confrontado a si mesmo e procurado compreender-se; fechara os olhos diante do espelho implacavelmente colocado à sua frente, temendo enfrentar a verdade. Agora, que a sua carne queimava, que o seu coração, pulsando, bombeava sangue para todas as suas veias e artérias, espalhando por todo o seu corpo um calor desconhecido, ele continuava não querendo compreender ou confessar.

Aquelas horas tormentosas não passariam nunca? Os dias vazios tinham-se escoado como nuvens, sem forma definida, mas agora eram como corredores intermináveis, que ele atravessava correndo, suando e impaciente. A vida estuava nele como unia corrente impetuosa e violenta, cuja forma ele mal podia suportar.

Às onze da noite, estava a postos no lugar onde tantas vezes se encontrara com Marguerite de Tremblant. Ouviu o melancólico ressoar do sino do campanário de St. Cloud, e todas as árvores do Bois pareceram vibrar com ele. O luar era pouco, mas bastava para abrir cavernas fantasmagóricas no bosque e pratear as pontas das árvores, recortando-as contra o negrume do céu. Ouviam-se estranhos ruídos,

murmúrios e respirações arfantes; e sombras informes varriam a terra, da qual vinha um cheiro especial. Louis de Richepin, tremendo, apesar do calor que o invadia, sentia-se sozinho num universo abandonado.

Procurou acalmar-se, sentando-se nas pedras onde ele e Marguerite tantas vezes tinham se encontrado, nas quentes manhãs de verão. Mas as pedras pareceram-lhe em brasa. Pôs-se de pé, andando de um lado para o outro na clareira negra formada pelas árvores circundantes, sentindo as folhas secas estalarem debaixo dos pés e o ar fresco da noite soprar-lhe no rosto quente e atormentado. De vez em quando, gemia baixinho e retorcia as mãos. Agora, as árvores tinham um som fustigante ao vento, e, das profundezas da floresta, chegava o canto de um pássaro melancólico, inquieto e insone. Uma ou duas vezes ele viu os olhos fosforescentes de pequenos animais, contemplando-o dentro da escuridão, e teve a impressão de que o olhavam com maldade. Formas pálidas, semelhantes a aparições, flutuavam através das aleias, e ele estremeceu de medo supersticioso. Paris dormia, atrás dele. Não se ouvia nem o rodar de uma carruagem sobre as ruas empedradas, e nem o ruído dos cascos de um cavalo perturbava aquele silêncio.

À medida que se aproximava a meia-noite, uma horrível agonia tomava conta da sua mente e da sua alma. O sangue latejava-lhe no cérebro, pulsava-lhe com força no coração, fazia os seus joelhos tremerem e o suor brotar-lhe de todos os poros. Sentiu-se arrastado para um clímax desconhecido e terrível. A quietude e a ne-grura à sua volta não o tranquilizavam. Sentia-se como se fosse o coração da floresta, inflamado a ponto de rebentar, capaz de incendiar aquelas árvores frondosas e pressagiadoras.

Não ouviu Marguerite de Tremblant se aproximar, quando as gargantas de ferro de St. Cloud apregoaram meia-noite, mas Louis teve a sensação de não estar só. Viu diante dele uma forma pálida e ovalada, e estacou. A lua saiu de trás de uma nuvem, e ele, aos pálidos raios de luz por ela projetados, distinguiu a silhueta da jovem, avançando para ele, toda vestida de preto, com um véu de luto em volta da cabeça. Parou uns dois passos diante de Louis, e as suas mãos, entrelaçadas, brilhavam como mármore. Ele não lhe podia ver o rosto, mas sentia que o seu tormento estava refletido na expressão e no coração dela, e, quando a agarrou, com um som de estrangulada violência, e a apertou nos braços, foi mais um gesto de compaixão e desespero do que de amor. O coração dele batia contra o dela, na mesma língua de dor e sofrimento, e os braços macios e brancos, em volta do seu pescoço, pareciam pedir socorro.

Unidos no sofrimento, abraçaram-se em meio ao silêncio e à escuridão, calados e desesperados, procurando refúgio um no outro, um lugar onde se esconder e se abrigar das enormidades da vida. Louis curvou a cabeça e comprimiu com os lábios a boca trêmula da jovem, que lhe correspondeu com uma paixão febril. As mãos dela agarraram-lhe o tronco, por baixo das árvores. Ela deixou cair a cabeça no peito dele e começou a soluçar.

Louis ergueu-a nos braços e carregou-a para as pedras, onde se sentaram, bem juntos, a cabeça dela no ombro dele, os braços dele em volta dela.

A angústia começou a ceder, dando lugar a uma lassidão que os impedia de falar. A noite estava cada vez mais escura, e eles ouviam a sua respiração desordenada em meio ao silêncio e às trevas.

— Ah, Louis! — murmurou Marguerite, com voz triste e quase inaudível. — Temos que dizer adeus. Nem eu própria sei por que choro. Mas amanhã parto para o convento de Amiens, onde a minha tia é abadessa. Beije-me, Louis. Abrace-me. Faça-me esquecer tudo, por esta noite ao menos.

Ele beijou-a de novo e provou as lágrimas que lhe escorriam dos olhos. Abraçou-a como se ela estivesse se afogando, e uma ferida sangrenta se abriu no seu coração.

— Não — disse ele, por fim. — Você não pode me deixar, Marguerite.

Ouviu as próprias palavras e sentiu-se tomado de horror. Repetiu-as mentalmente e disse, em voz alta:

— Sou padre.

Ela levou-lhe uma das mãos geladas aos lábios, como se para lhe abafar os soluços. Louis beijou-lhe o cabelo através do véu e puxou-a para ele, soluçando também, mas sem lágrimas, como se não pudesse suportar o sofrimento que sentia.

De repente, a tortura e o vazio de sua vida surgiram diante dele em visões iluminadas pelo fogo do inferno. De repente, todas as horas terríveis de dúvida, ódio, fúria, loucura, solidão e desejo se juntaram numa conflagração devoradora. Sentiu-se morrer. Caiu de joelhos diante da jovem. Encostou a cabeça no seu colo, sentindo-lhe o calor das coxas sob a face. Abraçou-a desesperadamente. Por um instante, as mãos dela seguraram-lhe a cabeça, como que a puxá-la para ela, e depois deixaram-na cair, enquanto Marguerite fitava, imóvel e calada, a escuridão.

Louis começou a falar, numa voz rouca e entrecortada, a cabeça rolando, de um lado para o outro, no colo dela:

— Tenha pena de mim, Marguerite! Você sabe que a amo, não? Temos nos encontrado aqui, e para mim tem sido um sonho. Para você, o que tem sido? Nada, eu sei. Mas esses encontros têm me dado felicidade. Sabe que eu nunca fui feliz, Marguerite? Sabe que nunca houve nada para mim no mundo, em todos estes anos, senão desejo e dor, solidão e tristeza, dúvida e medo? Quem ligou para mim, senão você?

— Sabe por que me tornei padre, minha querida? Nunca tive coragem de procurar saber, até agora! Procurava paz na Igreja, uma tranquilidade que não me exigisse pensar, porque nada para mim tinha valor no mundo e na vida. Nunca tive senão repúdio, desdém, desprezo. Nunca ninguém ligou para mim, senão você!

Fez uma pausa. A sua voz parecia vir diretamente do inferno da sua alma. Marguerite estremeceu. Olhou para ele, e as suas mãos alisaram-lhe as faces, num gesto de compreensão.

Agora, a voz dele alteava-se na crista da sua crescente agonia, como se finalmente as comportas tivessem cedido e o sofrimento represado saísse aos borbotões:

— Que tem sido a Igreja para mim? Só agora percebo claramente! Por que não me apercebi antes? Nunca encontrei paz nela, Marguerite, porque não há Deus! Só o demônio existe, só existe o Mal no mundo! Só encontrei rostos malévolos, na Igreja, os mesmos rostos malévolos do resto do universo. Escutei muitas intrigas, dizendo a mim mesmo que eram intrigas a serviço de Deus. Mas não existe Deus, minha querida. Existe apenas o nada, uma treva eterna, em meio à qual estamos perdidos.

Aquelas palavras estranhas e incoerentes, saídas dos seus lábios, enchiam a floresta de murmúrios e gritos incompreensíveis. Marguerite estremeceu mais uma vez. Um terror infinito tomou conta dela. Segurou-lhe a cabeça e puxou-a para o seu peito, chorando alto. Mas, apesar da sua juventude e da sua inocência, ela sabia que ele mal se dava conta da sua presença, exceto como um canal através do qual a sua tortura encontrava, finalmente, expressão, após uma vida inteira de confusão e sofrimento. E, apesar da sua inexperiência, sentiu uma enorme ternura, como se uma multidão de rostos e formas terríveis os rodeasse, ali, na floresta, para ouvir aquelas revelações, prontos a se vingar de quem ousara, finalmente, falar do fundo da sua alma.

— Oh, Marguerite! — exclamou ele. — Onde é que um homem se pode refugiar? Onde existem esperança, luz e refúgio, neste universo de horror? Olhamos uns para os outros e nos perguntamos: será que existe neste homem, sob o seu rosto tranquilo e atrás das suas palavras mentirosas, o mesmo medo que há em mim? À mesma sensação de mal e vazio, de escuridão e morte, de dor e desespero? Quem pode saber que ódios inspiram um homem contra o outro, já que não ousamos falar, já que cultivamos o segredo? Marguerite, você sabia que eu sempre odiei os outros homens por causa do meu sofrimento? E agora sei que nos odiamos uns aos outros devido a essa agonia, a essa certeza de que não existe Deus e

de que estamos todos dentro de um poço do qual não podemos escapar!

O calor do inocente busto dela, sob o corpete preto, inflamou-lhe, finalmente, a carne fria. Sentiu as mãos dela, umas mãos tão pequenas e suaves, contra o seu rosto, como se fosse uma mãe acarinhando uma criança machucada.

— Existe o amor — murmurou ela. — Oh, meu querido, sempre existe o amor. E quem sabe se esse amor não é Deus?

Ela sentiu dentro de si a nobreza de sofrer por outra pessoa e a força desse sofrimento. Desejava apenas dar àquele homem um momento de paz, um momento de alívio. Não podia encontrar palavras que não fossem gastas. Onde existiriam palavras que ainda valessem algo, que não fossem piegas e sem significação? O coração dela parecia uma chaga aberta de amor, e compaixão; aos seus lábios não acorriam senão palavras ocas; da sua garganta não vinham senão murmúrios incoerentes. Seus olhos estavam marejados de lágrimas e ela pôs-se a soluçar.

Mas ele a ouvira. Continuou rígido, mas ficou calado e puxou-a para mais perto dele. Agora, uma onda dourada fluía dela para ele, como se a jovem fosse uma nascente, uma fonte de vida. A onda luminosa engolfou-a, atraiu-o para ela, para além das barreiras da carne. Marguerite sentiu que as suas almas se uniam, e a alegria invadiu-a.

— Não — disse ela, numa voz suave e firme. — A morte não existe, meu querido. Não existem trevas, senão nos nossos olhos. Existe Deus; sim, sempre à espera, embora não o possamos ver.

Não sabia se ele tinha escutado, até que, por fim, ele disse:

— Estou cansado. Quero morrer, descansar. Não quero saber, nem sentir, nem existir. Estou farto de Deus. E Ele está farto de nós.

— Descanse — murmurou ela. — Descanse, um pouco que seja.

Embalou-o nos seus braços jovens, ninando-o, murmurando palavras de amor contra a testa dele, contra os seus cabelos. Seus olhos brilhavam na escuridão. Sorriu, com ternura e pena infinitas. Percebeu o cansaço mortal que havia nele e sentiu-se capaz de o vencer. A sua alegria aumentou.

— Tenha piedade de mim, Marguerite — disse Louis, com voz rouca. — Amo-a como nunca amei coisa alguma neste mundo.

— Eu também — disse ela.

Ficou sentada, em silêncio, enquanto as mãos dele lhe subiam para os seios e lhe percorriam o corpo. Agora, a escuridão da floresta parecia vibrar de vida. Ela não se mexeu. Ficou imóvel, lembrando uma imagem, reluzente e estática, de fogo, amor, desejo e compaixão. Luas rolavam diante dos seus olhos; ruídos estranhos, mas harmoniosos, zumbiam-lhe nos ouvidos. Sentiu, debaixo dela, a terra macia e a grama olorosa. Viu os olhos de Louis em cima dela, ardendo com uma luz mais forte do que as trevas que os envolviam. Soergueu-se e tomou-o nos seus braços. De repente, percebeu que o preço daquela vida, daquele êxtase e daquela alegria seria a morte. Mas sabia também que essa morte passaria como a noite passa, para dar lugar ao ressuscitar da manhã.

Não foi ela a seduzida. Uma paixão desesperada irrompeu nela, uma entrega que continha em si toda a eternidade. Ao se dar a ele, ela o redimia e lhe concedia a paz.

Havia menos desejo, naquela convulsiva posse, do que uma fome terrível de contato humano, uma sede de calor, que ele sempre sentira, sem se aperceber. A louca paixão que se apoderou dele era, primordialmente, o desejo de se libertar do isolamento e sair para a luz e a liberdade. Seu espírito estava obcecado por essa necessidade, daí o seu desejo e o seu frenesi. Parecia querer fun-dir-se nela e cobriu-lhe de beijos o busto, o pescoço, os braços e o cabelo, soluçando alto, como uma criança faminta. Marguerite sentiu-lhe o hálito quente contra a orelha e sorriu, na escuridão.

Finalmente exausto, Louis caiu imediatamente num sono profundo. Ôs débeis raios do luar penetraram

a floresta e iluminaram-lhe o rosto. Estava quieto e tranquilo, com uma expressão de paz.

A floresta preparava-se para a chegada da manhã. A luz já se escondera por trás do horizonte do mundo. Ao nascente, o céu tornou-se cor de opala. Nas árvores, os pássaros começaram a pipilar de galho em galho. Não corria uma brisa, mas da terra vinha o mais doce e pungente dos perfumes, e o ar parecia cristalino.

Marguerite dormia sobre o peito do amante, as mãozinhas segurando ainda uma das mãos dele. Com o clarear do dia, ela sorriu e voltou-se para ele. Louis apoiou-se no cotovelo para melhor contemplá-la, a fim de encher os olhos e a alma com a visão dela. O véu preto desaparecera, perdera-se. Os cachos cor de cobre emolduravam-lhe o rosto, que parecia demasiado luminoso. Seus lábios entreabertos reluziam, e os seus cílios eram como franjas douradas sobre as suas faces. O corpete em desalinho revelara a suave brancura do seu colo e dos seus ombros, de um tom translúcido, de pérola.

— Meu amor — murmurou ele.

Agora, o desespero que havia nele fora substituído por uma grande mas confortadora tristeza, e por uma enorme sensação de paz. Não sentia vergonha e nem culpa, arrependimento ou remorso. Sobrepusera-se a essas coisas. Todo ele era ternura.

Mas, ao contemplar o frágil corpo da amada, teve o misterioso pressentimento de que a morte pairava sobre ela. Mas nem isso o desesperou. Era como se uma promessa, um juramento houvessem sido feitos. Pela primeira vez na vida, compreendeu o significado de Deus, da existência e da felicidade eterna.

Olhou em volta, e os seus sonhos pareceram-lhe demasiado vastos para poder expressá-los dentro dos estreitos confins dos pensamentos e das palavras.

Marguerite abriu os olhos e sorriu para ele. Louis tomou-a nos braços:

— Não me abandone — murmurou. — Não me abandone nunca!

— Nunca — prometeu ela. — Nunca!

● Capítulo XXXVII

Pouco tempo antes, Paul de Vitry teria sorrido ao ouvir a história, contada por Arsène, da conversa entre Madame duPrès e de Pacilli, tomando-a por um exagero ditado pela imaginação portentosa do amigo. Mas agora ele ouvia tudo com espanto e só um pouco de dúvida. A experiência que tivera com a perfídia humana tornava-o quase pronto a acreditar em tudo.

— Vou voltar imediatamente a Chantilly — disse ele.

A perda daquela virtude que tanto o distinguira era mais evidente do que nunca. Suspirou.

— Mas talvez haja uma explicação. As vozes que você ouviu podem não ter sido de madame nem do padre. O mundo está cheio de gente que trama. . . Mas é estranho que eu não tenha recebido a sua carta.

— Essa mulher ainda está no seu château?

— Ainda.

— Pardieul Então, não há tempo a perder!

A força do hábito fez com que Paul abrisse a boca para acalmar Arsène, mas logo a fechou sem dizer palavra, e novas rugas apareceram no seu rosto pálido. Parecia muito cansado, só que o seu cansaço era espiritual, e não físico. Arsène franziu o sobrolho com impaciência. Não podia conceber que alguém pudesse ficar permanentemente afetado pela descoberta da maldade e da traição humanas. Ele, Arsène, soubera disso toda a vida e nunca essa certeza lhe roubara uma hora sequer de sono e nem o apetite! Ao contrário, dava à vida mais sabor. Só assim se podiam medir forças com ratos, doninhas e macacos, e ver quem era o melhor. Aos seus olhos, havia algo de desprezível na ingenuidade e no desapontamento de Paul.

Estavam sentados na pequena sala do hôtel parisiense de Paul, aquecendo os pés na lareira, pois a tarde esfriara. Paul já dera ordens ao valet para preparar tudo para a viagem a Chantilly. O fogo fazia com que as suas feições finas e delicadas parecessem desenhadas com sangue. Tinha as mãos pousadas nos braços da cadeira entalhada e havia nelas um abandono tocante. Começou a falar em voz baixa, sem olhar para Arsène:

— Encontramo-nos em La Rochelle, daqui a duas semanas?

— Certes! Vamos ter bastante o que fazer lá. Mas isso não me intimida. Ao contrário.

Apesar da tristeza que o invadia, Paul não pôde conter um sorriso. Mas continuou sem olhar para o amigo.

— Quer que eu leve algum recado ao seu velho amigo

Grandjean? Ou a Mademoiselle Cécile?

Arsène não respondeu logo, mas depois disse, numa-voz tensa:

— Dê lembranças minhas a ambos.

Paul continuou, como se Arsène não tivesse falado:

— Grandjean contou-me uma história muito estranha, a respeito dela. Sem dúvida também lhe contou, não?

— Não. Eu estava muito doente. E, ainda por cima, não estava interessado.

Paul não desistiu.

— Não obstante, trata-se de uma história muito estranha e que talvez lhe interesse.

Arsène ia repetir, secamente, que não lhe interessava, mas algo na insistência do amigo lhe despertou a curiosidade. Sentiu que havia alguma coisa que tinha a ver com ele.

Paul falou em meia voz, ainda olhando para o fogo:

— É uma família muito respeitável, de marinheiros bretões. Grandjean era capitão e dono de um

pequeno navio mercante, que fazia a rota entre a França e a Inglaterra. Possuía, além disso, um grande pedaço de terra, herdado de gerações e gerações de antepassados. Tinha uma filha moça, que era o enlevo da sua vida e que ele criara sozinho, já que a mãe morrera de parto.

Paul ficou um momento calado, as mãos movendo-se sobre os braços da cadeira.

— Costumava levar Eloise, sua filha, consigo nas viagens. Mas, à medida que ela fora ficando mulher, ele passara a deixá-la em casa, para cuidar das coisas. Contou-me que ela era uma moça prendada, muito bonita e gentil. Fora educada no convento local e era muito querida da madre superiora e de todas as freiras.

Era uma história sem interesse, e só o estranho tom de voz de Paul impedia Arsène de bocejar, pois faltava-lhe a capacidade de se concentrar em tudo o que não lhe dissesse respeito.

— Mademoiselle Eloise acabou ficando noiva do imediato do barco de Grandjean. Iam se casar em junho. Infelizmente, o navio, tendo zarpado para uma viagem que deveria durar umas cinco semanas, perdeu-se durante uma tempestade e só conseguiram voltar à França dali a quase quatro meses, após terem sido dados como mortos. Mas o mais trágico é que o jovem imediato morrera realmente, varrido por uma onda.

Paul ficou longo tempo calado. Mas a atenção de Arsène fora despertada com a antecipação de tragédia.

— Parece — prosseguiu Paul, quase num sussuro — que o pároco local era um homem na força da vida. Havia muito, vinha reparando na jovem Eloise, na sua beleza cada vez maior e na sua inocência, e acabara seduzindo-a pouco tempo depois do pai e do noivo terem partido na malfadada viagem. O resultado não se fizera esperar, mas ele convencera a infeliz moça de que o seu casamento, que deveria ter lugar num futuro próximo, esconderia o mal que lhe fizera. E a jovem, que amava o noivo e não ousava pensar nos possíveis efeitos que aquilo poderia ter sobre ele, no seu desespero não pôde deixar de dar ouvidos ao padre.

Arsène ouvia aquela história sórdida com a testa enrugada e uma expressão de repugnância. Inclinou-se para Paul, que continuou, sem tirar os olhos do fogo:

— Imagine a volta do pai, com a trágica notícia da morte do noivo da filha! Imagine-se a cena entre ele e a pobre moça, quando ela lhe revelou tudo! Grandjean ficou fora de si. Foi nessa mesma noite procurar o padre e matou-o.

Arsène deixou escapar uma exclamação. Estava agora muito interessado na história.

— Voltou para junto da filha, que tentara suicidar-se. Conseguiu salvá-la, mas percebeu, desesperado, que tinham de fugir imediatamente. Imagine o que isso não significou para aquele homem, ter de abandonar a sua terra e o seu barco e fugir no meio da noite com uma filha entre a vida e a morte. Além do mais, não tinha tempo para preparar nada. Havia apenas uma pequena bolsa com dinheiro em casa e ele apanhou-a, juntamente com algumas roupas e um cavalo, no qual ambos montaram. Após uma viagem exaustiva, chegaram a Paris, onde se esconderam no anonimato das massas. Foi em Paris que a jovem Cécile nasceu e, pouco depois, sua jovem mãe morria.

Fez-se silêncio na sala. Arsène pusera-se de pé e, aproximando-se do fogo, encarou o amigo, que continuava desviando os olhos. Por fim, Arsène perguntou, numa voz alterada:

— Por que você me contou tudo isso?

O coração batia-lhe de maneira muito estranha e ele não podia esconder o seu aborrecimento.

Paul ergueu finalmente os olhos e fitou-os em Arsène, com uma expressão severa.

— Grandjean contou-me essa história quando eu lhe pedi a mão de Cécile.

— O quê? — exclamou Arsène, incrédulo. — Você, o Conde de Vitry! •

Paul levantou-se abruptamente e olhou para Arsène com desdém.

— Imaginei que você diria isso mesmo, Arsène! Mas esperava que algo tivesse mudado em você, que você se tivesse tornado um homem, uma criatura compreensiva. Parece que me enganei.

Arsène corou. Seus pensamentos eram confusos e raivosos. Retrucou, rancoroso:

— Mas isso não elimina o fato de você ser o Conde de Vitry.

E sentiu uma vergonha inexplicável, que ainda mais o aborreceu.

Paul afastou-se, como se não pudesse suportar olhar para o amigo.

— Qual pode ser o destino de um mundo que persiste nas suas vaidades mesquinhas e idiotas, nas suas ilusões de berço e posição, nobreza e privilégio? Em isolar-se dos seus semelhantes, com base no orgulho e na estupidez?

Arsène mordeu os lábios e não respondeu.

Paul continuou:

— Grandjean não me contou tudo isso para me fazer desistir. Achou que Cécile podia me olhar favoravelmente e queria que eu soubesse que ele vinha de uma família decente e que, conseqüentemente, Cécile poderia ser uma noiva à minha altura. — Sorriu tristemente. — Parece que o próprio Grandjean não é imune ao orgulho.

— Você esqueceu o padre! — disse Arsène, impelido por obscuras emoções, entre as quais o desejo de irritar o amigo e o seu próprio ciúme.

Paul voltou para ele o olhar grave.

— Não, não me esqueci do padre. Não me esqueci do seu crime. Talvez lhe interesse saber que ele era o bispo daquela diocese, e o filho bastardo do Duque d'Ormond.

— Do Duque d'Ormond? — exclamou Arsène, sem se conter e enrubescendo ainda mais.

Um sorriso amargo aflorou aos lábios de Paul, mas ele nada disse.

Arsène cerrou os punhos. Sentiu a cabeça rodar. Não ousava confessar sequer a si próprio os pensamentos vergonhosos que lhe ocorriam.

De repente, Paul pareceu perder o controle de si mesmo. Voltou-se para o amigo com uma expressão de paixão e desprezo nos olhos brilhantes.

— Vamos deixar de fingimento, Arsène! Vamos ser francos e falar como homens! Eu vi tudo, na casa do meu administrador. Cécile e você se amam, não é verdade?

Arsène não respondeu. Apenas virou a cabeça.

— Mesmo amando essa moça você casou com Mademoiselle de Tremblant. Confesso que eu próprio não via maneira de um homem como você se eximir, com honra, daquele casamento. Se eu estivesse na sua posição, talvez fosse mais sincero. Mas você é um homem de atitudes, enquanto eu talvez seja um sentimental.

Fez uma pausa, mas Arsène continuou calado. Paul perguntou, num tom de voz mais sereno:

— Que você pretende fazer agora?

Arsène retrucou, brutalmente:

— Que você quer que eu faça? Quer que eu seduza a moça?

Paul pousou-lhe as mãos nos ombros e disse:

— Vivemos num mundo nojento e terrível. A única luz que há nele é a do amor. Você vai para La Rochelle. Leve Cécile consigo. Não sei por que, mas tenho a certeza de que você nunca mais voltará a Paris. Quando você sair desta cidade, sairá de vez. Não sei se você vai morrer em La Rochelle, mas sei que não voltará aqui.

Arsène sentiu um arrepio supersticioso.

— Pense — disse Paul. — Isto não vai ser uma simples escaramuça. Os que combaterem por La

Rochelle, se formos derrotados, serão para sempre proscritos na França. Você será obrigado a fugir e todos nós seremos caçados até a morte. Se formos derrotados, não haverá perdão. E algo me diz que vamos ser derrotados. Será esse o fim da luta pela liberdade do protestantismo na França? Não creio. Os sonhos de liberalismo persistirão nos corações dos homens. Mas talvez eles não venham a se realizar, senão daqui a muitos anos. Nesse meio tempo, os que participarem dessa luta estarão perdidos. Não haverá senão a morte ou o exílio para nós.

— Portanto, aconselho-o a esquecer tudo e a procurar ser feliz enquanto pode. Por que lhe digo isso? Porque você é meu amigo. Porque o amo. Porque amo Cécile.

Arsène sentou-se lentamente. Cobriu o rosto com as mãos e perguntou, numa voz abafada:

— Você está me aconselhando a oferecer a Cécile um futuro tão precário e perigoso?

— Um momento de felicidade é melhor do que uma vida inteira de segurança infeliz — disse Paul, com comovente sinceridade. — E, quem sabe? Vocês podem encontrar a paz, juntos, no exílio.

Arsène olhou para o amigo. Paul sorria, mas os seus olhos cinzentos estavam úmidos de ternura, renúncia e compaixão.

— Dentro de alguns dias, vá a Chantilly. Estarei à sua espera.

— Irei — prometeu Arsène, respirando profundamente.

Passado um momento, o seu rosto moreno brilhava de alegria e entusiasmo.

● Capítulo XXXVIII

Mas essa euforia passou, depois que Arsène se despediu de Paul. A realidade invadiu-lhe inexoravelmente os pensamentos, ao recordar as solenes e proféticas palavras do amigo. Arsène nunca pensara muito na possibilidade de morrer ou ser derrotado. Sempre se entregara ao combate com exaltação, alegria e vigor. Se algo o motivara, fora sempre o ódio pessoal ou o prazer que sentia em se opor a alguma coisa. Quando lhe diziam que estava se metendo na boca do lobo, ele ria, não por bravata, mas com incredulidade bem-humorada. Tal possibilidade nunca poderia ocorrer a Arsène de Richepin, e não tinha inimigos pessoais, e cujo espírito, charme e audácia faziam com que até mesmo os inimigos em potencial sorrissem com simpatia, à sua aproximação. Falara muitas vezes em “perigo”, “desastre” e “morte”, mas nunca, nem sequer por um instante, ligara essas palavras à sua pessoa. O favorito do pai e o querido da Corte não podia ficar à mercê de contingências desconfortáveis e desagradáveis.

Grande parte da confusão que o assaltara depois de haver sido ferido e caído doente se devia à luta entre a convicção que ele tinha da sua invulnerabilidade natural, e a realidade, a constatação de que, pela primeira vez na vida, fora lançado no mundo tempestuoso dos problemas adultos. Até ali, agarrara-se à juventude como todos os homens que detestam a responsabilidade e a obrigação de pensar. Para isso, metera-se em tudo. De certa maneira, fora esse o segredo da sua invulnerabilidade, embora ele não o soubesse. Os homens sérios e responsáveis simplesmente não o tinham levado a sério, não acreditando que alguém como Arsène de Richepin pudesse ter a força de ânimo necessária para se meter em algo importante. E, no fundo do seu coração destemido e entusiasta, Arsène concordara com ele.

Mas agora, para seu espanto, Arsène descobrira que estava num território perigoso, para o qual fora atraído pela sua natural exuberância. Até Paul lhe ter falado, na noite anterior, aquelas palavras graves e proféticas, ele ainda se sentira invulnerável, como se tomasse parte num excitante melodrama. Mas agora via a morte, o exílio e o desastre diante de si, com cores violentas e implacáveis. Em várias ocasiões, seu pai lhe tinha falado nessas coisas, mas ele sempre se mostrara impaciente, como se fossem manias de velho senil, declarando com soberba que nenhuma dessas contingências o induziria jamais a se omitir. Agora, horrorizado, compreendia que Arsène de Richepin não era invulnerável.

Não que tivesse medo, mas toda a sua vida recuara de tudo quanto fosse desagradável ou inexorável, e agora via-se confrontando com ambas as possibilidades.

Dirigiu-se ao seu quarto, trancou a porta e sentou-se a meditar profundamente, pela primeira vez em toda a sua existência. Não era fácil. Pestanejava, como se uma luz implacável o ofuscasse e ele não pudesse recuar. Todas as suas nobres intenções desapareceram, como sempre acontece quando um homem desperta para a maturidade. Só uma inquebrantável decisão é o espírito do dever permaneceram. Não podia recuar porque, aos vinte e oito anos, tornara-se, finalmente, um homem. Rompera o casulo colorido da ilusão e pisava, por fim, o chão negro e duro da realidade. O despertar não era agradável. A vida que até então levava, de alegria e irresponsabilidade, ficara decididamente para trás. Muitas vezes pensara em voltar a ela, mas agora sabia que isso jamais aconteceria.

Levantou-se e olhou em volta. Tudo mudara, porque ele mudara. Sentou-se à escrivaninha e compôs uma longa lista de coisas que precisava fazer antes de deixar Paris. Escreveu uma carta para o pai, uma carta simples e comovente, não sentimental, mas cheia de bondade e consolo. Escreveu uma carta a Clarisse, mas parou, assim que começou. Tinha realmente esquecido a sua jovem e encantadora esposa! Escreveu-lhe uma carta apaixonada, pedindo-lhe perdão e legando-lhe a maior parte dos seus bens e propriedades.

Sentiu uma estranha emoção, ao se lembrar, de repente, do irmão. Não sentia mais ódio por ele, apenas compaixão. Implorava-lhe perdão por qualquer gesto impulsivo ou qualquer demonstração de insensibilidade de sua parte. Deixara o pai aos seus cuidados.

Quando terminou, sentiu-se como um homem às vésperas de embarcar para uma viagem da qual sabe que não voltará, ou como alguém atacado de uma doença fatal. Sentia-se nauseado, e descobriu que estava tremendo. Mas a sua coragem e determinação eram maiores do que nunca. Fechou as cartas à chave na escrivaninha e ficou muito tempo com a chave na mão.

Ouviu bater timidamente à porta do quarto e foi abrir. Clarisse, mais bela do que nunca, sorriu para ele, hesitante. Arsène puxou-a para dentro e beijou-a com ardor e sinceridade. Ela agarrou-se a ele, sorrindo através das lágrimas de gratidão. Depois, ele soltou-a, mas sem lhe largar as mãos.

— Meu amor — disse, gravemente, contemplando aqueles olhos azuis que o fitavam com adoração —, vou ser forçado a partir numa longa viagem. Na minha escrivaninha estão alguns papéis. Três semanas depois da minha partida, peço-lhe que abra a escrivaninha e entregue as cartas aos respectivos destinatários.

O rosto dela empalideceu. Atirou-se nos braços dele e abraçou-o com força, apesar dos esforços de Arsène para se desvencilhar.

— Não! — gritou ela. — Não vá, Arsène! Ou, se tiver que ir, leve-me com você!

Ele não pôde deixar de sorrir tristemente, ao ouvir aquelas palavras. A frívola e egoísta Clarisse, interessada apenas nas suas toaletes e nas intrigas da Corte, no meio da fortificada La Rochelle, com morte e a destruição pairando sobre ela! Mas, quando lhe olhou para o rosto, ficou espantado de ver nele abnegação, amor e decisão. Ela não sabia para onde ele ia, mas o coração lhe dizia que ele não voltaria.

Arsène sentiu-se desarmado. Nunca acreditara que ela o amasse ou fosse capaz de sentir amor. Fora um noivado de conveniência, da parte dela, e, da parte dele, baseado no desejo que sentia por Clarisse. Ambos eram amantes da dança e do prazer e contemplavam o casamento com indiferença, sabendo que mal se conheciam. O amor não entrara na coisa. Arsène estava profundamente comovido, mas também irritado. Aquela jovem não devia amá-lo, pois ele não a amava! Não fazia parte do plano dele que ela o amasse. Ela estava interferindo, balançando-lhe o coração quando ele menos queria. O seu egoísmo e a sua impaciência faziam com que ele sentisse uma grande irritação.

No entanto, ele não conseguia agir com a antiga insensibilidade, que o tinha ajudado quando se defrontara com contingências irritantes e inesperadas. Tinha pena dela, a par da exasperação que sentia.

Atraiu-a de novo para os seus braços, sentindo apenas tristeza, e não desejo. Disselhe, em tom confortador:

— Essas cartas de que eu falo, minha querida, contêm apenas algumas diretivas. Não posso levá-la comigo, porque você já mostrou não gostar das nossas propriedades.

Pensava dissuadi-la com aquela mentira, mas ela retrucou, ansiosamente:

— Ah, mas eu mudei muito, Arsène! Qualquer que seja o lugar, por mais horrível que seja, será maravilhoso, se eu estiver com você!

Ele mal podia acreditar. Tomou-lhe o rosto nas mãos e olhou-a bem nos olhos. A luz que emanava deles acabou por convencê-lo, para sua desgraça. Quando teria o amor nascido no coração daquela jovem fútil? Durante a sua breve e turbulenta vida de casados? Deus era testemunha de que ele nada fizera para isso!

Como a sua vida se complicara! Sentiu, de novo, ressentimento e irritação, só que agora, pela primeira vez na sua existência egoísta, esses sentimentos eram dirigidos contra si próprio. Paul referira-se, com desdém, a “um homem como ele”, mas agora Arsène compreendia que devia ter-se eximido do casamento, antes que fosse demasiado tarde. Faltara-lhe coragem para agir com frieza e objetividade,

precisamente quando isso equivaleria a agir com justiça. Não podia deixar de sentir desprezo por si mesmo.

Disse, urgentemente:

— Clarisse, acredite em mim, quando lhe digo que é impossível levá-la comigo. Você precisa ter paciência. Deixo-a como dona desta casa e aos cuidados de meu pai. Sem dúvida você deve ter notado como ele está deprimido, desde o nosso regresso, e como uma doença misteriosa parece ter tomado conta dele. Você teria coragem de abandoná-lo, agora, que é sua filha? Deixo-lhe essa responsabilidade. Será que você vai me desapontar?

Falava com súbita inspiração, apelando para o egocentrismo da jovem, para sua sede de autoridade e importância. As lágrimas secaram-lhe nos olhos e ela ouviu-o com atenção, para depois dizer, com toda a formalidade:

— Nunca precisará me acusar, monsieur, de ter negligenciado os meus deveres de esposa.

Disse aquilo com grande dignidade, alisando o vestido e retocando os cachos louros. Fitou-o bem nos olhos, a cabeça erguida, fazendo com que ele a admirasse e, comovido, lhe levasse a mão aos lábios.

— Além do mais — continuou ela —, minha pobre irmã Marguerite está doente. Ia partir para o convento onde a nossa tia é madre superiora, mas agora a viagem foi indefinidamente adiada. Minha mãe está desnorteada. Precisa do meu apoio.

Arsène ficou triste com a notícia da doença de Marguerite, mas achou que o seu problema estava resolvido. Abraçou de novo a esposa, coisa em que ela consentiu, já sem a paixão de antes, apenas com uma nova dignidade.

Arsène deu-lhe as chaves da escrivania, após ela lhe ter prometido que não tocaria nas cartas antes do prazo combinado. Clarisse segurou as chaves na mão com expressão fria e ouviu atentamente as últimas instruções. Quando ela saiu do quarto, ele acompanhou-a com o olhar e um sorriso triste. Voltaria a ver aquela encantadora criança? Não saberia dizer. Sentiu pena, como sempre acontece quando a gente se despede de uma coisa bonita e desejável.

Lembrou-se de que tinha um último encargo, algo que lhe desagradava. Mas tinha empenhado a sua palavra. Vestindo-se da maneira menos conspícua possível, dirigiu-se a pé para a Rue du Vieux-Colombier, uma rua obscura e miserável, onde o Abade Mourion vivia.

O sol quente batia nos telhados cinzentos e vermelhos de Paris. O Sena cintilava, azul. Enquanto avançava pelos becos e ruelas, Arsène esquecia parcialmente o mau cheiro que vinha das sarjetas, a miséria e o barulho que o rodeavam, e sentia tristeza por ter, em breve, de sair daquela cidade congestionada, para onde talvez nunca mais voltasse. Sentia-se, de antemão, exilado. Pisava ruas imundas, era molestado por mendigos, vendedores ambulantes e vagabundos. Passava por entre crianças semidespidas e briguentas, no meio de carroças, mulheres bisbilhoteiras, barracas de feiras, e achava tudo aquilo infinitamente pitoresco e nostálgico. Mesmo quando uma mulher atirou, da janela para a sarjeta, os despejos de um uríno, por pouco não o atingindo, ele achou graça e riu. Ao ouvi-lo rir, a mulher olhou para baixo e riu também. Era uma moça bem-parecida, embora suja, com cabelos pretos e desgrenhados e olhos também negros. Gritou-lhe uma indecência bem-humorada, e Arsène respondeu no mesmo tom, para grande risota dela.

Pela primeira vez na sua vida, ele sentia-se irmão daquelas massas anônimas. Era como se lhes pertencesse. Amava-as, sabendo que talvez nunca mais as visse.

O fedor, o calor e a poeira envolveram-no. Passou por becos cada vez mais estreitos, em que se podia tocar com as mãos nas paredes do outro lado. Tropeçou nas sarjetas, escorrendo água pútrida e cheias de crianças imundas. Viu os rostos parados de mulheres famintas, olhando para ele das soleiras e das pequenas janelas das casas. Havia agora uma ameaça no ar, uma desesperança, uma violência

escondida, pressagiadora de crimes, fome e bes-tilidade. Arsène já não estava achando divertido. Levou a mão, por baixo da capa, ao punho da espada. Mal podia respirar, pois o mau cheiro tornava o ar fétido. Tinha consciência de que olhos malévolos o seguiam, olhos em que não havia qualquer sentimento de humanidade, apenas ferocidade, sofrimento e fome. O foga da opressão e da desesperança envolveu-o mais profundamente. Havia no ar um clamor, que os ouvidos indiferentes não distinguiam, mas que era nitidamente percebido por Arsène. Sentiu um arrepio na espinha e olhou em volta, desconfiado.

As ruelas estavam cada vez mais cheias de lixo. As crianças já não brincavam, nelas. Sentavam-se juntos das sarjetas, quais animais esfomeados, procurando, nas águas sujas, catar algum pedaço de comida. Quando alguma delas encontrava algo de comer, as outras imediatamente lhe caíam em cima, com urros de fome, tentando tirar-lhe o bocado da mão, e rolavam todas na sujeira indescritível. Arsène estremeceu, procurando desviar os olhos. O coração batia-lhe de maneira sufocante.

O Abade Mourion morava num desses bairros miseráveis. Arsène teve dificuldade de lhe encontrar a casa, na qual nunca entrara. Teve de perguntar, gritando para os rostos fechados que o olhavam, antes que um homem apontasse, silenciosamente, para uma pobre casinha, no meio de um jardim despido. Ao se aproximar da casa, descobriu, alarmado, que estava sendo seguido por quase uma vintena de homens seminus e cheios de feridas, os olhos avermelhados brilhando nos rostos sujos. Havia algo de ameaçador na sua silenciosa insistência, no fato de eles o seguirem. À sua volta viam-se paredes escaqueiradas e sarjetas de onde saía um cheiro fétido, acentuado pelo calor. Arsène olhou para as caras que o seguiam e pareceu-lhe que não pertenciam a seres humanos, e sim a animais selvagens, cheios de desconfiança e prontos a atacar. Embora estivesse simplesmente vestido, o seu jeito, o seu andar, o seu modo de olhar tinham-no marcado.

Procurou amedrontá-los com um olhar imperioso, mas só conseguiu que eles apressassem o passo. Será que vou ser assaltado, assassinado?, pensou, tomado de medo. Acabaria ele, Arsène de Richepin, em pedaços numa sarjeta de Paris, onde nunca mais o encontrariam?

Com o coração batendo como louco, puxou da bolsa, abriu-a e atirou as moedas de ouro e prata, num movimento instintivo, para os homens. Havia agora mulheres entre eles, rotas, os cabelos negros e desgrehados escorrendo-lhe pelos ombros, as mãos sujas ameaçadoramente fechadas.

As moedas ergueram-se no ar e caíram, tilintando, em meio ao perigoso silêncio, na sarjeta. Os homens acompanharam a trajetória das reluzentes peças de ouro e prata, com um olhar vazio e brilhante. Uma ou duas mulheres se precipitaram atrás delas, recolhendo-as com gritos exultantes. Mas, para espanto de Arsène, nenhum dos homens fez o menor movimento. Olharam um momento para as mulheres e logo voltaram a encarar Arsène com expressão selvagem.

Com urgência e espanto cada vez maior, Arsène agarrou na aldraba da porta do abade e bateu furiosamente. O som ecoou pelo beco silencioso, onde os raios quentes do sol mal penetravam. A multidão aproximou-se ainda mais. Arsène já' podia sentir os eflúvios nauseantes dos seus corpos sujos e ouvir-lhes a respiração ofegante, através dos lábios descoloridos e dos dentes podres. Alguém murmurou, então:

— Ele não é um gendarme.

E o reluzente círculo de olhos aproximou-se ainda mais, para melhor observá-lo.

A porta abriu-se um pouco, e o Abade Mourion espreitou através da abertura.

— Sou eu, Monsieur l'Abbé! — exclamou Arsène, cheio de pressa.

A porta abriu-se inteiramente e o abade exclamou, alegremente:

— Monsieur! Graças a Deus você veio!

Estendeu os braços para Arsène e abraçou-o calorosamente. Arsène olhou para trás, apreensivo. Mas

a multidão acalmara-se. Alguns homens sorriam, embaraçados, coçando a cabeça. Outros, porém, privados da sua presa, não escondiam o desapontamento.

O abade convidou Arsène a entrar na sua pobre casa. Depois, olhando para a multidão, disse, suavemente:

— Está tudo bem, meus filhos. É um amigo muito querido.

Fechou a porta. A escuridão caiu sobre Arsène, que pestanejou, tentando acostumar-se à penumbra e à poeira reinantes no pequeno corredor. O abade puxou-o pelo braço e conduziu-o para um quarto quase nu, parecido com o do tugúrio onde François Grandjean vivera. Só que aqui o ambiente era dominado por um grande crucifixo, pendurado da parede cheia de fendas, por onde a umidade escorria.

Um pouco de luz penetrava por duas pequenas janelas gradeadas, perto do teto, e Arsène viu que o abade envelhecera muito, que parecia muito menor e mais encolhido, que a angústia e o sofrimento lhe tinham enrugado o rosto. Mas os grandes olhos, castanhos e luminosos, expressavam mais ternura do que nunca.

Sorriu para Arsène. Indicou o banco de madeira que havia perto da mesa tosca, e Arsène sentou-se, abalado com o incidente da multidão.

— Esse seu rebanho, Monsieur 1'Abbé — disse ele —, é um tanto ou quanto barulhento e perigoso. Confesso que temi pela minha vida. Estou certo de que, se não tivesse aberto logo a porta, eles me teriam estraçalhado.

Falava com desdém, procurando esconder o medo que sentira. Mas o abade, cujas mãos tremiam, não se apressou a pedir desculpas. Sentou-se junto de Arsène e olhou para ele com visível sofrimento. Por fim, disse:

— Monsieur, eles estão me guardando.

Espantado, Arsène perguntou:

— Guardando? E por quê?

O abade não respondeu. Passou as mãos calosas pelo rosto, como se estivesse muito cansado, e deu a impressão de ter encolhido ainda mais dentro da batina.

— Fui excomungado — murmurou.

— Excomungado?!

O abade deixou cair as mãos e olhou para Arsène com expressão angustiada.

— Monsieur, tenho rezado muito. Deus me ouviu e o mandou até aqui. Já lhe contarei tudo o que desejar saber.

Respirou fundo, como se lhe custasse. Arsène ficou à espera. Depois, num esforço para acalmar o velho abade, disse:

— Não esqueci a grande dívida que tenho com você, Monsieur 1'Abbé.

Uma sombra passou pelo rosto do ancião, e ele disse:

— O meu pobre Henri ainda mora comigo. Vivemos do que ele ganha, limpando as sarjetas das ruas elegantes de Paris. Tampouco temos sido esquecidos pelo meu querido amigo François. Uma vez por mês, ele nos manda um pacote de dinheiro.

Arsène ficou envergonhado e amaldiçoou-se por não se ter lembrado de ajudar o abade.

— Tudo isto vai acabar — prometeu. — Arrependo-me de ter atirado o dinheiro que trazia aos seus guardiães, Monsieur 1'Abbé. Mas diga-me de quanto precisa e lho mandarei, assim que chegar a casa. Por que não me avisou de que estava vivendo em tão extrema miséria?

— Não me deve nada, Monsieur de Richepin — retrucou o velho, com dignidade. Um rubor espalhou-se pelo seu rosto enrugado. — Não obstante, eu tinha a certeza de que acabaria vindo. Disse isso a Henri, que achava que você o tinha esquecido.

— Não o esqueci — disse Arsène, irritado por se ter esquecido. — Mas aconteceram muitas coisas. Além disso, acabei de me casar.

— Compreendo — disse o velho com voz branda e olhar súplice.

— Deixará imediatamente este horrível lugar. O mais tardar, esta noite. Vou dar-lhe o endereço de um amigo, que se encarregará de instalá-lo num lugar mais confortável. . .

A alegria desapareceu dos olhos do abade e ele pareceu mais desesperado do que nunca. Deitou a Arsène um olhar penetrante, como se procurasse julgá-lo.

— Isso é impossível — disse.

— E por quê?

Mas o velho limitou-se a olhar para ele mais atentamente, como se não estivesse indeciso.

— Não me disse por que foi excomungado, expulso da Igreja

— continuou Arsène, com impaciência. — É algum segredo, ou você confia em mim? Pode estar certo do meu interesse e da minha simpatia.

O abade ergueu a cabeça, como se procurasse escutar algo. Arsène repetiu o que dissera, mas o padre parecia não se dar conta do que o cercava. Levantou lentamente a mão, num gesto de quem pede silêncio. De algum canto do tugúrio veio o som de um gemido.

O abade levantou-se. Parecia mais alto, a silhueta emaciada dava a impressão de ser de ferro. Disse, solenemente, os olhos brilhando na penumbra:

— Monsieur, tenho que confiar em você. Rezei pedindo ajuda. Acredito que Deus o tenha mandado aqui. Talvez eu esteja enganado, mas tenho que confiar em você. Se me trair, ou aos outros, prometo-lhe que nunca mais terá paz, enquanto viver.

Embora o seu primeiro impulso fosse o de sentir-se afrontado por aquele comentário audacioso, Arsène pôs-se de pé diante do velho, o cenho franzido sobre o nariz aquilino, e disse, friamente:

— Pode ter a certeza, Monsieur l'Abbé, de que não o trairei.

O velho fez-lhe um sinal e Arsène seguiu-o por outro corredor, cuja porta estava fechada a chave. O abade abriu-a e também a porta de outro quarto, que não tinha janela. Em cima de uma mesa via-se uma vela acesa. No chão, sobre uma enxerga de palha, debilmente iluminada pela luz de vela, jazia, encolhido e gemendo, um jovem.

Surpreso, Arsène não se apercebeu logo dos dois homens que guardavam o quarto e o rapaz. Quando os viu, estremeceu, pois o seu aspecto era tão feroz, tão ameaçador, que teria intimidado o mais corajoso dos homens. Esfarrapados, encurvados, mas altos, com longos cabelos negros caindo-lhes sobre os ombros, adagas à cinta e dentes à mostra, pareciam menos homens do que feras. Seus olhos pretos fitaram Arsène com selvageria, e ele viu que, em cima da mesa, perto da vela, havia um mosquete, carregado e pronto para ser usado.

O abade trancou a porta atrás de si e disse, com voz suave, para os guardas:

— Está tudo bem, meus filhos. Este aqui é um amigo, que Deus nos enviou para socorrer o nosso pobre Alphonse.

Os homens rosnaram, recuaram e voltaram a sentar-se no banco, junto da mesa, sem tirar os olhos de Arsène, que se virou para o abade com ar apreensivo:

— Posso saber o que vem a ser tudo isto?

Mas o abade aproximou-se da enxerga e ajoelhou-se ao seu lado. Arsène, olhando por cima do ombro dele, viu que o inválido era muito jovem, não devendo ter mais de dezenove anos, e estava horrivelmente ferido. Seu braço direito, moreno e nu, estava la-cerado em mais de dez lugares e coberto de trapos brancos, manchados de sangue. Na testa tinha uma grande ferida aberta, sobre a qual lhe caíam os cabelos negros e emaranhados. O peito estava nu, cheio de hematomas e aparentemente pisado. O

rosto era pateticamente jovem. Apesar de inconsciente, gemia, os olhos meio abertos, os lábios sanguinolentos retorcidos de dor.

O abade ergueu a vela de cima da mesa e segurou-a, a fim de examinar o jovem. Tocou-lhe a testa escaldante e ferida, e suspirou profundamente. Mas disse, com voz calma:

— A febre parece ter abatido. Deus é grande. Esta pobre criança vai se salvar.

Fez o sinal-da-cruz sobre o rapaz, que pareceu sentir a presença de alguém, pois os seus gemidos diminuíram, e ele deu a impressão de tentar prestar atenção ou ouvir algo. Um leve sorriso aflorou-lhe aos lábios machucados. Suspirou como uma criança e instintivamente se chegou mais ao padre, que começara a chorar, as lágrimas escorrendo-lhe pelas faces. Os guardiães, esquecidos de Arsène, aproximaram-se e olharam por cima do ombro do abade. Um deles soluçou alto, e Arsène descobriu-lhe uma leve semelhança com o jovem.

Ouvindo aquele soluço, o padre levantou a cabeça e sorriu ternamente para o homem.

— Você fez o que devia, Jacques. Seu filho vai se salvar, pela graça de Deus.

Levantou-se, fez um sinal a Arsène e saíram os dois do quarto para o outro cômodo. O abade movia-se com crescente fraqueza, como se carregasse um enorme peso nos ombros. Olhou para Arsène com angústia:

— Durante duas semanas, esta criança esteve entre a vida e a morte. Vai se salvar, mas precisa ser retirada imediatamente daqui.

Sentou-se, apoiando as mãos trêmulas nos joelhos. A escassa luz que entrava punha-lhe um halo nos cabelos brancos. Disse, em voz muito baixa:

— Faz duas semanas, o senhorio deste quarteirão passou por aqui na sua carruagem, escoltado por seus lacaios. Você viu a miséria que reina neste bairro. De vez em quando, essa miséria suscita o prazer mórbido dos poderosos, dos opressores, que resolvem visitar os seus inquilinos, levados pelo desejo perverso de rir deles, de os desprezar.

Fez uma pausa e, erguendo a cabeça, olhou para Arsène com tal ira, com tal fúria, que o jovem recuou involuntariamente:

— Monsieur, alguma vez pensou, você e os outros iguais a você, no povo de Paris? No seu modo de pensar, o mundo consiste apenas nos nobres, nos privilegiados, no círculo estreito de parasitas, idiotas e intriguistas, no círculo corrupto de ladrões e opressores, que enxameiam a Corte. Alguma vez pensou aos milhões que vivem fora desse círculo? Alguma vez refletiu que eles não são bestas, não são animais, e sim criaturas feitas à sua própria imagem, com coração e sangue e alma, com a mesma capacidade de sofrer, de sentir fome e desejos? São seus irmãos, da mesma carne que você, que sempre os tratou como se fossem menos do que cães, inferiores aos seus cavalos, porque não têm nomes importantes, títulos, terras ou poder! Que influência tiveram as doutrinas do Cristo humilde sobre você, desse Cristo que afirmou serem todos os homens irmãos, que os mais humildes não valem menos do que os mais poderosos? Que significam a caridade, a piedade, a justiça e a compaixão para você? Nada! São meras palavras ocas, faladas por padres gordos, pagos com o seu ouro, vestidos com as sedas, os veludos e as rendas que lhes deu, contra a promessa de que eles o protegeriam dos corpos suarentos dos seus irmãos, de que eles não lhes perturbariam o sono nem poriam em jogo os seus privilégios e o seu poderio! De que eles intimidariam esses milhões de seres humanos, ameaçando-os com o fogo do inferno, se ousassem revoltar-se e exigir o seu lugar ao sol, como homens de Deus que são!

Apontou um dedo trêmulo para Arsène, e a sua ira aumentou:

— Foi você, Monsieur de Richepin, que destruiu a Igreja e os seus servos, que lhe traiu o nome e lhe prostituiu a glória e a força, transformando-a num matadouro, que empesta as narinas dos homens. Era preciso tirar, aos desgraçados que você oprime, também a última esperança e levá-los a crer que o

crucifixo não era um refúgio para eles, e sim um sinal de escravidão, da sua impotência e desesperança? Foi você que transformou o Cristo em opressor deles e, por causa disso, não terá perdão do Céu!

Cerrou os punhos e brandiu-os num acesso de fúria:

— Foi você quem ordenou que as chaves de São Pedro ja-zassem numa mão cheia de joias, que o homem, coroado com três coroas, não seja servo de Deus, humilde, pobre e misericordioso, e sim uma imagem dourada e sem vida, sentada numa cadeira entalhada, símbolo da nossa cobiça e ambição! Você comprou o vigário de Cristo, Monsieur de Richepin! E, comprando-o, comprou a sua própria condenação.

O pequeno quarto ecoava-lhe a voz forte e apaixonada. Arsène escutava, incapaz de se mexer, apanhado num pesadelo, no qual o seu coração batia como louco e os seus membros pareciam de chumbo. Não podia desviar os olhos daquele velho e encolhido abade, imbuído agora de força, autoridade e indignação.

O velho padre estendeu os braços, como se esperasse ser crucificado, os olhos erguidos numa expressão de agonia, como que implorando ajuda de um céu alienado e escondido.

— Monsieur, pode ter a certeza de que, desta imundície, desta lama, deste caos, deste sofrimento, desta fome e deste desespero, desta opressão e desta violência, desta amargura e desta ignorância se originará uma terrível revolta, que trará na sua esteira a morte e a fúria! E, quando essa revolta chegar, arrasará, como um incêndio ou uma inundação, tronos, reis, nobres, privilégios, padres e poder! Afogará os opressores do povo num mar de sangue. Até quando pensa que o povo aguentará, monsieur? Já aguentaram tanto tempo, essas criaturas sem nome, esses homens e essas mulheres sofredores, essas massas famintas, doentes e ignorantes! Aguentaram por tanto tempo, que Deus deve ter ensurdecido com os seus gritos e lhes foi feito sinal para, finalmente, se vingarem.

O abade agarrou-se ao banco, como se as pernas não tivessem mais forças para sustentá-lo. Deixou-se cair sobre ele e a cabeça pendeu-lhe sobre o peito. Chorou alto, como se a sua dor fosse impossível de suportar. Arsène deu um passo para ele, os pensamentos num caos, a compaixão estrangulando-o.

Por fim, o abade disse, numa voz mais baixa e rouca:

— Um desses, o senhorio, veio até aqui faz quinze dias, monsieur. A sua carruagem, correndo por estas ruelas, atropelou um garoto junto à sarjeta. As rodas passaram por cima do menino, aleijando-o. Os cavalos pisotearam-no. O senhorio e a sua escolta riram, como de uma piada impagável. Afinal de contas, as rodas e os cascos dos cavalos só tinham passado por cima de um filho da ralé!

— Este rapaz, este pobre Alphonse, ao ver aquilo, ficou louco. Dentro dele começou a arder o fogo que se lastrará por toda Paris, por toda a França, por todo o mundo. Pulou para o estribo da carruagem, arrancou o senhorio do assento, arrastou-o para a sarjeta e, antes que alguém pudesse interferir, matou-o a pancada.

— Conheço Alphonse desde que nasceu, monsieur. Um jovem inteligente, sensível, que confiava em mim. Correu a procurar refúgio aqui. Mas antes os lacaios caíram sobre ele, procurando chaciná-lo. Ele conseguiu livrar-se deles e, coberto de sangue, correu para cá. Desde então, está escondido aqui.

— Estamos bem guardados, conforme você viu. Os gendarmes estiveram aqui várias vezes, à procura de Alphonse, mas não ousaram invadir a casa. Os senhores estão ficando espertos. Preferem contemporizar, ameaçar, prometer, subornar, para ver se pegam Alphonse. Mas a paciência deles logo acabará. A todo momento espero a chegada de um destacamento, ao qual não teremos forças para resistir. Prevejo que muito sangue correrá por estas sarjetas. Mas sei que não vamos poder proteger Alphonse por muito tempo. A morte de muitos não bastará para salvá-lo.

— Meus próprios superiores vieram ter comigo, exigindo que eu entregasse Alphonse à misericórdia dos seus opressores. Recusei-me. Ameaçaram-se, tentaram convencer-me. Continuei me recusando. E

assim, pelo crime de “interferir com a justiça e persistir no desafio aos que Deus colocou _acima de mim”, tiraram-me a autoridade como religioso e fui excomungado.

Levantou-se, aproximou-se de Arsène, agarrou-o pelo braço e disse, numa voz urgente, com palavras ansiosas:

— Monsieur, acredito que Deus o tenha mandado aqui. Você falou de uma dívida que tem comigo. Não me deve nada. Eu nada fiz. Mas, em nome dessa dívida imaginária, imploro-lhe que me ajude, que ajude este pobre jovem perseguido!

Muito emocionado, Arsène apertou a mão enrugada que o segurava.

— Monsieur l’Abbé, não precisa dizer mais nada. Já pensei num modo de ajudá-lo. Hoje, à meia-noite, voltarei com alguns companheiros e levaremos Alphonse desta casa para um esconderijo, um lugar onde ninguém ousará entrar. Lá, ele convalescerá e depois talvez o levemos para fora da França.

Abraçou o velho, que chorava de emoção, e disse, com voz forte:

— Anime-se, meu amigo. Nada está perdido. Até à meia-noite. Entrementes, vou procurar os meus companheiros e combinar tudo.

Abraçado a ele, o padre extravasou em bênçãos toda a gratidão que sentia.

Exausto, mas cheio de esperança, o abade acompanhou-o pelas ruelas fétidas, Quando Arsène se despediu dele e olhou para trás, o velho ergueu mais uma vez a mão em muda bênção.

À meia-noite, Arsène voltou com vários membros do Les Blanches. Como ele, pertenciam à aristocracia, e Arsène não tinha muita certeza de que fossem simpatizar com alguém que tinha matado um nobre, de modo que lhes dissera tratar-se de um jovem huguenote, perseguido pelas suas convicções e pela tentativa de incitar os habitantes do seu bairro contra os padres.

Mas, quando chegou, ficou paralisado de horror. Todo o quarteirão ardia. A casa do abade fora destruída. Os becos estavam cheios de homens e mulheres em estado de choque, contemplando a espessa fumaça que saía do que restava das suas pobres casas. Gendarmes a cavalo, com espadas desembainhadas e pistolas em punho, encostavam as pessoas contra as paredes e davam ordens a uma turma de homens, encarregados de apagar o incêndio. Os cavalos refugavam, empinavam e relinchavam diante do fogo.

Passou-se algum tempo antes que Arsène conseguisse perguntar o que acontecera ao oficial dos gendarmes, que levou respeitosamente a mão ao chapéu e mostrou-se espantado diante daquele grupo armado de gentis-homens. Arsène ficou sabendo que, duas horas antes da sua chegada, um destacamento de gendarmes recebera ordens para invadir a casa do padre e entregar à polícia um assassino açoitado. O padre, entrincheirado com o sobrinho na casa guardada por homens e mulheres armados de paus e pedras, recusara-se a entregar o assassino. Os gendarmes tinham atacado e sido contra-atacados pelos miseráveis habitantes do bairro. Cinco gendarmes haviam sido mortos. Vários pobres-diabos tinham morrido. Fora de si, os gendarmes tinham posto fogo à casa, acreditando que a fumaça e as chamas forçariam o padre, o ferido, o sobrinho e os dois guardiães a sair. Mas parecia que eles tinham preferido morrer no incêndio.

Haviam morrido. Entrementes, o fogo alastrara-se por todo o quarteirão. Os animais haviam sido dominados. Isso era tudo, monsieur. Um deplorável incidente, mas o que se podia fazer com tal ralé?

Arsène olhou, atônito, para as chamas e para as caras desvairadas do povo. Uma sensação de medo começou, lentamente, a tomar conta dele, sobrepondo-se até mesmo à dor que sentia pela morte do heroico abade.

— Era um padre excomungado — continuou o oficial. — Mas tinha um sobrinho, jovem inteligente, que compreendia bem a insensatez do tio. Foi ele quem foi ter conosco, hoje, para nos avisar a hora em que a casa ficava menos guardada. Tínhamos oferecido uma grande recompensa, e ele resolveu, muito sensatamente, abiscoitá-la. Ia nos fazer um sinal de quando devíamos atacar. Mas, antes, ele entraria em

casa, deixando as portas apenas encostadas, o que lhe era fácil, pois o tio confiava nele. Apareceu à janela e deu o sinal. Infelizmente, uma multidão já se reunira. Quando atacamos a casa, eles nos atacaram, com os tristes resultados que está vendo, monsieur. Fomos obrigados a pôr fogo à casa.

— Foi uma coisa horrível! O sobrinho chegou-se à porta, tentando fugir. Mas ú padre surgiu por trás dele, como um demônio. Sem dúvida, descobrira a participação do sobrinho na coisa. Agarrou o rapaz, puxou-o para trás, para as chamas, e trancou a porta. Vimos o rosto dele, por um instante... um rosto demoníaco, monsieur.

E o oficial; estremeceu.

— Meu Deus! — exclamou Arsène.

Seus companheiros, intrigados e alerta, rodearam-no, montados nos seus cavalos, e intimidando o capitão.

Mas Arsène olhou para a pira funerária do Abade Mourion, que sacrificara a própria vida e a vida do seu querido-sobrinho, num último ato de desafio heroico a um mundo cruel, a uma vida abjeta e a um destino sem esperança. Um desafio que nada trouxera de bom, que resultara inútil.

Mas, de repente, o coração de Arsène pareceu parar de bater. Teria realmente sido inútil? Ou teriam incêndios como aquele, sacrifícios de vidas como aquelas, força para ajudar a melhorar o mundo?

● Capítulo XXXIX

Monsenhor de Pacilli sabia muito bem que os mais poderosos impulsos do coração humano têm origem no mal, que os homens têm uma inclinação natural para o ódio, a concupiscência-a avareza, a crueldade e a vingança. Certa vez, provara, após meticolosos cálculos matemáticos, baseados em exemplos da História, que seriam precisos mil dias para que mil padres piedosos e virtuosos conseguissem imbuir o coração de um único homem dos sentimentos cristãos de bondade, misericórdia, justiça e amor, de tal maneira que um grupo de sedutores levasse exatamente doze horas para dissuadi-lo dos seus anteriores ensinamentos.

— Mas, ao fim dessas doze horas, o homem, assistido pelos seus impulsos naturalmente maus, ficaria para sempre imune aos ensinamentos dos mil padres virtuosos e piedosos — concluíra sagazmente de Pacilli.

— Por conseguinte, o Príncipe das Trevas, sabendo que há um milênio e meio a raça humana vem sendo exposta ao cristianismo por apenas alguns curtos períodos, e nunca doutrinada pelos seus hipotéticos mil padres piedosos e virtuosos durante os mil dias igualmente hipotéticos, sabe que é necessária apenas uma hora de exortação ao mal para fazer com que um homem esqueça todos os ensinamentos cristãos e volte a ser o que era: uma besta furiosa, refocilando prazerosamente no mal, que é a sua natural condição espiritual.

Convicto como estava da força irrefutável do seu conhecimento da humanidade, ele não tinha dúvidas quanto ao resultado final da sua ação insidiosa junto dos camponeses que viviam e trabalhavam nas terras do Conde de Vitry. A sua mente, lógica e fria, estudava os efeitos da perfídia que semeara, com interesse científico. Seria necessária uma hora, uma semana ou um mês para se obter resultados? Calculando que a idade média dos camponeses era de trinta anos, que eles tinham, desde a infância, tido em média uma hora diária de doutrinação religiosa, deduziu que uma semana seria suficiente para fazer com que os camponeses revertissem ao seu temperamento normal. Mas, a a como os astrônomos calculam os desvios nos movimentos dos planetas, causados pela influência de outros planetas, assim de Pacilli fora forçado a calcular os desvios na conduta normal desses camponeses, causados pela benigna e nobre influência do Conde de Vitry. Além do mais, ainda de acordo com as teorias da astronomia, ele fora também compelido a compreender que, assim como os planetas diferem nos seus desvios em proporção ao seus pesos, também ãs homens variam no grau de velocidade que levam para voltar à sua natureza normal, na proporção exata ao efeito que cada um deles sofre dos seus mestres. Alguns, ele percebia, voltariam bem depressa. Outros iriam mais devagar. Calculando cuidadosamente, utilizando-se de números lógicos e frios, chegou à conclusão de que dez dias bastariam, atraindo assim para a sua esfera de influência aqueles que levariam dois dias a voltar ao seu estado de perversidade natural, num total de doze dias.

Concluiu os seus cálculos sem cinismo, sem um único comentário azedo. Tratava-se de fatos matemáticos, que não exigiam reflexões amargas.

Mas, ao fim de dez dias, foi forçado a conceder que seriam precisos catorze dias. Refez as suas contas, e elas totalizaram novamente dez dias. Mas, apesar das contas, foram necessários mesmo catorze dias.

Ao fim desses catorze dias, ele conseguira seduzir até os mais devotados ao conde, os que mais dependiam dele e lhe tinham mais gratidão. Mesmo os mais velhos, que ainda se lembravam bem da anterior opressão e dos passados sofrimentos, acabaram sucumbindo em duas semanas. Mas de Pacilli estava irritado. Os números chegavam, inevitavelmente, a conclusões que nem Deus nem Satã podiam refutar. Por conseguinte, eles tinham que estar errados. Após duas intermináveis noites fazendo novos

cálculos, ele concluiu que seriam necessários mil e quatro dias para que mil incansáveis e piedosos sacerdotes convencessem um único homem a agir segundo os ensinamentos de Cristo, em vez dos mil dias originais. Ah, então era isso! Calculando com base nesses novos números, o resultado foi de catorze dias. Nessa noite, ele dormiu satisfeito.

Deixou que se passassem os catorze dias. Afinal, da mesma forma que os vinhos, os ressentimentos precisam levar algum tempo para fermentar e adquirir força e calor. Ao fim de trinta dias, deixando uma margem para os tais desvios, ele tinha a certeza de que os camponeses estavam prontos. Acordou, essa manhã, sabendo que a sua missão estava cumprida.

Essa noite, o Conde de Vitry chegou ao seu château, acompanhado de Madame duPrès. Paul não tinha por hábito observar o semblante dos outros, à procura de indícios de maldade, traição ou rancor. Se o tivesse feito, teria notado que os criados estavam diferentes, que a atmosfera no château era pesada, que havia um brilho mau nos seus olhos, que eles murmuravam imprecações e brandiam punhos cerrados pelos corredores, que vários tinham cuspidos à sua passagem.

Mas Madame duPrès sentiu todas essas coisas. Preocupada, irancou as portas do seu quarto e ficou deitada, os ouvidos alerta. Seria imaginação, ou havia mesmo barulho de passos e murmúrios no corredor? Não era uma tocha, aquele clarão no jardim? Levantou-se e foi até a janela. O que viu fê-la soltar um grito de pavor.

Os jardins tinham sido invadidos por uma horda de homens e mulheres, armados de paus e pedras. A luz das tochas iluminava-lhes os rostos. Na hora em que ela gritou, os que estavam mais próximos jogaram as tochas pelas janelas abertas e avançaram sobre o château, gritando insultos terríveis.

As portas não tardaram a ceder.

● Capítulo XL

Monsenhor de Pacilli sabia que só existem duas espécies de homens cujas convicções não podem ser facilmente abaladas: os idiotas e os sábios. O idiota não tem capacidade para combater os argumentos e nem para refletir. Os sábios são, -geralmente, por demais egocêntricos para aceitar a lógica de um argumento contrário ao resultado final das suas exaustivas pesquisas.

Homem sagaz e brilhante, sutil e astuto, as conclusões a que chegara com respeito a Crequy e a François Grandjean teriam surpreendido outros menos perspicazes. Porque ele concluía que Grandjean era um idiota, e Crequy, um sábio. Tentara, em diversas ocasiões, seduzir a ambos, mas todas as suas artimanhas tinham sido em vão. Grandjean, como tantos homens dignos, íntegros e honrados, infelizmente fizera calar imediatamente o padre, ao suspeitar que ele pretendia falar-lhe mal do Conde de Vitry. O velho mostrara-se indignado. Se fosse sábio, teria ouvido e, talvez, podido evitar uma terrível tragédia. De modo que, como todos os homens demasiado íntegros, demasiado rígidos, ele demonstrara uma completa falta de visão e de sutileza. Fosse ele o suficientemente sábio para ter, no seu caráter, um pouco de malícia e desonestidade, teria fingido dar ouvidos ao padre e escrito ao conde, para preveni-lo. Mas, na sua insensatez, nem sequer pensara nisso.

Crequy, o sábio, não fora procurado pelo padre depois daquela primeira abordagem na taberna. Porque, após longa meditação, de Pacilli chegara à conclusão de que aquele homem não odiava o conde. Ao contrário, amava-o e desejava protegê-lo. Consequentemente, dissera aos líderes do crescente movimento que não falassem do conde na taberna e avisassem os seus seguidores para não o fazer. Mas não explicara por quê.

Assim foi que Crequy, o sábio, e Grandjean, o estúpido, estavam quase que inteiramente alheios ao sentimento de fúria que crescia entre os camponeses. Mas, nos últimos dias, Crequy, com seu sexto sentido de camponês, começara a sentir um cheiro pestilento nos ventos que sopravam dos campos e vinhedos. Começara a investigar com muito cuidado, mas não encontrara nada. Não obstante, as suas suspeitas tinham aumentado, incluindo agora o padre.

Decidiu falar com o conde, da próxima vez que ele viesse.

— Mas — disse ele, com feroz desespero, para Roselle, sua sobrinha — aquele santo imbecil não vai me dar ouvidos. Vai-se lembrar de que eu sempre o preveni contra a ingratidão dessa ralé e vai rir na minha cara.

Como o conde e sua amante tinham chegado tarde da noite, o povoado não se apercebera do fato. Mas, depois de cearem, Madame duPrès mandara chamar um criado para levar um recado a de Pacilli. O padre, levantando-se da mesa sobre a qual escrevia, envolvera-se na sua longa capa negra e fora, a coberto das trevas, bater de porta em porta. Sabia que os homens são mais vulneráveis à meia-noite, sobretudo quando subitamente tirados da cama.

Voltou para casa. Não fazia parte do seu plano testemunhar os resultados da sua sedição. Cumprira a sua tarefa. Terminara também o quinto dos seus volumosos livros. Faltavam apenas as últimas páginas. O restante já estava em Paris, nas mãos dos seus superiores. Começou a juntar os poucos pertences e a colocá-los num portemanteaux. Seu espírito ágil partiu para outras preocupações.

Uma ou duas vezes, ao olhar pelas janelas estreitas da casa, viu o furtivo e distante clarão das tochas, o rouco zumbir do povoado acordando. Deu de ombros. Já não estava interessado. De repente, porém, um pressentimento animal fez com que um calafrio o percorresse. Esgueirou-se para fora da casa e dirigiu-se, pelos fundos, para a pequena igreja, cujas portas estavam sempre abertas. Mas o pressentimento não o deixou. Correu os ferrolhos e deslizou para o altar, qual sombra negra iluminada pelo luar que entrava

pelas janelas altas e pontudas.

Ficou diante do altar, olhando para a perpétua luz vermelha que o iluminava, sem acender nenhuma vela, o rosto pálido, semelhante a uma máscara, ao luar. Em que pensava ele, ali, diante do crucifixo? Ninguém saberia dizer. Mas o seu rosto foi ficando cada vez mais inescrutável, mais marmóreo de aspecto e de expressão.

Passado muito tempo, dirigiu-se para trás do altar e examinou uma porta pequena e pesada, aberta na parede. Utilizando-se da chave enferrujada que pendia da fechadura, abriu-a. No escuro viu uma série de degraus de pedra, que levavam a uma cripta vazia. Ouviu o escorrer de água e sentiu o cheiro fétido que vinha daquele lugar úmido e subterrâneo. Tapou depressa o nariz com o seu fino lenço de linho e fechou a porta, mas não a trancou, e examinou-a cuidadosamente. Era de madeira pesada, reforçada com ferro, e perfeitamente encaixada. Sentou-se perto dela, as mãos imóveis sobre os joelhos, e continuou a olhar, fixamente, como uma imagem de pedra, para o crucifixo. Ninguém o teria distinguido em meio ao negrume entrelaçado de prateado que adornava a igreja. A batina preta confundia-se com a escuridão, o rosto pálido parecia uma mancha de luar.

Paul de Vitry, mental e fisicamente exausto, deitara-se cedo. Madame, contrariamente aos seus hábitos, não o incomodara com suas eternas queixas. Ele estava farto dela e ela sabia disso. Evitava-a sempre que possível. Mas era bom demais para mandá-la embora com uma indenização em dinheiro, como outros homens faziam. Possuía a covardia própria das boas almas: não podia suportar a ideia de ferir outra pessoa, por mais tediosa, má ou repulsiva que fosse. Consolava-se com a esperança de que ela também se fartasse dele e o abandonasse. Até então, essa esperança não se justificara. Ela agarrava-se a ele com teimosa tenacidade. Mas Paul sabia que nessa tenacidade não havia afeto, apenas avareza e ressentimento. Mesmo assim, esperava que ela acabasse se fartando da sua indiferença e procurasse outro pouso. Quando isso acontecesse, ele a dotaria com uma bela soma em dinheiro. Entrementes, ela persistia em se agarrar a ele e a não deixá-lo ter um momento de paz.

Desejou-lhe boa-noite com a sua costumeira gentileza e aconselhou-a a se deitar cedo, para se recuperar da cansativa viagem. Mas ela parecia relutar em deixá-lo. Seu belo rosto estava desacomumadamente pálido. Toda ela demonstrava inquietação. Inventou pretextos para prendê-lo. Finalmente, cansado e levado pela tristeza crônica que ultimamente não o largava, despediu-se dela com mais secura do que era comum.

Ficou muito tempo deitado, olhando em frente, os olhos fixos nas sombras que o luar formava no teto, seguindo, mecanicamente, os movimentos dos cortinados, soprados pela brisa suave e perfumada da noite. Ficou ouvindo, sem realmente prestar atenção, o clamor dos grilos na grama úmida, do lado de fora das janelas. Um rouxinol cantou e o coração de Paul se contraiu num espasmo de angústia. Mas nenhum outro som rompeu as trevas enlauradas.

A lua continuou a sua trajetória para o oeste. As árvores começaram a balançar. Através da janela, Paul viu a cruz no campanário da igreja brilhar de repente, como se iluminada por um raio de luar. O vento trouxe até ele o cheiro de terra, de grama, de flores e árvores. Mas, estranhamente, o silêncio parecia aumentar.

As lágrimas afloraram de repente aos olhos fatigados de Paul, que os fechou, suspirando. O peso no seu coração tornou-se quase impossível de suportar. Todo o seu ser parecia engolfado pelo sofrimento, pelo desespero, pelo cansaço e por uma dor inexplicável. A existência tornara-se, para ele, um deserto seco e estéril, que ele tinha de atravessar, como um viajante que perde o rumo e se sente à beira da exaustão. Toda a esperança se fora da sua alma, toda a alegria inocente que sentira no fato de viver desaparecera para sempre. Perdera a fé nos seus semelhantes, essa fé nascida da sua ingenuidade e pureza de espírito, e, como acontece com pessoas assim, não havia consolo para ele, nenhuma filosofia

cínica, nenhuma aceitação fatalista ou bem-humorada. Essa fé perdida em muitos homens engendraria ódio. Mas no coração de Paul não havia a semente do ódio. Ele só podia sentir pena e um desespero mortal. Para ele, todos os homens tinham se transformado em animais traiçoeiros, à procura de possíveis vítimas.

Perdera o amor. Amara a jovem Cécile Grandjean com uma paixão desconhecida da maioria dos homens. Outros podiam dizer para si mesmos: “Ora, ela não passa de uma camponesa obscura, igualzinha a milhares que há por aí”. Mas, para alguém tão inocente, tão profundo, tão ingênuo quanto Paul de Vitry, ela era única, não havia outra mulher como Cécile. Nunca ouvira falar no cínico aforismo de que todas as mulheres são iguais no escuro. Os apetites da carne nunca tinham sido muito fortes nele. O seu temperamento sensível, quase feminino na sua delicadeza, era capaz apenas de devoção e eterna fidelidade.

Sentia uma vontade enorme de fugir. Mas para onde? Não havia refúgio, nenhum lugar onde ele pudesse ter sossego.

Finalmente vencido pelo cansaço físico e mental, caiu num sono sobressaltado. De repente, abriu os olhos. Parecera-lhe ouvir um grito. Mas devia ser apenas um pesadelo. Voltou-se para o outro lado e procurou dormir de novo.

Nisso, ouviu como que um rugido. Devia ser o vento. Abriu novamente os olhos, já agora completamente desperto. O rugido aumentara, e, acima dele, ouviam-se gritos e vários estrondos. O luar desaparecera. Longas serpentinas de luz vermelha lambiam o teto do quarto, e Paul sentiu um súbito cheiro de fumaça, ao mesmo tempo em que ouvia gritos e passos no corredor e insultos em voz alta.

Pulou da cama, enfiando o robe por cima da camisola, correu para a porta e abriu-a. O corredor estava vazio, mas de todos os cantos saíam fumaça e um clarão vermelho. O andar de baixo do château estava cheio de homens e mulheres brandindo os punhos cerrados, os rostos suarentos avermelhados pelas chamas que lambiam as paredes, como se fossem rostos de demônios escapados do inferno. Das suas bocas saíam gritos, imprecações e uivos enlouquecidos. Muitos deles, no seu desvario, atiravam delicadas peças de porcelana e mobiliário contra as paredes, espatifando-as e esmagando com os pés o que restava. Outros arrancavam os cortinados das janelas. Outros ainda, tentando subir a estreita escada, se acotovelavam e empurravam, insultando-se mutuamente.

Essa foi a cena que os olhos incrédulos de Paul viram, ao se aproximar do alto da escada. Ficou como que petrificado, olhando para a multidão, que gritava e se comprimia em meio à fumaça. Quando o viram, um rugido diabólico e faminto "brotou-lhes das gargantas.

— Lá está o porco, o assassino, o mentiroso, o maldito opressor e herege! — gritaram as mulheres, estendendo as mãos para ele, como se fossem garras prontas para dilacerá-lo.

Paul ficou imóvel, olhando para baixo. Sentia a cabeça girar. Via aqueles rostos familiares, agora transformados em caras demoníacas. Encostou-se à parede, temendo cair. A cena, lá embaixo, dançava-lhe diante dos olhos: as paredes listradas do vermelho das chamas, a fumaça subindo em rolos, os rostos inflamados, os punhos cerrados. O calor sufocava-o. O barulho ensurdecia-o. Só podia ser um pesadelo, todo aquele horror! Decerto ele estava sonhando! Ouviu os gritos e os urros de bestas selvagens e não pôde acreditar. A sua mente recusava-se a aceitar tudo aquilo.

Alguém lhe roçou o cotovelo. Paul sacudiu a cabeça e viu Ma-dame duPrès perto dele, os negros cabelos caindo-lhe sobre os ombros. Vestia apenas a longa camisola de seda branca, que brilhava ao clarão vermelho das chamas. Através da seda, a sua carne branca reluzia, qual mármore através da neblina.

Louca de terror, ela não viu Paul ou, se o viu, mal se apercebeu da presença dele. De pé no alto da escada, estendeu os braços, em atitude súplice, para a multidão que, ao vê-la, fez uma pausa e ergueu os

rostos congestionados na sua direção.

— Não! — gritou ela, incoerentemente. — Não era para ser assim! Não me prometeram que seria assim! Onde está o padre? Onde está o Padre de Pacilli? Por que ele não está aqui?

Desceu uns dois degraus, mas, ao ver a multidão novamente enfurecida, recuou e voltou precipitadamente para o lado de Paul, o rosto mortalmente pálido, os olhos desvairados, as mãos protegendo o peito.

— Onde está o padre? — gritou ela. — Fora daqui, ralé! Eu preciso descer, fugir! Tínhamos combinado que eu teria tempo! A coisa não ia ser assim! Não lhes disseram? Fui eu quem possibilitou isto, eu sou sua amiga, amiga do padre! Deixem-me descer, por Deus, antes que eu morra!

Estendeu as mãos para eles, os cabelos negros esvoaçando em volta dela, o rosto branco brilhando à luz vermelha das chamas. Paul afastou-se dela, encostou-se à parede. Olhou para ela, como se fosse uma terrível aparição.

A multidão soltou uma risada horrível. As bocas das mulheres se abriram, como se fossem cavernas negras.

—• É a rameira! — gritaram. — A amante do herege! Matem a rameira! Estraçalhem-na!

Epítetos insultuosos chegaram-lhe aos ouvidos. Ela recuou, chorando, cobrindo os ouvidos com as mãos trêmulas, rolando os olhos desesperada e febrilmente, procurando escapar. Por fim, o seu olhar pousou em Paul, e ela deixou cair as mãos. O choro transformou-se num gemido.

— Salve-me! — gemeu ela, abrindo caminho para ele-com as mãos estendidas.

Ele olhou para ela e estremeceu. Depois, olhou de novo para os rostos que amara, para os homens e as mulheres que socorrera, para as pessoas a quem se dedicara, com amor, ternura e misericórdia. Quem poderia ler os seus pensamentos, ao olhar para elas, imóvel e calado?

A mulher agarrou-o, desesperada, cravando desvairadamente as unhas nos ombros dele, nos seus braços, nas suas mãos frias. Ele parecia não a ver nem sentir. Continuou imóvel, olhando para baixo. Agora, não havia horror, nem medo no seu rosto. Apenas uma grande tristeza, como se ele meditasse profundamente.

Algo no seu aspecto fez com que a multidão parasse. Olharam para ele e ficaram calados. Em meio ao silêncio, as chamas estalavam, subindo pelas janelas, pelas paredes, pelas colunas.

Amo e camponeses olharam um para os outros àquela luz trêmula e vermelha. Os homens, fitando-o, coçaram, embaraçados, as cabeças. As mulheres pigarrearam. Um cheiro fétido emanava deles, misturava-se à fumaça acre. Os homens olharam para aquele homem imóvel e calado, no alto da escada. Viram-lhe o rosto pálido e reluzente. Viram-lhe os olhos.

Foram aqueles olhos, penetrando-lhes as almas bestiais, o que acabou de enlouquecê-los. Horror, remorso, fúria e desespero tomaram conta deles, inspiraram-lhes um desejo sádico de matar. Sabiam apenas uma coisa: que tinham de acabar com aquele homem. Que tinham de fechar aqueles olhos tranquilos. Que tinham de destruir aquele rosto quieto. Tinham que fazer tudo aquilo por sua própria causa. Se não o fizessem, aquele rosto e aqueles olhos os perseguiriam para sempre, os acompanhariam até as profundezas do inferno.

Enlouquecidos, apavorados, procuraram de novo subir a escada. Muitos fecharam os olhos. As mulheres soluçavam e gemiam. Os homens amaldiçoavam e ofegavam. As mãos deles estavam agora a menos de um metro de distância. Paul podia ver a luz vermelha que lhes dardejava das órbitas desvairadas.

Madame duPrès caíra aos pés dele e agarrava-lhe os joelhos, encostando a cabeça contra o corpo de Paul. Ele olhou para ela, abaixou-se, tomou-a nos braços e fugiu pelo corredor. Entrando no seu quarto, Paul deixou-a cair no chão e trancou a porta. Depois, arrastou febrilmente uma cômoda, um armário e

colocou-os diante da porta. Correu para a janela, mas não havia maneira de escapar. Os jardins do chateau estavam todos cheios de homens que carregavam tochas.

Ao longe, a cruz do campanário brilhava calmamente ao luar. As árvores próximas estavam rosadas do clarão do fogo. De repente, no meio dos homens que corriam, Paul viu o rosto de Crequy.

Paul estava de pé na sacada, o seu contorno claramente desenhado contra as paredes brancas do chateau. Parecia banhado em chamas. Viu Crequy, de pé, imóvel, olhando para ele.

Crequy não se mexeu. Gigantesco, atarracado e desajeitado como sempre, o taberneiro parecia petrificado. Mas os olhos de ambos se encontraram, acima das cabeças dos homens que gritavam e corriam, ensandecidos. Crequy levantou uma das mãos e deixou-a cair de novo. Durante um longo momento, eles se comunicaram em meio ao fogo, à morte e à violência.

De repente, Crequy desapareceu. Paul olhou para as suas terras e viu, ao longe, um fogaréu. Deixou escapar um gemido. Sabia que o fogo vinha da casa de François Grandjean.

Voltou para o quarto. Madame duPrès se levantara, apoiada nas mãos e nos joelhos. Os cabelos caíam-lhe pelo rosto e pelos ombros. Levantou a cara, e os seus olhos fitaram os de Paul, em silêncio.

Depois, palmo a palmo, ela se arrastou, de joelhos, até Paul, e deixou cair a cabeça nos pés dele.

— Perdoe-me —• murmurou.

Ele olhou para ela, e, do fundo do seu nobre coração, um impulso humano fez com que ele levantasse instintivamente o pé. Mas, imediatamente, esse impulso cedeu. A mulher tinha visto o pé erguer-se, tinha pressentido o gesto bestial, e recuado. Mas logo percebeu que ele não seria capaz de atingir-lhe a cabeça inclinada, o corpo indefeso. Ergueu a cabeça. As lágrimas deslizavam-lhe pelas faces. Pôs-se de joelhos e juntou as mãos, como se rezasse.

— Eu o traí, monsieur — murmurou ela. — Pode bater-me, pode matar-me, que eu bem mereço isso e muito mais.

Ele olhou para ela, em silêncio, e depois perguntou, em voz baixa:

— Por que você fez isso, Antoinette?

— Foi o padre — gemeu ela.

Paul passou a mão pelo rosto. Quando a deixou cair, a sua expressão não mudara.

— Foi tão fácil assim? — disse, para si mesmo. — Assim tão fácil? Depois de todos esses anos, foi tão fácil a um padre destruir tudo o que eu tinha conseguido?

Ela abraçou-se aos joelhos dele, corando copiosamente.

— Foi tão fácil, monsieur\ Não deu trabalho nenhum!

O espanto tomou conta dele. Mexeu com os lábios, mas nenhum som saiu dele. Virou a cabeça de um lado para o outro, como se lhe faltasse o ar. Depois, suspirou, uma e várias vezes. Olhou para a mulher, e a piedade iluminou-lhe o rosto.

Fez com que ela se erguesse e apertou-a contra ele. Ela enlaçou-lhe o pescoço com os braços, as lágrimas escorrendo pelo ombro dele, molhando-lhe a camisa. Mas ele apenas suspirou, olhos fitos no vácuo, e aquele suspiro profundo penetrou o duro coração dela.

A turba já estava no corredor, sedenta de sangue, gritando e rugindo. Jogaram-se contra a porta do quarto, que tremeu nas dobradiças. Ouviram-se os piores insultos e ameaças, através da grossa madeira de carvalho. Paul olhou para a porta. Não demoraria que ela cedesse ao furioso ataque e que a turba enfurecida invadisse o quarto e fizesse coisas horríveis.

Paul levantou suavemente a cabeça da amante. Segurou-lhe o rosto molhado nas mãos e olhou-o penetrantemente.

— Daqui a um momento, eles entrarão, Antoinette. Quer que nos encontrem vivos?

Ela gemeu e estremeceu. Depois, ficou calada. Olhou para ele, e os seus belos olhos, úmidos de

lágrimas, iluminaram-se de uma luz desesperada, uma luz de suprema coragem.

Paul afastou-a com todo o cuidado. Ela não se moveu. Viu-o dirigir-se para a mesa e apanhar a espada. Viu-o desembainhá-la, pegar na pistola e voltar para junto dela.

— Só há uma bala na pistola, Antoinette. Tem que ser para mim. Você tem coragem? Será apenas uma dor momentânea.

A voz dele quase foi abafada pelo ruído ensurdecedor que vinha do corredor. A porta rangia nas dobradiças. Um momento mais e ela cederia.

Paul ergueu a espada e encostou a ponta ao peito seminu da mulher. Uma gota de sangue aflorou, vermelha viva. Paul olhou-a nos olhos. Ela não estremeceu sequer. Ao contrário, sorria e estendia as mãos para ele, murmurando um último pedido.

Ele inclinou-se lentamente para ela, afundando a espada. Quando o aço lhe penetrou o coração, os lábios de ambos se encontraram.

A porta sucumbiu, enfim, ao peso dos arrombadores. Mas, quando eles entraram, ouviu-se um estampido.

O sol, ao tingir a aurora de escarlate, iluminou o château de Vitry. Estava completamente arrasado. Aqui e ali, uma chaminé, um pedaço de parede, negra de fumo, recortavam-se contra o céu, enquanto pequenos rolos de fumaça cinzenta continuavam a sair deles.

● Capítulo XLI

Nunca se soubera que Crequy tivesse um amigo íntimo ou, pelo menos, mais chegado. Os camponeses nunca tinham ignorado que ele os detestava. Detestavam-no, também, mas respeitavam-no. A taberna dele era popular, pois nunca roubava. Além disso, às vezes era tomado de uma estranha generosidade, que o levava a apanhar presuntos, salsichas e outras iguarias e a convidar — entre pragas e grunhidos — quem estivesse na taberna, para se regalar, de graça, com elas. Ninguém jamais entendera por que ele fazia isso. Nessas raras ocasiões, os camponeses sentiam um grande afeto por ele.

Ninguém jamais suspeitara de que ele amava o Conde de Vitry. Dizia-se que ele o detestava. Os camponeses, então orientados pelo Abade Lovelle, indignavam-se com ele por causa disso e também por Crequy afugentar todos os rapazes que se engraçavam por Roselle, sua linda sobrinha.

— Daria até para pensar que ele a estava guardando para o conde, se o conde fosse como o pai dele — resmungavam.

Mas Monsenhor de Pacilli adivinhara o segredo de Crequy; só que não o considerara suficientemente importante para mencioná-lo às pessoas que ele estava seduzindo. E nisso cometera o seu erro capital.

Outra coisa que Crequy mantinha em segredo era a sua gradual e relutante amizade pelo velho François Grandjean. A amizade não se formara a passo e passo, mas acabara se tornando um fato. Cécile e Roselle também se tinham tornado amigas.

A fim de esconder a sua “fraqueza”, Crequy costumava visitar Grandjean, tarde da noite, e ambos ficavam horas sentados, bebendo vinho, Crequy discutindo ferozmente, Grandjean sorrindo, mas sempre persistindo no seu ponto de vista. Aquela amizade era um consolo para ambos. Grandjean não conseguira tornar-se popular entre os camponeses, apesar dos seus esforços. A sua simplicidade de maneiras não os iludira, fazendo-os acreditar que ele era igual a eles. Olhavam-no com respeito, devido à amizade que o jovem conde evidenciava pelo administrador, mas sentiam ciúme dele. O padre trabalhara bem com relação a François Grandjean, que começara a compartilhar das mesmas suspeitas e do ódio que nutriam contra Paul de Vitry.

Naquela noite, a jovem Cécile tinha ido visitar Roselle, que havia alguns dias estava indisposta. As duas moças tinham rido e conversado tanto e Crequy tinha ficado tão entretido a vê-las, rindo e franzindo a testa no seu canto, que, antes que elas se dessem conta, já era tarde. Apressadamente, bem na hora em que o sino da torre da igreja dava as onze badaladas, Cécile agarrara na capa e no cesto vazio, no qual trouxera gulodices para a amiga.

Crequy anunciou a sua intenção de acompanhá-la até a casa.

A moça protestou, dizendo não haver perigo, mas Crequy insistiu.

— Não há animais na rua e nem nos bosques — disse Cécile.

— De quatro patas, não há — retrucou Crequy, com voz azeda.

A casa de François Grandjean ficava a uma distância considerável da taberna, implicando uma caminhada de pelo menos meia hora. A noite estava enluarada, e as sombras dos dois, do gigante atarracado e da jovem esbelta, retorciam-se diante deles. O povoado parecia dormir. O luar banhava as altas e brancas paredes do chateau, os seus telhados e jardins. A noite parecia abençoada e os dois caminhavam sem falar.

Mas Crequy não era camponês à toa. Ao se aproximarem, às escuras, da casa silêncios[^] dos Grandjean, ele de repente agarrou o braço da jovem, fazendo-a estacar, ao mesmo tempo em que farejava o ar.

— Há algo estranho — murmurou.

Assustada, a moça parou e olhou em volta. Diante dela, no fim da rua empedrada, a casa do avô estava adormecida, ao luar. A cada lado dela, as outras casas de pedra também pareciam dormir. Não se via uma luz. Um rouxinol cantava nas árvores que envolviam as casas.

— Não é nada — sussurrou ela, também farejando, com medo de incêndio.

Mas o ar estava fresco e cheio de doces aromas. Crequy deu de ombros e aguçou de novo os ouvidos.

— Você não ouviu um som, uma voz? — perguntou, levando a mão à cinta, da qual pendia sempre um grosso cajado.

— E' o que há de estranho nisso? — retrucou a jovem, com impaciência. — Deve ser alguma criança que não consegue dormir, ou algum doente. . .

Crequy meneou a cabeça, como um touro, resmungando entre dentes. Depois, com um grunhido irritado, pegou a menina pelo braço e levou-a para a casa do avô. Ao chegar junto da porta, parou de novo. Parecia-lhe ter ouvido um ruído no jardim, entre os arbustos e as árvores, um barulho como o de vários homens rastejando. Deixou a moça perto do portão e foi ver o que era. O jardim jazia adormecido ao luar. Os topos das árvores estavam prateados, os caminhos, o telhado, os troncos das árvores pareciam contomados a prata. Aqui e ali, uma folha mexendo ao vento, de repente, se transformava num ovalado de purpurina.

Abanando, preocupado, a cabeça, Crequy voltou para junto do portão, onde Cécile, com um sorriso impaciente, esperava, batendo com o pé.

— Entre — disselhe ele. — Vou esperar aqui até a porta se ter fechado.

Ela riu.

— Meu avô está dormindo. Não devemos acordá-lo.

Pôs-se na ponta dos pés e beijou-lhe afetuosamente a face.

Crequy ficou comovido com o gesto, embora não o desse a perceber. Ficou junto do portão, até Cécile abrir a porta, acenar-lhe com a mão, e a porta se fechar atrás dela.

Crequy ficou ainda uns dois minutos ao luar e depois voltou pelo mesmo caminho. Mas não conseguia livrar-se da sensação de estar sendo vigiado por uma porção de olhos furtivos.

Caminhou rapidamente, no seu passo desajeitado, durante uns cinco minutos. Depois, parou de repente, erguendo de novo a cabeça. Havia um cheiro acre no ar. Virou-se mais do que depressa. Um clarão rosado subia para o céu. Começou a correr de volta à casa de Grandjean, a sua enorme sombra pulando à frente dele no empedrado da rua. Não se ouvia nenhum som nem se via qualquer movimento, mas o clarão aumentava.

Era realmente a casa dos Grandjean. Mas por que tudo o mais estava tão quieto? Por que nada se movia em redor, ou nas casas? Disse a si mesmo que devia ter havido um acidente, que uma fagulha devia ter saltado para fora da lareira, ou uma vela caído, quando a jovem subira a escada para se deitar. Mas o seu instinto de camponês negava isso. Sabia que algo horrível estava acontecendo.

Chegou à casa, que ficava separada das outras, no centro de um grande jardim, cheio de árvores. Agora, as árvores pareciam uma caverna escarlate, em meio à qual a casa ardia. As outras casas, bem distanciadas, continuavam envoltas numa estranha escuridão. Ouviu um rugido. Vinha das chamas, mas, ao mesmo tempo, outro rugido, indefinível, chegou até ele, vindo de longe — um rugido humano.

Pulou por cima do portão, sem perder tempo a abri-lo. As janelas brilhavam, vermelhas, refletindo as chamas lá dentro. Arrombou a porta, gritando. A fumaça e o calor arderam-lhe nos olhos, que ficaram marejados de lágrimas. Durante alguns momentos, ele não conseguiu ver nada.

Depois, ao entrar naquele inferno, tropeçou em algo. À luz das chamas, viu que François e Cécile jaziam a seus pés, caídos um por cima do outro, como numa pilha.

Horrorizado, Crequy agarrou os dois e arrastou-os daquela pira viva, que ameaçava carbonizá-los.

Carregou-os para longe da casa e pousou-os na grama, onde as gotas de orvalho brilhavam como rubis ao fulgor das chamas. Gritou repetidamente, olhando, em desespero, para as casas apagadas e silenciosas. Mas ninguém acudiu aos seus gritos.

Cécile gemia. Crequy viu que ela fora ferida na cabeça e que sangrava profusamente. Inclinou-se sobre o velho, cujos olhos abertos pareciam fitar a lua. Da boca aberta não vinha qualquer som de respiração. Um horrível ferimento na testa mostrava onde ele fora atingido. Crequy não teve dúvidas de que o velho estava morto.

Os soluços sacudiram o enorme corpo de Crequy. Gritou freneticamente, mas ninguém veio. Depois, vendo o estado da jovem, ergueu-a nos braços e dirigiu-se para a sua própria casa, o sangue dela pingando-lhe nas mãos. Ela parara de gemer e parecia morta em seus braços.

Já quase chegara à taberna, correndo desesperadamente, quando ouviu um prolongado e selvagem rugido. Olhou na direção do château.

Estacou, como que atingido por um raio, a boca aberta, os olhos esbugalhados. As paredes do château estavam envoltas em chamas. E, em toda a volta, no jardim, Crequy viu as sombras negras de um sem-número de homens, gritando a distância.

Foi então que compreendeu tudo. Não pensou, como qualquer homem mais civilizado poderia ter pensado, que tudo aquilo não passava de um acidente, que os homens que pulavam em volta do château estavam tentando salvá-lo. Não se iludiu, como outros mais civilizados poderiam ter-se iludido. Conhecedor da baixeza e da ferocidade da mente humana, compreendeu logo.

Mergulhou nas sombras formadas pelas árvores e pelas casas e correu para a taberna. Sentia as pernas bambas e a respiração entrecortada. Entrou em casa, fechou a porta e trancou-a. Ao ouvi-lo chegar esbaforido, Roselle surgiu de camisola, na porta do seu quarto, empunhando uma vela. Ao ver o tio, e Cécile esvaindo-se em sangue nos braços dele, cambaleou e soltou um grito. Mas ele afastou-a para o lado, carregou a jovem ferida para a cama da sobrinha e, voltando-se para Roselle, disse, com voz rouca:

— Escute aqui, minha filha, preste bem atenção. O velho Grandjean foi morto por esse rebanho enlouquecido. Pensaram que também tinham matado a neta e deitaram fogo à casa, pensando poder esconder o crime. Não desmaie, ou dou-lhe uma surra! Tome conta desta menina, trate de escondê-la. Não deixe ninguém entrar. Na lareira há uma pistola. Você sabe usá-la. Volto logo.

A moça não gritou. Deitando um último olhar à pistola, Crequy saiu correndo na direção do château. O seu pensamento era só um: salvar o Conde de Vitry. Enquanto corria, a sua mente lenta de camponês ia ficando cada vez mais enfurecida. Agora compreendia tudo. Como se fosse uma cara fantasmagórica, o rosto do padre passou-lhe diante dos olhos, rindo com ar diabolicamente sutil.

•Mas, quando chegou ao château, viu que era inútil. Se tentasse salvar o conde, acabaria assassinado, e o que aconteceria com a sua casa, com Roselle e Cécile? Não obstante, esgueirou-se pelo château em chamas, procurando, de uma maneira ou de outra, acudir ao conde. Até que alguém passou perto dele, gritando:

— Até que enfim, hein, Crequy, que a gente se vingasse desse monstro, desse herege! Você sempre o odiou, não? Olhe só para ele, lá em cima, na sacada! Ria na cara dele, Crequy!

O taberneiro ergueu os olhos e viu Paul de Vitry na sacada, olhando para baixo, para os jardins incendiados.

Crequy fitou o conde, e este o fitou também, por sobre a confusão de cabeças enlouquecidas. Durante muito tempo, ficaram olhando um para o outro, à luz do fogo devorador.

Depois, Crequy levantou lentamente a mão, como se fizesse um juramento. O conde não se mexeu, mas o seu olhar era súplice. Crequy abanou a cabeça, com expressão terrível. Deu meia-volta e afastou-se, furtivamente, da multidão.

Dirigiu-se à casa do padre. Bateu de leve. Ninguém respondeu. Empurrou a porta. A casa estava às escuras. Sem fazer barulho, pé ante pé, Crequy revistou toda a casa. Depois, soltou um uivo. O padre tinha fugido!

Crequy saiu correndo de casa. Olhou em volta, desvairado. Para que lado o padre teria fugido? A estrada de Paris ficava além da casa de Grandjean. Crequy não tinha cavalo, nem carruagem, nem lacaios. Seus olhos brilhantes furaram a escuridão e acabaram dando com a cruz, reluzindo no alto da igreja.

Largou a correr na direção da igreja, o cajado na mão. Sabia agora que era lá que o padre estava escondido. Mas só teve a certeza quando tentou abrir as velhas portas. Estavam trancadas. Soltou um grito selvagem, de besta sedenta de sangue.

A sua força, já de si, grande, aumentou com a fúria insana. Arrombou as portas num abrir e fechar de olhos e avançou para o interior escurecido da igreja. Nada se mexia lá dentro. O alto das velhas colunas estava prateado pelo luar, mas, fora disso, as trevas e o silêncio reinavam.

Sem fazer barulho, como um animal espreitando uma presa. Crequy esgueirou-se até o altar. A luz, vermelha e bruxuleante, lembrava um olho maligno. Tateou o altar, à procura de uma veia e, achando o coto gasto de uma, acendeu-o na chama que ardia perene no altar.

Depois, passo a passo, segurando a vela, revistou toda a igreja. Mas não encontrou o padre.

Soltou de novo um grito selvagem e frustrado, que ecoou por toda a nave. A luz da vela refletia-se nas velhas paredes como as sombras dançantes de demônios.

Revistou de novo a igreja, olhando atrás do altar. E, ao fazer isso, descobriu a pequena porta.

Parou e olhou para ela, sorrindo malevolamente. Examinou a fechadura. A chave não estava lá. Empurrou a porta, mas ela nem se mexeu.

Falou então baixinho, a boca encostada à porta, numa voz manhosa:

— Ei, padre, está aqui um pobre pecador què deseja se confessar com o senhor! Saia e ouça o que ele tem a dizer! Não quer confessá-lo, meu bom padre? Enquanto ele lhe conta os seus pecados, que tal lhe dizer como foi que matou um pobre velho e o Conde de Vitry? Ah, padre, não faça ouvidos moucos a este pobre pecador! Saia daí e confesse-o, antes que vá parar no inferno e se encontre cara a cara com o seu amo!

As paredes e o teto ecoavam-lhe a voz sinistramente suave. A chama do altar avivou-se para depois ameaçar morrer. A escuridão tornou-se maior e cheia de rostos invisíveis, mas terríveis.

Crequy bateu de manso na porta e repetiu, numa voz horrível:

— Como é, meu padre, não é possível que o senhor esteja dormindo, enquanto o conde está sendo assassinado, quando um pobre pecador lhe suplica que o confesse!

Rindo como louco, encostou o ouvido na porta. Teve a impressão de ouvir um leve ruído, do outro lado. Seria uma respiração contida, um barulho de passos se afastando, descendo, fugindo?

Crequy começou a rir, a princípio em voz baixa e depois cada vez mais alto, até as suas risadas ecoarem, desumanas, por toda a igreja. As colunas pareciam tremer e as paredes estremecer com as suas gargalhadas.

Pousou cuidadosamente a vela e forçou a porta com o ombro. Mas ela nem se mexeu. O suor escorrendo, tentou várias vezes arrombá-la. A carne doía-lhe e sangrava. A enorme testa e o crânio nu estavam enrugados como os de um macaco, e os beiços entreabertos deixavam ver os dentes possantes. Inclinou a cabeça, pressionando-a contra a porta. Toda a sua vida, todo o seu coração, todo ele estava concentrado no esforço de abri-la. Parecia exausto. Mas não estava. De repente, um leve estalido saiu da madeira torturada.

Os momentos foram passando, e Crequy não parecia mover-se. Mas os músculos do seu pescoço e do

seu braço ficaram cor de púrpura e depois pretos, do sangue congestionado. Às veias davam a impressão de querer estourar, na testa e nas faces vermelhas. As pernas inclinaram-se para a frente, e os músculos pularam, enormes, debaixo dós calções e das meias altas. Agora, não havia outro som na igreja, além do leve ranger da pesada porta.

De repente, as dobradiças cederam e a porta tombou para dentro com um estrondo ensurdecedor, caindo nos degraus de pedra que levavam à cripta. Segurando de novo a vela, Crequy olhou para a escuridão. Ofegante, do esforço. Todo o seu corpò tremia como uma árvore açoitada pela tempestade.

Um sorriso lhe aflorou aos lábios e ele desceu a escada, iluminando os degraus com a vela.

Não demorou que ele se visse numa diminuta cripta. Das velhas paredes de pedra escorria umidade. Um lagarto e outras pequenas e rastejantes criaturas passaram, correndo, por entre os pés dele e desapareceram na escuridão. O chão da cripta estava escorregadio, cheio de cobras-d'água. E, a um canto, ajoelhado e encolhido, estava o padre.

Nunca, em toda a sua vida, a ideia da morte, da própria morte, ocorrera a Monsenhor Antoine de Pacilli. Como todos os homens poderosos, sejam eles, bons ou maus, a morte lhe parecera uma espécie de pântano que sugava os outros, mas que nunca poderia engoli-lo. Tinha sido para ele uma ideia acadêmica, que nunca lhe merecera ponderação ou reflexão. Era algo que atacava aos homens inferiores, e nunca as pessoas de grande intelecto, frio egocentrismo e dotes sobre-humanos. Porque a morte tinha algo de vulgar, de vergonhoso e humilhante. Essa calamidade, que dizimava os ratos e a ralé, nada tinha a ver com homens como Monsenhor Antoine de Pacilli.

Mas eis que se via frente a frente com essa inimiga detestável, degradante e desprezível, mas todopoderosa.

Por isso, quando Crequy assestou a luz da vela sobre o rosto pálido do padre, não viu nele medo e nem pavor, mas uma terrível repugnância. Aquele rosto delicadamente cinzelado, aqueles olhos amendoados, aquela bela cabeça morena pareciam vibrar diante dele, envoltos numa aura própria. Mesmo naquele momento decisivo, ele continuava sendo um aristocrata, caído de joelhos por exaustão, e não por medo.

Crequy riu alto, balançando-se nos calcanhares. A luz da vela iluminou as paredes, o teto baixo, o chão. Mas de Pacilli não se moveu. Seu rosto ficou mais fino e branco do que nunca, numa negação intelectual da morte que se aproximava.

— Ah, meu padrezinho, por que tão calado e tão pálido? — perguntou o taberneiro. — Por que não respondeu a este pobre pecador? Ou será que estava tão entretido nas suas malditas orações, que não ouviu a minha voz? Quem sabe estava ouvindo a alma do Conde de Vitry, acabando de morrer e murmurando a última confissão nos seus ouvidos?

O padre não respondeu. Seus olhos negros brilhavam como se pertencessem a uma serpente, alerta, imóveis, sem expressão.

Crequy pousou cuidadosamente a vela no chão. Estendeu as mãos. Riu e examinou os enormes dedos, curvos como garras. Olhou novamente para o padre e umedeceu os beiços. Uma luz desumana e obscena dançou-lhe nos olhos pequenos e porcinos. Lentamente, passo a passo, avançou, pelo chão resvaladiço, na direção do padre, as mãos estendidas, os lábios articulando palavras desconexas.

O padre não fez qualquer movimento. Olhou para a aproximação da morte, sem que a sua expressão mudasse, como se já estivesse morto.

Crequy chegou junto dele. Fez uma pausa, e vítima e carrasco olharam um para o outro, à luz bruxuleante.

O taberneiro soltou um novo uivo, meio de lobo, meio de tigre. Abaixou-se, agarrou o padre pela garganta e fez com que ele se levantasse. De Pacilli não lhe resistiu. Ficou pendurado das mãos de

Crequy como um espantalho negro, encimado por um rosto branco e fixo.

Crequy aproximou aquele rosto do seu, de modo a quase se tocarem.

— Trate de rezar, seu padreco, porque daqui a cinco minutos você estará diante de Satã — murmurou, sacudindo o corpo do padre pelo pescoço.

Depois, as suas mãos fecharam-se com força em volta do frágil pescoço, e ele sentiu músculos e veias cederem à pressão dos seus dedos. O padre não lutou, os braços caídos ao longo do corpo.

Aos poucos, aquele rosto branco foi ficando vermelho, depois roxo e, finalmente, negro. Os olhos, mesmo rolando, tinham-se fixado no diabólico semblante de Crequy.

Até o fim, aqueles olhos não pestanejaram nem se fecharam. Só a expressão de horror aumentou neles, como se contemplassem uma visão terrível e assustadora.

● Capítulo XLII

Havia um homem, ná corte de Luís XIII, para quem a poderosa reação católica e o movimento liberal protestante, com vistas à liberdade, à justiça e ao esclarecimento das massas, pouco ou nada significavam. No máximo, divertiam-no, mas quase sempre ele achava tudo aquilo demasiado tedioso. Era então um jovem cheio de vida, irresponsável e alegre, malicioso e bem-humorado. Achava todo mundo mais ou menos ridículo, e muitas vezes soltava gargalhadas na cara de Richelieu.

Certa vez, com a maior gravidade, dirigira-se ao ambicioso Cardeal, no meio de uma ilustre reunião, como “Vossa Majestade”. E, vendo Richelieu empalidecer e os seus olhos de tigre brilharem ameaçadoramente, e sentindo os que o rodeavam entreolharam-se, temerosos, o jovem apressara-se a emendar, com uma reverência irônica:

— Peço-lhe perdão, Eminência. Quis dizer “Lesá-Majestade”.

Esse incrível trocadilho espalhara-se por toda a França e despertara fúria, risos, aplausos e admiração, dependendo da audiência e das filiações políticas ou religiosas.

Originava-se o trocadilho no fato de o Cardeal, por pressão sobre a Rainha-Mãe, ter feito com que ela concertasse o casamento do jovem príncipe com Mademoiselle de Montpensier, moça de alta estirpe e enorme fortuna, mas a quem o rapaz odiava. Pela sua insistência em contratar esse casamento, o Cardeal usurpara, realmente, um privilégio real. Daí o trocadilho. Fora uma brincadeira pessoal do jovem príncipe, por demais superficial para implicar outra coisa. Mas os franceses trataram de atribuir-lhe sentido mais amplo, e o rapaz granjeou a reputação de sutil e perverso, conclusão que o teria espantado e divertido.

Não obstante o seu jeito desligado e brincalhão, não lhe faltava inteligência. Nunca perdia oportunidade de provocar o Cardeal. Para o observador casual, aquele jovem não passava de um zero à esquerda, inócuo e divertido, apesar do sangue real. Só os que conviviam intimamente com ele sabiam do seu rancor, do seu espírito vingativo e do seu ódio pelo Cardeal.

O jovem era Gaston, irmão mais novo do Rei, com quem fazia um grande contraste, pois a sua forte personalidade e o seu espírito brilhante humilhavam e colocavam na sombra o lento, desajeitado e calado Luís. Gaston era também o querido da Rainha-Mãe, que tinha razões pessoais para odiar o Cardeal. Não havia nada que o manhoso Gaston não conseguisse quando apelava para Maria de Médicis, principalmente se a intenção fosse fazer algo que desconcertasse o Rei ou o Cardeal.

Como se o projetado casamento não fosse bastante para irritar o jovem Gaston, surgira outra questão muito mais séria, que transformara a sua aversão por Richelieu num ódio de morte.

Ele tivera, como tutor, um velho e nobre corso, o Marechal Ornano, que era muito devotado ao aluno e à Rainha-Mãe. Vendo a contrariedade do jovem em desposar Mademoiselle de Montpensier, aconselhara-o a se recusar em casar com ela. A questão tornara-se não só um escândalo na família real, como um caos de importância nacional e internacional, para todos aqueles que desejavam enfraquecer o poder do Cardeal e do Rei. Mesdames de Condé e de Che-vreuse juntaram-se à conspiração. Condé, Soissons e Nevers ofereceram, secretamente, ajuda. Os poderosos irmãos ilegítimos de Gaston, Vendome, Governador da Bretanha, e Vendome, o Grão-Prior, engajaram-se entusiasticamente na contenda. A Inglaterra, a Sabóia e a Espanha apressaram-se a seguir os acontecimentos e a entrar no conluio. Todos os grandes senhores descontentes da França se reuniram em sessão secreta. Por fim, foi decidido que Gaston conquistasse alguma província fronteira. Nesse ínterim, os seus partidários se encarregariam de matar o Cardeal e de livrar para sempre a França do seu gigantesco poderio.

Entretanto, os espões do Cardeal eram por demais eficientes. Ornano, o velho dedicado corso, fora

preso e atirado na prisão de Vincennes, onde acabaria envenenado por ordem do Cardeal. Gaston, arrasado, levado por um ódio violento e por uma sede de vingança, apelara ao irmão, que se recusara a recebê-lo. Correrá, então, ao Cardeal, atravessando por entre a barreira de conselheiros e guardas pessoais, até ao quarto de dormir de Sua Eminência e, inclinando-se sobre o leito dourado e vermelho, baterá violenta e repetidamente no rosto do Cardeal. Depois, erguera o punho e, entre pragas terríveis, jurara que nunca mais voltaria a dormir sossegado enquanto não tivesse vingado a morte do seu querido tutor.

Richelieu não esquecera aquele insulto. Fora imediatamente ter com o Rei e oferecera-lhe a sua demissão. Luís, que não lhe tinha estima, apenas medo, ficara apavorado, sabendo de sobra, quem lhe sustentava o poder e o trono. Oferecera ao Cardeal tudo o que ele quisesse, desde que permanecesse no cargo. Richelieu retrucara, numa voz baixa e hesitante, que a sua única devoção era para com o trono e que achava impossível dedicar-se ao Rei, quando na sua própria família havia alguém que jurara continuar a tramar contra a autoridade real.

— Por conseguinte — dissera tristemente o Cardeal —, se quiser que eu continue a servir a Vossa Majestade, terei que pedir, por amor a Vossa Majestade, que o Príncipe Gaston seja obrigado a lhe jurar lealdade.

O Cardeal conhecia muito bem o orgulho e a altanaria que se escondiam sob os risos e as atitudes superficiais de Gaston. Era uma vingança mesquinha, a que ele pedia. Mas o Rei não percebeu isso. Ficou sensibilizado com essa prova da devoção do Cardeal. Mandou vir Gaston à sua presença e à presença de Richelieu, a fim de humildemente jurar lealdade à Coroa.

Gaston, ainda abatido com a morte do seu adorado tutor, a princípio negara-se a isso. Mas a Rainha-Mãe, apavorada com o risco que o seu filho predileto corria, implorara-lhe de joelhos que se humilhasse por ela.

— Porque — acrescentara, através das lágrimas — você não perde por esperar, meu filho! Por acaso sua mãe não está a seu lado? Estudaremos a maneira de dar um jeito nesse diabo de Cardeal!

Após refletir bem, e pensando também na sua segurança pessoal, Gaston consentira em jurar lealdade. Mas, no fundo do seu coração, mais uma conta viera somar-se às outras que tinha a acertar com o Cardeal.

A Rainha-Mãe, italiana, tinha a vendetta no sangue. Também ela tinha razões particulares para odiar Richelieu. Não o erguera do nada, não se esforçara para que ele atingisse o poder, a glória e a influência? E, no fim, ele lhe pagara apenas com indiferença, humilhando-a quando mais precisava dele. Católica apaixonada e fanática, digna representante dos Habsburgo, ela era agora forçada a vê-lo refrear o poder dos Habsburgo e a temporizar com os nobres huguenotes (aqueles horríveis hereges!), tudo em nome da França, conforme declarara o traidor! Que lhe importava a ela, uma italiana da casa dos Habsburgo, a França? Que tinha ela, católica e odiando a Inglaterra protestante, os Países-Baixos e os huguenotes franceses, que ver com a “tolerância” que o Cardeal estava sempre aconselhando?

Além disso, levada pelo amor que tinha pelo filho mais moço, Gaston, ela implorara ao Rei, a quem detestava, que nomeasse Gaston governador de Champagne ou da Borgonha. Mas o Cardeal derrotara essa pretensão com a sua costumeira sutileza e destreza. Furiosa por se ver vencida por aquele homem cujo poder ajudara a firmar, ela se trancara no quarto e chorara, batendo nas almofadas, amaldiçoando o Cardeal, jurando vingança, entre lágrimas ardentes. Porque, naquele coração grosseiro, violento e brutal, persistia ainda uma paixão pelo elegante Armand-Jean du Plessis, uma paixão que ela não conseguia esquecer e que só fazia aumentar, voluptuosamente, a cada nova humilhação e frustração que ele lhe impunha.

Nunca gostara muito de Ana de Áustria, apesar de ter concertado o seu casamento com o Rei. Mas,

naquela bela, sofredora e amedrontada jovem, ela encontrava agora uma aliada contra o Cardeal. Os três, Maria de Médicis, Gaston e Ana, formavam um núcleo de ódio e conspiração, dentro da casa real. Todos os três, após terem sentido apenas aversão, indiferença ou desprezo pelo Rei, tinham agora ódio dele, um ódio apenas levemente menor do que o que sentiam pelo Cardeal.

O jovem Príncipe Gaston tinha acabado de tomar o pequeno almoço e estava brincando com os cães em seus aposentos, quando o camareiro entrou e anunciou a chegada de Monsieur Arsène de Richepin.

Gaston gostava de Arsène como de todos os jovens que se pareciam com ele: alegres, irresponsáveis, impulsivos, valentes e divertidos. Arsène escrevera-lhe na véspera, suplicando-lhe uma audiência. O príncipe parou de brincar com os cães e deu ordens para que o amigo entrasse imediatamente.

Enquanto esperava por Arsène, Gaston franziu a testa. Pela urgência da carta, chegara à conclusão de que se tratava de algum pedido importante. Gaston gostava sinceramente dos poucos amigos que tinha, e irritava-o o fato de se ver tão impotente, constantemente vigiado pelos espiões do Cardeal, objeto do ódio e das suspeitas do Rei, seu irmão. Não obstante, decidiu ajudar Arsène na medida do possível.

Vestindo o seu robe de cetim vermelho, esperava, junto à janela do quarto, mordendo o lábio com expressão preocupada, que não combinava com o seu belo rosto, já marcado, apesar da sua juventude, com as pequenas rugas de quem muito ri. Era bastante alto, bem-feito de corpo, e louro de pele, com alegres olhos azuis e uma farta cabeleira ondulada e castanha, que lhe caía sobre os ombros largos e direitos, de soldado. Todos os seus movimentos eram rápidos e elegantes, cheios de graça, força e poder. Embora fosse um libertino, dado a violentos excessos, a sua resistência natural não sofrerá, e todo ele irradiava vitalidade. Nas rugas em volta dos olhos, no olhar rápido, na curva da sua boca móvel e bem-humorada estavam as provas de uma natureza que adorava conspirar.

Arsène entrou, vestido de negro, o rosto abatido, os olhos fundos. Saudou o príncipe com uma profunda reverência, mas, quando ia beijar a mão de Gaston, este levantou-o, com uma risada, e beijou-o de leve na face. Estava encantado de ver o velho amigo, que sabia ser incapaz de traições, velhacarias ou mesquinhas.

Conduziu-o para um canapé, perto da cama, onde ambos se sentaram, contemplando-se mutuamente.

Na sua exuberância, o príncipe pôs-se a contar uma série de ditos espirituosos, de histórias maliciosas e piadas, e a fazer perguntas, sem dar tempo a que Arsène respondesse. Entrementes, conservava a mão no ombro do amigo, que pressionava ao mesmo tempo em que jogava para trás a bela cabeça e ria, deleitado. Por fim, notando, apesar do seu egoísmo, a extrema palidez de Arsène, os seus sorrisos relutantes e o seu silêncio, exclamou:

— Que há com você, Arsène?

Parou de rir. A sua expressão ficou sombria e preocupada, e ele de novo teve consciência da sua impotência numa situação de crise.

Arsène respirou fundo, como se gemesse. Olhou demoradamente nos olhos de Gaston e depois perguntou, em voz baixa:

— Vossa Alteza ainda não soube do que aconteceu com o Conde de Vitry?

Gaston estremeceu.

— Com Paul? — perguntou, recuando um pouco.

Passado um momento, voltou a perguntar, numa voz mais preocupada:

— Que foi que houve com Paul?

Agora já não estava indiferente. Entre os seus poucos amigos, Paul fora o melhor, o mais leal, o mais devotado. Poucas vezes se encontravam, mas, em contato com aquela nobre e bondosa natureza, Gaston sentira-se também virtuoso. Agarrou os pulsos de Arsène e forçou-o a virar o rosto abatido para ele.

Após um momento de silêncio, Arsène murmurou:

— Paul foi assassinado.

Gaston pôs-se de pé com um grito abafado.

— Assassinado! Não é possível! Quem iria matá-lo?

Todo ele empalidecera. Os olhos azuis chamejavam.

— Se Vossa Alteza se sentar, eu lhe contarei tudo — disse Arsène, apoiando-se nas costas do sofá.

Gaston voltou a sentar-se, trêmulo. Seu rosto era agora uma máscara branca, em que os próprios lábios pareciam sem cor.

— Foi por instigação do Cardeal — disse Arsène.

— Do Cardeal?!

Gaston ergueu-se a meias, as narinas tremendo. Depois, sentou-se de novo e esperou que o amigo prosseguisse.

— Paul foi morto pelos seus próprios camponeses, a quem tanto bem fizera, aos quais devotara a sua fortuna e a sua própria vida — murmurou Arsène, como se mal pudesse falar.

— Continue — pediu Gaston, igualmente num sussurro.

Seu rosto empalidecera ainda mais.

Arsène passou as mãos pelo rosto. Seu sofrimento era enorme.

Após um longo momento, durante o qual procurou falar sem conseguir, a tal ponto os lábios lhe tremiam, ressequidos, Arsène continuou:

— Vossa Alteza decerto se lembra de que Paul dedicara a sua vida a tornar livres os camponeses que habitavam e trabalhavam as suas terras, a dar-lhes uma existência mais digna e a instruí-los. Recordo-me de que Vossa Alteza não concordava com isso, a ponto de discutir várias vezes com ele. Mas Vossa Alteza conhecia bem o seu grande coração, a sua pureza, o seu idealismo. Alguém, algum demônio, convenceu o Cardeal de que tudo aquilo era apenas o começo de uma conspiração, de que o nosso pobre amigo estava conspirando, de maneira inexplicável, para a destruição da França. Além disso, ele tinha inimigos, que o detestavam pela sua bondade, tolerância e piedade. Insinuaram que, se os métodos de Paul se espalhassem, ganhassem novos adeptos, a França correria perigo. . .

— Para o diabo com a França! — interrompeu Gaston, em voz baixa.

— Esses inimigos foram falar com o Cardeal — prosseguiu Arsène. — Ele encarregou um certo Monsenhor de Pacilli de instigar os camponeses a se levantarem contra o conde. O padre trabalhou bem! Paul foi assassinado, faz duas noites, no seu chateau. O corpo do padre foi encontrado na igreja. Alguma alma devota se encarregou de fazer justiça.

Não conseguiu dizer mais nada. Encostou a cabeça no respaldo do sofá e chorou silenciosamente.

Não se ouvia o menor ruído no quarto. Gaston olhava para a frente, sem ver. Quando voltou a falar, sua voz mal se ouvia.

— Tem certeza de tudo isso que acaba de contar? Quem era esse de Pacilli?

Arsène esforçou-se por se controlar.

— Conheci-o há algum tempo atrás. A princípio, não o reconheci, mas uma vaga recordação me perseguia. Foi só depois que soube da morte de Paul, que me lembrei de o ter visto, certa vez, na companhia do Cardeal. Compreendi tudo. Nem precisei das explicações da pessoa que veio me procurar.

— O Cardeal! — murmurou Gaston, sempre olhando para o vazio.

Um sorriso mau lhe aflorou aos lábios.

— Esta manhã — continuou Arsène, no mesmo sussurro — uma jovem chamada Roselle veio me procurar. Seu tio, Crequy, é dono de uma taberna nas terras de Paul. Parece que, antes de matarem Paul, os camponeses tinham assassinado um velho, seu administrador. Pensaram que também lhe tinham matado

a neta, mas não conseguiram. Crequy salvou-a, e ela está escondida na casa dele, à beira da morte. Ele teve medo de deixá-la, de modo que mandou a sobrinha dar-me essa terrível notícia.

Não pôde falar mais.

Gastou tampouco falou. Sua testa enrugou-se, franziu-se. Seus olhos pareciam despejar fogo.

—• Queimaram o château — prosseguiu Arsène, após um intervalo. —• Agora, os camponeses estão apavorados, mas ainda enlouquecidos. Andam de um lado para o outro, saqueando tudo. Mas a razão está começando a voltar para eles. Esperam se vingar. Só que o principal responsável está a salvo de ataques.

..

Gaston voltou-se para ele. Embora a expressão do seu rosto fosse terrível, ele perguntou, numa voz muito baixa:

— Que é que eu posso fazer?

Arsène hesitou, mas olhou fixamente para o príncipe.

— Este crime tem que ser vingado. Eu e meus amigos estamos nos preparando para vingá-lo.

Gaston ergueu as mãos, com as palmas para cima, e olhou bem para elas. Depois, com um gesto mais eloquente do que quaisquer palavras, deixou-as cair pesadamente sobre os joelhos. Mas Arsène agarrou-lhe o braço.

— Uma vingança particular não basta. Esses malditos camponeses precisam compreender que o seu crime é contra toda a autoridade! Se não forem exemplarmente punidos pela sua traição, pela sua revolta contra o seu senhor, quem sabe onde as coisas acabarão? Quem sabe o que essa canalha não fará da próxima vez?

Apesar da sua angústia, da sua dor, ele serviu-se dessa artimanha ao apelar para o orgulhoso e jovem príncipe. Gaston vol-tou-se de novo para ele, escutando-o atentamente, cerrando os punhos.

— Além do mais — disse Arsène suavemente, olhando para Gaston —, temos que fazer o Cardeal entender que existe outro poder na França, além do dele. . . o poder da justiça. . . e que ele não pode se sobrepor a esse poder sem sentir as consequências.

Gaston levantou-se, como se o tivessem picado. Uma onda de sangue inundou-lhe o rosto.

— Meus amigos — continuou Arsène — estão ansiosos por levar a cabo essa dupla vingança: contra a canalha, que desafia o poder da autoridade, e contra o Cardeal, que abusa do seu cargo e da confiança dos ingênuos, dos fracos. Mas eles não querem efetuar essa vingança furtivamente e em segredo, como se fossem fora-da-lei. Isso também seria uma atitude contra a autoridade estabelecida.

São gentis-homens, que acatam a lei. Vossa Alteza conhece alguns deles. Querem fazer isso para vingar muitos outros, humilhados e injuriados pelo Cardeal.

Gaston virou-se, deu mostras de querer falar, mas calou-se. No entanto, o fogo dos seus olhos aumentou.

— Além do mais — prosseguiu Arsène —, depois de se vingarem, eles desejam ficar imunes às represálias do Cardeal, por algum tempo, ao menos. Querem provar que o que vão fazer será um simples ato de justiça, sancionado por quem ocupa posições supremas. Terão então uma dupla justificativa contra os camponeses que mataram Paul de Vitry.

Gaston dirigiu-se para junto da janela e pôs-se a puxar, com fúria, os cortinados. Sem se virar, perguntou, numa voz abafada:

— Que é que você deseja de mim?

Arsène agarrou-se às costas do sofá.

— Uma ordem, monsieur. Uma ordem para a justa execução dos rebeldes.

Gaston não respondeu. A mão que puxava os cortinados parou de repente, e ele disse, num tom cheio de humilhação e raiva:

— Não posso dar essa ordem.

— Mas a Rainha-Mãe pode — disse Arsène, com voz suave.

Gaston afastou-se rapidamente da janela. Sua boca se abriu e voltou a fechar-se, sombriamente. A respiração escapava-lhe pelas narinas dilatadas.

Arsène aproximou-se dele, e Gaston, embora não recuasse, ficou tenso.

— Não será difícil conseguir essa ordem — disse Arsène, o rosto decidido. — Só precisa ser uma ordem ambígua, dizer que Arsène de Richepin foi encarregado por Sua Majestade, a Rainha-Mãe, de uma certa missão e está sob a proteção dela.

Gaston ficou calado, contemplando os próprios pés.

— Impossível — disse, friamente.

Arsène respirou fundo e estacou.

— Quer dizer que Vossa Alteza permite que a mais recente atrocidade do Cardeal permaneça impune, que ele ria, satisfeito e certo de que ninguém ousa se opor a ele, que não existe ninguém na França capaz de enfrentá-lo?

Gaston levantou a cabeça, levou a mão à garganta e disse:

— Espere um pouco, não vou demorar.

Encaminhou-se para a porta, com passos rápidos e desordenados. Arsène, exausto, deixou-se cair numa cadeira. Passado um momento, ergueu o punho e praguejou em voz alta.

Mas Gaston demorou muito a voltar. Passou-se meia hora e depois mais outra. Incapaz de se conter por mais tempo, cada vez mais ansioso e desesperado, Arsène pôs-se a andar de um lado para o outro.

— Mesmo que não consiga essa ordem, hei de vingar Paul — disse, em voz alta, para si mesmo.

Em poucos dias estaria a salvo, em La Rochelle. Mas havia o pai, que ficaria em Paris e sobre quem recairia toda a vingança do Cardeal. E alguns membros do Les Blanches hesitariam em tomar parte, temendo represálias contra os parentes, mesmo que eles próprios pudessem fugir para La Rochelle. A aflição de Arsène aumentou, mas a sua determinação não diminuiu.

De repente, parou de andar e deu meia-volta. A porta se abriu quase sem ruído, e Gaston acabava de entrar. Trazia na mão um papel dobrado, selado com um sinete bem conhecido. Sem dizer palavra, estendeu-o a Arsène. Mas o seu rosto estava úmido, e havia marcas profundas e arroxeadas em volta da sua boca.

● Capítulo XLIII

O Cardeal tinha dado por encerrada uma longa e árdua manhã de audiências sobre assuntos de Estado.

Geralmente, depois de uma manhã dessas, ele ficava prostrado. Voltava para a cama e lá permanecia o resto do dia, só se levantando tarde do dia seguinte. Mas nesse dia ele não se sentia cansado. Ao contrário, sentia voltar-lhe a vitalidade e a euforia da juventude. As dores pareciam ter desaparecido. Não sentia os membros fracos ou flácidos, e até o seu espírito parecia desanuviado. Pela primeira vez, em meses, achava que a França, o mundo tinham alguma importância, que tinham reencontrado a substância e o significado de outrora. Pensou: essa é a ilusão dos homens inferiores. Mas tratou de afastar esse pensamento, recusando-se a voltar à região escura e nebulosa que tantas vezes trilhara. Alegrou-se de poder momentaneamente pensar como os homens inferiores e acreditar que valia a pena manipular o mundo.

Além disso, havia o caso de La Rochelle. Ele pretendia liderar pessoalmente a campanha contra aquela arrogante cidadela. Pela primeira vez, repetiu o aforismo da reação católica, afirmando que os protestantes estavam tentando contra-atacar a reação, coisa que ele não podia permitir. Na verdade, o alegado desafio dos magnatas huguenotes à reação católica não o preocupava. O que o enchia de preocupação era o crescente poder das cidades huguenotes e a sua constante ameaça à unidade da França. Em defesa dessa unidade, tolerara-as até ali. Mas agora, que essa unidade estava ameaçada, tomara a decisão de ir contra os huguenotes.

Pôs-se a andar de um lado para o outro do quarto, numa excitação cada vez maior. Sempre possuíra uma visão profética. Nesse dia, ela estava mais aguçada do que nunca, dando a impressão de alcançar um futuro longínquo. A visão de um grande Império Francês jazia diante dele como um sonho dourado, flutuando em meio a uma névoa luminosa. Só que para ele já não era um sonho, e sim uma realidade cada vez mais próxima.

Já não estava imbuído de um patriotismo apaixonado. Esse patriotismo fora, no máximo, uma expressão do seu profundo egocentrismo, fato que ele reconhecera, mas que procurava esconder até de si próprio. Agora, porém, já não o escondia. Exultava com ele, reconhecia-o com alegria e deleite. Essa França, esse sonho, era o seu! Fora a sua própria mão que dera forma ao futuro, que o esculpira. Aquele sonho era o seu monumento. A obra de Armand-Jean du Plessis, Cardeal de Richelieu. Trabalhando, finalmente, com base no pleno reconhecimento do seu supremo egocentrismo, ele sentia-se livre.

Um mensageiro entrou, trazendo uma missiva selada com um ornamentado sinete. Mergulhado nas suas grandiosas visões, o Cardeal pegou nela com impaciência e atirou-a em cima de uma mesa. Depois, recomeçou a andar, cada vez mais depressa. Parou um momento, cogitando. Seus olhos recaíram sobre a carta e pegou nela maquinalmente. Leu-a, sem se dar conta do seu significado. Só ao chegar à assinatura, agitada e manchada de lágrimas de Madame de Tremblant, foi que se deu ao trabalho de reler a carta com atenção.

Quando acabou de ler, fez uma pausa e franziu a testa. Revirou a carta nas mãos finas e bateu com o envelope nos dentes, suspirando. Depois, mandou chamar o seu secretário, Louis de Richepin, que, como de hábito, atendeu imediatamente.

O Cardeal contemplou-o durante um longo momento. O rosto do jovem padre parecia mais humano, menos rígido. Era como se as suas feições, duras e marmóreas, tivessem sido suavizadas pelas chuvas de séculos. Contudo, naqueles grandes olhos azuis, tão cheios de luzes remotas e glaciais, pairava como que uma sombra, uma abstração.

— Ah, Louis! — disse o Cardeal.

Olhou para a carta que tinha nas mãos e, dirigindo-se rapidamente para uma cômoda que havia perto da sua cama, abriu-a e pareceu ficar um momento distraído na contemplação do seu conteúdo.

— Ah, sim — murmurou.

Pela primeira vez, em muito tempo, não sabia o que dizer. Virou-se para o jovem padre, que esperava, como sempre respeitoso e tranquilo, e repetiu:

— Ah, sim.

— Vossa Eminência desejava falar comigo? — perguntou Louis.

— Claro, claro, naturalmente — disse o Cardeal, brincando com a cruz de ouro que lhe pendia do pescoço. — Não é nada muito importante. Apenas Madame de Tremblant informando que a sua filha, Mademoiselle Marguerite, está doente, e pedindo que eu lhe arranje alguém. . . um confessor.

Não acrescentou que madame lhe tinha pedido que fosse ele mesmo,

O jovem padre estremeceu, ou seria apenas uma sombra passando por entre os pesados cortinados? Empalideceu, ou seria de novo o efeito da sombra? Quando, por fim, falou, foi numa voz baixa e ligeiramente rouca:

— Mademoiselle. . . está muito doente?

O Cardeal hesitou. Levou os dedos à boca e deu de ombros.

— Quem pode dizer? Mas duvido. As mulheres são sujeitas a frequentes indisposições, das quais, felizmente, nós estamos imunes. Não obstante, você me faria um favor, Louis, se fosse imediatamente ao hotel de Tremblant.

Louis avançou um passo. Havia uma sombra azulada sobre o seu semblante, no qual os olhos se destacavam, com expressão atormentada.

— Monsenhor, está certo de que mademoiselle. . .

— Louis — interrompeu o Cardeal, sentindo uma hesitação desusada —, eu já lhe disse que não sei. Madame me pediu que mandasse um confessor para a filha. Parece que ela não tem podido se confessar ultimamente, e madame, como você sabe, é uma católica rigorosa.

Louis não respondeu. Limitou-se a retorcer as mãos. Depois, com uma reverência, saiu do quarto. Suspirando, o Cardeal releu o bilhete de Madame de Tremblant:

“Suplico a Vossa Eminência, na qualidade de amigo da família, que venha imediatamente ao hotel de Tremblant. Minha filha Marguerite Marie está à beira da morte. Teve uma hemorragia dos pulmões à meia-noite, e o nosso médico informou-me de que ela não resistirá até esta noite”.

Obedecendo a um impulso subconsciente, Louis voltou por um momento ao seu quarto e reuniu todos os artigos necessários à administração da extrema-unção. Quando se deu conta do que estava fazendo e viu o que tinha nas mãos, gritou:

— Não! — e olhou, desvairado, para as paredes nuas.

Ao sair do Palácio Cardinalício, encontrou a carruagem do Cardeal à espera dele. Mais tarde, não se lembraria da corrida, através das ruas empedradas, até o hotel de Tremblant. Sentou-se, inclinado para a frente, as mãos fechadas sobre os joelhos, os olhos fixos num ponto invisível, à sua frente. Uma sensação estranha e nova tomou conta dele. Pareceu-lhe estar morrendo. Uma névoa preta tremulava diante dele, e a toda a hora sentia um gosto de água salgada na boca.

Bastou-lhe ver os olhos avermelhados do homem que lhe abriu as portas maciças, para saber que a morte rondava aquela casa. Subiu a grande escadaria de ouro e mármore, segurando-se ao corrimão com mão fria de gelo. Não sentia nada debaixo dos pés. Era como se estivesse andando sobre nuvens, que a toda hora mudassem de forma.

Foi recebido, à porta do quarto de Marguerite, pela mãe e pelas irmãs dela, todas chorosas. Deitou-

lhes um olhar desatinado.

— Estou aqui — murmurou.

— Ah, Monsenhor, quer dizer que Sua Eminência está indisposto? — perguntou Madame de Tremblant, numa voz abafada.

Louis fixou-a atentamente, e os seus lábios pálidos se entreabriram sem ruído.

Mas Madame de Tremblant não viu nada de estranho no silêncio do jovem sacerdote. Apoiou-se no seu braço e entraram no quarto da filha, seguidos pelas irmãs, que soluçavam e choravam sem parar.

Louis só uma vez entrara num quarto de mulher — o da sua mãe. Teve uma impressão, de mistura com o seu sofrimento, de tons dourados, prateados e de marfim, de cortinados de seda pálida fechando as janelas, de ver uma pequena harpa de marfim emudecida, a um canto, um oratório contra uma parede, encimado por um grande e magnífico crucifixo de marfim e ouro, uma cama branca com baldaquim de renda e, sobre as almofadas de cetim, uma profusão de cachos cor de cobre emoldurando um rosto quieto e marmóreo. Dois conhecidos médicos se inclinavam sobre a imóvel silhueta, que mal levantava a alva colcha de cetim, tão pequena e frágil que era.

Quando a mãe, as irmãs e o padre entraram no quarto, os médicos levantaram os olhos e deixaram pender as cabeças. A expressão do seu rosto era de profunda ansiedade, e no seu olhar não havia qualquer esperança. Louis aproximou-se da cama e olhou para a moribunda, cujas pestanas douradas tocavam a face descolorida, cujos lábios entreabertos mal deixavam ouvir a respiração entrecortada. Não fez qualquer movimento. Parecia feito de neve, tal a falta de expressão do seu rosto, tal a sombra que lhe toldava os olhos.

— Ela está voltando a si — murmurou um dos médicos.

Madame de Tremblant ajoelhou-se ao lado da cama e deixou cair a grande cabeça, de feições grosseiras e brutais, no ombro da filha. Não chorava, mas os seus braços estenderam-se sobre o pobre corpo da filha, enlaçando-a num abraço desesperado. As outras filhas se dispuseram em volta da cama, levando aos rostos, inchados de tanto chorar, lençinhos de renda para enxugar novas lágrimas.

A moribunda mexeu-se e gemeu baixinho. Levantou as pálpebras, e os seus olhos dourados, cheios de medo e de dor, pousaram brevemente em cada rosto. Por fim, fixaram-se em Louis, e um brilho inefável iluminou-os.

O velho médico murmurou algo ao ouvido de Madame de Tremblant, e, chorando com a dureza dos fortes, ela ergueu-se e fez um sinal às filhas, que, juntamente com os médicos, saíram do quarto, deixando a irmã sozinha com Louis.

Os dois olharam um para o outro. A luz da vela bruxuleava sobre o crucifixo. Uma leve brisa balançava os pálidos cortinados. Algo de luminoso pareceu encher o quarto.

Louis ajoelhou-se ao lado da jovem e, sem dizer-palavra, encostou a cabeça na almofada que sustentava a dele. Marguerite ergueu a mão com enorme esforço e pressionou-lhe levemente a face. A palma da mão, gelada, aqueceu; as pontas dos dedos tremeram. A jovem virou a cabeça, e os seus lábios de gelo tocaram a testa dele. Ficaram muito tempo em silêncio. Fluía dela aquela doce e poderosa radiância, confortadora e terna, que já uma vez reconciliara Louis com a vida, e o fizera fundir-se com outro ser humano.

A angústia do jovem padre acalmou-se, ao mesmo tempo em que, paradoxalmente ficava mais forte, maior e mais penetrante. Segurou-lhe as mãos e levou-as aos lábios. Não havia lágrimas nos seus olhos, nem da sua boca saíam exclamações de tristeza. A jovem olhou para ele com aquele seu sorriso, ao mesmo tempo doce e forte, de total fé e amor — tão puro, tão irresistível, que a saúde e a vitalidade pareciam ter-lhe voltado, e um leve tom cor-de-rosa lhe subiu às faces transparentes.

— Meu amor! — disse ele. — Minha adorada!

Marguerite suspirou. Seus lábios se mexeram. Depois, com um gesto comovente, virou-se de lado e aninhou-se entre os braços dele. Louis apertou-a contra o coração. Olhou, por sobre os cachos cor de cobre, para o oratório, e não viu senão a própria desolação.

Marguerite ergueu a boca para ele. Louis começou por beijá-la suavemente, mas logo, tomado de uma súbita agonia, de um desespero frenético, os seus beijos foram ficando cada vez mais violentos e entrecortados de gemidos. Parecia fora de si.

— Você não pode me deixar, Marguerite — disse ele, mergulhando com mais força os lábios na suave garganta dela. — Não, você nunca vai poder me deixar. Não foi isso o que você me prometeu? Naquela noite, Marguerite, você me jurou: “Eu nunca o abandonarei”. Lembra-se disso, Marguerite?

— Lembro — murmurou ela, agarrando-se a ele, fitando-o com o seu sorriso meigo. — E eu nunca vou abandoná-lo, Louis. Vou estar sempre com você.

Ele compreendeu o que ela queria dizer. A sua expressão ficou ainda mais desvairada.

— Não, Marguerite. Se você morrer, ter-me-á abandonado! Não há nada para além do túmulo, minha querida! Eu não sou padre? Acha que eu não sei? É tudo uma mentira, Marguerite. Os padres sabem disso. É uma ilusão, uma falsidade, que se conta por piedade, aos que estão sofrendo e desesperados! Você acha que eu não sei? Não confessamos isso uns aos outros, alguns com desdém, outros com pena? Se você me deixar, Marguerite, você terá partido para sempre! Não existe nada. . . nada. . .

A voz dele, rouca, desesperada, saía-lhe dolorosamente da garganta, como se uma faca a rasgasse, inexorável. Suas mãos seguraram febrilmente a jovem. Seus lábios beijaram-na repetidamente, na garganta, nos seios, nos pobres braços emaciados, na testa e nos lábios. Como na noite em que se tinham amado, ele suplicou:

— Tenha pena de mim, Marguerite!

Ela submeteu-se às carícias dele, entrecortadas de gemidos, sentindo o terror com que ele a agarrava. Esqueceu o seu próprio sofrimento, o seu próprio medo, num último e supremo ato de compaixão e amor. Quando ele se aquietou, ela segurou-o nos seus braços e encostou-lhe a cabeça contra o peito. Não podia falar alto. A voz era apenas um sussurro, e os seus olhos, sorridentes e cheios de doçura e de fé, fitavam o distante crucifixo.

— Escute, eu nunca vou deixá-lo. Pode ter a certeza disso. Mesmo que só uma alma continuasse a viver para além da morte, essa alma seria a minha. Se você não acreditar, eu não poderei voltar para você, não poderei esperar por você.

Pôs as mãos debaixo da cabeça dele e levantou-a, obrigando-o, num último esforço, a olhar para ela. Agora, não havia mais medo naquele rosto jovem e moribundo, e nem tristeza. Apenas sorrisos e uma inquebrantável coragem. Puxou a cabeça dele para ela e beijou-o, lenta e ansiosamente, na boca. Depois, fechou os olhos e suspirou.

Louis apertou-a contra si, como se, com a sua própria força, a sua vontade, pudesse livrá-la da suprema inimiga da humanidade. Marguerite jazia nos braços dele, sempre sorrindo. Aos poucos, o sorriso foi ficando fixo e remoto, e a respiração morrendo em seu peito.

Recostou-a de novo nas almofadas. Tinha as pálpebras entreabertas, e um brilho reluzia por entre elas. Lentamente, com dedos rígidos, ele fechou-lhe os olhos. Depois, juntou-lhe as mãos, tão frágeis e pequenas, sobre o busto. A brisa penetrava por entre os cortinados e ondulava-lhe os cachos cor de cobre.

Louis levantou-se e olhou para aquela a quem ele amara tão puramente e sem egoísmo, que lhe fizera compreender o mundo e o transformara num homem, que lhe dera vislumbres do céu e do êxtase. Ficou ali, a mão apoiada no poste do baldaquim, sem se mover.

No seu passado não houvera alegria. No seu presente, não havia consolo. No seu futuro, não havia esperança. O mundo afastava-se dele como uma bola de névoa, desaparecendo entre eternas neblinas. Agora, ele estava face a face com a derradeira e muda agonia do homem, diante do nada, do horror, do pavor e do desespero da eternidade. Uma dor negra transfixou-lhe o coração, uma dor demasiado profunda para se poder expressar por lágrimas-ou palavras. E sentiu um ódio enorme, que abrangia Deus, e que, na sua intensidade, era como que a última acusação, o último gemido de desprezo de um homem atormentado, que pela primeira e última vez estivesse vendo o seu torturador.

De repente, lembrou-se de que não tinha administrado a extrema-unção a Marguerite de Tremblant. Lembrou-se e começou a sorriu, um sorriso terrível, que foi aumentando, até se transformar em risadas roucas.

Um momento depois, Madame de Tremblant, suas filhas e os médicos voltavam a entrar no quarto. Louis não os ouviu. O seu riso também já não era audível. Mas permaneceria no seu rosto e sacudia-lhe todo o corpo.

● Capítulo XLIV

O medo tem uma realidade visível, semelhante à de um grande fog fumacento, a um miasma se contorcendo, a uma nuvem escondendo a luz do sol. O medo pairava sobre o povoado, sobre os vinhedos e as colinas, sobre o rio, cavado pelas cataratas de chuva. Até mesmo o aspecto do céu, cheio de nuvens cinzentas e pretas, que rolavam sobre os campos e os prados, das poças d'água que se formavam nas ruas empedradas, dos telhados e das paredes reluzentes das casas baixas, do vento, que inclinava os altos álamos, tornando-os semelhantes a fantasmas, tudo parecia feito de medo, a emanar dele. Tudo parecia estremecer, tremer, sob a tempestade do medo. De vez em quando, a serpente lívida de um relâmpago pulava sobre os montes, dividia o céu tormentoso, seguida de um rugido que lembrava o tumulto distante de gigantes.

Nas ruas, nem uma alma. Nem uma única luz cintilava por trás das janelas fechadas. Os pequenos jardins estavam arrasados, as pétalas voando ao vento, quais borboletas estonteadas, as folhas rodopiando das árvores. A cruz, no campanário da igreja, refletia a luz dos relâmpagos, brilhava sinistramente. O rio crescia. A sua voz, pesada e ameaçadora, ouvia-se nos intervalos do vento e do trovão. A desolação era total. O medo e a tempestade dominavam sobre a terra.

Passava um pouco do amanhecer. Havia dias que os aldeões viviam apavorados. Curados da sua insensatez, da sua monstruosa loucura, sabiam que a feroz lei da França não tardaria a ajustar contas com eles. Tinham matado um grão-senhor e lhe destruído o chateau, símbolo do seu poderio. Tinham atacado o poder, a lei da França. O castigo não demoraria, sob a forma da força. O padre, que eles esperavam os apoiasse, os livrasse da responsabilidade, estava morto. Nenhum argumento lhes seria permitido, nenhuma justificativa. Os muros da França tinham ouvido os seus golpes e as suas imprecações. Bastava que tivessem erguido as mãos contra o poder estabelecido. Agora, pela primeira vez, davam-se conta da enorme força levantada contra eles, a ralé, os deserdados, os joãos-sem-nome, que tinham ousado atacar a autoridade e os privilégios. Morreriam por isso.

Agrupavam-se, procuravam a companhia uns dos outros, levados pelo medo. Alguns, mais desesperados, falavam em formar uma frente contra os vingadores, mas até os mais valentes sorriam disso. Outros queriam fugir, com as mulheres e os filhos. Mas, para onde? Estavam tão acostumados a pensar como homens, a agir como homens, que faziam mil e um planos desesperados, para logo se aperceberem de que não tinham força. Com a morte do seu defensor, do seu protetor, estavam outra vez sujeitos à selvageria do poder estabelecido.

Ainda não sentiam remorso nem sofrimento pela morte de Paul de Vitry. Não ousavam sentir. Sabiam que, no momento em que se permitissem esses sentimentos, se desintegrariam por completo. Por isso, inventavam um pensamento capaz de lhes dar força: ele fizera parte do poder que agora os ameaçava, que acabaria por destruí-los. Por isso, continuavam a odiá-lo. É assim que a mente tortuosa dos homens se defende.

Poucos tinham dormido durante aqueles dias horríveis. Esperavam, ouvidos alerta, a chegada dos vingadores. Mas a tempestade fora terrível, essa manhã, e por isso eles não tinham ouvido o ruído dos cascos de uma tropa de cavalos, entrando no povoado. Não viram nem ouviram os quarenta jovens e resolutos nobres, com expressões graves, protegidos da chuva pelas capas, nem os seus duzentos anônimos acompanhantes, com cataduras e olhos mais ferozes. Esses duzentos e quarenta homens penetraram no povoado armados e encharcados. Os quarenta nobres entraram na taberna e na casa de Crequy. Os outros duzentos homens acoitaram-se sob os beirais das casas ou debaixo das precárias copas das árvores.

Crequy já os aguardava. A jovem Roselle vinha encarapitada no arçã do cavalo de Arsène. Correu para os braços do tio, soluçando. Ele beijou-a e disselhe para ir ter com Cécile Grandjean, que continuava em estado grave. Depois, o calvo e sinistro gigante virou-se para Arsène e saudou-o respeitosamente, com um sorriso malévol.

— Você veio pessoalmente, monsieur? — disse ele.

Um grande fogo crepitava na lareira e outro ardia na cozinha. Os nobres dispuseram-se em volta de ambos, -sacudindo vigorosamente as capas molhadas e fazendo o fogo estalar ao contato das gotas de água. As chamas aumentaram e iluminaram-lhes os rostos duros, os olhos ansiosos, os dentes brancos. Pouco falaram, interrogando Crequy com ar condescendente. Encheram a taberna e a casa de um clima de violência e determinação. Enquanto aqueciam as mãos, a luz das chamas fazia brilhar os anéis nos seus dedos aristocráticos, os punhos das suas espadas, os cabelos escorrendo, molhados, nos seus ombros jovens.

Crequy foi buscar o melhor vinho, presuntos, pães e aves que guardara para esse dia. Andava de um lado para o outro, servindo os visitantes, que trataram de comer com apetite mesclado de preocupação. Um ou dois, volúveis, riram um pouco. A taberna nunca estivera tão movimentada. Crequy olhava para eles com venenosa satisfação e expectativa.

Arsène ficou um pouco afastado, o rosto ainda abatido, e algo apático pelo sofrimento que sentia, mas começando a se animar com a ideia da vingança. Bebeu vinho, mas não comeu nada. Por fim, aproximou-se de Crequy e disselhe algumas palavras. Crequy assentiu com a cabeça. Foi buscar grandes rolos de corda e dirigiu-se para a porta. Arsène ficou à espera. Finalmente, de um lugar próximo da taberna, veio o ruído de sinistras marteladas. Arsène teve a impressão de que lhes repercutiam no coração e respirou com dificuldade.

Teve, então, a mais estranha das sensações. Sentiu que Paul de Vitry estava de repente presente, que olhava gravemente para eles, com rosto pálido e olhos desesperados. A sensação era tão vivida, que Arsène deu meia-volta e gritou, intimamente, para o silencioso fantasma do amigo:

— Não! Vá embora! Isso não é para você, Paul! Não, eu não vou lhe dar ouvidos!

Custava-lhe respirar. Bebeu avidamente o resto do vinho.

— Vá embora! — gritou de novo, com raiva.

A chuva parou de repente, mas o céu ficou ainda mais escuro. O vento calou-se. Agora, ouvia-se perfeitamente o crescente ma-rulhar do rio. Crequy voltou a entrar na taberna, esfregando as mãos enormes. Parecia uma encarnação do mal, com a luz das chamas refulgindo-lhe no crânio nu.

Arsène olhou para a estreita escada de madeira, e Crequy inclinou a cabeça. Afastaram-se dos nobres, que bebiam e falavam, e, galgando a escada às escuras, entraram num pequeno quarto de água-furtada, onde se podia ouvir o gemer do vento e o crocitar de corvos. Uma vela bruxuleava sobre a mesa, desenhando listas de luz e sombra nas paredes. A jovem Roselle, com os cachos molhados e em desordem, estava sentada num banquinho, junto da cama. Gotas cristalinas escorriam-lhe pelas faces. Duas velhas freiras, de hábito e véu pretos, com rostos pálidos e calmos, olhos tranquilos e mãos brancas e longas, curvavam-se sobre a cama, cuidando da Cécile, ainda inconsciente. Levantaram a cabeça e olharam para Arsène e Crequy, mas não falaram nem se moveram. Perto da cama havia um monte de ataduras e várias bacias com água.

— Monsieur — disse Crequy —, estas são as Irmãs Eloise e Michele, do convento aqui perto, enviadas para tratar de Cécile pela madre superiora, que era muito amiga de Monsieur le Comte. Têm feito tudo o que podem. A Irmã Eloise é muito versada na urte da Medicina.

— O resto fica nas mãos de Deus — disse a Irmã Eloise, com um suspiro.

Arsène olhou para o pobre quarto, que mais parecia uma cela. Aproximou-se da cama e contemplou,

em silêncio e com o coração pesado, a jovem que ali jazia, imóvel, na sua camisola branca. Seu cabelo castanho-claro, tocado de dourado, repousava, numa trança, sobre as grosseiras almofadas, emoldurando-lhe o rosto pálido e fino, contorcido pela dor. As pestanas douradas franjavam-lhe as faces emaciadas. Os lábios brancos estavam entreabertos, mal deixando passar a respiração. Mas, mesmo naquele estado de inconsciência, havia um quê de nobreza no seu queixo, na sua boca e nos seus olhos fechados, uma reticência, uma altanaria naquela testa alta e lisa, que nem a sombra da morte podia afastar.

Uma tremenda agonia tomou conta do espírito de Arsène, de mistura com uma enorme paixão. Mas a sua expressão, apesar do que ele sentia, era carregada e fechada. Ali, naquela cama, ferida e à beira da morte, estava tudo quanto ele amava, tudo quanto ele sempre desejara realmente. Uma terrível fogueira se ergueu diante dos seus olhos. Agarrou-se aos pés da cama com a mão molhada, que se fechou em garras. À luz da vela, os seus dentes brilhavam por entre os lábios pálidos.

Cécile murmurou algo, respirou profundamente e virou a meio a cabeça. Foi então que Arsène viu o ferimento, ainda sangrando sob as ataduras. Um som abafado saiu-lhe dos lábios. As freiras, Roselle e Crequy olharam para ele com compaixão.

Ajoelhou-se junto da cama e levantou as mãos frias e inertes da jovem. A sua pele delicada estava cheia de marcas de trabalho. Ergueu-lhes as palmas e beijou-as, a princípio de leve, depois com tormento e ardor. Levou-as às próprias faces, procurando aquecê-las com o seu calor. Beijou-lhe os pulsos finos e os braços suaves e brancos. Deixou-se levar pelo medo e pelo amor que sentia. Tocou-lhe a testa lisa com os dedos e, depois, com os lábios. Colocou a sua face contra a dela. Seus lábios trêmulos aproximaram-se do ouvido dela e ele exclamou, em voz alta:

— Cécile!

Ela mexeu-se levemente, ao som da voz dele. A cabeça voltou-se lentamente na direção de Arsène como se, mesmo inconsciente, soubesse que ele estava a seu lado. Um leve sorriso pairou-lhe nos lábios e ela suspirou.

Incapaz de se conter por mais tempo, ele chorou. Mas as suas lágrimas eram de raiva e ódio. Levantou-se e olhou para as freiras.

— Os que fizeram isso morrerão — jurou.

A irmã Eloise encarou-o com pena.

— Monsieur não é Deus — disse ela.

Mas Arsène olhou de novo para a jovem, com expressão terrível e respiração ofegante.

— Deus misericordioso ainda pode salvá-la — disse a Irmã Eloise. — Mas Ele pode castigá-lo, monsieur, por querer você usurpar os Seus poderes.

Arsène, porém, nada via, a não ser Cécile. O sorriso ainda persistia, como uma luz fugidia, no rosto dela. Arsène inclinou-se e beijou-lhe os lábios, que estremeceram no contato dele. Depois, virou a cabeça e olhou fixamente para a parede, as narinas tão dilatadas, que a membrana vermelha se destacava em meio à palidez.

Desceu a escada, com Crequy na peugada.

— Não desespere, monsieur, ela não está pior — grunhiu ele. — O sangramento quase parou. Ela hoje tomou um pouco de vinho. Ontem, nem água ela era capaz de tomar. As freiras têm-se desvelado.

Mas Arsène não respondeu. O ódio que sentia e o desejo de vingança eram mais fortes do que nunca.

O céu cinzento continuava entrecortado de relâmpagos em meio a um silêncio apavorante, quebrado apenas pelo rumorejar cada vez maior do rio. A chuva parara. Até mesmo as árvores estavam agora quietas. Os nobres tratavam de vestir de novo as capas, os rostos novamente duros e secretos.

Arsène enfiou a capa encharcada, e os outros seguiram-no para fora da taberna.

Uma estranha multidão os esperava. Enquanto os jovens nobres comiam e bebiam, Crequy tinha dado

ordens aos duzentos acompanhantes, os quais, sob a ameaça de espadas e pistolas, haviam reunido os camponeses, tirando-os dos seus esconderijos. Tinham antecipado alguma resistência e ficado surpresos diante da docilidade desesperada dos seus prisioneiros. Estavam agora todos juntos diante da taberna, da qual se avistava a rua principal do povoado.

Uma luz fraca e espectral pairava sobre a terra, que parecia encolher-se com medo do furor do céu. Só no céu havia ainda algum movimento, em forma de relâmpagos e faíscas que riscavam o cinza-plúmbeo de serpentinas elétricas. Os raios iluminavam os rostos dos aldeões, arrebanhados e trêmulos.

Arsène olhou para aqueles rostos, que Paul tanto amara. Mal podia reconhecê-los. Havia pouquíssimo tempo, aqueles rostos refletiam satisfação, uma felicidade simples e ingênua, um afeto aparentemente sincero. Agora, ao olhar para eles, via como as emoções humanas podem transformar o falso aspecto de paz, simplicidade e bondade em expressões primitivas. Encarou-os fixamente, com uma dor crescente no coração, e viu-os como eles na verdade eram estúpidos, maus, desconfiados, velhacos, desafiantes, apavorados, ignaros e odiosos. A dor que sentia transformou-se numa fogueira de fúria e indignação.

— Liberdade, instrução e misericórdia — dissera Paul, o rosto bom e ingênuo iluminado pela virtude.

E fora isso o que ele dera àquela gente. Como, por baixo da sua aparente gratidão, eles deviam tê-lo odiado por lhes dizer que eram homens, seres humanos como quaisquer outros! Consumido pela raiva, Arsène esqueceu tudo, menos que Paul de Vitry fora um idiota.

• Porque ele via, naqueles rostos alinhados diante de si, todos os vícios e defeitos da humanidade, toda a cupidez, toda a crueldade, toda a bestialidade, toda a traição e toda a degradação, todo o ódio e toda a ingratidão, toda a selvageria e todo o desdém pela bondade, toda a violência e perversidade naturais da raça humana. E foi ficando tomado de uma aversão, de um horror e de uma repulsa pelo fato de pertencer também a essa mesma espécie, de uma terrível vergonha por saber que tinha algo em comum com eles. Nenhum homem, pensou, pode dizer: Eu sou diferente deles! Não havia homem que não compartilhasse dessa herança comum. Todos faziam parte dessas hediondas criaturas, que deviam levar Deus a vomitar, no alto da Sua morada.

Sentiu-se então invadido por um imenso ódio contra a sua própria espécie, esse ódio que é necessário para criar o grande soldado, o grande estadista, o grande tirano, o grande sacerdote e o grande criminoso. E, na medida em que esse ódio o invadia, ele ia se sentindo liberado. A mesquinhez e a baixeza dos outros homens como que o libertavam e o engrandeciam.

Tinham sido aquelas bestas, aqueles porcos, aquelas criaturas degradadas, que haviam acabado com Paul de Vitry. O conde, tão ingênuo, tão bom, tão cheio de misericórdia, doçura e desejo de justiça, fora impiedosamente morto por aquele rebanho, aquela vara de suínos. Suas presas imundas tinham tirado a vida ao seu benfeitor. Tinham cortado a única mão, em toda a França, que se levantara para socorrê-los. Tinham silenciado a única voz que clamara contra os seus sofrimentos. Em troca disso, haviam-lhe dado a morte. Ele, o aristocrata, o senhor, o intelectual, cheio de ternura pela humanidade, acabara vítima da corrupção daquelas imundas bestas !

À medida que esses terríveis pensamentos passavam, como linha de fogo, pela mente de Arsène, os camponeses ficavam impressionados com a ferocidade do seu olhar. Involuntariamente, homens e mulheres recuaram, emudecidos pelo terror. Porque, naquele olhar, liam uma perfeita compreensão dos seus motivos e da sua natureza. Umedeceram os beiços. Os corações bateram-lhes com força. Olharam em volta, com desespero de animais acuados. Estavam cercados de espadas desembainhadas, de sorrisos desumanos. Foi então que um deles avistou o cadafalso armado apressadamente diante da porta da taberna. Uma trave de madeira fora pregada, em ângulo reto, no tronco de uma árvore. Dela pendia uma

corda, balançando ao vento.

O camponês que primeiro viu a força soltou um grito animalesco e apontou, com um dedo trêmulo. Os outros olharam e gritaram também. Mas os captores continuaram calados. Atrás de Arsène, Crequy ria, flexionando as mãos numa terrível e monstruosa antecipação. A multidão oscilou, aglomerou-se ainda mais, todos os olhares desesperadamente fixos na força.

Arsène olhou para aquela demonstração de terror, sem qualquer remorso. Esperou um pouco. Ouviu o soluçar das mulheres, os gemidos dos homens. Avançou um passo e, em meio à escuridão da tempestade, disse, numa voz calma e nítida:

— Cachorros, vim para justicá-los.

Um silêncio de morte seguiu-se a essas palavras. Arsène olhou para os companheiros, que por sua vez contemplavam os camponeses com desprezo e aversão de aristocratas. Tinham conhecido Paul de Vitry e o amado. Mas não tinham ido até ali para vingar-lhe a morte trágica, e sim movidos pela raiva aristocrática contra a canalha, que ousara sublevar-se contra o poder e os privilégios dos nobres. Ao ver aquilo, Arsène sentiu como se tivesse levado um soco no meio do peito. Viera para vingar Paul, mas via que os outros tinham vindo para destruir uma rebelião que ps ameaçava. Eles próprios não tinham consciência disso, mas a prova ali estava, nos seus rostos finos e nos seus olhos velados.

Não importa qual a razão que os levou a vir, pensou Arsène. Basta-me que tenham vindo. Mas sentiu, pela primeira vez, uma sensação de náusea, um tremor estranho.

Voltou a falar, e a voz ressoou em meio à escuridão e ao silêncio:

— Seu amo era justo e bom. Deu-lhes liberdade, dividiu o que tinha com vocês. Em paga, vocês o mataram. Ao atacarem o Conde de Vitry, vocês atacaram a França. — Fez uma pausa e tirou, do gibão, um rolo de papel. — Tenho aqui uma ordem de morte contra vocês. Morrerão de maneira rápida e ignóbil, como exemplo para quem pretender levantar a mão contra a majestade e a autoridade da França.

Dentre o silêncio que pesava sobre aquela multidão pálida e trêmula, uma voz gritou:

— Foi o padre!

Os outros murmuraram palavras de esperança. Mas Arsène limitou-se a sorrir amargamente.

— O Conde de Vitry, havia muitos anos, os libertara. Esse padre só esteve aqui algumas semanas. Com que facilidade foram levados pelas palavras dele! Se dentro de vocês não houvesse a semente da maldade, nada disto teria acontecido? Morrerão na força. Só lamento — acrescentou, com ironia — que não haja um padre à mão para os confessar.

Olharam para ele com tremendo desespero, mas viram apenas a espada de ferro da França ameaçando-os, o poder de ferro dos magnatas e dos opressores. As mulheres soluçavam e retorciam as mãos, os homens gemiam. Algumas mulheres gritaram:

— Que será dos nossos filhos?

Arsène olhou para eles e não viu remorso, amargura, ou pena, e sim apenas medo de feras acuadas. O seu ódio cresceu ainda mais. Olhou para os rostos sorridentes dos seus companheiros, aproximando-se, fechando o cerco em volta dos camponeses.

— Um entre cada dez homens e mulheres será executado pela morte do Conde de Vitry, do seu administrador, Grandjean, e pelo cruel ataque a Cécile, neta deste último. Mas antes quero que me entreguem os seus líderes.

Esperando encontrar a maneira de se salvarem, os camponeses puseram-se a procurar freneticamente os líderes. Suas mãos agarraram um jovem, o único que, dentre todos, conservara uma certa dignidade. Mas ele afastou-lhes desdenhosamente as mãos e empurrou os que lhe estavam mais próximos. Dirigiu-se para Arsène com passo rápido e firme, mantendo a cabeça bem erguida. Arsène não pôde esconder a surpresa, porque aquele jovem, com a sua camisa branca, os seus calções de lã, o seu corpo moreno e

musculoso, os seus braços fortes, aparentava orgulho e dignidade. Seu rosto quadrado e beligerante, queimado do sol, seus olhos negros e inquietos, cheios de paixão, sua boca severa, não demonstravam medo ou covardia. Toda a sua presença respirava força e liderança.

Parou diante de Arsène e falou calmamente, os olhos brilhantes à luz que se coava através das nuvens:

— Meu nome é Jean Dumont, monsieur. O padre convenceu-me, por eu ter certa influência sobre esses desgraçados, de que o Conde de Vitry tinha más intenções para conosco, que as suas medidas aparentemente libertárias eram apenas um pretexto para adiar a execução das doutrinas libertadoras, propostas por Sua Majestade, o Rei. Compreendo agora que o complô era contra Monsieur le Comte e nós mesmos. Sou culpado de ter desempenhado um papel na sublevação desses pobres-diabos. Percebo que eles não são dignos de qualquer libertação, por menor que seja.

Não obstante, não lhe peço perdão pela parte que me cabe. Sou culpado. Mereço morrer.

Falou com tanto orgulho, com tanta tristeza, com tanto desprezo e desdém, que Arsène ficou perplexo. Olhou para aqueles olhos negros e firmes, para aquele rosto grosseiro mas inteligente, cheio de força e saúde, e viu a desilusão estampada nele. Mas afastou-se e levantou a mão.

Crequy agarrou Jean Dumont pelo braço, mas o jovem camponês afastou-lhe a mão com ar ultrajado. Encaminhou-se calmamente para a forca e ficou à espera. Crequy amarrou-lhe a corda ao pescoço. A multidão ficou a olhar, a respiração suspensa. Crequy pegou na corda, depois de cuspir nas mãos. Jean Dumont voltou-se lentamente, olhou para aqueles rostos pálidos, cheios de medo animal, e fechou os olhos, como que asqueado.

Crequy puxou a corda. Jean Dumont foi içado no ar. Seu corpo estrebuchou contra o cinzento do céu. Horrorizada, a multidão viu as convulsões começarem a diminuir. Por todo o lado reinava o mais completo silêncio. Naquele cemitério de paixões humanas, havia apenas o movimento decrescente do enforcado, do homem que, à sua maneira turbulenta, esperara salvá-los, mas que também terminara por desprezá-los.

Crequy desceu a corda. O corpo caiu, contorcido, em cima da terra. O taberneiro levantou-o e jogou-o para um lado.

Ouviram-se gritos desesperados no meio da multidão. Vários homens arrastaram dois outros, que gritavam incoerentemente. Um deles era Guy La Farge, o antigo capataz. O outro era Pierre Dubonnet, o ex-administrador.

Arsène olhou para o primeiro, que se debatia, entre urros apavorados. Viu a magreza de La Farge, o cinzento do seu rosto. Olhou para o outro, Dubonnet, homem rotundo, cujo rosto, outrora corado e satisfeito, parecia agora derreter-se em lágrimas. Os dois homens se debatiam e dobravam os joelhos, arrastando os pés como animais a caminho do matadouro, seus derradeiros instintos humanos perdidos num vórtice de terror primitivo. No meio da turba, uma mulher gritava como louca.

— São esses os seus chefes? — perguntou Arsène.

A multidão fez que sim, berrando, erguendo os punhos cerrados, aproximando-se mais de Arsène, esperando obter o favor dele através da vergonhosa traição de entregar os que os haviam incitado. Dubonnet, após ter conseguido livrar-se momentaneamente dos seus captores, caiu de joelhos diante de Arsène e ergueu as mãos.

— Monsieur — gemeu ele —, meu bom amo e senhor, apie-de-se de mim! Não há aqui um padre para me confessar. Sou um fiel católico, não posso morrer sem me confessar. Tenhor mulher, sou casado. Não passo de um pobre homem.

A voz foi sumindo, até morrer-lhe de vez na garganta. Começou a chorar e a fazer gestos desordenados com as mãos. Seus olhos, semelhantes aos de um animal acossado, imploravam

misericórdia ao inexorável Arsène. Os gritos da mulher tornaram-se insuportáveis.

— Por que foi que você instigou o seu povo contra o Conde? — perguntou Arsène.

O homem choramingou, esfregou as mãos contra os lábios, e respondeu, numa voz que mais parecia um chiado:

— Monsieur, foi o padre. Eu sou um bom católico. Ele me botou na cabeça que Monsieur le Comte fazia parte de um complô huguenote para destruir a Igreja. . .

Arsène deu meia-volta. Crequy agarrou o pobre-diabo. Arsène ouviu os gritos lancinantes do homem, gritos abruptamente interrompidos pelo súbito descer da corda. Agora, até a mulher ao longe se calara, e todos, menos Arsène, ficaram como que fascinados, vendo Dubonnet morrer.

Um cheiro de enxofre encheu o ar, e da terra subiu um odor fétido de coisa podre. Arsène olhou em volta. O roncar do trovão transformara-se num uivo. Arsène ouviu-o, e uma espécie de paralisia voluptuosa se apoderou dele. Sentiu-se tomado por uma terrível euforia, que o fez rir alto e selvagememente. Uma horrível calma pareceu descer sobre todos os presentes, como se fosse uma pantomima executada por surdos-mudos em meio a um pesadelo.

Arsène ergueu então os olhos para o vulto de La Farge, debatendo-se contra o céu. Crequy, o gigante, estava aos pés da sua última vítima, olhando para cima e rindo. Uma névoa flutuava ao seu redor, como um fog escuro, através do qual brilhasse, eterno, o espírito do mal. Os camponeses e os seus carrascos permaneciam imóveis. O relâmpago ziguezagueou sobre os seus rostos pálidos e exangues, sobre os olhos parados, sobre as bocas imbecis e os cabelos esvoaçantes. Um vento mais forte revelou as paredes saqueadas e incendiadas do château.

Arsène sentiu que não podia mais. Desviou os olhos da forca, fixando-os na rua cinzenta do povoado, para além da multidão e da taberna. Viu então algo que o fez pestanejar, incrédulo. Um cavalo pequeno vinha vindo, a cabeça inclinada e exausta, as patas mancando. E, no dorso desse cavalo, estava uma figura envolta numa capa e com um grande chapéu. Cavalo e cavaleiro transmitiam uma sensação de melancólica preocupação.

Durante momentos, ninguém mais reparou neles. O vulto desmontou e aproximou-se, como se pairasse num sonho cinzento. Era o Abade Lovelle.

Não! disse Arsène para si mesmo. Seus companheiros viraram-se e olharam para o padre. Por sua vez, os camponeses também o viram. Grandes gritos ecoaram. Uma convulsão tomou conta deles, como se fossem águas estagnadas agitadas pela queda de uma enorme pedra. A alegria veio substituir a expressão torturada, desesperada, dos seus rostos. Procuraram chegar perto do padre, por entre o círculo dos captores, mas foram empurrados para trás com violência. Não desistiram, porém, como se não temessem os golpes, estendendo os braços para o abade, gemendo, soluçando, gritando de alegria. Muitos caíram de joelhos, espichando as mãos trêmulas, beijando freneticamente o ar, os olhos brilhantes de esperança.

O padre ficou um momento parado, olhando para todas aquelas coisas, para o cadafalso, para o enforcado balançando no ar, para Arsène e seus companheiros, para as caras vulpinas dos carrascos. Passado um bom bocado, levou as mãos aos olhos. Quando as retirou, suas faces, velhas e murchas, estavam manchadas de lágrimas.

Depois, sem dizer uma palavra, aproximou-se lentamente de Arsène e olhou para ele com firmeza. Arsène ficou calado, vendo-o aproximar-se.

O abade parou diante do jovem. O silêncio voltou a reinar, e não havia movimento senão o do enforcado, estrebuchando, grotesco e desajeitado, contra o céu. Ouviu-se um ruído distante: o grunhido de Crequy, profundo e faminto.

O relâmpago iluminou o rosto do abade, a expressão severa do velho padre. Arsène procurou falar,

mas, não conseguindo, ergueu o braço e apontou para as ruínas do chateau. Seguindo-lhe o gesto, o abade olhou para os lados e para cima. Estremeceu de maneira tão violenta, que a sua gasta batina tremulou, como se soprado pelo vento.

— Sim — disse Arsène, suavemente —, foi o seu rebanho quem fez isso, Monsieur l'Abbé. Mataram o seu protetor, executaram o seu amigo, como se fosse essa a recompensa justa para a sua misericórdia e a sua justiça. E foram levados a isso e à força pelo seu querido irmão em Cristo, Monsenhor de Pacilli.

O padre voltou muito lentamente o olhar para Arsène e depois para os camponeses. Não disse nada, não fez sequer um gesto. Olhou apenas para aqueles homens e mulheres apavorados, e o seu rosto expressou a dor, o espanto e o sofrimento de sentia. Os lábios tremeram-lhe. Inclinou a cabeça, como se rezasse.

Depois, disse em voz baixa olhando para Arsène:

— Há sete noites, tive um sonho, um pesadelo horrível. Sonhei que o meu rebanho estava em perigo, que um holocausto caíra sobre ele por causa de uma culpa sem nome. Uma voz me incitou a deixar a minha querida sobrinha e voltar aqui. Saí na manhã seguinte, ao alvorecer. —

Os camponeses olhavam para ele em silêncio, como se fascinados. E então os seus rostos, cheios, até ali, apenas de medo e astúcia, mudaram de expressão, ficaram transtornados. Um a um, começaram a chorar, a soluçar, numa onda crescente e clamorosa, carregada de angústia e desespero. Recuaram, cobriram as faces com as mãos. Suas lamentações, agora roucas, tocavam até os corações mais duros. Já não tinham medo; apenas arrependimento e dor.

Lentamente, um a um, caíram de joelhos e deixaram tombar as cabeças, sempre chorando. Um dos camponeses mais próximos do padre falou, com voz rouca, erguendo uma das mãos em humilde abandono:

— Padre, não sabemos explicar por que fizemos isso. Matamos o nosso amo, o nosso amigo. Não nos pergunte por quê. Não sabemos dizer.

O abade ouviu com atenção e depois levantou as mãos para o céu, voltou o rosto para o firmamento e orou em silêncio, as lágrimas rolando-lhe pelas faces.

Assistindo a tudo aquilo como se sonhasse, Arsène sentiu um puxão no braço. O jovem de la Royale murmurou-lhe, com impaciência:

— Vamos acabar logo com eles e com esse padre esfarrapado.

Arsène olhou para ele como se não o visse, e depois voltou-se para o Abade Lovelle, que o contemplava, chorando.

— Monsieur — perguntou o abade —, que autoridade tem para executar essa gente indefesa?

Arsène passou-lhe às mãos a ordem com o sinete real. O abade leu-a rapidamente e devolveu-a, o rosto mais pálido do que antes.

Disse, com voz serena:

— Houve um Homem que morreu na cruz e disse: “Perdoai-os, Pai, pois eles não sabem o que fazem”.

As suas palavras ecoaram no silêncio reinante. Juntou as mãos e olhou tão-somente para Arsène.

Quando, por fim, este falou, foi numa voz estrangulada:

— Pensa, porventura, que eu estou gostando disto, Monsieur le Curé? Há dez anos, houve um caso parecido, de assassinato do senhor de certas propriedades, um homem cruel e depravado. Não obstante, a lei exigiu que todos os camponeses fossem condenados à morte pelo crime. Se eu não vingar o Conde de Vitry, a lei da França se encarregará de fazê-lo.

Deitando-lhe um último olhar, o padre voltou os olhos para a pilha de homens e mulheres enforcados, pára os corpos atravessados pelas espadas e adagas, estremeceu, como se também ele houvesse sido

atingido.

Arsène prosseguiu:

— Pode confessá-los, Padre, mas a vingança precisa ser levada a cabo. Acredita que a lei seria mais misericordiosa do que eu?

O abade levantou a mão e apontou lentamente -para Arsène.

— Monsieur, você tem plena autoridade de agir como quiser. Se desejar matar esses pobres desgraçados, não lhe falta autorização para tal. Se preferir poupá-los, também.

Suas palavras, trêmulas, mas cheias de força e acusação, encheram o ar. Os soluços e gemidos dos camponeses tinham dado lugar a uma lamentação sem palavras ou preces.

O rosto de Arsène ficou rígido e fechou-se mais ainda.

— Monsieur le Curé — disse ele —, não desejo poupá-los. E acrescentou: — Eles mataram o meu amigo.

A expressão do abade tornou-se mais animada. Juntou as mãos.

— Monsieur, eles mataram o seu amigo, e o meu e o deles! Mas pense bem se ele gostaria de que fizesse uma coisa destas!

Arsène não respondeu. O abade ergueu os olhos e exclamou:

— A alma dele acusa-o, monsieur! Ele teria perdoado essa pobre gente! Ele a teria compreendido. Você não é digno da amizade dele, nem de chamá-lo de “amigo”.

Os amigos de Arsène, tremendo nas suas capas, sorriram levemente. Olharam para o velhinho, as lágrimas rolando-lhe pela face, a voz ecoando no ar sombrio, e não puderam esconder a impaciência e o desprezo. Mas Arsène não lhes deu atenção.

Vendo que Arsène não respondia, o abade chegou-se mais perto, agarrou uma prega da capa do jovem e caiu de joelhos, com uma expressão súplice e dolorosa no rosto.

— Já basta o que você fez, monsieur. Por acaso essas mortes vão trazer de volta o nosso infeliz amigo, que era todo piedade e compaixão? Veja como choram! Não de medo, não de pavor. Desejam a morte, como pagamento do crime cego e ignorante que cometeram. Se os executar, todos eles caminharão humildemente para a morte, cômicos de que esse é o castigo justo. Mas será que mais mortes lhes aumentarão a angústia, o remorso e o sofrimento? Não estará você se vingando de homens que já foram punidos, que já estão arrasados? Não será isso o bastante? Mais violência servirá apenas para destruir-lhe a alma, e não para infligir maior castigo a essa pobre gente.

As mãos trêmulas agarraram febrilmente a capa de Arsène, que procurou recuar. Mas o padre segurou-o ainda com mais força. Abra-çou Arsène e chorou.

— Como posso poupá-los? — perguntou Arsène. — Quero que todos eles morram. Não posso me forçar a desejar outra coisa. Eles merecem morrer.

Uma loucura tomou conta dele, fazendo-o gritar:

— Toda a humanidade merece morrer! Gostaria de poder matar todo mundo!

Os braços do abade enlaçaram com mais força os joelhos de Arsène. Levantou para ele os olhos marejados de lágrimas. Mas a expressão do seu rosto era de pena do jovem.

— Falai . . sim é falar contra Deus Todo-Poderoso, o Criador de toda essa pobre gente. Monsieur, reflita nas origens obscuras da humanidade. Pense em como os homens antes se assemelhavam às bestas da floresta e das planícies. Pense em como a humanidade iniciou a sua lenta e tortuosa subida para a luz. Mil vezes o pé da besta escorregou, e o homem regressou ao poço de onde tinha saído. Mas sempre volta a subir, impelido por só Deus sabe que estranho, terrível e imortal impulso. Monsieur, não podemos esquecer esse impulso, mesmo nos momentos de ódio e desvario. Quem sabe se não chegará um dia em que até a alma mais torpe se abra para a luz universal? Em nome dessa esperança, precisamos ter

piedade, precisamos ter misericórdia, precisamos saber rezar, esperar e ter fé. Precisamos ter a paciência de Deus.

Arsène teve a impressão de que o velho já não pedia pela vida dos miseráveis camponeses, e sim pela alma de Arsène. Aquelas lágrimas, aquela veemência tinham por fim apenas a salvação espiritual do jovem. Mil e uma vidas podiam se perder, que não faria diferença. Mas, para aquele velho padre, a perda de uma alma que fosse era mais importante do que a destruição de todo o universo.

— Imploro-lhe que reflita, monsieur! Imploro-lhe, em nome de Deus, em nome do Conde de Vitry, que tanto o amou, em nome da sua própria alma, que poupe essas pobres criaturas!

Um espasmo agitou-o. A força faltou-lhe. Caiu aos pés de Ar-sène, a cabeça humildemente encostada nas botas enlameadas do jovem. Enlaçou-as com o gesto convulsivo de um moribundo. Depois, gemendo, beijou-lhe as botas, ao mesmo tempo em que repetia:

— Poupe-os. Em nome de Deus, pelo amor de Deus.

Arsène não podia suportar aquilo. Tentou erguer o velho, mas o padre agarrou-se a ele com energia sobre-humana, como se, aprisionando Arsène com os seus braços, pudesse deter o carrasco. Arsène mal podia respirar. Olhou em volta para os amigos, que desviaram o olhar, envergonhados, para Crequy.

O gigante fitava-o com uma expressão estranha. Mas não havia nela maldade, apenas confusão e uma certa piedade. Olhou para os camponeses. Já não gemiam nem soluçavam. Ajoelhavam-se, em silêncio, as cabeças inclinadas.

Arsène sentiu como se uma mão de ferro lhe apertasse o coração. Ergueu as mãos e deixou-as cair, impotentes. Olhou para o padre, que continuava a abraçá-lo em desespero. O vento, voltando com redobrada fúria, levantava cada vestimenta como se fosse a asa de um morcego. O trovão reboou mais próximo. Os relâmpagos sucediam-se.

Algo pareceu abrir-se em Arsène, sangrar, pulsar e doer com angústia intolerável. Soltou-se dos braços do padre, fez com que ele se levantasse e estreitou-o contra o peito. A grisalha cabeça tombou-lhe sobre o ombro como se o velho acabasse de expirar.

— Vou poupá-los, Padre — disse ele. — Deixá-los ir em paz.

A chuva desabou, em catadupas, sobre os camponeses ajoelhados. O vento fez com que o último dos enforcados dançasse grotescamente, pendurado da corda. Arsène ergueu o abade nos braços e carregou-o para dentro da taberna.

Paul de Vitry deixara em testamento toda a sua fortuna e as suas propriedades a seu amigo Arsène, para que ele fizesse com elas o que bem entendesse.

Antes de sair de Chantilly, Arsène nomeou Crequy e o padre administradores das terras.

— De um lado haverá doçura e misericórdia; do outro, justiça e severidade — disse, com base na dolorosa experiência que tivera. — Só assim se conseguirá o equilíbrio.

E acrescentou:

— Os homens precisam ganhar e compreender a liberdade. Se ela lhes for concedida antes que eles a compreendam, será desprezada.

Mandou buscar uma carruagem e embarcou, com Cécile Grandjean e a jovem Roselle, rumo a Paris.

● Capítulo XLV

Havia sempre uma hora, logo depois do pôr-do-sol, em que o Cardeal ficava sentado no seu quarto, cochilando, lendo, ou meditando, os olhos fechados, as mãos aristocráticas pousadas, palmas para cima, nos joelhos, numa atitude de repouso e impotência. Louis de Richepin sentava-se junto da janela, ocupado a escrever, franzindo a testa para os compromissos do dia seguinte, redigindo as cartas formais para Sua Eminência assinar e lendo as cartas que acabavam de chegar, Reinava o maior silêncio no quarto, quebrado apenas pelo murmúrio do papel, pelo deslizar da pena de Louis e o escorrer da areia na ampulheta.

Apesar de quieto, o Cardeal gostava de ouvir o som de atividade, em volta dele, e as potencialidades das cartas lidas e escritas por seu secretário davam-lhe uma sensação de continuação, de dinamismo, embora ele descansasse. Podia meditar ou cochilar, sabendo que as vastas rodas que ele pusera em movimento não paravam de girar, com aceleração cada vez maior. Era do tipo de pessoa que nunca pode descansar completamente, nem permitir que o repouso invada a atmosfera à sua volta. Só podia repousar, sentindo em redor o barulho de atividade; só podia respirar quando o ar que o cercava continuava ecoando as suas atividades. Seus olhos, cansados, só ficavam sossegados quando ao seu redor ziguezagueavam os relâmpagos que ele próprio provocara. A tranquilidade só o invadia quando ouvia ao longe os ecos dos acontecimentos. Quando os que o rodeavam descansavam, meditavam ou cochilavam, ele era tomado de uma inquietação febril e de uma terrível sensação de desperdício, de fúria contra a impotência da apatia. Era nessas ocasiões que o seu corpo atormentado se erguia de novo e criava tumulto em derredor.

Nessa noite, porém, por alguma razão misteriosa, ele não conseguia descansar. A tortura que sentia na carne era como uma dor sem nome, mas febril. Supersutil e hipersensível como era, sentia que naquele quarto havia uma agonia maior do que a sua, por mais que, egoisticamente, tivesse lutado, durante horas, por ignorá-la. (Tinha uma convicção arraigada: a de que simpatizar, identificar-se com os sofrimentos dos outros era dispersar uma grande parte da própria força, com consequências desastrosas. O homem sensato vivia no seu próprio universo, no qual não podia penetrar nenhum grito, nenhuma mão desesperada.)

Obrigou as pálpebras e permanecerem fechadas sobre os olhos estranhos e brilhantes, mas elas continuaram a pestanejar desconfortavelmente. As mãos se erguiam e tremiam, como que num espalmo. Recostou-se na cadeira, à maneira de um animal, que, desesperado de coceira, procura esfregar-se contra algo. Estava aborrecido consigo mesmo, pelo fato de o gemido inaudível que brotava dos lábios do seu secretário lhe ecoar nos ouvidos austeros e altaneiros. Que importância tinham os problemas de uma pessoa como Louis de Richepin, aquele padre obscuro e glacial, aquela pequena alma sem voz ativa, para Armand-Jean du Plessis, Duque de Richelieu, o homem mais poderoso da Europa? Tinha visto tanto sofrimento, tanto sofrimento majestoso e ilimitado, em sua vida, que-a angústia daquele jovem não era nada, absolutamente nada! Tinha visto desespero na expressão de homens poderosos, tinha assistido à morte de amigos e inimigos e, se sentira pena, fora a que pode sentir uma mente acadêmica, que achava algo de artístico naquele desespero e naquelas mortes, alguma dignidade e uma certa perfeição nesses gestos cheios de grandeza.

Louis era seu secretário, havia anos. Muitas vezes divertira-se à custa dele, como se fosse um cão humilde ou um pássaro engaiolado e sem garras. Brincara com Louis, mas, passados alguns momentos, ele o entediara, como sempre o entediavam as pessoas inflexíveis. Até mesmo a veemência ocasional de Louis, os seus mesquinhos arroubos teológicos, o faziam bocejar e sorrir. Só quando Louis dera prova da

força e da vastidão do ódio que o devorava, é que o Cardeal se mostrara interessado. Sempre lhe interessavam as paixões humanas, embora isso fosse um interesse cínico, no qual o seu próprio ódio era o ingrediente dominante. Confessava, candidamente, que só as paixões semelhantes às suas lhe suscitavam respeito e atenção. Sou um egocêntrico, pensava satisfeito. Que homem, inclusive Jesus, conseguira triunfar, senão por obra e graça do seu egocentrismo? Para se tornar o centro das coisas, era necessário um homem se convencer de que já era, realmente, o centro. Depois, era fácil convencer os outros.

Meditou nessas coisas, ali, sentado na sua cadeira, e sentiu-se pouco a pouco dominado por uma agradável sonolência. Os pensamentos abandonaram-no como se fossem grandes navios, zarpando, em silêncio, para os mares sem fim. A alegoria agradou-lhe. Era o seu método favorito de adormecer. Gostava de imaginar a vaga e majestosa luz das estrelas brilhando nas pregas brancas das velas, e as ondulantes montanhas de água, que tinham origem na sua própria alma.

Foi então que ouviu um suspiro. As ondas e os barcos desapareceram e ele sentiu-se mais uma vez agudamente consciente dos limites dolorosos da sua carne. O estado febril do seu corpo voltou a atormentá-lo. Recusou-se a abrir os olhos. Ouviu novo suspiro, dessa vez carregado de desolação. Permaneceu inerte. Louis julgava-o adormecido, como de costume. Aquele suspiro saía de alguém que pensava estar sozinho.

O Cardeal ergueu parcialmente as pálpebras e olhou para o secretário. A escuridão aumentara nos quartos. Um único castiçal dourado ardia sobre a mesa onde Louis estivera escrevendo. As janelas estavam amortalhadas sob os pesados cortinados. Tudo era silêncio, pesado e triste. Louis estava sentado na sua cadeira, os cotovelos apoiados na mesa, a cabeça entre as mãos. Volta e meia um suspiro fundo lhe saía do peito, como se fosse o último alento de um homem moribundo.

Louis tinha um corpo forte, cheio da elegância rígida dos homens bonitos mas destituídos de sentido de humor. Suas costas eram direitas e firmes, sob a batina preta. Havia majestade no seu modo de andar e na sua conformação física. Caminhava sempre com ar de príncipe, sem afetação, mas com uma manifestação da qualidade glacial do seu espírito e da sua mente dura e virginal. O Cardeal muitas vezes se divertira pensando no que poderia acontecer com aquele físico, com aquele semblante frígido, com aqueles olhos azuis e gelados, quando a mente e o coração, por detrás deles, fossem atingidos.

Agora, ele já não precisava especular, com sorridente cinismo. Agora ele sabia, ele via. Porque o jovem à sua frente tinha o aspecto de uma estátua de mármore que houvesse sido mutilada e deformada pelas marteladas de um maníaco destruidor. Os seus contornos estavam desfeitos, a grandeza do seu corpo fora dissolvida, como uma estátua de gelo se derrete debaixo do sol forte. A cabeça estava encurvada, como que afundada entre os ombros. As mãos, brancas e fortes, que antes pareciam incapazes de qualquer gesto de ternura, comprimiam-lhe agora os olhos, num gesto de agonia. Tinha as costas dobradas. O corpo balançava para a frente e para atrás, na cadeira. E, dos seus lábios finos, escapavam aqueles dolorosos suspiros.

O Cardeal sabia o motivo daquele desespero. Desde a morte de Marguerite de Tremblant, observava uma desintegração quase imperceptível em Louis de Richepin. Fora como uma montanha, aparentemente imutável à superfície, que por dentro se vai desintegrando, dissolvendo em pó, manifestando-se apenas, ao olhar mais observador, por meio da queda ocasional de alguma pedra, de um murmúrio abafado vindo das suas entranhas. Os ouvidos alerta do Cardeal tinham captado os sinais da desintegração que estava ocorrendo sob a superfície inalterável de Louis de Richepin.

Sentira pena. Mas, no fim, sentira também tédio, como sempre lhe acontecia com as coisas que não lhe diziam imediatamente respeito. Sentia impaciência e desprezo pelas desgraças da humanidade, como todo homem que odeia a sua espécie e não gosta de ser identificado com ela. Passado o primeiro

sentimento de compaixão pelo secretário, ficara aborrecido com o que vira. Deus do céu, o destino da França, da Europa, dependia dele, das suas intrigas e complôs, e aquele homem pálido se deixava envolver tanto pelas suas pequenas dores, pelo sofrimento que lhe causara a morte de uma jovem tão insignificante, que ninguém na Corte se referira ao seu passamento!

Mas, por alguma estranha razão, ao olhar para Louis, através das pálpebras descidas, não sentiu mais impaciência ou irritação. Uma imensa tristeza tomou conta dele, uma pena enorme. E essa tristeza e essa pena provocaram nele uma violenta convulsão, como que uma derrocada de paredes e barricadas. Espantava-se de se sentir assim, pois não tinha afeto por Louis. O máximo que sentia por ele era uma simpatia ocasional.

Tanto desprezara a humanidade, que o espetáculo dos seus sofrimentos lhe parecera uma coisa mesquinha e vergonhosa, muito abaixo dos sofrimentos de um cão. De repente, porém, a agonia de Louis de Richepin não lhe pareceu mesquinha e vergonhosa. De repente, o Cardeal achou que nenhuma agonia pra mesquinha, fosse ela sentida por um homem ou por uma mulher. No sofrimento, todas as coisas se tornavam grandes e dignas até mesmo do respeito de Deus. Os homens e as mulheres não participavam nos transportes extasiados de Deus, no Seu conhecimento do futuro, na Sua paz e sublime satisfação. Mudos, errando cegamente de um lado para o outro, não tinham persciência nem total compreensão das coisas. Viviam fora do círculo de fogo do conhecimento. Mas, no sofrimento, comungavam com Deus. As antenas da dor universal vibravam igualmente em Deus, nos homens e nos vermes, e a derradeira convulsão do mais humilde dos vermes se refletia no coração de Deus.

Eram estranhos pensamentos para Sua Eminência, o Duque de Richelieu, e uma curiosa excitação se apoderou de alguém que julgara ter experimentado todas as emoções e estar cansado delas. Havia tanto tempo que ele não sentia tristeza, ternura ou compaixão! Ecos da sua mocidade lhe vieram aos ouvidos. A compaixão que outrora sentira por todas as coisas vivas voltava a lhe agitar o coração, fazendo-o doer, como acontece com um músculo atrofiado por falta de uso, após um exercício violento.

A compaixão traz consigo o impulso de aliviar, de consolar, de confortar. Foi o que aconteceu com o Cardeal. Abriu a boca para pronunciar palavras de conforto, mas logo a fechou. De repente, teve consciência de que ele, um prelado da Igreja, um padre, um sacerdote, que antes de mais nada era um ministro de Deus, não tinha palavras de conforto para dar ao homem que sofria ali, à sua frente. Era demasiado inteligente! Demasiado culto! As palavras sacramentais, mesmo que impelidas pela sinceridade, eram por demais pueris, por demais infantis. Como era possível, diante de urna tal angústia, dizer: Deus lhe dará forças, meu filho!? Todas as frases feitas dos padres lhe soavam ridículas e vergonhosas. Quem, senão um idiota ou um cínico, teria o descaramento de insultar uma angústia daquelas com palavras ocas?

Palavras de conforto exigiam superioridade por parte de quem as pronunciava, um distanciamento de quem estava sofrendo. O insulto, a satisfação consigo mesmo estavam implícitos nelas, a menos que tivessem origem na mais profunda fé e humildade.

E Armand-Jean du Plessis, Cardeal e Duque Richelieu, prelado de Roma, apesar de consagrado pelo Papa, não tinha fé, nem humildade. Havia muito tempo que sabia disso, mas nunca como agora, em toda a sua enormidade. Sentiu vontade de rir, um riso amargo Não tenho palavras que soem verdadeiras, porque não tenho fé, pensou.

E alguma vez tivera fé? Recuou, percorrendo os longos e escuros corredores dos anos, e abriu mil e uma portas, buscando, procurando. Mas não encontrou nada, a não ser ambição, ódio e astúcia, nada além de desprezo pelos outros homens. Alguma vez, mesmo por uma hora, conhecera a fé e a humildade? Não se lembrava disso.

Perguntou a si mesmo: Será que creio em Deus? E, passado um longo momento, respondeu a si

próprio: Não, não tenho a certeza.

E a si mesmo confessou que sempre acreditara na fé como um atributo que convinha aos idiotas, algo semelhante ao poder dos curandeiros. Não tinha nada a ver com o caráter dos homens inteligentes. A inteligência estava acima da fé. Lembrando-se do Padre Joseph, o Cardeal chegou à conclusão de que o capuchinho tampouco tinha fé. Tinha êxtases, convulsões. Mas não a verdadeira fé.

E agora ele sabia que só os que tinham fé podiam dizer palavras de conforto, sem insultar. Porque a fé implicava uma percepção da angústia e da dor universais, na comunhão com todas as criaturas vivas. A fé exclamava:

— Não posso consolá-lo porque tampouco tenho consolo para mim. Só tenho as minhas lágrimas, e, quando as derramo por você, derramo-as também por mim. Ao chorar, choramos por Deus, que chora por nós.

E assim, participando universalmente de dor, o homem se aproximava de Deus, e ambos se davam as mãos.

Absorto nos seus pensamentos, o Cardeal esqueceu tudo o mais. Suspirou profundamente. A sua visão pareceu vacilar.

Olhou de novo para Louis, e os seus olhos de tigre perderam o brilho mau, tornaram-se ternos.

Chamou, suavemente:

— Louis!

O jovem padre estremeceu, como uma árvore se move ao vento, sem consciência desse movimento. Deixou cair as mãos dos olhos. Mas o seu perfil, gélido e rígido, permaneceu distante. Olhou, sem ver à sua frente.

O Cardeal suspirou de novo e de novo o chamou. Dessa vez, Louis voltou a cabeça para ele. O coração do Cardeal mergulhou na espada da dor, ao ver o rosto de Louis, a expressão fixa e vazia dos seus olhos. Parecia uma dessas máscaras gregas, sem carne, mas transmitindo, através das órbitas vazadas e da boca sem lábios, toda a angústia, toda a tragédia, toda a tristeza. Era como o epítome da humanidade, que, nos momentos decisivos, só pode abrir a boca num horror sem palavras.

Os dois se entreolharam num silêncio eloquente. Pela primeira vez, viram-se, de fato. Não podiam mexer-se, nem sequer falar.

Passado um longo momento, o Cardeal levantou as mãos, para deixá-las cair pesadamente, com um gesto de impotência, sobre os joelhos.

Disse, numa voz baixa e rouca:

— Louis, eu sei e não tenho nada para lhe dizer. Não tenho palavras de consolo. Não lhe posso falar de Deus, porque nada sei Dele. Não posso confortá-lo porque eu próprio não sei o que é conforto. Só posso lhe oferecer minha tristeza.

E acrescentou, em voz ainda mais baixa:

— Perdoe-me.

A humildade e a tristeza não combinavam com o rosto delicado e pálido daquele homem terrível. Parecia menor e mais fraco, ali, sentado na sua grande poltrona escarlate. Dava a impressão de ter atingido uma idade enorme, fútil e improfícua. Não obstante, na sua humildade, no seu desespero, ele alcançara a grandeza.

Louis ouviu-o, e, lentamente, muito lentamente, a dura máscara da tragédia foi amolecendo, ruindo, a carne, sangrando, rompeu a camada de gesso, e um grito saiu-lhe dos lábios. Levantou-se e, cambaleando, agarrou-se às costas da sua cadeira. Devagar, com passadas custosas, aproximou-se do Cardeal, oscilando de um lado para o outro, à maneira de um homem ferido. Estendeu as mãos, como que Tateando em meio à escuridão impenetrável. Ao chegar junto do Cardeal, caiu diante dele e deixou

tombar a cabeça nos joelhos de Richelieu.

O Cardeal não disse nada, mas a sua mão ergueu-se automaticamente e pousou na cabeça sofredora do jovem padre. Palavras rotineiras vieram-lhe aos lábios:

— Não desespere, meu filho. Deus compreende a sua dor e vai lhe dar consolo.

Engoliu-as antes mesmo de as falar, sorrindo interiormente, com desdém e amargura. Quão facilmente o hábito era capaz de destruir a dignidade da verdade! Como era fácil as palavras insultarem essa dignidade!

Por fim, disse, com voz suave:

— Louis, eu também sofri. Eu também senti a mais profunda das dores. Isso é tudo o que eu lhe posso oferecer. É o único consolo que lhe posso dar: a certeza de que todos os homens conhecem a dor.

Só então, após essas palavras, pôde erguer a cabeça de Louis e encostá-la no seu próprio peito, abraçando-o, na simples comunhão, na tristeza sem voz, de todos aqueles que já sofreram.

Acaso confortara o pobre padre? Sentia que sim. Pois em Louis percebera aquela terrível solidão, aquele terror sem limites que sempre tinham habitado nele. Abraçando outro sofredor, Louis voltara a se comunicar com a humanidade, coisa que aprendera com Marguerite de Tremblant. Não tardou que o Cardeal o ouvisse chorar.

● Capítulo XLVI

Arsène instalou Cécile Grandjean e a jovem Roselle no pequeno hotel de Paul de Vitry, em Paris. A criadagem, profundamente sentida com a trágica morte do seu bondoso patrão, mostrou-se ansiosa por tratar de uma moça que quase morrera na mesma ocasião. E ali, na casa do homem que tanto a amara, rodeada pelos retratos dos antepassados dele, Cécile foi aos poucos voltando à vida.

Todos os dias, um discreto mensageiro levava a Arsène notícias de melhoras da moça. Mas ele nunca ia visitá-la.

Arsène estava travando uma luta heróica consigo mesmo. Enquanto, na sua confusão, não conseguisse se encontrar a si mesmo, livrar-se das paixões turbulentas e do caos que o devastavam, não ousava ver ninguém. Trancou-se nos seus aposentos, recebendo apenas o mensageiro do hotel de Vitry e alguns poucos, que, secretamente admitidos por Pierre, seu valet, lhe levavam planos para a campanha de defesa de La Rochelle.

Simples e pouco sutil, mas de temperamento instável, Arsène via-se presa de mil e uma dúvidas e paixões. O caso de Chantilly mostrara-lhe até onde o coração humano era capaz de mergulhar. Olhava para si mesmo com profunda desconfiança e veemente desgosto. No entanto, não conseguia convencer-se de que fora injusto ou indevidamente vingativo. Sabia que a primeira reação ao ataque era um violento contra-ataque. Suas dúvidas eram quanto ao motivo que o inspirara. Percebia que o espírito de justiça e o espírito de vingança se opunham frontalmente. Mas onde começava um e acabava outro? Afinal de contas, não era verdade que todas as virtudes tinham raízes nos vícios? A misericórdia não se originava na fraqueza e na complacência? A compaixão não era um atributo dos muito egoístas?

Não conseguia libertar-se do ódio. Agora, sabia que em todos os homens existia ódio pelos demais. Era do ódio que brotavam todos os outros vícios. Mas como era possível a um homem destruir o ódio natural que sentia dentro de si? Percebia que a grande conquista, a grande cruzada, a grande aventura do homem estava na erradicação do ódio existente no seu coração.

Para um homem do seu temperamento, penetrar num mundo cheio de luzes e sombras, murmúrios, dúvidas e perplexidades, era algo profundamente perturbador. Aquele mundo que, outrora, fora para ele um lugar perfeitamente definido, em que tudo era ou branco, ou preto, de contornos firmes e sem complexidades, agora se lhe revelava um mundo cheio de nuances e tintas, em que a alma humana não parava de fazer perguntas e acabava desistindo, vencida por enigmas irrespondíveis.

Teria Paul de Vitry questionado esses enigmas e conhecido as respostas? Por um breve momento, Arsène conjecturou que homens como Paul se recusavam a ver as nuances e as sombras, fechando os ouvidos às dúvidas que os assaltavam. Porque, quanto mais se perguntava, mais a confusão aumentava. Era preciso encarar com firmeza a necessidade básica: vencer o ódio dentro de si. Com esse fio frágil, mas brilhante, na mão, o homem podia caminhar a salvo por entre labirintos, poços e precipícios.

Não obstante, ele não conseguiu livrar-se desse ódio, que era parte do sangue e do espírito do homem. Por mais que lutasse, a toda hora ele lhe brotava em outro ponto do coração, mais forte e triunfante do que nunca. Chegou a lamentar ter sido fraco a ponto de se deixar demover dos seus propósitos em Chantilly. Nessas ocasiões, a fogueira irrompia de novo dentro dele, fazendo-o ter vontade de destruir toda a humanidade.

Conheço a verdade, dizia para si mesmo, mas não consigo me forçar a acreditar nela. Se acabar com o ódio que sinto, acabarei destruído, como Paul, o Abade Mourion, o Duque de Tremblant e François Grandjean. Parecia-lhe que o mundo era o cemitério de todas as almas nobres e altruístas. Para sobreviver, era preciso rodear-se de ódio como de uma muralha fortificada.

Foi só depois de passados muitos dias que o pensamento lhe veio, como um sussurro vindo do túmulo: O mundo dos homens só será salvo do ódio pelos que conseguiram vencê-lo.

Não me interessava salvar os homens, pensou ele, em meio à dor que sentia pela perda do amigo. Mas essa nova ideia, qual planta viva, mais frágil, lutava por resistir entre as ervas venenosas.

Compreendia, embora obscuramente, que tinha de travar aquela batalha dentro de si mesmo antes de poder se engajar em batalhas mais objetivas. A campanha de La Rochelle toda a sua vida tinham que esperar que ele pusesse ordem nas suas próprias paixões e formulasse a sua própria e inabalável filosofia.

Um dia, porém, um apressado mensageiro, coberto de poeira e com expressão preocupada, surgiu-lhe à porta, acompanhado do precavido Pierre. Fora enviado pelo Duque de Rohan, para dizer que chegara o momento de que todos os membros do Les Blanchés se dirigissem para a sitiada La Rochelle.

“Suplico-lhe, venha imediatamente”, escrevera o duque. “A cada hora que passa aumenta o perigo para nós e para a nossa causa.”

Arsène mandou imediatamente Pierre avisar os amigos. Nessa mesma noite tinham que partir para La Rochelle. A Inglaterra declarara guerra à França. Os huguenotes estavam apoiando o inimigo, por verem no triunfo da Inglaterra protestante a garantia de liberdade e tolerância para si mesmos. Consequentemente, Richelieu compreendera que a primeira ação contra a Inglaterra teria de ser a subjugação dos nobres protestantes franceses de La Rochelle, pois esses nobres representavam o calcanhar-de-aquiles da França e La Rochelle, o porto aberto ao invasor inglês.

Richelieu, que, por temperamento, preferia os bons ofícios da diplomacia e do dinheiro aos da espada, apesar de se considerar um soldado, determinara, com secreta aversão, liderar ele próprio a campanha. À hora em que Arsène recebia o recado do Duque de Rohan, o Cardeal já partira, de manhã cedo, para La Rochelle, onde um dique estava sendo apressadamente construído para prevenir a entrada dos navios de guerra ingleses.

Ao fim do dia, atravessando a adega do hôtel du Vaubon, Arsène correu ao palacete de Paul de Vitry, pela primeira vez desde que Cécile Grandjean lá se instalara. Uma criada levou-o até à saleta onde mademoiselle estava sentada, diante do fogo.

Preocupado com os seus problemas, Arsène estremeceu, de repente, ao ver a jovem. Seu coração começou a bater furiosamente. Ele, que sempre entrara, pleno de confiança, em qualquer sala, entrou naquela timidamente, e com hesitação.

A moça não se apercebeu logo da presença dele. Estava sozinha, sentada diante da lareira, com um xale branco cobrindo-lhe os joelhos. Toda a sua atitude era de desânimo e tristeza, mas havia também força na expressão do seu corpo jovem; e a nobreza, que lhe era peculiar, parecia mais evidente do que nunca. Seu vestido, liso e preto, realçava-lhe a brancura do pescoço e das mãos imóveis. O cabelo castanho-claro, entremeado de fios dourados, estava preso em longas tranças, que lhe caíam sobre os ombros delicados. Tinha a cabeça inclinada, o rosto com uma expressão meditativa. Arsène viu-lhe o perfil, nítido e silencioso. A luz das chamas dava-lhe um brilho lícido aos olhos azuis. Seus lábios, do mais delicado rosa, estavam fechados com firmeza, mas sem amargura. Os seus pensamentos podiam ser tristes, mas eram também corajosos.

Ao vê-la, Arsène sentiu-se invadido por uma onda de amor, mesclado de dor. Aquela era a jovem que Paul de Vitry amara. Arsène já não sentia ciúmes. O amor de Paul parecia misturar-se, confundir-se com o seu. Não tinha dúvidas de que a proximidade daquele homem generoso e bom tinha deixado marcas em Cécile

Grandjean, que, se ela não o amara com paixão, pelo menos o amara. Arsène já não sentia despeito pelo fato de ela chorar a morte do amigo. Se não a chorasse, ele a teria amado menos. Era bom que ela

estivesse na casa de Paul. Talvez o espírito dele estivesse feliz com isso.

Arsène sabia que Cécile o amava tanto quanto ele a ela. Mas no amor dos dois havia raiva, irritação, ressentimento, antagonismo e obstinação. Talvez todos esses ingredientes fossem necessários à paixão, e que, sem eles, a paixão fosse impossível. O amor puro, destituído de paixão, era um sentimento nobre mas que não conhecia o êxtase. A luta era essencial à paixão.

Cécile sentiu a presença dele. Virou lentamente a cabeça e olhou para Arsène.

Mil centelhas perpassaram entre os dois. Por um momento, Cécile não conseguiu controlar a expressão do seu rosto. Todo ele se iluminou, excitado. Os lábios entreabriram-se, tornaram-se rosa-escuro, e tremeram. Depois, controlando-se, forçou-se a assumir um ar de reserva, e até de hostilidade.

Arsène aproximou-se, avançou para ela. Cécile não disse nada, mas as suas mãos já não estavam paradas: fincaram-se nos joelhos. Não lhe ofereceu a mão. Seus olhos azuis fitaram-no com uma formalidade em que havia um certo temor.

Ele curvou-se diante dela, sentindo a garganta seca e fechada.

— Mademoiselle, permita-me expressar-lhe os meus sentimentos pela morte do seu avô — disse, numa voz rouca.

As mãos dela crisparam-se ainda mais. Todo o seu rosto, toda ela ficou alerta e em guarda, como se na presença de um inimigo.

— Permita-me também, monsieur, dar-lhe os meus sentimentos pela morte do seu amigo — retrucou.

Arsène julgou detectar um certo desdém no tom formal e frio da moça e sentiu-se tomado de raiva. Seria ela completamente destituída de coração? Não manifestara dor pelas mortes trágicas de pessoas inocentes. Seus olhos não revelavam sinais de passadas lágrimas.

Mal sabendo o que fazia, ele estendeu-lhe a mão. Cécile olhou-a demoradamente e depois ergueu para ele um olhar no qual se liam rancor e amargura.

— Devo dar-lhe os parabéns pelo que aconteceu em Chantilly? — perguntou ela.

Arsène não respondeu, mas ficou louco de fúria. Olhou para Cécile com lábios apertados. Os sinais da doença dela e do seu recente sofrimento ainda estavam bem visíveis naquelas faces pálidas e nas olheiras que lhe sombreavam os olhos claros, mas ele não se deixou comover. Tinha vontade de lhe bater.

— Ah, então ouviu dizer, mademoiselle? — perguntou, com ironia. — Quem foi o informante que de tal maneira lhe perturbou a recuperação?

A fúria dela cresceu para se equiparar à dele. O seu rosto empalideceu mortalmente.

— Roselle, que hoje regressou a Chantilly, recebeu essa informação do seu tio, numa carta que ele lhe escreveu. Posso lhe garan-tor, monsieur, que tem um grande admirador na pessoa de Crequy. Ele escreveu se jactando do papel que desempenhou nesse vergonhoso crime. Sem dúvida monsieur está feliz pelo fato de Crequy admirá-lo, não?

A voz dela, cheia de desprezo, ofegante de paixão, acertou-o em cheio. Cécile ergueu-se a meio, as mãos brancas agarrando os braços da poltrona, com visível esforço. O desdém estava estampado no rosto dela, nos dentes que lhe pareciam entre os lábios, nos músculos da garganta, nos seus olhos azuis e flamejantes.

Diante daquele desprezo, a fúria dele aumentou. Sentiu o coração pulsar-lhe nos ouvidos. Estava cheio de vergonha e de raiva.

Por um momento, não conseguiu falar, mas depois disse, numa voz rouca e carregada de emoção:

— Por acaso mademoiselle preferiria que eu cumulasse de honrarias os assassinos do seu avô e do meu amigo? Teria gostado de que eu lhe dissesse que eles tinham agido de maneira nobre e justa? Mademoiselle parece ter desdém pela justiça.

— Justiça! — retrucou ela. — Será que monsieur não confunde a justiça com vingança? Não terá sido

levado menos pela dor do que pelo ódio?

Levantou-se, apoiando-se na poltrona, o rosto branco de morte.

Arsène cerrou os punhos, ao olhar para ela. Seu rosto moreno ficou convulsionado, e as bem desenhadas sobrancelhas negras franziram-se sobre os olhos brilhantes.

— As palavras e os atos de mademoiselle mostram que não sente dor pela morte do seu avô ou do meu pobre amigo — disse ele. — Está menos preocupada com o fim horrível que eles tiveram do que com o destino dos seus assassinos. Mademoiselle que me perdoe, se não a compreendo e a suspeito de dureza e insensibilidade.

A expressão do rosto dela mudou. Toda a dor que ela sentia transpareceu nele. Respirou fundo. Sua voz mal se ouvia, ao responder:

— Lamento e choro a morte deles, mas sem ódio. Não pense que eu não sinto tristeza ou desespero, monsieur. Mas não me parece que monsieur seja mais digno ou melhor do que os que foram executados. Também eles foram movidos pelo que julgavam ser uma vingança justa contra o Conde de Vitry. Monsieur foi levado pelo mesmo espírito de vingança contra os assassinos, e não por amor ao conde. Se tivesse parado para pensar, para refletir, teria percebido que o conde não aprovaria uma tal vingança contra aqueles a quem tanto amara. Teria percebido que o conde compreendia tudo, até mesmo a crueldade, e que há muito chegara à conclusão de que os atos mais cruéis têm origem na ignorância, no medo e na confusão. Mas monsieur não quis considerar nem refletir. Ao vangloriar-se desses infelizes, deu largas a um ódio que há muito devia estar latente em si. É isso que não pode ser perdoado. É isso que o Conde de Vitry jamais teria compreendido.

Lágrimas de orgulho lhe vieram aos olhos. Mordeu o lábio, para evitar que um soluço lhe subisse à garganta. Mas não inclinou a cabeça ou desviou o olhar. Continuou encarando Arsène.

— Pensava que monsieur fosse incapaz desse ódio e desse espírito de vingança — acrescentou, com voz trêmula.

De repente, toda fúria dele desapareceu. Arsène avançou para ela. Cécile recuou, continuou a fitá-lo.

— Mademoiselle já pensou que, se eu não tivesse feito justiça, a lei da França teria feito o mesmo, ou muito pior? — perguntou ele, com suavidade.

Mas ela não se deixou convencer. O desprezo voltou a iluminar-lhe os olhos.

— Nesse caso, a França está em dívida com monsieur, por ter tomado a seu cargo fazer justiça por ela!

E continuou, elevando a voz:

— Não posso suportar que monsieur tenha agido dessa maneira! Não me venha com hipocrisia, Arsène de Richepin! Não me diga que a lei teria agido com mais dureza! Isso não me interessa. Não posso é suportar que monsieur, por livre vontade, se tenha vingado de maneira tão terrível!

Arsène olhou para ela, pensativo e com doçura. Ao ver aquilo, Cécile fez um gesto impotente e desviou o rosto, onde se liam a dor e o orgulho.

Ele aproximou-se e tomou-lhe a mão. A princípio ela resistiu, tentou soltar-se, mas depois ficou quieta. Inclinou a cabeça e chorou, como não chorara quando da morte do avô e de Paul, do fundo do seu coração.

Arsène levou a mão dela aos lábios, beijou-a, e depois encostou-a à sua face. A princípio, os dedos estavam frios e como que sem vida, mas logo se aqueceram ao contato dos dele. Cécile, porém, não parou de chorar.

— No mínimo, Cécile, fui misericordioso — disse ele. — É verdade que fui levado pelo espírito de vingança.

Fez uma pausa. Quase dissera:

“Mas que significam para nós esses pobres-diabos, essa ralé, essa escumalha?”

Engoliu a tempo essas palavras e ficou deprimido por continuar pensando assim. Seria possível que os nobres, os aristocratas, os poderosos, os privilegiados acabassem sempre pensando da mesma maneira, levados pelo hábito e pelos preconceitos?

Continuou:

— É preciso não esquecer, mademoiselle, que, no fim das contas, fui misericordioso, que acabei perdendo. Tem que compreender que agora lamento ter sido motivado pelo ódio e pela sede de vingança. Mas tudo isso teve origem no meu afeto por Paul de Vitry, e eu apenas reagi humanamente.

Ela não disse nada, mas o seu choro diminuiu, à medida que prestava atenção. ^

Arsène prosseguiu, com maior suavidade ainda:

— Vi-a em casa de Crequy. Mademoiselle estava entre a vida e a morte, devido aos ferimentos causados pela turba feroz. — Hesitou e murmurou: — Se eu estivesse naquela cama, mademoiselle, os seus sentimentos teriam sido mais elevados do que os meus?

Cécile voltou-se impetuosamente para ele. Ao fitar-lhe os olhos, penetrantes e ternos, ficou calada. Um rubor profundo lhe inundou o rosto. Os lábios entreabriram-se. Apenas os seus olhos continuaram fixos na visão que ele invocara. Empalideceu e encarou-o com um misto de paixão e franqueza.

— Monsieur — disse ela, em voz baixa —, acho que eu teria reagido da mesma maneira. — E exclamou: — Continuo a achá-lo culpado. Mas, então, eu também sou culpada!

Olhou para ele com horror e sofrimento. Quando Arsène a estreitou nos braços, ela deixou cair a cabeça no ombro dele e soluçou alto, enquanto ele lhe beijava os cabelos, a testa, as faces, e ela se abraçava a ele, em desespero.

Arsène exultava. Sentia agora apenas paz e confiança. Sabia que podia enfrentar tudo o que o futuro lhe trouxesse, por mais terrível que fosse. Nunca julgara poder amar assim, com um tal sentimento de proteção e ternura.

Disse, tão comovido, que a voz lhe tremia:

— Nosso pobre amigo quis que ficássemos juntos, minha querida. Sabia que nos amávamos. Pouco antes de morrer, ele me disse: “Não importa o que o amanhã lhes reservar; aproveitem ao máximo a felicidade nos braços do outro”.

Calou-se por um momento, enquanto a jovem, agarrando-se desesperadamente a ele, ouvia o que ele dizia:

— Esta noite, Cécile, parto para La Rochelle. Sobreviverei ou ficarei por lá? Serei obrigado a fugir, a me exilar numa terra estranha? Só Deus pode responder a isso. Minha adorada, quer vir comigo, compartilhar de tudo o que o futuro me reservar?

Cécile levantou a cabeça. Os seus olhos, luminosamente azuis, cheios de paixão e coragem, fixaram-se no rosto dele. Nunca lhe parecera mais bela e desejável.

— Que outra coisa eu poderia querer, Arsène? — murmurou ela.

● Capítulo XLVII

Tinha sido um alívio para Arsène o fato de, nos últimos dias que passara no hotel du Vaubon, sua jovem esposa Clarisse ter estado em casa da mãe, Madame de Tremblant, consolando-a pela morte de Marguerite. Madame ficara arrasada, o que surpreendera os amigos, pois nunca parecera ser muito estreito o relacionamento entre aquela mulher grosseira e brutal e sua dócil e calada filha. Dizia-se em Paris que era como se uma égua forte e libertina tivesse dado à luz um cordeirinho. Agora, a égua estava inconsolável com a morte do seu cordeirinho, que vivera e partira sem se fazer notar, à sombra da mãe, violenta e lasciva.

Por conseguinte, Clarisse, a filha predileta, acorrera ao hotel de Tremblant. Deitada no seu quarto de aparência masculina, madame agarrava-se a ela como a uma tábua de salvação. Arsène, que gostara de Marguerite à sua maneira despreocupada, agradecia-lhe agora ter removido de casa a presença embaraçosa da esposa. Lembrava-se de Clarisse com remorsos, mas não tinha dúvidas de que o fato de ele se afastar permanentemente dela acabaria sendo para a jovem um grande alívio. Não podia crer que ela o amasse como Cécile o amava. Ao pensar nisso, sentia-se aborrecido e irritado. Para ele fora fácil tirá-la da sua vida. Gostaria de que ela o tirasse da sua com a mesma facilidade. Não lhe passava pela cabeça que Clarisse pudesse estar grávida, coisa que ela lhe ocultara cuidadosamente, esperando para revelar-lhe quando sentisse que a notícia seria bem recebida. Porém o marquês, que gostava muito dela, sabia, e estava encantado. A boa nova ia ser dada a Arsène quando Clarisse voltasse da casa da mãe. O marquês, sob muitos aspectos, simplório, tinha a certeza de que, quando Arsène soubesse que ia ser pai, todas as dúvidas e preocupações que pareciam assolá-lo passariam e ele perderia aquele ar sombrio e distraído, tão incompreensível para as pessoas mais realistas e organizadas. Na mente do marquês havia a crença de que o nascimento de uma criança resolvia todos os problemas, inclusive os mais complexos, que atormentavam a alma humana. Nunca tinham resolvido os dele, mas isso não o demovia de achar que era a solução para os outros.

Tendo acabado com a sua antiga existência, e confrontado com um futuro sombrio e incerto, no qual a morte e a violência ocupavam os pólos principais, Arsène irritava-se por ninguém, no hotel du Vaubon, a não ser Pierre, se aperceber da mudança. Não queria que o pai se defrontasse com o fato inexorável de que ele jamais voltaria a ser o mesmo, mas desejava que o marquês fosse menos indiferente à agitação e às preocupações que o assaltavam. Havia muito de teatral em Arsène. Era como um ator que desempenhasse um drama terrível, mas o marquês, a sua plateia, parecia não se dar conta disso. No entanto, se o marquês tivesse de repente compreendido, ninguém teria lamentado mais do que Arsène, apesar de todo o seu egocentrismo.

Desprezara o pai, mas gostara dele de maneira despreocupada e indulgente. Suportara-o, rira dele, irritara-se com ele. Agora, nos últimos dias, amava-o. Como era possível amar uma criatura tão fútil e cheia de afetação, malícia e frivolidade? Parecia um velho camaleão, colorido e pretensioso, mas sem qualquer valor. Contudo, Arsène achava agora as atitudes do pai patéticas, encarava-as com carinho. Podia ser um idiota, e um idiota maldoso, mas era divertido. Além do mais, amava-o a ele, Arsène, e é impossível ser indiferente para alguém que nos ama.

No entanto, a marquês não fora cego às mudanças sofridas pelo filho. Mudanças que, para ele, para a sua tranquilidade de espírito, eram demasiado radicais. Mas estava convencido de que, ignorando-se as coisas desagradáveis, elas acabariam por desaparecer. Por isso, ignorava ou fingia ignorar, de modo tão flagrante e obstinado, as alterações sofridas por Arsène, que o rapaz cada dia mais se convencera de que o pai era mesmo um velho pateta, incapaz de enxergar um palmo adiante do nariz.

No último dia, antes de partir, Arsène mostrou-se muito afetuoso para com o pai. O marquês ia sair para jogar. Queixara-se de que, desde a viagem do Cardeal, as mesas de jogo não eram mais as mesmas. Queixava-se incessantemente. Arsène nada dissera sobre a sua próxima partida para La Rochelle, e o marquês forçava-se a acreditar que, se o filho pensara nisso, acabara desistindo da ideia. Sem dúvida Arsène, tão volúvel, não se teria calado!

Estavam juntos nos aposentos alegres e frívolos, se bem que de ótimo gosto, do marquês. Por todo lado ardiavam castiçais. Lacaaios, com os braços cheios de coloridos trajes de veludo e cetim, corriam de um lado para o outro, trazendo roupas para serem inspecionadas e rejeitadas, caprichosamente, pelo velho marquês. Numa mesa à sua frente estava uma série de perucas, que ele examinava com ar irritado. Outro lacaio estendia sobre outra mesa a enorme coleção de joias do marquês. Um terceiro ainda dispunha sobre a cama uma coleção de meias e sapatos de cetim com pedrarias. O aroma pesado, mas delicioso, do último perfume criado pelo marquês pairava sobre o quarto. Arsène, sorridente e desusadamente quieto, sentava-se numa poltrona, fingindo interessar-se pelas toaletes. A marquês não conseguia chegar a uma decisão. Estava sentado diante da penteadeira, experimentando vários tons de ruge, depilando as sobrancelhas, comprimindo os lábios pintados, a fim de espalhar a pasta, e passando diante do nariz, com ar impaciente, um lenço, impregnado do seu novo perfume. Mas sorria, satisfeito e arrogante.

Enquanto se queixava do Cardeal, que de uma hora para outra trocara as mesas de jogo pela árdua campanha contra La Rochelle, o marquês insistia em obter a opinião de Arsène sobre o traje que deveria vestir.

— Estou ligeiramente pálido, hoje — disse ele. — O roxo me daria ar de doente, você não acha? Que tal o amarelo? Ou o azul? Madame de Chevrois elogiou a minha roupa azul, na última soirée. Disse que me animava o rosto.

Continuou a pintar-se. Um lacaio aproximou-se e encostou o azul e radiante do casaco ao rosto do marquês, para ver como ficava. Foi como se tivesse acrescentado um tom cadavérico às faces enrugadas e maquiladas do velho.

— Para o diabo com o azul! — exclamou o marquês, empurrando violentamente o lacaio e o casaco para longe de si.

— Se Madame de Chevrois elogiou o azul, use-o — disse Arsène.

Sentia o coração pesado, pois sabia que aquela era a última vez que veria o pai. Mas sorriu, com indulgência.

— Não obstante, eu prefiro o de veludo preto. É mais elegante.

O marquês, sabendo que o filho tinha muito bom gosto, olhou para o traje preto com a testa franzida.

— Talvez — murmurou. — Com os diamantes. Gotas de orvalho espalhadas por entre as rendas. Um brilho nos pés. Severo, mas elegante. E interessante, sugerindo melancolia e romantismo. Sim, não há dúvida, vai mesmo o preto.

Os lacaios puseram mãos à obra. O traje preto foi posto para fora e escovado. As rendas foram sacudidas. As outras roupas, joias e meias desapareceram como por encanto. O traje preto pendia sobre uma cadeira com austeridade aristocrática. O marquês olhou para ele, satisfeito, e estendeu uma perna, para ver como lhe assentaria a delicada meia preta. Ah, não havia pernas como as suas, em toda a Paris! E, com o brilho dos diamantes, entre as fitas das ligas, o efeito seria devastador. Para o diabo Madame de Chevrois e a sua mania do azul! Uma verdadeira bruxa velha, cheia de pés-de-galinha. Já as jovens adoravam a elegância austera, principalmente quando sugeria uma certa melancolia. No preto havia mistério, além de elegância, e uma distinção irresistível para as moças ingênuas.

Tinha de adotar um ar digno e grave, essa noite, como se o destino pairasse, ameaçador sobre ele.

Voltou-se para Arsène e sorriu-lhe ternamente.

— Preciso consultá-lo mais amiúde, meu filho — disse. E acrescentou, de novo queixoso: — Faz tanto tempo que você não aparece nas mesas de jogo! Será que ainda não se recuperou da morte daquele seu tolo amigo?

O sorriso de Arsène tornou-se algo fixo, mas ele respondeu:

— Não desejo perder dinheiro, esta noite.

Levantou-se e começou a andar lentamente de um lado para o outro. O marquês ficou preocupado. Esteve a ponto de lhe dizer que em breve seria pai. Mas um estranho impulso fez com que se calasse. Não obstante, a inquietação que sentia e os esforços para se controlar faziam com que o rosto pintado parecesse subitamente dez anos mais velho e cheio de rugas. Mordeu a unha do dedinho direito e depois, amaldiçoando o estrago que ele próprio fizera, pôs-se a examinar, furioso, o dedo. Tinha muito orgulho das suas mãos finas e efeminadas, e estava convencido de que o menor defeito lhes prejudicava a beleza.

Um laçao trouxe-lhe um pote de óleo solidificado, que Ar-mand tratou de esfregar na unha mordida, limpando-a a seguir com um lenço de seda fino. Aquela importante tarefa absorveu-o durante vários minutos. Contudo, as rugas aprofundaram-se no seu rosto. Ergueu o dedó à luz dos castiçais e examinou-o outra vez.

— Compreendo que a morte de Paul de Vitry lhe tenha causado tristeza, Arsène — disse o marquês. — Não obstante, será que você me perdoa, se lhe confessar que isto me tirou de cima muita preocupação? Além do mais, ele era um homem desprovido de gosto. Faltava-lhe uma certa noblesse oblige, uma certa elegância aristocrática.

Arsène não respondeu. A princípio, um brilho furioso chame-jara-lhe nos olhos. Mas, após olhar para o pai, sorriu para si mesmo. As palavras do marquês e a sua fingida contemplação da unha não o enganavam. Retrucou, com indulgência:

— Você está se referindo, sem dúvida, ao afeto que ele sentia pelos desgraçados que o mataram. Prefiro acreditar que lhe faltava apenas discernimento, e não gosto.

— É a mesma coisa — disse o marquês, erguendo um espelho de prata e examinando uma espinha perto da boca. — O bom gosto implica sempre a capacidade de discernir. As pessoas obtusas são sempre vulgares.

Pousou o espelho de mão e olhou para Arsène através do espelho da penteadeira. Por um instante, Arsène julgou ver nos olhos do pai compreensão e tristeza.

— Ultimamente, você tem se descuidado da indumentária, meu filho — continuou o marquês. — Devo deduzir que não vai sair esta noite?

Arsène ficou um momento calado, mas logo disse:

— Talvez vá visitar Clarisse.

Falou essa mentira com relutância, mas foi recompensado com o sorriso de aprovação do pai.

Arsène pousou impulsivamente as mãos nos ombros do marquês, e os dois sorriram um para o outro através do espelho. Depois, o rapaz inclinou-se e levou os lábios às faces pintadas do pai, que estremeceu de emoção, apertando na sua uma das mãos do filho. Uma lágrima subiu-lhe aos olhos. Limpou-a, curvando-se para o espelho, a fim de verificar se não tinha borrado o kohl das pestanas.

— Você é mesmo um sem-vergonha — disse, com voz comovida.

Mas Arsène já não sorria. Sua expressão tornara-se grave e severa. Respondeu, olhando fixo e com tristeza para os olhos refletidos no espelho:

— Eu sei, e peço-lhe que me perdoe.

Um frio estranho tomou conta do coração do marquês e ele ficou apavorado. O olhar de Arsène, a sua voz, as palavras, tudo o encheu de um terror sem nome. Deu meia-volta e agarrou o filho pelo braço,

dizendo:

— Eu estava brincando, seu bobo! Que felicidade ou satisfação eu tive na vida que não viesse de você? — Apertou com mais força o braço de Arsène, como se o medo aumentasse, e pediu: — Venha comigo esta noite! Há tanto tempo que você não me acompanha!

Arsène hesitou, mas acabou dizendo:

— Talvez. Preciso me distrair.

Havia algo na sua atitude que não tranquilizou o marquês, mas tratou de afastar os maus pressentimentos e sorriu. Voltou a se preocupar com a toailete. Arsène fingiu preocupar-se também. Discutiram a respeito de perucas. Arsène achava que uma peruca demasiado complicada arruinaria o efeito sobriamente elegante do veludo preto.

— Todos esses cachos são demais — disse ele, vendo que o marquês insistia em usar uma peruca complicadíssima.

Finalmente, após exaustivas provas, foi escolhida uma peruca de aspecto digno, longa e lustrosa, ligeiramente ondulada apenas nas pontas. O marquês levantou-se e fez várias piruetas, os braços estendidos, as mãos elegantemente caídas, a cabeça pendendo para um dos ombros, enquanto Arsène e os lacaios não lhe poupavam elogios. Um dos lacaios borrifou de perfume toda a toailete do marquês. Outro passou uma escova de leve sobre o veludo. O marquês era todo esplendor, com brilhantes reluzindo-lhe na garganta, nos punhos, nos dedos, nos joelhos e nos pés. Estava encantado como uma criança, com a admiração do filho e dos valets, mas mantinha uma expressão altaneira e reservada.

A carruagem esperava. Um chapéu emplumado foi cuidadosamente colocado sobre a peruca. Uma capa foi-lhe jogada sobre o traje. Por entre as suas dobras cintilava o punho incrustado de pedrarias do sabre. Puseram-lhe na mão uma bengala de cabo reluzente. O marquês olhou-se pela última vez no espelho e saiu do quarto, acompanhado de Arsène e rindo de uma de suas próprias piadas libertinas.

Mas Arsène nunca ficou sabendo o fim da piada porque, ao chegarem ao alto da escadaria de mármore branco, depararam com Louis, que subia apressadamente.

Todos três estacaram e um silêncio profundo os envolveu. Louis ficou parado, no meio da escada, segurando-se ao corrimão, a luz do grande lustre de cristal refletindo-se nos seus olhos azuis e muito abertos. Havia um quê de estranho na sua desordenada batina preta, no seu rosto branco e contorcido. Ao olhar para o irmão, a sua expressão alterou-se.

Tão intenso era o ódio que nela se via, que Arsène recuou, involuntariamente. Mas Louis avançou, como uma fúria, completamente fora de si. No olhar que deitou ao irmão transparecia toda uma vida de humilhação, desespero e ressentimento.

— Ah! — exclamou, com voz rouca. — Você vai partir para La Rochelle, seu traidor, seu mentiroso! Vai trair o seu país, lado a lado com uma turba de hereges e estrangeiros, contra as armas, a religião e a segurança da França!

O marquês ficou estupefato. Olhou primeiro para o filho mais novo e depois para Arsène. Mas o seu espanto era causado menos pelas palavras de Louis do que pela ferocidade que ele irradiava.

Louis não parecia ter visto o pai. Segurou Arsène pela parte de cima do gibão e sacudiu-o com toda a força.

— Mas você não vai, nem que para isso eu tenha que o matar com as minhas próprias mãos!

Olharam um para o outro. Ele está louco, pensou Arsène. Enlouqueceu de vez. Tão horrorizado ficou, que não conseguiu soltar-se e deixou-se cair contra o corrimão. Sentia-se trêmulo como um camundongo na boca de um fox-terrier. Sim, não havia dúvida: Louis enlouquecera.

Com um grito de fúria, Louis soltou o irmão com tanta força, que ele cambaleou e teve de se segurar, com força, ao corrimão, para não despencar. Arsène ficou tonto e levou a mão ao rosto, como que a

protegê-lo.

O marquês, ao ver aquilo, agarrou o braço de Louis e esbofeteou-o violentamente.

— Seu bruto, seu padrego desgraçado! — gritou. — Saia imediatamente desta casa e nunca mais volte! Sempre o detestei e agora lhe tenho ódio, seu santarrão imbecil!

A bofetada, as palavras cruéis, o olhar de ódio detiveram Louis, cuja mente parecia um caldeirão, cujo coração torturado estava sendo consumido pela dor. Olhou para o pai, e, durante um momento, toda a loucura, todo o desespero, todo o ódio desapareceram, deixando diante deles um homem moribundo.

Arsène já se recuperara. Viu que tinha de fugir imediatamente, enquanto o pai segurava o irmão. Escapuliu por entre eles, correndo como num pesadelo. Queria ficar logo longe daquela casa, daquele horror e daquela cena. Não tinha tempo para se despedir do marquês, conforme planejava, para um último abraço ou sorriso. Sabia que, se quisesse partir, tinha de ser agora.

A escadaria, à luz forte do lustre, parecia estender-se a perder de vista. Arsène tremia incontrolavelmente. A mão suarenta agarrava o cabo da espada.

Já tinha chegado ao fundo da escada, quando ouviu um grito horrível. Estacou e olhou para trás. Louis vinha descendo atrás dele. Parecia enormemente alto. A batina e a capa negra esvoaçavam. O lustre iluminava-lhe a grande cabeça, dando a impressão de que ele tinha um halo. E, na mão, empunhava uma espada desembainhada.

Incapaz de se mexer, como que feito de pedra e gelo, Arsène ficou à espera. Não era o irmão, e sim um arcanjo, com uma espada chamejante, que avançava para ele. Um arcanjo de expressão terrível.

Não saberia dizer, ao certo, quando puxara da espada, mas, de repente, ouviu o embater do aço. Louis jogara para o lado a capa. Já não era um padre, mas um inimigo, com um sorriso mau e fixo, em guarda. Arsène viu de relance o marquês, que descera até o meio da escada e estava de pé, imóvel, com a boca aberta e os dedos de uma das mãos atravessados nela. Atrás dele, no alto da escadaria, agrupavam-se os lacaios, boquiabertos.

É um pesadelo, um pavoroso pesadelo, pensou Arsène. Olhou para Louis, e a sensação de estar sonhando aumentou. Nenhum homem podia olhar para ele com uma expressão tão cheia de ódio. Aqueles olhos, fitos nele, não eram humanos. Arsène deixou cair a espada, e imediatamente sentiu uma dor aguda no ombro esquerdo, não longe do coração.

É a morte, disse para si mesmo. Sou eu ou o meu irmão. O horror daquela situação fez com que sentisse náuseas, e teve de engolir em seco para evitar que o vômito lhe subisse à boca. Gritou, ao mesmo tempo em que aparava o golpe da espada reluzente que lhe apontava o coração:

— Louis! Você está louco! Será que sabe o que está fazendo?

Mas Louis limitou-se a sorrir de novo, aquele mesmo e horrível sorriso. Arsène viu-lhe os dentes rebrilharem por entre os lábios arreganhados, e a luz azul dos seus olhos dançar loucamente. Tinha agora o inimigo à sua frente e, entre eles, a lâmina fria da sua espada! Toda a sua existência ia agora ser vingada naquele símbolo da sua solidão, do seu medo e da sua agonia! Estava agora cara a cara com o seu maior inimigo e o mataria num derradeiro gesto de raiva e desespero!

Num abrir e fechar de olhos, Arsène, com a presciência dos que correm perigo mortal, compreendeu tudo. Era a sua vida ou a do irmão. Não havia como recuar.

Ficou calado, mordendo com força o lábio. Tinha diante de si um inimigo que precisava ser morto, e ele pretendia matá-lo o mais depressa possível. Sua espada avançou e brilhou, qual língua de fogo gélido. Ouviu-se um grito abafado, e logo depois reinou o silêncio.

O ferimento em seu ombro sangrava e doía. Arsène sentiu o sangue escorrer-lhe pelo braço esquerdo. Concentrou-se na horrível tarefa que tinha diante de si. Precisaria de toda a sua força, de toda a sua energia, de toda a sua perícia, pois Louis era um dos melhores espadachins da França. Muitas e muitas

vezes, no passado, os dois irmãos tinham esgrimido, e Arsène contava apenas uma vitória sobre Louis.

Mas, enquanto lutava, com aquele rosto fixo e terrível olhando para ele, não conseguia desligar-se dos trágicos aspectos daquela cena. Sentia, com rara intensidade, o tapete macio debaixo dos seus pés, tinha consciência dos retratos nas paredes brancas e douradas, da cara do pai, paralisado, nos degraus. Um torpor ameaçou invadi-lo. Abanou a cabeça, para sacudir a névoa dos olhos. De repente, achou tudo aquilo insuportável.

Gritou:

— Você é meu irmão!

Louis, ao vê-lo recuar por um momento, jogou a cabeça para trás e riu alto. As risadas foram aumentando, até parecerem os uivos de um lobo. A náusea de Arsène cresceu e ele fez menção de vomitar.

Sentiu a espada de Louis apontar uns cinco centímetros acima do coração, muito perto do primeiro ferimento. Recuou, a cabeça a rodar. Ergueu instintivamente a espada e desviou o golpe do irmão.

Preciso acabar com isto, pensou. Preciso pôr fim a isto, ou morrerei de horror.

Resolveu ferir e desarmar o irmão. Não podia matá-lo! Deus sabia que não! Meu Deus, não me deixeis matá-lo, rezou mentalmente. As lágrimas lhe subiram aos olhos, tirando-lhe a visão.

A espada descreveu um arco e apontou-lhe para a garganta. Louis tinha que aproveitar aquela ocasião, antes que se recuperasse.

Arsène avançou sobre o irmão, olhos fixos no ponto em que tencionava feri-lo e desarmá-lo. Mas, nesse mesmo instante, enquanto a espada de Arsène se precipitava na sua direção, o calcanhar direito de Louis torceu-se, fazendo-o desequilibrar-se. E a espada mergulhou fundo no lado esquerdo do seu peito.

Seguiu-se um silêncio terrível. O braço com que Louis segurava a espada tombou. Os dedos abriram-se lentamente, e a espada caiu a seus pés, a ponta manchada do sangue de Arsène. Louis olhou para o irmão, e a fúria foi aos poucos desaparecendo do seu rosto. A boca e os olhos se arregalaram numa expressão de intensa preocupação e surpresa. Ficou rígido, sem se mexer, pouco a pouco se transformando num pilar de neve.

E então, ante o olhar petrificado de Arsène, o padre cambaleou e deixou escapar um débil gemido. As pálpebras caíram-lhe sobre os olhos. As mãos ergueram-se um gesto impotente e indeciso, como se ele tivesse ficado cego. De repente, com um grito abafado, tombou para a frente, a cabeça batendo nos pés de Arsène.

Petrificado, Arsène não conseguiu mexer sequer um dedo. Ouviu gritos à sua volta, gritos confusos, distantes. Sentiu os braços do pai enlaçá-lo, ouviu-o soluçar:

— Oh, mon Dieu, mon Dieu! Meu filho, você está ferido! Foi esse diabo. . .! Meu filho, meu filho querido!

Mas Arsène só tinha olhos para o irmão, imóvel e calado, como uma estátua caída, a seus pés. Um filete de sangue escorria-lhe debaixo do braço esquerdo. Arsène olhou para a espada que tinha na mão. Com um grito convulsivo, atirou-a para longe, contra a parede.

Arsène afastou o pai e ajoelhou-se ao lado do irmão. Ergueu-o nos braços e virou-o. O rosto de Louis já estava ficando cinzento com a aproximação da morte, mas os seus olhos continuavam abertos, serenos e fixos. Tentou falar. O sangue jorrou-lhe da boca. Arsène enxugou-o com o seu lenço e começou a chorar.

Louis reparou nas lágrimas do irmão, tentou de novo falar e conseguiu murmurar, com dificuldade:

— Você sempre me odiou.

— Não! Juro por Deus que não! — exclamou Arsène, puxando o irmão para junto de si. •— Eu nunca o odiei, Louis. Juro, Você tem que acreditar em mim!

Uma estranha expressão tomou conta daquele olhar moribundo, daqueles lábios arroxeados. _

— Eu até o amei, Louis — disse Arsène, sentindo o coração se dissolver de dor. — Quis ser seu amigo, mas você não permitiu. Nunca o odiei, Louis. Você, sim, me odiava.

— Você não me odiava? — repetiu Louis, com uma expressão de surpresa e incrédula alegria nos olhos que se apagavam.

Arsène não conseguiu falar. Inclinou-se sobre o irmão e beijou-lhe a testa fria, encostando a face nos seus louros cabelos, agora cheios de sangue.

— Oh, perdoe-me! — gemeu, por fim.

Louis fez um esforço, ergueu o braço direito e deixou-o cair em volta do pescoço de Arsène. Sorriu e fechou os olhos.

Os dois irmãos permaneceram muito tempo assim, abraçados um ao outro. Finalmente, o braço de Louis tombou e ele perdeu os sentidos.

Arsène olhou para o pai, que contemplava a cena com uma expressão estranha. Listras de kohl preto corriam-lhe pelas faces abaixo, desmanchando-lhe a pintura.

— Mandei chamar o médico — disse, com voz trêmula.

— É demasiado tarde — retrucou Arsène, falando com dificuldade. — Ele está morrendo.

Olhou para o irmão, ainda em seus braços. Louis parecia dormir. Um leve sorriso lhe iluminava a face cinzenta.

Arsène deitou-o, com todo o cuidado. Viu os lacaios, boquiabertos e apavorados, atrás do pai. Levantou-se. Era quase meia-noite, e ele não podia demorar mais. Os ferimentos no ombro não eram nada, comparados com a ferida que sentia no coração.

— Fique com ele, até o fim — disse, voltando-se para o marquês. — Ele o amava.

Mesmo sem compreender, o marquês fez que sim. Aproximou-se do filho mais novo e ficou a olhar para ele. Depois, choramingando, ajoelhou-se e debruçou-se sobre Louis. Não viu Arsène sair. Não ouviu uma porta se fechar, ao longe.

Tudo estava muito quieto, em volta. Parecia não haver vida no hotel. Os rostos dos lacaios formavam como que um pano de fundo. O marquês, ajoelhado junto ao filho, esfregava-lhe as mãos, agora frias de gelo.

Por fim, Louis pareceu voltar a si. Suspirou, abriu os olhos e fixou-os no pai, que inclinou a cabeça, como que envergonhado. Mas o marquês sentiu um tremor na mão que segurava. E, naquele coração tão frívolo e maldoso, uma emoção brotou, nascida de uma dor sem limites.

— Louis, meu filho — murmurou.

Ao ouvir essas palavras, o moribundo estremeceu e procurou levantar-se. O marquês tomou-o nos braços e apertou-o contra o peito, chorando alto.

Louis disse, com tremendo esforço:

— Ele não pode ir! Vão matá-lo. O senhor tem que ir atrás dele e trazê-lo de volta. La Rochelle... vai cair e ele vai morrer.

O marquês soltou um grito. Sentiu as mãos de Louis estreitarem as suas, num gesto derradeiro.

— Ele vai partir... esta noite. Vão matá-lo!

Um estertor fez com que a atenção do marquês se voltasse de novo para o filho. Colocou-lhe a cabeça sobre o joelho. Olhou para o seu rosto moribundo.

— Louis — gemeu, — Ah, meu filho!

Beijou-lhe desesperadamente a testa e os lábios. Um sorriso distante transformou o rostô marmóreo do jovem padre, um sorriso de suprema felicidade. Desviou os olhos do pai, com expressão extasiada.

— Marguerite — disse, nitidamente, e ergueu as mãos com humildade e êxtase.

O marquês deitou um olhar confuso por cima do ombro. Mas não viu o que o filho via. Quando voltou a olhar para ele, Louis já estava morto.

● Capítulo XLVIII

Acompanhado por quatro lacaios de confiança, o Marquês du Vaubon galopava furiosamente pela estrada às escuras, rumo a Long-jumeau, por onde Arsène inevitavelmente tinha que passar, a caminho de La Rochelle.

Os lacaios estavam armados, e também o marquês, pois as estradas estavam infestadas de salteadores. Não havia luar, mas as estrelas, semelhantes a milhões de abelhas de prata apanhadas numa rede prateada, iluminavam o caminho com um brilho fugidio e espectral.

Durante as duas últimas décadas, as façanhas equestres do marquês tinham-se resumido a elegantes passeios pelo Bois, no dorso de lânguidas montarias. Adorava a estampa de um cavaleiro sobre o seu corcel (com atitudes apropriadas). Mas sabia que, se quisesse alcançar o filho, não podia pensar em elegâncias. O cavalo em que ele se precipitava, noite afora, tinha sido escolhido com vistas à velocidade e à resistência, e tinha as características físicas necessárias. Isso, somado à ansiedade do marquês, à sua angústia, ao seu estado de confusão mental, fazia com que certas partes da sua anatomia padecessem sobre a sela estreita e dura. Não fizera ainda quinze quilômetros e já a sua mão, enluvada, estava cheia de bolhas causadas pelas rédeas, além de uma certa parte do seu tronco se encontrar toda esfolada. Mesmo assim, ele não diminuía a velocidade, apesar do pressentimento de que iria sofrer muito. Sentia, agora, que estava realmente velho, pois mal podia respirar, em meio ao vento quente, e a exaustão ameaçava vencê-lo. Propenso à asma, os seus pulmões arfavam. Toda a sua aversão pelo campo parecia justificar-se, ao olhar para as árvores solitárias, à beira da estrada.

Não obstante, montava tão bem, que os lacaios tinham dificuldade em acompanhá-lo. Os pescoços dos cavalos, esticados para a frente, compridos e esbeltos, davam a sensação de que os animais iam alçar vôo. Os cascos soavam como tambores contra a poeira espessa e fofa da estrada de Langjumeau, e suas sombras ficavam para trás de maneira desordenada.

Enquanto avançava, o marquês encompridava os olhos, procurando, febrilmente, algum sinal de Arsène. Mas a estrada continuava vazia, a não ser de sombras ameaçadoras. Arsène não lhe levava mais de uma hora e meia de vantagem, mas não havia a menor indicação de que passara por ali.

Não obstante, pensou o marquês, desesperado, ele não podia ter ido por outra estrada. A menos, claro que, para melhor se esconder, tivesse escolhido um caminho menos trilhado. Nesse caso, meditou o marquês, sombriamente, seria obrigado a perseguir o filho até as portas da maldita La Rochelle.

Era infeliz aquela fuga, mas, devido à morte de Louis, tinha as suas vantagens. O conflito entre os irmãos fora inevitável, mas poderia ter tido sérias consequências. Por ordem do Rei, o duelo estava proibido. Não era improvável que Arsène fosse acusado de homicídio. O marquês já não sentia ódio de Louis, apenas uma grande tristeza, uma sensação de futilidade. Outras coisas, de ordem mais espiritual, estavam em jogo naquela louca perseguição.

Duas horas se tinham passado, sempre galopando. Os animais resfolegavam, pois a velocidade não diminuía. A estrada serpenteava, sob os ramos das árvores. A luz das estrelas era tão fraca, que às vezes eles temiam ter perdido o rumo.

De repente, ao longe, o marquês distinguiu a luz pálida de uma pequena taberna de beira de estrada. Era possível que Arsène e seus companheiros tivessem parado lá, para tomar alguma coisa. Ao se aproximar da taberna, o marquês soltou um grito de alívio, vendo uma fileira de animais amarrados junto da casa, as cabeças caídas de cansaço. Um deles pareceu-lhe ser o cavalo de Arsène, pois tinha manchas brancas no dorso e numa das pernas.

O marquês deslizou do cavalo, gemendo de dor. Correu, cambaleando, para a taberna e escancarou a porta.

Era um lugar pequeno e sujo, aquecido pelo fogo aceso da lareira. Um grupo de jovens de aspecto grave sentava-se nas diversas mesas. Arsène falava com um ou dois deles. A seu lado, estava uma moça. Apesar da sua agitação, o marquês não pôde deixar de observar que ela tinha uma beleza não destituída de nobreza. Quando ele entrou, fazendo barulho e praguejando, ela fitou-o com olhos azuis brilhantes. Usava uma pesada capa de lã escura, cujo capuz, caído sobre os ombros, lhe revelava os cabelos lustrosos, reluzindo, como fios de ouro, à luz das chamas e das velas. Diante dos homens havia garrafas de vinho e canecas, meio presunto e pães frescos.

Arsène levantou a cabeça e, ao ver o pai, pôs-se de pé, com uma exclamação de surpresa. Seu rosto, moreno, estava pálido, os lábios pareciam não ter um pingo de sangue. Tinha o braço ferido envolto em ataduras e preso numa tipóia.

— Então, meu sem-vergonha! — gritou o marquês. — Até que enfim o encontrei!

Arsène olhou depressa para os companheiros, que se levantaram e fizeram uma reverência, sem poderem esconder o alarme que sentiam. Olharam para a porta, como se esperassem que o marquês estivesse acompanhado de um formidável destacamento de homens armados. Por sua vez, o marquês fulminou-os com os seus pequenos olhos negros, ao ver que eram membros dos Les Blanches.

Arsène adiantou-se, procurando fechar a cara, mas conseguindo apenas parecer preocupado.

— Pai! Por que você veio? -

Hesitou e perguntou, numa voz mais baixa:

— E Louis?

Irado, ainda ofegante, o marquês voltou-se para ele.

— Seu irmão morreu. Mas, antes de morrer, revelou-me os seus abomináveis planos e pediu-me que o levasse de volta, para não ser morto.

Arsène não respondeu. Olhou fixo para o chão, e uma expressão de sofrimento passou-lhe pelo rosto. Suspirou. Os jovens que o acompanhavam e a moça encararam o marquês em silêncio.

— Você vai voltar comigo, imediatamente — continuou o marquês, e a sua voz, apesar dos esforços, tremeu. — Mas não, é claro, para Paris, a não ser que você queira ser preso e condenado por homicídio. Irá para a Gasconha, na companhia de madame sua esposa, que está prestes a lhe dar um filho.

E deitou à moça um olhar comprido e duro.

Arsène empalideceu ainda mais. Olhou para o pai, parado diante dele, o ruge e o kohl manchando-lhe o rosto, aflito, de vermelho e preto. A peruca, que, na pressa, se esquecera de remover, estava colocada de qualquer maneira, debaixo do chapéu emplumado. Vestia ainda o traje de veludo preto enfeitado de diamantes, mas sobre ele usava uma capa empoeirada.

— Um filho — murmurou Arsène.

Não viu a jovem erguer-se nem a ouviu soltar um grito abafado. Não viu a cara dos companheiros, nem os olhares, divertidos e preocupados, que eles trocaram uns com os outros.

Por fim, soltando um suspiro, virou-se para o pai com ar resoluto.

— Não posso voltar, pai. Estou comprometido, de alma e coração, com esta campanha. Procurei partir sem lhe causar sofrimento ou ansiedade, sem me despedir. Mas tudo estava pronto. Clarisse está de posse das chaves da minha escrivaninha, na qual encontrará cartas e diretivas. — Fez uma pausa. — Deixo Clarisse e o meu filho aos seus cuidados. Trate bem deles, suplico-lhe. Algum dia, pode ser que eu volte. . .

— Você vai abandonar sua esposa e seu filho? — exclamou o marquês, começando a tremer. — Vai

romper os votos que fez ao se casar? Prefere fazer sua esposa e seu filho sofrer, por causa de uma louca aventura, que só pode terminar em morte, ruína ou exílio? Você pretende me abandonar?

— Não vou abandonar ninguém — disse Arsène, sentindo os lábios subitamente secos. — Mas estou comprometido, já lhe disse. Não posso ter paz, enquanto isto não estiver terminado. Se eu morrer, ou tiver que fugir, é porque esse é o meu destino. Não posso lhe dizer mais nada.

Fez-se silêncio na taberna. Desesperado, o marquês olhou, com ar súplice, para os rostos frios e obstinados em volta dele. Por fim gritou, furioso e dorido:

— Quer dizer que você vai com esses desgraçados, com esses traidores, pegar em armas contra o seu próprio povo, na companhia de estrangeiros descontentes, alemães, espanhóis, ingleses e italianos? Será que você não compreende que, se fizer isso, nunca mais verá Paris e nem aqueles que o amam? Não está vendo que esse será o seu fim? Que significa o protestantismo para você, seu aventureiro maluco, dado a bravatas? Uma imbecil religião política, que há gerações vem perturbando a paz na França!

Arsène olhou para o pai com ar severo:

— Meu avô, seu pai, morreu por essa imbecil religião política. O senhor mesmo lutou por ela. Para mim, não se trata de uma religião, e sim de uma luta entre a luz e as trevas, entre a liberdade e a escravidão. Estou comprometido de alma e coração com essa luta. Mas você sabe disso. Não posso recuar.

De repente exclamou, com veemência:

— A História não representa nada para o senhor? Não entende que o destino de milhões de homens depende do resultado de La Rochelle, que gerações futuras conhecerão a liberdade, se homens como eu não recuarem, não abandonarem a luta? Se os interesses pessoais fossem lei para todos os homens, o mundo continuaria a chafurdar na escravidão e na depravação. Morrerei? Não sei. Bas-tar-me-á ter lutado e saber que, graças à minha morte, algum homem ainda por nascer terá direito à vida!

O marquês abriu a boca para replicar, mas, vendo a expressão estranha, severa e emocionada de Arsène, ficou calado. Aquele não parecia o seu filho. Aquele homem grave e decidido, de gestos impetuosos e olhar inflamado, não era o alegre e frívolo Arsène, que gostava de rir, de brilhar nos salões e de flertar. Era um desconhecido, e, diante dele, o marquês sentiu-se confuso e consternado.

Arsène estendeu-lhe a mão, perguntando:

— Quer que eu viva como você vivêú?

O marquês desviou os olhos. Seus lábios pintados tremeram. Depois, com um último e desesperado apelo, voltou-se para a jovem que, pálida e calada, o fitava com seus olhos azuis.

— Mademoiselle, não a conheço! Mas percebo que está ligada ao meu filho. Peço-lhe que considere! Suplico-lhe, se lhe tem algum afeto, fazê-lo voltar para junto da esposa e do filho que vai nascer!

A jovem não respondeu. Sua palidez acentuou-se ainda mais, mas olhou para Arsène, em silêncio. *

Arsène sentiu pena daquele velho desesperado. Segurou-o suavemente pelo braço e sorriu-lhe.

— Não fique assim, não se deixe levar pelo desespero. Sabe que não posso voltar. Sabe que tenho de ir em frente. Peço-lhe que fique ao lado de Clarisse, confortando-a e sustentando-a. Agi mal com ela. Não a devia ter desposado. Não me perdô por isso. Mas existem coisas mais importantes do que esposa e filhos, e é com elas que estou comprometido. Peço-lhe que compreenda.

O marquês não respondeu. Olhou para o filho e umedeceu os lábios ressequidos, cuja pintura começava a descascar e a cair. Cambaleou, como se sentindo subitamente fraco. Tateou, à procura de apoio, e depois deixou-se cair num banco, cobrindo o rosto com as mãos.

Arsène suspirou. Olhou para os companheiros, para Cécile, como que a pedir ajuda. Os jovens

encararam-no com reserva e expectativa. Cécile chorava, a cabeça inclinada, as lágrimas correndo-lhe pelas faces. Ninguém o ajudou. A decisão foi deixada nas suas mãos. Todo mundo estava emocionado, mas ninguém falou. O taberneiro, a um canto, pestanejava, espantado, sem compreender nada do que via.

O marquês deixou cair as mãos, subitamente acometido de um ar de dignidade e resolução. Nem mesmo a pintura manchada, nas faces enrugadas, conseguia diminuir-lhe a dignidade, o ar decidido, e o orgulho e a calma que os acompanhavam.

— Não posso dissuadi-lo — disse, tranquilamente, fitando o filho com olhos brilhantes. — Seja como você quiser. Mas, se você for, eu irei também.

Arsène soltou uma exclamação. O marquês levantou-se. Olhou para todos em profundo silêncio. Uma expressão inescrutável se estampou no seu rosto. Disse, numa voz surda, de quem reflete:

— Clarisse não ficará sem conforto, sem amparo. Madame de Tremblant não consentirá nisso. Não tenho nada a fazer em Paris. Nunca houve nada lá, para mim, a não ser você, meu filho. Será que você não compreende o que eu suportei? Acha que não pensei muito? Estou velho, mas ainda tenho forças. Se você está mesmo resolvido a ir, eu irei também.

Arsène abriu a boca para protestar, mas, ao ver a cara do pai, a mortal palidez por baixo do ruço, a firmeza estranha e desusada da sua boca maliciosa, o súbito descair dos seus ombros e o brilho resolutos dos seus olhos, não disse nada. Abraçou-o, e os dois ficaram longo tempo assim, agarrados um ao outro, dando-se mutuamente força.

Mais tarde, quando cavalgavam lado a lado sob o céu, já clareando, com a aproximação do amanhecer, Arsène falou do irmão morto, em voz baixa e carregada de sofrimento.

— Eu não queria que ele morresse. Rezei para não o matar, embora ele tentasse matar-me.

— Fiquei sabendo de muitas coisas no espaço de uma hora — retrucou o marquês, num tom de voz cheio de cansaço. — Ele odiava-o, Arsène, mas era um ódio estranho, que tinha origem na solidão que sentia. Como pudemos ser tão cegos, você, com a sua vida de divertimento, eu, com minha aversão? Temos que arcar até o fim com o remorso provocado pela nossa indiferença, pela nossa crueldade. Mas como poderíamos nos ter aproximado dele? Louis estava entrincheirado na sua própria solidão, no seu próprio desespero. Sou um velho bobo e pervertido, mas agora entendo muita coisa.

— Eu sempre soube — disse Arsène, numa voz baixa e exausta. — Sou culpado por não ter ligado, senão no fim. Atormentei-o durante toda a sua vida. — Olhou para o nascente, já raiado de fogo. — Não tinha tempo! Mas teria gostado de ouvi-lo dizer que me perdoava.

— Ele perdoou-o, Arsène. Implorou-me que o fizesse voltar. Temia por você, temia que eu sofresse. Que estranho, constatar que ele me amava! Eu devia ter visto, acho mesmo que eu sabia. Mas isso me divertia e eu torturava-o para me divertir.

O marquês fez uma pausa. Seu cavalo diminuiu o passo quando a mão dele largou as rédeas.

— Se ao menos ele tivesse tido algum momento de alegria, em vida! — exclamou Arsène.

O marquês suspirou. De repente, ergueu a cabeça, como se lhe tivesse ocorrido algo.

— Antes de morrer, ele disse uma palavra: “Marguerite!” E numa voz tão cheia de amor e alegria! Eu tinha esquecido. Será possível que ele tenha amado uma mulher?

Arsène voltou-se para ele, com um olhar espantado.

— Se Louis viu essa mulher quando estava morrendo, é evidente que ela morreu antes dele. Quem será “Marguerite”?

Fez uma pausa, e logo o seu rosto se iluminou.

— Será Marguerite de Tremblant, irmã de Clarisse?

Entreolharam-se, em silêncio, e depois Arsène disse:

— Sim, deve ser a pobre Marguerite! Ah, então ele conheceu a felicidade. Amou e foi amado! Não

podemos esquecer isso, para nosso próprio consolo.

● Capítulo XLIX

Continuaram viagem a todo vapor. Arsène cavalgava como se procurasse fugir dos sofrimentos e das lembranças de uma vida que ficara para trás. No dia seguinte, parou o tempo suficiente para escrever uma carta a Clarisse, cheia de afeto, pena e tristeza, suplicando-lhe que amasse o filho deles, perdoasse a deserção do marido e o recordasse com caridade cristã: “Um dia, talvez voltemos a nos encontrar”, escreveu, “e eritão terei a suprema alegria de beijar o meu filho”.

Sentia o coração pesado, mas tinha pouco tempo para meditar ou ter remorsos. Toda a sua preocupação se concentrava agora na jovem Cécile, que nunca se queixava nem sequer suspirava de cansaço, apesar do rosto branco e da fraqueza que devia ainda sentir, devido à sua recente doença. Pouco falavam. Comunicavam-se apenas por longos e eloquentes sorrisos, por um toque de mãos, por um corajoso entreolhar, mas havia compreensão entre eles e um amor profundo e apaixonado. Arsène maravilhava-se com a firmeza daquele coração de mulher, capaz de enfrentar o perigo, e até mesmo a morte, com a fortaleza de ânimo de um homem nobre e destemido. São as mulheres as verdadeiras fanáticas, as que realmente se dedicam a uma causa, pensava ele. Não têm a prudência do sexo forte, mais realista. São capazes de se entregar ao martírio com alegria e simplicidade. Os homens que possuem essa alegria e essa simplicidade têm algo da natureza feminina, algo da histeria inerente a essa natureza. Nenhum homem, compreendia agora, encararia o martírio e a imolação com paixão e fé, se não houvesse nele algo de feminino. O homem cem por cento másculo tende mais a batalhar ou a negociar.

Admitia que ele próprio não possuía aquele toque invulnerável de feminilidade, e que apenas a força de vontade, lutando contra a prudência e a cautela, lhe permitia avançar resolutamente. Mesmo assim, não conseguia livrar-se de dúvidas e hesitações. Finalmente, com certo orgulho, chegou à conclusão de que os que mereciam aplausos não eram os fanáticos e nem os heróis, e sim os realistas, que enfrentavam a morte e o perigo, sem ilusões, graças ao poder da força de vontade e da razão. Avançavam à luz fria da madrugada, ouvindo apenas a voz gélida do dever.

— Certa vez — dissera-lhe o Abade Mourion — atormentei-me, pensando se amava a Deus o suficiente. Agora, só me atormenta pensar se amo suficientemente aos homens.

Nessas palavras, para Arsène, estava toda a essência do protestantismo. Sabia que tinha muito que andar ainda, para despertar em si o amor completo pelos seus semelhantes. Tolhido pelas tradições, manias de grandeza e superioridade da sua casta, sabia que ia ter que lutar muito. Mas animava-o o fato de ter finalmente distinguido a praia distante, brilhando ao sol da igualdade. Nem tinha a ilusão de que, para amar aos homens, era necessário idealizá-los, acreditar que eram todas criaturas justas e nobres. A compreensão da estupidez, da crueldade e da cupidez da raça humana não diminuía a intensidade do amor de quem realmente a amava. Podia despertar raiva, mas também suscitava piedade, levava a pessoa a alertar os outros homens para a responsabilidade de cada um em relação aos seus semelhantes.

Mas só conseguia fazer com que Cécile apenas compreendesse isso. Seus companheiros eram impelidos tão-somente pelo ódio a uma religião que tentava limitar-lhes a inteligência e a liberdade pessoal, reduzindo-os à servidão intelectual. O marquês, com uma percepção muito vaga da dedicação do pai, e atormentado pela própria consciência, acompanhava o filho levado pelo amor e pela incapacidade de viver sem ele.

Às vezes, Arsène ficava desanimado com tudo aquilo. Mas aos poucos ia percebendo que, no começo, só era necessário que o líder compreendesse. Seus seguidores iam atrás dele cegamente, acompanhando-lhe os passos. Mas o fim acabaria sendo alcançado, e os cegos terminariam vendo a glória a que haviam sido levados.

Não ousavam perder nem sequer uma hora, porque tinham não só de alcançar o Cardeal, que ia pela estrada, principal, em pompa e circunstância, rodeado de estandartes e música marcial, como também passar-lhe à frente e chegar a La Rochelle antes dele. Sabiam que, em cada cidade, o Cardeal devia esperar impaciente-tente notícias do Rei, para saber se ele se decidira ou não a segui-lo. A meio caminho de La Rochelle, tinha, enfim chegado a notícia de que Luís se resolvera, finalmente, a seguir o Cardeal, com ciúmes de que um possível triunfo fosse creditado apenas a Riche-lieu. Não podia suportar que o Cardeal obtivesse a rendição de La Rochelle, enquanto ele, Luís, ficava em Paris; de modo que mandara um mensageiro a Richelieu, ordenando-lhe que esperasse por ele em Tours. O Cardeal, furioso e desapontado, praguejou intimamente, enquanto expressava a sua alegria em público. Esperava que madame acompanhasse o Rei, como parte da sua numerosa comitiva, pois então as agruras da viagem e da campanha seriam grandemente aliviadas.

O imbecil, pensou, referindo-se ao Rei, está transformando esta campanha numa festa, num triunfo romano, viajando com esplendor

e música, instalando a sua corte em cada cidadezinha por onde passa. Sabia que todos os bravos e aventureiros acompanhavam o monarca, bem como vários padres ambiciosos e perigosos.

O Cardeal franziu a testa, preocupado. Pensou na Armada Espanhola, cheia de milhares de padres e toda a espécie de instrumentos de tortura, tentando invadir a Inglaterra. Deus, ou o diabo, havia intervindo, e os padres e seus diabólicos instrumentos tinham sumido nas águas cinzentas e turbulentas do canal da Mancha. Mas, e se isso não tivesse acontecido? Que coisas horríveis não se teriam passado na Inglaterra? Além disso, a face do mundo teria mudado. E Riche-lieu não tinha ilusões de que essa mudança teria sido saudável.

Pensou nos rochelenses e decidiu que os padres não triunfariam sobre os huguenotes. Francês acima de tudo, pensou, com indignação e tristeza, nos franceses sitiados em La Rochelle. Tinha de conquistá-los, para glória da França. Mas, para essa mesma glória, precisava reconciliá-los e fazê-los entender que era seu dever lutar pela total unidade da França, contra a ameaça dos Habsburgo e da Espanha. Tinham que ser franceses contra o resto do mundo, e os padres que se danassem!

Planejara aquela, campanha por instigação de Ana de Áustria. Mas agora animava-o apenas o propósito de unir os franceses, fossem eles católicos ou protestantes, num sentimento de devoção à França. Não havia limites para as glórias e o poderio da França, se todos os franceses a servissem com amor e determinação. Não podia haver uma nova guerra civil, uma vitória obtida por meio da crueldade e da tortura. Essas coisas destruíam uma nação.

Enquanto Richelieu esperava, furioso e impotente, em Tours, a comitiva de Arsène de Richepin o ultrapassava, à meia-noite, por uma estrada distante, quase um caminho de cabras. Ao amanhecer do dia seguinte, Arsène e seus companheiros já estavam a léguas de Tours. O Cardeal, detido sem poder dormir, julgou ouvir o tropel distante de cascos, mas acabou achando que devia ser o vento. Passara toda a noite meditando: Por que não seria possível que homens do mesmo sangue, vivessem em harmonia, apesar de terem religiões diferentes? E por que não era possível a homens de raças e credos diferentes viver em paz, dedicando-se a um único ideal, a uma única filosofia política? A individualidade era necessária à existência do homem. Mas, para o bem-comum de todos os homens, era preciso que eles pusessem de lado o individualismo.

Não é possível, pensou o Cardeal. Mas um estranho pressentimento dizia-lhe que era possível e que, um dia, talvez uma grande nação pudesse viver em paz e harmonia, dedicada ao, bem-comum e

à humanidade, embora composta de indivíduos de raças e credos diferentes. Não seria essa a essência do verdadeiro cristianismo? Sem essa essência, o mundo se perderia num holocausto de guerras e destruição

● Capítulo L

A viagem para La Rochelle tinha que ser feita às escondidas. Era preciso evitar as estradas, trilhadas apenas à noite e, mesmo assim, com as pistolas engatilhadas. Galopavam, como sombras fugidias, ao luar ou sob as nuvens, colados às árvores, temendo não só o . Cardeal como também os assaltantes. Alguns iam à frente, numa reta perigosa, e depois, assobiando, animavam os companheiros a prosseguir. Atravessavam a parte mais desolada do país, cheia de ravinas e rochas, transformadas em formas espectrais pelo luar, que estendia dedos finos e pálidos sobre a planície vazia, ou riscava com linhas de prata os pantanais. À medida que avançavam, ouviam o soprar doloroso do vento nas árvores escuras, sentiam a respiração, o bafo da terra debaixo deles. Embrulhavam-se nas capas e tremiam, achando-se insignificantes diante da Natureza.

Essas horas eram as piores. Não ousavam cantar, nem contar anedotas ou rir, temendo ouvidos inimigos. Como fantasmas, como exilados, iam deixando para trás aldeias e povoados, vendo o clarão das lareiras, as chaminés, recortando-se, quais flores vermelhas, contra os céus arroxeados, os campanários das igrejas contornados pelas primeiras ou derradeiras estrelas, ouvindo o repicar de sinos em meio à fragrância dos bosques, dos campos cultivados e dos vinhedos, ou o chamado distante de uma criança e o riso de uma mulher, doce e musical no ar da noite. Muitas vezes, agachados atrás de uma noita, viam as camponesas trazerem o gadò, ouviam o mugido dos animais, o tilintar dos guizos ou o ruminar das mandíbulas e, aqui e ali, os latidos alegres dos cães. Viam o Angelus descer sobre os campos com a sua luz dourada, e os camponeses inclinarem humildemente a cabeça e juntarem as mãos, suas silhuetas pesadas e vagas contra o ofuscante pôr-do-sol. Viam os dias nascerem como um exército de bandeiras azuis e vermelhas, sobre o horizonte noturno, anunciando a aproximação do sol que, como um jovem guerreiro, carregando um escudo de ouro, subia à colina mais alta para despertar o mundo. Viam tudo isso e sentiam-se exilados, os corações cada vez mais tristes e pesados, sabendo que não faziam parte daquilo, que talvez nunca mais o fizessem. Até mesmo os rios por que passavam, parando para banhar os olhos cansados e os rostos pálidos, pareciam rios estrangeiros. Estavam na França, mas já não se sentiam franceses, e muitos limpavam furtivamente as lágrimas com as costas das mãos trêmulas. Sentiam-se afastados de tudo o que até então lhes alimentara o espírito. Eram como al

mas que houvessem sido violentamente arrancadas dos seus corpos e condenadas a errar para sempre sobre a terra que tanto tinham amado,, para sempre afastados do calor dos seres vivos e amigos e das vozes dos seus semelhantes. Muito antes de serem exilados, já os seus espíritos sentiam o peso esmagador do exílio.

Havia muitos, como Cécile, que aceitavam o exílio com fortaleza de ânimo, sentindo que era em si mesmo um sacrifício em nome de coisas mais importantes. Havia ocasiões em que Arsène também sentia isso, mas quase sempre a angústia que o acometia lhe parecia superior às suas forças.

Galopava durante toda a noite, até o nascer do dia tomar o avanço por demais perigoso, e olhava à sua volta, convencido de que nunca mais passaria por aqueles campos, nem veria aquelas paisagens. Tudo isto acabou para mim, pensava. E a dor que sentia era como uma espada penetrando-lhe o peito, e ele ansiava por se deitar sobre o chão da França e nunca mais se levantar. Todo o amor latente que tinha pela terra natal despertava nele, fazendo-o às vezes pensar que nada, no céu, na terra ou no inferno, deveria poder se intrometer entre o coração de um homem e o seu país. Um homem podia perder tudo, inclusive a alma, mas, enquanto os seus pés pisassem a terra em que nascera e os seus olhos contemplassem paisagens amadas e familiares, o seu ânimo não poderia ser abalado, o seu espírito não poderia ser -esmagado.

Achava que não podia expressar essas coisas, e o seu sofrimento tornava-se insuportável. As formas dos seus companheiros pareciam irreais, em meio à escuridão banhada de luar, destituídas de rosto, sangue e carne, inclusive Cécile. Tinha a impressão de estar acompanhado de fantasmas, galopando ao seu lado por sobre as fronteiras da terra, rumo à noite eterna do exílio. Como poderia ele saber que, para muitos dos seus companheiros, também ele parecia um fantasma?

A aventura não era novidade para Arsène, que sempre gostara dela. Mas aquilo, aquele exílio, era diferente das aventuras noturnas, que invariavelmente acabavam, de manhã, numa cama quente, entre paredes familiares, e em meio às vozes dos seus semelhantes. Aventuras dessa espécie eram brincadeiras, um esporte de jovens alegres e despreocupados. Mas aquela era uma estrada dura e escura, trilhada por homens graves, sem esperança ou consolo. E Arsène achava o processo de amadurecimento muito doloroso. Às vezes, revoltava-se, desesperava-se e sentia-se rodeado de estranhos, mal-encarados e ameaçadores.

Passou a odiar a noite, que outrora tanto amara. Agora, parecia-lhe ser a fonte de toda a sua angústia. Nunca tinha reparado que a noite pudesse ser tão longa, tão silenciosa, tão vazia e tão fria!- E, quando a manhã chegava e eles se escondiam nas moitas ou nos bosques, nas ravinas ou nas cavernas, ele se atirava, sem falar, no chão, procurando esquecer tudo.

Mas houve uma manhã que Arsène jamais poderia esquecer, por muito que vivesse, por ser o tipo de manhã que um homem só conhece uma vez na vida, quando tudo se torna lúcido e iluminado por uma luz estranha e solene.

A noite fora desusadamente longa e fria. Depois da meia-noite, uma chuva gélida, acompanhada de um vento cortante, tornara quase insuportáveis os tormentos dos viajantes. Só se ouvia o bater dos cascos dos cavalos contra os caminhos pedregosos ou poeirentos, acima do barulho do vento e do gemer das árvores por ele açoitadas. Tinham sido forçados a procurar abrigo numa taberna isolada e a passar o resto da noite na sala suja, sob o olhar apático e bocejante do taberneiro. Os homens tinham acendido a lareira. A luz vermelha das chamas refletia-se nos seus rostos abatidos, nos seus trajes desalinhados, nas suas capas e nos seus chapéus encharcados. O vinho era horrível, mas teve o mérito de dar nova vida aos seus corpos entorpecidos. Comeram os coelhos e as aves velhas que o taberneiro lhes serviu, juntamente com o pão duro e seco. Aos poucos, sentiam-se novamente homens, capazes de sorrir uns para os outros. O marquês, para quem os desconfortos da viagem eram mais insuportáveis, persuadira o taberneiro a lhe aquecer um caldeirão de água; escondido atrás das costas altas de um banco, tirara as roupas amassadas e empoeiradas, e tomara um belo banho. De vez em quando, erguia a voz e lamentava o estado das suas mãos e de outras partes do seu corpo, em contato demasiado com a sela, expressando-se numa linguagem tão pitoresca, que os outros soltavam gargalhadas, inclusive Cécile. Mas, aos olhos de Arsène, o estoicismo com que o pai encarava os inconvenientes da viagem era algo triste e comovente.

Para que fui trazê-lo?, perguntou Arsène a si mesmo, com raiva. Ele não tem a inspirá-lo o ideal e a impulsividade que me movem. Não tem sequer o consolo de uma mulher, como é o meu caso. É um velho, para quem a música, a luz de velas e uma cama macia devem valer muito mais do que qualquer outra coisa. Assim pensando, disse em voz alta, numa voz rouca e estranha, em meio às risadas que ainda ressoavam na sala:

— Pai, você não devia ter vindo comigo!

Os outros calaram-se de repente, e os seus olhares convergiram para Arsène, pois não lhes escapara a angústia que havia em sua voz, Cécile empalideceu. Estendeu a mão para Arsène, mas ele repudiou-a e dirigiu-se para o banco, acima do qual, semelhante a uma cabeça decapitada, o rosto do marquês aparecia. Como estavam cansadas e enrugadas aquelas faces e como os seus olhos esfumavam avermelhados! Arsène não reparou no brilho súbito que os iluminou.

Repetiu:

— Você não devia ter vindo comigo!

O marquês continuou a olhar para o filho, e ambos pareciam ver apenas um ao outro. Por fim, o marquês disse:

— Você pretende tirar-me a ilusão de que eu deixei de ser insignificante?

Fez-se um silêncio pesado na sala, apesar do tom de voz leve com que o marquês falara. Arsène ergueu-se abruptamente. Olhou para o fogo, para os rostos dos seus companheiros, e bateu com as mãos. Mal podia controlar-se.

— Que lhe interessa tudo isto? — perguntou, com voz trêmula. — Que importância tem para você?

— A verdade — replicou o marquês — é que eu aprendi uma coisa: o inefável conforto de um banho e de uma toalha limpa.

Saiu de trás do banco, a toalha em volta da cintura. Seu corpo mostrava todas as costelas, todos os ossos. Era o corpo de um velho. O rosto que encarava Arsène era enrugado, abatido e sem barbear. Mas ninguém sorriu ao vê-lo, apesar do grotesco da aparição. Havia agora um ar de dignidade no marquês, um ar que ele nunca possuía nos dias em que andava perfumado, vestido de veludos e enfeitado de rendas. Na sua nudez, com a toalha enrolada em respeito a Cécile, encarou Arsène com estranha e desusada majestade, dirigindo-se apenas a ele:

— É consigo mesmo que você fala, meu filho, ou comigo?

Os lábios pálidos de Arsène abriram-se para falar, mas voltaram a fechar-se.

— Se for comigo — continuou o marquês —, você me insultou. Se for com você, só me resta desesperar.

Cécile levantou-se, descabelada e mortalmente pálida, os cabelos escorrendo-lhe pelo rosto, os lábios trêmulos e descoloridos, mas orgulhosos. Estendeu a mão para Arsène e disse, com voz grave e súplice:

— Venha comigo.

Arsène não se mexeu. Olhou para os outros, sentados como estátuas encharcadas, depois para o pai e, finalmente, para Cécile. Os olhos dela, apesar de afundados e olheirentos, continuavam a irradiar uma luz azul e intensa. A força do seu espírito era maior do que o desespero e a revolta dele. Além disso, algo parecia quebrar-se dentro de Arsène, dando-lhe vontade de chorar. Agarrou-lhe a mão e deixou-se levar por ela para fora da taberna, igual a uma criança cega.

A noite já acabara. A terra e o céu estavam banhados numa luz transparente e sem cor. Os passos deles ecoaram no caminho de lajotas. Saíram juntos para a manhã que começava, Cécile guiando-o, abrindo uma porteira rústica, descendo por um caminho íngreme, roçando em arbustos e árvores que lhes sacudiam em cima gotas de diamantes. O ar estava impregnado dos 'cheiros mais pungentes, e os pássaros cantavam nas árvores, esvoaçando de galho em galho, a luz matinal fazendo-lhes brilhar as asas.

Estavam agora numa pequena clareira. Debaixo dos pés deles, a relva cintilava. Uma brisa suave batia-lhes nos rostos. As árvores, frondosas, recortavam-se numa neblina luminosa. À volta deles, tudo era silêncio. O sol ainda não saía. Não havia ainda cor na terra, apenas aquela neblina, aquela radiante meia-sombra, pairando sobre as colinas distantes, para além das árvores, arautos espectrais anunciando a chegada do sol. A paz que os rodeava era como murmúrio vindo do céu, e Arsène sentiu o fogo que tinha no coração derreter-se gradualmente.

Cécile estava ao seu lado, contemplando com ele aquele silêncio, aquela mágica imobilidade. Continuava a lhe segurar a mão. Voltou-se lentamente e encarou-o.

Como era belo aquele rosto jovem e exausto, como eram firmes aqueles olhos azuis, quão severos mas compreensivos aqueles lábios pálidos! A capa pesava-lhe sobre os ombros fortes. O cabelo, claro e

solto, caía-lhe pelo pescoço e sobre a testa cansada. Estava desgrenhada e suja de lama, mas conservava a majestade e orgulho, e Arsène olhou para ela com um pouco de medo e renovada adoração.

— Tenho ouvido os seus pensamentos, durante todas estas noites, Arsène — disse Cécile, calmamente. — Tenho procurado compreendê-lo. Seu pai está com a razão: você não falou com ele, falou consigo mesmo.

Virou-se um pouco e olhou ao longe. As colinas estavam contornadas de ouro.

— Você acha que eu também não amo isto? — murmurou ela. — Esta é a minha terra, também. Vamos deixá-la por uma cidade estranha, habitada por gente estrangeira. Vamos olhar para um mar que não é nosso. Para onde iremos, quando sairmos desse lugar? Qual será o nosso fim?

— E eu a trouxe para este exílio, para esta morte! — exclamou Arsène, com voz rouca.

Procurou abraçá-la, mas ela afastou-se. A luz azul dos seus olhos era tão intensa, que ele recuou.

— Este é o seu momento de decisão, Arsène! Você tem que decidir, neste momento, se a sua vida pessoal, se a sua segurança

valem mais do que qualquer outra coisa! Tem que decidir se existe algo mais sagrado do que a vida, ou regressar a Paris. Não é mais hora de hipocrisias.

Olhando para ela, Arsène ficou mais uma vez impressionado com a beleza, a firmeza e a juventude de Cécile. Não havia des- • dém nos olhos dela, apenas uma serena distância. Arsène pensou, incoerentemente: Será que devo voltar e levá-la comigo, para viver em paz, tranquilidade e segurança? Mas não tardou a perceber que, se voltasse, voltaria sozinho.

Disse, numa voz trêmula:

— Você é dura, minha querida.

Ela sorriu, um sorriso passageiro. Mas não disse nada; limitou-se a esperar.

— Que é que eu posso dizer sobre o que penso e a dor que sinto? Que tenho saudades da paz e da limpeza, que odeio o exílio, ter que fugir, e esta miséria, que talvez nunca acabe? Tenho pensado tanto! Será que você não entende, minha querida, que não podemos vencer, que vamos ser vencidos? Que só podemos lutar e morrer, ou fugir ignobilmente, até cairmos exaustos? Que esta é uma causa perdida?

Não pôde continuar a falar e calou-se, com um gemido.

Cécile respirou fundo. Chegou mais perto dele e olhou-o bem nos olhos.

— Meu avô — disse ela, em voz baixa e veemente — certa vez me disse que não existem causas perdidas, apenas homens perdidos.

A voz da jovem, clara e penetrante, ecoou no ar transparente da manhã. Agora Arsène desejava apenas escapar ao olhar dela.

— Então, talvez eu seja um homem perdido — disse ele, desviando os olhos de Cécile e mal controlando a vontade de chorar.

Quando mais uma vez conseguiu se dominar, começou a falar desordenadamente, as palavras precipitando-se, incoerentes, umas sobre as outras.

— Não há causas perdidas? Essa é a coisa mais estúpida que já ouvi. O rfiundo está cheio delas. Os túmulos dos mártires estão tão cheios, que os seus ossos não cabem mais. Não tenho a vocação do martírio. . . não tenho verdadeiro idealismo. No começo desta viagem, eu ainda tinha ilusões, mas agora elas se foram. Só ficaram o medo, o cansaço e o desespero. Palavras nobres não passam disso mesmo. Não podem substituir a paz e uma boa fogueira, a segurança e a tranquilidade, a limpeza e o perfume dos vinhedos. . .

A voz morreu-lhe na garganta, e ele não conseguiu dizer mais , nada.

Aquela moça estranha e inabalável, tão jovem e inflexível, apesar do cansaço e da desolação, olhou para ele com ar grave e disse:

— E você acredita que essas coisas ainda existam na França, na Europa? Certa vez, meu avô disse que a Europa estava podre de tanta história, que os séculos pesavam demais sobre ela, que os seus porões estavam cheios de sujeira e de ratos, que as suas vigas estavam partidas e cedendo. Tem uma memória demasiado longa. Ele disse que, se os homens pudessem esquecer a história, talvez houvesse esperança.

Fez uma pausa e depois continuou:

— Se pudéssemos ir para uma terra onde a história ainda não existisse, onde tudo fosse novo... Mas não existe essa terra. Temos de viver na nossa cidade arruinada e reconstruir-lhe as muralhas. u

Fez-se um silêncio comprido entre os dois. Arsène inclinou a cabeça. O seu rosto ficou ainda mais pálido, mais abatido.

— Não tenho forças para reconstruir, para . viver neste lugar desolado — disse.

Voltou-se para ela, como se implorando:

'— Minha querida, como posso trabalhar e lutar assim? Sei que esta causa está perdida desde o início. Sei que não temos esperança de poder vencer o Cardeal. Não podemos fazer nada para acabar com a crescente reação católica na Europa. Por todo o lado há só a morte...

Cécile apertou convulsivamente as mãos, mas esse foi o único sinal da sua agitação. Seu rosto continuava calmo e frio e a voz serena, ao perguntar:

— Você não gostaria, talvez, de ir para a Inglaterra?

— Não. Para a Inglaterra, não! Lá também há velhos. Os velhos estão por todo o lado, erguendo-se dos túmulos, suas vozes ecoando nos crânios mortos. Não têm livros novos para abrir, só velhos, cheios de desilusão e desânimo.

— Será que você entende, Cécile — disse ele, elevando a voz —, que eu sonho com uma terra onde ainda não haja velhos, onde túmulos ainda não estejam cheios, e onde não haja história? Nem ódio, nem mentiras, nem cidades, nem intrigas, nem túmulos cheios de ossos apodrecendo? Tudo isso nós temos aqui. Não podemos construir nada de novo com base nessas coisas.

A sua angústia era agora tanta, que a jovem não pôde mais e passou os braços quentes em volta do pescoço dele. As mangas molhadas e rotas do seu vestido caíram para trás, pondo-lhe à mostra a carne branca e macia. Arsène encostou as faces nelas. Cécile ergueu os lábios, e os dois se beijaram como se não houvesse mais ninguém num mundo em ruínas.

Quando, por fim, se separaram, os olhos dela estavam úmidos e meigos como ele jamais os vira. Olhou para os lábios dela e viu que tremiam. Passaram-se alguns momentos antes que Cécile pudesse falar. p 11

— Arsène, meu amor — disse ela, com humildade na voz —, eu só. sei de uma coisa: que é preciso ter fé. É preciso acreditar que o indivíduo, em si, nada é, mas que todos os homens devem se unir para construir o futuro. O trabalho que temos pela frente pode parecer condenado ao fracasso, mas acabará vencendo! Vamos fazer o que pudermos. Quando essa tarefa tiver sido realizada, começaremos outra.

Fez uma pausa e o azul dos seus olhos pareceu intensificar-se, como se ela contemplasse algo que ele não conseguia ver.

— Um mundo novo! — exclamou, sorrindo. — Quem sabe se não haverá um mundo novo para nós?

As palavras dela pareceram-lhe misteriosas, mas Arsène sentiu de repente um novo ânimo, como se lhe tivessem feito uma promessa heróica e entusiasta. Levou as mãos dela aos lábios. Voltaram juntos para a taberna e, quando os outros lhes viram o rosto, sorriram, como se livres de uma pressão insuportável.

● Capítulo LI

Galopavam agora com mais ânimo, pois o seu líder lhes transmitira coragem e, embora ele não soubesse o que esperar, estava esperançoso. As noites estavam mais escuras e muito mais frias, mas agora eles cantavam e brincavam em voz baixa. Ao chegarem a uma taberna obscura, afastada da estrada principal, o dono sempre se esforçava por lhe apresentar o melhor que havia na despensa, pois agora eles já não pareciam, como dantes, fugitivos, e sim uma alegre companhia, viajando a negócios e procurando lugares modestos por não dispor de muito dinheiro. Até então, tinham entrado nas tabernas com os chapéus descaídos sobre o rosto, as capas bem chegadas ao corpo, como se estivessem sendo perseguidos. Tinham inspirado mal-estar e desconfiança nos donos das tabernas. Agora, tudo isso mudara. A alegria que sentiam era espontânea, pois o seu líder já não parecia acossado pelo medo, mas cheio de fortaleza e renovada fé.

Cécile dera-se conta da natureza volúvel de Arsène e não esperava demasiado dele. Sabia que ele seria sujeito a novos acessos de desespero, a outros pensamentos mórbidos. A sua tarefa era estar alerta a essas crises e oferecer-lhe consolo, coragem e compreensão. Quando uma sombra lhe aparecia nos olhos, e os lábios dele se tornavam amargos, ela inclinava-se na sua sela, apertava-lhe a mão, sorria-lhe, e em pouco tempo Arsène voltava a se animar.

O marquês também se apercebia disso. Embora a sua velha carcaça rangesse e doesse, ele nada dizia. Mas queixava-se exageradamente dos pequenos desconfortos da viagem, fazendo com que todos rissem e galhofassem. Cécile, com a sua agulha, mantinha-o decente. Parecia incansável. Capas rasgadas, calções e meias desfiados passavam regularmente pelos seus dedos ágeis. Os homens não tardaram a adorá-la. Maravilhavam-se com a sua resistência, com os seus sorrisos, mesmo quando o seu rosto ficava branco de exaustão. Colhiam frutas para ela, ajudavam-na a vencer pedras e maus caminhos. Chamavam-na de “Madame la Duchesse”, e ela, de brincadeira, fingia ser realmente uma duquesa, viajando com a sua comitiva.

Arsène pensava, consigo mesmo: Não há nada que ela não possa enfrentar com fé e força de ânimo. Nada a abate, nem o cansaço, nem as dificuldades, nem o desconforto. Ah, aquela era uma mulher para um novo mundo!

Um mundo novo. O pensamento não o largava. E então, com surpresa, lembrou-se: Tenho estado à procura de um mundo novo, mas ele já foi descoberto e está esperando por nós!

Era um mundo selvagem, cheio de lugares inexplorados, de vastidões incríveis, de enormes florestas. Mas muitos dos seus compatriotas, além de ingleses e espanhóis, já tinham ido para esse mundo, e dizia-se até que em vários pontos se haviam fundado cidades respeitáveis e o comércio florescia.

A América! Mas o seu coração recuava ante a ideia, pois ainda estava preso à França, à sua pátria e aos seus compatriotas. A imensidão do novo mundo apavorava o seu espírito europeu. Ao mesmo tempo, porém, fazia com que o seu coração batesse com mais força.

Cada vez que pensava, com medo, nessa possibilidade, a ideia lhe surgia com mais força, com mais esperança. Certa vez, cavalgando ao lado de Cécile, olhou para ela, e a jovem ficou espantada com a expressão do rosto dele, com o seu ar contemplativo. Disse para si mesma: Ele também está pensando num mundo novo! E sorriu para Arsène.

Agora, à medida que se aproximavam de La Rochelle, aumentavam a velocidade, pois tinham que alcançá-la antes de Richelieu. Quando ele chegasse, a cidade ficaria realmente sitiada, e seria quase impossível entrar nela.

Arsène pensava muito no Cardeal, ultimamente. Ele já não lhe parecia um conspirador perverso, e sim um homem cansado, que suscitava compaixão. Sem dúvida, também ele devia sentir o peso de séculos de história sobre os ombros, a náusea provocada por tanta pestilência. Por que, então, se esforçava tanto? Seria por não ter esperança, por se saber um prisioneiro? Mas as intrigas eram para os velhos como estimulantes, necessários para aliviar os sintomas da doença.

Certa vez, viram ao longe o brilho de fogueiras e deduziram ser o acampamento dos homens que acompanhavam o Cardeal. Deixaram-no para trás e continuaram viagem, a coberto da noite. Mas Arsène não pôde deixar de sorrir, pensando: Que sabia Richelieu das esperanças de um novo mundo, dessa esperança que tanto o estonteava? Como poderia ele sonhar com um mundo como aquele, tão gigantesco e radiante?

Arsène não podia suspeitar que, naquele mesmo momento, Richelieu pensava justamente nessas coisas, deitado, sem poder dormir, em meio à escuridão. Não sabia que o Cardeal tinha ouvido o tropel distante e que ele lhe provocara esses estranhos e misteriosos pensamentos. Atravessando as trevas da noite, as mãos do velho e do jovem se encontravam, sem saber, sentindo apenas

o frêmito momentâneo que passa do moribundo para o que continua vivo, no instante da dissolução e da despedida.

Arsène começou a pensar em Paul de Vitry, no Abade Mourion, no Duque de Tremblant, a conjecturar-se se eles também teriam pensado no novo mundo com paixão e esperança. E teve a certeza de que, mesmo que não tivessem pensado, a ideia devia estar latente nos seus espíritos, de tal modo que eles tinham dado a vida por ela. A sua fé, a sua esperança, a sua crença inabalável no futuro tinham sido os ventos que haviam enúnado as velas das naus em demanda de um mundo novo.

Percebeu que os espíritos desses nobres homens, e os de milhares de outros como eles, estavam presentes a bordo dos navios que zarpavam corajosamente para oeste, e que eles não carregavam apenas os exilados e os visionários, mas também os corações, as esperanças e as paixões dos que tinham morrido para que outros homens pudessem viver em paz.

Com uma tal carga, com um tal vento nas velas, com tais figuras de proa, como deixaria o novo mundo de justificar todos os seus sonhos e ideais? Quem ousaria atraí-los?

Quem permitiria a entrada de homens velhos, de velhas mentiras, das velhas e sangrentas religiões, das velhas pestilências, das velhas doenças, dos velhos ódios e crueldades?

Ah, disse Arsène para si mesmo, esse mundo deve ser para mim, para os meus filhos e para os filhos deles, que o conservarão inviolável e belo, indômito e cheio de esperança e alegria, para que neles os homens possam sempre viver em liberdade e harmonia.

A impetuosidade da sua natureza fez com que ele se entregasse todo a esses pensamentos. Na sua imaginação, ele viu cidades deslumbrantes, povoadas por homens idealistas, vivendo em paz e esperança, governadas com justiça, rodeadas por montanhas incandescentes de luz, banhadas por mares sulcados por um sem-número de navios. Esqueceu os vastos desertos, os vales cheios de penhascos. Tudo se transformou de repente em verdes pastagens, onde abundavam rebanhos gordos e pacíficos. O ar fresco e vibrante ecoava o som de novas cidades, erguendo-se onde antes houvera apenas silêncio e ninhos de águias. Viu grandes estradas e ouviu o tumulto de um novo império. Viu os rostos estranhos mas brilhantes de um povo novo, no qual o seu próprio sangue se misturava a inúmeros outros, formando uma raça de homens fortes e esperançosos. Ventos oriundos de espaços ilimitados sopravam-lhe no rosto, trazendo-lhe novos e embriagadores aromas. Ah, aquele novo mundo sem história e sem maquinações, sem perseguições e livros pestilentos, sem recordações de ódios e rancores, sem sinistras igrejas, construídas por mãos ensanguentadas, sem exércitos

mercenários, engajados em guerras traiçoeiras e em complôs diabólicos! Sem reis e estadistas,

contaminados por velhas taras e doenças!

Pensando naquilo tudo, sentiu-se tonto e teve de agarrar-se ao arção para não cair da sela. As lágrimas vieram-lhe aos olhos. O coração batia-lhe com força. Essa era uma solene aventura, ordenada por Deus! Aquela terra virgem aguardava a chegada de homens que acreditassem no futuro!

Percebeu então que, no fundo, nunca acreditara no futuro da França, terra povoada de bruxas num continente assolado por fúrias. Ali, os homens estavam demasiado sobrecarregados de histórias, as suas recordações eram demasiado longas. Não conseguiam esquecer, cercados como estavam pelo passado. A tradição era um labirinto no qual a Europa estava para sempre prisioneira. O ódio pairava no ar. Arsène precisava libertar-se de tudo aquilo. Precisava partir, se quisesse viver.

A embriaguez aumentou. As dificuldades, os temores, as dúvidas cederam. Tantos como ele, tantos huguenotes, tinham partido para esse mundo novo! O que eles tinham feito, ele podia fazer. Decerto não eram mais do que ele! Recordou, vagamente, histórias de ingleses que tinham atravessado os mares terríveis, rumo ao novo mundo, para fugir ao ódio dos velhos da Europa. Ouvia falar nisso com a indiferença de quem escuta falar numa lenda. Mas agora recordava, com esforço, as histórias das cidades que eles tinham fundado, as coisas estranhas que eles tinham encontrado, raças, frutas, árvores, aves e animais desconhecidos. Quando ouvira falar naquilo, estremeceu. Mas agora todas essas coisas tinham um interesse vital e imediato para ele. Sentia um sangue novo correr-lhe, excitado, pelas veias. Os últimos pedaços de cetim, a derradeira roupa de cortesão deixaram o seu corpo espiritual.

Aqueles ingleses, aqueles franceses, aqueles alemães, aqueles representantes de velhas raças tinham ido para o novo mundo e se transformado num povo novo. Uma nova visão surgiu diante de Arsène. Quem poderia afirmar que, num futuro imprevisível, aquele povo novo não cortaria o cordão umbilical que o ligava à Europa e não criaria um império único e invencível, para sempre liberto de homens velhos, de velhas religiões, de velhas tradições, de velhos ódios e mentiras?

Mal podia se controlar, tão turbulentos e apaixonados eram os seus pensamentos.

Numa dessas ocasiões, voltou-se para Cécile, e ela olhou-o em silêncio. Mas ele viu, no rosto dela, o reflexo dos seus próprios sonhos. Perguntou-lhe, pegando-lhe na mão e numa voz estrangulada e trêmula:

— Minha querida, você iria comigo nem que fosse para os confins da Terra?

Ela apertou-lhe a mão e retrucou, tão baixo, que ele mal pôde ouvi-la:

— Oh, não para os confins da Terra, e sim para o começo!

Um estranho estado de sítio vinha tendo lugar em La Rochelle, vários meses antes da chegada do Cardeal. Embora os acessos por terra, à cidade, ainda estivessem mais ou menos abertos, um dique, ou quebra-mar, estava sendo lentamente construído no porto, a fim de impossibilitar a entrada dos navios ingleses. Os rochelenses tinham assistido a essa construção com desespero, rezando para que os ingleses chegassem a tempo de entrar. Até então, não houvera hostilidades entre huguenotes e católicos. O único sinal de combate iminente era o tal dique.

O mar era constantemente perscrutado, à procura de uma vela, de algo que anunciasse a aproximação das naves inglesas. Mas o mar permanecia vazio, enquanto o molhe crescia, pedra a pedra, inexorável. E, com o crescimento do dique, aumentavam, nos sitiados, a amargura e o desapontamento, a certeza de terem sido traídos. As igrejas estavam sempre cheias de gente orando para que os ingleses chegassem a tempo de salvar os seus correligionários, para que as promessas da Inglaterra fossem cumpridas. Mas, à medida que os dias passavam, tornavam-se mais frequentes os murmúrios e as manifestações de ódio e desconfiança. Havia quem declarasse que os ingleses, como sempre, prometiam muito, mas acabavam traindo, que fora o seu eterno ódio da França o que os fizera lançar irmãos católicos contra irmãos huguenotes, para depois tirarem partido da luta interna. Muitos afirmavam que os ingleses viam com

apreensão e ciúme o crescente poder da França e, para enfraquecê-la, tinham feito tudo para atizar uma guerra civil, na qual as esperanças, as ambições e a própria existência dos franceses acabassem num mar de sangue.

Mas a maioria ainda não podia acreditar que os ingleses os traíssem. Sentinelas e plantões ficavam, imóveis, olhando para o mar cinzento, sustentados pela esperança. As crianças olhavam, e as mulheres vigiavam, os cabelos batidos pelo vento salgado. Cada contraforte, cada torre, cada muro, cada penhasco tinha alguém olhando. Enquanto isso, o Cardeal e o rei, rodeados de estandartes, música, tendas de seda, aventureiros e soldados, se aproximavam rapidamente da cidade em desespero.

La Rochelle tinha menos de vinte e oito mil habitantes, incluindo mais de mil alemães, espanhóis e italianos, protestantes ou hereges, que tinham ido ajudar a defendê-la. Entre os espanhóis e os italianos, contavam-se muitos bravos de sangue nobre, que tinham vindo voluntariamente das suas ricas terras, onde a Igreja não ousava atacá-los, a fim de se devotarem à causa dos homens livres, dispostos a morrer por essa causa. Era estranho, mas, entre esses alemães, espanhóis e italianos, não se via senão a maior dedicação e força de ânimo. Nunca partiam deles quaisquer dúvidas quanto à prometida ajuda da esquadra inglesa, nem jamais eles desanimavam de conseguir salvar a cidade. Com mãos não acostumadas a trabalhar, ajudavam a construir os fortes que deveriam proteger La Rochelle, e era comum ver muitos deles com as mãos sangrando. Sua presença nos contrafortes e nas muralhas, a paixão com que punham mãos à obra faziam com que os céticos e temerosos franceses se envergonhassem e se entregassem com redobrado afã ao trabalho. Olhavam para aqueles estrangeiros com espanto, gratidão e até adoração. Mas o espanto era maior do que tudo o mais. Para a maneira de pensar dos franceses, era incrível que estrangeiros, sem nada a ganhar e tendo tudo a perder, pudessem devotar-se de tal modo a um ideal que a eles mesmos parecia um tanto vago. Nos mais estúpidos, a desconfiança não tardou a brotar. O que teria levado aqueles homens, aqueles aristocratas de fostos finos e mãos delicadas, a enfrentar privações, fome, sofrimento e a própria morte? Que importância poderiam ter os franceses para eles? Nunca famosos pelo altruísmo, pelo espírito de sacrifício ou pela dedicação a um nobre ideal, os franceses olhavam para os seus aliados com espanto, dúvida e, muitas vezes, até com suspeita. Alguns chegavam a dizer que era intolerável pensar na possibilidade de que esses forasteiros matassem franceses, mesmo em se tratando dos abomináveis católicos.

A cidade só tinha mantimentos para dois meses, mesmo assim com o maior racionamento. Os lavradores, apostando corrida contra o tempo, conduziam carroças carregadas de provisões, pelas duas estradas ainda abertas. Devido à sua localização baixa e pantanosa, a cidade era facilmente atacável por terra. As estradas estavam bem guardadas, rodeadas de fortes e fortalezas. Os rochelenses eram gente independente e orgulhosa da reputação da sua cidade, um dos mais importantes portos de mar da França. Muitos descendiam de antigos piratas, que outrora haviam dominado os mares, atacando as costas da Bretanha e da Inglaterra. Havia muito desfrutavam do privilégio de recusar a entrada das guarnições reais, e possuíam um governo muito democrático, elegendo o seu próprio prefeito.

A cidade já estava acostumada ao estado de sítio. Em 1573, os católicos tinham tomado La Rochelle e perpetrado crimes horríveis contra a indefesa população, que ficara meses sem ter o que comer. Muitos dos habitantes mais velhos se lembravam desse mas-

sacre de homens, mulheres e crianças desarmados, e andavam pelo meio do povo, naquele segundo cerco, exortando-o e avisando-o das coisas terríveis que aconteceriam, se a cidade acabasse caindo.

— A Igreja Romana continua a mesma — diziam eles. — Sedenta de sangue e carente de humanidade, despejará todo o seu ódio e fome de vingança sobre nós. Se conseguir destruir-nos, Roma vai mandar cantar um Te Deum sobre os nossos cadáveres e sobre os corpos mutilados dos nossos filhos. Se for necessário, morramos nas nossas casas, de doença ou de fome, mas nunca nos entreguemos, enquanto um

único homem permanecer de pé!

Os seus rostos eram tão graves, as suas exortações tão apaixonadas, a sua memória tão viva, que até os mais hesitantes silenciavam. Mas os murmúrios continuavam. Os ingleses não faltariam ao prometido? Lembavam que Charles I, Rei da Inglaterra, tinha como esposa Henrietta Maria, irmã do Rei da França. Conseguiria ela fazer com que ele não cumprisse o que prometera e abandonasse os rochelenses à fúria dos seus inimigos católicos? O terror se alastrou pela cidade, que ainda se lembrava do último cerco, dos massacres de São Bartolomeu, quando os católicos tinham assassinado milhares de mulheres e crianças huguenotes, além de bebês de colo, e atirado os cadáveres sangrentos nos rios das redondezas. Recordavam-se das horríveis torturas infligidas aos jovens e às crianças, queimados e estrangulados, enforcados e marcados a ferro e fogo. O terror foi acompanhado de um ódio enorme, de uma sede de vingança. Se o ideal não alimentava a população, o medo incitava-a.

Alguns dos espanhóis, alemães e italianos tinham sido padres da Igreja Católica, mas, ou haviam sido excomungados nos seus países, por serem verdadeiros cristãos, ou abandonado a batina para apoiar os que lutavam pela liberdade, na França. Não faltava quem murmurasse que eles eram espões.

Entre esses estrangeiros havia vários ingleses, com rostos pálidos e dedicados. Acreditavam fervorosamente que os seus patrícios viriam em ajuda de La Rochelle. Não tiravam os olhos azuis do mar e nem duvidavam de que os ingleses acabariam vindo.

O Cardeal e o Rei ainda não tinham chegado. O Rei fora acometido de uma febre na estrada de La Rochelle e obrigado a fazer uma pausa em Villeroy, a fim de se recuperar. Assim, aproveitando-se de cada momento, os defensores da cidade tratavam de aumentar ao máximo a inexpugnabilidade de cada forte e de juntar provisões para alimentar a cidade durante o cerco. Cada hora ganha pesava na balança da vitória. Os lavradores huguenotes trabalhavam febrilmente para juntar as colheitas, que depois levavam, em carroças, para a cidade. Os campos e vinhedos estavam carregados de

trigo e de frutas, e os ventos quentes de setembro traziam para os rochelenses os ricos aromas dos campos amadurecidos. O povo ainda estava armado de mosquetes e artilharia, à espera do cerco, olhando, com medo, para as entradas da cidade e para os fortes que as guardavam, e espichando o olhar para ver se os navios de guerra ingleses já vinham chegando. Acreditavam que o acesso por terra era impossível. A única entrada era pelo mar, e, como a França quase não tinha navios, os rochelenses confiavam em que o acesso por mar permanecesse aberto. Aos poucos, porém, vendo crescer o dique, iam ficando cada vez mais desanimados. De que adiantavam as ilhas fortificadas no porto, se o dique lhes cortasse o acesso?

No Senado, os boateiros não paravam. Na sua maioria, não eram traidores, apenas timoratos e cautelosos. Entre os cem' homens que compunham o Senado, havia menos de dez boateiros. Todos os dias, os senadores iam inspecionar as defesas. Sua presença dava novo ânimo aos construtores e ao povo em geral, pois eles representavam a liberdade e a democracia do protestantismo, o baluarte de novas e arejadas ideias. Por sua vez, os senadores cobravam novo ânimo ao ouvir os nobres e os bravos repetirem que, embora os arredores fossem pantanosos e estivessem assolados pela malária, a cidade em si estava a salvo da doença, graças ao seu solo bem drenado. Além do mais, as marés eram-lhes vantajosas. A série de torres que guardava o estreito porto erguia os seus contornos contra o céu azul e cálido.

Mas, pouco a pouco, inexoravelmente, o dique mandado construir pelo Cardeal ia avançando pelo lado raso do mar, perto do porto, sob as vistas dos rochelenses. Seus construtores trabalhavam calmamente e, segundo parecia, completamente alheios à tensão que reinava na cidade. Os inimigos não se falavam, embora de vez em quando os navios dos rochelenses atravessassem o porto para se comunicar com os portos ingleses, passando diante dos que construíam o dique. r₂.

Antes de ser morto, Buckingham atacara a ilha da Ré e fora derrotado pelos católicos. Percebendo que o poderio marítimo era essencial à sobrevivência da França, o Cardeal, após essa experiência, ordenara a criação de uma esquadra.

A derrota de Buckingham e a sua morte tinham sido dois golpes terríveis para os rochelenses. Só pediam a Deus, agora, que Charles I não esquecesse a promessa que fizera a Buckingham, e a cumprisse. Assistindo à construção do dique, reforçado por barcos presos uns aos outros com grandes toras de madeira, percebiam que a sua salvação dependia de que os ingleses chegassem antes de concluído o molhe.

Entrementes, Guiton, o heroico prefeito, animava o seu povo. Atarracado e corpulento, com uma grande cabeça e indomáveis olhos azuis, sua esperança e força de ânimo eram tão eficientes quanto as suas fortalezas;

Foi a essa cidade que Arsène de Richepin, seu pai, Cécile e seus companheiros chegaram, duas semanas antes de Richelieu. Entraram por uma das pontes guardadas e penetraram na cidade. Arsène, seu pai e Cécile foram recebidos como hóspedes, em casa do Duque de Rohan, por sua velha e corajosa mãe.

● Capítulo LII

Foi aqui, pensou Arsène, ao atravessar as ruas de La Rochelle, que o meu avô morreu, assassinado pelos sicários de Roma, e uma das minhas avós morreu de fome durante o cerco, e outra acabou morrendo de desgosto.

Ali, naquela cidade marítima, naquela orgulhosa cidade de comerciantes, armadores e marinheiros, naquele lugar habitado por homens de olhos azuis e rostos morenos, ficava o último reduto dos protestantes franceses. A luta que se anunciava decidiria se a França poderia contar com um futuro de glória e liberdade, ou afundar no pantanal da opressão, das trevas e da ignorância. Lembrou-se de algo que a Duquesa de Rohan lhe dissera:

— Não desespere. Se formos vencidos, não pense que a batalha está perdida, que a fé está morta, que as trevas tomaram definitivamente conta dos franceses. Um sonho nasceu nos corações dos homens, e nem as chamas do inferno, nem as câmaras de tortura de Roma conseguirão destruí-lo. Hoje, talvez, sejamos vencidos. Mas amanhã, porque há sempre um amanhã!, nós venceremos!

Mas Arsène não tinha tanta certeza. Que lhe importava a ele, ou àqueles a quem ele amava, saber que, dali a cem ou duzentos anos, a França talvez fosse livre, para sempre liberta de opressores? Não possuía a fé dos grandes homens, que acham que se deve trabalhar para o futuro da humanidade, mesmo não conseguindo vivê-lo. Impaciente e impetuoso, ele queria ver logo os resultados pelos quais lutara. Só os santos e os heróis fixam os olhos no amanhã distante, embora morram nas trevas. -.H

Meditando tristemente, Arsène atravessou as ruas tortuosas e empedradas da cidade, ladeadas por casas antigas: e entrecruzadas por pontes estreitas. Viu as torres das fortalezas, sempre guardadas, fortes e imponentes contra o céu azul. Ouvia o barulho do mar, sentiu o seu cheiro pungente, trazido pelos ventos. Passou pelo mercado, onde os apressados lavradores discutiam com as do-nas-de-casa, o gado mugia e as galinhas cacarejavam, enquanto os gansos escapuliam dos braços dos garotos. Viu pequenos jardins floridos, sobrevoados por gaiivotas. Lá estava a velha igreja de Santa Margarida, serena e cinzenta, lançando a sua sombra sobre as ruas e as paredes das casas. Arsène era obrigado a se desviar de burros, carroças, gansos, crianças correndo, cães, gatos, cabras, velhas e cavalos a galope, e, de vez em quando, era lançado na

sarjeta e contra as paredes. La Rochelle era muito mais limpa do que Paris, purificada pela brisa do mar, pelo sol brilhante e pelo céu transparente. Havia um ar de esperança, resolução e fortaleza de ânimo, atividade e movimento. Se havia desânimo nos corações dos seus defensores, ele não era visível, exceto nos rostos dos mais velhos, que ainda não haviam esquecido.

Ao subir aos contrafortes, Arsène viu a cortina azul do mar, brilhando a distância. Viu também o quebra-mar, estendendo-se ao comprido, qual uma serpente, atravessando o porto. Virou as costas e olhou para a terra, para os pântanos cinzentos, fumegando ao sol quente, para as pontes, para os longínquos campos dourados e florestas verdes, e para o lilás das colinas, cintilando sob os raios do sol. O ar estava cheio de vitalidade, cor e excitação. Olhou para baixo, para as ruas tortuosas, empedradas e atravessadas de pontes, cheias de pessoas apressadas.

Ali, naquele ar, sentiam-se já os reflexos da liberdade e da coragem. Nada, senão aquele dique, parecia ameaçá-las. As muralhas cinzentas e castanhas da cidade, manchadas pelo sol, davam uma impressão de paz e serenidade. Aqui e ali, viam-se grandes árvores, dobrando-se ao vento salgado que vinha do mar. Arsène deu a si mesmo esperança. Os ingleses tinham que chegar a tempo! Mesmo que não chegassem, a cidade era inexpugnável por mar. Mas por quanto tempo resistiria a um cerco? Arsène

forçava-se a acreditar que Richelieu logo se cansaria de enfrentar aquele povo teimoso e regressaria ao seu luxuoso palácio, para curar as dores de um reumatismo que a umidade daquelas terras pantanosas devia piorar de maneira extraordinária.

Passava muito tempo conversando com os amigos defensores das muralhas, entre os quais o Conde Alfred Von Steckler, um nobre alemão, Dom Carlos de Santa, um aristocrata espanhol, e o Conde Luigi di Brizzini, da Itália. Esses três nobres, todos com menos de quarenta anos, eram os oficiais que comandavam aquela fortaleza.

Arsène tinha-os conhecido no hôtel de Rohan, mas sentia-se pouco à vontade na companhia deles. Olhava para a bela estampa do alemão, com o cabelo louro brilhando ao sol e os olhos azuis cheios de fogo. Olhava para o rosto do espanhol, à procura do engenho e da sutileza que distinguiam o caráter ibérico. Quanto ao italiano, era demasiado despreocupado, demasiado alegre, na opinião de Arsène, para a árdua tarefa que os esperava. Baixo, mas delicado de rosto e de físico, com olhos negros e dentes muito brancos aparecendo por entre os bigodes e o cavanhaque negros, de pele morena e expressão satisfeita, parecia mais um bon vivant do que um soldado à véspera de enfrentar a tortura e a morte.

O alemão vestia-se simplesmente, as mangas arregaçadas mostrando os braços brancos de leite, mas o espanhol e o italiano tudo faziam para rivalizar um com o outro em esplendor. Aparentemente, tinham levado enormes guarda-roupas para La Rochelle, e cada um possuía três lacaios que os adoravam. À noite, terminado o plantão, passavam horas tomando banhos perfumados, passando unguentos e experimentando perucas. Trocavam de roupa mais de dez vezes, até escolherem a indumentária capaz de satisfazer-lhe a vaidade. O hôtel de Rohan era o seu destino predileto, e era divertido, até para o preocupado Arsène, vê-los olhar um para o outro com mal disfarçada hostilidade e inveja. O Marquês de Vaubon, como um árbitro sério e dedicado, andava lentamente em volta de cada jovem, comentando os pontos mais destacados das toaletes, balançando a cabeça com ar grave, até que, depois de muito pensar, concedia o prêmio de elegância da noite a um ou ao outro. Ambos tinham a opinião dele na mais alta conta e nunca a discutiam. O perdedor ficava o resto da noite imaginando a toailete que usaria na noite seguinte, a fim de poder desbancar o seu rival e fazê-lo parecer um autêntico vaqueiro ou pastor de gansos. Ninguém se atrevia a interromper-lhe a meditação. Só quando, com um sorriso profundo e satisfeito, o perdedor se levantava, os olhos brilhando de triunfante expectativa, é que o incluíam na conversa.

Arsène achava tudo aquilo muito frívolo, mas a velha duquesa sorria e dizia:

— A frivolidade muitas vezes encobre um homem nobre e valente. Acredita que Carlos e Luigi sejam menos heroicos pelo fato de preferirem bons perfumes a maus cheiros? Ou por fingirem achar que as coisas mais importantes do mundo são a fragilidade de uma gola de rendas ou a largura que deve, ter uma liga?

Quando o marquês, curioso, lhe perguntou por que não pedia ao Cardeal que abandonasse a campanha, ela olhou para ele com ar ultrajado e orgulhoso. Passaram-se vários minutos antes que recuperasse a voz e dissesse, tremendo de indignação:

— Monsieur le Marquis decerto não compreende a desonra contida na sua sugestão!

Outros, apavorados, pediram-lhe que usasse a uma influência, provocando nela uma tal fúria, que dava a impressão de ir ter um ataque. Não obstante, no fundo do coração ela estava perplexa por saber que muitos padres, inclusive o terrível capuchinho, acompanhavam Richelieu. Não temia grandes represálias contra os rochelenses da parte do Cardeal, mas não tinha ilusões quanto aos padres. No entanto, não confessava a ninguém os seus receios. Pelo contrário, estava exausta de tanto procurar manter a coragem e o moral dos que a rodeavam.

Entristecia-se constatar que havia menos coragem, orgulho e determinação entre os rochelenses do

que entre os dois mil estrangeiros que haviam ocorrido, voluntariamente, à cidade sitiada, a fim de pegar em armas em defesa da liberdade. Esses, mais do que ninguém, sofreriam um castigo inclemente por parte do Cardeal, mesmo que os rochelenses fossem poupados. Porque ela acreditava que eles seriam poupados. Afinal de contas, ¹eram franceses.

Capítulo Lin

A Duquesa de Rohan era obrigada a achar que, apesar de todos os protestos de tioblesse oblige, os franceses não possuíam essa qualidade de modo geral. Descobria esse espírito heroico e aristocrático mais entre os estrangeiros que haviam ocorrido em defesa de La Rochelle, que entre o seu próprio povo.

Não o encontrava sequer em Arsène de Richepin. Ele possuía uma qualidade talvez maior, em cuja força havia raiva, sofrimento e espírito de vingança. Mas ela deplorava a ausência de algo mais elevado, mais delicado. Sabia que o espírito de noblesse oblige era o apanágio de um gentil-homem, e que Arsène, apesar da sua ilustre linhagem, não era um gentil-homem.

Prudente, e sabendo ver ao longe, a duquesa servia apenas as comidas mais simples e frugais no seu hotel, inclusive ao prefeito, a quem muito respeitava, e aos seus numerosos e constantes hóspedes. As despensas do seu palácio estavam cheias, mas só Deus sabia por quanto tempo permaneceriam assim, e, no fim, os aristocratas teriam de se sacrificar em benefício do povo, se quisessem que La Rochelle resistisse ao cerco. A duquesa não se iludia a respeito das massas. Expostas à tensão, ao medo e à fome, era de esperar que ficassem traiçoeiras, enlouquecidas e tomadas de pânico. Já as pessoas superiores eram capazes de suportar tudo com sorrisos silenciosos e fortaleza de ânimo.

Certa vez, ela dissera a Arsène:

— Você perguntou-me o que me sustenta, se o protestantismo, se um ideal heroico. Devo confessar que nem um, nem outro. Mas só na liberdade, só no liberalismo protestante o homem superior pode existir e levar luzes e paz aos homens em geral. Consequentemente, temos de lutar por essas coisas e morrer por elas. O mundo tem que se tornar um lugar seguro de ser habitado pelo homem superior, e, para esse fim, o homem inferior precisa ser socorrido e salvo.

De outra feita, dissera:

— Examine o sangue, a tradição e a linhagem dos heróis e verá que, por mais humilde que a sua origem pareça, sempre existe, por trás deles, algum antepassado nobre.

Não acreditava que a virtude das massas estivesse no fato de serem vulgares, como era opinião de certos idealistas. A pobreza, a ignorância e a estupidez não faziam uma alma superior. Ao cori-trário, essas características eram a marca de uma criatura pouco acima do nível animal.

— Assim como uma nascente, por mais funda que seja, e rodeada de pedras, terra e rochas, encontrará sempre o caminho da luz e do sol, para vir à tona, assim o homem superior, por mais esmagado que seja pelas circunstâncias, sofrimentos e adversidades, conseguirá sempre triunfar — costumava ela dizer.

Gostava de citar como exemplo um velho que atuara como seu conselheiro e administrador, amigo e confidente, e que estava agora com ela em La Rochelle. Nascera nas terras do pai dela, filho de uma camponesa e de um menestrel. Desde tenra idade, mostrava grandes talentos, audácia, inteligência e bom senso. Conseguira convencer um padre local a educá-lo, e quando, na sua enorme audácia, invadira a biblioteca do velho duque, este ficara tão impressionado com a lógica, a coragem e a inteligência do rapaz, que não o tinha mandado enforcar, nem sequer açoitar, como tantas vezes fizera com outros, por crimes bem menores. Em vez disso, tornara-se patrono do rapaz. Mandara buscar os melhores tutores para ele e começara a confiar-lhe assuntos relacionados com a propriedade. Tal a honestidade e o bom senso demonstrados pelo seu jovem protegido, que o duque acabara confiando completamente nele e

tratando-o como a um filho. Ao morrer, deixara-lhe uma grande fortuna e a liberdade de sair das suas terras para tentar fazer uma fortuna ainda maior fora dali. Mas ele se recusava a sair e continuava com a duquesa, mesmo depois de ela se casar.

Esse homem, Alphonse, a quem o duque dera o sobrenome de Champagne, morava agora no hôtel de Roham, como sempre dedicado à patroa, a quem servia como conselheiro e amigo, e não como criado. Sentava-se   mesa dela, misturava-se com os seus convidados e participava de todas as conversas. Em um homem grave e respeitador, mas orgulhoso, sem nada da arrogância do homem vulgar içado a uma posi o elevada. Quando falava, as suas palavras eram tão sensatas, penetrantes e lógicas, que todos o escutavam com admira o e aten o. E, quando ele falava, a duquesa olhava para ele com um sorriso orgulhoso e indulgente, e depois, de soslaio, em volta da mesa, para as caras atentas e surpresas dos seus convidados.

Por sua vez, os rochelenses sentiam-se gratos   duquesa por essa manifesta o de tolerância e democracia, pois não tinha ela recebido, como um amigo,   sua mesa, um homem da mais baixa estirpe? E assim, partindo da ilusão de que a duquesa elevara   sua altura um pobre criado, achavam que ela tinha a maior das considera es para com os pobres e os miseráveis. A duquesa tinha a sabedoria de guardar, só para si, o que pensava, pois sabia quão

importantes eram o moral e as ilusões para que a canalha, na hora H, se comportasse como gente e não como bestas. Não obstante, poupava as suas provisões, sabendo que, no fim, ter o que comer seria um argumento mais persuasivo para a popula o do que qualquer ideal elevado.

Ela presidia   mesa, iluminada por dois gigantescos candelabros de prata dourada, e os seus convidados eram servidos nos mais finos pratos e cristais, sobre as toalhas de damasco mais delicado. S  numa coisa a duquesa era pródiga: invariavelmente, eram servidos os melhores vinhos, porque, embora estivesse disposta, por necessidade, a comer apenas pão duro e pedaços de carne velha, não bebia senão bom vinho. Sentava-se na sua cadeira alta, como uma rainha, sempre atenta ao conforto dos convidados, fazendo com que a conversa flu sse amavelmente, sorrindo, acenando com a bela cabeça e abanando-se de leve. O marquês sentava-se   sua direita.   sua esquerda ficava Cécile, bonita e radiante como toda a jovem apaixonada, vestida com os elegantes trajes com que a duquesa a presenteara. Ars ne sentava-se ao lado de Cécile. Os outros convidados, inclusive o prefeito, por quem a duquesa tinha um grande respeito, sentavam-se ao redor da mesa: as mais belas e aristocráticas damas de La Rochelle, os mais nobres dentre os aristocratas, incluindo muitos estrangeiros e Alphonse Champagne.

Por mais fatigada e triste que a duquesa pudesse estar, ela nunca cancelava um jantar, pois sabia do valor de um estímulo constante para os líderes do povo.

Nessa noite, o alemão, Conde Von Steckler, com quem Ars ne não simpatizava, discutia acirradamente com ele. Devido à dor constante que sentia pela perda de Paul de Vitry e pela morte do irmão, e também ao seu estado de espírito pessimista e deprimido, ele estava permanentemente propenso a discutir, ameaçando a toda a hora cruzar as perigosas fronteiras da cortesia e do tato. Nem mesmo a presença de Cécile conseguiu abater-lhe o jeito impetuoso, nem amaciar-lhe as palavras, embora ela lhe tocasse a mão por debaixo da toalha, de maneira súplice.

Ars ne iniciara o ataque contra o conde alemão com exagerada polidez, erguendo as sobrancelhas negras com ar irônico, para expressar a surpresa, que afirmava ser constante, de que o conde tivesse ido até La Rochelle lutar e morrer pelos franceses. Não — acrescentara, levantando a mão com um sorriso perverso — que os rochelenses e ele próprio não agradecessem um tal sacrifício, mas confessava não poder se imaginar uma posi o semelhante. Talvez por ser, antes de tudo, francês e não ter ainda chegado ao estado em que a política e os ideais fossem capazes de sobrepujar esse fato.

Von Steckler ouvira, em silêncio, mas com atenção, fixando os olhos azuis no rosto e Arsène. Sua pele, branca de leite, ficou ainda mais pálida, quase translúcida. Havia algo de heroico e tocante na sua beleza loura e grande.

Respondeu:

— Monsieur, os homens de boa vontade não têm raça. São irmãos de todos os homens. Nesta luta, que é apenas o prelúdio de outras lutas, maiores, na França, entre as forças do liberalismo e da reação, existe um símbolo. Duvidamos, todos nós, de podermos sair vitoriosos do combate que se aproxima e sabemos que a morte nos espera. Mas a vida, de outra maneira, não tem sentido para nós. Se nos rendermos sem lutar, as gerações que virão depois de nós se renderão aos tiranos e opressores de todas as épocas. Mas, lembrando-se da nossa dedicação, do nosso sacrifício, erguerão bem alto as espadas que deixarmos cair e lutarão até que a paz, a liberdade e a fraternidade triunfem.

Olhou em volta da mesa, onde a luz das velas dava a ilusão, bruxuleando sobre os rostos, de que todo mundo estava sorrindo ou fazendo uma careta. Mas todos os olhos pareciam brilhar mais e ter mais vida.

Olhou para o espanhol e para o italiano. O rosto fino do primeiro, tão inteligente e belo, tornara-se espiritual, sem nenhum traço de frivolidade. O italiano sorria, mas no fogo dos seus olhos havia a corroboração das palavras do alemão. Os franceses ouviam educadamente e com visível gratidão, mas, com exceção da duquesa, era evidente não estarem muito convencidos.

— Não posso me sentir entusiasmado — retrucou Arsène — diante da ideia de poder vir a morrer na miséria ou no exílio, para que homens que ainda não nasceram venham a lucrar com o meu sacrifício.

Ninguém, a não ser a duquesa, percebeu o olhar grave, cheio de tristeza, que Cécile deitou ao seu amado, nem a ouviu suspirar.

— Pois eu — retrucou o alemão numa voz baixa e profunda — fico entusiasmado só de pensar nisso.

Olhou para Arsène, um rubor tingindo-lhe o rosto, e disse, com voz trêmula:

— Monsieur, posso lhe perguntar, então, por que foi que veio a La Rochelle?

Arsène deitou-lhe um olhar afrontado e respondeu, friamente:

— Os rochelenses são meus patrícios. São franceses. Sou huguenote e vim para defender o meu povo.

Fez-se um súbito silêncio no salão de jantar, como se todo o mundo estivesse envergonhado. O espanhol, com um gesto gracioso,

levou o copo de vinho aos lábios e sorriu para o alemão e o italiano, como se brindando ao ideal comum.

Arsène ficou emocionado. Compreendia perfeitamente, mas a perversidade que o impelia, com base no seu sofrimento e na incerteza que sentia, fê-lo dar de ombros e sorrir.

— Confesso que, nesta luta, só vejo o cansaço das velhas guerras religiosas. Mas existe uma teimosia em mim que me leva a lutar pela minha religião, contra a daqueles a quem desprezo, pois me recuso a ser obrigado, seja por quem for, a seguir as suas convicções, a servi-los com docilidade e servilismo, ou a aceitar ordens, supersticiosas e tirânicas, destinadas a destruir a minha alma e a minha mente.. .

Parou, de repente, e corou.

A duquesa não pôde conter um sorriso, e até mesmo os convidados menos perspicazes sorriram. Mas o olhar que o alemão lhe deitou era terno e compassivo, e o espanhol e o italiano entreolharam-se, divertidos, antes de encarar Arsène com ar de aprovação.

— Monsieur — disse o alemão, no mesmo tom suave —, nós nos entendemos, não é verdade?

Embaraçado, mas ainda não disposto a dar o braço a torcer, Arsène exclamou:

— Tudo isto não passa de uma série de guerras religiosas...!

— Impossível, monsieur — disse o cònde, com alívio, coragem e companheirismo na voz. — Os termos são contraditórios. Nenhuma guerra é religiosa, e esta tampouco o é. Trata-se apenas da velha luta

entre o opressor e o oprimido, com Deus deixando a decisão nos corações daqueles que odeiam a tirania e a crueldade. Se o seu ódio não for o suficientemente forte, eles morrerão na ignomínia, com a certeza de terem atraído os seus filhos.

Mas Arsène, apesar de concordar, continuou a replicar, como um homem que, sofrendo de uma grande dor, mostra irritação para esconder o seu sofrimento. O alemão continuou a ouvir e a demonstrar compreensão. O marquês bocejou. Os outros puseram-se a conversar entre eles. O espanhol inclinou-se, amorosamente, para Gé-cile, e murmurou-lhe, junto ao ouvido:

— Como madame é bela!

A moça ficou sem jeito diante daquele galanteio e deitou a Arsène um olhar súplice, mas ele nem notou, entretido como estava na discussão. A duquesa franziu a testa. Simpatizava com Cécile que, embora não tivesse o *savoir-faire* de uma dama da corte, devido à sua origem humilde e à vida que até então levava, possuía, não obstante, uma dignidade e nobreza naturais e a boa educação instintiva de uma grande dama. Vestida de seda dourada, o colo branco visível num decote ousado, o cabelo claro e lustroso, pentea

do para o alto, em cachos e ondas, a cabeça pequena graciosamente empoleirada no pescoço esbelto e níveo, nada tinha de camponjesa. Era toda ela uma verdadeira dama.

— Não é o tipo de moça que arranja um amante pãra se consolar — pensou a duquesa. — Ah, que pena! Ela vai ter uma vida horrível com esse rapaz cheio de vida e de *càprichos*!

Mas, ao olhar para Arsène, a sua opinião sobre ele melhorava e a sua testa tornava-se menos franzida.

Assim era La Rochelle, no momento em que o Cardeal se aproximava das muralhas da cidade, com o povo cheio de esperança e determinação, liderado por estrangeiros devotados a uma causa em nome da qual não hesitavam em se deixar matar.

O marquês, após bater discretamente, entrou nos aposentos de Arsène e Cécile. Uma olhadela aos jovens confirmou o seu receio de qu 's coisas não iam bem. Cécile estava sentada diante de um espelho alto, escovando e penteando os cabelos. Vestia um robe de seda branca; ao se levantar para cumprimentar o marquês, os cabelos misturaram-se com a alvura do traje, fazendo com que ela parecesse um anjo orgulhoso e jovem.

Arsène estava de pé junto de uma janela alta, que dava para o parque às escuras, e roía nervosamente as unhas. Tinha a camisa branca aberta, deixando entrever o pescoço moreno. Voltou-se, ao ouvir o pai entrar, e recebeu o marquês com o cenho fechado e o mais completo silêncio.

Os aposentos do casal eram de uma beleza austera. Os castiçais iluminavam belas mesinhas trabalhadas, cômodas e armários antigos, e o colorido intenso dos tapetes persas. Como sempre, o marques não pôde deixar de reparar no ambiente, mas logo disse, indignado:

— A sua conversa à mesa, meu filho, não foi nada edificante. Se você tivesse visto os sorrisos, ter-se-ia calado, envergonhado.

— Isso é comigo! — exclamou Arsène, furioso.

Mas os seus olhos refletiam toda a angústia que ele sentia. O marquês olhou para a moça. Estava muito pálida, mas conservava a habitual dignidade. Será que ele já se cansou dela?, pensou, ansioso. Mas, quando viu a expressão com que ela olhava para o filho dele, a sua preocupação desapareceu. Porque, embora reservada, a expressão era de compaixão.

O marquês amava Cécile como se ele fosse seu pai. Deitou-lhe um sorriso afetuoso, ao qual ela respondeu com um olhar marejado de lágrimas. O marquês sentou-se e suspirou. Apesar do esplendor da sua indumentária, dava de repente a impressão de ter envelhecido e de estar demasiadamente cansado para sequer falar, quanto mais para viver. Seu rosto ficou cheio de rugas e ele come

çou a pestanejar, como se não visse bem. Tirou uma pitada de rapé e ficou a olhar para ele, como se estivesse vendo rapé pela primeira vez na vida. Depois, com um gesto de desespero, recolocou-o na tabaqueira esmaltada que o Cardeal tanto admirava, e voltou a guardá-la no bolso. Passou o lenço perfumado pelo nariz e suspirou de novo. Reclinou-se na cadeira e fechou os olhos.

Arsène olhou para tudo aquilo-com a-testa franzida. Depois, incapaz de manter por mais tempo o ar de desprezo, aproximou-se do pai e pousou-lhe a mão no ombro, como que a lhe pedir perdão.

O marquês não abriu os olhos, mas perguntou, com desusada doçura:

— Que há com você, meu filho?

Arsène ficou um momento calado e depois respondeu, com veemência:

— Não sei! Mas não vou escutar as suas censuras, como não dei ouvidos às de Cécile! — Acrescentou, mais calmo, mas ainda angustiado: — Tudo me parece inútil. Sinto-me deprimido, sem esperanças para La Rochelle ou para a França. Parece que todo o peso de séculos e séculos da Europa me caiu em cima. Tenho ânsias de liberdade, de ar puro, de lua, de novas aventuras e novas oportunidades, de uma terra nova, onde se possa respirar e começar do princípio!

Suspirando, o marquês abriu os olhos e encarou o filho. Seus olhos lembravam carvões extintos, dos quais não podia sair mais nenhuma brasa. Eram os olhos de um velho, que já vira muita maldade, muita malícia e muita frivolidade, e cuja alma acabara se desintegrando. Mas ficou mais confortado ao ver que Cécile se aproximara de Arsène, e que embora este olhasse para o pai com desespero, ele passara o braço à volta dela e a puxara para junto de si, enquanto ela o abraçava como se fosse uma mãe consoladora.

— Onde fica essa terra? — perguntou o marquês, num murmúrio. — Quer me dizer?

— Não fica na Europa! — exclamou Arsène, passando febrilmente a mão pelos longos cabelos pretos.

— Eu não sinto mais vontade de conhecer terras novas, ou Arcádias — murmurou o marquês, com ar exausto. — Mas, também, já não sou jovem,

— Estou cansado de filosofias, discussões e argumentação — disse Arsène, como se não tivesse ouvido.

Ficou novamente excitado.

— Anseio por ação, mas não nos velhos campos de batalha, entre as ruínas poeirentas de cidades onde os homens tenham filosofado, discutido e argumentado, através das épocas. — Abriu.

os braços, exaltado. — Preciso ser livre! De que adianta lutar nesta terra velha?

Ninguém lhe respondeu, mas ele acabou se virando e beijando apaixonadamente a testa de Cécile, que lhe lançou um olhar eloquente e cheio de compreensão.

O marquês parecia mergulhado num devaneio.- Olhou para o filho, e o seu olhar se iluminou com um novo fogo. Murmurou uma ou duas vezes, abanou a cabeça, e os seus olhos brilharam de novo.

— A luta nunca terminará, neste velho mundo — disse Arsène, elevando a voz.

O marquês parecia não ter ouvido, mas continuou a olhar para o filho da mesma maneira estranha. Finalmente, como se tivesse tomado uma decisão, levantou-se e colocou uma mão no braço de Arsène e a outra no de Cécile. A jovem olhou para ele através das lágrimas, mas sorriu ligeiramente.

Depois, sem mais palavras, o marquês fez uma reverência para Cécile e saiu.

Arsène deixou-se novamente levar pelo desânimo, e Cécile beijou-o com compreensão e compaixão.

— Que é que eu lhe posso dizer? — perguntou Arsène; por fim, em tom melancólico. — Como posso dizer a meu pai que tenho de partir, que não posso ficar na França, na Europa, quando esta tragédia terminar? Ele é um velho. Desistiu do mundo, da vida que tinha por mim. Enfrentaria todos os perigos e a própria morte, como está enfrentando agora. Mas eu não posso expô-lo a isso.

— Ele compreenderia — disse Cécile, alisando-lhe a testa franzida. — É incrível como os velhos compreendem. E perdoam.

Arsène pensou em Clarisse, sua esposa, e o seu rosto tornou-se ainda mais sombrio. Para que Cécile não reparasse, virou-se de costas.

— Temos que fazer o que pudermos — disse Cécile, naquela sua voz baixa e severa, que havia meses ele não ouvia. — E, depois, temos que confiar em Deus.

Ele sorriu de leve, como se estivesse ouvindo uma criança falar. Sentia raiva dela por tê-la ferido tão profundamente.

— Em Deus! — exclamou ele. — Nenhum deus, criado pelos homens, poderia suportar o espetáculo de tantos séculos de crueldade e morte, ódios, perseguições e torturas! Somos forçados a crer que Deus é tão monstruoso quanto o homem, ou que morreu, ou nunca existiu.

Não sé deixou consolar. Sabia que estava impondo um grande fardo a Cécile, com os seus transportes, mas uma estranha morbi

dez não lhe permitia pedir perdão. Quando se voltou de novo para a jovem, viu que ela já não estava ali.

Que foi que eu fiz?, pensou, desesperado. Não há fortaleza de ânimo em mim. Não existe um propósito firme. Deixo-me levar por qualquer vento mais forte.

Isso o marquês sabia. Para Arsène enfrentar o futuro, teria de ser empurrado pelas mãos daqueles que o amavam. Por isso, depois de ter saído dos aposentos do filho e de Cécile, dirigiu-se aos da duquesa.

A velha dama estava calmamente sentada diante do fogo, meditando. Olhou para o amigo e, ao ver-lhe a expressão preocupada, mandou saírem as damas de companhia e convidou-o a sentar-se. O marquês instalou-se numa poltrona, gemendo baixo como se, de repente, sentisse todo o peso da idade. Encararam-se em silêncio, até que o marquês disse, com voz hesitante:

— Vim dos aposentos de Arsène. Meu filho está doente, com uma doença roendo-lhe o coração. Talvez madame já tenha observado issô.

A duquesa sorriu levemente e os seus lábios se contorceram.

— E se Arsène fosse um poltrão? Mas, claro, sabemos que não é. Um homem como ele não deveria amar, só que é justamente esse tipo de homem que mais ama. Tenho-o observado.

Fez uma pausa e continuou, pensativa:

— Nós dois não temos senão o nosso orgulho. Isso é porque somos velhos. Mas o que têm os jovens a ver com esse orgulho, eles, que têm o coração quente e o sangue correndo, célere, nas veias? O orgulho e o amor é que estão destruindo Arsène. Você, meu amigo, e a jovem Cécile interferem com a ideia que ele tem, e ele teme por ambos.

— Se ele teme por mim, é um idiota — retrucou o marquês, com humildade. — Cada homem escolhe o caminho mais fácil e menos doloroso. Eu escolhi esse caminho, mas não posso obrigar Arsène a compreender isso. Ele acha que eu me sacrifiquei por sua causa. Não entende que o que eu abandonei valia menos do que o que ganhei, ao segui-lo. Mas, perdeu\ Ele não deve ser culpado. Toda a minha vida parecia indicar o contrário.

A duquesa apertou os lábios, como para esconder um sorriso.

— Não pode convencê-lo de que você foi movido pelos motivos mais nobres?

O marquês percebeu as tentativas que ela fazia para não sorrir. Ele próprio sorriu.

— Morbleu, madame! Como você é cruel!

— Perdoe-me — disse ela.

E ficou olhando para as mãos, cheias de anéis.

O marquês inclinou-se para ela, com uma careta de dor. Ultimamente, as costas doíam-lhe ao menor movimento.

— Esta noite, ele me falou muito excitado numa terra nova, como se alguma coisa misteriosa o impedisse de alcançá-la. Juro que não entendo este meu filho!

A duquesa levantou a cabeça com expressão alerta.

— Ah, uma terra nova! Entendo. Também já pensei nisso, para os que ainda são jovens e fortes. Muitos dentre nós vão ter que fugir da França e da Europa.

Acrescentou, impaciente, vendo o marquês olhar para ela sem compreender:

— Estou me referindo à América.

Se ela tivesse dito “à lua” o marquês não teria ficado mais espantado. Agora ele percebia que, no fundo do seu coração, sempre achara que La Rochelle fosse algo passageiro, que Arsène acabaria, no futuro, por voltar a viver na França. Mas as palavras de duquesa cortaram-lhe esse sonho. Percebeu que Arsène podia nunca mais voltar. A princípio, não pôde suportar essa ideia. Nunca pensara em nada que não dissesse respeito à França, e jamais pensara na América senão como um lugar deserto e horrível, do outro lado do mundo, nos confins da Terra. A ideia de Arsène fugir para um lugar desse equivalia à da morte, uma visão por demais horrível, por demais fantástica para se encaixar na realidade.

— À América! — exclamou, olhando para a amiga com ar incrédulo. — Meu filho? Arsène? Madame decerto está brincando!

— Não — disse ela com voz grave. — Não estou brincando.

O brilho dos seus olhos era mais intenso do que o das suas joias.

— Não vê que este é um mundo velho, sem esperança para os jovens? Não compreende que os velhos estão impedindo os filhos e os netos de fugir deste mundo cheio de corrupção?

Seu rosto iluminou-se, ao olhar para ele.

— Não percebe que é a isso que Arsène se refere, que essa é a causa da sua tristeza e do seu frenesi? Ele está farto de tudo isso. Não pode continuar a prendê-lo por mais tempo.

O rosto do marquês ficou mais fino e pálido do que nunca. Abanou a cabeça, atônito. Por fim, murmurou:

— Mas a América! Uma terra selvagem, inexplorada, terrível, o último refúgio dos criminosos e dos perseguidos... Madame, como é possível meu filho sonhar com essa terra?

A expressão dela suavizou-se.

— Meu bom amigo, terá que se sacrificar pela última vez.

Capítulo LIV

O Cardeal estava acampado para além das estradas de acesso à cidade. Durante a noite, os defensores de La Rochelle ouviam, do alto das suas torres e muralhas, o som distante de risadas, música e clarins. Distinguiam até mesmo os estandartes vermelhos, a fumaça do acampamento. O exército que os cercava era bem um símbolo de decadência, frivolidade e crueldade.

Os rochelenses começaram a sentir medo. Não se ouviam mais risadas, não havia mais alegria na cidade. O medo misturava-se com o sol e os ventos. À medida que o clima de festa aumentava entre os sitiados, mais esfriava o ânimo dos sitiados.

À cidade parecia acostumada ao estado de sítio. Semanas se passaram. A princípio, os combates eram poucos. Os sitiados contentavam-se em não deixar que ninguém entrasse na cidade.

De hora em hora, com desespero crescente, as sentinelas, nas torres, olhavam para o mar, à espera de ver chegarem os ingleses. Mas o mar continuava vazio, cheio de sol, calmo ou tempestuoso

— mas vazio. Não chegariam socorros para aqueles que representavam o espírito da Reforma na

França? Iria Deus abandoná-los aos seus desumanos inimigos, como abandonara os huguenotes à fúria dos católicos, na Noite de São Bartolomeu? A história estava cheia de exemplos de abandono. Não havia promessa de que agora fosse diferente, de que o cerco não acabasse em chamas, na forca, em ruas juncadas de cadáveres, dentro das muralhas da cidade, em morte horrível nas mãos dos padres sedentos de sangue.

Fora da França, as guerras religiosas sucediam-se. Os rochelenses sabiam disso, mas não tiravam nenhum consolo pelo fato de toda a Europa estar se destruindo em nome de Deus, de Cristo, da Virgem Maria e de um sem-número de santos e santas. Preferiam que os olhos do mundo se voltassem somente para eles, para que o seu próprio sofrimento tivesse alguma grandeza e a simpatia dos seus correligionários, para que a ajuda chegasse antes que o molhe estrangulasse a cidade. Em vez disso, porém, La Rochelle era apenas uma gota d'água num oceano de agitações.

O povo temia pelos seus corpos. Mas os líderes, tanto os franceses como os estrangeiros, temiam pelas suas almas, pelos seus intelectos e pelos seus ideais.

— Sempre foi e será assim — comentou a Duquesa de Rohan.

— É só dizer ao povo que o inimigo ameaça as suas colheitas, os seus filhos, os seus vinhedos e as suas vidas, para que ele lute até'

à morte. Mas ele se dobrará imediatamente à vontade do inimigo, se este prometer poupar-lhe a vida, os vinhedos e as colheitas. — E acrescentou, com amargura: — No fim, vamos ter que depender dos ventres do vulgo para garantir a existência da alma.

- Assim, quando o povo começou a se queixar, apavorado, de que os alimentos escasseavam, ela abriu os seus enormes porões para o sombrio prefeito, dizendo-lhe que tirasse o que quisesse para distribuir entre o povo. Fez o mesmo com os amigos.

— Guardem os seus vinhos e os seus presuntos — disselhes — e preparem-se para entregar as coisas sagradas.

Não obstante, viu, com desdém e tristeza, as pessoas Ierem, temerosas, os panfletos redigidos por Padre Joseph, o terrível capuchinho, e trazidos para La Rochelle por traidores reais e potenciais.

“Capitulem”, diziam os panfletos. “Se se entregarem, hoje, podem contar com a misericórdia e o perdão de Sua Majestade, e tudo o que é seu, as suas casas, as suas lojas e propriedades continuarão lhes pertencendo. São os seus líderes; é o seu prefeito, são os odiosos estrangeiros, ansiosos por destruir a França, e os traidores, que assistirão à sua morte, à sua fome e ao seu castigo com olhares cínicos.”

Outros panfletos diziam:

“Vocês passam fome, mas os porões dos seus líderes estão cheios até o teto, e se regalam bebendo e comendo, enquanto vocês morrem de fome!”

Outros panfletos, apelando para as mais baixas emoções da população, descreviam minuciosamente os castigos, os confiscos e os enforcamentos que cairiam sobre os rochelenses, se se mostrassem obstinados. Outros ainda, baseando-se no ódio bestial que se esconde no fundo de cada homem, perguntavam:

“Quem são os seus líderes? Um alemão inimigo mortal da França, irmão e sabujo da Inglaterra! Um espanhol, natural de uma nação que olha cobiçadamente para a França! Um italiano, súdito de uma nação famosa pelas trapaças, pela falta de caráter e pelos assassinos! Um prefeito, cuja avó era judia! Uma duquesa da Casa de Rohan, que despreza abertamente os pobres e os oprimidos! Um nobre, Arsène de Richepin, que recentemente perpetrou um dos mais abomináveis crimes da história, ao enforçar três líderes do povo, em Chantilly, como vingança pela morte de outro opressor! Homens de La Rochelle! Entreguem esses traidores, esses espoliadores, abram as portas da sua cidade aos seus amigos e libertadores, que vocês só receberão amor e clemência dos seus irmãos franceses!”

— Sem dúvida — disse o alemão, Conde Von Steckler; para a duquesa —• o povo vai rir dessas mentiras.

Porque ele era um idealista, que julgava os homens tão devotados e fiéis a uma causa quanto ele próprio.

Mas o espanhol e o italiano, mais sutis, mais cínicos, mais realistas, ergueram as sobrancelhas e sorriram ironicamente.

— Não, não vai rir — retrucou a duquesa. — O homem superior ri das mentiras, mesmo quando está passando fome, mas os inferiores só riem quando estão cheios de comida.

Propositadamente, os panfletos não faziam qualquer referência à questão religiosa, e nem sequer falavam em Deus. Apenas enfatizavam a mentira de que “os estrangeiros e os poderosos” estavam usando os pobres e ingênuos rochelenses para os seus próprios e sinistros fins, que eram colocar franceses contra franceses, até conseguir destruir a nação.

Numa coisa a duquesa se enganava: não era só a população que se estava deixando convencer. Entre os ricos proprietários de La Rochelle, traçavam-se, furtivamente, planos de traição. Sabiam que, mesmo que a cidade conseguisse resistir ao cerco, suas terras, suas propriedades em outras partes da França seriam confiscadas, como revanche. Que lucrariam, saíssem eles vitoriosos ou vencidos? Começaram a falar num “acordo” e a argumentar, com ar nobre e digno, por que não seria possível aos franceses, tanto católicos como huguenotes, viver em paz e harmonia? Quem tinha começado a jogá-los uns contra os outros?

A fome começava a rondar o povo, apesar dos mais honrados abrirem as portas dos seus celeiros, de vez que os outros, entregues às suas maquinações e pensando em trair a causa de La Rochelle, mantinham as suas despensas trancadas. O pior aconteceu quando, durante uma escaramuça nos arredores da cidade, o primo do Padre Joseph, Feuquières, homem muito ligado ao catolicismo e ao Rei, foi capturado pelos huguenotes. Não se sabia como esse Feuquières conseguira fazer com que as melhores comidas lhe fossem enviadas diretamente da mesa de Sua Majestade, sob a proteção de uma bandeira branca. Os carcereiros que as receberam mostraram-se muito cordiais com os homens do Rei e, depois que as bandejas e os cestos carregados foram entregues a obsequiosos lacaios do lado de dentro das muralhas, os carcereiros ficaram conversando, amistosamente, com os soldados e oficiais católicos.

•— Nunca um cerco saiu vitorioso sem a ajuda dos sitiados — disse a duquesa.

Mas não tinha poderes para punir os traidores, e o prefeito, desiludido, não ousava fazê-lo.

Agora, o dique, fora do alcance dos tiros de canhão, já quase

fechava o porto. Sete milhas de trincheiras cercavam La Rochelle pelo lado de terra, com um total de doze fortes. Do alto das suas torres, os rochelenses assistiam a todos aqueles calmos preparativos, nos quais havia algo de desumano e ameaçador. Enquanto eles passavam fome, viam os sitiados bem vestidos, bem alimentados e alegres. O inverno chegou, trazendo ventos violentos, vindos do mar, e uma chuva que parecia feita de agulhas de gelo. As casas, nas ruas estreitas e empedradas, estavam gélidas. A chuva açoitava as vidraças e transformava-as em espessas camadas de cristal.

Enquanto isso, eles continuavam à espera dos ingleses, que viriam socorrê-los.

Entrementes, a traição e as conspirações grassavam dentro e fora dos muros da cidade. Agentes, tanto católicos quanto huguenotes, atravessavam, de maneira secreta, as muralhas. Padre Joseph era quem os recebia, quem lhes dava instruções, quem lhes pagava o preço da perfídia. Depois, entregava-se a orações intermináveis.

Havia, porém, algumas dificuldades. O Cardeal parecia não estar nada entusiasmado com aquele cerco. Fazia muitos comentários sarcásticos a respeito, e muitas vezes bocejava na cara do seu velho

amigo. Quando o capuchinho iniciava uma diatribe contra os huguenotes, dizendo que a cidade simbolizava a luta entre a cultura e a paz católicas na Europa e as forças da heresia, da confusão e da guerra, para não falar no pior, que era a blasfêmia, o Cardeal fitava-o com os seus olhos de tigre e um breve sorriso nos lábios frágeis e finos. Quando isso acontecia, a exaustão e o desânimo tomavam conta do capuchinho, levando-o à beira das lágrimas.

Por sua vez, o Rei mostrava-se horrivelmente entediado com tudo aquilo. Ansiava por voltar a Paris, onde podia ficar a sós com os seus sombrios pensamentos. Nem sequer se dava ao trabalho de fingir entusiasmo. Olhava para as tropas com ar desânimo, ouvia o que o capuchinho dizia, e as rugas em volta da sua boca endureciam. Às vezes, invadia os aposentos do Cardeal e se queixava de mil e uma coisas triviais, enquanto Richelieu escutava, abafando um bocejo e brincando com a cruz que trazia ao peito. Quanto à Rainha, havia muito regressado a Paris, pretextando indisposição, que o Rei esperava fosse indício de um herdeiro. Com a partida dela, o Cardeal sentira-se completamente entediado.

Viviam em relativo conforto. Tinham sido instaladas mesas de jogo. Mas, para além das tendas e das barracas do acampamento, - estendiam-se, a perder de vista, os pântanos, cobertos de neblina sob as estrelas e o pálido luar. Todos evitavam, ao máximo, olhar para eles. Jantavam e comiam prodigamente, exceto o Padre Joseph, que se alimentava apenas de pão seco e água dos regos. Sem nunca ter sido um gourmet decadente, penitenciava-se cada vez mais, como

se para compensar o trem de vida luxuoso dos sitiantes. As risadas dos soldados afrontavam-no. Não pareciam imbuídos de ardor ou entusiasmo. Falavam em saquear a cidade e no muito que se iam divertir com as rochelenses, quando eles se rendessem.

Apesar de não parecer, o Cardeal estava muito preocupado. Sabia que, entre os nobres católicos da sua comitiva, havia homens astutos, para quem uma forte minoria protestante na França era uma garantia de que o poder do Rei não seria absoluto, porque, se o absolutismo triunfasse, o próprio poder que detinham dentro das suas terras e províncias seria ameaçado. Sabia também que, de uma maneira misteriosa, haviam sido contrabandeadas provisões para La Rochelle, e ele não precisava perguntar de onde elas tinham vindo.

O desejo do Rei de voltar a Paris crescia a cada dia que passava. Isso alarmava o Cardeal. A Rainha-Mãe, à semelhança de uma aranha-negra, esperava aprisionar o Rei, subtraindo-o à influência de Richelieu e recuperando o poder que o Cardeal lhe tirara. Era só o Rei regressar a Paris para que a obra de muitos anos se desfizesse. Ele sabia que, na sua ausência, a Rainha-Mãe daria ouvidos a descontentes e inimigos, cujo maior desejo era destruí-lo.

Por fim, o Rei despediu-se abruptamente de Richelieu e regressou a Paris. Prometeu voltar quando o inverno tivesse passado, mas era uma promessa em que o Cardeal não podia fazer fé. Teria ido atrás do soberano, tal a sua preocupação, se não fosse a presença do Padre Joseph. Diante dos olhos terríveis do capuchinho, ele não ousava demonstrar o medo que sentia. Sua única esperança residia na reiterada opinião dos seus conselheiros, de que La Rochelle não podia ser tomada. Costumava chamar o capuchinho para ouvir o que eles diziam, esperando que o terrível monge se convencesse.

Mas Padre Joseph olhava para o Cardeal e seus conselheiros, e dizia, em voz alta e veemente:

— Pode ser tomada, sim! Para Deus, nada é inexpugnável! Não desistiremos.

O Cardeal sorria e dava de ombros, mas por dentro gemia. Pela primeira vez na vida, sentia vontade de mandar o amigo para o inferno. Mas a vergonha impedia-o de anunciar que a cidade não podia ser tomada e de voltar mais que depressa a Paris. Pôs-se a amaldiçoar a Rainha, que fizera com que ele, Richelieu, ficasse à mercê de uma miserável espanhola, a cuja carne não fora capaz de resistir. Meditava frequentemente na vulnerabilidade do homem diante da mulher, mas a obscenidade repugnava-lhe. O antigo espanto e desprezo que sentia pela própria fraqueza transformaram-se em repugnância por si

mesmo, por se ter deixado apanhar na mais primitiva das armadilhas. A confiança em si próprio diminuiu. Quem lhe garantia que o seu corpo não voltaria a traí-lo? Podia exercer

domínio sobre os seus padecimentos, mas não sobre os desejos da carne. Isso o colocava em pé de igualdade com o resto da humanidade, que tanto detestava.

Começou a sentir pena dos rochelenses. Sentia-se irmão deles. Fora arrastado por uma mulher da mesma forma que eles haviam, se bem que indiretamente, sido traídos por ela. Via a si mesmo e a eles como vítimas de uma espanhola tonta. Quantos mundos, quantas mortes não tinham sido enterrados nos corpos de mulheres estúpidas? Enfurecia-o pensar que era tão fraco, tão desprezível a ponto de tomar parte na conspiração universal para depois cair vítima dela.

O seu respeito e a sua admiração pelos rochelenses aumentaram ainda mais. Pensou no prefeito, na duquesa, em Arsène e nos demais com surpresa e prazer. Que ideal os sustentava? Ele não tinha ideais e sempre os achava ridículos nos outros, afetações pretensiosas de imbecis ou intrigantes. Entretanto, o idealismo parecia sustentar os rochelenses. Aquilo chocava-o. Existiriam realmente homens para quem uma filosofia representasse a razão de viver? Sabia que os rochelenses tinham recebido promessas de clemência, portanto não era o medo que os mantinha obstinadamente dentro das muralhas da cidade. Sabia que eles compreendiam que uma resistência prolongada só lhes poderia trazer terríveis consequências. Não obstante, preferiam passar fome e até mesmo morrer, a se render. Pela primeira vez na sua vida, sentia um princípio de respeito por algum elemento da natureza humana que lhe era estranho.

Através do capuchinho e de outros como ele, sabia que havia na religião uma espécie de ópio que embriagava as pessoas, tornando-as insensíveis ao sofrimento. Mas os rochelenses não possuíam essa espécie de religião. O protestantismo, para a maioria dos huguenotes, era algo mais ligado à lógica e à razão, ao pensamento liberal, do que ao êxtase religioso. E a lógica e a razão eram geralmente as primeiras a sucumbir a um ataque, apesar do seu alegado poder. O que era, então, que os sustentava?

Quando lhe ocorreu que certos homens podiam estar dispostos a morrer pelo direito de pensar e agir como queriam, que podia haver certa forma de orgulho, num punhado de homens que se recusavam a se deixar escravizar pelas ideias dos outros e exigiam liberdade, respeito e tratamento honroso não só para eles mesmos, mas também para outros que não se importavam com isso, ficou perplexo. Não era possível, pensou, afastando a ideia. Sem a embriaguez da religião e da superstição, nenhum homem podia ter a fortaleza de ânimo necessária para acreditar que a liberdade era o mais precioso bem da humanidade, a ponto de morrer por ela.

Como era possível um homem pensar assim, sem estar drogado, fa-natizado pela religião?

A prova estava diante dele, atrás daquelas muralhas, que guardavam, desafiantes, a cidade exausta e esfomeada. Apesar dos traidores, dos egoístas, dos oportunistas, havia muitos rochelenses para quem os direitos do homem eram a coisa mais sagrada do mundo, independentemente das igrejas, dos altares, dos santos e de um Deus distante. Estava cada vez mais espantado. Aquilo vinha aba-lar-lhe as convicções de toda uma vida. Não combinava com a sua experiência dos homens, adquirida ao longo de anos e anos de amargas decepções. Era forçado a acreditar que alguns homens estavam acima das bestas, acima do amor de si mesmos, e essa ideia humilhava-o.

Jurou que, se La Rochelle acabasse caindo, trataria os vencidos com toda a cortesia e admiração, como se fossem criaturas estranhas, que ele desejasse conhecer melhor, a fim de aprimorar o seu conhecimento da humanidade.

Muitos homens tinham matado e sido mortos em nome da religião, do fanatismo. Tinham sido criaturas drogadas, destituídas de qualquer capacidade de raciocínio. Mas quantos haviam morrido por amar os outros homens e querer para eles a mesma liberdade e a mesma capacidade de pensar, o mesmo direito de viver em paz e de ter acesso ao conhecimento, que exigiam para si mesmos? Tão poucos!

Pouquíssimos! Aqui e ali, um Sócrates surgia, como um pilar de luz no deserto negro da história, juncada das ruínas daqueles que haviam odiado em nome de deuses mortos ou esquecidos.

Mas esses pilares não tinham caído do céu. Tinham sido erguidos por um sem-número de mãos empoeiradas, saído da lama na qual toda a humanidade se debatia.

Agora, ele desejava ardentemente que os rochelenses resistissem até a morte. Acaso ele deveria recuar? Não, não recuaria! Observaria o milagre até o fim. Talvez, então, a doença que lhe roía a carne e a alma o deixasse, e ele ousasse acreditar que nem todos os homens eram vis. Porque precisava acreditar nisso. Se perdesse essa derradeira ilusão, o resto da sua vida se escoaria em morte e sangue, ódio, fúria e loucura.

Ele, que nunca orava senão diante de um altar, ante uma multidão, deu consigo rezando para que os rochelenses preferissem a morte a se render à superstição e à escravidão religiosa e intelectual. E a quem orava ele, se não acreditava em Deus? Não saberia dizer, mas tinha a impressão de que era a um espírito universal, que tivesse mil faces sem possuir nenhuma.

Capítulo LV

O inverno foi aos poucos passando. As condições, dentro dos muros, eram terríveis, mas ainda não desesperadoras. Os aristocratas, os líderes eram quem mais sofriam, mas suportavam tudo com ânimo forte e em silêncio. A sua coragem ainda intimidava o povo, que sentia vergonha de se queixar.

Até que, um belo dia, em que as brisas primaveris já sopravam, e os campos, para além das torres e das muralhas, verdejavam e brilhavam como esmeraldas, e as gaivotas esvoaçavam sobre o porto, o sol batendo-lhes nas asas, um grito de alegria brotou do coração de quantos olhavam para o mar.

Porque, a distância, já se distinguiam as velas brancas dos ingleses, aproximando-se da cidade sitiada. Eram cinquenta naus go todo, fortes e serenas, parecendo tocar as nuvens que flutuavam no céu intenso, lançando sombras sobre o mar opalescente. As gaivotas rodopiavam sobre elas como se fossem mensageiras celestes. Eram capitaneadas por Denbigh, cunhado do assassinado Buckingham.

Da população de mais de vinte e cinco mil habitantes de La Rochelle, dez mil, dentre os fracos, os velhos, as mulheres e as crianças, tinham morrido de fome, miséria e doença. Os ventos e as tempestades do inverno, a fome e o desespero haviam pairado sobre as ruas, qual fog venenoso, sufocando e matando. A dor e a agonia tinham entrada em todas as casas. Mas, com a chegada dos ingleses — dos benditos ingleses! —, a alegria voltava e as ruas se enchiam de multidões que cantavam, choravam e comemoravam. Finalmente, iam ser salvos! As tropas, os padres e os malditos católicos assassinos iam ser expulsos, postos para correr! Deus os ouvira.

Milhares de rochelenses acorreram às muralhas, quais aves esqueléticas. Milhares de rostos famintos, radiantes de alegria, voltaram-se para o mar. A esquadra inglesa aproximava-se, inexorável. De repente, as naus deram a impressão de ter parado, formando como que uma barreira perto do porto, o sol poente avermelhando-lhes as velas, cintilando nos metais e nas quilhas molhadas e reluzentes. Bandeiras triunfantes tremulavam ao vento. Mas, embora enchessem o mar, as naus não avançavam.

— Amanhã — disseram os rochelenses — elas vão atacar e nos salvar.

Foram deitar-se, roídos por uma fome terrível, mas com novo ânimo.

As sentinelas permaneceram toda a noite nos seus postos, olhos

fixos nos navios. Do alto das suas torres e dos seus postos de observação, podiam ouvir o que se passava a bordo, o vento sibilando por entre os velames, o ranger das quilhas ao sabor das ondas, o guinchar das cordas e as notas estridentes dos clarins.

A noite foi avançando. De repente, as luzes a bordo se apagaram. Ou seriam os seus olhos, cansados de tanto olhar para o mar, que já não as distinguiam? No oceano reinava agora a escuridão, profunda e sufocante. Não se ouvia o menor som. Ninguém ousava falar, com o vizinho, do que via, para não assustá-

lo. Não seria possível que os ingleses — os espertos e imprevisíveis ingleses — tivessem apagado as luzes para melhor esconder a sua aproximação do porto? Entre a curva do porto e o molhe, o espaço era pouco. Tinham de se esgueirar por ele, sem serem vistos. Ao romper do dia, estariam dentro do porto, teriam atravessado o dique!

Á aurora chegou, cinzenta e irreal como um sonho. E então as sentinelas viram que o mar estava vazio. Os ingleses tinham fugido.

Ninguém falou. Ninguém olhou para o vizinho, mas todos voltaram para o mar os olhos mortos. Ninguém perguntou nada, ninguém quis saber se os ingleses teriam achado impossível entrar no porto. Bastava-lhes que tivessem partido, que La Rochelle estivesse condenada, que os ingleses houvessem carregado com eles toda a coragem, toda a fé e a esperança dos franceses, de todo um continente de homens dedicados e heroicos. Tinham levado com eles as bandeiras da paz e da liberdade. Um mundo naufragara na esteira das suas naus em retirada. Durante um sem-número de gerações, durante séculos, esse mundo ficaria submerso; suas luzes, apagadas; suas bandeiras, perdidas; seus espíritos mais valentes, mudos e adormecidos. Tinham levado com eles toda a razão, toda a esperança de salvação, todos os fantasmas dos homens que haviam morrido, no decorrer dos séculos, para que outros homens pudessem ser livres. Tinham levado as sombras de Lutero, de Huss, de Erasmo, de Knox e de Calvino, e essas sombras estavam agora mudas e chorando. As bandeiras da liberdade tinham desaparecido, e restava apenas a aurora escarlate, pressagiando milhares e milhares de auroras de escravidão e morte, sangue, ódio e fúria.

Não foi preciso que as sentinelas descessem e informassem a cidade do que acontecera. Imóveis como estátuas de neve, todos os rochelenses adivinharam.

Nenhum som vinha das ruas e das casas. Não se ouviam sequer uma palavra, nenhum grito de desespero ou acusação. Apenas o olhar de rostos mortos, o toque imperceptível de mãos moribundas.

O cerco continuou. As pessoas caíam mortas nas ruas. As crianças que choravam, pedindo comida, eram de repente silenciadas pela morte misericordiosa. Chegaram as tempestades de priúria— vera, açoitando a cidade deserta e emudecida. Multidões entravam nas igrejas, mas não conseguiam rezar, apenas ajoelhar-se, as cabeças inclinadas, as mãos pendentes, os olhos fixos nas lajes do chão.

A velha duquesa, indômita como sempre, mas com o rosto emaciado e cinzento, mandou chamar o prefeito. Recebeu-o sentada diante da lareira vazia e encarou-o com olhos que ainda luziam.

— Meu caro Guiton — disselhe, numa voz clara, mas já muito fraca —, precisamos fazer algo pelas crianças, pelas mulheres mais enfraquecidas.

Ele inclinou a cabeça. Quase não podia falar, tal a fome que sentia.

— Abra as portas o suficiente para deixar saírem algumas centenas. O Cardeal será misericordioso. Dar-lhes-ás de comer. Porque, no momento, a comida é mais importante do que a liberdade, para essa pobre gente.

O seu coração, sempre tão frio e duro, fora tocado, como nunca dantes, pelos sofrimentos daquele povo anônimo. Da mesma forma que Richelieu, também ela tinha sido forçada a passar em revista muitas das suas convicções.

— Vou lhes perguntar — disse o prefeito, numa voz rouca. — Talvez não queiram sair.

A duquesa sorriu amargamente.

— Vão querer, sim — afirmou.

Foi assim que, no espaço de uma semana, mais de seiscentas mulheres e crianças receberam os derradeiros beijos dos chorosos maridos e pais, e saíram pelas portas entreabertas da cidade.

O Cardeal tinha passado muito mal à noite. Dormira tarde. Nada sabia a respeito do êxodo. Mas os padres sabiam. Tinham dado as suas ordens. As mulheres e as crianças, rotas, cambaleando, meio mortas

de fome, acompanhadas dos velhos, atravessaram as portas, por entre fileiras de soldados silenciosos. As mulheres carregavam ao colo os filhos pequenos. Passaram através das fileiras de soldados, os rostos emaciados procurando um olhar de piedade, um gesto de misericórdia. Mas viram apenas homens grosseiros e brutais, empunhando espadas e mosquetes carregados.

A dolorosa procissão acabou de sair da cidade sitiada. Foram-lhes prometidos misericórdia e socorro cristão. Ah, mas os padres tinham prometido qualquer coisa em troca da rendição daquela pobre gente!

As portas fecharam-se, rangentes, sobre a procissão de mulheres e velhos esfomeados.

De repente, a um sinal dos padres, os soldados caíram sobre as centenas de mulheres, meninas, crianças e velhos, massacrando-os rápida e silenciosamente. Não derramaram muito sangue, ao tombarem, com um último suspiro, um último gemido, um último erguer de mãos esqueléticas, pois já não restava muito sangue nos seus corpos. Os cadáveres foram empilhados, como pedaços de lenha. Os bebês morreram no colo das mães, os velhos, caindo sobre as crianças, os cabelos das mulheres se embaraçando, os rostos batendo uns nos outros, corpos vazios tombando sobre outros corpos vazios, olhos abertos, fixos noutros iguais.

O sol, brilhante e alegre no seu esplendor primaveril, iluminou aquela terrível cena. Os braços dos assassinos cristãos erguiam-se e tombavam, até ficarem exaustos, e as espadas, vermelhas de sangue. Só alguns leves gemidos e suspiros e o ocasional disparo de um mosquete, quando os braços que empunhavam as espadas já não tinham mais forças, haviam quebrado a calma da manhã.

A Igreja triunfara! O Te Deum podia agora soar em cada igreja revestida de ouro! Roma tinha razão para se regozijar! Os indefesos e os inocentes, a razão e a inteligência esclarecida tinham sofrido outro golpe mortal! A maré da libertação fora forçada a recuar, uma vez mais. A era da luz continuava à espera da hora da vingança, das vozes insensatas, que diriam:

— Mas isso foi há muito tempo!

À espera da forma e da substância de homens heroicos, que sabiam que o ódio e a tirania nunca dormem, e que é preciso estar sempre alerta.

Tão logo acordou, ao meio-dia, o Cardeal foi informado do que tinha acontecido pelo Padre Joseph. Ficou como louco, fora de si, gritando como se tivesse perdido o juízo. Depois, voltou à sua calma e frieza habituais, e o capuchinho alegrou-se de ver que a razão voltara, finalmente, ao velho amigo. Ele próprio não estava nada satisfeito, com raiva por não ter sido consultado, pelo fato de os seus subordinados terem feito uma coisa daquelas sem nada lhe dizer. Não obstante, a Igreja não podia ser atacada e nem denunciada.

Uma luz estranha brilhou nos olhos do Cardeal, que o capuchinho, no seu alívio, não percebeu.

Richelieu mandou chamar os oficiais e interrogou-os com voz serena. Depois, deu as suas ordens, muito embora os comandantes, horrorizados, declarassem que os soldados tinham obedecido diretamente aos padres, sem que eles, oficiais, soubessem.

Nessa noite, após o pôr-do-sol, cem dentre os assassinos foram escolhidos e fuzilados contra as muralhas de La Rochelle. Os defensores ouviram os tiros, vingando a morte dos seus entes queridos, e pararam, por um momento, de chorar. Não sabiam que o Cardeal tinha proibido administrar a extrema-unção aos executados, que os padres estavam furiosos, em suas tendas, e que Richelieu assistira

às execuções com uma expressão terrível no rosto contorcido. Mas não se regozijou com essas mortes. Sua angústia era demasiado grande-para isso.

— Seus padres — disse o Cardeal ao Padre Joseph, num tom que nunca, até ali, usara para falar com ele — são culpados da morte de assassinados e assassinos. Não obstante, parece ser impossível castigá-los. Deixa-os, pois, cantar vitória, porque talvez não seja por muito tempo.

— Não o estou reconhecendo — disse o Padre Joseph, gravemente.

O Cardeal fitou no rosto vermelho do amigo os seus olhos inescrutáveis e replicou, calmamente:

— Você nunca me conheceu, Joseph.

A seguir, enviou o seu capitão, Bassompierre, sozinho, até as muralhas da cidade, com um recado para a duquesa.

“Choro com você, querida amiga. Não pense, nem por um momento, que aprovei ou ordenei uma coisa destas.”

A duquesa, sentada sozinha nos seus aposentos, passou a noite relendo esse bilhete. Desde criança nunca mais chorara, nem quando da morte dos seus entes queridos. Agora também não chorava, embora o seu coração fosse como uma ferida, pois já chorara demais durante todo aquele dia.

Nesse dia, atravessara lentamente as ruas desertas da cidade, na carruagem dourada. Em cada porta onde via sinais de luto, descia da carruagem e entrava, como se fosse uma humilde mulher do povo, apesar da majestade da sua diminuta figura. Não dava pêsames, não oferecia consolo piedoso, não exortava à coragem. Misturava-se com os que choravam e chorava com eles, em silêncio.

— Nada tenho para lhes dar, senão as minhas lágrimas — dizia.

Se Richelieu tivesse sabido disso, teria estremecido, lembrando-o de outra pessoa a quem não podia consolar, com quem só podia chorar.

O povo a princípio recebera-a com reserva, esperando ouvir palavras nobres e hipócritas. Mas, ao vê-la estender simplesmente a mão, as lágrimas rolando-lhe pelas faces, percebera-se de que ela sofria tanto quanto eles. Por sua vez, olhando para os rostos deles, a duquesa viu, em lugar do medo, da velhacaria e da estupidez, a coragem que só a morte pode dar, uma coragem simples e tão nobre, que lhe partia o coração e lhe inspirava a alma.

Agora, estava sentada com o bilhete do Cardeal nas mãos frias e enrugadas, olhando para a lareira apagada. O rosto altaneiro e imperioso estava agora velho e suavizado. Ouviu-se bater à porta, e Alphonse Champaigne entrou. Era um homem baixo e forte, outrora corpulento, agora muito magro. No seu rosto viam-se as marcas das lágrimas que ele derramara pela sua adorada patroa. Ajoelhou-se diante dela e pousou as mãos nos seus joelhos, numa atitude súplice.

— Madame La Duchesse — disse, na sua voz débil —, suplico-lhe que fuja, seja por mar, onde os barcos pequenos ainda estão passando, seja por terra, para junto do Cardeal, que é seu amigo. Ele a receberá com carinho. Fuja, antes que seja demasiado tarde, antes que morra conosco.

A duquesa não respondeu. A sua expressão não se alterou. Assustado, ele insistiu:

— Por que ficar aqui? Quem lhe ficará grato? A população, que não hesitaria em traí-la, para salvar a própria pele? Que a deixaria morrer de fome, para poder pôr as mãos num pedaço de pão? Que considera pessoas como madame suas inimigas naturais? Que lealdade madame espera dessa gente, a quem sempre desprezou, com justa causa? Não me diga que pretende ficar junto dessa gente!

Tão fraca ela estava, de fome e de dor, que foi com esforço quase sobre-humano que volveu a cabeça para ele e lhe disse, em tom suave, mas distraído:

— Mudei de ideia.

O homem ficou espantado. Parecia-lhe que ela não se dirigira a ele, mas a si mesma. Franziu a testa.

— Quer dizer que madame pensou em fugir? Não sabia, mas fico muito satisfeito.

Ela, porém, limitou-se a repetir:

— Mudei de ideia.

Aquilo, para ele, parecia um sacrifício heroico. Continuou sem compreender.

Mais tarde, o gordo e bem-alimentado Feuquières pediu-lhe audiência a fim de lhe apresentar condolências. Ela recebeu-o com rígida cortesia, de aristocrata para aristocrata. Mas, ao olhar para ele,

o seu rosto foi mudando, como que tomado de horror. Também ele, após ela lhe ter ouvido os sentimentos em silêncio, lhe suplicou que fugisse, que se colocasse à mercê do Cardeal.

Viu, então, uma coisa extraordinária se processar naquele rosto imperioso; aos poucos, foi-se transformando no rosto de uma velha camponesa, acostumada a trabalhar nos campos, a passar fome, a sofrer e a ter paciência. Não era mais o rosto da Duquesa de Rohan que ele tinha à sua frente.

— Por que haveria eu de fugir? — perguntou ela, e até o tom da sua voz mudou. — Meus irmãos não podem fugir.

Após um momento embaraçoso, ele se ofereceu para lhe fornecer iguarias, que lhe eram enviadas pelo Cardeal. Ao ouvir isso, os olhos dela brilharam.

— Traga-me o que puder — disse. — O meu povo está morrendo de fome.

Ele não tomou aquilo como afronta, pois vira o rosto dela. Três vezes ao dia, enormes cestas de comida eram levadas ao hotel de Rohan, mas a duquesa pouco tirava para si. O resto era distribuído entre o povo. O Cardeal comentou com o Padre Joseph que Feuquières parecia ter um apetite insaciável, nos últimos tempos.

— Talvez por compensação — disse — pede comida para dez homens.

Mas, à medida que o verão descambava outra vez no outono, dezenas, centenas de rochelenses foram morrendo de fome e doença nas ruas e casas da cidade. Todos os animais, burros, cães, gatos, cavalos, pombos, havia muito tinham sido devorados. As pessoas comiam ratos quando conseguiam pegá-los. Despiam as árvores das suas folhas. Arrancavam a grama que crescia nas praças, entre as pedras das ruas. Cozinham couro, arreios, cintos e sapatos. Procuravam o que comer em meio ao lixo.

Se possível, os membros da casa da duquesa, e os seus amigos, comiam ainda menos do que o resto do povo. Sofriam horivelmente, mas não se queixavam, como acontecia com as pessoas mais simples. Comiam com ela, à sua mesa, na sua baixela de prata, ensopados de grama, folhas e ratazanas, sempre muito bem trajados, com maneiras impecáveis e os mesmos ditos espirituosos de sempre. Nunca os comentários e epigramas da duquesa tinham sido tão cheios de espírito, pois em suas veias corria o velho sangue dos Lusignans. O povo era corajoso, mas reclamava. A duquesa e seus amigos eram corajosos, mas nunca se queixavam. Demasiado fracos para rir, sorriam apenas. Seus corpos podiam estar tão emaciados, que os belos trajes davam a impressão de pender de cabides. Suas vozes podiam não conseguir se elevar acima de um murmúrio. Mas continuavam de moral alto, mesmo que não pudessem responder aos comentários da duquesa senão com um brilhar dos olhos mortiços.

Agora, só metade dos cidadãos de La Rochelle permanecia viva. A duquesa ia visitá-los a pé. Seus cavalos tinham sido devorados pelo povo; seus arreios, idem. Ela caminhava orgulhosamente, mesmo tendo de se apoiar às paredes para não cair. Nunca deixava de visitá-los. E, embora já não tivesse sorrisos para os amigos, tinha-os ainda para a sua gente.

— Podemos morrer — dizia ela para a criadagem — mas o mundo nunca esquecerá este cerco. Vai se recordar para sempre do inimigo e saberá se defender dele.

Novos panfletos eram distribuídos entre os rochelenses pelos católicos, agora com uma nota de desespero.

“Franceses!”, imploravam. “Rendam-se. Estamos sofrendo por sua causa. O massacre dos seus inocentes foi obra de assassinos, já castigados pelas nossas próprias mãos. Isso não voltará a acontecer. Abram as portas para o nosso pão, para a nossa carne e no nosso vinho, para os seus amigos. Juramos, por tudo quanto há de mais sagrado, que serão tratados como irmãos e nada lhes será tirado, e sim dado.”

A duquesa leu aqueles panfletos com o coração pesado e o cenho carregado. Andando pelo meio do povo, sentiu que não poderia culpá-lo se ele cedesse, se desejasse capitular. Mas, para seu espanto, via apenas força de ânimo, e uma decisão inabalável, naqueles rostos esqueléticos. Tocavam-lhe os vestidos,

aqueles semi-mortos, e olhavam para ela humildemente. Ela voltou para o seu palácio e, soluçando, caiu de joelhos, a cabeça branca contra o belo tapete.

— Perdoem-me! — murmurou.

Mas os que a ouviram, num silêncio perplexo, não compreenderam por que razão ela pedia perdão.

Capítulo LVI

Para alguém com o temperamento ativo e ardente de Arsène, a lenta tortura da cidade sitiada resultava em desespero e numa espécie de inércia forçada. Embora ele fosse agora o líder reconhecido de La Rochelle, era obrigado a ouvir com atenção as queixas e sugestões que lhe faziam. Aos poucos, foi ganhando ódio e aversão até dos amigos e olhava para os seus rostos emaciados e exaustos com repulsa. Desprezava a paciência que eles mostravam, mas até nesse desprezo havia cansaço e indiferença.

Certa vez, a duquesa dissera-lhe, em tom de censura, depois de uma tirada rebelde e incoerente da parte dele:

— Que nos aconselha a fazer? Sair por aí atacando o Cardeal? Logo nós, que estamos enfraquecidos e quase mortos de fome, com os nossos defensores dizimados? Nossa esperança vem do mar. Se não vier.

— Se não vier? — repetiu Arsène, com amargura.

A duquesa ergueu as mãos miúdas num gesto eloquente e olhou para Arsène em silêncio.

— Morreremos como ratos — finalizou Arsène, com aquele ar amargurado que lhe era tão comum, ultimamente.

— Comentário bem pouco original — disse a duquesa.

Fez uma pausa e depois fitou o jovem com olhos penetrantes.

— Nunca lhe ocorreu, Arsène, dizer: “Morreremos como homens”?

— Não me será difícil morrer — disse Arsène, passado um momento e quando o rubor já lhe deixara as faces. — Mas e Cécile? E o meu pai?

A duquesa levantou-se e, embora pequenina, deu a impressão de ser bem mais alta do que Arsène. Olhou para ele com frieza e desdém.

— Por acaso eles se queixaram? Acho que são mais fortes do que você, que professa amá-los. — Mas logo acrescentou, pois compreendia-o muito bem: — Se é ação o que você deseja, aja. Mas fique sabendo que não resolverá nada.

Sabia que o tinha julgado bem, pois os olhos dele se iluminaram e um sorriso malévolos lhe aflorou aos lábios.

— Um católico morto é um inimigo a menos — disse ele. — É verdade, estou sedento de vingança, de revanche pela morte dos nossos inocentes, madame não concorda?

— Você, Arsène, é o comandante de La Rochelle — retrucou calmamente a duquesa.

Seu rosto empalidecera.

— Já pensou, se você morrer, quem defenderá Cécile?

— Eu não vou morrer! — exclamou Arsène.

Toda a sua inércia desaparecera. A vida voltara-lhe aos lábios e aos olhos. Levou a mão ao punho da espada.

A duquesa estava satisfeita. Apercebera-se da decepção de Arsène ante o desânimo dos rochelenses. Notara o seu desgosto, transformado, com a decepção, em apatia. Dissera para si mesma: Ficar decepcionado com a estupidez, a baixeza e a bestialidade dos homens é algo doloroso, mas muito pior ainda é não sentir sequer desapontamento. Homens como Arsène, exuberantes e apaixonados, precisam de ação. Esperar e ter paciência era para os calmos, os tranquilos.

Arsène correu imediatamente em busca do espanhol, do alemão e do italiano, e, mal tinha começado a

falar, eles ficaram loucos de entusiasmo. Garantiram-lhe que os seus seguidores ficariam encantados de entrar em ação. Em menos de duas horas, quinhentos homens haviam beijado as suas espadas, carregado as suas pistolas e se reunido em volta de Arsène. Essa noite mesmo atacariam. Agora, Arsène estava mais calmo. Não seria apenas uma incursão de revanche, e sim um ataque aos depósitos de alimentos do acampamento do Cardeal.

Dirigiu-se aos aposentos de Cécile uma hora antes da marcada para a incursão. Ela estava deitada na cama. Olhou para Arsène com ar calmo e severo, como costumava fazer ultimamente. Arsène ajoelhou-se ao lado dela e levou as mãos dela aos seus lábios. Cécile sentiu-o vibrar, como dantes, e criou novo ânimo.

Ele não sabia se havia de pô-la a par do que iam fazer. Começou, cautelosamente, a dizer que o povo estava morrendo de fome. Ela própria estava morrendo por falta de alimentos. Essa noite, ele tencionava apoderar-se deles.

Cécile soergueu-se nas almofadas e um leve rubor subiu-lhe às faces pálidas. Olhou para ele, subitamente agitada, o peito arfando, os olhos marejados de lágrimas. Aflito, Arsène perguntou:

— Você não concorda comigo, ma chérie? Preferia que eu não fizesse nada?

— Não. Oh, não! — murmurou ela, encostando a cabeça no peito dele.

Arsène ouviu as batidas desesperadas do coração da amada. Nunca a adorara tanto como agora. Beijou-a e abraçou-a um sem-número de vezes, pensando: Talvez eu nunca mais volte. Por um momento, a coragem falhou-lhe. Quem a protegeria, nesse caso?

Como se lhe adivinhasse o pensamento, ela disse:

— Você voltará. Vou rezar para isso.

Arsène foi então despedir-se do pai, mas, antes que ele pudesse falar, o marquês disse:

— Quero lhe dar um talismã.

E tirou da bolsa uma diminuta figura de marfim, que viera da China. Era uma imagem grotescamente esculpida, representando um homenzinho velho e gordo, com um rosto redondo e risonho, e uma grande pança. Havia algo de obsceno na nudez da imagem e na sua postura, mas também um quê de alegria e de cinismo. Arsène não pôde deixar de rir alto e de sentir alívio, pois o seu espírito tinha ficado deprimido, depois de falar com Cécile. O marquês sorriu.

— Dizem que quem ri não é tocado pela morte — disse ele. — Prefiro pensar, neste caso, que o significado seja menos sutil e mais prático. Esta imagem é muito velha. Existe há mil anos, enquanto outras, mais bonitas e imponentes, foram destruídas.

Segurou o rosto de Arsène e beijou-o suavemente em ambas as faces, sem conseguir dizer mais nada.

Assim que Arsène saiu, o marquês dirigiu-se aos aposentos de Cécile. Juntando as últimas forças que lhe restavam, ela levantara-se, com a ajuda das camareiras, vestira um robe de veludo vermelho e sentara-se junto das grandes janelas. Pela expressão do rosto dela, pelas lágrimas que lhe escorriam faces abaixo, ele percebeu que Cécile estivera rezando.

O marquês nunca na sua vida rezara. Ver os outros rezando irritava-o, como se estivesse vendo algo infantil e sem sentido. Agora, porém, estava emocionado. Aproximou-se da jovem e sentou-se ao lado dela. Viu que ela tinha um rosário nas mãos e que, na palma de uma das mãos, a cruz de ouro brilhava.

O símbolo papal espantou o marquês. A jovem disse, numa voz suave:

— Foi o Abade Mourion quem me deu este rosário. Monsieur le Marquis já ouviu falar dele?

— Já. Arsène me falou — respondeu o marquês.

Olharam ambos em silêncio para a cruz.

A jovem disse, então, com voz trêmula:

— Ele era tão bom! Quando seguro este rosário, sinto-me mais forte, como se ele me estivesse dando

coragem e fé. Não faz nem uma hora, pareceu-me ouvir a voz dele, tão suave e bondosa.

Passado um momento, o marquês disse, num tom peculiar:

— Sempre achei que os objetos que pertencem às pessoas boas partilham das suas qualidades, como se elas lhes transmitissem uma essência misteriosa. E, ao contrário, os objetos pertencentes aos maus são afetados pelo veneno deles. Toquei em relíquias de gente malvada e senti a vibração negativa que emana delas, mesmo passados séculos. Talvez neste rosário do Abade Mourion haja alguma virtude, algum poder indestrutível. Talvez Arsène devesse tê-lo levado. . .

Ao ouvir aquilo, a jovem sorriu e os seus olhos se iluminaram.

— Sugeriu-lhe isso — disse, os lábios tremendo —, mas ele exclamou: “E se eu fosse preso com isso em meu poder?”

O marquês largou a rir e Cécile riu também, Mas o velho notou que os seus dedos transparentes agarravam a cruz como se fosse uma tábua de salvação.

Procuraram consolar-se um ao outro. Passaram a noite juntos, à janela, olhando para a noite, vendo o reflexo das velas nas vidraças escurecidas e nos seus próprios rostos, molhados de lágrimas.'

Foi só depois de quase todas as fogueiras do acampamento do Cardeal se terem extinguido, que Arsène e seus comandados resolveram atacar. Sabiam que as portas estavam guardadas não só do lado de dentro, como também por fora, pelos homens do Cardeal. Não ousaram dizer nada às suas próprias sentinelas, temerosos de traidores ou de uma excitação demasiada. Deram a volta às muralhas e esperaram que os guardas se retirassem. A noite estava escura, iluminada apenas pela luz distante das estrelas.

A muralha erguia-se acima deles, espessa e sólida contra o céu estrelado. Alguns dentre os mais ágeis subiram aos ombros dos companheiros, segurando facas entre os dentes e amarrando cordas com nós no alto da muralha. Depois, tão silenciosamente que nem se lhes ouvia respirar, o resto dos homens subiu pelas cordas, pulou do alto da muralha e deixou cair as cordas do outro lado. Alguns receberam ordens de ficar junto da muralha, para auxiliar os que voltassem.

Ouviu-se um leve rumor de pés do lado aberto e perigoso da muralha. Os homens ficaram um momento parados no lugar onde tinham caído, a respiração suspensa. As fogueiras perto dos pântanos crepitavam e tremeluziam contra o fundo preto da noite. Até eles chegava o som distante de música e de risadas. Os vultos das sentinelas atravessaram entre as fogueiras e os atacantes. Lentamente, estes últimos foram se arrastando para o extremo oposto das fogueiras. Alguns passaram tão perto de um grupo de guardas, que puderam ouvir-lhes os bocejos, trechos de uma história indecente e as risotas que se seguiram.

Ao chegarem a um lugar seguro, nos pântanos, onde a água fria lhes banhava as mãos e os joelhos, os assaltantes pararam. A música cessara, e as risadas também. Uma atrás da outra, as fogueiras foram-se apagando, até haver menos de meia dúzia, espalhadas em redor. O acampamento estava displicentemente guardado, pois ninguém sonhava sequer que os famintos e exaustos rochelenses pudessem atacar.

De repente, Arsène ergueu a cabeça de acordo com o combinado, e o sinal foi logo imitado pelos que estavam atrás dele, que por sua vez levantaram as mãos para os que vinham “atrás. Então, erguendo-se todos de uma só vez, lançaram-se, silenciosos como fantasmas, sobre o acampamento. Já sabiam onde estavam os depósitos de provisões, pois tinham a guardá-los vários guardas, de vez que os soldados do Cardeal não eram de confiar. Tão rápido foi o ataque, e tão inesperado, que os guardas nem sequer deram um grito, quando Arsène e os seus caíram sobre eles, amordaçando-os com uma das mãos, enquanto que com a outra os esfaqueavam. Ouviram-se apenas débeis gemidos e respirações estertorantes, pois os atacantes, deitaram as suas vítimas, sangrando, no chão, para que nem sequer o ruído metálico de uma espada ou de um mosquete caído se fizesse ouvir.

Cento e cinquenta homens tinham sido escalados para carregar os mantimentos até a muralha. Os outros deveriam penetrar mais fundo no acampamento e cobrir as operações dos atacantes.

Uma terrível excitação tomou conta de Arsène, conferindo força sobre-humana ao seu corpo emaciado. Quando a sua faca penetrara nos corpos roliços dos guardas, ele fora forçado a morder os lábios, a fim de conter um grito selvagem e exultante. Seu apetite fora apenas aguçado. Havia coisas mais importantes a fazer.

Os soldados do Cardeal dormiam em barracões e tendas improvisadas. Era fácil atacar cada unidade separadamente. Em poucos momentos, cinquenta homens foram surpreendidos dormindo e morreram rapidamente, sem ter tempo sequer de estender as mãos para pegar em armas. Nos cinco minutos seguintes, mais cinquenta morriam. Os atacantes não tinham perdido um só homem, embora o ataque se houvesse realizado na mais completa escuridão.

Coberto de sangue e de suor, arfando do esforço, Arsène viu ao longe uma pequena casa, que outrora pertencera a um lavrador. Vários guardas faziam ronda à casa, parando de vez em quando para conversar. Uma fogueira ardia perto deles e Arsène pôde ver-lhes os rostos sonolentos e truculentos, e o uniforme que usavam. Então, era ali que dormia o Cardeal. . .

Uma ideia maluca veio-lhe à cabeça. Por que não prender o Cardeal e levá-lo para a cidade sitiada, como refém? Ou, então, matá-lo? Nada parecia impossível àquele homem, cuja cabeça andava à roda, de fraqueza, fome e excitação.

Comunicou o seu plano, num murmúrio, aos companheiros. Acharam que ele estava louco e abanaram as cabeças com ar cético.

Até ali, estavam indo muito bem. Mas não seria fácil chegar perto da casa do Cardeal. Havia demasiados guardas. Sem dúvida alguns se encarregariam de dar o alarme. Arsène ficou furioso. Parecia delirar. r-i

— Vamos voltar aos depósitos — disse o espanhol, cujo apetite natural fora excitado ao ver tanta comida. — Pegamos o que pudermos e voltamos.

— Ainda não acabei — retrucou Arsène.

Estava coberto, até o nariz, na sua capa, e, a luz das fogueiras distantes, os seus olhos tinham um brilho insano.

O alemão, Von Steckler, hesitou, abanando ligeiramente a cabeça. Os líderes estavam à sombra de uma moita espessa e baixa. Atrás deles ouvia-se a respiração ofegante dos seus seguidores.

Tomado de um delírio cada vez maior, Arsène olhou fixo para a casa. Lá dentro, dormia o Cardeal, o Monstro da Europa. Era tão fácil acabar com ele! E acabariam também as perseguições aos huguenotes franceses, o horror e a crueldade da reação católica, todos os males do mundo. Tão fácil!

Virou-se para os seus oficiais e sussurrou:

— Só preciso de cinquenta homens! Os outros podem voltar aos depósitos e seguir dali para as muralhas.

O espanhol, o italiano e o alemão calaram-se durante alguns momentos. Depois, murmuraram ordens para os que estavam atrás deles, e estes, por sua vez, transmitiram para os outros as ordens murmuradas. Em poucos momentos, cinquenta homens se haviam embrenhado na noite. Os que ficaram não estavam convencidos, mas a excitação de Arsène depressa os conquistou. Tratava-se de um plano impossível, mas eles estavam contagiados pela loucura do seu líder. Se não conseguissem sequestrar o Cardeal, havia ainda a possibilidade de matá-lo antes que os agerrassem.

Avançaram, rastejando, pisando de leve nas pontas dos pés exaustos. Corriam agora grande perigo. A luz das fogueiras não tardaria a denunciá-los aos guardas, Espalharam-se bem, à medida que se

aproximavam da casa.

De repente, estacaram. Um grito estrangulado ressoou, a pouca distância deles. Corações batendo loucamente, aguçaram os ouvidos. Aquilo que ouviam à retaguarda não era o barulho de pés furtivos? Olharam para trás, tentando distinguir algo, na escuridão. Mas não viram nem ouviram nada.

Voltaram-se para a casa. De repente, a porta se abriu. O Cardeal, de uniforme completo, o chapéu emplumado na mão, apareceu na soleira. Os guardas perfilaram-se, apresentaram armas. Olhou distraidamente para eles. A sua atenção estava voltada para Arsène e os seus companheiros. A fogueira ardia entre eles. O Cardeal não conseguia ver bem por causa das chamas.

Arsène ergueu desesperadamente o mosquete. À sua volta ouviu-se um ligeiro movimento, como que um protesto involuntário, seguido de silêncio. Apontou o mosquete para o coração do Cardeal. Mas as suas mãos tremiam. Mordeu o lábio com tanta força, que chegou a sangrar, mas nem sentiu. A única coisa que ele sentia era ódio, a única coisa que via diante de si era o que planejava fazer. Piscou os olhos furiosamente, para a luz que o ofuscava, na sua fre-queza, viu a figura do Cardeal dançar em meio às chamas, diante dele.

Richelieu estava à sua frente, uniformizado, desprotegido, calmo e imóvel, olhando para o mato, onde estavam os atacantes. Não fez um gesto. Os guardas tinham recomeçado a andar de um lado para o outro. Nada podia ser mais seguro de si do que aquele vulto magro e aristocrático, com o vento da noite soprando-lhe as penas do chapéu e o amplo manto. Sua expressão era, como sempre, impressionante e distante, com os olhos de tigre brilhando à luz da fogueira.

De repente, um estranho pensamento tomou conta de Arsène. Convenceu-se de que o Cardeal sabia de tudo, percebera tudo, assim que o vira, como se ele, Arsène, estivesse debaixo do sol do meio-dia. Não havia um sorriso irônico no seu rosto de marfim, ou seria apenas o efeito da luz que vinha das chamas?

Arsène sentiu as mãos úmidas, e o mosquete tremeu ainda mais. Seus dedos entorpecidos procuraram o gatilho. Podia ouvir o coração pular e latejar como se fosse um animal enjaulado. Em algum lugar, no passado, tinha ouvido dizer que o Cardeal, como todos os felinos, era capaz de ver no escuro. ..

Nisso, Richelieu ergueu a mão num gesto negligente e delicado. Sorriu, parecendo satisfeito. Sua voz ecoou, forte, na noite:

— É você, meu caro de Bonnelle?

Arsène estremeceu. Era agora ou nunca. Concentrou toda a sua força no dedo trêmulo em volta do gatilho. Mas uma espécie de paralisia o deteve.

Ouviu então um barulho, uma confusão atrás de si. Uma náusea horrível cresceu dentro dele, embora não saísse da posição em que estava, nem deixasse cair o mosquete. Pelas exclamações dos companheiros, percebeu que estavam cercados. Mas não se ouviram gritos, nem tiros. Eles sabiam que estavam perdidos, que não adiantava reagir.

Só ele, Arsène, continuava livre, o mosquete ainda apontado para o vulto que parecia dançar como louco, à luz da fogueira. Dava agora a impressão de ser uma figura diminuta, uma marionete, manobrada por um bêbado. O chão pareceu oscilar debaixo dos pés de Arsène. Gotas de suor escorreram-lhe para os olhos. Mas o dedo paralisado não se mexia, apesar dos seus esforços sobre-humanos para acionar o gatilho.

— De Bonnelle! — disse o Cardeal, com um sorriso mais largo.

Avançou uns dois passos.

— Não fique aí, parado. Já o reconheci.

Arsène sentiu uma mão segurar-lhe o braço e a voz indolente do espanhol dizer-lhe, ao ouvido:

— Estamos perdidos.

Logo depois, sem saber como, sentiu o mosquete escorregar-lhe dos dedos e cair-lhe aos pés.

Um frio estranho envolveu o jovem. Olhou para trás e viu que os seus companheiros estavam cercados por uma hoste de homens armados e silenciosos. Mal os podia distinguir, mas sentia a presença deles.

Ouviu o barulho de passos em meio ao terrível silêncio. Richelieu avançava para ele. Três dos seus guardas postaram-se atrás do Cardeal. Arsène viu-o aproximar-se. A luz das chamas lançava sombras vividas sobre o Cardeal, que avançava com passos calmos e seguros. O sorriso estava agora fixo em seu rosto, como se ele estivesse pensando em algo muito divertido. Alguém jogou mais lenha na fogueira. Imediatamente, as chamas cresceram e banharam de luz vermelha o campo em derredor, revelando completamente Arsène e seus Companheiros, mais os contornos do inimigo, atrás deles.

Está tudo terminado, pensou Arsène. Suspirou. A loucura abandonara-o. Pensou em Cécile, no seu pai. Ao menos, durante algum tempo teriam o que comer. Uma dor profunda tomou conta dele. Esperou que o Cardeal o reconhecesse.

Mas Richelieu continuava calado e avançando. Parou a uns cinco passos de Arsène e os dois olharam fixo um para o outro.

Ele sabia, desde o princípio, pensou Arsène, perplexo.

A fogueira estava agora atrás do Cardeal, cuja silhueta se recortava contra ela/ Arsène já não podia ver-lhe o rosto com nitidez. Sentiu, mais do que viu, a luz estranha que emanava daqueles olhos terríveis, com um brilho demoníaco e irônico. Avançou mais um passo e parou de novo.

Fez-se um silêncio completo à volta deles. Os companheiros de Arsène estavam atônitos. Por que razão o Cardeal não diria nada, não denunciaria o seu líder, não os mandaria prender? Levaram a mão às espadas, à espera de um sinal de Arsène. Estavam dispostos a vender caro as suas vidas.

Mas Arsène não se moveu, nem falou. Ele e o Cardeal olhavam um para o outro como se fossem estátuas, condenadas a se encarar eternamente.

O Cardeal disse então, numa voz suave e afetuosa:

— Ah, é você, meu caro de Bonnelle! Há quanto tempo o esperava! Já estava quase acreditando que não viria mais.'

Ouviu-se um murmúrio atrás de Arsène. Ele ouviu o sussurro de seus companheiros, desanimados, à espera dos algozes.

O Cardeal estendeu a mão. Arsène ficou a olhar para ele, com expressão incrédula. Seria possível que ele não o tivesse reconhecido?, pensou, a cabeça girando. Mas, quando voltou a olhar para o inimigo, viu que ele ria baixinho, a mão ainda estendida na sua direção.

Plenamente convencido de que tudo aquilo não passava de um pesadelo, Arsène segurou-lhe a mão, sentindo a pressão daqueles dedos frágeis e delicados. O Cardeal encarava-o com ar divertido, e os seus lábios moveram-se por trás do cavanhaque, como se a custo pudesse conter o riso.

— Você trouxe poucos valentes, meu amigo — disse ele, em tom de censura, deitando uma olhadela para os companheiros de Arsène. — Mas até mesmo um pequeno destacamento é bem-vindo. Presumo que sejam espanhóis, não? Que pena! Não vão poder conversar e confraternizar com os meus homens.

Arsène ouviu o barulho inquieto dos pés dos seus companheiros. Enlouqueci!, pensou. Estou sonhando. Sentia a cabeça às voltas.

— Sim, é uma pena — murmurou.

— Mas sem dúvida você tem mais homens acampados longe daqui. — Insistiu Richelieu, no mesmo tom leve e amistoso.

Arsène fez que sim com a cabeça. O Cardeal continuava a segurar-lhe a mão.

— E você pensa voltar logo para eles, não? — prosseguiu Richelieu.

— Sim, Monsenhor — respondeu Arsène, com voz rouca.

— Mas, primeiro — disse o Cardeal, com afeto e entusiasmo —, monsieur deve descansar um pouco e tomar um copo de vinho comigo.

Olhou para os seus próprios soldados.

— Você, Bretonne, leve os homens de Monsieur de Bonnelle para junto do fogo, dê-lhes bem de comer e um copo de vinho. Não podem conversar com você, mas a comida é como uma língua internacional. Monsieur de Bonnelle voltará dentro de pouco tempo, após termos uma breve conversa.

Soltou a mão de Arsène, que olhou para os seus companheiros. O seu rosto, à luz das chamas, refletia todo o seu espanto. Mas o espanhol e o italiano sorriam. Não entendiam nada, mas tinham sutileza suficiente para fazer o que o Cardeal mandava.

Arsène deu consigo seguindo o Cardeal até a pequena casa que lhe servia de quartel-general. Quanto tempo levaria para que os corpos das sentinelas e dos soldados assassinados fossem descobertos? Seus pensamentos eram confusos, girando num rodameio de luz vermelha e escuridão. Aquilo só podia ser um sonho maluco. Não podia estar acontecendo. O Cardeal esperou até que Arsène chegasse junto dele.

— Fez má viagem? — perguntou-lhe.

— Muito má. Demorada e dolorosa — respondeu Arsène, em voz rouca.

O Cardeal assentiu com a cabeça, como a dizer que compreendia. Entraram. A casa estava mobiliada de maneira, simples mas confortável. Havia velas acesas sobre uma comprida mesa de carvalho, e o fogo crepitava na lareira. O ordenança do Cardeal, que Arsène não reconheceu, movia-se rapidamente, colocando sobre a mesa travessas com guisados de aves e coelho, pão, tortas e vinho. O Cardeal despiu a capa, atirou-a para um lado e sentou-se à mesa, convidando Arsène a fazer o mesmo. Depois, ordenou ao criado que saísse, e perguntou, no tom mais amistoso possível:

— Naturalmente, você não chegou até aqui sem ter... matado alguém!

— Naturalmente — repetiu Arsène.

A cabeça doía-lhe de fraqueza. O calor que-reinava na pequena casa, a excitação da noite, a sua captura, o medo que sentia por seu pai e por Cécile, o que se passara naquela última hora tinham-no arrasado completamente. Tudo parecia girar, flutuar numa profusão de cores e luzes, à volta dele. Olhou para as mãos manchadas de sangue, sobre a toalha de damasco branco que forrava a mesa, e um arrepio perpassou-o de alto a baixo.

Ouviu a voz divertida do Cardeal dizer:

— Naquele jarro ali, há água e, perto dele, toalhas limpas. Suponho que deseje se lavar, antes de comer!

Arsène levantou-se com esforço, cambaleou e passou a mão sobre os olhos. O Cardeal ficou a vê-lo, sorrindo, encaminhar-se, com passos oscilantes, para o lavatório. Agora, não havia outro ruído na sala senão o da água e o crepitar do fogo. O contato da água fria nas mãos e no rosto de Arsène fizeram-no reviver. Sua cabeça continuava girando, mas de vez em quando um pensamento mais lúcido lhe vinha à mente. Não tinha dúvidas de que o Cardeal estava brincando com ele, divertindo-se com ele. Afinal, era famoso pela crueldade. Mas, nesse caso, ele também podia brincar. Era uma comédia arriscada, mas ele sempre gostara de se arriscar. Tinha a certeza de que estava perdido. Seu único temor era agora vir a ser enforcado, morrer de uma forma ignominiosa. Resolveu apelar, como soldado que era. . . tinha direito a ser fuzilado.

Tantas vezes vira a morte de perto! Como todos os jovens da sua casta, sempre encarara a morte com indiferença, como uma coisa inconveniente e mais nada. Agora, porém, amadurecera. A vida tinha para ele novos e maiores valores. Não queria morrer. De repente, agarrou a toalha de linho com mãos desesperadas.

Voltou para a mesa. O Cardeal enchera-lhe o prato de iguarias. Arsène sentiu o aroma dos molhos, e a

sua boca encheu-se de água. Estava disposto a representar até o fim. Entrementes, trataria de comer, de recuperar as forças para poder enfrentar o que desse e viesse.

Com um gesto cortês, o Cardeal encheu os copos de vinho. Ergueu o seu e esperou que Arsène fizesse o mesmo. Ficaram um longo momento olhando um para o outro. Depois, o Cardeal inclinou a cabeça com um sorriso grave e tocou o copo de Arsène com o seu. No silêncio da sala, o tilintar dos copos ecoou portentosamente. Arsène bebeu um grande trago, com a mão, que segurava o copo, tremendo.

Pousou o copo e fitou de novo aqueles olhos de tigre, agora semicerrados e inescrutáveis. O Cardeal indicou, com um gesto, o prato, e Arsène não resistiu: agarrou na faca e no garfo e comeu vorazmente. Mal saboreou a comida, mal a mastigou. Não olhou para o Cardeal, enquanto devorava o peru, a salada e as tortas e engolia o delicioso vinho. Quando, por fim, levantou os olhos do prato, reparou num enorme crucifixo de ouro, pendurado sobre a lareira. O Cardeal não disse nada. Continuou sentado no seu lugar, uma mão fina pendente, numa atitude de contemplação e alheamento, como se estivesse sozinho. Tinha o perfil voltado para Arsène. A expressão do seu rosto era reservada, severa, mas levemente irônica. Parecia menos frágil, menos terrível, menos carismático no seu uniforme de general, do que nas vestimentas de Cardeal. Era mais homem, mais acessível. Embora o feitio da sua cabeça estreita e aristocrática traduzisse o seu orgulho natural, as suas feições, sem o chapéu cardinalício, pareciam singularmente vulneráveis e delicadas. Quem não soubesse, pensaria que aquela cabeça e aquele rosto comprido e melancólico pertenciam a um intelectual, triste e cansado. No dedo anular, fino e transparente, o anel de Cardeal refletia a luz das chamas e dos castiçais.

Arsène sentiu; finalmente, que não podia comer mais. As forças tinham-lhe voltado, mas o vinho fazia-o ver tudo à roda. O calor da sala e do vinho penetrara-lhe no corpo e nas veias. Criou nova coragem, temperada de astúcia.

O Cardeal suspirou. Olhou, sorridente, para Arsène. Mas o sorriso era como uma armadura invencível.

— Monsieur está satisfeito? — perguntou, gentilmente.

— Estou, graças à sua hospitalidade — respondeu Arsène.

O Cardeal colocou os magros cotovelos sobre a mesa, apoiou o queixo nas mãos e olhou para Arsène com amizade.

— Eu era muito chegado a Louis — disse ele.

O rosto pálido de Arsène ruborizou-se, e ele mordeu o lábio.

— A lei — continuou o Cardeal, delicadamente — é muito restrita, quando se trata de...

— Fratricídio — arrematou Arsène, numa voz cava.

O Cardeal arqueou as sobrancelhas.

— Duelo — corrigiu. — A pena para esse crime é de dois anos na Bastilha. Detestaria sabê-lo numa prisão tão desconfortável.

Embora achasse aquelas palavras extraordinárias, Arsène não atinava com o seu sentido. Tratara de pôr de lado qualquer pensamento a respeito de Louis, naqueles últimos meses, concentrando-se apenas no cerco. Mas agora, todo o remorso, o desespero e a tristeza que sentia voltaram a assaltá-lo. A expressão do seu rosto mudou, seus lábios tremeram. Olhou para o Cardeal com ar súplice.

— Era a minha vida contra a dele — murmurou. Ergueu as mãos, mas logo as deixou cair. — Agora, quase preferia que tivesse sido a minha.

O Cardeal não disse nada. Continuava a sorrir, mas agora parecia pensar noutra coisa. Pousou as mãos na mesa. Os dedos da mão direita começaram a tamborilar sobre a toalha.

Por fim, disse, suavemente:

— Não se deixe levar pelos remorsos. Naquele coração não havia lugar para a felicidade. Seu irmão

foi concebido na tragédia. Viveu e morreu tragicamente. Teve apenas um breve interlúdio de felicidade, mas mesmo assim sombreado pela tragédia. Todos quantos amávamos Louis devemos dar graças a Deus por ele ter morrido.

Arsène estremeceu. Uma expressão emocionada tomou conta do seu rosto. Sentia uma terrível vontade de chorar.

— Não pude oferecer-lhe consolo — prosseguiu o Cardeal, olhando para os dedos. — Essa é a minha tragédia. Mas decerto não entende isso.

Arsène não respondeu. A sua falta de sutileza não permitia, realmente, que ele compreendesse. Estava perplexo: Depois, o pensamento lhe ocorreu, de leve, lançando-o na maior confusão. Viu o rosto do Cardeal, diante dele. Sentiu uma dor no coração e exclamou, com veemência:

— Nós nos reconciliamos, antes de ele morrer! Ele compreendeu! ...

O Cardeal arqueou as sobrancelhas.

— Isso já é um consolo, monsieur — disse, com uma ironia que Arsène não percebeu. — Você teve uma experiência extraordinária.

Seus dedos pararam de tamborilar. A mão descaiu, como que exausta. Agora, já não sorria. Seus olhos brilhavam com uma luz estranha, ao se fixarem, de maneira penetrante, em Arsène. Olhou para o jovem como se ele fosse um objeto misterioso, que o intrigava e excitava, ao mesmo tempo. Recordava-se tão bem daquele aventureiro, daquele alegre e irresponsável cortesão! Onde estavam, agora, aquela vitalidade, aquela coragem, aquela exuberância? O homem que tinha à sua frente já não parecia jovem. O cansaço que demonstrava não era apenas físico. Seu corpo emaciado tinha a sustentá-lo uma força que antes não possuía. A barba escura sombreava-lhe ainda mais a mandíbula e as faces abatidas. O nariz aquilino parecia maior e mais afilado, as narinas, mais vermelhas e distendidas. Os olhos davam a impressão de terem afundado nas órbitas e de brilharem com um fogo desusado. O que o sustentava? O Cardeal ardia de curiosidade. Sabia que Arsène não tinha fé, não era movido pelo fanatismo; que sempre fora motivado apenas pelo ódio, pelo ressentimento e pelo amor da aventura. Mas essas qualidades pareciam ter desaparecido e deixado apenas uma herança de força e firmeza. Nos cantos daqueles lábios pálidos, daqueles olhos fundos, havia um resíduo misterioso, uma leve luminosidade, peculiares àqueles que haviam sonhado um sonho nobre e extasiado.

O Cardeal inclinou a cabeça e perguntou, gravemente:

— É, realmente, com Monsieur Arsène de Richepin que estou falando?

Arsène corou, e seus olhos cintilaram, irados, pensando que Richelieu caçoava dele.

— É — respondeu, com a maior frieza.

— Não quis ofendê-lo — disse o Cardeal, sorrindo outra vez. — Por um momento, receei estar enganado. Monsieur mudou muito. Seria descortesia perguntar, com genuíno interesse, quando se operou essa mudança?

Arsène ainda estava irritado, além de perplexo. Olhou rancorosamente para o Cardeal e não respondeu. Sua confusão aumentou.

O Cardeal prosseguiu no seu exame. Seus olhos demoraram-se, pensativos, em cada traço do rosto do jovem. Depois, ergueu lentamente a mão e passou-a pela boca, como se a esconder um sorriso.

— Vejo que continua sendo Monsieur de Richepin — observou.

Arsène não desviou o olhar.

— Monsieur revelou traços insuspeitados de caráter — prosseguiu Richelieu, passado um momento. — Por estupidez, nunca tinha reparado neles.

Fez-se silêncio na sala. A expressão do Cardeal era cada vez mais amistosa, embora não pudesse esconder a sua curiosidade.

— Há ainda outra pergunta que gostaria de fazer, se monsieur me permitir. Não a faço levado por curiosidade vulgar, e sim por um interesse real: O que o sustenta, o que o faz permanecer nessa cidade sitiada?

Arsène não respondeu. Limitou-se a franzir as sobrancelhas.

—• Lembrando-me de você, com quem sempre simpatizei — prosseguiu o Cardeal —, acho que posso ser perdoado por me confessar algo intrigado. Monsieur não tinha fé, nenhuma convicção mais profunda.

Estava cada vez mais curioso.

— Devo pedir-lhe novamente perdão. Acontece que sou um estudante de homens. — Fez uma pausa e acrescentou, com impaciência: — Sem dúvida monsieur entende o que eu quero.-dizer, não?

Arsène continuou calado.

— Permanecendo nessa cidade, você deve sentir-se severamente castigado, sofrendo não só por si mesmo mas por aqueles a quem está ligado — prosseguiu o Cardeal, aborrecido com aquela aparente estupidez, mas decidido a satisfazer a sua curiosidade.

— Decerto você sabe que se trata de uma causa perdida, que a cidade vai acabar se rendendo. Você é o líder. Sem dúvida sofre com a fome e o desespero que se apoderaram dos rebeldes. A esta altura, já percebeu que os ingleses, como sempre, faltaram à promessa feita. Tem você consciência de qual será o fim e de que não há mais esperança. Gostaria, pois, de saber, com a maior sinceridade, o que o sustenta.

Mas Arsène continuou calado. Seus olhos estavam fixos no rosto do Cardeal. Será imaginação minha, perguntou a si mesmo Richelieu, profundamente excitado, ou há mesmo uma luz estranha nos olhos deste valente?

— Monsieur deve compreender — continuou o Cardeal — que, a cada dia que passa, a continuação da resistência vão diminuindo a nossa paciência e as chances de sermos misericordiosos. Contudo, Monsieur deu ordens para que a cidade continuasse resistindo; Gostaria de saber o que o levou a essa desesperada resolução. Não combina com o caráter astuto de Arsène de Richepin, que eu julgava conhecer tão bem.

Arsène remexeu-se na cadeira. A luz estranha aumentou em seus olhos, lançando um reflexo nos seus traços macilentos. Quando, por fim, falou, foi numa voz hesitante e quase humilde:

— Monsieur le Cardinal lembra-se de Paul de Vitry, meu amigo? Paul tinha fé, uma fé que eu não conseguia entender. Ela continua ainda incerta, em mim. Enquanto ele viveu, eu não compreendi o seu sonho. Agora, começo a percebê-lo, embora vagamente. Não sou capaz de expressar o que sinto com palavras lúcidas — disse, erguendo as mãos num gesto impotente. — Não há palavras para expressá-lo. Ainda me custa acreditar... Mas uma coisa eu sei: que preciso ressuscitar, dentro de mim, a fé que animava Paul de Vitry, se quiser voltar a ter esperança.

Fez-se um longo silêncio na sala. O Cardeal olhou para as próprias mãos. Contemplou o anel que lhe brilhava no dedo com expressão remota e divertida. Voltou-o de um lado e do outro, como se fosse um joalheiro, examinando uma peça antes de a comprar. A sua expressão era agora inescrutável.

— Se quiser voltar a ter esperança — repetiu, numa voz quase inaudível.

Levantou os olhos. O rosto de Arsène demonstrava uma intensa emoção, como se ele estivesse à beira das lágrimas.

Que terrível amadurecimento espiritual este bravo deve ter experimentado!, pensou o Cardeal. Que agonias deve ter suportado, e nenhuma delas física. Os homens começam tendo fé e esperança e, aos poucos, iam-nas perdendo. Mas aquele homem partira da futilidade, da irresponsabilidade e da falta de sutileza, e adquirira, após uma luta terrível com os seus próprios valores morais, a esperança e a fé que

sustentam os homens e que não podem ser compreendidas. Não resta dúvida de que há algo divino, algo intocável, algo altruísta e heroico, nobre e majestoso, na alma humana! Tem que haver algo indestrutível debaixo da bestialidade natural dos homens, alguma pepita de beleza, abnegação e espiritualidade. O Cardeal constatava que a civilização era o triunfo de uma vontade misteriosa sobre a inércia inerente ao homem. Acreditara que fosse apenas desejo e cobiça. Agora, não estava tão certo assim.

— Não estou tão certo assim — disse, em voz alta, e estremeceu ao se ouvir a si próprio.

Via-se que estava profundamente emocionado. Contudo, ainda podia sorrir de si mesmo. Minha ingenuidade será tão grande, que eu tenha de me ater a qualquer prova, por menor que seja, de que existe nos homens alguma virtude, embora tenra e obscura?, perguntou a si próprio.

Sentiu-se tomado de alívio, e uma espécie de delírio lhe subiu à cabeça. Nesse caso, a esperança e a fé existiam, eram capazes de se manifestar inexoravelmente e com força sobrenatural, até mesmo em homens como aquele valente!

Suas mãos, finas e delicadas, apertaram-se convulsivamente sobre a mesa. Seus olhos penetraram o rosto de Arsène como se fossem dois raios.

— Monsieur porventura sabe — disse, numa voz muito suave — que não adianta resistir, mesmo tendo fé? Não vou desonrá-lo, pedindo que ordene a rendição de La Rochelle. Mas suplico-lhe que reflita.

— Já refletimos — retrucou Arsène, em voz baixa. — Mas não podemos nos render. Por nossa própria causa, não podemos capitular.

— Uma tal resistência só acabará acarretando uma terrível vingança — murmurou o Cardeal, ainda mal acreditando no que ouvia.

Arsène olhou-o fixamente.

— Por nossa própria causa — repetiu — não podemos capitular, aconteça o que acontecer. Se nos rendermos e continuarmos vivendo, como poderemos suportar o fato de estarmos vivos?

O Cardeal recostou-se na sua cadeira.

— E os outros, também pensam assim?

Arsène hesitou, mas o seu rosto não tardou a iluminar-se.

— No princípio, não pensavam. Muitos se queixavam, muitos se mostraram traidores, covardes e egoístas. Mas esses já fugiram da cidade. Os que ficaram pensam como eu, que não podemos nos render.

Levantou-se, como se os seus pensamentos o impelisses a agir. Cerrou os punhos e pousou-os na mesa, deitando a Richelieu um olhar apaixonado.

— Monsenhor, La Rochelle pode cair. A causa do protestantismo na França pode ir por água abaixo. A esperança de que os direitos do homem triunfem, de que a liberdade e a paz acabem vencendo, não pode, porém, ser destruída! Pode ser pisoteada, enterrada sob as muralhas arrasadas de La Rochelle, silenciada pela força da espada, empurrada para o fundo da sarjeta, sepultada durante séculos; mas nunca poderá ser destruída! Porque o sonho já foi sonhado, e nem as espadas de uma centena de exércitos, nem os canhões mais poderosos poderão acabar com ele! Se não voltar a ser sonhado na França, sê-lo-á noutro lugar, e noutro e outro, até que todos os homens tenham notícia dele e tenham se libertado.

E a dúvida e a incerteza, a confusão que até então sentira, foram arrastadas por uma onda de exaltação e convicção. Olhou para o Cardeal com o coração cheio de alegria, como se acabasse de receber uma mensagem, uma promessa invencível.

O Cardeal também olhou para ele, sem falar. Seus dedos frágeis se entrelaçaram. Seu rosto ficou grave.

Depois, levantou-se e começou a andar de um lado para o outro da sala quente e iluminada, as mãos atrás das costas, a cabeça inclinada em profunda meditação. O uniforme militar fazia com que ele

parecesse mais alto do que realmente era, e menos franzino. O rosto fino, como o seu cavanhaque, dava a impressão de ser esculpido em marfim. Arsène ficou a olhá-lo, pensativo. Aquele homem delicado e elegante seria o mesmo sinistro e maquiavélico Cardeal, que toda a Europa encarava com terror? Seria o homem perverso e lascivo, cujas intrigas se espalhavam por todo o continente, que manobrava governos e monarcas? Parecia incrível. O homem que estava à sua frente era um pensador aristocrático, um filósofo, menos preocupado com exércitos e tronos do que com o estudo aprofundado do homem, tema inexaurível, que exigiu todos os poderes do seu intelecto e obrigava a conjeturas metafísicas a sua alma, desconhecida e terrível.

Voltou para junto de Arsène e sorriu distraidamente. Arsène achava que ele, na verdade, não o via. Suas palavras eram também estranhas e inexplicáveis.

— Monsieur, acaba de me ocorrer o que poderá acontecer com os reis, os generais e os príncipes da Igreja, se os povos, cheios de ódio e em guerra uns com os outros, de repente se compreendessem e parecessem acordar. Como ficariam chocados! Pode imaginar como olhariam uns para os outros, como deixariam tombar as espadas, e como murmurariam para si mesmos: Como é possível eu ter vindo até aqui, para matar?

Arsène não respondeu. O Cardeal parou diante dele, com um brilho febril nos olhos de tigre.

— E então — continuou, numa voz estranha — em todo o universo se faria um silêncio súbito e total.

Só nos momentos de paixão é que a sutileza e a intuição despertavam em Arsène. Por outro lado, ele estava tão exausto pela fraqueza e pelas emoções, que não podia pensar ou sentir, fosse o que fosse, de modo que apenas olhou para o Cardeal sem nada dizer. Sabia, porém, que Richelieu não se importava com o fato de ele não responder. Estava por demais mergulhado nos seus próprios pensamentos.

O Cardeal continuou a olhar para ele. Por fim, disse:

— Monsieur, conheço-o há muitos anos. Conheci seu pai e admirei-lhe os dons na mesa de jogo, os maravilhosos perfumes, o gosto requintado. Seu irmão me serviu e conquistou a minha estima. Posso lhe perguntar que favor deseja de mim, nesta hora tão triste?

Arsène ergueu a cabeça ansiosamente e umedeceu os lábios ressequidos.

— Prefiro morrer por fuzilamento a morrer na forca — disse. — Sou um soldado e peço-lhe o direito de morrer como tal.

As sobrancelhas do Cardeal arquearam-se delicadamente. Suas feições se escureceram. Parecia mergulhado em pensamentos. Por fim, dirigiu-se para a porta e abriu-a. O comandante da guarda acorreu e fez continência.

— Bretonne — disse o Cardeal. f — Monsieur de Bonnelle deseja levar os seus mercenários de volta ao seu acampamento. Queira reuni-los.

Fechou a porta. Arsène olhou para ele, branco de morte e tremendo. O Cardeal sorriu e colocou a mão no ombro do jovem.

— Poderei dar-lhe um recado para a minha velha amiga, a Duquesa de Rohan? Por favor, transmita-lhe toda a minha admiração e todo o meu afeto, e diga-lhe que estou muito necessitado de mais unguentos para o meu reumatismo, e que o último frasco de ervas para a indigestão, que ela me mandou, foi um santo remédio.

Arsène estava sem fala. As lágrimas cegavam-no. Através delas, podia ver vagamente o Cardeal, sorrindo com toda a candura e amizade, e com um leve traço de ironia.

— Algo me diz que nunca mais nos veremos, Arsène — disse ele, num tom familiar. — É uma pena. Desejo-lhe felicidade. E paz.

Arsène tentou falar, mas dos seus lábios pálidos não saiu o menor som. O Cardeal apertou-lhe

fortemente o ombro e afastou-se. A porta abriu-se. Bretonne fez continência e disse:

— Os mercenários estão esperando por Monsieur de Bonnelle, Monsieur le Cardinal.

Arsène ainda procurou falar, mas o Cardeal, embora continuasse sorrindo, deitou-lhe um olhar acautelador, de modo que o jovem limitou-se a inclinar a cabeça, a fazer uma reverência e a levar a mão do Cardeal aos lábios. Depois, deu meia-volta e saiu, atordoado, para a noite.

Os companheiros esperavam por ele perto das fogueiras, ansiosos e excitados, mas tão silenciosos quanto Arsène. Os homens do Cardeal fizeram continência, no que foram correspondidos. Se estavam curiosos ou tinham alguma dúvida, não o manifestaram.

Arsène teve de novo a sensação de que tudo aquilo era um sonho. Seus companheiros tampouco falavam. Começaram a andar mais rápido. Passaram pelos guardas que haviam matado e que ainda não tinham sido descobertos. Chegaram às muralhas da cidade, onde encontraram os outros à espera, cheios de impaciência e apreensão. Em resposta aos seus murmúrios furiosos, os que voltavam limitaram-se a abanar a cabeça, em silêncio. Andavam, agora, mais depressa ainda. Deixaram-se cair como maçãs maduras do outro lado da muralha.

Ao chegar ao alto do muro, Arsène viu, ao longe, o súbito agitar de tochas, ouviu os gritos distantes, e distinguiu o acender de novas fogueiras. Tinham descoberto os corpos dos assassinados. Fora dado o alarme.

Pulou para o outro lado. Dentro da cidade, também tinham acendido tochas. Viu as gigantescas pilhas de mantimentos, que homens apressados tratavam de carregar.

— Foi um grande presente que Sua Eminência nos deu — riu um jovem.

— Sim, foi um grande presente — concordou Arsène.

● Capítulo LVII

O inverno foi horrível. Apenas dez mil rochelenses permaneciam vivos. Quando a primavera chegou, esse número tinha caído para menos de sete mil.

Não havia mais carvão. Quase não havia crianças, pois elas tinham sido as primeiras a sucumbir. A doença invadia as casas, onde reinavam a fome e a desolação, e, quando a fome não matava, a doença libertava as pessoas dos seus sofrimentos.

Quem continuava vivo e livre de fome ou doença eram, os desonestos e os traidores. Ninguém sabia como eles conseguiam comida, mas o certo era que continuavam estranhamente gordos, embora se queixassem mais do que os outros. Feuquières, movido menos por interesse do que por compaixão, foi ter com os líderes, e suplicou-lhes que se rendessem. Nunca mais esqueceria aquele cerco e as cenas que vira na cidade. Até o fim de seus dias, permaneceria um liberal, embora no início tivesse sido tão intolerante e cruel quanto os outros da sua classe e religião.

A duquesa deu ordens para que todos os traidores ou suspeitos de traição fossem punidos com a força. Todas as semanas, o prefeito ordenava dezenas de execuções. Uma noite, tentaram matá-lo. Imediatamente, a duquesa fez com que ele e a sua família se mudassem para o hotel de Rohan.

À noite, os rochelenses ouviam as orações rezadas em voz alta, em sua intenção e a mando do Padre Joseph, pelas freiras do Calvário, junto dos muros da cidade. Em vez de ficarem emocionados, eles sentiram-se afrontados, tomados de um horror misterioso. O Cardeal classificou aquilo de “carolice”, para grande indignação do capuchinho.

— Julga que as orações de um bando de freiras são capazes de comover franceses emancipados, quando nem os gritos das mulheres e dos filhos moribundos conseguiram dissuadi-los? —• perguntou.

Sofria como nunca dantes sofrerá, e não por sua causa. Por trás daquelas muralhas, havia franceses morrendo, e ele, tão ciumento de cada gota de sangue francês, amaldiçoava o cruel destino que o levava até ali, para infligir tantos tormentos aos seus compatriotas. Seria aquela a maneira de unir os franceses, protestantes e católicos? O ódio latente naquela sangrenta semente não daria origem a guerras terríveis, através dos séculos?

— Quem sabe se, daqui a centenas de anos, quando todos os franceses forem confrontados com uma emergência, essa semente não terá dado frutos horríveis, que acabarão destruindo a França? — perguntava a si mesmo. — Porque, quando os franceses não confiarem nos franceses, tudo estará perdido.

Apenas seis mil homens permaneciam agora atrás das muralhas, mas estavam escrevendo uma epopeia. Espíritos fortes como os deles enchiam-no de orgulho. Eram necessários para plantar as árvores dos pomares da vida.

Escreveu à duquesa:

“Não lhe supliquei até hoje que ordenasse a rendição da cidade, porque tanto você como eu temos sentimento de honra. Mas tortura-me pensar nos padecimentos do seu povo. Por conseguinte, ajoelho-me diante de você, pedindo-lhe que, em nome da humanidade, mande abrir as portas da cidade. Não posso mais suportar isto. O tormento é muito grande, não consigo mais dormir”.

O mensageiro, com a sua bandeira branca, trouxe de volta um unguento num potinho de ouro, e a resposta da duquesa;

“Recomendo a Vossa Eminência esfregar um pouco na testa, antes de se recolher. É ótimo para dormir”.

Ninguém mostrara, mais força de ânimo, no meio de todo aquele horror, do que Cécile Grandjean. Embora estivesse reduzida a um esqueleto, dela não saía qualquer palavra de queixa ou temor. Estava confinada à cama, pois não tinha forças para andar. Além do mais, estava grávida. Ninguém, a não ser a duquesa, sabia disso. A velha senhora levava-lhe comida trazida por Feuquières, pedindo-lhe que aceitasse pensando no filho que ia nascer. Mas Cécile recusava-se a comer.

— Eu e o meu filho morreremos juntos, se isto tiver que ser — dizia ela, com voz firme.

Acima de tudo, Arsène não deveria saber, para não se deixar abater.

Todos os dias, Arsène, o alemão, o espanhol e o italiano se revezavam montando guarda, embora estivessem tão fracos, que mal conseguiam se manter de pé. As têmeoras de Arsène estavam grisalhas. Parecia ter mais de quarenta anos, embora pouco passasse dos trinta. Até que, um dia, uma bala, vinda não se sabe de onde, atingiu o alemão no coração, fazendo com que ele morresse tão bravamente quanto vivera.

Aquilo não suscitou a ira de Arsène, ao contrário do que a duquesa esperava. Apenas ficou calado.

— O nosso Arsène — comentou ela com o marquês — tem pensado tanto, que parece estar com indigestão mental.

— Pois eu acho que ele está digerindo bem demais — retrucou o marquês, no fio de voz que lhe restava.

Todo mundo se espantava com a fortaleza de ânimo e o heroísmo demonstrados pelo velho marquês. Ajudava os rochelenses a enterrar os seus mortos, a montar guarda. Agora, não procurava mais esconder a velhice. Tinha o cabelo branco e ralo. Já não usava as perucas cacheadas, embora, quando se sentasse à mesa, seus trajés continuassem ricos, se bem que usados. A malícia não mais lhe habitava a alma, não mais transparecia no seu rosto cansado. Apenas as rugas finas em volta da boca e dos olhos traíam a passada frivolidade. O marquês também pensava da mesma forma que o filho.

Ninguém sabia que havia alegria em seu coração. Vivera tantos anos desgostoso consigo mesmo, desprezando-se, traindo-se! Agora, ele estava parecido com o pai, com o avô. Às vezes, sonhava com eles, de pé junto da sua cama, as mãos nos punhos das espadas, as cabeças orgulhosas e eretas, sorrindo para ele. Certa vez, ouviu o pai dizer:

— Em breve, meu filho, você estará comigo na glória eterna e se terá redimido.

Viera, por não poder ficar longe de Arsène. Permanecera, por não poder pensar em ficar afastado das almas dos seus antepassados.

Suas mãos, outrora tão finas, delicadas e perfumadas, estavam cheias de calos e arranhadas, de tanto trabalhar e cavar sepulturas para os mortos. Seu corpo estava todo encurvado. Arrastava-se pelas ruas e pelas casas, ajudando a puxar as carroças cheias de cadáveres, e mesmo os que sofriam se esqueciam dos seus sofrimentos e tinham pena dele. Mas bastava olhar para o seu rosto erguido, para os seus olhos brilhantes, para não dizer mais nada.

Ainda era capaz de fazer epigramas. Sentados em volta daquela mesa onde já não havia velas, ele e a duquesa, nas suas vozes murmuradas, trocavam ditos espirituosos, para divertimento dos outros. Só Arsène não sorria. O seu rosto estava perpetuamente carran-cudo, mas cheio de intensidade. Já não tinha ânimo para dizer palavras de amor, nem para o pai, nem para a sua amada. O máximo que fazia era tocar de leve o ombro ou a mão do marquês, e beijar-lhe a face. Ou ajoelhar-se junto da cama de Cécile e encostar a cabeça no seu peito magro.

A ausência de queixumes por parte da jovem, os seus sorrisos heroicos, partiam-lhe o coração. Mas ele não ousava dizer-lhe que fugisse. Amava-a demasiado para poder suportar o seu desprezo ou a sua indignação. Não tinha coragem de lhe dizer o quanto sofria, não por ele mesmo, e sim por ela. Às vezes, rezava para que, quando ele despertasse, de manhã, ela já estivesse morta e livre.

Sentia-se tomado de desespero. Não sabia que coisas estranhas tinham criado raízes na sua alma e nunca morreriam. A aparente calma, que julgava provir da fatalidade, tinha, ao contrário, origem na sua nova e inabalável força de ânimo.

O espanhol e o italiano morreram na mesma noite, quando dormiam. A princípio, pensou-se que tinham morrido de ifianição, mas os terríveis sintomas da peste não tardaram a ser descobertos nos seus corpos.

Mal eles tinham sido enterrados às pressas, o marquês adoeceu.

O velho magnata, tão logo sentiu o primeiro arrepio, soube que a morte se aproximava. A alegria tomou conta dele. Mandou chamar o filho e disselhe que queria vê-lo a sós. Deitado na sua cama forrada de seda, ele pouco mais era do que um monte de ossos, e os seus cabelos eram mais brancos do que os lençóis.

Agora, sentia-se mais forte. Podia falar numa voz clara e firme. Fixou em Arsène os olhos ardentes.

— Falei com Madame la Duchesse, meu filho querido, meu sem-vergonha — disse, com um sorriso que não conseguia ocultar a seriedade das suas palavras. — Ela falará com você quando eu tiver partido. Peço-lhe, suplico-lhe que a escute. O que ela lhe pedir não será só para você, mas também para Cécile, para os seus filhos, para mim.. e para os nossos antepassados.

Parecia tão feliz, tão sereno, que Arsène não pôde sentir tristeza. Sentou-se junto da cama e segurou a mão mirrada do pai. De vez em quando, ele perdia o conhecimento, de tão fraco que estava. Mas, quando voltava a si, os olhos do marquês continuavam fixos nele, sorridentes e sem medo, cheios de amor.

— Não só você, meu filho, mas também eu nasci de novo — murmurou.

Não havia nenhuma vela no quarto, mas o luar brilhante da lua cheia entrava pelas janelas, abertas às primeiras brisas do verão. Arsène teve a sensação de que o quarto estava cheio de fantasmas que não o conheciam, mas que conheciam seu pai. De tal maneira, que nem se deu conta das idas e vindas da duquesa. Cécile suplicou, da cama, que lhe permitissem despedir-se do marquês, mas não a deixaram.

A lua já tinha se escondido, a noite estava escura, e a presença dos fantasmas era mais forte no quarto, quando o marquês morreu, sem exalar sequer um suspiro. Arsène só soube que ele tinha partido quando a mão que segurava ficou fria.

O dia estava nascendo, quando o arrumaram na cama. Ali ficou, hirto, parecendo ter crescido, a dignidade da morte oblite-rando para sempre os últimos traços de malícia e frivolidade. Agora, nas suas feições havia muita coisa que fazia lembrar a Arsène o irmão morto: a mesma nobreza, a mesma frieza, a mesma dignidade. Arsène sentiu as lágrimas subirem-lhe aos olhos.

O marquês mal tinha descido à sepultura, quando Arsène recebeu uma carta do Cardeal. Começava num tom afetuoso e de leve censura, mas logo se tornava grave e sombrio:

“Acaba de chegar um mensageiro ao nosso acampamento, trazendo-me uma carta de Madame de Tremblant, sua belle mère. As notícias são más e sei que lhe vão causar muita tristeza. Madame de Richepin morreu, faz um mês, de parto, deixando-lhe um filho robusto, que recebeu o seu nome e o do marquês, seu pai”.

Passaram-se horas, antes que Arsène pudesse aquilatar plenamente a importância daquela carta. Depois, ficou arrasado. Não teve coragem de mencioná-la a Cécile, mas foi desabafar com a duquesa.

— É demasiado tarde para pedir perdão à minha pobre Clarisse — disse, desesperado.

— Você não podia ter feito senão o que fez — retrucou a duquesa, com pena dele.

Mas fitou-o com expressão pensativa e olhos brilhantes.

Sentiu-se aliviada por não ver sinais de amor na dor de Arsène, apenas remorso e pena. Mais aliviada ficou ainda quando ele foi procurar consolo junto de Cécile.

Semanas mais tarde, a duquesa mandou chamá-lo no seu posto de comandante, junto à muralha.

Pensando que Cécile estava à beira da morte, ele largou a correr pelas ruas com as últimas forças que lhe restavam. Mas encontrou a duquesa acompanhada do pároco da igreja vizinha, de um certo Monsieur de Duvois, do prefeito e de alguns outros amigos. A velha dama recebeu-o com um sorriso matreiro, e Arsène reparou que ela estava vestida com as suas últimas galas. O último bom vinho que lhe restava fora servido em copos de cristal. Ela beijou-o em ámbas as faces, erguendo-se nas pontas dos pés. Todos sorriam.

O alívio dele foi tão grande, que cambaleou, e teria caído se não o amparassem.

— Tenho planos para você, meu bravo — disse a duquesa. — Mas eles exigem, antes de mais nada, uma cerimônia de casamento. Vá, pois, arrumar-se. Cécile está sendo vestida, para esta auspiciosa ocasião, pelas minhas aias.

Arsène ficou olhando, sem entender nada.

— O tempo urge — disse a duquesa com voz firme. — Não demore e ficará sabendo das notícias.

Sua atitude era tão decidida e autoritária, que ele obedeceu e subiu para os seus aposentos. Nunca pensara em Cécile senão como sua esposa. Parecia-lhe estranho que os outros não pensassem como ele. Ficou irritado e confuso. Ouviu sinais de preparativos através das portas que levavam aos aposentos de Cécile e a sua vozinha fraca. Um valet entrou para ajudá-lo a se vestir.'

Quando voltou a descer, Cécile já o esperava, amparada pelas aias. Estava vestida de azul-claro e arminho, o cabelo penteado para o alto da cabeça. Tinham-lhe salpicado ruge nas faces e nos lábios, de modo a lhe dar uma aparência de saúde. Olhou ternamente para Arsène.

Ele segurou-lhe a mão quente e magra e fitou-a bem nos olhos. Estava tão emocionado, que os presentes sentiram as lágrimas subirem-lhes à garganta. Pensou: Causei tanto sofrimento a esta pobre menina quanto a Clarisse. Trouxe-a para cá para passar fome e morrer. Dei-lhe o meu coração, mas isso nada é, comparado com o que lhe infligi.

A cerimônia foi curta, mas emocionante. Arsène amparou Cécile nos braços. Brindaram com vinho, e o casal recebeu os parabéns. A seguir, Arsène carregou Cécile para os seus aposentos e deitou-a na sua cama.

Agora, sentia-se feliz. Não podiam fugir daquela cidade condenada, mas ele sentia-se feliz.

Deitou-se ao lado dela, e as lágrimas escorreram-lhe pelas faces. Ela estreitou-o contra si, até ele adormecer de exaustão. Mas Cécile ficou olhando para o espaço com os olhos brilhantes de esperança.

● Capítulo LVIII

Nessa mesma noite, a duquesa mandou chamá-lo.

Arsène foi encontrá-la, como sempre, a sós e tranquila. Pediu-lhe que se sentasse perto dela e estendeu-lhe um copo de vinho. Depois, ficou a olhá-lo, com expressão pensativa. Arsène viu que ela segurava um papel na mão.

Numa voz calma e serena, a duquesa anunciou:

— La Rochelle vai se render daqui a dois dias.

Arsène pôs-se de pé com tanta violência, que derrubou a cadeira. Cambaleou e agarrou-se à beira da mesa.

— Não! — exclamou. — Não!

A expressão do seu rosto era terrível.

Mas a duquesa não pareceu ligar. Continuou a olhar para ele.

— Pois é, não podemos resistir mais. Somos apenas cinco mil. Resolvi confiar na promessa do Cardeal, de que ninguém será castigado. Ele nunca me faltou à palavra dada.

Parecia misteriosamente calma e animada.

— Não fique tão desesperado, meu filho — continuou ela, vendo a cara dele. — Vamo-nos render, mas não fomos derrotados. O mundo nunca esquecerá a nossa resistência. — Fez uma pausa e prosseguiu:

— Contudo, não há mais lugar para você na França, na Europa. Seu pai falou comigo, faz tempo, de novo, antes de morrer. Chegamos a uma decisão. Existem outros mundos que precisam de você, do seu sangue, da sua força, da sua coragem e da sua fé. Vamos mandá-lo para esses mundos, e não por sua causa, mas pelos que hão de vir.

Indicou de novo a cadeira perto da dela e ele foi obrigado a sentar-se. Mas tremia incontrolavelmente. Mordeu o lábio para impedi-lo de tremer, até sair sangue. A duquesa, porém, não parecia notar nada daquilo. Olhando em frente, disse, calmamente:

— A Europa pode ainda brilhar durante algum tempo, mas os seus dias estão contados. Está por demais contaminada pela pestilência. Não é mais um lugar para os jovens e os fortes de espírito. É uma terra de homens velhos, que só pensam no passado e não acreditam que haja futuro. Nada poderá acabar com a peste que se alastra pelo seu corpo, que lhe corrói a alma. As forças do mal trabalharam muito bem. — Voltou-se para ele, e os seus olhos tinham um brilho severo.

— Mas existe um outro mundo, um mundo novo, ainda selvagem, mas com planícies onde podem ser semeadas grandes colheitas, onde novos governos, novas filosofias podem florescer, onde pode nascer uma raça nova, e coisas importantes podem acontecer. Não, talvez, durante a sua vida, ou na dos seus filhos, mas o seu sangue se projetará no futuro, gerando outros homens e mulheres que não esquecerão, que saberão lutar contra os inimigos da humanidade.

Inclinou-se para ele com grave entusiasmo.

— Por detrás das coisas más, há sempre os pensamentos maus e perversos. Numa casa onde a peste reinar, sempre se pegará a doença, por mais saudável que a gente seja. Isso se aplica também ao espírito. A peste impera na Europa! Não pode ser extinguida. Sempre que houver oportunidade, ela se transformará numa praga. É preciso fugir para um lugar limpo, onde a peste ainda não tenha podido chegar. E, nesse mundo de que eu falei, a peste ainda não criou raízes, embora possa ter surgido esporadicamente no norte e no sul do continente.

De repente, levantou-se, o amplo vestido de brocado roça-gando, e Arsène foi obrigado a se levantar

também. As palavras saíam dos lábios dela, mas ele sentia-as no fundo do seu próprio coração, como se o que ela dissesse fosse apenas um eco.

— É ainda selvagem esse mundo novo. Tem apenas algumas vilas costeiras e umas poucas cidadezinhas. Mas não é uma terra estéril. Está cheia de promessas de vida. É para esse mundo que você vai partir, Arsène, com a sua esposa, "o seu sangue, as suas esperanças e a sua fé.

Arsène passou as mãos pelo rosto. Sentia-se tonto, como um homem que tivesse sido confinado numa cela estreita e, de repente, se visse livre. Mas continuava não acreditando nas palavras que ouvia.

— Que é que madame está dizendo? — murmurou, mais para si mesmo do que para ela. Deixou cair as mãos. — Preciso ficar aqui até o fim, aconteça o que acontecer — disse ele.

— Até o fim! — repetiu ela, pensativa.

Mas logo se voltou para ele, com uma tal expressão de desdém, que Arsène ficou espantado.

— Q fim chegou! — exclamou a duquesa. — E você vai acabar morrendo aqui, traindo todas as nossas esperanças!

Parecia uma vidente, apaixonada e profética.

— Não ouse recusar! — continuou. — Não nos deixe capitular sem esperança. Com você irá tudo aquilo por que temos lutado, por que temos sofrido, por que temos morado! Se você se recusar, não o consideraremos mais como um de nós.

Ele não disse nada. Estava perplexo. Mas o seu coração batia com força, como se libertado.

A duquesa olhou fixo para ele.

— Sabe que vai ter outro filho, Arsène? Que Cécile vai lhe dar outro filho?

Arsène não respondeu.

Mas a duquesa continuou, inexorável:

— Se você ficar, seus filhos herdarão a peste e a desesperança da Europa. Se você partir, eles herdarão um mundo novo. Como é que você pode se recusar?

Passou-se muito tempo antes que Arsène pudesse falar. Seu rosto estava pálido e suado.

— Também já pensei nisso, Madame la Duchesse. De há muito decidi deixar este lugar, quando a minha tarefa estiver terminada. Mas ainda não está. Partir agora seria fugir, seria uma desonra, uma traição, um gesto de covardia. Já ouvi falar nesse mundo novo, na América. Sei que milhares dentre nós vamos ter que ir para lá, a fim de fugir às coisas que acontecem na Europa. Mas a minha missão aqui ainda não terminou. Se eu morrer antes, será uma pena, mas não posso partir.

Fez-se profundo silêncio. Os olhos da duquesa e de Arsène encontraram-se, e uma corrente forte e escura, mas dotada de um brilho estranho, pareceu atravessar o quarto.

A duquesa disse, por fim, com voz suave:

— Existem a vez da honra e a vez da sensatez, a vez da coragem e a vez da retirada, a hora de lutar e a hora de fugir.

Tocou-lhe de leve no braço.

— Pense em nós como um exército cercado, defendendo uma fortaleza, enquanto uns poucos, armados com uma mensagem, se fazem ao mar. Pense em nós cobrindo a sua retirada, guardando essa mensagem preciosa e indestrutível. Você não nos está abandonando. Estamos querendo que você vá, com todas as nossas esperanças, as nossas orações e a nossa fé, e manteremos o inimigo a distância até você ter partido, levando as joias consigo. O inimigo encontrará apenas um baú vazio, quando penetrar na fortaleza. Teremos o conforto de saber que as joias estão em lugar seguro e que o inimigo ficou frustrado.

Mas a expressão do rosto de Arsène permaneceu teimosa e obstinada.

— Que será dos que ficaram para trás?

A duquesa deu de ombros e sorriu.

— Não tenho medo. Conheço o Cardeal. Ultimamente, ele tem feito menção a você, nas suas cartas. Parece que você operou mudanças inexplicáveis naquele homem terrível. Repito-lhe, não temos medo.

Disse aquilo com uma expressão divertida.

Arsène não respondeu. Esfregou os punhos um contra o outro e apertou os lábios. Todo ele se revoltava contra a ideia de fugir. Porque, apesar das palavras heróicas da duquesa, era uma fuga. “

— A América — continuou ela. — A sombra da mitra, a sombra da mão que escraviza, a sombra dos homens velhos já tomaram conta da Europa. A América acabará também devorada? A pestilência, o ódio, a opressão, a escravidão, a intolerância e o desespero acabarão florescendo lá, também? Vivem lá homens de sangue inglês, e do seu sangue, da mesma fé e da mesma coragem que você, com os mesmos sonhos e o mesmo espírito decidido. Vá ter com eles. Dê-lhes a sua força e as suas mãos. Dê-lhes a sua crença nos direitos do homem e na dignidade da liberdade. Dê-lhes os seus filhos. — Estava cada vez mais arrebatada. — Conserve esse novo mundo a salvo, livre de nós, os velhos e acabados, os cínicos e os cruéis!

Arsène permaneceu calado, com o rosto fechado. Suspirou fundo.

A duquesa olhou para o papel que tinha nas mãos.

— Seu outro filho espera por você num porto da Holanda. Tratei de tudo, com a ajuda do Cardeal. Você parece espantado. Eu há muito perdi a capacidade de me espantar, pois sei que tudo é possível. Seu filho aguarda-o, com parte da sua fortuna, aos cuidados de outros valentes que irão com você. Assim que chegar lá, você assumirá a custódia do seu filho e o comando daqueles homens e mulheres devotados, que são apenas a vanguarda de milhares de outros. Dali a pouco tempo, vocês zarparão para o novo mundo.

Estendeu a mão e pegou na de Arsène. Ele viu-lhe os olhos úmidos e os lábios trêmulos. Viu as esperanças que lhe iluminavam o rosto.

— Amanhã será tarde demais. Esta noite, um barco estará esperando por você, no porto. Mas só esta noite você poderá passar. O Cardeal deu-me um passaporte...

— Cécile — murmurou Arsène.

— Ela criou novas forças — disse a duquesa. — Contamos-lhe tudo e ela compreendeu perfeitamente. Forçou-se a comer dos mantimentos trazidos por Feuquières. Mais dessas provisões esperam por você no barco. Não privei o meu povo de alimentos. Dentro de dois dias, eles terão comida suficiente.

Arsène gritou, então:

— Não posso fazer o que me pede. Não posso fugir, abandonar a minha gente, como um covarde!

A expressão da duquesa deixou transparecer todo o seu desdém.

— Você é que é covarde, Arsène de Richopin! É você, com o seu egoísmo, com o seu medo da opinião dos outros, quem vai se entregar e entregar os seus filhos à escravidão. Você não pode adiar a rendição de La Rochelle. Se se recusar a partir, ordenarei imediatamente a capitulação. E, então, você estará perdido.

Olhou para ele com severidade.

— Será que você não é capaz de pensar, de discernir?! — exclamou. — Não tem pena de nós? Quer nos privar da nossa última esperança?

Olharam um para o outro em silêncio. Depois, lentamente, Arsène caiu de joelhos e abraçou a duquesa, sentindo a fragilidade e a estranha força do seu corpo franzino. Ela abraçou-o também e sorriu. Nos seus olhos tremulavam lágrimas.

Capítulo LIX

Dois dias mais tarde, La Rochelle se rendia. Os sobreviventes não chegavam aos quatro mil.

O Cardeal e o Padre Joseph entraram na cidade à frente das tropas vitoriosas, que entoavam hinos de

triunfo. Padre Joseph vestia o seu burel rasgado, e a cabeça e a barba ruivas fulgiam ao sol poente, dando a impressão de que ele estava imbuído de um fogo próprio e fanático. A Igreja triunfara. Os blasfemos haviam sido conquistados! Ele tinha visões do futuro, em que a heresia protestante fosse para sempre exterminada do mundo, e Roma voltasse a ser, como outrora, o supremo árbitro da humanidade, e esta, por sua vez, fosse a serva de um Deus vitorioso.

Os padres estavam jubilantes. Olhavam para os rostos famintos, que os viam passar, com cruel antecipação, pensando nas torturas, nos açoites e em outros métodos de persuasão. Mas não havia medo nos rostos dos vencidos. Tinham passado muito tempo encarando a morte. Agora, só havia orgulho naqueles olhos mortíços, que a fome e o sofrimento pareciam ter afundado.

A Duquesa de Rohan foi em pessoa receber o Cardeal. Não tinha mais carruagem, de modo que foi a pé. Mas, ao vê-la, Richelieu desmontou do cavalo e avançou para ela, tomando-lhè a mão e beijando-a apaixonadamente. Por um momento, ela teve a impressão de que aqueles olhos terríveis estavam nublados de emoção. Colocou-se diante dele. Seus lábios se abriram. Ele não conseguia falar, tão comovido estava.

— Confio — disse a duquesa, calmamente — que a sua insônia tenha passado!

O Cardeal olhou-a bem no rosto e respondeu, tão baixo, que ninguém mais ouviu:

— Madame, nunca mais poderei dormir.

Conduziu-a para o hotel de Rohan e, uma vez lá, disselhe que não pensava em punir aquele povo heroico, “embora outros”, acrescentou pensando nos padres, “pensem de outra maneira”.

. Os soldados tampouco teriam permissão para saquear ou perpetrar massacres, sob pena de morte.

— Tive uma estranha visão — disse Richelieu, numa voz peculiar. — Por causa dela, La Rochelle não sofrerá.

Prosseguiu dizendo-lhe coisas que a espantaram e lhe marejaram os olhos de lágrimas.

Os rochelenses seriam perdoados. Continuariam donos das suas propriedades e com direito à liberdade de culto.

— Só peço — e a sua voz era sincera — que os rochelenses se mantenham fiéis à França.

Olhou-a bem nos olhos e reiterou:

— Só peço fidelidade, para garantir a unidade de todos os franceses. Até o fim.

— Até o fim — repetiu a duquesa.

E os dois velhos amigos se calaram, vendo, sem qualquer ilusão, o fim que se aproximava da Europa com a fatalidade inexorável de um furacão.

No dia seguinte, o Cardeal, apesar de doente, disse missa na velha igreja de *Ste. Marguerite*. Os sinos repicavam alegremente. Temerosos, os rochelenses permaneceram em suas casas, ouvindo os sinos vibrarem no ar ensolarado e sobre as ruas vazias e devastadas.

A duquesa assistiu à missa, sentada num lugar de honra. Ouviu a voz débil do Cardeal, na qual não havia a menor nota de triunfo. Compreendendo o que ele sentia, atendera ao seu convite e acorrera à igreja. Era como se ele a tivesse convidado para ouvir o seu grito de desespero.

Mas a verdade é que ela não ouvia nem a missa nem o coro. Parecia-lhe estar escutando o vento batendo nas velas que levavam Arsène, sua esposa, seu filho e a criança por nascer para o futuro.

As vozes do coro eram as vozes de homens por nascer, alteadas em esperança e triunfo, vitória e liberdade, na conquista final das forças do mal e das trevas, do ódio, da ignorância, da superstição e do medo.

FIM